ABRAVEQ

XIX CONFERÊNCIA ANUAL 2018
CAMPOS DO JORDÃO • SP

ANAIS CIENTÍFICOS

ABRAVEQ
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS MÉDICOS VETERINÁRIOS DE EQUÍDEOS

PALAVRA DO PRESIDENTE

Caro Colega da ABRAVEQ,

É uma grande satisfação dar-lhe as boas-vindas no XIX Conferência Anual da ABRAVEQ, O maior e mais tradicional evento de medicina equina do Brasil tem como palco a charmosa cidade de Campos do Jordão.

Preparem-se para vivenciarem uma excepcional experiência em educação continuada, produto de incansável esforço da diretoria cientifica para manter nosso compromisso em entregar um programa de alta qualidade.

Nossos Fóruns continuam fazendo grande sucesso. No entanto, não é tanto o Fórum, mas o método de entrega e a experiência do participante. Este formato trouxe um valor adicional e uma nova dimensão ao programa, permitindo o envolvimento direto do público com os apresentadores e debatedores em assuntos de alta aplicabilidade na prática.

Alem dos Fóruns, incluímos um novo formato chamado de Sala de Discussão, onde são debatidos assuntos de extrema importância para a nossa classe. Com temas como bem-estar e novas legislações, a ABRAVEQ propicia, neste espaço, discussões com intuito de endereçarmos a luta pela melhoria da medicina equina, cumprindo, assim um dos principais papais da Associação que é a representação política buscando garantir a valorização e o desenvolvimento da nossa profissão. Traga suas ideias e sugestões e vamos lutar juntos pelas nossas causas.

Além do educação continuada e da divulgação de cientifica, a Conferência 2018 oferece uma variedade de oportunidades sociais e de networking nas quais profissionais e estudantes podem expandir sua área de atuação profissional e nossa tradicional feira comercial com patrocinadores e expositores apresentando produtos e serviços para a prática equina. Aproveito para agradecer nossos parceiros educacionais por podermos oferecer esta experiência aos nossos associados.

Obrigado por fazer parte da ABRAVEQ e aproveite esta experiência!

Rui Carlos Vincenzi

Presidente

COMISSÃO CIENTÍFICA

DIRETORES CIENTÍFICOS PROF. JOSE PAES FILHO E PROF. MARCO ALVARENGA

E um ano economicamente sombrio para nosso País, o que certamente atingiu toda indústria voltada a equinocultura assim como a comunidade científica, creio que conseguimos orquestrar um evento de altíssima qualidade para nossos associados.

Procuramos, como rotineiramente temos feito, atender a temas propostos em nosso último evento, assim como manter o formato das Conferências anteriores, incluindo diversos Fóruns de cunho prático em nossa programação.

São cerca de oito palestrantes internacionais e 20 palestrantes de instituições brasileiras transmitirão seus conhecimentos em diversas palestras nesta Conferência! Este ano, em particular, não poderíamos deixar de fortalezer o tema Bem-Estar! Pois, a Abraveq além de se preocupar com as boas práticas no uso dos animais, está atenta na defesa de nossa classe de leigos que utilizam a proteção animal como bandeira política.

Agradecemos o esforço de todos autores e coautores dos 300 trabalhos enviados e dos 25 Revisores que procuraram colaborar com a qualidade dos trabalhos, selecionando cerca de 260 trabalhos para serem apresentados na Conferência!

Por fim não poderíamos deixar de agradecer as empresas que são nossa fonte de recurso e com certeza vão poder continuar contando com o prestígio de nossos associados e congressistas! Destacamos finalmente o apoio da Fapesp e Capes que reconhecem a grandeza do nosso Evento!

Desejamos que todos possam ter dias prazerosos e enriquecedores e que A Conferência Anual da Abraveq continue colaborando com o engrandecimento profissional e pessoal de nós Veterinários responsáveis por garantir a saúde e o bem-estar desta espécie tão especial "O Cavalo".

Bem vindos a Campos do Jordão.

Marco Antônio Alvarenga & José Paes de Oliveira Filho

Diretores Científicos da Abraveq

XIX CONFERÊNCIA ANUAL ABRAVEQ

DIRETORIA

Presidente
Rui Carlos Vincenzi

Vice-Presidente
Pedro Vicente Michelotto Júnior

Secretários
Neimar Vanderlei Roncati
Raquel Yvonne Arantes Baccarin

Tesoureiros
José Célio De Figueiredo Rolandi
Carlos Eduardo Wayne Nogueira

Diretores Científicos
Jose Paes de Oliveira Filho
Marco Antonio Alvarenga

Diretoria de Eventos e Comunicação
Flávio Desessards De La Côrte
Hélio Cordeiro Manso Filho

COMISSÃO ORGANIZADORA

Carlos Eduardo Wayne Nogueira
Flávio Desessards De La Côrte
Hélio Cordeiro Manso Filho
José Célio De Figueiredo Rolandi
Jose Paes de Oliveira Filho
Marco Antonio Alvarenga
Neimar Vanderlei Roncati
Pedro Vicente Michelotto Júnior
Raquel Yvonne Arantes Baccarin
Rui Carlos Vincenzi

COMISSÃO CIENTÍFICA

Carlos Eduardo Wayne Nogueira
Flávio Desessards De La Côrte

Jose Paes de Oliveira Filho
Marco Antonio Alvarenga
Pedro Vicente Michelotto Júnior
Raquel Yvonne Arantes Baccarin

COMISSÃO AVALIADORA DOS TRABALHOS CIENTÍFICOS

Bruna da Rosa Curcio (UFPel)
Camila de Paula Freitas Dell´Aqua (FMVZ – Unesp)
Carla Bargi Belli (FMVZ – USP)
Carlos Eduardo Wayne Nogueira (UFPel)
Cesar Erineudo Tavares de Araujo (FMVZ – Unesp)
Claudia Barbosa Fernandes (FMVZ – Unesp)
Diego José Zanzarini Delfiol (FMV – UFU)
Elisa Sant'Anna Monteiro da Silva (FMVZ – Unesp)
Flávio Desessards De La Côrte (UFSM)
Hélio Cordeiro Manso Filho (UFRPE)
Jose Paes de Oliveira Filho (FMVZ – Unesp)
Luís Claudio Lopes Correia da Silva (FMVZ – USP)
Luisa Gouvêa Teixeira (FCAV – Unesp)
Marco Antonio Alvarenga (FMVZ – Unesp)
Neimar Vanderlei Roncati (Univ. Anhembi Morumbi)
Pedro Vicente Michelotto Júnior (PUC-PR)
Peres Hélio Cordeiro Manso Filho Ramos Badial (Mississippi State University)
Rafael Resende Faleiros (EV – UFMG)
Raquel Yvonne Arantes Baccarin (FMVZ – USP)
Renata Cristina Uliani (FMVZ – Unesp)
Rodrigo Arruda de Oliveira (FAV – UnB)
Rogerio Martins Amorim (FMVZ – Unesp)
Thaís Gomes Rocha (FMVZ – Unesp)

COMISSÃO TRABALHO

Ana Luísa Holanda de Albuquerque
César Erineudo Tavares de Araújo
Cristiano Silva Bouéres
Danilo Giorgi Abranches de Andrade
Julia Franco Ferreira
Gustavo dos Santos Rosa
Larissa Rocha Andrade
Luiza Stachewski Zakia
Lukas Garrido Albertino
Mariana Lemos Nagib Jorge
Pedro Negri Bernardino
Raíssa Oliveira Leite

EDITORES DO LIVRO DE RESUMOS

Jose Paes de Oliveira Filho
Marco Antonio Alvarenga
Pedro Vicente Michelotto Júnior

APOIO

A XIX Conferência Anual Abraveq 2018 - Campos do Jordão contou com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP.

CAPES

FAPESP

SUMÁRIO

CLÍNICA E CIRURGIA

1. A INCLUSÃO DE EXERCÍCIOS EM SUPERFÍCIES INSTÁVEIS NA ROTINA DE UM CENTRO DE REABILITAÇÃO EQUINA..... 38

MALVINA MARTINS PARRÉ*1; MARIA INÊS GAY DA FONSECA AALLGAYER DIANO1; IOLANDA GEA KASSEM2; MAIRA REZENDE FORMENTON3; MÔNICA SARTORI4
1.THERAPY4HORSES, BOTUCATU, SP, BRASIL; 2.SONOEQUI, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL; 3.FISIOANIMAL, SAO PAULO, SP, BRASIL; 4.ZENPET, SAO PAULO, SP, BRASIL.

2. AMILÓIDE A NO LAVADO BRONCOALVEOLAR DE EQUINOS HÍGIDOS..... 38

LUIZA MARIA FEITOSA RIBEIRO*1; LARISSA DA SILVA CARVALHO1; GABRIELA BRAVIM LEMOS1; BARBARA RIBEIRO DUARTE1; LUIS FELIPE AFONSO TOLEDO2; DANIEL AUGUSTO BARROSO LESSA2; PAULA ALESSANDRA DI FILIPPO1
1.UNIVERSIDADE ESTADUAL NORTE FLUMINENSE - UENF, CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - UFF, NITEROI, RJ, BRASIL.

3. ANÁLISE BIOMECÃNICA DO ANDAMENTO DE POTROS DA RAÇA MANGALARGA MARCHADOR AOS 30 E 180 DIAS DE IDADE..... 39

CAROLINA DE MARCHI SOARES*1; LINA MARIA WEHRLE GOMIDE1; LILIAN UTRAGA DOS SANTOS1; RAFAELA SPERANZA BAPTISTA1; TAIS CASONATO RODRIGUES1; FRANCISCO LEYDSON FORMIGA FEITOSA1; LUIZ CLAUDIO NOGUEIRA MENDES1; JULIANA REGINA PEIRO1
1.UNESP - ARAÇATUBA, ARAÇATUBA, SP, BRASIL.

4. ANÁLISE ELETROMIOGRÁFICA DOS MÚSCULOS LONGUÍSSIMO DORSAL E RETO ABDOMINAL EM CAVALOS DA RAÇA MANGALARGA MARCHADOR DE MARCHA BATIDA..... 40

BRUNNA PATRÍCIA ALMEIDA DA FONSECA*1; SAMUEL PEREIRA SIMONATO1; AMANDA PIAIA SILVATTI1; BRUNA MARIA RIBEIRO2
1.UFV, VIÇOSA, MG, BRASIL; 2.UNIS, VARGINHA, MG, BRASIL.

5. ATIVIDADE OVICIDA DO ÓLEO ESSENCIAL DE ROSMARINUS OFFICINALIS L. E OCIMUM BASILICUM L. SOBRE NEMATÓDEOS DE EQUINOS..... 41

FERNANDO P LISBOA*1; CAROLINE MAZZOCHI SUTILI1; SEIMOR TREVIZAN OLIVEIRA1; LUCIANA LAITANO DIAS DE CASTRO1; ANA PAULA LONGARAY DELAMARE1; LEANDRO DO MONTE RIBAS1; GABRIEL FERNANDES PAULETTI1
1.UCS - CAXIAS DO SUL/RS, CAXIAS DO SUL, RS, BRASIL.

6. AVALIAÇÃO BIOMÉTRICA DA RANILHA DOS MEMBROS TORÁCICOS DE ANIMAIS DA RAÇA MANGALARGA PELA BIOFOTOGRAMETRIA 42

MARINA LANSARINI ANTONIOLI*1; JÚLIA RIBEIRO GARCIA CARVALHO1; MAYARA GONÇALVES FONSECA1; TANIA CRISTINA GALLIANI1; GUILHERME CAMARGO FERRAZ1; PAULO ALÉSCIO CANOLA1; MÁRIO CÉSAR OLIVEIRA RIBEIRO1
1.UNESP - JABOTICABAL, JABOTICABAL, SP, BRASIL.

7. AVALIAÇÃO CLÍNICA E LABORATORIAL DE EQUINOS DO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO, BRASIL, SORORREAGENTES PARA LEISHMANIA SPP. 43

JULIA DE ASSIS ARANTES*1; JULIA CRISTINA BENASSI1; DANIELLE PASSARELLI1; RENATA GEBARA SAMPAIO DÓRIA1; TRICIA MARIA FERREIRA DE SOUSA OLIVEIRA1
1.FZEA/USP, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL.

8. AVALIAÇÃO DA AÇÃO DE DOIS MODELOS DE SELAS SOBRE O DORSO DE CAVALOS ÁRABES ATRAVÉS DA TERMOGRAFIA 43

BEATRIZ MOREIRA ANDRIOLI*1; MARINA JULIANI BAUMHAK2; ANA CLARA KOHARA ROMAN2; RENATA FARINELLI DE SIQUEIRA3
1.UNIVERSIDADE GUARULHOS, SAO PAULO, SP, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE CRUZEIRO DO SUL, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

9. AVALIAÇÃO DA CULTURA BACTERIANA E ANTIBIOGRAMA DE DRENOS PERITONEAIS PASSIVOS EM EQUINOS ATENDIDOS NO HOSPITAL VETERINÁRIO DA UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI 44

LEANDRO KEITI HAYASHI*1; PAOLO NEANDRO BONA SOARES1; THAYNA KIKUCHI MONTEIRO1; AYMARA EDUARDA DE LIMA1; MARILIA NUNES CARDOSO1; NEIMAR VANDERLEI RONCATI1; ANGELICA TRAZZI BENTO DE MORAES1
1.UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI, SAO PAULO, SP, BRASIL.

10. AVALIAÇÃO DA EFICÁCIA DA IVERMECTINA EM REBANHO DE EQUINOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, RIO GRANDE DO SUL..... 45

JULIA SOMAVILLA LIGNON*1; FERNANDA TIMBÓ D'EL REY DANTAS1; MIKAELE SAYURE TAKADA1; LORENA SOARES FEIJÓ1; DEBORA MACHADO NOGUERA1; DIEGO MOSCARELLI PINTO1; CARLOS EDUARDO WAYNE NOGUEIRA1; BRUNA DA ROSA CURCIO1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - UFPEL, PELOTAS, RS, BRASIL.

11. AVALIAÇÃO DA EFICÁCIA DO PLASMA RICO EM PLAQUETAS NO TRATAMENTO DE FERIDAS CUTÂNEAS INDUZIDAS NA

ESPÉCIE EQUINA 46

GUSTAVO ROMERO GONÇALVES*1; POLYANA CAROLINA MARINO1; VINICIUS CARLOS DA SILVA COSTA1; JULIANA EVANGELISTA BEZERRIL1; CAROLINE PATRICIA GOMES1; PAULO FERNANDES MARCUSSO2
1.CENTRO UNIVERSITÁRIO INGÁ, MARINGÁ, PR, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, UMUARAMA, PR, BRASIL.

12. AVALIAÇÃO DA MIGRAÇÃO DAS CÉLULAS TRONCO MESENQUIMAIS INSERIDAS EM MICROCÁPSULAS DE HIDROGEL DE ALGINATO EM EQUINOS 47

VITOR HUGO SANTOS*1; JOÃO PEDRO HÜBBE PFEIFER1; JAQUELINE BRANDÃO DE SOUZA1; BETSABÉIA HELOÍSA GENTILHA MILANI1; MARJORIE ASSIS GOLIM2; ANA LIZ GARCIA ALVES1
1.FMVZ-UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL; 2.FMB UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

13. AVALIAÇÃO DA VIABILIDADE DE CÉLULAS TRONCO DERIVADAS DE MEMBRANA SINOVIAL DE EQUINO EM PROTOCOLO DE MICROENCAPSULAMENTO EM ALGINATO DE SÓDIO 48

ANDRE MASSAHIRO TERAMOTO KRIECK*1; GUSTAVO DOS SANTOS ROSA1; JAQUELINE BRANDÃO DE SOUZA1; JOÃO PEDRO HÜBBE PFEIFER1; MARIANA CORREA ROSSI1; BETSABÉIA HELOÍSA GENTILHA MILANI1; CARLOS ALBERTO HUSSNI1; MARCOS JUN WATANABE1; ANA LIZ GARCIA ALVES1
1.UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

14. AVALIAÇÃO DAS REAÇÕES POSTURAIS DE EQUINOS SUBMETIDOS AO BLOQUEIO MEDIANO COM BUPIVACAÍNA 0,5 % 49

LUAN LUTHZEMBERG FERREIRA DE ANDRADE*1; PIERRE BARNABÉ ESCODRO1; ANDREZZA CAROLINE ARAGÃO DA SILVA1; MARIO FERNANDO VILELA DE ALMEIDA1; CAROLINA CARVALHO DOS SANTOS LIRA1; ALINE MAYARA SILVA DE LIMA1; JARBIANE GOMES DE OLIVEIRA1; TABATHA DE OLIVEIRA CAVALCANTE1; JACKELLYNE LAÍS FERREIRA LINS1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, MACEIO, AL, BRASIL.

15. AVALIAÇÃO DE PARÂMETROS ULTRASSONOGRÁFICOS E IDENTIFICAÇÃO DE ACHADOS NA ARTICULAÇÃO METACARPOFALANGEANA DE CAVALOS EM TREINAMENTO DE SALTO. 50

ANA LÚCIA MILUZZI YAMADA*1; MARCELO PINHEIRO2; MARILIA FERRARI MARSIGLIA1; STEFANO CARLO FILIPPO HAGEN1; RAQUEL YVONNE ARANTES BACCARIN1; LUIS CLÁUDIO LOPES CORREIA DA SILVA1
1.FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA USP SP, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 2.VETERINÁRIO AUTÔNOMO, ITU, SP, BRASIL.

16. AVALIAÇÃO DO EQUILÍBRIO DOS CASCOS DE EQUINOS CRIADOS A PASTO E ESTABULADOS NO LITORAL NORTE DA BAHIA 51

MARISTELA DE CASSIA SEUDO LOPES*1; LARA NUNES SOUSA1; WESLEI LIMA GONÇALVES1; ABRAÃO DOS SANTOS NUNES1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, SALVADOR, BA, BRASIL.

17. AVALIAÇÃO DO LÍQUIDO CEFALORRAQUIDIANO DE 21 EQUINOS COM RAIVA ATENDIDOS NA FMVZ - UNESP - BOTUCATU DE 2004 A 2017 51

LUIZA STACHEWSKI ZAKIA*1; DANILO GIORGI ABRANCHES DE ANDRADE1; LUKAS GARRIDO ALBERTINO1; PEDRO NEGRI BERNADINO1; THAÍS GOMES ROCHA1; REGINA KIOMI TAKAHIRA1; SIMONE BIAGIO CHIACCHIO1; ROGÉRIO MARTINS AMORIM1; JOSE PAES DE OLIVEIRA-FILHO1; ALEXANDRE SECORUN BORGES1
1.FMVZ - UNESP - BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

18. AVALIAÇÃO DO PERFIL HEMATOLÓGICO DE POTROS PRODUTOS DE TRANSFERÊNCIA DE EMBRIÃO DE ÉGUAS MANGALARGA MARCHADOR DURANTE DESMAME 52

LUAN LUTHZEMBERG FERREIRA DE ANDRADE*1; MARIO FERNANDO VILELA DE ALMEIDA1; PIERRE BARNABÉ ESCODRO1; MARCIA KIKUYO NOTOMI1; ANDREZZA CAROLINE ARAGÃO DA SILVA1; DIOGO ALEXANDRE TENÓRIO MATA1; YANE FERNANDES MOREIRA1; JARBIANE GOMES DE OLIVEIRA1; ALINE MAYARA SILVA DE LIMA1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, MACEIO, AL, BRASIL.

19. AVALIAÇÃO DO USO DA FITA REAGENTE DE URINA PARA ANÁLISE DE GLICOSE, DENSIDADE E PROTEÍNAS TOTAIS DO LÍQUIDO PERITONEAL DE EQUINOS HÍGIDOS 53

JARBIANE GOMES DE OLIVEIRA*1; PIERRE BARNABÉ ESCODRO1; ANDREZZA CAROLINE ARAGÃO DA SILVA1; MARCIA KIKUYO NOTOMI1; ALINE MAYARA SILVA DE LIMA1; LUAN LUTHZEMBERG FERREIRA DE ANDRADE1; MAYNARA KALYA FERREIRA LIMA1; LUIZ HENRIQUE DA SILVA LIMA1; MANARA ALVES DA SILVA LEITE1; ARNALDO CESAR DE OLIVEIRA GOMES LIRA JUNIOR1; KARINA PESSOA OLIVEIRA1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, VIÇOSA, AL, BRASIL.

20. AVALIAÇÃO ENDOSCÓPICA DO SISTEMA RESPIRATÓRIO DE EQUINOS NA REGIÃO DE LONDRINA - PR 54

DANIELA BORTOLI BECEGATTO*1; AUGUSTO JOSÉ SAVIOLI DE ALMEIDA SAMPAIO2; LETICIA PETROSKI RODRIGUES1; FLÁVIA NESI MARIA2
1.CENTRO UNIVERSITÁRIO FILADÉLFIA - UNIFIL, LONDRINA, PR, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA - UEL, LONDRINA, PR, BRASIL.

21. AVALIAÇÃO HEMATOLÓGICA DE POTROS SUBMETIDOS À INFUSÃO INTRAVENOSA COM BAIXA DOSE DE PLASMA HIPERIMUNE 55

ANDREZZA CAROLINE ARAGÃO DA SILVA*1; DIOGO ALEXANDRE TENÓRIO MATA1; ALINE MAYARA SILVA DE LIMA1; MARCIA KIKUYO NOTOMI1; JARBIANE GOMES DE OLIVEIRA1; PIERRE BARNABÉ ESCODRO1; LUAN LUTHZEMBERG FERREIRA DE ANDRADE1; YANE FERNANDES MOREIRA1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, VIÇOSA, AL, BRASIL.

22. AVALIAÇÃO MORFOLÓGICA EX VIVO DO TECIDO OSTEOCONDRAL DA ARTICULAÇÃO METACARPOFALÂNGICA DE EQUINOS PURO SANGUE INGLÊS POR MÉTODOS DE IMAGEM 56

RODRIGO TAVARES NIEMAN*1; JULIO DAVID SPAGNOLO1; CYNTHIA DO PRADO VENDRUSCULO1; FERNANDA MANZANO DE CAMPOS2; STEFANO CARLO FILLIPO HAGEN1; ANA CAROLINA BRANDÃO DE CAMPOS FONSECA PINTO1; ANA LÚCIA MILUZZI YAMADA1; MARILIA FERRARI MARSIGLIA1; MARIANA RAMOS QUEIROZ1; LUIS CLÁUDIO LOPES CORREIA DA SILVA1
1.FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (FMVZ-USP), SAO PAULO, SP, BRASIL; 2.EQUINE CENTER, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

23. AVALIAÇÃO ODONTOLÓGICA DE EQUINOS DA CIDADE DE ARAGUAÍNA-TOCANTINS 57

HAIANE ARRUDA LUZ AMORIM*1; MARCO AUGUSTO GIANNOCCARO DA SILVA1; ANA PAULA COELHO RIBEIRO1; KATYANE DE SOUSA ALMEIDA1; LUCIANO FERNANDES SOUSA1; JULIANA SILVA OLIVEIRA1; LETÍCIA OLIVEIRA ALENCAR1; ALESSANDRO RODRIGUES DA SILVA1; RAISSA DRIELLE FREITAS FRANCO1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS, ARAGUAINA, TO, BRASIL.

24. AVALIAÇÃO TERMOGRÁFICA DA COLUNA TORACOLOMBAR DE CAVALOS PURO SANGUE INGLÊS DE CORRIDA EM INÍCIO DE TREINAMENTO..... 58

HANNA CAROLINE PROCHNO*1; BIANCA PEGORARO VIEIRA1; PATRICIA FERNANDES RODRIGUES1; FERNANDA MENDES BARUSSI1; FERNANDA ZETTEL BASTOS1; PEDRO VICENTE MICHELOTTO JR.1
1.PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ, PONTA GROSSA, PR, BRASIL.

25. BIOFOTOGRAMETRIA DOS CASCOS DOS MEMBROS TORÁCICOS DE ANIMAIS DA RAÇA MANGALARGA 59

MARINA LANSARINI ANTONIOLI*1; JÚLIA RIBEIRO GARCIA CARVALHO1; MAYARA GONÇALVES FONSECA1; TANIA CRISTINA GALLIANI1; GUILHERME CAMARGO FERRAZ1; PAULO ALÉSCIO CANOLA1; MÁRIO CÉSAR OLIVEIRA RIBEIRO1
1.UNESP - JABOTICABAL, JABOTICABAL, SP, BRASIL.

26. CAPACIDADE TAMPONANTE DAS FEZES DE EQUINOS SADIOS SUBMETIDOS A TESTE CLÍNICO DE NUTRIÇÃO ENTERAL 59

MARINA JULIANI BAUMHAK*1; RENATA FARINELLI DE SIQUEIRA1; FILIPE SIMEAO FRÖHLICH KLUG1; ROBERTA ARIBONI BRANDI2; LILIAN EMY DOS SANTOS MICHIMA1; ANA CLARA KOHARA ROMAN1; BEATRIZ MOREIRA ANDRIOLI3; CARLA BARGI BELLI1
1.FMVZ USP, SAO PAULO, SP, BRASIL; 2.FZEA USP, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL; 3.UNG, GUARULHOS, SP, BRASIL.

27. COMPARAÇÃO DE DOIS PROTOCOLOS PARA OBTENÇÃO DE PLASMA RICO EM PLAQUETAS EM MUARES..... 60

JAQUELINE BRANDÃO DE SOUZA*1; GUSTAVO DOS SANTOS ROSA1; ANDRE MASSAHIRO TERAMOTO KRIECK1; BETSABÉIA HELOÍSA GENTILHA MILANI1; MARIANA CORREA ROSSI1; JOÃO PEDRO HÜBBE PFEIFER1; CARLOS ALBERTO HUSSNI1; MARCOS JUN WATANABE1; ANA LIZ GARCIA ALVES1
1.FMVZ UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

28. COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DO FLUNIXIN MEGLUMINE, DO FIROCOXIB E DO MELOXICAM EM EQUINOS SUBMETIDOS A ORQUIECTOMIA..... 61

FRANCIELLI PEREIRA GOBBI*1; GABRIELA BRAVIM LEMOS1; LUCIANA DE MACEDO MELLO1; LUIZA MARIA FEITOSA RIBEIRO1; LARISSA DA SILVA CARVALHO1; INACIO SILVA VIANA1; CARLA BRAGA MARTINS2; PAULA ALESSANDRA DI FILIPPO1
1.UNIVERSIDADE ESTADUAL NORTE FLUMINENSE - UENF, CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPIRITO SANTO - UFES, ALEGRE, ES, BRASIL.

29. COMUNICAÇÃO ENTRE O NERVO DIGITAL PALMAR E O RAMO DORSAL DO NERVO PALMAR EM EQUINOS DA RAÇA CRIOULA..... 62

BRUNO BELMONTE SILVEIRA*1; PAULO DE SOUZA JUNIOR1; AMARÍLIS DÍAZ DE CARVALHO1; MARCOS DA SILVA AZEVEDO1; CLÁUDIA ACOSTA DUARTE1; MARCELO LAMEIRO PORCIUNCULA2; ERICK CANDIOTA SOUZA1; MATHEUS DAMASCENO NUNES DOS SANTOS1
1.UNIPAMPA, URUGUAIANA, RS, BRASIL; 2.URCAMP, ALEGRETE, RS, BRASIL.

30. CONCORDÂNCIA ENTRE MÉTODOS PARA DETERMINAÇÃO DE FIBRINOGÊNIO PLASMÁTICO EM EQUINOS SUBMETIDOS À IMPLANTAÇÃO DE BIOPOLÍMEROS..... 63

JÚLIA RIBEIRO GARCIA CARVALHO*1; GABRIEL CONDE1; MARINA LANSARINI ANTONIOLI1; EDMILSON RODRIGO DANEZE1; PAULA DO PATROCÍNIO DIAS2; MARCELO APARECIDO CHINELATTO2; PAULO ALÉSCIO CANOLA1; GUILHERME CAMARGO FERRAZ1
1.UNESP, JABOTICABAL, SP, BRASIL; 2.EESC-USP, SÃO CARLOS, SP, BRASIL.

31. DEFORMIDADES ANGULARES NOS MEMBROS TORÁCICOS EM POTROS DA RAÇA BRASILEIRO DE HIPISMO – INCIDÊNCIA E CORREÇÃO. 64

LUISA LEMOS SILVEIRA*1; ADRIANA PIRES NEVES1; EDUARDO FAGUNDES VOGEL1
1.UNIPAMPA, BAGE, RS, BRASIL.

32. DETECÇÃO BIOMOLECULAR DO FUNGO RHIZOCTONIA LEGUMINICOLA EM FENO DE ALFAFA CAUSANDO SALIVAÇÃO EXCESSIVA EM EQUINO 65

ROBERTA MARTINS BASSO*1; PEDRO NEGRI BERNADINO1; CAMPO AMOR VIEIRA DA CUNHA NETO1; JOSE PAES DE OLIVEIRA-FILHO1; ALEXANDRE SECORUN BORGES1
1.UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

33. DETECÇÃO DA PROTEÍNA OLIGOMÉRICA DA MATRIZ CARTILAGÍNEA NO LÍQUIDO SINOVIAL DE CAVALOS QUARTO DE MILHA DE CORRIDA COM FRATURAS INTRA-ARTICULARES DE CARPO 65

ÂNGELA PERRONE BARBOSA*1; JOICE FÜLBER1; JULIANA JUNQUEIRA MOREIRA1; FERNANDA RODRIGUES AGRESTE1; LUIS CLÁUDIO LOPES CORREIA DA SILVA1; CYNTHIA DO PRADO VENDRUSCULO1; SARAH RAPHAELA TORQUATO SEIDEL1; ERIC DANILO PAULS SOTELO1; FERNANDO MOSQUERA JARAMILO1; RAQUEL YVONNE ARANTES BACCARIN1
1.FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (FMVZ-USP), SAO PAULO, SP, BRASIL.

34. DETERMINAÇÃO DE FIBRINOGÊNIO PLASMÁTICO EM EQUINOS IMPLANTADOS COM BIOPOLÍMEROS 66

JÚLIA RIBEIRO GARCIA CARVALHO*1; GABRIEL CONDE1; MARINA LANSARINI ANTONIOLI1; EDMILSON RODRIGO DANEZE1; PAULA DO PATROCÍNIO DIAS2; MARCELO APARECIDO CHINELATTO2; PAULO ALÉSCIO CANOLA1; GUILHERME CAMARGO FERRAZ1
1.UNESP, JABOTICABAL, SP, BRASIL; 2.EESC-USP, SÃO CARLOS, SP, BRASIL.

35. EFEITO SEDATIVO DA FARMACOPUNTURA EM EQUINOS 67

ALINE MAYARA SILVA DE LIMA*1; DIOGO ALEXANDRE TENÓRIO MATA1; CAROLINA CARVALHO DOS SANTOS LIRA1; CAMILA ALMEIDA TOLEDO1; HELOÍSA GOMES SILVA DE OLIVEIRA1; RAFAELA MARIA PASTL2; JARBIANE GOMES DE OLIVEIRA1; ANDREZZA CAROLINE ARAGÃO DA SILVA1; LUAN LUTHZEMBERG FERREIRA DE ANDRADE1; PIERRE BARNABÉ ESCODRO1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, VIÇOSA, AL, BRASIL; 2.FACULDADES INTEGRADAS DE PATOS, PATOS, PB, BRASIL.

36. ENSAIO DE PESQUISA CLÍNICA PARA A NUTRIÇÃO ENTERAL PASSIVA COMPLETA DE EQUINOS EM "FASE I" – RESULTADO PARCIAL 68

FILIPE SIMEAO FRÖHLICH KLUG*1; MARINA JULIANI BAUMHAK1; ANA CLARA KOHARA ROMAN1; BEATRIZ MOREIRA ANDRIOLI2; LILIAN EMY DOS SANTOS MICHIMA1; RENATA FARINELLI DE SIQUEIRA1; REBECA ALVES WEIGEL3; CARLA BARGI BELLI1
1.USP, SAO PAULO, SP, BRASIL; 2.UNG, GUARULHOS, SP, BRASIL; 3.QUIMTIA, COLOMBO, PR, BRASIL.

37. ESTRESSE OXIDATIVO LAMINAR E SISTÊMICO EM CAVALOS COM AFECÇÕES GASTRINTESTINAIS 69

LUCIANE MARIA LASKOSKI*1; ROSANGELA LOCATELLI DITTRICH2; LAYANNE C. P. DA ROCHA1; FERNANDO ANDRADE SOUZA1; RENATO SILVA SOUSA2; FABIANO MONTIANI-FERREIRA2; CARLOS AUGUSTO ARAÚJO VALADÃO3
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE, RIO BRANCO, AC, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, CURITIBA, PR, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO", JABOTICABAL, SP, BRASIL.

38. ESTUDO COMPARATIVO ENTRE O USO DE TORNIQUETE PNEUMÁTICO OU TORNIQUETE DE LÁTEX PARA INFUSÃO REGIONAL EM MEMBROS DE EQUINOS 70

ADRIANA FERNANDES DE SOUZA GARCIA*1; RENATA GEBARA SAMPAIO DÓRIA2; JULIA DE ASSIS ARANTES2; GUSTAVO MORANDINI REGINATO2; NATÁLIA VILLAÇA XAVIER2; ADRIANO BONFIM CARREGARO2; THIAGO JONATHA FERMANDES SILVA2; FERNANDA GUADAGNY NEUBAUER3; GESIANE RIBEIRO4
1.FMU, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 2.USP, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL; 3.GNVETS, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 4.FMU E UNIMES, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

39. ESTUDO DE COLOCAÇÃO DE CATETER TOTALMENTE IMPLANTADO EM VEIA CEFÁLICA DE EQUINOS. 71

ADRIANA FERNANDES DE SOUZA GARCIA*1; GESIANE RIBEIRO2; JULIA DE ASSIS ARANTES3; GUSTAVO MORANDINI REGINATO3; NATÁLIA VILLAÇA XAVIER3; ADRIANO BONFIM CARREGARO3; THIAGO JONATHA FERMANDES SILVA3; FERNANDA GUADAGNY NEUBAUER4; RENATA GEBARA SAMPAIO DÓRIA3
1.FMU, COTIA, SP, BRASIL; 2.FMU E UNIMES, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 3.USP, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL; 4.GNVETS, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

40. ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO E CLÍNICO DE 20 ANIMAIS COM DIAGNÓSTICO DE RAIVA ATENDIDOS NA FMVZ – UNESP – BOTUCATU DE 2011 A 2017 72

LUIZA STACHEWSKI ZAKIA*1; LUKAS GARRIDO ALBERTINO1; PEDRO NEGRI BERNADINO1; THAÍS GOMES ROCHA1; SIMONE BIAGIO CHIACCHIO1; ROGÉRIO MARTINS AMORIM1; JOSE PAES DE OLIVEIRA-FILHO1; ALEXANDRE SECORUN BORGES1
1.FMVZ - UNESP - BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

41. ESTUDO FARMACOCINÉTICO E FARMACODINÂMICO DA AMITRIPTILINA VIA ORAL EM EQUINOS 73

LUCCIANA RECCHI*1; SILVANA ALVARIZA1; NADIA CROSIGNANI1; GONZALO SUÁREZ1; EUTÁLIO PIMENTA2; MARIA JOSÉ ESTRADÉ1; NATALIE RUIZ1; ALEJANDRO BENECH1; JOAQUIN BADIA1; FLORENCIA PEREYRA MONTANS1; GASTON PEREZ1
1.FACULTAD DE VETERINARIA, UDELAR, MONTEVIDEO, URUGUAI; 2.ESCOLA DE VETERINARIA, UFMG, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL.

42. ESTUDO RETROSPECTIVO DA CASUÍSTICA DE ENFERMIDADES EM EQUINOS ATENDIDOS NO SETOR DE GRANDES ANIMAIS DO HCV-UFRGS NO PERÍODO ENTRE JANEIRO DE 2014 E AGOSTO DE 2017 74

CRISTINE REDIVO*1; CARLOS AFONSO DE CASTRO BECK1; DÉBORA ZARO1; DAIENE ELISA LOOS1; FLÁVIA UMPIERRE BUENO1; LUCIANO

CAVALHEIRO MELO1; MAÍRA MUNARETTO COPETTI1
1.UFRGS, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL.

43. EVIDÊNCIA DA INFLUÊNCIA DA RADIAÇÃO SOLAR NA EXPRESSÃO GÊNICA DE MMP1 NA PELE DE EQUINO COM HERDA – ESTUDO PILOTO 75

CAMPO AMOR VIEIRA DA CUNHA NETO*1; DANILO GIORGI ABRANCHES DE ANDRADE1; CÉSAR ERINEUDO TAVARES DE ARAÚJO1; RAÍSSA OLIVEIRA LEITE1; PERES RAMOS BADIAL2; JOSE PAES DE OLIVEIRA-FILHO1; ALEXANDRE SECORUN BORGES1
1.UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (UNESP), FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA, BOTUCATU, SP, BOTUCATU, SP, BRASIL; 2.MISSISSIPPI STATE UNIVERSITY, COLLEGE OF VETERINARY MEDICINE, DEP OF PATHOBIOLOGY AND POPULATION MED, STARKVILLE, MISSISSIPI, ESTADOS UNIDOS.

44. INCIDÊNCIA DE SÍNDROME OSTEOCONDRAL JUVENIL EM CAVALOS PURO SANGUE INGLÊS DE CORRIDA AOS 4-6 MESES E REAVALIAÇÃO AOS 14-18 MESES DE IDADE..... 75

MAIARA PAIFER MARTINS MAIA*1; RAFAELA DE MORAES1; DOUGLAS JOSÉ MEIER1; LUIZ FERNANDO BASTOS1; HANNA CAROLINE PROCHNO1; PEDRO VICENTE MICHELOTTO JR.1; SAULO HENRIQUE WEBER1
1.PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ, CURITIBA, PR, BRASIL.

45. INFLUÊNCIA DO USO TÓPICO DIÁRIO OU SEMANAL DE AZEITE DE OLIVA NO CRESCIMENTO DO CASCO EQUINO 76

LETÍCIA MARCIELI SEHN JANK*1; ERICA CRISTINA BUENO DO PRADO GUIRRO1; MATHEUS MORILLO BÄR1; VERIDIANA DIASSUÍ DE AZEVEDO1; THOMAS RICARDO BÄR2; ALINE JULIA DOS SANTOS BÓI1
1.UFPR, PALOTINA, PR, BRASIL; 2.UNIOESTE, MARECHAL CÂNDIDO RONDON, PR, BRASIL.

46. INTERFERÊNCIA DO COMPORTAMENTO DO PACIENTE NOS NÍVEIS DE DEPOSIÇÃO PULMONAR DE DEXAMETASONA QUANDO ADMINISTRADA VIA NEBULIZAÇÃO EM EQUINOS..... 77

AYRTON RODRIGO HILGERT*1; GUILHERME DE LA PENHA FERNANDES1; PAULO MOREIRA BOGOSSIAN1; TALISSA R MARTINS1; TIAGO MARCELO OLIVEIRA1; FERNANDA DE BARROS MASCHIETTO1; VAGNER GONÇALVES1; CRISTINA OLIVEIRA MASSOCO1; WILSON ROBERTO FERNANDES1
1.FMVZ - USP, SAO PAULO, SP, BRASIL.

47. LEUCOPENIA E INFILTRAÇÃO LEUCOCITÁRIA LAMINAR EM CAVALOS COM SÍNDROME CÓLICA..... 78

ROSANGELA LOCATELLI DITTRICH*1; FERNANDO ANDRADE SOUZA2; LUCIANE MARIA LASKOSKI1; RENATO SILVA SOUSA1; FABIANO MONTIANI-FERREIRA2; CARLOS AUGUSTO ARAÚJO VALADÃO2
1.UFAC, RIO BRANCO, AC, BRASIL; 2.UFPR, CURITIBA, PR, BRASIL.

48. MENSURAÇÃO DE NECROSE E DE APOPTOSE DAS CÉLULAS DO LAVADO BRONCOALVEOLAR DE CAVALOS SAUDÁVEIS, ASMÁTICOS E ASMÁTICOS TRATADOS COM DEXAMETASONA OU TERAPIA CELULAR..... 78

FERNANDA MENDES BARUSSI*1; FERNANDA ZETTEL BASTOS1; LIDIANE MARIA BOLDRINI LEITE1; ALEXANDRA CRISTINA SENEGAGLIA1; PEDRO VICENTE MICHELOTTO JR.1
1.PUC-PR, CURITIBA, PR, BRASIL.

49. O ÂNGULO DA ARTICULAÇÃO METACARPOFALÂNGICA NÃO INFLUENCIA A ÁREA TRANSVERSAL E A ECOGENICIDADE DO TENDÃO FLEXOR DIGITAL SUPERFICIAL E LIGAMENTO SUSPENSÓRIO EM EQUINOS MARCHADORES..... 79

JACKSON SCHADE*1; ANDERSON FERNANDO SOUZA2; LORENZO COSTA VINCENSI3; THIAGO RINALDI MULLER3; ANNY RAISSA CAROLINI GOMES1; JOANDES HENRIQUE FONTEQUE3
1.UFPR, CURITIBA, PR, BRASIL; 2.USP, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 3.UDESC, LAGES, SC, BRASIL.

50. OCORRÊNCIA DE BABESIA CABALLI E THEILERIA EQUI EM CAVALOS ATLETAS DO MUNICÍPIO DE RIO BRANCO – ACRE, AMAZÔNIA OCIDENTAL 80

VINÍCIUS SANTOS BRAGA*1; VANDER DA ROCHA MELO1; LAYANNE C. P. DA ROCHA1; LUCIANE MARIA LASKOSKI1; ALEX CICINATO PAULINO DE OLIVEIRA1; PATRÍCIA FERNANDES NUNES DA SILVA MALAVAZI1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE, RIO BRANCO, AC, BRASIL.

51. PITIOSE EQUINA: ESTUDO RETROSPECTIVO DE 10 CASOS 81

CAIO CARVALHO BUSTAMANTE*1; MARINA LANSARINI ANTONIOLI1; LUCAS FERREIRA MENDONÇA1; VANESSA BARROCO DE PAULA1; YURI SILVA BONACIN1; JOSÉ ANTÔNIO MARQUES1; DELPHIM DA GRAÇA MACORIS1; PAULO ALÉSCIO CANOLA1
1.FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E VETERINÁRIAS - UNESP JABOTICABAL, JABOTICABAL, SP, BRASIL.

52. PLASMA RICO EM PLAQUETAS NA REPARAÇÃO CICATRICIAL DA FERIDA CIRÚRGICA DE ORQUIECTOMIA EM EQUINOS 82

TALISSA CAMARGO MANTOVANI DE BONIS*1; LUCAS FERREIRA MENDONÇA1; BRUNA RIBEIRO PAZETO1; AMANDA MORAES ILKIU1; MAYARA CARDOSO DOS ANJOS1; ANNA LUÍZA DO COUTO ROSA E GARCIA OLIVEIRA1; PEDRO HENRIQUE DIAS NUNES1; CAROLINA ISABEL DE SORIANO OPORTO1; PAULA LUZIA FORMIGONI BERGAMASCO1; CARLOS AUGUSTO ARAÚJO VALADÃO1; PAULO ALÉSCIO CANOLA1
1.FACULDADE DE CIENCIAS AGRARIAS E VETERINÁRIAS - UNESP JABOTICABAL, JABOTICABAL, SP, BRASIL.

53. POTENCIAL DE DIFERENCIAÇÃO DE CÉLULAS TRONCO MESENQUIMAIS DERIVADAS DO TECIDO ADIPOSO DE MUARES 83

GUSTAVO DOS SANTOS ROSA*1; JAQUELINE BRANDÃO DE SOUZA1; ANDRE MASSAHIRO TERAMOTO KRIECK1; JOÃO PEDRO HÜBBE PFEIFER1; MARIANA CORREA ROSSI1; BETSABÉIA HELOÍSA GENTILHA MILANI1; CARLOS ALBERTO HUSSNI1; MARCOS JUN WATANABE1; CELSO ANTÔNIO RODRIGUES1; ANA LIZ GARCIA ALVES1
1.FMVZ UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

54. PREVALÊNCIA DA DELEÇÃO DE 10 PARES DE BASE NO GENE ITGA2B, RESPONSÁVEL PELA TROMBASTENIA DE GLANZMANN, EM EQUINOS QUARTO DE MILHA NO BRASIL, DADOS PRELIMINARES 84

JULIA FRANCO FERREIRA*1; RAÍSSA OLIVEIRA LEITE1; CÉSAR ERINEUDO TAVARES DE ARAÚJO1; ALEXANDRE SECORUN BORGES1; JOSE PAES DE OLIVEIRA-FILHO1
1.FMVZ- UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

55. RELAÇÃO ENTRE DEGENERAÇÃO CARTILAGINOSA DO CÔNDILO DO III METACARPIANO E ENTESOPATIAS DOS LIGAMENTOS COLATERAIS DA ARTICULAÇÃO METACARPOFALANGEANA 85

GRASIELA DE BASTIANI*1; FLÁVIO DE LA CÔRTE2; KARIN ÉRICA BRASS2; CAMILA CANTARELLI2; STEFANO LEITE DAU2; MARCOS DA SILVA AZEVEDO3; GIULIANO FIGUEIRO1; GABRIELE BIAVASCHI SILVA2; GLÁUCIA DENISE KOMMERS2
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, CURITIBANOS, SC, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - UFSM, SANTA MARIA, RS, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA, URUGUAIANA, RS, BRASIL.

56. TENDINOPATIAS E DESMOPATIAS DA REGIÃO PALMAR/PLANTAR DO METACARPO E METATARSO EM EQUINOS MARCHADORES 85

JACKSON SCHADE*1; ANDERSON FERNANDO SOUZA2; LORENZO COSTA VINCENSI3; THIAGO RINALDI MULLER3; MARIANA COCCO1; JOANDES HENRIQUE FONTEQUE3
1.UFPR, CURITIBA, PR, BRASIL; 2.USP, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 3.UDESC, LAGES, SC, BRASIL.

57. TERAPIA CELULAR INTRATECAL EM EQUINOS COM SEQUELAS DE MIELOENCEFALITE POR SARCOCYSTIS NEURONA. 86

ROGÉRIO MARTINS AMORIM*1; DANIELLE JAQUETA BARBERINI1; DENIS JERONIMO SVICERO1; DIANA LEOCATA DE QUEIROZ1; MARIA CRISTINA REIS CASTIGLIONI1; NAYARA DANTAS LIMONTA1; FERNANDA DA CRUZ LANDIM-ALVARENGA1
1.FMVZ-UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

58. UTILIZAÇÃO DO APARELHO FREESTYLE LIBRE PARA MONITORAÇÃO CONTÍNUA DA GLICEMIA EM EQUINOS 87

RAFAEL FRANÇOSO*1; JULIAN ROSPENDOVSKI PADOVAN2; CARLA BARGI BELLI1
1.FMVZ/USP, SAO PAULO, SP, BRASIL; 2.AUTÔNOMO, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

59. VIABILIDADE DE CONDRÓCITOS EXPOSTOS A ROPIVACAÍNA E MEPIVACAÍNA 88

GABRIELE BIAVASCHI SILVA*1; FLÁVIO DE LA CÔRTE1; KARIN ÉRICA BRASS1; STEFANO LEITE DAU1; CAMILA CANTARELLI1; HELOISA EINLOFT PALMA2; MIGUEL GALLIO1; KALYNE BERTOLIN1; LUCIANA FONTANARI KRAUSE3; JULIEN WERGUTZ3; ALEXANDRE KRAUSE4
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - UFSM, SANTA MARIA, RS, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE DE CRUZ ALTA, CRUZ ALTA, RS, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE FRANSCISCANA, SANTA MARIA, RS, BRASIL; 4..

60. VIABILIDADE E SEGURANÇA DE MÚLTIPLOS TRANSPLANTES INTRATECAL DE CÉLULAS ESTROMAIS MESENQUIMAIS MULTIPOTENTES EM EQUINOS 89

ROGÉRIO MARTINS AMORIM*1; DIANA LEOCATA DE QUEIROZ1; DANIELLE JAQUETA BARBERINI1; DENIS JERONIMO SVICERO1; MARIA CRISTINA REIS CASTIGLIONI1; NAYARA DANTAS LIMONTA1; FABIANA FERREIRA DE SOUZA1
1.FMVZ-UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

61. VIABILIDADE NO USO DE NANOCRISTAIS QTRACKER NA MARCAÇÃO DE CÉLULAS TRONCO MESENQUIMAIS DERIVADAS DE TECIDO ADIPOSO EM EQUINOS - RESULTADOS PRELIMINARES 90

ALVARO DE PAULA LAGE DE OLIVEIRA*1; BRITTA SIGRID LEISE2; ARMANDO DE MATTOS CARVALHO1; RAFAEL RESENDE FALEIROS1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL; 2.LOUISIANA STATE UNIVERSITY, BATON ROUGE, ESTADOS UNIDOS.

REPRODUÇÃO

62. AVALIAÇÃO DA RECUPERAÇÃO DE EMBRIÕES EQUINOS APÓS COLAPSO COM AGULHA HIPODÉRMICA 94

ERICA RODRIGUES FERRAZ ANDRADE*1; LUANA VENÂNCIO GARCIA2; LIDIANA ZANETTI AMATTI1; LUIZ DANIEL DE BARROS3; FERNANDA SAULES IGNÁCIO1
1.FACULDADES INTEGRADAS DE OURINHOS - FIO, SANTA CRUZ DO RIO PARDO, SP, BRASIL; 2.FACULDADES INTEGRADAS DE OURINHOS, PALMITAL, SP, BRASIL; 3.FACULDADES INTEGRADAS DE OURINHOS -FIO, OURINHOS, SP, BRASIL.

63. AVALIAÇÃO HORMONAL DE AMH DE POTRAS NO DIA DO NASCIMENTO E AOS CINCO MESES DE IDADE..... 95

RENATA CRISTINA ULIANI*1; ALAN JAMES CONLEY2; CYNTHIA JO CORBIN2; GABRIELA AMORIM CAMPOS1; MARCO A ALVARENGA1
1.DEPARTAMENTO DE REPRODUÇÃO ANIMAL, FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA, UNESP, BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL; 2.DEPARTMENT OF POPULATION HEALTH AND REPRODUCTION, SCHOOL OF VET MEDICINE, UNIVERSITY OF CALIFORNIA, DAVIS, ESTADOS UNIDOS.

64. COMPARAÇÃO DE VARIÁVEIS HISTOMORFOMÉTRICAS DO ENDOMÉTRIO ENTRE ÉGUAS ACÍCLICAS TRATADAS COM DIFERENTES PROTOCOLOS HORMONAIS..... 95

ELISA SANT'ANNA MONTEIRO DA SILVA*1; RAÍSSA OLIVEIRA LEITE2; LUCIANA FRANÇA SMITH MACIEL2; CAMILA CONTIN DINIZ DE ALMEIDA FRANCIA2; CARLOS ROBERTO PADOVANI2; CEZINANDE MEIRA2
1.CENTRO UNIVERSITÁRIO DO TRIÂNGULO, UBERLÂNDIA, MG, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, BOTUCATU, SP, BRASIL.

65. COMPARAÇÃO ENTRE OS ACHADOS HISTOLÓGICOS DE GARANHÕES COM E SEM VESICULITE SEMINAL POR MEIO DE BIÓPSIA VIDEOENDOSCOPICA..... 96

VERÔNICA FLORES DA CUNHA SCHEEREN*1; MARIANA LUIZA MEZZENA GOBATO1; RAFAEL DOS SANTOS BANDEIRA1; PATRICIA M PAPA1; THAÍS MENDES SANCHES CAVALERO1; LUCAS EMANUEL FERREIRA CANUTO1; LUCAS TRONCARELLI RODRIGUES1; ERIKY AKIO TONGU1; MARCOS JUN WATANABE1; MARCO A ALVARENGA1; FREDERICO OZANAM PAPA1
1.FMVZ - UNESP - BOTUCATU/SP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

66. DETERMINAÇÃO DO DIA DO PARTO ATRAVÉS DE ALTERAÇÕES FÍSICAS E CIRCULATÓRIAS LOCAIS EM ÉGUAS NO PRÉ-PARTO..... 97

LARA ORLANDO ZEPPONE*1; GABRIELA DO VALE POMBO2; YASMIN DE SALES PEREIRA2; HORTÊNCIA CAMPOS MAZZO3; NICOLAS VENTURA DUARTE1; KATIA FELTRE2; CAMILA BIANCONI2; ALEXANDRE AUGUSTO DE OLIVEIRA GOBESSO2
1.FACULDADE DE ZOOTECNIA E ENGENHARIA DE ALIMENTOS - USP/FZEA, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL; 2.FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA USP/FMVZ, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, PELOTAS, RS, BRASIL.

67. DIMINUIÇÃO DO PH DA SECREÇÃO DA GLÂNDULA MAMÁRIA DETERMINA O DIA DO PARTO EM ÉGUAS..... 98

MURILLO ORMIERES*1; YASMIN DE SALES PEREIRA2; GABRIELA DO VALE POMBO2; KATIA FELTRE2; HORTÊNCIA CAMPOS MAZZO3; CAMILA BIANCONI2; NICOLAS VENTURA DUARTE2; ALEXANDRE AUGUSTO DE OLIVEIRA GOBESSO2
1.ANHANGUERA EDUCACIONAL, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, PELOTAS, RS, BRASIL.

68. É POSSÍVEL MELHORAR O SÊMEN EQUINO DE BAIXA QUALIDADE PÓS-REFRIGERAÇÃO?..... 99

LORENZO GARRIDO SEGABINAZZI*1; LUIZ ROBERTO PENA ANDRADE1; RAFAEL DOS SANTOS BANDEIRA1; SIDNEI NUNES DE OLIVEIRA1; LUCAS TRONCARELLI RODRIGUES1; CAMILA PAULA FREITAS-DELL`AQUA1; JOSE ANTONIO DELL`AQUA JR1; FREDERICO OZANAM PAPA1; MARCO A ALVARENGA1
1.UNESP - BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

69. EFECTO DEL USO DE ACETATO DE DESLORELINA EN LA INDUCCIÓN DE OVULACIÓN DE YEGUAS CABALLO PERUANO DE PASO 100

ELSA LUCILA CHAVEZ CHAVEZ*1; JUAN CARLOS TELLO BALTODANO1; CARLOS LUNA CABALLERO2
1.UNIVERSIDAD PRIVADA ANTENOR ORREGO, TRUJILLO, PERU; 2.GANADERA MONTE CRISTO SAC, PAIJAN, PERU.

70. EFEITO DA ADIÇÃO DE ÓLEO ESSENCIAL DE MANJERICÃO A DILUENTE A BASE DE LEITE PARA REFRIGERAÇÃO DE SÊMEN EQUINO 100

MARIANA LEMOS NAGIB JORGE*1; FERNANDO P LISBOA2; GUILHERME NOVELLO1; LORENZO GARRIDO SEGABINAZZI1; RAFAEL DOS SANTOS BANDEIRA1; MARIANA LUIZA MEZZENA GOBATO1; VERÔNICA FLORES DA CUNHA SCHEEREN1; ERIKY AKIO TONGU1; GABRIEL FERNANDES PAULETTI2; FREDERICO OZANAM PAPA1; JOSE ANTONIO DELL`AQUA JR1
1.FMVZ - UNESP, CÂMPUS DE BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL, CAXIAS DO SUL, RS, BRASIL.

71. EFEITO DA ADIÇÃO DE SULPIRIDA AO PROTOCOLO DE INDUÇÃO DE DUPLAS OVULAÇÕES EM ÉGUAS..... 101

ARIEL BERTOLDI*1; LORENZO GARRIDO SEGABINAZZI2; JOSE ANTONIO DELL`AQUA JR2; MARCO A ALVARENGA2
1.CER - CENTRAL EQUINA DE REPRODUÇÃO, BOITUVA, SP, BRASIL; 2.UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

72. EFEITO DA COENZIMA Q-10 NA FUNCIONALIDADE MITOCONDRIAL DE ESPERMATOZOIDES CRIOPRESERVADOS DE GARANHÕES 102

RENATA LANÇONI*1; ENEIVA CARLA CARVALHO CELEGHINI1; CARLA PATRICIA TEODORO DE CARVALHO1; GABRIELA BERTAIOLLI ZOCA1; LAURA NATALY GARCIA OLIVEROS1; LEONARDO BATISSACO1; RUBENS PAES DE ARRUDA1
1.FMVZ-USP, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL.

73. EFEITO DE DIFERENTES MEIOS DILUENTES NA REFRIGERAÇÃO DO SÊMEN ASININO (EQUUS ASINUS)..... 103

LUCAS TRONCARELLI RODRIGUES*1; LUCAS EMANUEL FERREIRA CANUTO1; THAÍS MENDES SANCHES CAVALERO1; SIDNEI NUNES DE OLIVEIRA1; FELIPE ERISON MEDRADO ROCHA DE SOUSA1; VERÔNICA FLORES DA CUNHA SCHEEREN1; MARCO A ALVARENGA1; JOSE ANTONIO DELL`AQUA

JR1; FREDERICO OZANAM PAPA1
1.FMVZ-UNESP,BOTUCATU/SP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

74. EFEITO DO ÁCIDO MEFENÂMICO SOBRE A MOBILIDADE, VELOCIDADE E TEMPO DE PERMANÊNCIA DO EMBRIÃO EQUINO NO ÚTERO 104

VERIDIANA DE PAULA ANDRADE*1; CAROLINA TIEMI CARDOSO OKADA1; CAMILA PAULA FREITAS-DELL`AQUA1; FREDERICO OZANAM PAPA1; MARCÍLIO NICHI2; CLAUDIA BARBOSA FERNANDES3; MARCO A ALVARENGA1
1.FMVZ- UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO /USP, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO/USP, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

75. EFEITO DO PLASMA SEMINAL HOMÓLOGO DE GARANHÃO "GOOD FREEZER" SOBRE A CINÉTICA ESPERMÁTICA DE GARANHÃO "BAD FREEZER" PÓS DESCONGELAMENTO 104

LUIZA RICCETTO*1; FREDERICO OZANAM PAPA1; LUCAS EMANUEL FERREIRA CANUTO1; SIDNEI NUNES DE OLIVEIRA1
1.FMVZ UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

76. EFEITOS DO "SUPERCOOLING" SOBRE CARACTERÍSTICAS ESPERMÁTICAS DE GARANHÕES 105

CARLA PATRICIA TEODORO DE CARVALHO1, ENEIVA CARLA CARVALHO CELEGHINI2, GUILHERME PUGLIESI3, RENATA LANÇONI1, GABRIELA BERTAIOLLI ZOCA1, GABRIEL DE CARLI DOS SANTOS1, LAURA NATALY GARCIA OLIVEROS2, DANILO FRANÇA DE SOUZA1, THYAGO ESCODRO DÉRCOLI1, RUBENS PAES DE ARRUDA1*
1 LABORATÓRIO DE BIOTECNOLOGIA DO SÊMEN E ANDROLOGIA, DEPARTAMENTO DE REPRODUÇÃO ANIMAL, FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP), PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL. 2LABORATÓRIO DE ENSINO E PESQUISA EM PATOLOGIA DA REPRODUÇÃO, DEPARTAMENTO DE REPRODUÇÃO ANIMAL, FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP), PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL. 3LABORATÓRIO DE FISIOLOGIA E ENDOCRINOLOGIA MOLECULAR, DEPARTAMENTO DE REPRODUÇÃO ANIMAL, FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP), PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL.

77. EXPRESSÃO DE COX-2 NO ENDOMÉTRIO DE ÉGUAS RESISTENTES E SUSCEPTÍVEIS A ENDOMETRITE E SUA RELAÇÃO COM A CONTAGEM DE NEUTRÓFILOS E TAXA DE CONCEPÇÃO 106

LORENZO GARRIDO SEGABINAZZI*1; AIMÊ DE MEDEIROS FRISO1; ANDRÉ MACIEL CRESPILHO2; JORDI MIRÓ3; JOSE ANTONIO DELL`AQUA JR1; FREDERICO OZANAM PAPA1; MARCO A ALVARENGA1
1.UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL; 2.UNISA, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 3.AUTONOMOUS UNIVERSITY OF BARCELONA, BARCELONA, ESPANHA.

78. EXPRESSÃO DO NFKIB NO TRATO REPRODUTOR MASCULINO DE EQUINOS 107

BIBIANA BÜRGER*1; LUCIANA SEEGER BORTOLUZZI2; MARCELO BARCELOS ROCHA2; MICAEL FELICIANO MACHADO LOPES1; MARIA INÊS JOBIM2; NÉLSON ALEXANDRE KRETZMANN FILHO1; RODRIGO COSTA MATTOS2
1.CENTRO UNIVERSITÁRIO RITTER DOS REIS, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL.

79. FITOTERÁPICOS COMO ALTERNATIVA DE CONTROLE PARA BACTÉRIAS CAUSADORAS DE VESICULITE SEMINAL EM GARANHÕES 108

FERNANDO P LISBOA*1; GABRIEL VICTORIA MARTINS1; VERÔNICA FLORES DA CUNHA SCHEEREN2; GUILHERME NOVELLO2; ANA PAULA LONGARAY DELAMARE1; GABRIEL FERNANDES PAULETTI1; FREDERICO OZANAM PAPA2; JOSE ANTONIO DELL`AQUA JR2
1.UCS - CAXIAS DO SUL/RS, CAXIAS DO SUL, RS, BRASIL; 2.UNESP - BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

80. FLUXO SANGUÍNEO LUTEAL E SECREÇÃO DE PROGESTERONA EM ÉGUAS TRATADAS COM DIFERENTES PROTOCOLOS DE INDUÇÃO DE OVULAÇÃO. 109

ERIKY AKIO TONGU*1; LORENZO GARRIDO SEGABINAZZI1; ARIEL BERTOLDI1; RENATA CRISTINA ULIANI1; MARCO A ALVARENGA1; EUNICE OBA2
1.UNESP BOTUCATU, SAO PAULO, SP, BRASIL; 2..

81. IMPACTO DA ADIÇÃO DE ÓLEO ESSENCIAL DE LARANJA E POEJO EM DILUENTE DE REFRIGERAÇÃO SOBRE A VIABILIDADE DE ESPERMATOZOIDES EQUINOS REFRIGERADOS À 5ºC 110

BRUNA FABRO FABRO DOS SANTOS*1; FERNANDO P LISBOA2; GUILHERME NOVELLO1; VERÔNICA FLORES DA CUNHA SCHEEREN1; MARIANA LUIZA MEZZENA GOBATO1; RAFAEL DOS SANTOS BANDEIRA1; GABRIEL FERNANDES PAULETTI2; JOSE ANTONIO DELL`AQUA JR1; FREDERICO OZANAM PAPA1; ERIKY AKIO TONGU1; LORENZO GARRIDO SEGABINAZZI1
1.UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE CAXIAS DO SUL, CAXIAS DO SUL, RS, BRASIL.

82. INDUÇÃO DA OVULAÇÃO COM ACETATO DE HISTRELINA EM JUMENTAS NORDESTINAS 111

LUCAS EMANUEL FERREIRA CANUTO*1; FREDERICO OZANAM PAPA1; SIDNEI NUNES DE OLIVEIRA1; LUCAS TRONCARELLI RODRIGUES1; FELIPE ERISON MEDRADO ROCHA DE SOUSA1; JOSE ANTONIO DELL`AQUA JR1; VERÔNICA FLORES DA CUNHA SCHEEREN1; THAÍS MENDES SANCHES CAVALERO1; LUIZA RICCETTO1
1.FMVZ-UNESP/ CÂMPUS BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

83. INDUÇÃO FARMACOLÓGICA DA EJACULAÇÃO EM GARANHÕES UTILIZANDO IMIPRAMINA, XILAZINA, DETOMIDINA E OCITOCINA 112

THAÍS MENDES SANCHES CAVALERO*1; RUBIA ALVES SCHMITH1; LUCAS EMANUEL FERREIRA CANUTO1; VERÔNICA FLORES DA CUNHA SCHEEREN1; RAFAEL DOS SANTOS BANDEIRA1; LUCAS TRONCARELLI RODRIGUES1; PATRICIA M PAPA1; CAMILA PAULA FREITAS-DELL`AQUA1; FREDERICO OZANAM PAPA1
1.UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

84. INFLUÊNCIA DA IDADE SOBRE A CONTAGEM DE FOLÍCULOS ANTRAIS OVARIANOS DE ÉGUAS DA RAÇA QUARTO DE MILHA..... 113

GUSTAVO ROMERO GONÇALVES*1; MARCELO MARCONDES SENEDA1; FÁBIO MOROTTI1; FABIO LUIZ BIM CAVALIERI2; ANTONIO HUGO BEZERRA COLOMBO2; DENIS VINICIUS BONATO1; CAMMILA OLIVEIRA ROSA1; CAMILA BIZARRO DA SILVA1
1.UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, LONDRINA, PR, BRASIL; 2.CENTRO UNIVERSITÁRIO DE MARINGÁ, MARINGÁ, PR, BRASIL.

85. INFLUÊNCIA DA OZONIOTERAPIA NA CINÉTICA DO SÊMEN EQUINO FRESCO E REFRIGERADO..... 113

BRUNA FABRO FABRO DOS SANTOS*1; ERIKY AKIO TONGU1; LORENZO GARRIDO SEGABINAZZI1; VERÔNICA FLORES DA CUNHA SCHEEREN1; THAÍS MENDES SANCHES CAVALERO1; GUILHERME NOVELLO1; JEAN GUILHERME FERNANDES JOAQUIM1; FREDERICO OZANAM PAPA1
1.UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

86. INFLUÊNCIA DO NÚMERO DE PARTOS SOB A QUANTIFICAÇÃO DO VEGF E SEUS RECEPTORES FLT-1 E FLK-1 EM TRÊS REGIÕES DA MEMBRANA CORIOALANTÓIDE A TERMO DE ÉGUAS DA RAÇA PURO SANGUE INGLÊS. 114

CARINA DE FÁTIMA GUIMARÃES*1; ROBERTO RODRIGUES DA ROSA FILHO1; FERNANDA JORDÃO AFFONSO1; BRUNA DA ROSA CURCIO2; CARLOS EDUARDO WAYNE NOGUEIRA2; MARIA AUGUSTA ALONSO1; MARIANA MATERA VERAS3; CLAUDIA BARBOSA FERNANDES1
1.FMVZ - USP, SAO PAULO, SP, BRASIL; 2.UFPEL, PELOTAS, RS, BRASIL; 3.FM USP, SAO PAULO, SP, BRASIL.

87. NÍVEIS DE PROGESTERONA E STATUS DO ÚTERO DE ÉGUAS RECEPTORAS DE EMBRIÃO PREPARADAS COM DISPOSITIVO INTRAVAGINAL..... 115

MARCO A ALVARENGA*1; LUIZ ROBERTO PENA ANDRADE1; EUNICE OBA1; JOSE ANTONIO DELL`AQUA JR1; FREDERICO OZANAM PAPA1; LORENZO GARRIDO SEGABINAZZI1
1.UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

88. O RELAXAMENTO VULVAR E O LIGAMENTO SACROISQUIÁTICO PODEM AUXILIAR NA PREDIÇÃO DO PARTO EM ÉGUAS? 116

JULIANA IZZO OCTAVIANO*1; AMANDA VALLONE RICCIO1; DANILO FRANCA DE SOUZA1; FERNANDA SANDI FARIAS1; FILIPE CORDEIRO NEVES1; MAYARA MATEUS RODRIGUES1; FERNANDA JORDÃO AFFONSO1; MARIA AUGUSTA ALONSO1; MARCÍLIO NICHI1; CLAUDIA BARBOSA FERNANDES1
1.FMVZ-USP, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

89. OZONIOTERAPIA NA ENDOMETRITE EQUINA 117

LAUANA DOMINGUES CRUZ*1; RAFAEL SILVA CIPRIANO1; VICTOR HUGO MENDONÇA2; PAULO VICENTE FONSECA3; EDUARDO HARA2; LUIZ FERNANDO CINTRA CORONA2; LIMBER MENESES GUZMAN2; HEITOR VINICIUS MENDOÇA2; TAISMARA CARDOSO LEMOS1; MICHELE DOS SANTOS DE GOES1; LUDIMILA CARDOSO ZOCAL JANINI1; NATALIA FELIX NEGREIROS4
1.UNISALESIANO, ALTO ALEGRE, SP, BRASIL; 2.CENTRAL ARAÇA, ARAÇATUBA, SP, BRASIL; 3.OZONEBRAS, CAMPINAS, SP, BRASIL; 4..
ALEXANDRE MONTEIRO BARBOSA*1; MARCELA GONÇALVES MEIRELES1; CARINA DE FÁTIMA GUIMARÃES1; DANILO FRANCA DE SOUZA1; MARIA AUGUSTA ALONSO1; MARCÍLIO NICHI1; CLAUDIA BARBOSA FERNANDES1
1.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SAO PAULO, SP, BRASIL.

91. RELAÇÃO DO ÍNDICE DE TEMPERATURA-UMIDADE (ITU) E TEMPO GESTACIONAL EM ÉGUAS PURO SANGUE INGLÊS 119

GABRIELA CASTRO DA SILVA*1; BRUNA DOS SANTOS SUÑE MORAES1; TATIANE ALMEIDA1; FERNANDA MARIA PAZINATO1; LUCIANA ARAUJO BORBA1; LORENA SOARES FEIJÓ1; CARLOS EDUARDO WAYNE NOGUEIRA1; BRUNA DA ROSA CURCIO1
1.UFPEL, PELOTAS, RS, BRASIL.

92. RELAÇÃO ENTRE A EXPRESSÃO GÊNICA DO PLCZ, WPB2NL E TNF-A NO ESPERMATOZOIDE COM QUALIDADE SEMINAL E FERTILIDADE DE GARANHÕES DA RAÇA CRIOULA..... 120

VERÔNICA LA CRUZ BUENO*1; HENRIQUE BOLL DE ARAUJO BASTOS1; LUIZ AUGUSTO MACHADO CENTENO1; NÉLSON ALEXANDRE KRETZMANN FILHO2; RODRIGO COSTA MATTOS1; SANDRA MARA DA ENCARNACAO FIALA3
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL; 2.UNIRITTER, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, PELOTAS, RS, BRASIL.

93. SEGURANÇA DA UTILIZAÇÃO INTRAUTERINA DE OZÔNIO EM ÉGUAS. 121

ERIKY AKIO TONGU*1; LORENZO GARRIDO SEGABINAZZI1; DACIO DE CASTRO DIAS2; CÉSAR GRANER2; MONICA FREITAS DA SILVA2; RONALDO DE AZEVEDO FERREIRA2; VERÔNICA FLORES DA CUNHA SCHEEREN1; STÉLIO PACCA LOUREIRO LUNA1; JEAN GUILHERME FERNANDES JOAQUIM1
1.UNESP BOTUCATU, SAO PAULO, SP, BRASIL. 2. INSTITUTO BUTANTÃ, SAO PAULO, SP, BRASIL.

94. TAXAS DE PERDAS EMBRIONÁRIAS DE DOADORAS IDOSAS E JOVENS NA RAÇA CRIOULA 122

JARBAS DIAS XAVIER*1; FELIPE P HARTWIG2; PEDRO TOALDO GENTILINI ÁVILA2; VINICIUS DE AZEVEDO FOLLE2; VINICIUS DE SOUZA IZQUIERDO1; ANTONIO SERGIO VARELA JUNIOR3; CARINE DAHL CORCINI1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, CAPAO DO LEAO, RS, BRASIL; 2.HARTWIG FERTILIDADE EQUINA LTDA, PELOTAS, RS, BRASIL;

3.UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE, PELOTAS, RS, BRASIL.

95. TÉCNICA ALTERNATIVA PARA INOVULAÇÃO DE EMBRIÃO NA ESPÉCIE ASININA..... 123

LUCAS TRONCARELLI RODRIGUES*1; LUCAS EMANUEL FERREIRA CANUTO1; SIDNEI NUNES DE OLIVEIRA1; FELIPE ERISON MEDRADO ROCHA DE SOUSA1; LORENZO GARRIDO SEGABINAZZI1; LUIZ ROBERTO PENA ANDRADE JUNIOR1; MARCO A ALVARENGA1; JOSE ANTONIO DELL`AQUA JR1; FREDERICO OZANAM PAPA1
1.FMVZ-UNESP,BOTUCATU/SP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

96. USO DE MISOPROSTOL NO TRATAMENTO DE ÉGUAS COM SUSPEITA DE OBSTRUÇÃO DE AMPOLAS..... 123

MARCO A ALVARENGA*1; LORENZO GARRIDO SEGABINAZZI1
1.UNESP - BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

FISIOLOGIA DO EXERCÍCIO OU NUTRIÇÃO

97. ACEITABILIDADE E COMPORTAMENTO ALIMENTAR DE EQUINOS SUPLEMENTADOS COM GLICERINA BRUTA..... 128

MURILLO ORMIERES*1; HORTÊNCIA CAMPOS MAZZO2; CAMILA BIANCONI1; SAULO BARACAT VILLELA1; NICOLAS VENTURA DUARTE1; JÚLIA RIZZO DE MEDEIROS FERREIRA1; CRISTIANE MORAIS1; GABRIELLA DE MELO CHAGAS1; ALEXANDRE AUGUSTO DE OLIVEIRA GOBESSO1
1.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, PELOTAS, RS, BRASIL.

98. ANALISE DE PARÂMETROS HEMATIMÉTRICOS E BIOQUÍMICOS SÉRICOS EM EQUINOS MANGALARGA MARCHADOR (MM) PRÉ E PÓS-EXERCICIO. 129

GABRIELA ROSA MAIA*1; GUILHERME BARBOSA COSTA2; SIMONE BONATTINI MARTINEZ1; MURILO SILVA LUCIANO1; AULO HENRIQUE ARAUJO3; MICHELE PADOVAN1; ISADORA HELENA MELO4; DANIEL PAULINO JUNIOR1
1.UNIFRAN, FRANCA, SP, BRASIL; 2.CLINICA E CIRURGIA DE EQUINOS DE FRANCA, FRANCA, SP, BRASIL; 3.BICHO SELVAGEM CLINICA VETERINARIA, FRANCA, SP, BRASIL; 4.FRIGORIFICO FRANCA BOI, FRANCA, SP, BRASIL.

99. ANÁLISE BIOMECÂNICA DO ANDAMENTO EM POTROS DA RAÇA MANGALARGA MARCHADOR NOS PRIMEIROS 15 DIAS DE VIDA 129

LILIAN UTRAGA DOS SANTOS*1; CAROLINA DE MARCHI SOARES1; RAFAELA SPERANZA BAPTISTA1; TAIS CASONATO RODRIGUES1; FLAVIA DE ALMEIDA LUCAS1; FRANCISCO LEYDSON FORMIGA FEITOSA1; LUIZ CLAUDIO NOGUEIRA MENDES1; LINA MARIA WEHRLE GOMIDE1; JULIANA REGINA PEIRO1
1.FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA DE ARAÇATUBA - FMVA/UNESP, ARACATUBA, SP, BRASIL.

100. ANÁLISE DA ATIVAÇÃO MUSCULAR POR ELETROMIOGRAFIA DE SUPERFÍCIE EM EQUINOS DURANTE EXERCÍCIOS DE FORTALECIMENTO 130

RODRIGO RIBEIRO BARSANTI*1; NATÁLIA ALMEIDA MARTINS1; OSMAR DIAS FERRAZ JUNIOR1; DIANA VILLA VERDE SALAZAR1; SAMUEL PEREIRA SIMONATO1; AMANDA PIAIA SILVATTI1; BRUNNA PATRÍCIA ALMEIDA DA FONSECA1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, VIÇOSA, MG, BRASIL.

101. AVALIAÇÃO DO PERFIL BIOQUÍMICO DA CREATININA PLASMÁTICA E UREIA EM EQUINOS ATLETAS ANTES E APÓS PROVAS DE VAQUEJADA..... 131

ANA CAROLINA BARBALHO DE SOUZA*1; JOSÉ SALLY DE ARAÚJO JÚNIOR1; ANNE DANIELE DE OLIVEIRA LIMA1; ÍSIS TRANCOSO SILVA1; MARIA CLARA SILVA DE MIRANDA1; TICIANE TRINDADE DANTAS1; RODRIGO TENÓRIO PADILHA2; MAÍRA CONCEIÇÃO JERÔNIMO DE SOUZA2; FELIPE VENCESLAU CÂMARA2
1.GRADUANDO EM MEDICINA VETERINÁRIA - UNIVERSIDADE POTIGUAR - UNP, NATAL, RN, BRASIL; 2.PROFESSOR DA UNIVERSIDADE POTIGUAR – UNP – ESCOLA DA SAÚDE, NATAL, RN, BRASIL.

102. AVALIAÇÃO DOS EFEITOS DE UMA FÓRMULA DE NUTRIÇÃO ENTERAL SOBRE PARÂMETROS RENAIS E HEPÁTICOS, HEMOGRAMA E GLICEMIA DE EQUINOS RÍGIDOS EM SISTEMA DE ALIMENTAÇÃO VOLUNTÁRIA..... 132

REBECA ALVES WEIGEL*1; DANIELY SALVADOR1; EBRAIM VARGAS RIBETT2
1.QUIMTIA S.A, CURITIBA, PR, BRASIL; 2.CENTRO DE TECNOLOGIA ANIMAL, DOMINGOS MARTINS, ES, BRASIL.

103. CINEMÁTICA TEMPORAL DAS MARCHAS BATIDA OU PICADA DE EQUINOS MONTADOS DA RAÇA MANGALARGA MARCHADOR: EFEITO DO SEXO 133

MAYARA GONÇALVES FONSECA*1; JESSICA LAGE1; THAYNE DE OLIVEIRA SILVA2; CONSUELO MARELLI3; TIAGO DE RESENDE GARCIA4; AMANDA PIAIA SILVATTI2; GUILHERME CAMARGO FERRAZ1
1.UNESP JABOTICABAL, JABOTICABAL, SP, BRASIL; 2.UFV, VIÇOSA, MG, BRASIL; 3.MÉDICA VETERINÁRIA AUTÔNOMA, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL; 4.MÉDICO VETERINÁRIO AUTÔNOMO, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL.

104. COMPORTAMENTO MATERNO FILIAL 134

SAULO BARACAT VILLELA*1; YASMIN DE SALES PEREIRA1; KATIA FELTRE1; GABRIELA DO VALE POMBO1; NICOLAS VENTURA DUARTE1; HORTÊNCIA CAMPOS MAZZO2; CAMILA BIANCONI1; ALEXANDRE AUGUSTO DE OLIVEIRA GOBESSO1

1.FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA USP/FMVZ, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - UFPEL, PELOTAS, RS, BRASIL.

105. EFEITO DA CORREÇÃO DENTÁRIA SOBRE O COMPRIMENTO DA FIBRA FECAL EM CAVALOS..... 135

PAULA ALESSANDRA DI FILIPPO*1; VERONICA VIEIRA1; DIOGO ALMEIDA RONDON2; CÉLIA RAQUEL QUIRINO1
1.UENF, CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ, BRASIL; 2.UNESC, COLATINA, ES, BRASIL.

106. EFEITO DA SUPERFÍCIE DA PISTA DE TREINAMENTO SOBRE A CONCENTRAÇÃO SANGUÍNEA DE LACTATO EM CAVALOS DE ENDURO ALTAMENTE TREINADOS: RESULTADOS PRELIMINARES..... 136

PAULO MOREIRA BOGOSSIAN*1; CARLOS RAFAELL CORREA-OLIVEIRA2; WILSON ROBERTO FERNANDES1; PEDRO VICENTE MICHELOTTO JR.3; TIAGO MARCELO OLIVEIRA1; AYRTON RODRIGO HILGERT1; PAULA ALESSANDRA DI FILIPPO1
1.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE CESMAC, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 3.PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ, CURITIBA, PR, BRASIL.

107. EFEITO DAS AFECÇÕES ODONTOLÓGICAS NO BEM-ESTAR DE EQUINOS AVALIADOS ATRAVÉS DA EXPRESSÃO FACIAL DE DOR..... 136

MARIANA MARCANTONIO CONEGLIAN*1; PEDRO VICENTE MICHELOTTO JR.1; CASSIO HENRIQUE MARTINS MORAIS2; FERNANDA DE CASTRO STIEVANI3; HANNA CAROLINE PROCHNO1; HELOISA GODOI BERTAGNON2; TÂMARA DUARTE BORGES1
1.PUC PR, CURITIBA, PR, BRASIL; 2.UNICENTRO, GUARAPUAVA, PR, BRASIL; 3.UEL, LONDRINA, PR, BRASIL.

108. EFEITO DE DIFERENTES ALIMENTOS SOBRE A CURVA DE GLICOSE EM EQUINOS SADIOS 137

HELIO CORDEIRO MANSO FILHO*1; HELENA EMÍLIA CAVALCANTI DA COSTA CORDEIRO MANSO1; KEITH LAIANE GOMES TRINDADE1; VIRGINIA THEODORO BRITO1; JULIETTE GONSALVES DA SILVA1; MONICA MIRANDA HUNKA1; LUZILENE ARAUJO SOUZA1; CLARISSE SIMÕES COELHO2; LIGIA AMARAL CUNHA2
1.UFRPE, RECIFE, PE, BRASIL; 2.UFBA, SALVADOR, BA, BRASIL.

109. ENZIMAS MUSCULARES EM EQUINOS APÓS PROVA DE VAQUEJADA E TRANSPORTE RODOVIÁRIO..... 138

GARDÊNIA ALVES SILVA*1; RICHARD ATILA DE SOUSA1; LUCIANA PEREIRA MACHADO2; FERNANDA PATRICIA GOTTARDI3; MÔNICA ARRIVABENE ARRIVABENE1; VERIDIANA FERNANDES DA SILVEIRA4; SILVANA MARIA MEDEIROS DE SOUSA SILVA1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUI, TERESINA, PI, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL, REALEZA, PR, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, BOM JESUS, PI, BRASIL; 4.UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA, CRUZ DAS ALMAS, BA, BRASIL.

110. ESTUDO COMPARATIVO SOBRE AS VARIÁVEIS BIOQUIMICOS SÉRICO EM EQUINOS ATLETAS MANGA-LARGA MARCHADOR E QUARTO DE MILHA..... 139

GUILHERME BARBOSA COSTA*1; DANIEL PAULINO JUNIOR2; GABRIELA ROSA MAIA2
1.CLINICA E CIRURGIA DE EQUINOS DE FRANCA, FRANCA, SP, BRASIL; 2.UNIFRAN, FRANCA, SP, BRASIL.

111. GASTO ENERGÉTICO DE EQUINOS SUBMETIDOS A TESTE INTERVALADO COMO PARTE DO TREINAMENTO PARA A MODALIDADE DE CONCURSO COMPLETO DE EQUITAÇÃO..... 140

JULIAN ROSPENDOVSKI PADOVAN*1; MAYRA OLIVEIRA MEDEIROS2; LAURA ALVES BRANDI2; LIVIA OLIVEIRA COSTA NICOLAU2; RAFAEL SILVA GOUVEIA2; ROBERTA ARIBONI BRANDI2
1.VALE ALIMENTAÇÃO ANIMAL, PAULINIA, SP, BRASIL; 2.USP, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL.

112. INFLUENCIA DA SUPLEMENTAÇÃO COM LEVEDURA VIVA E LEVEDURA PROTEGIDA NAS CONCENTRAÇÕES SÉRICAS DE GLICOSE E INSULINA EM CAVALOS..... 141

SAULO BARACAT VILLELA*1; GABRIELA DO VALE POMBO1; CAMILA BIANCONI1; YASMIN DE SALES PEREIRA1; HORTÊNCIA CAMPOS MAZZO2; MURILLO ORMIERES3; NICOLAS VENTURA DUARTE1; ALEXANDRE AUGUSTO DE OLIVEIRA GOBESSO1
1.FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA USP/FMVZ, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - UFPEL, PELOTAS, RS, BRASIL; 3.ANHANGUERA EDUCACIONAL, LEME, SP, BRASIL.

113. INFLUÊNCIA DO EXERCÍCIO DE MARCHA SOBRE A CONCENTRAÇÃO SÉRICA DE PROTEÍNAS DE FASE AGUDA EM CAVALOS MANGALARGA MARCHADOR 142

PAULA ALESSANDRA DI FILIPPO*1; LAURA PEREIRA MARTINS1; MARCOS AURÉLIO DIAS MEIRELES1; GABRIELA BRAVIM LEMOS1; CÉLIA RAQUEL QUIRINO1; ANDRESSA FRANCISCA DA SILVA NOGUEIRA2; PAULO MOREIRA BOGOSSIAN3
1.UENF, CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ, BRASIL; 2.UFT, ARAGUAÍNA, TO, BRASIL; 3.USP, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

114. MELHORIAS NO BEM-ESTAR DE EQUINOS ESTABULADOS APÓS O USO DE BOLSA DE FENO TIPO "SLOW FEED"..... 143

MAYARA GOMES CORREA*1; CAMILLA FERREIRA RODRIGUES SILVA1; LUCAS ANTUNES DIAS1; SERGIO DA SILVA ROCHA JÚNIOR1; FREDDY RODRIGUES THOMES2; RAFAEL RESENDE FALEIROS1
1.ESCOLA DE VETERINARIA - UFMG, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL; 2.EXERCITO BRASILEIRO, TRES CORAÇÕES, MG, BRASIL.

115. O USO DE GAMA - ORIZANOL E L - CARNITINA EM EQUINOS DA RAÇA QUARTO DE MILHA PRATICANTES DA PROVA DOS

TRÊS TAMBORES..... 144

KARINA CRISTINA OLIVEIRA*1; ARNALDO SOTERO LUZ SOUZA1; CAMILA FERREIRA BANNWART CASTRO2
1.FAEF, GARÇA, SP, BRASIL; 2.FACULDADE SUDOESTE PAULISTA, AVARÉ, SP, BRASIL.

116. PARÂMETROS ELETROCARDIOGRÁFICOS EM MUARES SUBMETIDOS A UM TESTE A CAMPO DE MARCHA 145

GABRIELLA AGRA DE OMENA SILVA*1; LETÍCIA MARQUES RODRIGUES1; BETÂNIA SOUZA MONTEIRO1; VINICIUS RICARDO CUÑA SOUZA2; HELIO CORDEIRO MANSO FILHO3; CLARISSE SIMÕES COELHO2
1.UNIVERSIDADE VILA VELHA, VILA VELHA, ES, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA), SALVADOR, BA, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE FEDERAL RURA DE PERNAMBUCO, RECIFE, PE, BRASIL.

117. PERFIL SOCIOEONOMICO DOS CARROCEIROS E AVALIAÇÃO DO MANEJO GERAL E PARASITOLÓGICO DE EQUINOS UTILIZADOS COMO TRAÇÃO ANIMAL E NO PERÍMETRO URBANO DE XANXERÊ/SC 145

DIETRICH PIZZIGATTI*1; JOCENIR NUNES OLIVEIRA1; EDUARDA CRISTINA SPARREMBERGER1; ANA LUISA A RAMBO1; MICHELE HELENA WEIRICH1; ALEX LORENZET1; GIOVANA CAMILLO1
1.UNOESC, XANXERE, SC, BRASIL.

118. RESPOSTA ANAERÓBICO EM EQUINOS NO EXERCÍCIO DE VAQUEJADA..... 146

LUCIANA PEREIRA MACHADO*1; RICHARD ATILA DE SOUSA2; GARDÊNIA ALVES SILVA2; GEORGE MAGNO SOUSA DO RÊGO2; JOSÉ RIBAMAR NETO2; ANTONIO JACKSON SOUSA LIMA2; ANNA BETTIZA PATROCÍNIO; DENIS AIRTON DOS SANTOS ARRUDA DE OLIVEIRA2; CAIO MARIANO SILVA2; DOUGLAS DOS SANTOS ROCHA2; ROMÁRIO BARBOSA DIAS2; LEONARDO GONÇALVES DA SILVA MOURA2; MAYKON DE PAULA FERREIRA DA SILVA2; SABRINA MENDES SILVA ARAÚJO2; IURI SANTANA GONÇALVES DIAS2; THULLYO ALEX FLORES2; BIANCA FÁTIMA DALLO1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL, REALEZA, PR, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, TERESINA, PI, BRASIL.

119. RESPOSTA GLICÊMICA DE EQUINOS ALIMENTADOS COM CONCENTRADO ANTES DE TESTE EM ESTEIRA DE ALTA VELOCIDADE 147

ISABELLA TORRES NOTHAFT*1; CAROLINE MUNIZ CUNHA RODRIGUES1; SYBELE LIMA DE MELLO2; ANANDA PARRA BUZZETTI1; ANA CARLA DIAS1; WILLAN AUGUSTO NOGUEIRA3; MICHELE ANGELO LUIZ3; FELIPE GOMES FERREIRA PADILHA3; ANA MARIA REIS FERREIRA3; FERNANDO QUEIROZ ALMEIDA1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO, RJ, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SU, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, NITEROI, RJ, BRASIL.

120. RESPOSTA INFLAMATÓRIA ATRAVÉS DO FATOR DE NECROSE ALFA TUMORAL A (TNF- A) DE EQUINOS SUPLEMENTADOS COM LEVEDURA SACCHAROMYCES CEREVISIAE VIVA E PROTEGIDA 148

CAMILA BIANCONI*1; GABRIELA DO VALE POMBO1; YASMIN DE SALES PEREIRA1; HORTÊNCIA CAMPOS MAZZO2; MURILLO ORMIERES3; SAULO BARACAT VILLELA1; NICOLAS VENTURA DUARTE1; ALEXANDRE AUGUSTO DE OLIVEIRA GOBESSO1
1.FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA USP/FMVZ, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - UFPEL, PELOTAS, RS, BRASIL; 3.UNIFIAN, LEME, SP, BRASIL.

RELATO DE CASO

121. ABSCESSO RETROPERITONIAL COMO CAUSA DE DISQUEZIA EM EQUINO 152

TERESA SOUZA ALVES*1; ANTONIO CARLOS LOPES CÂMARA1; LUIZA FERREIRA DE ALMEIDA GOMES1; MARIANA DA COSTA GONZAGA1; RITA DE CASSIA CAMPEBELL1; ANTONIO RAPHAEL TEIXEIRA NETO1
1.UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASILIA, DF, BRASIL.

122. ACHADOS CLÍNICOS, HISTOPATOLÓGICOS, RADIOGRÁFICOS E TOMOGRÁFICOS DO CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS OCULAR EM ÉGUA JOVEM 152

CAROLINA SOARES ESPER*1; MARIANA LOPES DA CONCEIÇAO1; GUSTAVO DOS SANTOS ROSA1; LAIS MELICIO CINTRA BUENO1; VANIA MARIA DE VASCONCELOS MACHADO1; RENNE LAUFER AMORIM1; EMANUEL VITOR APOLONIO1; ALICE RIBEIRO DE ÁVILA1; ANA LIZ GARCIA ALVES1; CARLOS ALBERTO HUSSNI1; MARCOS JUN WATANABE1; CELSO ANTÔNIO RODRIGUES1; JULIANA DE MOURA ALONSO1
1.UNESP - BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

123. ACHADOS ULTRASSONOGRÁFICO, CITOLÓGICO E HISTOPATOLÓGICO DE ADENOMA MICROFOLICULAR DE TIREOIDE EM EQUINO: RELATO DE CASO 154

LETICIA DOSSIN REGIANINI*1; CRISTINA GEVEHR GEVEHR FERNANDES2; EDUARDO CONCEIÇÃO DE OLIVEIRA1; FÁBIO ANTUNES RIZZO1; CLÁUDIA GIORDANI1; RAQUELI TERESINHA FRANÇA1; FERNANDO P LISBOA1; LEANDRO DO MONTE RIBAS1
1.UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL - UCS, CAXIAS DO SUL, RS, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, PELOTAS, RS, BRASIL.

124. ACOMPANHAMENTO DE POTRO NEONATO PREMATURO PROVENIENTE DE GESTAÇÃO COM PLACENTITE..... 155

LUISA LEMOS SILVEIRA*1; ADRIANA PIRES NEVES2; EDUARDO FAGUNDES VOGEL3
1.UFRGS, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL; 2.UNIPAMPA, DOM PEDRITO, RS, BRASIL; 3.UPF, PASSO FUNDO, RS, BRASIL.

125. ALTERAÇÕES CONGÊNITAS DE UM POTRO QUARTO DE MILHA: RELATO DE CASO 155

NATALIA TELLES SCHMIDT*1; LUZILENE ARAUJO SOUZA2; SIGISMUNDO FASSBENDER REZENDE JUNIOR1; MARTA CRISTINA CAÇÃO3; PEDRO VIANNA CALDAS3; GABRIEL LUIS PACCOLA3; RAFAEL AUGUSTO PACCOLA3; MARINA RAMOS OLIVEIRA4; LAIS LAGROTTA GARCIA5
1.GUABI, CAMPINAS, SP, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO PERNAMBUCO, RECIFE, PE, BRASIL; 3.EQUICENTER HOSPITAL VETERINÁRIO 24 HORAS, TATUÍ, SP, BRASIL; 4.MASKOVET, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 5.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

126. APLICAÇÃO DA TÉCNICA DOS TRÊS L'S NO TRATAMENTO DE FERIDA EM QUARTELA DE UM EQUINO QUARTO DE MILHA 156

CAROLINA DE FRANCO MARCHIORO*1; MARIA INÊS GAY DA FONSECA AALLGAYER DIANO2; JULIA SAVIETTO FRATI3; EDUARDO MALSCHITZKY4; LAURA BLAIR BAILEY5
1.FISIOSYSTEM, CURITIBA, PR, BRASIL; 2.THERAPY4HORSES, PURCELL, ESTADOS UNIDOS; 3.UNIP, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 4.UFRGS, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL; 5.TEXAS TECH UNIVERSITY, PURCELL, ESTADOS UNIDOS.

127. ARTRITE SÉPTICA COXOFEMORAL EM POTRA SECUNDÁRIA A ABSCESSO IATROGÊNICO NOS MÚSCULOS SEMITENDINOSO E SEMIMEMBRANOSO 157

OSMAR DIAS FERRAZ JUNIOR*1; DANILO MANZINI MACEDO1; SAMUEL PEREIRA SIMONATO1; NATÁLIA ALMEIDA MARTINS1; BRUNNA PATRÍCIA ALMEIDA DA FONSECA1
1.UFV, VICOSA, MG, BRASIL.

128. ARTRITE SÉPTICA IATROGÊNICA NA ARTICULAÇÃO COXOFEMORAL DE NEONATO EQUINO - RELATO DE CASO 158

JARBIANE GOMES DE OLIVEIRA*1; ANDREZZA CAROLINE ARAGÃO DA SILVA1; PIERRE BARNABÉ ESCODRO1; ANNELISE CASTANHA BARRETO TENORIO NUNES1; KARLA PATRÍCIA CHAVES DA SILVA1; LUAN LUTHZEMBERG FERREIRA DE ANDRADE1; MAYNARA KALYA FERREIRA LIMA1; YANE FERNANDES MOREIRA1; ALINE MAYARA SILVA DE LIMA1; TABATHA DE OLIVEIRA CAVALCANTE1; MÔNICA ARRIVABENE ARRIVABENE2
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, VIÇOSA, AL, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, TERESINA, PI, BRASIL.

129. ARTRITE SÉPTICA TRAUMÁTICA EM POTRO – RELATO DE CASO 159

THAMYRES SANTOS SILVA*1; PAOLO NEANDRO BONA SOARES1; MARISA MARTIRE PELLEGRINI1; LEANDRO KEITI HAYASHI1; CAMILA MOURA DA SILVA1; AYMARA EDUARDA DE LIMA1; PAULA ZAGATO URBANI1; IGOR QUIRICO1
1.UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

130. ARTRITE TRAUMÁTICA E DESVIO ANGULAR EM POTRO: RELATO DE CASO 160

LÍVIA MATOS ALBUQUERQUE DE ANDRADE*1; GABRIEL APOLONIO VELOSO1; DRIELE ROSA DE SOUZA1; CAMILA PEREIRA DA SILVA1; ANTÔNIO CARLOS DAS CHAGAS E SOUSA JÚNIOR1; JOÃO LUIZ RIBEIRO DE MORAES NETO1; JOCICLÊR EUGÊNIO TAVARES DA SILVA1; ISABELLA DE OLIVEIRA BARROS1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, AREIA, PB, BRASIL.

131. ARTRODESE METATARSOFALANGEANA EM EQUINO: RELATO DE CASO 161

BRENDA MATOS FERNANDES*1; FERNANDA AUGUSTA DE OLIVEIRA SILVA1; KAMILA PINHEIRO PAIM1; LAYANE QUEIROZ MAGALHÃES1; DIEGO JOSE ZANZARINI DELFIOL1; FRANCISCO CLAUDIO DANTAS MOTA1; GEISON MOREL NOGUEIRA1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, UBERLANDIA, MG, BRASIL.

132. ARTRODESE QUIMICA COM ÁLCOOL ETÍLICO 70% NA OSTEOARTRITE DA ARTICULAÇÃO INTERFALANGEANA PROXIMAL EM EQUINO: RELATO DE CASO 162

GABRIELA DE OLIVEIRA DERITTI*1; MARTA JULIANE GASPARINI1; LEONARDO JORGE1; HELOÁ KAROLINE MOURA1; MAYARA LAZARIN1; VICTOR SESNIK STORTE1; MAURÍCIO MENDES1; LUIS FERNANDO OLIVEIRA SOUZA1; HIGOR COLEONE1; PEDRO HENRIQUE DE CARVALHO1
1.UNOPAR, ARAPONGAS, PR, BRASIL.

133. ASSOCIAÇÃO DE LASERTERAPIA DE BAIXA POTÊNCIA E MAGNETOTERAPIA PARA TRATAMENTO DE LESÃO CÍSTICASUBCONDRAL E EPIFISITE EM EQUINO 162

ANNA CHRISTINA SCHMITZ*1; RUDNEI JOÃO DE SOUZA2; LUIS FAGNER DA SILVA MACHADO3; PETERSON TRICHES DORNBUSCH3; MICHELE LUISE PIMENTEL4; MARIA LUIZA MACHADO PEREIRA3
1.HORSE BAUER, RANCHO QUEIMADO, SC, BRASIL; 2.RUDHORSE SAUDE EQUINA, SÃO JOSÉ, SC, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU FURB, BLUMENAU, SC, BRASIL; 4.LENZI REPRODUÇÃO EQUINA, BLUMENAU, SC, BRASIL.

134. ATONIA VESICAL REVERSÍVEL COMO CONSEQUÊNCIA DE COMPACTAÇÃO DE MECÔNIO – RELATO DE CASO 163

MARIA AUGUSTA BERLINGIERI*1; PAULO ARI LEIRIA2; ALISSON ROMANO DA SILVA2; JULIETTI BEATRIZ VIEIRA2; GIULIANA DAMACENO RIBEIRO2
1.EQÜIVET-HOSPITAL VETERINÁRIO, INDAIATUBA, SP, BRASIL; 2.EQÜIVETHOSPITAL VETERINÁRIO, INDAIATUBA, SP, BRASIL.

135. AVULSÃO DOS BULBOS DO TALÃO EM MEMBRO TORÁCICO DE EQUINO 164

VERÔNICA LOURENÇA DE SOUZA*1; ARTHUR MARTINS DA SERRA VILELA PINTO1; ANTONIO CARLOS LOPES CÂMARA1; RITA DE CASSIA CAMPEBELL1; LUIZA FERREIRA DE ALMEIDA GOMES1; ANTONIO RAPHAEL TEIXEIRA NETO1
1.UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA, DF, BRASIL.

136. BANDAGEM DE ROBERT-JONES ASSOCIADA À TALA LATERAL E MODELO DE FISIOTERAPIA EXTENSORA NO TRATAMENTO DE FRATURA COMINUTIVA DE TÍBIA EM POTRO – RELATO DE CASO..... 165

DANIELA SCANTAMBURLO DENADAI*1; ANA PAULA PRADO ANTUNES FARIA1; RAYMIS BRUNO ROSA MOURA1; LINA MARIA WEHRLE GOMIDE1; FRANCISCO LEYDSON FORMIGA FEITOSA1; LUIZ CLAUDIO NOGUEIRA MENDES1; FLAVIA DE ALMEIDA LUCAS1; JULIANA REGINA PEIRO1
1.UNESP - FMVA, ARACATUBA, SP, BRASIL.

137. CALCIFICAÇÃO DISTRÓFICA E JEJUNITE ATRÓFICA EM EQUINO: RELATO DE CASO..... 166

ALICE RIBEIRO DE ÁVILA*1; JULIANA DE MOURA ALONSO1; EMANUEL VITOR APOLONIO1; MARIANA LOPES DA CONCEIÇAO1; NOEME SOUSA ROCHA1; MARCOS JUN WATANABE1; ANA LIZ GARCIA ALVES1; CELSO ANTÔNIO RODRIGUES1; CARLOS ALBERTO HUSSNI1
1.UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

138. CALCIFICAÇÃO DISTRÓFICA EXUBERANTE NO LIGAMENTO SESAMOIDEO OBLÍQUO- RELATO DE CASO..... 167

LUIS CLÁUDIO LOPES CORREIA DA SILVA*1; MARILIA FERRARI MARSIGLIA1; ANA LÚCIA MILUZZI YAMADA1; MARCELO PINHEIRO2; STEFANO CARLO FILLIPO HAGEN1; MARIA RAQUEL BELLOMO AGRELO RUIVO1; CARLA BARGI BELLI1
1.FMVZ USP, SAO PAULO, SP, BRASIL; 2.AUTÔNOMO, SAO PAULO, SP, BRASIL.

139. CALCINOSE CIRCUNSCRITA NA FACE DORSAL DA ARTICULAÇÃO DO CARPO: RELATO DE CASO..... 168

JÉSSICA CAROLINE ALVES*1; DANILO BUSO NEGRO1; TAIS TELES GOMES1; MATHEUS FAVARO1; MARIANA APARECIDA DE ALENCAR JERONYMO SIMÃO PEREIRA2; DIOGO GAUBEUR DE CAMARGO1; ARTHUR ARAUJO CHAVES1
1.CENTRO UNIVERSITÁRIO CATÓLICO SALESIANO AUXILIUM - UNISALESIANO, ARAÇATUBA, SP, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (UNESP), FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA, ARAÇATUBA, SP, BRASIL.

140. CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS EM PREPÚCIO EQUINO..... 169

JULIANA SILVA OLIVEIRA*1; MARCO AUGUSTO GIANNOCCARO DA SILVA1; TIAGO BARBALHO LIMA1; RODOLFO LUIS DE SOUSA FERREIRA1; LETÍCIA OLIVEIRA ALENCAR1; HAIANE ARRUDA LUZ AMORIM1; ANA PAULA COELHO RIBEIRO1; KATYANE DE SOUSA ALMEIDA1; ALESSANDRO RODRIGUES DA SILVA1; RAFAEL ROMEU FERREIRA DINIZ1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS, ARAGUAINA, TO, BRASIL.

141. CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS EM VULVA DE ÉGUA: RELATO DE CASO..... 170

BARBARA SOARES CALIXTO OLIVEIRA*1; WALTER HENRIQUE CRUZ PEQUENO1; JHONY CARLOS FREIRES DA SILVA1; VICTÓRIA RIBEIRO FABIÃO1; IGOR MARIZ DANTAS1; FRANCISCA MARIA SOUSA BARBOSA1; ISABELLA DE OLIVEIRA BARROS1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, AREIA, PB, BRASIL.

142. CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS OCULAR COM INVASÃO PARA SISTEMA NERVOSO EM UM EQUINO – RELATO DE CASO..... 171

RODRIGO TAVARES NIEMAN*1; FERNANDA EMILIANO TONINI1; JULIANA SANTOS PEREIRA1; MARCELO CONTIERI BITTENCOURT1; TIAGO MARCELO OLIVEIRA1; ANA PAULA LOPES DE MORAES1; PAULO RICARDO DOMINGUES REVIGLIO1
1.UNIVERSIDADE ANHANGUERA DE SÃO PAULO, SÃO BERNARDO DO CAMPO, SP, BRASIL.

143. CESARIANA EM PÔNEI: RELATO DE CASO..... 171

BEATRIZ FLÁVIA MARIANO*1; JOÃO MORELLI JUNIOR2; IGOR AUGUSTO ANDRETA PAIOLA2; BRUNO FORNITANO CHOLFE2; HALIM ATIQUE NETTO2; SUELLEN MIGUEZ GONZÁLEZ2
1.CENTRO UNIVERSITÁRIO DE RIO PRETO- UNIRP, SAO JOSE DO RIO PRETO, SP, BRASIL; 2.CENTRO UNIVERSITARIO DE RIO PRETO UNIRP, SÃO JOSÉ DO RIO PRETO, SP, BRASIL.

144. CICATRIZAÇÃO POR PRIMEIRA INTENÇÃO EM FERIDA SUJA-CONTAMINADA..... 172

RODRIGO TAVARES NIEMAN*1; TIAGO MARCELO OLIVEIRA1; GABRIELA SIBALDO DINIZ1; AYRTON RODRIGO HILGERT1; PAULO RICARDO DOMINGUES REVIGLIO1; PAULO MOREIRA BOGOSSIAN1
1.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SAO BERNARDO DO CAMPO, SP, BRASIL.

145. CISTO DE CORPO ULTIMOBRANQUIAL EM EQUINO NO BRASIL..... 173

ANDERSON FERNANDO SOUZA*1; MARIA EDUARDA MOREIRA VOLPATO1; LUCIANA NEVES TORRES1; STEFANO CARLO FILLIPO HAGEN1; RAQUEL YVONNE ARANTES BACCARIN1; LUIS CLÁUDIO LOPES CORREIA DA SILVA1
1.FMVZ/USP, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

146. CLAUDICAÇÃO COMO SINAL CLÍNICO DE ABSCESSO RETROPERITONEAL EM EQUINO..... 174

TAINÁ CAROLINE BELETTI VALENTE SILVA*1; LUANA DE CARVALHO PADUA1; SAMUEL DOS SANTOS SOUSA1; DANIELA JUNQUEIRA DE QUEIROZ1
1.CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ, RIBEIRÃO PRETO, SP, BRASIL.

147. COMPLICAÇÃO PÓS OSTEOSSÍNTESE DE TERCEIRO OSSO METACARPIANO EM UM CAVALO ADULTO: RELATO DE CASO 175

LEANDRO KEITI HAYASHI*1; PAOLO NEANDRO BONA SOARES1; MARISA MARTIRE PELLEGRINI1; THAMYRES SANTOS SILVA1; CAMILA MOURA DA

SILVA1; FÁBIO MIGUÉIS CORRÊA1; RAFAEL MAGDANELO LEANDRO1; PAULA ZAGATO URBANI1
1.UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI, SAO PAULO, SP, BRASIL.

148. CORREÇÃO DE ENCARCERAMENTO NEFROESPLÊNICO EM EQUINO ATRAVÉS DA TÉCNICA DE ROLAMENTO – RELATO DE CASO 176

TAYNA ROSENDO*1; RAISSA SANTOS ROSADO1; DANIELA SCANTAMBURLO DENADAI1; STÈFFANY OLIVEIRA BARBOSA1; ANA PAULA PRADO ANTUNES FARIA1; RAYMIS BRUNO ROSA MOURA1; FLAVIA DE ALMEIDA LUCAS1; JULIANA REGINA PEIRO1; LUIZ CLAUDIO NOGUEIRA MENDES1
1.UNESP-FMVA, ARAÇATUBA, SP, BRASIL.

149. CÓLICA POR COMPACTAÇÃO EM CONSEQUÊNCIA DA INTOXICAÇÃO POR AMITRAZ: RELATO DE CASO 177

AMANDA PILETTI*1; NAUANY AGUILAR QUELHO BONFIM2; ANA CLAUDIA DOS SANTOS OLIVEIRA3; BEATRIZ RAMOS BERTOZZO1; RAFAELA MARTINS DE SOUZA1; JOSÉ HENRIQUE SARAIVA BORGES1
1.PRONTO EQUUS, DOURADOS, MS, BRASIL; 2.UCDB, CAMPO GRANDE, MS, BRASIL; 3.UNIDERP, CAMPO GRANDE, MS, BRASIL.

150. DESENVOLVIMENTO E TRATAMENTO DE LAMINITE POR SOBRECARCA DE PESO EM EQUINO OBESO COM ARTRITE SÉPTICA DO TARSO 178

LETICIA OLIVEIRA COTA*1; BRUNO DONDONI DONDONI MALACARNE1; CAHUE FRANCISCO ROSA PAZ1; ARMANDO DE MATTOS CARVALHO1; ANDRESSA BATISTA DA SILVEIRA1; RAFAEL RESENDE FALEIROS1
1.UNIVERCIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL.

151. DIAGNÓSTICO CLÍNICO E ULTRASSONOGRÁFICO DE LESÃO TRAUMÁTICA DE NERVO ISQUIÁTICO EM EQUINO..... 179

BRUNNA PATRÍCIA ALMEIDA DA FONSECA*1; LUIZA MITOZO BARRETO DE LIMA2; MARIO HENRIQUE MAGALHÃES SANTELLI MAIA2; SAMUEL PEREIRA SIMONATO1
1.UFV, VICOSA, MG, BRASIL; 2.AUTÔNOMO, TERESÓPOLIS, MG, BRASIL.

152. DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO DE PIOMETRA EM ÉGUA – RELATO DE CASO..... 180

MARIANA LEMOS NAGIB JORGE*1; CRISTIANO SILVA BOUÉRES1; MARIANA LUIZA MEZZENA GOBATO1; RAMONA BASTOS BERNARDO1; MARINA ANDRADE CYRINO1; ANTONIO FERNANDO LEIS FILHO1; SIDNEI NUNES DE OLIVEIRA1; JULIANA DE MOURA ALONSO1; NEREU CARLOS PRESTES1
1.FMVZ - UNESP, CÂMPUS DE BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

153. DISFUNÇÃO DO PARS INTERMEDIA DA PITUITÁRIA EM EQUINO DA RAÇA CRIOULA – RELATO DE CASO..... 180

FERNANDA C.C SANTOS*1; CANDIDA MALDANER ROMERO TISOT2; NATÁLIA PICOLI FOLCHINI2; HENRIQUE RAMOS OLIVEIRA2; GABRIELA VICENSI COSTA2; LAYS WOUTERS UGOLINI2; CARLOS BONDAN2; LEONARDO MOTTA FORNARI2; LEONARDO PORTO ALVES2
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA, DISTRITO DE MONTE CRISTO BOA VISTA, RR, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO, PASSO FUNDO, RS, BRASIL.

154. EDEMA ÓSSEO NA SEGUNDA FALANGE EM UM EQUINO DIAGNÓSTICADO ATRAVÉS DO USO DA RESSONÂNCIA MAGNÉTICA-RELATO DE CASO 181

DANIEL GUSTAVO SCHAEDLER*1; VINICIUS VASCONCELLOS DA CRUZ GONÇALO1; BRUNA PATRICIA SIQUEIRA RAIMUNDO1; JULIO CESAR PAGANELA1; CARLOS EDUARDO MARTINS VEIGA1
1.HORSE CENTER, RIO DE JANEIRO, RJ, BRASIL.

155. EFEITOS DA ADMINISTRAÇÃO DO PSYLLIUM NA TAXA DE ELIMINAÇÃO DA AREIA EM EQUINO ACOMETIDO POR SABLOSE..... 182

FERNANDA DE PAULA SCHMITT*1; FERNANDA DE ARAÚJO LIMA SOUSA1; CAROLINA SOARES ESPER1; ALICE RIBEIRO DE ÁVILA1; GABRIEL BARBOSA DE MELO NETO1; PEDRO HENRIQUE LEONEL FERREIRA1; EMANUEL VITOR APOLONIO1; CARLOS ALBERTO HUSSNI1; ANA LIZ GARCIA ALVES1; MARCOS JUN WATANABE1; CELSO ANTÔNIO RODRIGUES1; JULIANA DE MOURA ALONSO1
1.UNESP BOTUCATU, SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, SP, BRASIL.

156. EMPREGO DO PLASMA RICO EM PLAQUETAS ASSOCIADO AO CREME DE BASE NEUTRA NA CICATRIZAÇÃO DE FERIDA EM EQUINO..... 183

THAIS AKELLI SANCHEZ KOVACS*1; ISABELLE SMANIOTTO COMPAGNONI1; GABRIELA SCHUAB MOREIRA1; MARIA PAULA ZERBINATTI BINI1; ISABELA CARDOSO FONSECA VIEIRA1; MAX GIMENEZ RIBEIRO1
1.UEM, UMUARAMA, PR, BRASIL.

157. ENCARCERAMENTO DE JEJUNO POR BANDA MESODIVERTICULAR SEGUIDA POR DESLOCAMENTO DE CÓLON A DIREITA -RELATO DE CASO..... 184

MILENA DOMINGUES LACERENZA*1
1.USP-FZEA, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL.

158. ENCARCERAMENTO GASTROESPLÊNICO EM EQUINO: RELATO DE CASO 185

MARISA MARTIRE PELLEGRINI*1; PAOLO NEANDRO BONA SOARES1; FERNANDA ROMERO NAVAS1; THAMYRES SANTOS SILVA1; CAMILA MOURA DA SILVA1; AYMARA EDUARDA DE LIMA1; NEIMAR VANDERLEI RONCATI1; ANGELICA TRAZZI BENTO DE MORAES1

1.UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI, SAO PAULO, SP, BRASIL.

159. ENTEROTOMIA EM CÓLON DORSAL DIREITO PARA A DESOBSTRUÇÃO DE CÓLON TRAVERSO EM ÉGUA..... 186

FREDERICO ROCHA DE OLIVEIRA*1; THAIQUE IGOR BASTIANINI1; JOÃO CARLOS RIBEIRO1; LUCAS DE FREITAS PEREIRA1; VITOR FORONI CASAS1
1.UNIVERSIDADE DE FRANCA, FRANCA, SP, BRASIL.

160. EPIDIDIMITE E ORQUITE SECUNDÁRIAS À VESICULITE SEMINAL POR PSEUDOMONAS FLUORESCENS EM GARANHÃO: RELATO DE CASO..... 187

VERÔNICA FLORES DA CUNHA SCHEEREN*1; ERIKY AKIO TONGU1; THAÍS MENDES SANCHES CAVALERO1; MARIANA LUIZA MEZZENA GOBATO1; RAFAEL DOS SANTOS BANDEIRA1; FERNANDO P LISBOA1; PATRICIA M PAPA1; LUCAS EMANUEL FERREIRA CANUTO1; LUCAS TRONCARELLI RODRIGUES1; FREDERICO OZANAM PAPA1
1.FMVZ - UNESP - BOTUCATU/SP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

161. ESOFAGOSTOMIA EM EQUINO EM ESTAÇÃO - RELATO DE CASO 188

FERNANDA DE ALMEIDA TEIXEIRA*1; ANDERSON LUIZ ARAUJO2; GUSTAVO LUIZ ADAM3; KISSYLA DIAS BARCELOS1; KARINA DE AMORIM VIANA1; DHIENIFER OTT BARCELOS1
1.ESFA, SANTA TERESA, ES, BRASIL; 2.UFBA, SALVADOR, BA, BRASIL; 3.AUTÔNOMO, VITÓRIA, ES, BRASIL.

162. ESTENOSE PULMONAR EM POTRO NEONATO: RELATO DE CASO..... 189

ANA LUÍSA HOLANDA DE ALBUQUERQUE*1; AMANDA SARITA CRUZ1; SIMONE BIAGIO CHIACCHIO1; MARIA LÚCIA GOMES LOURENÇO1; ALEXANDRE SECORUN BORGES1; RAISSA KAROLLINY SALGUEIRO CRUZ1; NOEME SOUSA ROCHA1; CAIO FERNANDO MONTEIRO GIMENEZ1; HELENA MARIA KIEL FRANCISCO PETILLO1
1.UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

163. ESTUDO DA RETENÇÃO DE MECÔNIO POR ESTREITAMENTO DE PELVE EM POTRO MACHO DA RAÇA AMERICAN TROTTER – RELATO DE CASO 190

SAMANTHA CRISTINA LUCCA*1; NATHÁLIA CORNÉLIO ALBINATI1; RENAN GRIGOLETTO1; AMANDA RIBEIRO1; LUCIANO HENRIQUE TONON1

164. EVOLUÇÃO CLÍNICA DE PROLAPSO RETAL EM EQUINO: RELATO DE CASO 191

FERNANDA AUGUSTA DE OLIVEIRA SILVA*1; BRENDA MATOS FERNANDES1; KAMILA PINHEIRO PAIM1; FRANCISCO CLAUDIO DANTAS MOTA1; DIEGO JOSE ZANZARINI DELFIOL1; GEISON MOREL NOGUEIRA1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, UBERLANDIA, MG, BRASIL.

165. EXÉRESE DE TECIDO ABDOMINAL EXUBERANTE PROVOCADO POR PITIOSE EM EQUINO: RELATO DE CASO..... 192

EWERTON SOUZA LIMA*1; IGOR MARIZ DANTAS1; LUCAS TEIXEIRA SILVA1; RUY BRAYNER DE OLIVEIRA FILHO1; MAURÍLIO KENNEDY FEITOSA SOARES1; MARIA CARMO SALES DA SILVA1; ISABELLA DE OLIVEIRA BARROS1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, AREIA, PB, BRASIL.

166. FERIDA IATROGÊNICA CAUSADA POR INJEÇÃO INTRAMUSCULAR DE MELOXICAN..... 192

OSMAR DIAS FERRAZ JUNIOR*1; DANILO MANZINI MACEDO1; SAMUEL PEREIRA SIMONATO1; BRUNNA PATRÍCIA ALMEIDA DA FONSECA1
1.UFV, VICOSA, MG, BRASIL.

167. FERIDA LACERANTE E ENFISEMA SUBCUTÂNEO DIFUSO EM EQUINO..... 193

GUILHERME BARBOSA COSTA*1; BRUNA NONATO CARRIJO2; GABRIELA BEHAMDUNI MARMOL2; VITOR FORONI CASAS2
1.CLINICA E CIRURGIA DE EQUINOS DE FRANCA, FRANCA, SP, BRASIL; 2.UNIFRAN - UNIVERSIDADE DE FRANCA, FRANCA, SP, BRASIL.

168. FIXADOR EXTERNO TIPO II NA CORREÇÃO DE FRATURA DE RÁDIO EM EQUINO – RELATO DE CASO 194

JULIA DE ASSIS ARANTES*1; GUSTAVO MORANDINI REGINATO1; MARIANA SACHI INVERNIZZI1; BIANCA MOUTINHO GRIZENDI1; BRUNA BODINI ALONSO1; GONÇALO DA ROCHA MORONA1; SILVIO HENRIQUE DE FREITAS1; RENATA GEBARA SAMPAIO DÓRIA1; MARIA CRISTINA FERRARINI N. SOARES HAGE1
1.FZEA/USP, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL.

169. FRATURA NA ESPINHA DA ESCÁPULA DECORRENTE DE TRAUMA EM EQUINO: RELATO DE CASO..... 195

MARISA MARTIRE PELLEGRINI*1; PAOLO NEANDRO BONA SOARES1; AYMARA EDUARDA DE LIMA1; THAMYRES SANTOS SILVA1; CAMILA MOURA DA SILVA1; IGOR QUIRICO1
1.UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI, SAO PAULO, SP, BRASIL.

170. FUNICULITE EM EQUINO DECORRENTE DE ORQUIECTOMIA PROCEDIDA POR CAUTERIZAÇÃO..... 196

EDUARDO HIDEKI YIDA*1; JOÃO MORELLI JUNIOR1; IGOR AUGUSTO ANDRETA PAIOLA1; BRUNO FORNITANO CHOLFE1; HALIM ATIQUE NETTO1; SUELLEN MIGUEZ GONZÁLEZ1
1.UNIRP - CENTRO UNIVERSITÁRIO DE RIO PRETO, SÃO JOSÉ DO RIO PRETO, SP, BRASIL.

171. FÍSTULA ENTEROCUTÂNEA EM EQUINO: RELATO DE CASO..... 197

ROBERTA PEREIRA SIQUEIRA E SILVA*1; MÔNICA ARRIVABENE ARRIVABENE1; BRUNA DA SILVA ROCHA RODRIGUES1; MARCELO RODRIGUES CAMPOS1; TANIA VASCONCELOS CAVALCANTE1; TATIANE NOVAES DA COSTA1; PABLO MARTINS VELOSO DE SOUSA1; DANIEL CELESTINO DE SOUSA1; CAMILA ARRIVABENE NEVES1
1.UFPI, TERESINA, PI, BRASIL.

172. GLOSSECTOMIA PARCIAL DECORRENTE DE LACERAÇÃO TRAUMÁTICA DE LÍNGUA – RELATO DE CASO..... 198

CAMILA GUIMARÃES MEZHER*1; CAMILA MOURA DA SILVA1; PAOLO NEANDRO BONA SOARES1; AYMARA EDUARDA DE LIMA1; MARILIA NUNES CARDOSO1; THAYNA KIKUCHI MONTEIRO1; JOSE JOFFRE MARTINS BAYEUX2
1.UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI, SAO PAULO, SP, BRASIL; 2.MÉDICO VETERINÁRIO AUTÔNOMO, SAO PAULO, SP, BRASIL.

173. HEMATOMA ETMOIDAL COM EXOFTALMIA DE OLHO DIREITO E FÍSTULA EM SEIO FRONTAL DE EQUINO: RELATO DE CASO..... 199

THAMIRES SHIZUE PANASSOL*1; GABRIELA SANTO ANDRÉ1; GUILHERME SILVA GODOI1; MAX SANTANA GONZAGA1; MICHELLE ALVARES VIANNA DE OLIVEIRA1; YASMIN NAJM BORTOLETTO1; RODRIGO ROMERO CORRÊA2; MAURICIO JOSE BITTAR3; RENATA GEBARA SAMPAIO DÓRIA1
1.FZEA USP, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL; 2.FMVZ USP, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL; 3.BITTARVET ODONTOLOGIA EQUINA, RIO CLARO, SP, BRASIL.

174. HÉRNIA DIAFRAGMÁTICA EM EQUINO ADULTO: RELATO DE CASO..... 200

NATALIA TELLES SCHMIDT*1; LUZILENE ARAUJO SOUZA2; SIGISMUNDO FASSBENDER REZENDE JUNIOR1; MARTA CRISTINA CAÇÃO3; PEDRO VIANNA CALDAS3; GABRIEL LUIS PACCOLA3; RAFAEL AUGUSTO PACCOLA3; LAIS LAGROTTA GARCIA4; MARINA RAMOS OLIVEIRA5
1.GUABI, CAMPINAS, SP, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO, RECIFE, PE, BRASIL; 3.EQUICENTER HOSPITAL VETERINÁRIO 24 HORAS, TATUÍ, SP, BRASIL; 4.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 5.MARKOVET, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

175. HÉRNIA DIAFRAGMÁTICA IDIOPÁTICA DIAGNOSTICADA POR LAPAROTOMIA EXPLORATÓRIA EM UM CAVALO COM SÍNDROME CÓLICA: RELATO DE CASO..... 200

THAÍS REGINA LEMFERS*1; MARIANA COCCO2; JÉSSICA RODRIGUES SILVA2; ANNY RAISSA CAROLINI GOMES2; FLÁVIA DO PRADO AUGUSTO AMARO2; ANDRESSA DUARTE LORGA2; PETERSON TRICHES DORNBUSCH2
1.IFC, ARAQUARI, SC, BRASIL; 2.UFPR, CURITIBA, PR, BRASIL.

176. HÉRNIA DIAFRAGMÁTICA TRAUMÁTICA SEGUIDA DE EVISCERAÇÃO EM EQUINO – RELATO DE CASO..... 201

IZABELA DE ASSIS ROCHA*1; JÉSSICA GUERRA OLIVEIRA1; TÂMILES NAIARA DOS SANTOS BISPO1; LUÍS HENRIQUE GOUVÊA SARAIVA1; ANA PAULA REZENDE SILVA1; ROBERTO MAURÍCIO CARVALHO GUEDES1; RAFFAELLA B. C. TEIXEIRA1; MARISTELA SILVEIRA PALHARES1; RENATA DE PINO ALBUQUERQUE MARANHÃO1
1.UFMG, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL.

177. IMOBILIZAÇÃO COM ELEVAÇÃO DE TALÃO E USO DE FERRADURA COM APOIO DE BOLETO NO TRATAMENTO DE RUPTURA DOS TENDÕES FLEXORES E LIGAMENTO SUSPENDOR DO BOLETO NO MEMBRO POSTERIOR DIREITO DE UM EQUINO..... 202

LETICIA OLIVEIRA COTA*1; BRUNO DONDONI DONDONI MALACARNE1; CAMILLA FERREIRA RODRIGUES SILVA1; ARMANDO DE MATTOS CARVALHO1; ANDRESSA BATISTA DA SILVEIRA1; RAFAEL RESENDE FALEIROS1
1.ESCOLA DE VETERINARIA - UFMG, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL.

178. INDUÇÃO FARMACOLÓGICA DA EJACULAÇÃO E CRIOPRESERVAÇÃO DO SÊMEN DE GARANHÃO PENECTOMIZADO DEVIDO A CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS - RELATO DE CASO..... 203

THAÍS MENDES SANCHES CAVALERO*1; LUCAS EMANUEL FERREIRA CANUTO1; LUCAS TRONCARELLI RODRIGUES1; VERÔNICA FLORES DA CUNHA SCHEEREN1; FREDERICO OZANAM PAPA1
1.UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

179. INSUFICIÊNCIA AÓRTICA E PULMONAR EM EQUINO QUARTO DE MILHA – RELATO DE CASO..... 204

PEDRO NEGRI BERNADINO*1; ROGÉRIO MARTINS AMORIM1; JOSE PAES DE OLIVEIRA-FILHO1; SIMONE BIAGIO CHIACCHIO1; MARIA LÚCIA GOMES LOURENÇO1; AMANDA SARITA CRUZ1; JULIANA ALMEIDA NOGUEIRA DA GAMA1; ALEXANDRE SECORUN BORGES1
1.UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

180. INTOXICAÇÃO POR ACETURATO DE DIMINAZENO EM POTRO: RELATO DE CASO..... 204

ALINE MAYARA SILVA DE LIMA*1; JARBIANE GOMES DE OLIVEIRA1; MAYNARA KALYA FERREIRA LIMA1; ANDREZZA CAROLINE ARAGÃO DA SILVA1; LUAN LUTHZEMBERG FERREIRA DE ANDRADE1; KARINA PESSOA OLIVEIRA1; MARCIA KIKUYO NOTOMI1; ANNELISE CASTANHA BARRETO TENORIO NUNES1; MÔNICA ARRIVABENE ARRIVABENE2; PIERRE BARNABÉ ESCODRO1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, VIÇOSA, AL, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, TERESINA, PI, BRASIL.

181. INTUSSUSCEPÇÃO JEJUNO-JEJUNAL: RELATO DE CASO..... 205

HELOÁ KAROLINE MOURA*1; MARTA JULIANE GASPARINI1; LEONARDO JORGE1; GABRIELA DE OLIVEIRA DERITTI1; MAYARA LAZARIN1; VICTOR SESNIK STORTE1; MAURÍCIO MENDES1; LUIS FERNANDO OLIVEIRA SOUZA1; HIGOR COLEONE1; PEDRO HENRIQUE DE CARVALHO1
1.UNOPAR, ARAPONGAS, PR, BRASIL.

182. LAPAROTOMIA EM ESTAÇÃO PARA CORREÇÃO DE ENCARCERAMENTO INGUINO-ESCROTAL EM UM GARANHÃO – RELATO DE CASO..... 206

CAMILA GUIMARÃES MEZHER*1; PAOLO NEANDRO BONA SOARES1; MARISA MARTIRE PELLEGRINI1; AYMARA EDUARDA DE LIMA1; CAMILA MOURA DA SILVA1; THAMYRES SANTOS SILVA1; NEIMAR VANDERLEI RONCATI1; GIANCARLO BONAGURA1; ANGELICA TRAZZI BENTO DE MORAES1
1.UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI, SAO PAULO, SP, BRASIL.

183. LIPEMIA INDUZIDA POR DIETA HIPERCALÓRICA CONSEQUENTE A HUMANIZAÇÃO EM EQUINO: RELATO DE CASO 207

RODRIGO PEREIRA*1; FILIPE CAMARGO DE OLIVEIRA1; MARINA PAULA SAPUCAIA FRAGA1; CECÍLIA BRAGA LAPOSY SANTAREM1; PAULO IZIQUE GOIOZO1; CAMILA ANGELA BERNARDI1; ROGÉRIO GIUFFRIDA1; MIRIAN RODRIGUES1
1.UNOESTE, PRESIDENTE PRUDENTE, SP, BRASIL.

184. MANUTENÇÃO ANESTÉSICA DURANTE LAPAROTOMIA EXPLORATÓRIA EM ÉGUA GESTANTE: RELATO DE CASO..... 208

LAIS LAGROTTA GARCIA*1; NATALIA TELLES SCHMIDT2; RODRIGO TAVARES NIEMAN3
1.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SAO PAULO, SP, BRASIL; 2.GUABI NUNTRIÇÃO DE SAÚDE ANIMAL, CAMPINAS, SP, BRASIL; 3.JOCKEY CLUB DE SÃO PAULO, SAO PAULO, SP, BRASIL.

185. MASTITE CLÍNICA EM ÉGUA: RELATO DE CASO 209

CAMILA BIANCONI*1; SAULO BARACAT VILLELA1; FABIANI ODORIZZI2; MURILLO ORMIERES3; FLÁVIA VIEIRA DE FREITAS1; ALEXANDRE AUGUSTO DE OLIVEIRA GOBESSO1
1.FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA USP/FMVZ, IRACEMAPOLIS, SP, BRASIL; 2.INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE CAMPUS ARAQUARI, ARAQUARI, SC, BRASIL; 3.UNIFIAN, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL.

186. MELANOMA EM PAREDE VENTRAL DO ABDOME EM EQUINO DE SALTO – RELATO DE CASO..... 210

MARISTELA DE CASSIA SEUDO LOPES*1; MARIANA DE EQUIROZ SAMPAIO1; RENAN OIVEIRA SERRA DO CONI1; CAROLINE ARAÚJO DA SILVA1; CLARISSE SIMÕES COELHO1; ANDRESSA SANTANA DE NOVAIS1; ANDERSON LUIZ ARAUJO1; LUCAS COSTA E SILVA1; VICTORIA MATOS GARCIA1; CAIO VINICIUS GANCALVES TEIXEIRA1; CAIO DE ALMEIDA SOUZA SEIXAS1; LARA NUNES SOUSA1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, SALVADOR, BA, BRASIL.

187. MENINGOENCEFALITE DECORRENTE DE SINUSITE EM POTRO COM SEPSE NEONATAL 211

DANIELA JUNQUEIRA DE QUEIROZ*1; ADRIANA COELHO DE SOUZA1; KETHERSON RODRIGUES SILVA1; HENRIQUE SILVEIRA DIAS FERREIRA1; BRUNO SOARES SALVADOR1; GABRIELA BONELA DANTAS LEITE1; SAMUEL DOS SANTOS SOUSA1
1.CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ, RIBEIRÃO PRETO, SP, BRASIL.

188. METAHEMOGLOBINEMIA EM CAVALO PURO SANGUE ÁRABE..... 212

JOICE FÜLBER*1; SOFIA CICOLO SILVA1; VIVIAN FRATTI PENNA RISPOLI1; CYNTHIA DO PRADO VENDRUSCULO1; ÂNGELA PERRONE BARBOSA1; VAGNER GONÇALVES1; HELENICE DE SOUZA SPINOSA1; CLÁUDIA MOMO1; RAQUEL YVONNE ARANTES BACCARIN1; CARLA BARGI BELLI1
1.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SAO PAULO, SP, BRASIL.

189. MORTE SÚBITA POR RUPTURA IDIOPÁTICA DE GRANDE VASO EM EQUINO – RELATO DE CASO 212

IZABELA DE ASSIS ROCHA*1; JÉSSICA GUERRA OLIVEIRA1; TATIANA CARVALHO CASTRO1; SÓSTENES APOLO CORREIA MARCELINO1; BARBARA LUIZI LAGE MENDES1; ROSELENE ECCO1; RAFFAELLA B. C. TEIXEIRA1; MARISTELA SILVEIRA PALHARES1; RENATA DE PINO ALBUQUERQUE MARANHÃO1..... 213

1.UFMG, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL.

190. MÉTODOS ALTERNATIVOS PARA COLETA DE SÊMEN EM GARANHÃO COM TUMOR DE CÉLULAS ESCAMOSAS EM PÊNIS 213

LUCAS EMANUEL FERREIRA CANUTO*1; THAÍS MENDES SANCHES CAVALERO1; FREDERICO OZANAM PAPA1; LUCAS TRONCARELLI RODRIGUES1; VERÔNICA FLORES DA CUNHA SCHEEREN1; LUCAS SANTIAGO GOMES BRASILEIRO1
1.FMVZ-UNESP/ CÂMPUS BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

191. OBSTRUÇÃO DA VEIA SAFENA EM EQUINO POR TROMBO VENOSO ASSOCIADO A LINFOMA EXTRA NODAL SOLITÁRIO - RELATO DE CASO..... 214

RENATA FARINELLI DE SIQUEIRA*1; NATHÁLIA DE MATOS SOUSA CORDEIRO1; CAMILA FREITAS BATISTA1; EDUARDO FERNANDES BONDAN1
1.UNIVERSIDADE CRUZEIRO DO SUL, SAO PAULO, SP, BRASIL.

192. OCLUSÃO PERMANENTE DE FÍSTULA ORONASAL COM IMPLANTE DE METILMETACRILATO: RELATO DE CASO..... 215

MURILLO MARTINEZ MATHEUS*1; NATALIA OLIVEIRA1; FERNANDO MOSQUERA MOSQUERA JARAMILLO1; JOSÉ CARLOS GUILARDI PACHECO1; MAURICIO JOSE BITTAR2; DANIEL HOFMAN GOLCMAN3; RODRIGO ROMERO CORRÊA1
1.CENTRO DE APOIO AO ENSINO E PESQUISA FMVZ USP, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL; 2.MÉDICO VETERINÁRIO AUTÔNOMO, RIO CLARO, SP, BRASIL; 3.CAVALARIA DA POLICIA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

193. OSTEOARTRITE BILATERAL EM ARTICULAÇÃO FÊMORO-TÍBIO-PATELAR DE EQUINO: RELATO DE CASO 216

EWERTON SOUZA LIMA*1; JEFFERSON DIEGO FABRÍCIO DA COSTA1; LAVÍNIA SOARES SOUSA1; WALTER HENRIQUE CRUZ PEQUENO1; TELMA SOUSA LIMA1; LUDMYLLA LOURDES SANTOS PEREIRA1; ISABELLA DE OLIVEIRA BARROS1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, AREIA, PB, BRASIL.

194. OSTEODISTROFIA FIBROSA ATÍPICA EM UMA ÉGUA LACTANTE: RELATO DE CASO 217

ANDREZZA CAROLINE ARAGÃO DA SILVA*1; DIEGO NUNES GUIMARÃES2; FABRÍCIO J. O. CAMPOS2; ALINE MAYARA SILVA DE LIMA1; RACHEL LINVGSTONE F.S. DE ANDRADE3; ANNELISE CASTANHA BARRETO TENORIO NUNES1; ANAEMILIA DAS NEVES DINIZ1; MARCIA KIKUYO NOTOMI1; JARBIANE GOMES DE OLIVEIRA1; PIERRE BARNABÉ ESCODRO1; LUAN LUTHZEMBERG FERREIRA DE ANDRADE1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, VIÇOSA, AL, BRASIL; 2.MEDICO VETERINARIO AUTONOMO, VIÇOSA, AL, BRASIL; 3.FACULDADE PIO DÉCIMO, ARACAJU, SE, BRASIL.

195. OSTEOMIELITE ASSOCIADA A ABSCESSO PERIARTICULAR EM PATELA DE EQUINO: RELATO DE CASO 218

LÍVIA MATOS ALBUQUERQUE DE ANDRADE*1; AMABILE ARRUDA DE SOUZA E SILVA1; MARCELO LAURENTINO DOS SANTOS JÚNIOR1; WALTER HENRIQUE CRUZ PEQUENO1; IGOR RICELLI MORAIS FERNANDES1; IGOR MARIZ DANTAS1; KARLA CAMPOS MALTA1; ISABELLA DE OLIVEIRA BARROS1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, AREIA, PB, BRASIL.

196. OSTEOMIELITE DAS VÉRTEBRAS CERVICAIS EM POTRO: RELATO DE CASO 219

ALINE MATOS CURVELO BARROS1; SOFIA CICOLO SILVA2; LUCAS FERREIRA COLLI BADINI3; WILSON ROBERTO FERNANDES4; STEFANO CARLO FILLIPO HAGEN5; CARLA APARECIDA BATISTA LORIGADOS6; THAIS AMANDA BISSON7; LUCIANA NEVES TORRES8; CAIO CEZAR FERRARO3; RENATO RAMIL ZAFONATTO3; NICOLE FIDALGO PARETSIS9; RODRIGO ROMERO CORRÊA10
1.MESTRANDA DO PROGRAMA DE CLÍNICA CIRÚRGICA VETERINÁRIA DA FMVZ – USP, SAO PAULO, SP, BRASIL; 2.MÉDICA VETERINÁRIA RESIDENTE DO HOSPITAL VETERINÁRIO DA FMVZ-USP, SAO PAULO, SP, BRASIL; 3.MÉDICO VETERINÁRIO AUTÔNOMO, SAO PAULO, SP, BRASIL; 4.PROFESSOR DOUTOR DA CLÍNICA MÉDICA DE EQUINOS DO HOVET DA FMVZ – USP, SAO PAULO, SP, BRASIL; 5.PROFESSOR DOUTOR DO SERVIÇO DE DIAGNÓSTICO POR IMAGEM DA FMVZ – USP, SAO PAULO, SP, BRASIL; 6.PROFESSORA DOUTORA DO DEPARTAMENTO DE CIRURGIA DA FMVZ – USP, SAO PAULO, SP, BRASIL; 7.MESTRANDA DO PROGRAMA DE PATOLOGIA EXPERIMENTAL E COMPARADA DA FMVZ-USP, SAO PAULO, SP, BRASIL; 8.MÉDICA VETERINÁRIA DO SERVIÇO DE PATOLOGIA ANIMAL DA FMVZ-USP, SAO PAULO, SP, BRASIL; 9.DOUTORANDA DO PROGRAMA DE CLÍNICA CIRÚRGICA VETERINÁRIA DA FMVZ-USP E DOCENTE DA UNIVERSIDADE AN, SAO PAULO, SP, BRASIL; 10.PROFESSOR DOUTOR DA CIRURGIA DE GRANDES ANIMAIS DO HOVET DA FMVZ - USP, SAO PAULO, SP, BRASIL.

197. OSTEOSSÍNTESE DE 3º METACARPO EM NEONATO EQUINO: RELATO DE CASO 220

JOÃO LUIZ RIBEIRO DE MORAES NETO*1; IGOR MARIZ DANTAS1; WALTER HENRIQUE CRUZ PEQUENO1; PEDRO LUIZ SANDES DE LIMA1; ALANE PEREIRA ALVES1; THAÍS RIBEIRO FÉLIX1; RUY BRAYNER DE OLIVEIRA FILHO1; ISABELLA DE OLIVEIRA BARROS1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, AREIA, PB, BRASIL.

198. OSTEOSSÍNTESE DE FRATURA DO TIPO SLAB EM TERCEIRO CARPIANO EM EQUINO PURO SANGUE DE CORRIDA: RELATO DE CASO 221

DANIEL GUSTAVO SCHAEDLER*1; VINICIUS VASCONCELLOS DA CRUZ GONÇALO1; BRUNA PATRICIA SIQUEIRA RAIMUNDO1; AGILDO SHIRLAN DE ARAÚJO1; JULIO CESAR PAGANELA1; CARLOS EDUARDO MARTINS VEIGA1
1.HORSE CENTER, RIO DE JANEIRO, RJ, BRASIL.

199. OSTEOSSÍNTESE MINIMAMENTE INVASIVA COM PLACA BLOQUEADA NA REDUÇÃO DE FRATURA COMINUTIVA DE MAXILA - RELATO DE CASO 222

VANESSA ALBERINI*1; KARINA HUFENUSSLER LEIGUE1; GABRIEL WEILER1; IURY RIBEIRO DE PAULA1; PETERSON TRICHES DORNBUSCH2; MONALISA LUKASCEK CASTRO3
1.HOSPITAL VETERINÁRIO LUIS LEIGUE, GUARAMIRIM, SC, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, CURITIBA, PR, BRASIL; 3.FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU, BLUMENAU, SC, BRASIL.

200. PARAGANGLIOMA ORBITAL ASSOCIADO A SÍNDROME CÓLICA E CEREBRAL EM EQUINO – RELATO DE CASO 223

DANIELA SCANTAMBURLO DENADAI*1; RAYMIS BRUNO ROSA MOURA1; ANA PAULA PRADO ANTUNES FARIA1; MARIA FERNANDA DA SILVA MIRANDA1; DANIELA BERNADETE ROZZA1; MARIA CECÍLIA RUI LUVIZOTTO1; JULIANA REGINA PEIRO1; LUIZ CLAUDIO NOGUEIRA MENDES1; ALEXANDRE LIMA DE ANDRADE1; FLAVIA DE ALMEIDA LUCAS1
1.UNESP - FMVA, ARACATUBA, SP, BRASIL.

201. PARÂMETROS CLÍNICOS, HEMATOLÓGICOS E BIOQUÍMICOS DE POTRO DA RAÇA CAMPOLINA COM INSUFICIÊNCIA PLACENTÁRIA 224

MARCELA OLIVEIRA*1; GABRIEL FALLER ALMEIDA2; BIANCA CARVALHO DOS SANTOS ALBUQUERQUE1; WILLY GONÇALVES KLING1; JANKERLE BOELONI1; ALINE EMERIM PINNA3; GRAZIELA BARIONI1; CARLA BRAGA MARTINS1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPIRITO SANTO, ALEGRE, ES, BRASIL; 2.MÉDICO VETERINÁRIO AUTÔNOMO, CANTAGALO, RJ, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, NITERÓI, RJ, BRASIL.

202. PERICARDITE FIBRINOSA EM POTRO CAUSADA POR STREPTOCOCCUS EQUI – RELATO DE CASO 225

CLEIDE CARINE LAZAROTTO*1; JULIANA IZZO OCTAVIANO1; MARCOS AURÉLIO LAIDANE FILHO2; JOYCE ELOISE DOS SANTOS3; CARLA BARGI

BELLI1; CLAUDIA BARBOSA FERNANDES1
1.USP, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 2.VETHORSE, PONTA GROSSA, PR, BRASIL; 3.CESCAGE, PONTA GROSSA, PR, BRASIL.

203. PIELONEFRITE COMO COMPLICAÇÃO DE INFECÇÃO DA FERIDA CIRÚRGICA PÓS LAPAROTOMIA EM UM CAVALO: RELATO DE CASO..... 225

MARIANA COCCO*1; FLÁVIA DO PRADO AUGUSTO AMARO1; LUIZA COSTA BARCELLOS1; ANA PAULA BRENNER BUSCH1; JACKSON SCHADE1; PETERSON TRICHES DORNBUSCH1
1.UFPR, CURITIBA, PR, BRASIL.

204. PLACA AURAL DISSEMINADA EM ÉGUA - RELATO DE CASO..... 226

ELISSA RIBEIRO*1; ANTONIO CARLOS LOPES CÂMARA1; RITA DE CASSIA CAMPEBELL1; ARTHUR MARTINS DA SERRA VILELA PINTO1; VERÔNICA LOURENÇA DE SOUZA1; MÁRCIO BOTELHO DE CASTRO1; CINTIA REGINA RÊGO QUEIROZ1
1.UNB, BRASILIA, DF, BRASIL.

205. PLASMA RICO EM PLAQUETAS ASSOCIADO A ENXERTOS EPITELIAIS EM FERIDA CRÔNICA DE EQUINO..... 227

GUSTAVO DOS SANTOS ROSA*1; JULIANA DE MOURA ALONSO1; BETSABÉIA HELOÍSA GENTILHA MILANI1; ANDRE MASSAHIRO TERAMOTO KRIECK1; CELSO ANTÔNIO RODRIGUES1; CARLOS ALBERTO HUSSNI1; MARCOS JUN WATANABE1; ANA LIZ GARCIA ALVES1
1.FMVZ UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

206. PLEUROPNEUMONIA POR STREPTOCOCCUS SP EM EQUINO: RELATO DE CASO..... 228

DIEGO BARBUZANO DE ANDRADE*1; RODRIGO SILVERIO FERREIRA DA CRUZ1; ISABELLA VIEIRA FIGUEIREDO TOMAZ1; DAYANE CRISTINA MANSOLDO ALMEIDA1; LUCAS ALVES DA SILVA ABREU1; LARISSA MARINO PERGAMO1
1.UNISA, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

207. PÓLIPO NASAL EM MUAR – RELATO DE CASO..... 229

LETÍCIA OLIVEIRA ALENCAR*1; MARCO AUGUSTO GIANNOCCARO DA SILVA1; JULIANA SILVA OLIVEIRA1; HAIANE ARRUDA LUZ AMORIM1; JOSE MAURICIO LOPES BRIGE JUNIOR1; RAISSA DRIELLE FREITAS FRANCO1; JULIANA CORREA SFALCIN1; GUTIERGUE LUIZ DE SOUZA1; DAYVERSON DE SOUZA DOS SANTOS1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS, ARAGUAINA, TO, BRASIL.

208. POLITRAUMATISMO CRANIANO EM POTRO NEONATO DEVIDO A ATAQUE DE GARANHÃO..... 230

LETIANA DA SILVA REHBEIN*1; ELISSA RIBEIRO1; LUIZA DE SIQUEIRA ALMEIDA REIS1; ANTONIO CARLOS LOPES CÂMARA1; RITA DE CASSIA CAMPEBELL1; LIDIA SANTOS PEREIRA1
1.UNB, BRASILIA, DF, BRASIL.

209. PRIMEIRO CASO BRASILEIRO DE DISGENESIA GONADAL (XO) EM ÉGUAS: RELATO DE CASO 231

GUSTAVO RUPP LARENTIS*1; ANNA BETTTINA ALTMEIER1; HENRIQUE BOLL BASTOS1
1.UFRGS, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL.

210. PROLAPSO UTERINO COMPLETO COM HERNIAÇÃO INTESTINAL EM ÉGUA: RELATO DE CASO..... 232

VERIDIANA DE PAULA ANDRADE*1; CAROLINA TIEMI CARDOSO OKADA2; NERI HELLEN VIEIRA DA CUNHA1
1.FMVZ- UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL; 2.FMVZ -UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

211. PYTHIUM INSIDIOSUM: RELATO DE CASO EM EQUINO..... 232

CRISTINE REDIVO*1; CARLOS AFONSO DE CASTRO BECK1; DÉBORA ZARO1; ANDRÉ LUIZ DE ARAÚJO ROCHA1; FLÁVIA UMPIERRE BUENO1; BARBARA ALIBIO MORAES1
1.UFRGS, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL.

212. RAMO DE ARAUCÁRIA ANGUSTIFÓLIA EM BRÔNQUIOS EQUINOS – RELATO DE CASOS..... 233

FERNANDA MENDES BARUSSI*1; FERNANDA ZETTEL BASTOS1; LUANE CAMARGO ZENI1; JULIANE SCHARLAU XAVIER1; PEDRO VICENTE MICHELOTTO JR.1
1.PUC-PR, CURITIBA, PR, BRASIL.

213. RELATO DE CASO: CONJUNTIVITE, BLACK FLY E ONCOCERCOSE EM EQUINOS 234

HELIO CORDEIRO MANSO FILHO*1; HELENA EMÍLIA CAVALCANTI DA COSTA CORDEIRO MANSO1; JULIETTE GONSALVES DA SILVA1; CAROLINA JONES FERREIRA LIMA SILVA1; MONICA MIRANDA HUNKA1; LUZILENE ARAUJO SOUZA1; FABIANA OLIVEIRA COSTA1; MARCELO VIANA FRAGOSO MEDEIROS2; JOSÉ MÁRIO GIRÃO ABREU3
1.UFRPE, RECIFE, PE, BRASIL; 2.IBGM, RECIFE, PE, BRASIL; 3.UECE, FORTALEZA, CE, BRASIL.

214. RELATO DE CASO DE NECRÓSE DE MEMBRO POR TROMBOSE SÉPTICA EM NEONATO COM ONFALITE..... 235

SOFIA CICOLO SILVA*1; YUMI DE BARCELOS HAYASAKA1; CAROLINA MARTIRE PELLEGRINI1; VIVIAN FRATTI PENNA RISPOLI1; LUCIANA NEVES

TORRES1; JULIO DAVID SPAGNOLO1; CARLA BARGI BELLI1; ANDRE LUIZ DO VALLE DE ZOPPA1
1.FMVZ USP, SAO PAULO, SP, BRASIL.

215. RESOLUÇÃO DE COMPACTAÇÃO DE ÍLEO COM CIRURGIA PELO FLANCO A CAMPO – RELATO DE CASO..... 236

GUSTAVO MORANDINI REGINATO*1; JULIA DE ASSIS ARANTES2; CAMILA REINHARDT CINTRA2; MURILLO ORMIERES3; ALAN RENÊ DO CARMO3; ISABELLA ANDREETA3; RENATA GEBARA SAMPAIO DÓRIA2
1.FZEA- USP, PATROCINIO PAULISTA, SP, BRASIL; 2.FZEA-USP, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL; 3.ANHANGUERA, LEME, SP, BRASIL.

216. RESSECÇÃO DE SARCÓIDE PEDUNCULAR EM MEMBRO POSTERIOR DE EQUINO: RELATO DE CASO..... 237

BARBARA SOARES CALIXTO OLIVEIRA*1; CARLA CIBELLE DA SILVA1; JOSÉ ADRIANO DE LIMA CORREIA1; MARCELO LAURENTINO DOS SANTOS JÚNIOR1; WALTER HENRIQUE CRUZ PEQUENO1; RUY BRAYNER DE OLIVEIRA FILHO1; IGOR MARIZ DANTAS1; RUBIA AVLADE GUEDES SAMPAIO1; ISABELLA DE OLIVEIRA BARROS1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, AREIA, PB, BRASIL.

217. RESULTADOS POSITIVOS DO USO DO TRATAMENTO CONSERVATIVO EM TRÊS EQUINOS COM RUPTURA TRAUMÁTICA DO TENDÃO EXTENSOR DIGITAL..... 238

MARINA RAGAGNIN DE LIMA*1; CARMEN ZILDA TOLEDO1; EDMILSON RODRIGO DANEZE1; RICARDO SILVA MAIA2; JOAQUIM MANSANO GARCIA1; MARIANA LEMOS NAGIB JORGE3
1.FCAV-UNESP, JABOTICABAL, SP, BRASIL; 2.MEDICO VETERINÁRIO AUTÔNOMO, ORLÂNDIA, SP, BRASIL; 3.FMVZ-UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

218. RUPTURA DA ARTÉRIA CARÓTIDA COMUM EM EQUINO SEGUIDA DE ARTERIORRAFIA – RELATO DE CASO..... 239

LIOMARA ANDRESSA DO AMARAL KWIRANT*1; THAIANY FABIELI RAVANELLO1; DIEGO LUNELLI1; MAURICIO CIVIEIRO1; KAMILA RISSIOLI1; THIAGO CÉSAR KAVILHUKA1; EDUARDO MARQUEZZE MOTT1; LEONARDO KRUPPA1; FABIANO LINS DE CAMPOS1; RAFAEL GUSTAVO CAGOL1
1.FACULDADE INTEGRADAS DO VALE DO IGUAÇU - UNIGUAÇU, UNIÃO DA VITÓRIA, PR, BRASIL.

219. RUPTURA DE CÁPSULA ARTICULAR TIBIOTÁRSICA EM EQUINO..... 240

ANDRE MASSAHIRO TERAMOTO KRIECK*1; GUSTAVO DOS SANTOS ROSA1; JAQUELINE BRANDÃO DE SOUZA1; JOÃO PEDRO HÜBBE PFEIFER1; MARIANA CORREA ROSSI1; BETSABÉIA HELOÍSA GENTILHA MILANI1; EMANUEL VITOR APOLONIO1; HEITOR CESTARI1; CARLOS ALBERTO HUSSNI1; MARCOS JUN WATANABE1; ANA LIZ GARCIA ALVES1
1.UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

220. RUPTURA DE TENDÃO PRÉ-PÚBICO EM DUAS ÉGUAS GESTANTES..... 241

MARINA RAGAGNIN DE LIMA*1; CARMEN ZILDA TOLEDO1; EDMILSON RODRIGO DANEZE1; RICARDO SILVA MAIA2; JOAQUIM MANSANO GARCIA1; MARIANA LEMOS NAGIB JORGE3
1.FCAV-UNESP, JABOTICABAL, SP, BRASIL; 2.MEDICO VETERINÁRIO AUTÔNOMO, ORLÂNDIA, SP, BRASIL; 3.FMVZ-UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

221. SARCOMA SUBCUTÂNEO EM EQUINO – RELATO DE CASO..... 241

KAREN VERGANI*1; FLÁVIO GOMES DE OLIVEIRA1
1.FACULDADE MURIALDO, CAXIAS DO SUL, RS, BRASIL.

222. SOBREVIVÊNCIA DE GÊMEOS – MISSÃO QUASE IMPOSSÍVEL? - RELATO DE PARTO GEMELAR EM ÉGUA BRASILEIRO DE HIPISMO DA CIDADE DE NITERÓI – RJ..... 242

ANA PAULA ALVES BASSI*1; ANA LUISA PINHEIRO PIMENTA2; JOÃO DE FRAIPONT CASTAÑON1; DOMETHILA MARIANO DE SOUZA AGUIAR DOS SANTOS1; JULIANA JEUNON SENNA1; STEPHANIA DE MIRANDA SILVA1; DANIEL AUGUSTO BARROSO LESSA1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, NITERÓI, RJ, BRASIL; 2.HÍPICA FLUMINENSE, NITERÓI, RJ, BRASIL.

223. SÍNCOPE DECORRENTE DE FRATURA COMPLETA BILATERAL DE ESCÁPULA EM ÉGUA..... 243

LUIZA FERREIRA DE ALMEIDA GOMES*1; ANTONIO CARLOS LOPES CÂMARA1; RITA DE CASSIA CAMPEBELL1; TERESA SOUZA ALVES1; ELISSA RIBEIRO1; ANTONIO RAPHAEL TEIXEIRA NETO1
1.UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA, DF, BRASIL.

224. SÍNDROME CÓLICA POR SABLOSE EM EQUINO – RELATO DE CASO..... 244

MARIANA COSENZA*1; FREDERICO FERNANDES ARAÚJO1; PEDRO VICTOR LUNA FREIRE OLIVEIRA1; GEIDSON CASSIANO CORREIA ALBERTI1; VICTOR DE LORENA NÉIA PRADO1; DANIELLE ARAÚJO BARBOSA1
1.UNIFIL, LONDRINA, PR, BRASIL.

225. SÍNDROME DE SCHIFF-SHERINGTON EM MINI-PÔNEI..... 245

LUIZA DE SIQUEIRA ALMEIDA REIS*1; LETIANA DA SILVA REHBEIN1; TERESA SOUZA ALVES1; ANTONIO CARLOS LOPES CÂMARA1; MÁRCIO BOTELHO DE CASTRO1; MIZAEL MACHADO1; RITA DE CASSIA CAMPEBELL1; ANTONIO RAPHAEL TEIXEIRA NETO1
1.UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASILIA, DF, BRASIL.

226. TERATOMA TESTICULAR EM UM EQUINO ASSOCIADO COM CRIPTORQUIDISMO 246
LAYS WOUTERS UGOLINI*1; CANDIDA MALDANER ROMERO TISOT1; GABRIELA VICENSI COSTA1; HENRIQUE RAMOS OLIVEIRA1; FERNANDA C.C SANTOS2; TANISE POLICARPO MACHADO1; NATÁLIA PICOLI FOLCHINI1; RICARDO ZANELLA1; LEONARDO PORTO ALVES1
1.UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO, PASSO FUNDO, RS, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA, DISTRITO DE MONTE CRISTO BOA VISTA, RO, BRASIL.

227. TETANIA PÓS-PARTO GEMELAR EM UMA ÉGUA – RELATO DE CASO 246
RODRIGO TAVARES NIEMAN*1; TIAGO MARCELO OLIVEIRA1; JULIANA SANTOS PEREIRA1; CLAUDIA GENNARI FRANCO1; MELANIE FLORENÇO IGLESIAS1; NUBIA PATRIARCA OCTAVIANO1; FERNANDA EMILIANO TONINI1; SILVIA EDELWEISS CRUSCO1; PAULO MOREIRA BOGOSSIAN1
1.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SAO BERNARDO DO CAMPO, SP, BRASIL.

228. TRATAMENTO CICÚRGICO DE ABDOME AGUDO E RUPTURA DE DIAFRÁGMA EM ÉGUA APÓS PARTO - RELATO DE CASO 247
KELLY REGINA DE OLIVEIRA*1; FABIO HENRIQUE DA SILVA2; CARLOS ROBERTO VIEGAS JUNIOR2
1.IBVET, AMPARO, SP, BRASIL; 2.AUTONOMO, MOGI MIRIM, SP, BRASIL.

229. TRATAMENTO CIRÚRGICO E IMUNOTERÁPICO PARA PITIOSE EQUINA: RELATO DE CASO 248
LETICIA DOSSIN REGIANINI*1; CAROLINE FRACASSO1; FERNANDO P LISBOA1; LEANDRO DO MONTE RIBAS1
1.UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL - UCS, CAXIAS DO SUL, RS, BRASIL.

230. TRATAMENTO CLÍNICO DA CÓLICA POR ENCARCERAMENTO NEFROESPLÊNICO: RELATO DE CASO 249
RAFAELA MARTINS DE SOUZA*1; ANA CLAUDIA DOS SANTOS OLIVEIRA2; AMANDA PILETTI1; NAUANY AGUILAR QUELHO BONFIM3; BEATRIZ RAMOS BERTOZZO1; JOSÉ HENRIQUE SARAIVA BORGES1
1.PRONTO EQUUS, CAMPO GRANDE, MS, BRASIL; 2.UNIDERP, CAMPO GRANDE, MS, BRASIL; 3.UCDB, CAMPO GRANDE, MS, BRASIL.

231. TRATAMENTO DA ARTRITE SÉPTICA AGUDA E CRÔNICA – RELATO DE 2 CASOS 250
MARIANA COSENZA*1; FREDERICO FERNANDES ARAÚJO1; PEDRO VICTOR LUNA FREIRE OLIVEIRA1; GEIDSON CASSIANO CORREIA ALBERTI1; VICTOR DE LORENA NÉIA PRADO1; DANIELLE ARAÚJO BARBOSA1
1.UNIFIL, LONDRINA, RJ, BRASIL.

232. TRATAMENTO DE FERIDA EM POTRO COM USO DE FITOTERÁPICOS: RELATO DE CASO 251
ANA CAROLINA BARBALHO DE SOUZA*1; JOSÉ SALLY DE ARAÚJO JÚNIOR1; ALYNNY ALVES FURTADO1; ÍTALO MATHEUS DE FREITAS SILVA1; MAYRON BARBOSA BARROS1; REGINA VALÉRIA DA CUNHA DIAS2; RODRIGO TENÓRIO PADILHA3; FELIPE VENCESLAU CÂMARA3
1.GRADUANDO EM MEDICINA VETERINÁRIA - UNIVERSIDADE POTIGUAR - UNP, NATAL, RN, BRASIL; 2.PROF.(A). DRA. DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ANIMAIS – UFERSA, MOSSORÓ, RN, BRASIL; 3.PROFESSOR DA UNIVERSIDADE POTIGUAR – UNP – ESCOLA DA SAÚDE, NATAL, RN, BRASIL.

233. TRATAMENTO DE NEUROPRAXIA DE RADIAL EM UM EQUINO: RELATO DE CASO 252
FERNANDA AUGUSTA DE OLIVEIRA SILVA*1; KAMILA PINHEIRO PAIM1; BRENDA MATOS FERNANDES1; LUIZ HENRIQUE LIMA DE MATTOS2; GEISON MOREL NOGUEIRA1; DIEGO JOSE ZANZARINI DELFIOL1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, UBERLANDIA, MG, BRASIL; 2.EQUILIFE - FISIOTERAPIA E REABILITAÇÃO EQUINA, SOROCABA, SP, BRASIL.

234. TÉCNICA WHITEHOUSE MODIFICADA NO TRATAMENTO CIRÚRGICO DE EMPIEMA DE BOLSA GUTURAL EM POTRA 253
JÉSSICA SOLA QUIRINO SILVA*1; THAIS POLTRONIERI DOS SANTOS1; MAYARA LEÃO BAYLÃO1; HELENA TAVARES DUTRA1; GABRIELA DO SOCORRO NEVES SOARES1; LUCIANA BRANDSTETTER1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, GOIANIA, GO, BRASIL.

235. UM NOVO GENÓTIPO ASSOCIADO AO NANISMO EM EQUINOS DA RAÇA MINI-HORSE 254
DANILO GIORGI ABRANCHES DE ANDRADE*1; ROBERTA MARTINS BASSO1; ALEXANDRE SECORUN BORGES1; JOSE PAES DE OLIVEIRA-FILHO1
1.UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (UNESP), FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA, BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

236. UROLITÍASE OBSTRUTIVA NA URETRA PENIANA DE MUAR MACHO 254
FREDERICO ROCHA DE OLIVEIRA*1; THAIQUE IGOR BASTIANINI1; JOÃO CARLOS RIBEIRO1; LUCAS DE FREITAS PEREIRA1; VITOR FORONI CASAS1
1.UNIVERSIDADE DE FRANCA, FRANCA, SP, BRASIL.

237. USO DE BOMBA DE INFUSÃO ELASTOMÉRICA NO TRATAMENTO DE TENOSSINOVITE SÉPTICA EM EQUINO 255
LETICIA OLIVEIRA COTA*1; BRUNO DONDONI DONDONI MALACARNE1; LUCAS ANTUNES DIAS1; ARMANDO DE MATTOS CARVALHO1; ANDRESSA BATISTA DA SILVEIRA1; RAFAEL RESENDE FALEIROS1
1.UNIVERCIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL.

238. USO DE CAMPO ELETROMAGNETICO PULSTÁTIL NA CONSOLIDAÇÃO DE UM FRAGMENTO ÓSSEO NO III METACARPIANO

DE EQUINO: RELATO DE CASO 256

MALVINA MARTINS PARRÉ*1; MARIA INÊS GAY DA FONSECA AALLGAYER DIANO1; IOLANDA GEA KASSEM2; LAURA LEANDRA HALINSKI1
1.THERAPY4HORSES, BOTUCATU, SP, BRASIL; 2.SONOEQUI, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL.

239. USO DE ETILCIANOACRILATO EM NECROSE CUTÂNEA PERIVASCULAR DECORRENTE DO USO DE FENILBUTAZONA EM EQUINO: RELATO DE CASO 257

CÍCERO FERREIRA OLIVEIRA*1; ANDREZZA KELLEN JESUS MOURA2; SAMYA MIRELLE JORGE FAUSTINO2; FELIPE CAMARGO RIBAS3; JULIANA OLIVEIRA BERNARDO4
1.INSTITUTO BRASILEIRO DE VETERINÁRIA, MACEIÓ, AL, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO, IMPERATRIZ, MA, BRASIL; 3.INSTITUTO QUALITTAS, ITAOCA, SP, BRASIL; 4.UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, BOTUCATU, SP, BRASIL.

240. USO DE FIXADOR EXTERNO NA ESTABILIZAÇÃO DE FRATURA DE MANDÍBULA – RELATO DE CASO..... 258

VANESSA ALBERINI*1; KARINA HUFENUSSLER LEIGUE1; GABRIEL WEILER1; IURY RIBEIRO DE PAULA1; PETERSON TRICHES DORNBUSCH2
1.HOSPITAL VETERINÁRIO LUIS LEIGUE, GUARAMIRIM, SC, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, CURITIBA, PR, BRASIL.

241. USO DE MEMBRANA BIOLÓGICA DE PERICÁRDIO BOVINO PARA HERNIORRAFIA DE HÉRNIA INCISIONAL RECIDIVANTE EM UM CAVALO: RELATO DE CASO 258

THAÍS REGINA LEMFERS*1; MARIANA COCCO2; LUIZA COSTA BARCELLOS2; BRUNA LAMPE ZIELINSKI2; FLÁVIA DO PRADO AUGUSTO AMARO2; PETERSON TRICHES DORNBUSCH2
1.IFC, ARAQUARI, SC, BRASIL; 2.UFPR, CURITIBA, PR, BRASIL.

242. UTILIZAÇÃO DA LAVAGEM PERITONEAL COMO AUXILIAR NO TRATAMENTO DE PERITONITE EM EQUINOS: RELATO DE CASO 259

KISSYLA DIAS BARCELOS*1; KARINA DE AMORIM VIANA1; DHIENIFER OTT BARCELOS1; ANTONIO MARCOS GUIMARÃES GINELLI1; FERNANDA DE ALMEIDA TEIXEIRA1
1.ESFA, SANTA TERESA, ES, BRASIL.

243. UTILIZAÇÃO DE ANTI-INFLAMATÓRIO NÃO ESTEIRODAL – FIROCOXIB (PREVICOX®) NO TRATAMENTO DE CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS EM PÁLPEBRA INFERIOR DE UM EQUINO – RELATO DE CASO..... 260

LUANA VENÂNCIO GARCIA*1; ERICA RODRIGUES FERRAZ ANDRADE2; RENATA B ROSSETTI TORTORELLO2; FREDDI BARDELA DE SOUZA3; GIOVANNA GATI DE SOUZA2; LIDIANA ZANETTI AMATTI2; MARÍLIA GABRIELA GARBELLOTTO2; FERNANDA SAULES IGNÁCIO2
1.FACULDADES INTEGRADAS DE OURINHOS, PALMITAL, SP, BRASIL; 2.FACULDADES INTEGRADAS DE OURINHOS - FIO, SANTA CRUZ DO RIO PARDO, SP, BRASIL; 3.FACULDADES INTEGRADAS DE OURINHOS -FIO, OURINHOS, SP, BRASIL.

244. UTILIZAÇÃO DE IODETO DE POTÁSSIO ORAL, ASSOCIADO A TERAPIA TÓPICA COM DIMETILSULFÓXIDO E ANFOTERICINA B EM UM EQUINO COM PITIOSE..... 261

LAÍS MARIA VIANA*1; ANDRÉ LUIS DE OLIVEIRA RODRIGUES1; SAMANTHA MUNIZ COSTA1; RAFAELA PRADO SANTOS1; LETÍCIA FERREIRA COSTA1; NÚBIA TRAVAGIN1; ANA CAROLINA LEMOS DA SILVA1; EVERTON SCHIMIDT PRADO1; SERGIO DA SILVA ROCHA JÚNIOR1
1.UNIVERSIDADE JOSÉ DO ROSÁRIO VELLANO, ALFENAS, MG, BRASIL.

245. UTILIZAÇÃO DE PERICÁRDIO BOVINO E ETILCIANOACRILATO PARA REPARAÇÃO DE LACERAÇÃO PERINEAL DE TERCEIRO GRAU EM ÉGUA QUARTO DE MILHA: RELATO DE CASO 262

CÍCERO FERREIRA OLIVEIRA*1; SAMYA MIRELLE JORGE FAUSTINO2; ANDREZZA KELLEN JESUS MOURA2; FELIPE CAMARGO RIBAS3; JULIANA OLIVEIRA BERNARDO4
1.INSTITUTO BRASILEIRO DE VETERINÁRIA, MACEIÓ, AL, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO, IMPERATRIZ, MA, BRASIL; 3.INTITUTO QUALITTAS, ITAOCA, SP, BRASIL; 4.UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO", BOTUCATU, SP, BRASIL.

246. UTILIZAÇÃO DE TALA LATERAL ESTENDIDA NO TRATAMENTO DE FRATURA HELICOIDAL DE RÁDIO EM ASININO: RELATO DE CASO..... 263

JOÃO LUIZ RIBEIRO DE MORAES NETO*1; IGOR MARIZ DANTAS1; RUY BRAYNER DE OLIVEIRA FILHO1; KALIANE COSTA1; ALEXANDRA MELO OLIVEIRA1; ISABELLA DE OLIVEIRA BARROS1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, AREIA, PB, BRASIL.

247. UTILIZAÇÃO DO DIÓXIDO DE CLORO EM INFECÇÃO PÓS-ARTRODESE PANCARPAL: RELATO DE CASO 263

BRENDA MATOS FERNANDES*1; FERNANDA AUGUSTA DE OLIVEIRA SILVA1; KAMILA PINHEIRO PAIM1; MARCELO CARRIJO DA COSTA1; LAYANE QUEIROZ MAGALHÃES1; DIEGO JOSE ZANZARINI DELFIOL1; FRANCISCO CLAUDIO DANTAS MOTA1; GEISON MOREL NOGUEIRA1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, UBERLANDIA, MG, BRASIL.

248. ZIGOMICOSE INTRANASAL EM EQUÍDEOS 264

JÉSSICA SOLA QUIRINO SILVA*1; THAIZA APARECIDA GOMES MARTINS2; THAIS POLTRONIERI DOS SANTOS1; GUILLERMO GUADALUPE LAGUNA LEGORRETA3; ALVARO DE PAULA LAGE DE OLIVEIRA4; CAHUE FRANCISCO ROSA PAZ4; WILLANE BRAGA DAPPARECIDA2; RAFAEL RESENDE

FALEIROS4; LEONARDO RODRIGUES DE LIMA2
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, GOIANIA, GO, BRASIL; 2.HOSPITAL VETERINÁRIO ESTRADA REAL, JUIZ DE FORA, MG, BRASIL; 3.JÓQUEI DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 4.UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL.

TRABALHOS VENCEDORES

ÁREA DE CLÍNICA E CIRURGIA DE EQUÍDEOS

1º

15. AVALIAÇÃO DE PARÂMETROS ULTRASSONOGRÁFICOS E IDENTIFICAÇÃO DE ACHADOS NA ARTICULAÇÃO METACARPOFALANGEANA DE CAVALOS EM TREINAMENTO DE SALTO. 50

ANA LÚCIA MILUZZI YAMADA*1; MARCELO PINHEIRO2; MARILIA FERRARI MARSIGLIA1; STEFANO CARLO FILIPPO HAGEN1; RAQUEL YVONNE ARANTES BACCARIN1; LUIS CLÁUDIO LOPES CORREIA DA SILVA1
1.FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA USP SP, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 2.VETERINÁRIO AUTÔNOMO, ITU, SP, BRASIL.
E-MAIL:ANAMYAMADA@OUTLOOK.COM

2º

33. DETECÇÃO DA PROTEÍNA OLIGOMÉRICA DA MATRIZ CARTILAGÍNEA NO LÍQUIDO SINOVIAL DE CAVALOS QUARTO DE MILHA DE CORRIDA COM FRATURAS INTRA-ARTICULARES DE CARPO 65

ÂNGELA PERRONE BARBOSA*1; JOICE FÜLBER1; JULIANA JUNQUEIRA MOREIRA1; FERNANDA RODRIGUES AGRESTE1; LUIS CLÁUDIO LOPES CORREIA DA SILVA1; CYNTHIA DO PRADO VENDRUSCULO1; SARAH RAPHAELA TORQUATO SEIDEL1; ERIC DANILO PAULS SOTELO1; FERNANDO MOSQUERA JARAMILO1; RAQUEL YVONNE ARANTES BACCARIN1
1.FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (FMVZ-USP), SAO PAULO, SP, BRASIL.
E-MAIL:ANGELA.BARBOSA@USP.BR

3º

43. EVIDÊNCIA DA INFLUÊNCIA DA RADIAÇÃO SOLAR NA EXPRESSÃO GÊNICA DE MMP1 NA PELE DE EQUINO COM HERDA – ESTUDO PILOTO..... 75

CAMPO AMOR VIEIRA DA CUNHA NETO*1; DANILO GIORGI ABRANCHES DE ANDRADE1; CÉSAR ERINEUDO TAVARES DE ARAÚJO1; RAÍSSA OLIVEIRA LEITE1; PERES RAMOS BADIAL2; JOSE PAES DE OLIVEIRA-FILHO1; ALEXANDRE SECORUN BORGES1
1.UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (UNESP), FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA, BOTUCATU, SP, BOTUCATU, SP, BRASIL; 2.MISSISSIPPI STATE UNIVERSITY, COLLEGE OF VETERINARY MEDICINE, DEP OF PATHOBIOLOGY AND POPULATION MED, STARKVILLE, MISSISSIPI, ESTADOS UNIDOS.
E-MAIL:CAMPOAMOR_VIEIRA@HOTMAIL.COM

4º

29. COMUNICAÇÃO ENTRE O NERVO DIGITAL PALMAR E O RAMO DORSAL DO NERVO PALMAR EM EQUINOS DA RAÇA CRIOULA..... 62

BRUNO BELMONTE SILVEIRA*1; PAULO DE SOUZA JUNIOR1; AMARÍLIS DÍAZ DE CARVALHO1; MARCOS DA SILVA AZEVEDO1; CLÁUDIA ACOSTA DUARTE1; MARCELO LAMEIRO PORCIUNCULA2; ERICK CANDIOTA SOUZA1; MATHEUS DAMASCENO NUNES DOS SANTOS1
1.UNIPAMPA, URUGUAIANA, RS, BRASIL; 2.URCAMP, ALEGRETE, RS, BRASIL.
E-MAIL:BRUNOBELMONTE00@GMAIL.COM

5º

54. PREVALÊNCIA DA DELEÇÃO DE 10 PARES DE BASE NO GENE ITGA2B, RESPONSÁVEL PELA TROMBASTENIA DE GLANZMANN, EM EQUINOS QUARTO DE MILHA NO BRASIL, DADOS PRELIMINARES..... 84

JULIA FRANCO FERREIRA*1; RAÍSSA OLIVEIRA LEITE1; CÉSAR ERINEUDO TAVARES DE ARAÚJO1; ALEXANDRE SECORUN BORGES1; JOSE PAES DE OLIVEIRA-FILHO1
1.FMVZ- UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.
E-MAIL:JOSE.OLIVEIRA-FILHO@UNESP.BR

ÁREA DE REPRODUÇÃO EQUÍDEOS

1º

92. RELAÇÃO ENTRE A EXPRESSÃO GÊNICA DO PLCζ, WPB2NL E TNF- α NO ESPERMATOZOIDE COM QUALIDADE SEMINAL E FERTILIDADE DE GARANHÕES DA RAÇA CRIOULA 120

VERÔNICA LA CRUZ BUENO*1; HENRIQUE BOLL DE ARAUJO BASTOS1; LUIZ AUGUSTO MACHADO CENTENO1; NÉLSON ALEXANDRE KRETZMANN FILHO2; RODRIGO COSTA MATTOS1; SANDRA MARA DA ENCARNACAO FIALA3
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL; 2.UNIRITTER, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, PELOTAS, RS, BRASIL.
E-MAIL:VERONICALACRUZBUENO@HOTMAIL.COM

2º

87. NÍVEIS DE PROGESTERONA E STATUS DO ÚTERO DE ÉGUAS RECEPTORAS DE EMBRIÃO PREPARADAS COM DISPOSITIVO INTRAVAGINAL 115

MARCO A ALVARENGA*1; LUIZ ROBERTO PENA ANDRADE1; EUNICE OBA1; JOSE ANTONIO DELL`AQUA JR1; FREDERICO OZANAM PAPA1; LORENZO GARRIDO SEGABINAZZI1
1.UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.
E-MAIL:MALVARENGA.FMVZ.UNESP.BR@GMAIL.COM

3º **65. COMPARAÇÃO ENTRE OS ACHADOS HISTOLÓGICOS DE GARANHÕES COM E SEM VESICULITE SEMINAL POR MEIO DE BIÓPSIA VIDEOENDOSCOPICA** 96

VERÔNICA FLORES DA CUNHA SCHEEREN*1; MARIANA LUIZA MEZZENA GOBATO1; RAFAEL DOS SANTOS BANDEIRA1; PATRICIA M PAPA1; THAÍS MENDES SANCHES CAVALERO1; LUCAS EMANUEL FERREIRA CANUTO1; LUCAS TRONCARELLI RODRIGUES1; ERIKY AKIO TONGU1; MARCOS JUN WATANABE1; MARCO A ALVARENGA1; FREDERICO OZANAM PAPA1
1.FMVZ - UNESP - BOTUCATU/SP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

4º **85. INFLUÊNCIA DA OZONIOTERAPIA NA CINÉTICA DO SÊMEN EQUINO FRESCO E REFRIGERADO** 113

BRUNA FABRO FABRO DOS SANTOS*1; ERIKY AKIO TONGU1; LORENZO GARRIDO SEGABINAZZI1; VERÔNICA FLORES DA CUNHA SCHEEREN1; THAÍS MENDES SANCHES CAVALERO1; GUILHERME NOVELLO1; JEAN GUILHERME FERNANDES JOAQUIM1; FREDERICO OZANAM PAPA1
1.UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.
E-MAIL:BRUNA.FABRO@HOTMAIL.COM

5º **70. EFEITO DA ADIÇÃO DE ÓLEO ESSENCIAL DE MANJERICÃO A DILUENTE A BASE DE LEITE PARA REFRIGERAÇÃO DE SÊMEN EQUINO** 100

MARIANA LEMOS NAGIB JORGE*1; FERNANDO P LISBOA2; GUILHERME NOVELLO1; LORENZO GARRIDO SEGABINAZZI1; RAFAEL DOS SANTOS BANDEIRA1; MARIANA LUIZA MEZZENA GOBATO1; VERÔNICA FLORES DA CUNHA SCHEEREN1; ERIKY AKIO TONGU1; GABRIEL FERNANDES PAULETTI2; FREDERICO OZANAM PAPA1; JOSE ANTONIO DELL`AQUA JR1
1.FMVZ - UNESP, CÂMPUS DE BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL, CAXIAS DO SUL, RS, BRASIL.
E-MAIL:MARIANALNJ@HOTMAIL.COM

ÁREA DE FISIOLOGIA E NUTRIÇÃO EQUÍDEOS

1º **114. MELHORIAS NO BEM-ESTAR DE EQUINOS ESTABULADOS APÓS O USO DE BOLSA DE FENO TIPO "SLOW FEED"** 143

MAYARA GOMES CORREA*1; CAMILLA FERREIRA RODRIGUES SILVA1; LUCAS ANTUNES DIAS1; SERGIO DA SILVA ROCHA JÚNIOR1; FREDDY RODRIGUES THOMES2; RAFAEL RESENDE FALEIROS1
1.ESCOLA DE VETERINARIA - UFMG, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL; 2.EXERCITO BRASILEIRO, TRES CORAÇÕES, MG, BRASIL.
E-MAIL:FERREIRACAMILL@GMAIL.COM

2º **105. EFEITO DA CORREÇÃO DENTÁRIA SOBRE O COMPRIMENTO DA FIBRA FECAL EM CAVALOS** 135

PAULA ALESSANDRA DI FILIPPO*1; VERONICA VIEIRA1; DIOGO ALMEIDA RONDON2; CÉLIA RAQUEL QUIRINO1
1.UENF, CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ, BRASIL; 2.UNESC, COLATINA, ES, BRASIL.
E-MAIL:PAULA_DIFILIPPO@YAHOO.COM.BR

3º **103. CINEMÁTICA TEMPORAL DAS MARCHAS BATIDA OU PICADA DE EQUINOS MONTADOS DA RAÇA MANGALARGA MARCHADOR: EFEITO DO SEXO** 133

MAYARA GONÇALVES FONSECA*1; JESSICA LAGE1; THAYNE DE OLIVEIRA SILVA2; CONSUELO MARELLI3; TIAGO DE RESENDE GARCIA4; AMANDA PIAIA SILVATTI2; GUILHERME CAMARGO FERRAZ1
1.UNESP JABOTICABAL, JABOTICABAL, SP, BRASIL; 2.UFV, VIÇOSA, MG, BRASIL; 3.MÉDICA VETERINÁRIA AUTÔNOMA, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL; 4.MÉDICO VETERINÁRIO AUTÔNOMO, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL.
E-MAIL:MAYARAGONCALVESF@HOTMAIL.COM

4º **107. EFEITO DAS AFECÇÕES ODONTOLÓGICAS NO BEM-ESTAR DE EQUINOS AVALIADOS ATRAVÉS DA EXPRESSÃO FACIAL DE DOR.** 136

MARIANA MARCANTONIO CONEGLIAN*1; PEDRO VICENTE MICHELOTTO JR.1; CASSIO HENRIQUE MARTINS MORAIS2; FERNANDA DE CASTRO STIEVANI3; HANNA CAROLINE PROCHNO1; HELOISA GODOI BERTAGNON2; TÂMARA DUARTE BORGES1
1.PUC PR, CURITIBA, PR, BRASIL; 2.UNICENTRO, GUARAPUAVA, PR, BRASIL; 3.UEL, LONDRINA, PR, BRASIL.
E-MAIL:MMCONEGLIAN@YAHOO.COM.BR

5º **113. INFLUÊNCIA DO EXERCÍCIO DE MARCHA SOBRE A CONCENTRAÇÃO SÉRICA DE PROTEÍNAS DE FASE AGUDA EM CAVALOS MANGALARGA MARCHADOR** 142

PAULA ALESSANDRA DI FILIPPO*1; LAURA PEREIRA MARTINS1; MARCOS AURÉLIO DIAS MEIRELES1; GABRIELA BRAVIM LEMOS1; CÉLIA RAQUEL QUIRINO1; ANDRESSA FRANCISCA DA SILVA NOGUEIRA2; PAULO MOREIRA BOGOSSIAN3
1.UENF, CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ, BRASIL; 2.UFT, ARAGUAÍNA, TO, BRASIL; 3.USP, SÃO PAULO, SP, BRASIL.
E-MAIL:PAULA_DIFILIPPO@YAHOO.COM.BR

ÁREA DE RELATOS DE CASOS DE EQUÍDEOS

1º **235. UM NOVO GENÓTIPO ASSOCIADO AO NANISMO EM EQUINOS DA RAÇA MINI-HORSE 254**
DANILO GIORGI ABRANCHES DE ANDRADE*1; ROBERTA MARTINS BASSO1; ALEXANDRE SECORUN BORGES1; JOSE PAES DE OLIVEIRA-FILHO1
1.UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (UNESP), FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA, BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.
E-MAIL: JOSE.OLIVEIRA-FILHO@UNESP.BR

2º **214. RELATO DE CASO DE NECROSE DE MEMBRO POR TROMBOSE SÉPTICA EM NEONATO COM ONFALITE 235**
SOFIA CICOLO SILVA*1; YUMI DE BARCELOS HAYASAKA1; CAROLINA MARTIRE PELLEGRINI1; VIVIAN FRATTI PENNA RISPOLI1; LUCIANA NEVES TORRES1; JULIO DAVID SPAGNOLO1; CARLA BARGI BELLI1; ANDRE LUIZ DO VALLE DE ZOPPA1
1.FMVZ USP, SAO PAULO, SP, BRASIL.
E-MAIL:SOFIACICOLO@GMAIL.COM

3º **138. CALCIFICAÇÃO DISTRÓFICA EXUBERANTE NO LIGAMENTO SESAMOIDEO OBLÍQUO- RELATO DE CASO 167**
LUIS CLÁUDIO LOPES CORREIA DA SILVA*1; MARILIA FERRARI MARSIGLIA1; ANA LÚCIA MILUZZI YAMADA1; MARCELO PINHEIRO2; STEFANO CARLO FILLIPO HAGEN1; MARIA RAQUEL BELLOMO AGRELO RUIVO1; CARLA BARGI BELLI1
1.FMVZ USP, SAO PAULO, SP, BRASIL; 2.AUTÔNOMO, SAO PAULO, SP, BRASIL.
E-MAIL:MARILIAFMARSIGLIA@GMAIL.COM

4º **178. INDUÇÃO FARMACOLÓGICA DA EJACULAÇÃO E CRIOPRESERVAÇÃO DO SÊMEN DE GARANHÃO PENECTOMIZADO DEVIDO A CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS - RELATO DE CASO 203**
THAÍS MENDES SANCHES CAVALERO*1; LUCAS EMANUEL FERREIRA CANUTO1; LUCAS TRONCARELLI RODRIGUES1; VERÔNICA FLORES DA CUNHA SCHEEREN1; FREDERICO OZANAM PAPA1
1.UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.
E-MAIL:THAISMSCAVALERO@GMAIL.COM

5º **145. CISTO DE CORPO ULTIMOBRANQUIAL EM EQUINO NO BRASIL 173**
ANDERSON FERNANDO SOUZA*1; MARIA EDUARDA MOREIRA VOLPATO1; LUCIANA NEVES TORRES1; STEFANO CARLO FILLIPO HAGEN1; RAQUEL YVONNE ARANTES BACCARIN1; LUIS CLÁUDIO LOPES CORREIA DA SILVA1
1.FMVZ/USP, SÃO PAULO, SP, BRASIL.
E-MAIL:ANDERSON.SJI@HOTMAIL.COM

RESUMOS
CLÍNICA E CIRURGIA DE EQUÍDEOS

1. A INCLUSÃO DE EXERCÍCIOS EM SUPERFÍCIES INSTÁVEIS NA ROTINA DE UM CENTRO DE REABILITAÇÃO EQUINA

MALVINA MARTINS PARRÉ*1; MARIA INÊS GAY DA FONSECA AALLGAYER DIANO1; IOLANDA GEA KASSEM2; MAIRA REZENDE FORMENTON3; MÔNICA SARTORI4

1.THERAPY4HORSES, BOTUCATU, SP, BRASIL; 2.SONOEQUI, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL; 3.FISIOANIMAL, SAO PAULO, SP, BRASIL; 4.ZENPET, SAO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:malva_martins@hotmail.com

Resumo:

A realização de exercícios em instabilidade é frequente na fisioterapia humana, pois promovem um trabalho isométrico, cujo intuito é fortalecer a musculatura estabilizadora e trabalhar a propriocepção e o equilíbrio. Por estes motivos também podem ser utilizados na reabilitação de equinos uma vez que o trabalho proprioceptivo melhora o controle motor, otimizando o retorno ao treinamento e o exercício isométrico fortalece a musculatura estabilizadora das articulações sem que seja necessária a movimentação articular. As superfícies instáveis mais utilizadas são os pads, que são feitos de espuma e, assim, podem apresentar diferentes densidades. Quanto mais firme a espuma maior a estabilidade e quanto menor sua densidade, mais instável se apresenta. Outros exemplos de superfícies instáveis são os discos de borracha infláveis, que podem ter variações de estabilidade conforme são inflados e sua superfície pode ser uniforme, rugosa ou com pequenos pinos. Com isso, essa técnica pode ser utilizada em animais durante o tratamento de lombalgias agudas e crônicas e na fase final da reabilitação de lesões ortopédicas. Durante três meses, incorporou-se a técnica na rotina de um centro de reabilitação equina situado nos EUA. Cinco cavalos da raça Quarto de Milha, competidores da modalidade de rédeas, foram reabilitados com o intuito de incrementar o protocolo fisioterapêutico no tratamento de diferentes lesões, sendo: dois animais com tendinite do flexor digital profundo no membro torácico, um com desmite do suspensor do boleto do membro torácico, um com fratura do osso sesamoideo proximal do membro pélvico e um caso de lombalgia crônica secundária à uma lesão no ligamento Supraespinhoso. Após a fase aguda da lesão, todos os pacientes passaram a fazer exercícios com os pads, em dias alternados, permanecendo entre 10 a 15 minutos sobre as superfícies instáveis. Os exercícios foram realizados de forma gradativa, começando com um desafio leve, onde apenas um membro permanecia sobre o pad, e, com a progressão, o animal mantinha-se com mais membros em instabilidade simultaneamente. Uma vez que o cavalo aprendia a se equilibrar, novos desafios eram passados durante a permanência nestas superfícies, como os exercícios funcionais da região do pescoço, que fortalecem o core e a reativam o músculo Multífidus. Após o início destes exercícios, os treinadores relataram maior confiança dos animais durante o treinamento, pois passaram a utilizar mais os membros que antes defendiam e apresentaram segurança ao executar as manobras exigidas. Dessa forma, a utilização de superfícies instáveis em um programa de reabilitação foi benéfica para os cavalos voltarem ao treinamento além de ser de fácil execução e aceitação pelos pacientes.

Palavras-chave: Fisioterapia; isometria; propriocepção

2. AMILÓIDE A NO LAVADO BRONCOALVEOLAR DE EQUINOS HÍGIDOS

LUIZA MARIA FEITOSA RIBEIRO*1; LARISSA DA SILVA CARVALHO1; GABRIELA BRAVIM LEMOS1; BARBARA RIBEIRO DUARTE1; LUIS FELIPE AFONSO TOLEDO2; DANIEL AUGUSTO BARROSO LESSA2; PAULA ALESSANDRA DI FILIPPO1

1.UNIVERSIDADE ESTADUAL NORTE FLUMINENSE - UENF, CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - UFF, NITEROI, RJ, BRASIL.

e-mail:gblemos.vet@gmail.com

Resumo:

As doenças inflamatórias das vias aéreas são comuns em equinos, principalmente em animais atletas. Tais afecções desencadeiam redução no desempenho e culminam, muitas vezes, com o afastamento definitivo do animal das competições. A inflamação é um processo complexo e o diagnóstico precoce é essencial para elaborar e implementar um plano de tratamento eficaz. Recentemente, marcadores de doença inflamatória, como a proteína sérica amilóide A (AA), atraíram a atenção da comunidade científica. Altas concentrações séricas de AA foram encontradas em cavalos com doenças inflamatórias das vias aéreas, doenças respiratórias virais e bacterianas. A amilóide A é responsável pela ativação ou inibição das funções dos leucócitos, migração de células inflamatórias e fagócitos para o local da agressão e eliminação de endotoxinas, dentre outras inúmeras funções. O fígado é o principal local de síntese de Amilóide A, mas várias isoformas extra-hepáticas de AA foram mensuradas em cavalos. A produção extra-hepática de AA funciona como uma defesa local e imediata contra a lesão tecidual decorrente de processos inflamatórios, atuando até que uma resposta sistêmica, neste caso, hepática seja deflagrada. O objetivo deste estudo foi estabelecer a concentração de amilóide A no lavado broncoalveolar (LBA) de equinos saudáveis. Amostras de sangue e de LBA foram coletadas de 10 fêmeas equinas com idade entre 5-7 anos e peso corporal entre 400 e 425 kg. A condição de saúde das éguas foi baseada nos achados de normalidade no exame físico, hemograma, parâmetros bioquímicos e citologia do LBA. O lavado broncoalveolar foi realizado com o animal em posição quadrupedal sob sedação leve (detomidina, 0,5 mg/kg pv, i.v) utilizando-se um catéter especial de silicone (BIVONA®). Após posicionamento do cateter em um brônquio distal, o balão foi então preenchido com 8mL de ar e 250mL de solução salina 0,9% morna (37ºC) estéril (dividida em 3 bolus) foram instiladas sequencialmente e imediatamente aspiradas. As amostras foram consideradas adequadas se pelo menos 40% do líquido infundido foi recuperado e quando o surfactante e a turbidez foram observados. As amostras de LBA foram mantidas a -20ºC para determinação de AA. Amostras de sangue venoso (7mL) foram coletadas da jugular e acondicionadas em tubos lisos. Os valores de amilóide A nas amostras de LBA e no soro foram mensurados em ensaio imunoenzimático (ELISA, PHASETM SAA Assay, Tridelta Ltd., Irlanda) previamente validado para uso em equinos. As amostras foram avaliadas em duplicata e as alícotas de soro foram diluídas (1:2000), e os resultados devidamente recalculados. Os dados obtidos foram submetidos à análise descritiva e as médias, valores máximo e mínimo, foram determinados por meio do programa estatístico SAS. A proteína de fase aguda amilóide A foi detectada no soro (média ± DP: 3,71 ± 2,51) e no LBA (média ± DP: 0,000745 ± 0,000785) de todos os animais. Em equinos, a AA já foi detectada no colostro, no líquido sinovial e no endométrio de éguas com infecção uterina. No entanto, o presente estudo é o primeiro relato de AA pulmonar em cavalos. As funções locais da proteína AA ainda não foram totalmente compreendidas, mas tem sido sugerido que a AA faça parte da resposta inata do hospedeiro contra a invasão de microorganismos ou que auxilie na manutenção das funções teciduais em órgãos que se comuniquem com o ambiente, como os pulmões. Além disso, a determinação local dos níveis de AA melhora a precisão no diagnóstico, pois fornece informações sobre o estado inflamatório/infeccioso do órgão de específico interesse. Conclui-se que proteína amilóide A pode ser mensurada no LBA de cavalos, permitindo a detecção precoce e o monitoramento de doenças das vias aéreas. O estabelecimento dos valores de normalidade de AA no LBA de equinos hígidos poderá auxiliar na avaliação de amostras oriundas de animais enfermos.

Palavras-chave: Cavalo; proteína de fase aguda; doença pulmonar

3. ANÁLISE BIOMECÃNICA DO ANDAMENTO DE POTROS DA RAÇA MANGALARGA MARCHADOR AOS 30 E 180 DIAS DE IDADE

CAROLINA DE MARCHI SOARES*1; LINA MARIA WEHRLE GOMIDE1; LILIAN UTRAGA DOS SANTOS1; RAFAELA SPERANZA BAPTISTA1; TAIS CASONATO RODRIGUES1; FRANCISCO LEYDSON FORMIGA FEITOSA1; LUIZ CLAUDIO NOGUEIRA MENDES1; JULIANA REGINA PEIRO1

1.UNESP - ARAÇATUBA, ARAÇATUBA, SP, BRASIL.

e-mail:carolm.soares@hotmail.com

Resumo:

O método acelerométrico para a análise biomecânica quando usado a campo, tem mostrado vantagens com relação à videogrametria, permitindo obter dados cinemáticos (comprimento e frequência das passadas, regularidade, simetria e deslocamento dorsoventral do animal) e cinéticos (propulsão, potências dorsoventral e mediolateral e potência total) com processamento de dados mais rápido. Objetivou-se (a) avaliar as características biomecânicas da marcha e do passo em potros aos 30 e aos 180 dias de idade, com o uso do equipamento de análise de andamento Equimetrix®; e (b) determinar através dos valores obtidos, quais animais apresentam as características desejadas para os padrões da raça desde jovens, para que seja possível realizar a seleção precoce da marcha, buscando a uniformidade e qualidade do plantel. Foram utilizados 9 potros (3 fêmeas e 6 machos) e 5 equinos adultos (4 fêmeas e 1 macho) classificados pelo treinador como os melhores animais de marcha da propriedade. Os potros foram equipados com o sistema de análise de andamento Equimetrix® e acompanharam a trajetória da mãe, puxada no cabresto pelo treinador em pista plana de grama, primeiro ao passo e depois à marcha, com velocidade acompanhada por GPS. Os cavalos adultos também foram equipados com o Equimetrix®, percorreram a mesma trajetória nas mesmas condições, no entanto foram montados pelo treinador. As variáveis cinemáticas e cinéticas foram calculadas e obtidas com o equipamento de análise de andamento Equimetrix®. Ao passo, as variáveis cinemáticas e cinéticas não apresentaram diferenças entre as duas idades. À marcha, a frequência da passada ($p=0,0092$), simetria ($p=0,0282$) e potência mediolateral ($p<0,0001$) foram diferentes entre as idades dos potros. Nestes, a frequência da passada (1,65 ± 0,02 Hz) foi maior aos 30 dias de idade, enquanto a simetria (251,56 ± 15,74) e potência mediolateral (6,92 ± 0,50 W/kg) foram maiores aos 180 dias de idade. Estas variações poderiam ser decorrentes do maior tamanho e massa muscular dos animais de maior idade. A diferença na frequência de passadas, também está relacionada ao crescimento dos potros, já que quanto menor o comprimento da passada, maior se torna a frequência dos passos. Conclui-se que a maior parte das características biomecânicas (cinemáticas e cinéticas) avaliadas não se alterou nos potros da raça Mangalarga Marchador, à marcha e ao passo, nos primeiros seis meses de idade. Para determinar se este padrão será mantido, sugere-se a continuidade da avaliação seriada da marcha destes potros até atingirem a idade adulta.

Palavras-chave: Acelerometria; fenômenos biomecânicos; marcha, cavalos

4. ANÁLISE ELETROMIOGRÁFICA DOS MÚSCULOS LONGUÍSSIMO DORSAL E RETO ABDOMINAL EM CAVALOS DA RAÇA MANGALARGA MARCHADOR DE MARCHA BATIDA

BRUNNA PATRÍCIA ALMEIDA DA FONSECA*1; SAMUEL PEREIRA SIMONATO1; AMANDA PIAIA SILVATTI1; BRUNA MARIA RIBEIRO2

1.UFV, VIÇOSA, MG, BRASIL; 2.UNIS, VARGINHA, MG, BRASIL.

e-mail:brunna.fonseca@ufv.br

Resumo:

A eletromiografia é um método de avaliação da atividade elétrica das células musculares, e é utilizada em estudos biomecânicos para compreender a participação dos músculos durante a locomoção dos equinos. O Longuíssimo Dorsal (LD) e o Reto Abdominal (RA) são músculos envolvidos na movimentação e estabilização do tronco, e possuem atividade e função antagônicas. Ao passo, o LD apresenta atividade mioelétrica no meio da fase de apoio dos membros pélvicos, enquanto o RA não mostra atividade durante o ciclo da passada. Ao trote, o RA apresenta atividade mioelétrica durante a extensão, enquanto no LD a atividade ocorre durante a flexão da coluna. Em ambos os músculos, são registradas dois períodos de atividade mioelétrica durante o ciclo da passada. Porém não existem dados sobre a atividade muscular em cavalos de marcha. O trabalho teve como objetivo realizar uma descrição preliminar da atividade eleromiográfica dos músculos LD e RA durante a marcha batida, por meio da eletromiografia de superfície em cavalos da raça Mangalarga Marchador. A amostra foi composta por 5 equinos adultos, Mangalarga Marchador de marcha batida, livres de claudicação ou dor lombar. A aquisição dos dados eletromiográficos dos

músculos LD (5 cm lateral ao processo espinhoso da 16ª vértebra torácica) e RA (6 cm lateral a cicatriz umbilical) foi realizada utilizado o sistema de eletromiografia wireless Trigno (Delsys®), com frequência de aquisição máxima de 2000 Hz, utilizando o software EMGworks (Delsys®). Para a descrição da atividade eletromiográfica ao longo do ciclo de uma passada foi realizada simultaneamente a análise cinemática das fases de apoio e suspensão de cada membro. Foram utilizadas das 15 passadas para cada animal (3 passadas em 5 tentativas), o ciclo de uma passada foi ajustado a 100 intervalos (100%), no qual 0% foi o início do contato do membro torácico direito e 100% o início do contato subsequente do mesmo membro. Após a tricotomia dos locais, limpeza e desengorduramento com éter, os sensores foram aplicados bilateralmente em cada músculo, paralelos ao sentido das fibras musculares, por meio de adesivos dupla face hipoalergênicos próprio para os sensores wireless Trigno®. Em seguida a coleta, os dados da eletromiografia foram analisados no software MatLab. A atividade eletromiográfica do músculo LD ocorreu de maneira unilateral, ipsilateral ao membro pélvico apoiado, durante o terço médio do apoio do mesmo. Esta atividade registrada possivelmente está associada a estabilização do movimento lateral da coluna toracolombar para a propagação do impulso gerado pelo membro pélvico. Este achado difere ao descrito para o trote, que apresenta atividade eletromiográfica bilateral durante os apoios diagonais, e se assemelha a atividade eletromiográfica descrita no passo. A diferença observada entre os cavalos de marcha batida deste trabalho e os de trote relatados na literatura pode ser atribuída a marcha, pois neste andamento, assim como no passo, o cavalo não apresenta momentos de suspensão, que proporcionaria menor transmissão de impacto para o esqueleto axial e exigindo atividade eletromiográfica diferente ao trote. O músculo Reto Abdominal apresentou atividade eletromiográfica bilateral, no terço inicial das fases de apoio diagonal. Este achado é semelhante ao relatado na literatura para animais de trote, e sugere que a atividade deste músculo ocorre para estabilização da coluna, evitando a sua extensão excessiva pelo movimento das vísceras abdominais, desta forma, sugere se que assim como no trote a dorsoflexão nos cavalos de marcha também é passiva. A atividade eletromiográfica do músculo LD ocorre de maneira unilateral e ipsilateral ao membro pélvico apoiado, durante o terço médio da fase de apoio. O músculo RA apresentou atividade eletromiográfica bilateral, no terço inicial das fases de apoio diagonal.

Palavras-chave: Biomecânica; coluna; andamento

5. ATIVIDADE OVICIDA DO ÓLEO ESSENCIAL DE ROSMARINUS OFFICINALIS L. E OCIMUM BASILICUM L. SOBRE NEMATÓDEOS DE EQUINOS

FERNANDO P LISBOA*1; CAROLINE MAZZOCHI SUTILI1; SEIMOR TREVIZAN OLIVEIRA1; LUCIANA LAITANO DIAS DE CASTRO1; ANA PAULA LONGARAY DELAMARE1; LEANDRO DO MONTE RIBAS1; GABRIEL FERNANDES PAULETTI1

1.UCS - CAXIAS DO SUL/RS, CAXIAS DO SUL, RS, BRASIL.

e-mail:pxlisboa@gmail.com

Resumo:

As parasitoses gastrointestinais em equinos são fatores que podem interferir diretamente no desenvolvimento e desempenho dos animais de todas as idades, causando graves enfermidades. Para controlar estas infecções são realizadas vermifugações periódicas dos animais, porem o uso indiscriminado dos anti-helmínticos pode gerar seleção de parasitas resistentes aos fármacos disponíveis no mercado. Como alternativa de controle, plantas medicinais vêm sendo estudadas a fim de avaliar sua atividade anti-helmíntica. Nesse sentindo, o presente trabalho teve como objetivo testar a ação ovicida do óleo essencial de Alecrim (Rosmarinus officinali) e Manjericão (Ocimum basilicum) em nematódeos gastrointestinais de equinos. Os óleos essenciais foram obtidos através do método de extração por hidrodestilação por aparelho tipo Clevenger por uma hora (100 g de plantas desidratadas). Para realização do teste de inibição da eclodibilidade amostras foram coletadas diretamente da ampola retal de dois equinos com contagem de ovos por grama de fezes acima de 2000, os quais não tiveram qualquer tratamento anti-helmíntico dentro de 60 dias. O teste foi realizado em microplacas de 24 poços, com quatro repetições, contendo 100 ovos por poço e os óleos em seis concentrações sucessivas em log2 de 1 a 0,03%. Para diluição dos óleos foi utilizado Tween 20 a 0,5%. Como controle foi utilizado água destilada, anti-helmíntico cloridrato de levamisol

(0,2 mg/mL), e água destilada com 0,5% de Tween 20. As placas foram incubadas em estufa a 28°C por 48h para posterior quantificação de ovos e larvas. Os resultados foram expressos pela média percentual da inibição da eclodibilidade da quadruplicata e analisados através do teste ANOVA e Tukey com o programa GraphPad Prism 7.0. Os controles com água destilada, anti-helmíntico e água destilada com 0,5% de Tween 20 apresentaram percentual médio de inibição de 6,48% 95,15% e 3,73%, respectivamente, comprovando que o Tween 20 não interferiu no desenvolvimento normal dos ovos, não diferindo estatisticamente entre si. Já o óleo de Alecrim na concentração de 1% e 0,5% demonstrou 99,65% e 96,18% de inibição, e o de Manjericão, 93,92% e 90,08%, respectivamente. Os óleos apresentaram atividade semelhante ao controle com anti-helmíntico, sendo os resultados do Alecrim a 1% estatisticamente superior aos demais ($p<0,05$). Nas concentrações seguintes (0,25; 0,125; 0,06 e 0,03%) ocorreu um decréscimo gradual da atividade ovicida do óleo de Alecrim, variando de 60,76 a 19,59%, sendo as duas menores concentrações estatisticamente inferiores às demais ($p<0,001$). O óleo de Manjericão manteve atividade semelhante na concentração de 0,25 e 0,125%, com inibição de 57,74 e 53,54%, respectivamente, diminuindo para 44,64% na concentração de 0,06% e 27,9% de inibição na menor concentração (0,03%). Estudos com fitoterápicos são de fundamental importância para o desenvolvimento de novos anti-helmínticos, buscando princípios ativos em óleos essenciais. Os resultados obtidos foram promissores, demonstrando a ação direta dos óleos essenciais de Alecrim e Manjericão sobre ovos de nematódeos gastrointestinais de equinos, tendo ação acima de 90% na maior concentração testada, sendo uma boa alternativa para o controle da verminose em equinos. Entretanto mais estudos são necessários, para identificar os componentes ativos, bem como avaliações de toxicidade e da eficácia in vivo destes óleos.

Palavras-chave: óleos essenciais; parasitoses; controle alternativo

6. AVALIAÇÃO BIOMÉTRICA DA RANILHA DOS MEMBROS TORÁCICOS DE ANIMAIS DA RAÇA MANGALARGA PELA BIOFOTOGRAMETRIA

MARINA LANSARINI ANTONIOLI*1; JÚLIA RIBEIRO GARCIA CARVALHO1; MAYARA GONÇALVES FONSECA1; TANIA CRISTINA GALLIANI1; GUILHERME CAMARGO FERRAZ1; PAULO ALÉSCIO CANOLA1; MÁRIO CÉSAR OLIVEIRA RIBEIRO1

1.UNESP - JABOTICABAL, JABOTICABAL, SP, BRASIL.

e-mail:marinalansarini@hotmail.com

Resumo:

As causas mais comuns de claudicação relacionadas a problemas podais devem-se tanto a defeitos de conformação quanto a defeitos de equilíbrio, sendo esses últimos resultantes, principalmente, de métodos de casqueamento e ferrageamento inadequados. O equilíbrio podal está diretamente relacionado à distribuição uniforme do peso ao redor do seu centro de gravidade, constituindo, portanto, um fator imprescindível na higidez do aparelho locomotor dos equinos. A biofotogrametria é um recurso de avaliação não-invasiva que apresenta vantagens como baixo custo do sistema de captação e fotointerpretação da imagem, além de alta precisão e reprodutibilidade dos resultados. Com o intuito de avaliar o equilíbrio dos cascos torácicos de animais da raça Mangalarga, foram mensurados os cascos de 14 fêmeas equinas, registradas junto à Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Mangalarga (ABCCM) e provenientes de diferentes fazendas de criação. Todos os animais eram mantidos em sistema de criação semiextensivo, desempenhando papel de matrizes ou receptoras. O intervalo de casqueamento desses animais variou de 35 a 45 dias, e os animais utilizados no estudo não passaram pelo procedimento de ferrageamento por, pelo menos, 12 meses antes da análise. Com o animal apoiado nos quatro membros de maneira igualmente distribuída, foi posicionada a câmera digital para a captura palmorodorsal. Para a captura da vista solear, o casco foi segurado pela mão do auxiliar e a câmera posicionada paralelamente à sola. As medidas avaliadas foram: A) vista palmar: altura talão lateral (ATL), altura talão medial (ATM); B) vista solear: comprimento da ranilha (CR); largura base da ranilha (LBR). As mensurações foram realizadas por meio de imagens digitais e analisadas utilizando a régua e o angulador digital do programa ImageJ. Após a coleta dos dados, foram classificadas como ranilha contraída

aquelas em que a largura de sua base não atingiu a proporção mínima de 2/3 do seu comprimento. Cascos que apresentaram diferença superior a 0,5 cm entre a altura do talão medial e altura do talão lateral foram considerados desnivelados. Dos 28 cascos avaliados, cinco (17.85%) apresentaram alteração médiolateral de desnivelamento dos talões e 16 (57,14%) cascos apresentaram contração de ranilha. Pode-se concluir que existe maior prevalência de contração de ranilha quando comparado ao desnivelamento médio lateral dos talões nos animais avaliados. Como mais da metade dos cascos avaliados apresentaram contração de ranilha, é provável que técnicas inadequadas de casqueamento tenham sido empregadas na população avaliada. Apesar dessa alteração, nenhum animal avaliado apresentou claudicação. Com a instituição de práticas corretas de casqueamento é possível que esta alteração seja corrigida em médio ou longo prazo. O método de avaliação do equilíbrio dos cascos por meio da biofotogrametria mostrou-se eficiente, além de viável, barato e de fácil execução.

Palavras-chave: Equino; casqueamento; contração de ranilha

7. AVALIAÇÃO CLÍNICA E LABORATORIAL DE EQUINOS DO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO, BRASIL, SORORREAGENTES PARA LEISHMANIA SPP.

JULIA DE ASSIS ARANTES*1; JULIA CRISTINA BENASSI1; DANIELLE PASSARELLI1; RENATA GEBARA SAMPAIO DÓRIA1; TRICIA MARIA FERREIRA DE SOUSA OLIVEIRA1

1.FZEA/USP, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL.

e-mail:julia.arantes@usp.br

Resumo:

As leishmanioses são zoonoses de elevada importância e a participação da espécie equina na epidemiologia das doenças vem sendo estudada ao longo dos últimos anos. O objetivo do presente trabalho foi realizar a verificação da presença de infecção por estes parasitos nos equinos da região do interior de São Paulo, composta neste estudo por Pirassununga, Araras, Santa Rita do Passa Quatro e Patrocínio Paulista. E, além disso, objetivou-se avaliar através de exames clínicos e laboratoriais possíveis alterações em animais infectados. Para isso, amostras de sangue e suabe conjuntival de 20 equinos foram colhidas e testadas pela Reação em Cadeia pela Polimerase (PCR) com os primers LITSR (5' -CTGGATCATTTTCCGATG - 3') e L5-8S (5´ - TGATACCACTTATCGCACTT - 3´) e 13A (5'-GTG GGG GAG GGG CGT TCT-3') -13B (5'-ATT TTA CAC CAA CCC CCA GTT-3') e Reação de Imunofluorescência Indireta (RIFI) para Leishmania spp. As PCRs não detectaram nenhum animal positivo. A RIFI detectou anticorpos anti- Leishmania em 100% dos animais, e as titulações foram 1:80 em 10% dos equinos, 1:160 em 10% (2/20), 1:320 em 20% (4/20) e 1:640 em 60% (12/20). Nos exames clínicos os animais encontravam-se sem alterações dignas de nota e nos exames laboratoriais foram encontradas anemia normocítica normocrômica (arregenerativa) e trombocitopenia em 60% (12/20) dos equinos soropositivos pela RIFI. Além disso, 40% (8/20) apresentaram aumento de AST e 90% (18/20) hipoalbuminemia e 100% hiperglobulinemia (20/20). Os resultados da RIFI sugerem que equinos do interior de São Paulo podem estar infectados por Leishmania spp. e, consequentemente, participar do ciclo epidemiológico das leishmanioses. E, considerando a ausência de lesões típicas em muitos dos casos, são necessários mais estudos para correlacionar as possíveis alterações laboratoriais sanguíneas apresentadas com as doenças. Dessa forma, deveria ser dada maior importância a essa espécie, pois as leishmanioses são zoonoses de grande relevância no Brasil e sabendo o papel de cada espécie nas cadeias epidemiológicas, o controle e a prevenção se tornam mais eficazes.

Palavras-chave: Rifi; anemia; trombocitopenia

8. AVALIAÇÃO DA AÇÃO DE DOIS MODELOS DE SELAS SOBRE O DORSO DE CAVALOS ÁRABES ATRAVÉS DA TERMOGRAFIA

BEATRIZ MOREIRA ANDRIOLI*1; MARINA JULIANI BAUMHAK2; ANA CLARA KOHARA ROMAN2; RENATA FARINELLI DE SIQUEIRA3

1.UNIVERSIDADE GUARULHOS, SAO PAULO, SP, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE CRUZEIRO DO SUL, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:b_andrioli@hotmail.com

Resumo:

Excluídos os casos de claudicação com origem nos membros, uma das principais causas de alteração na andadura e desempenho de cavalos atletas são as dorsopatias, muitas vezes causada pelo ajuste inadequado ou posicionamento impróprio da sela. Qualquer esporte equestre exige equilíbrio e, para tal, o centro de gravidade do cavaleiro deve estar alinhado com o do cavalo. Para que isso ocorra, a sela deve estar equilibrada e o cavaleiro ter boa postura. Como o exame dinâmico da sela no cavalo é difícil, a análise das imagens obtidas a partir do termógrafo, da região tóraco-lombar, é útil para detectarmos pontos anômalos de pressão após o exercício. A termografia mede o calor superficial da pele, porém, esse calor reflete modificações metabólicas do músculo que a sela apoiou, como maior ou menor fluxo sanguíneo. O objetivo desse trabalho foi avaliar a pressão que os painéis de dois modelos de sela mais comumente utilizados em cavalos Árabes de Enduro exercem sobre a região toracolombar desses animais e, a partir daí, sugerir o mais adequado. Foram utilizados 6 cavalos da raça Árabe, machos castrados, com peso de 390 ± 4,2 e idade 8 ± 2,1 anos, condicionados para as provas de Enduro. Foram utilizados também, dois modelos de sela, inglesa de couro com painéis de espuma, que mediu 8 cm de largura e a Quarto de Milha sintética com painéis recobertos por lã, que mediu 23 cm de largura. As selas foram pesadas em balança digital e pesaram 7,87 kg (Inglesa) e 7,56 kg (Quarto de Milha). Os cavalos foram submetidos ao trabalho montado em pista de areia pelo mesmo cavaleiro, experiente, que pesou 76 kg. Os cavalos foram deixados em uma baia protegida de vento e radiação solar por meia hora e procedeu-se a termografia da região lombar. Os cavalos foram trabalhados montados conforme o protocolo que consistiu em 5 minutos de passo, 10 minutos de trote, 3 minutos de galope e 2 minutos de passo, sendo que todos os movimentos serão repetidos em ambos os lados. Assim que retornaram à cocheira permaneceram sem a sela por 30 minutos para aclimatação. A termografia da região toracolombar foi novamente realizada, com a finalidade de determinação dos pontos de pressão dos painéis da sela sobre o dorso do animal. As imagens foram obtidas a partir de uma câmera termográfica FLIR modelo T450 (FLIR Thermal Infrared Camera Systems, Inc. Danderyd – Sweden) e analisadas quantitativamente através do programa FLIR Tools. Foi comparada a temperatura observada em ambos os lados do dorso do animal antes e depois do exercício e dos pontos de pressão exercido pelos painéis das selas (pontos mais quentes). A partir daí, calculou-se a porcentagem de variação das temperaturas obtidas, utilizando o programa Excel (Windows 10®). O modelo de sela Inglesa apresentou uma diferença média de temperatura sobre o dorso dos cavalos, entre antes e depois do exercício de 5,9%. Já o modelo de sela Quarto de Milha, apresentou uma diferença média de temperatura sobre o dorso dos cavalos, entre antes e depois do exercício de 2,2%. Os painéis são as partes que possuem contato direto com o cavalo desempenhando importante papel no ajuste ou desequilíbrio das selas que levam, em longo prazo, ao desenvolvimento das dorsopatias. Por outro lado, uma sela bem ajustada pode servir de auxílio no tratamento das lombalgias. A sela Quarto de Milha, que possui um painel mais largo, apresentou menores variações de temperatura antes e depois do exercício sobre o dorso dos cavalos estudados, portanto, um melhor ajuste sobre o dorso desses animais, sendo o modelo mais indicado.

Palavras-chave: Sela, termografia; equinos; dorsopatias

9. AVALIAÇÃO DA CULTURA BACTERIANA E ANTIBIOGRAMA DE DRENOS PERITONEAIS PASSIVOS EM EQUINOS ATENDIDOS NO HOSPITAL VETERINÁRIO DA UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI

LEANDRO KEITI HAYASHI*1; PAOLO NEANDRO BONA SOARES1; THAYNA KIKUCHI MONTEIRO1; AYMARA EDUARDA DE LIMA1; MARILIA NUNES CARDOSO1; NEIMAR VANDERLEI RONCATI1; ANGELICA TRAZZI BENTO DE MORAES1

1.UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI, SAO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:leandrokeiti.hayashi@gmail.com

Resumo:

O peritônio é a maior membrana mesotelial serosa do organismo que recobre o abdômen e as vísceras abdominais, sua inflamação é denominada de peritonite tendo como causas principais sepse, translocação bacteriana decorrente de algum processo isquêmico, trauma mecânico ocasionado por manipulação cirúrgica, estímulos químicos como nos casos de uroperitônio e neoplasias, sendo uma das principais afecções dos equinos, podendo por vezes, levar o animal a óbito. A terapêutica adequada é baseada em uso sistêmico de anti-inflamatórios não esteroidais e antibióticos de amplo espectro, diminuição dos mediadores inflamatórios e agentes bacterianos através de lavagem peritoneal, para isso pode-se lançar mão de drenos peritoneais passivos, melhorando o contato entre a superfície peritoneal, minimizando o risco de aderências. A técnica mais utilizada e que apresenta melhor resultado é a colocação de um dreno na linha média ventral. O presente trabalho teve como objetivo analisar os resultados obtidos da cultura microbiológica e antibiograma de drenos peritoneais utilizados como forma de prevenção ou tratamento da peritonite no período pós-operatório em pacientes atendidos no Hospital Veterinário da Universidade Anhembi Morumbi que passaram por celiotomia no período de 2015 a 2017. A cultura microbiológica e antibiograma foram analisadas de acordo com os procedimentos padrão estabelecidas pela Clinical & Laboratory Standards Institute 2013, documentos VET01-A4 e VET01-S2, onde o objetivo principal foi determinar as principais bactérias presentes e resistência bacteriana para aprimoramento nos métodos utilizados pela comunidade científica bem como terapia no referido hospital. Dos nove drenos avaliados, três (33.3%) não apresentaram crescimento bacteriano e seis casos (66,7%) apresentaram crescimento de bactérias patológicas ou pertencentes à microbiota intestinal, sendo quatro casos com crescimento de bactérias pertencentes à microbiota, como Proteus sp., E. coli e Enterobacter sp. e um dos casos com crescimento de bactéria patológica Staphylococcus epidermidis. No resultado do antibiograma foi encontrada sensibilidade para antibióticos como amoxiciclina, amicacina e cloranfenicol, sendo estes fármacos pouco utilizados em nossa rotina na terapêutica para esta afecção. Porém as bactérias isoladas se mostraram resistentes para ampicilina, amoxilina, azitromicina, cefalexina, doxixiclina, tetraciclinas, trimetoprim e enrofloxacina, este último indicado como uma boa opção de tratamento para peritonite na literatura. Dos casos avaliados somete um paciente veio a óbito após alguns dias do procedimento cirúrgico por conta de aderências abdominais, não respondendo ao tratamento realizado. Os outros casos receberam alta e tiveram uma boa recuperação. No antibiograma e cultura microbiológica dos drenos dos casos avaliados foi possível concluir que são utilizados no tratamento do paciente antibióticos resistentes, como ceftiofur e gentamicina, mas com resultados satisfatórios na maioria das vezes. Para melhorar, o ideal seria o uso de antibióticos bactericidas e com ação sinérgica, para que ambos se complementem e tenham o efeito desejado.

Palavras-chave: Dreno; peritonite ; antibiograma

10. AVALIAÇÃO DA EFICÁCIA DA IVERMECTINA EM REBANHO DE EQUINOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, RIO GRANDE DO SUL.

JULIA SOMAVILLA LIGNON*1; FERNANDA TIMBÓ D'EL REY DANTAS1; MIKAELE SAYURE TAKADA1; LORENA SOARES FEIJÓ1; DEBORA MACHADO NOGUERA1; DIEGO MOSCARELLI PINTO1; CARLOS EDUARDO WAYNE NOGUEIRA1; BRUNA DA ROSA CURCIO1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - UFPEL, PELOTAS, RS, BRASIL.

e-mail:julialignon@gmail.com

Resumo:

As infecções por nematódeos gastrintestinais tem grande importância econômica na criação de animais domésticos em função de limitar a produtividade, reduzir o ganho de peso e a conversão alimentar, além de comprometer o desempenho reprodutivo, o sistema imunológico e o bem-estar dos animais. A patogenicidade dos parasitos que acometem equinos está diretamente relacionada com a espécie do agente etiológico, estado de saúde do animal infectado, bem como a fase de desenvolvimento larval dos parasitos. As lesões são variadas, gerando desde desconforto abdominal até a morte do animal, em casos mais graves. A fim de controlar as parasitoses, o método mais utilizado é a aplicação de anti-helmínticos. Estão disponíveis no mercado uma grande diversidade destes, entretanto, o seu uso indiscriminado possibilitou o aparecimento de parasitos resistentes aos princípios ativos mais populares, como a Ivermectina, comprometendo a efetividade do tratamento. O objetivo deste trabalho foi avaliar a eficácia da Ivermectina em equinos pertencentes ao plantel do Centro de Ensino e Experimentação em Equideocultura da Palma (CEEEP) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), localizado no município do Capão do Leão, no Rio Grande do Sul. O estudo foi realizado no mês de março de 2018, sendo que, no dia do tratamento, foram coletadas amostras de fezes de 10 éguas mestiças crioulas, adultas e com idade média de 12 anos. Os animais são criados em sistema extensivo e é realizada rotação dos princípios ativos utilizando-se, a cada quatro meses, associação de ivermectina e praziquantel, ivermectina ou benzimidazólicos (albendazole ou febendazole). Na ocasião estudada, administrou-se por via oral o anti-helmíntico em forma de pasta contendo Ivermectina (200ug/kg) em todos os animais. Transcorridos 14 dias após a aplicação do anti-helmíntico, uma nova coleta de fezes foi realizada, a fim de verificar a contagem de ovos de helmintos por grama de fezes (OPG) posterior ao tratamento. As amostras fecais foram retiradas diretamente da ampola retal com auxílio de luvas, identificadas individualmente e devidamente acondicionadas em recipientes isotérmicos. Foram, então, encaminhadas ao Laboratório de Doenças Parasitárias (LADOPAR) da UFPel e analisadas pelo método de Gordon & Whitlock. A avaliação da eficácia do medicamento foi calculada por meio da contagem de ovos de helmintos antes e após o tratamento. As médias foram de 2055±1825 e 110±122 OPG no pré e pós-tratamento, respectivamente, representando um índice de eficácia (IEF) da Ivermectina de 95% neste plantel. É convencionado que, para ser considerado eficaz, um produto deve apresentar IEF acima de 95%. Isso demonstra que a Ivermectina, apesar de atualmente ser o princípio ativo mais comumente utilizado pelos produtores na região sul do Rio Grande do Sul, ainda apresenta-se eficaz, principalmente quando associada a outras técnicas de manejo. A alternância de princípios ativos, rotação de piquetes, rotação com outras espécies de animais e monitoramento frequente do plantel com exames coprológicos realizados no HCV da UFPel possivelmente foram determinantes para o resultado positivo observado no presente estudo. Essas práticas visam diminuir o número de larvas infectantes na pastagem e, assim, reduzir a seleção dos parasitos adiando o processo de resistência parasitária.

Palavras-chave: Antiparasitários; helmintos; parasitos gastrintestinais

11. AVALIAÇÃO DA EFICÁCIA DO PLASMA RICO EM PLAQUETAS NO TRATAMENTO DE FERIDAS CUTÂNEAS INDUZIDAS NA ESPÉCIE EQUINA

GUSTAVO ROMERO GONÇALVES*1; POLYANA CAROLINA MARINO1; VINICIUS CARLOS DA SILVA COSTA1; JULIANA EVANGELISTA BEZERRIL1; CAROLINE PATRICIA GOMES1; PAULO FERNANDES MARCUSSO2

1.CENTRO UNIVERSITÁRIO INGÁ, MARINGÁ, PR, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, UMUARAMA, PR, BRASIL.

e-mail:guga.rg@hotmail.com

Resumo:

O plasma rico em plaquetas (PRP) é o derivado da centrifugação do sangue total, cuja utilização concentra-se em melhorar a reparação de diferentes tecidos, tendo em vista os fatores de crescimento que fazem parte da sua composição. Os resultados obtidos até o momento quanto ao seu uso, demonstram efeitos positivos sobre a migração e proliferação celular, angiogênese e deposição de matriz celular na cicatrização tendínea e possivelmente de ferimentos. No presente estudo, objetivou-se avaliar a eficácia deste composto no tratamento de feridas induzidas na espécie equina. Para a execução deste trabalho, foram utilizados três equinos, sem raça definida, hígidos, com

idades variadas. Para a obtenção do PRP utilizou-se metodologia similar à descrita por Pereira et al. (2012). O material foi processado no Laboratório de Patologia Clínica da Universidade Estadual de Maringá (UEM) campus Umuarama, Paraná. Foram coletadas três bolsas de sangue contendo anticoagulante, através da venopunção da veia jugular de um cavalo doador hígido. No laboratório, todo o sangue foi fracionado em tubos falcon contendo 45 ml cada, e centrifugado a 3000 giros durante 15 minutos em centrífuga MTD III PLUS®. Após isto, cerca de 50% da parte superior da amostra foi descartada, e o restante submetido a uma nova centrifugação, com rotação e tempo semelhantes à primeira, sendo descartado novamente 50% da porção superior do volume total obtido. Após a realização do procedimento em todos os tubos, todo o plasma obtido foi homogeneizado e fragmentado em tubos eppendorf®, contendo 0,5ml cada um e mantidos sob refrigeração (5 a 8ºC), retirados apenas no momento da utilização. Para administração do plasma nos animais, foram feitas duas feridas cirúrgicas em formato quadrangular (9 cm^2), sendo uma em cada lado da garupa de cada animal. A ferida do lado esquerdo da garupa foi considerada o grupo controle (G0), enquanto que, a ferida do lado direito considerou-se como sendo o grupo tratamento (G1), com administração do PRP. Logo após a indução das lesões, foi estabelecida a limpeza diária com o uso apenas de solução fisiológica nas feridas do G0, e a aplicação tópica de 0,5 ml de PRP no G1, ambos os tratamentos realizados duas vezes ao dia até o 54º dia após a indução das lesões. As feridas foram submetidas à análise macroscópica diariamente, quanto ao seu aspecto e medidas através do uso de um paquímetro. No último dia de tratamento, foram coletados fragmentos das cicatrizes para análise histopatológica. Diante da análise macroscópica realizada, pode se observar que o grupo G1 apresentou uma melhor cicatrização da ferida até o 40º dia de tratamento, quanto ao preenchimento mais rápido da ferida por tecido de granulação, assim como a formação mais precoce de uma linha de epitelização nos bordos da ferida. De acordo com a análise histológica, foi observado tanto no G0 quanto no G1 a presença de tecido epitelial íntegro em fase final de cicatrização, não havendo diferença entre os mesmos no que diz respeito ao processo final de cicatrização. Após o 40º dia, ambos os grupos apresentaram contração e cicatrização semelhantes, não demonstrando diferença entre eles. Tais achados corroboram com os dados revisados por Tambella et. al. (2018), que relatam sucesso no tratamento de feridas cutâneas induzidas a partir do uso do PRP.

Palavras-chave: Cavalos; concentrado rico em plaquetas; cicatrização

12. AVALIAÇÃO DA MIGRAÇÃO DAS CÉLULAS TRONCO MESENQUIMAIS INSERIDAS EM MICROCÁPSULAS DE HIDROGEL DE ALGINATO EM EQUINOS

VITOR HUGO SANTOS*1; JOÃO PEDRO HÜBBE PFEIFER1; JAQUELINE BRANDÃO DE SOUZA1; BETSABÉIA HELOÍSA GENTILHA MILANI1; MARJORIE ASSIS GOLIM2; ANA LIZ GARCIA ALVES1

1.FMVZ-UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL; 2.FMB UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:vitor.hugo@fmvz.unesp.br

Resumo:

A osteoartrite é caracterizada clinicamente pela dor e diminuição progressiva da mobilidade articular. O implante de células tronco mesenquimais (CTMs) tem mostrado resultados promissores para seu tratamento. O desafio da técnica é manter as células no sitio de ação para aumentar seu potencial terapêutico. Este estudo teve como objetivo avaliar a eficácia da marcação das CTMs de membrana sinovial (MS) alogênicas, encapsuladas em hidrogel de alginato com o nanocristal Qtracker® 655, avaliando a migração dessas células na articulação sinovial. Cinco equinos foram submetidos a cirurgia artroscópica (D0), onde foi induzida lesão condral de 15mm de diâmetro no osso carpo radial de ambos os membros torácicos. As 10 articulações radio cárpicas foram divididas em dois grupos (GA, GB). O defeito condral foi submetido ao tratamento conforme o grupo: GA recebeu CTMMS livres marcadas e GB recebeu microcápsulas com CTMMS marcadas. A marcação ocorreu uma hora antes da indução da lesão. As células previamente cultivadas foram incubadas com nanocristais Qtracker 655 por 60 minutos. Foram realizados testes prévios de viabilidade celular pela técnica do Azul de Trypan, não observando alterações in vitro durante um período de 24 horas. Sete dias após a indução da lesão e implante de células marcadas, foram realizadas biópsias do local da lesão em dois animais, sendo retirados fragmentos de membrana sinovial e cápsula articular, que foram congelados

e posteriormente processados em cortes histológicos para visualização em microscópio de fluorescência. O líquido sinovial dos outros três animais foi analisado por citometria de fluxo em três momentos, 3, 7 e 21 dias após a aplicação. A marcação celular com os nanocristais possibilitou a visibilização das células em cartilagem, membrana sinovial, líquido sinovial e cápsula articular. Observou-se presença evidente de células marcadas na membrana sinovial, possivelmente pela quimiotaxia a inflamação, sendo escassa a observação destas células no local da lesão. As CTMMS marcadas com o nanocristal Qtracker 655® não apresentaram queda em sua viabilidade nas análises in vitro e in vivo ao demonstrar a presença de CTMMS marcadas na membrana sinovial de ambos os tratamentos durante o periodo de 7 dias, concluindo que o nanocristal é seguro e não possui efeito tóxico às células.

Palavras-chave: Cartilagem; pontos quânticos; scaffold

13. AVALIAÇÃO DA VIABILIDADE DE CÉLULAS TRONCO DERIVADAS DE MEMBRANA SINOVIAL DE EQUINO EM PROTOCOLO DE MICROENCAPSULAMENTO EM ALGINATO DE SÓDIO

ANDRE MASSAHIRO TERAMOTO KRIECK*1; GUSTAVO DOS SANTOS ROSA1; JAQUELINE BRANDÃO DE SOUZA1; JOÃO PEDRO HÜBBE PFEIFER1; MARIANA CORREA ROSSI1; BETSABÉIA HELOÍSA GENTILHA MILANI1; CARLOS ALBERTO HUSSNI1; MARCOS JUN WATANABE1; ANA LIZ GARCIA ALVES1

1.UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:andre_massahiro@hotmail.com

Resumo:

As células tronco mesenquimais originadas da membrana sinovial (CTMMS) são utilizadas no tratamento de enfermidades articulares por apresentarem potencial terapêutico, aumentando a taxa de proliferação de condrócitos e a produção de matriz extracelular, além de sua capacidade imunomoduladora. Um grande desafio em terapias baseadas em células é localizar as células-tronco entregues no local alvo. A microencapsulação de células fornece uma matriz polimérica porosa que pode fornecer um ambiente protegido, mantendo as células em uma área e preservando sua viabilidade. A porosidade da cápsula permite a troca de nutrientes e produtos residuais entre as células e o tecido circundante. Além disso, o hidrogel tem a capacidade de proteger as células encapsuladas contra o reconhecimento pelo sistema imunológico, podendo assim ser utilizado associado às CTM alogenicas. Neste contexto, o conhecimento da viabilidade celular após o encapsulamento é extremamente importante, garantindo a aplicabilidade deste método terapêutico. Portanto, este estudo teve como objetivo cultivar e avaliar a viabilidade das CTMMS em microcápsulas de hidrogel de alginato. Amostras de CTMMS de equino congeladas do biobanco do Laboratório de Terapia Regenerativa FMVZ UNESP Botucatu/SP foram cultivadas e expandidas em monocamadas até P4 e foram encapsuladas em uma concentração de 5 milhões/ml de solução 1,2% de alginato de sódio com PH 7,4. A suspensão de alginato foi homogeneizada e aspirada por uma seringa de 10 mL que foi colocada em uma bomba de infusão em uma taxa de 40ml/min, através de uma agulha 30G por gotejamento posicionada a uma altura de 5cm da lâmina d`água da solução de polimerização (CaCl 2 - 102 mM). As gotas permaneceram nesta solução por 20 min até a formação das microcápsulas, que foram lavadas duas vezes em PBS 7,4 e transferidas para placas de 24 poços, cada um contendo 20 microcapsulas em meio DMEM + 10% de SFB. O cultivo foi mantido em estufa a 37 ° C em atmosfera úmida a 5% de CO2 e 95% de ar durante oito dias. O meio de cultura foi trocado diariamente. A viabilidade celular foi realizada primeiramente dissolvendo as microcápsulas em citrato de sódio a 4% durante 10 min em estufa a 37 ° C. Subsequentemente, a amostra foi centrifugada e diluída na solução de azul de trípano 0,4%. A contagem das células e a determinação da viabilidade celular foram realizadas com a câmara de Neubauer imediatamente após encapsulamento e diariamente durante 8 dias. Analisando os resultados, o diâmetro médio das cápsulas foi de 1700 µm. A viabilidade média foi 82,05%. A viabilidade máxima foi observada no D0 (87,60%), imediatamente após o encapsulamento, seguida de queda nos 2 dias subsequentes (D1: 77,70%), atingindo seu valor mínimo no terceiro dia do experimento (D2) 68,95%. Após este período a viabilidade aumentou até o 7º dia (D6, 87,13%) tendendo à estabilidade no 8º e 9º dias (D7 86,96% e D8 86,80%), próximos ao valor inicial (D0). A morte celular observada nos estágios iniciais, provavelmente ocorreu devido ao aumento da atividade metabólica

dentro das microcápsulas logo após a polimerização. O diâmetro da agulha pode interferir com a viabilidade celular, apontando que agulhas de menor calibre podem reduzir a viabilidade, por induzir estresse em comparação com calibre de agulha maiores, podendo também justificar parte da redução da viabilidade nos 2º e no 3º dia. No entanto os valores da viabilidade podem estar subestimados já que as células mortas pelo processamento inicial, passagem pela agulha e polimerização das microcápsulas, continuam imobilizadas no seu interior sendo contadas em todos os momentos. Portanto, o presente estudo demonstrou que as CTMMS apresentaram rápida e boa adaptação às microcápsulas de alginato de sódio, demonstrando que a técnica empregada é de fácil execução, o encapsulamento de CTMMS é viável e apresenta resultados promissores. No entanto, mais estudos in vitro a longo prazo, assim como avaliações in vivo são necessários.

Palavras-chave: Células tronco mesenquimais; hidrogel; microcápsulas

14. AVALIAÇÃO DAS REAÇÕES POSTURAIS DE EQUINOS SUBMETIDOS AO BLOQUEIO MEDIANO COM BUPIVACAÍNA 0,5 %

LUAN LUTHZEMBERG FERREIRA DE ANDRADE*1; PIERRE BARNABÉ ESCODRO1; ANDREZZA CAROLINE ARAGÃO DA SILVA1; MARIO FERNANDO VILELA DE ALMEIDA1; CAROLINA CARVALHO DOS SANTOS LIRA1; ALINE MAYARA SILVA DE LIMA1; JARBIANE GOMES DE OLIVEIRA1; TABATHA DE OLIVEIRA CAVALCANTE1; JACKELLYNE LAÍS FERREIRA LINS1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, MACEIO, AL, BRASIL.

e-mail:luthzemberg_luan@hotmail.com

Resumo:

Os esportes equestres vêm crescendo no cenário nacional, bem como as exigências esportivas e os fatores predisponentes às afecções do aparelho locomotor dos equinos. Assim, as infiltrações perineurais de soluções anestésicas e neurolíticas são frequentemente utilizadas para dores crônicas, com poucos estudos sobre o déficit proprioceptivo a partir do nervo infiltrado e riscos ao conjunto cavalo/cavaleiro. O objetivo desta pesquisa foi avaliar as reações posturais em equinos submetidos ao bloqueio anestésico do nervo mediano, utilizando bupivacaína 0,5% sem vasoconstritor (BMB). Seis equinos adultos, sendo 3 fêmeas e 3 machos hígidos, peso médio de 370 ± 40 kg, idade de 5 a 9 anos, foram avaliados, sob sistema de triplicata de tomadas de tempo, em relação aos testes de reação postural: Prova Dorso-flexão do Membro (PDF): apoiou-se no solo a superfície dorsal do casco e avaliou-se o tempo de retorno; Prova de Cruzamento do Membro (PCM): análise do tempo de retorno do membro após cruzamento; Prova de Deslizamento (PD): colocou-se o membro sobre um carro com rodas e gira-se lateralmente, avaliando o tempo de retirada; e Prova de Obstáculos (PO): passagem do animal sobre madeira a altura de 15 cm, observando frequência de queda do obstáculo. Após primeira avaliação, todos os animais foram submetidos à analgesia perineural do nervo mediano no membro torácico esquerdo com 10 mL de cloridrato de bupivacaína a 0,5 % sem vaso constritor no nervo mediano, aguardando 30 minutos para novas avaliações. O nervo mediano foi anestesiado na face caudo-medial do membro, distalmente à articulação do úmero-rádio-ulnar, no terço proximal do rádio, na região onde a borda ventral do músculo peitoral superficial posterior insere no rádio. A agulha foi direcionada proximal e lateralmente através da fáscia, próximo da superfície ou borda caudal do rádio, a uma profundidade de três a cinco centímetros. Para maior precisão da infiltração foi utilizado Neurolocalizador DL 250-Deltalife. Foram aplicados testes de Shapiro-Wilk sobre os resultados das provas para avaliação da normalidade dos dados. Como os dados apresentaram normalidade na distribuição, foram comparados por meio de teste t de student para amostras pareadas. O teste PO foi avaliado de forma descritiva. As médias foram respectivamente para antes e após BMB (em segundos): PDF- 110,89 ± 16,17 e 220,83 ± 59,21; PCM- 110,61 ± 33,55 e 160,67 ± 36,64; PD- 92,22 ± 17,70 e 92,44 ± 11,13. Houve diferença significativa ($p<0,05$) para a prova PDF ($p = 0,039$); não houve diferença significativa ($p>0,05$) para as provas PCM ($p = 0,089$) e PD ($p = 0,494$). Para PO, 3 animais apresentaram pelo menos um evento positivo para a derrubada do obstáculo (3/18); após BMB, todos os animais apresentaram eventos positivos para a derrubada do obstáculo (11/18). Conclui-se que os equinos submetidos à BMB no nervo

mediano apresentam déficits proprioceptivos significativos para os testes PDF e PO, devendo sua utilização ser evitada em equinos de esporte ou não que irão realizar qualquer atividade física após bloqueio.

Palavras-chave: Analgesia; cavalo; membro, propriocepção

15. AVALIAÇÃO DE PARÂMETROS ULTRASSONOGRÁFICOS E IDENTIFICAÇÃO DE ACHADOS NA ARTICULAÇÃO METACARPOFALANGEANA DE CAVALOS EM TREINAMENTO DE SALTO.

ANA LÚCIA MILUZZI YAMADA*1; MARCELO PINHEIRO2; MARILIA FERRARI MARSIGLIA1; STEFANO CARLO FILIPPO HAGEN1; RAQUEL YVONNE ARANTES BACCARIN1; LUIS CLÁUDIO LOPES CORREIA DA SILVA1

1.FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA USP SP, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 2.VETERINÁRIO AUTÔNOMO, ITU, SP, BRASIL.

e-mail:anamyamada@outlook.com

Resumo:

Em cavalos de salto, a articulação metacarpofalangeana é constantemente submetida ao esforço suprafisiológico. Como consequência, a osteoartrite reduz de forma significativa o desempenho do cavalo atleta. A fase inicial da osteoartrite pode cursar com ausência de sinais clínicos, assim, a combinação de ferramentas diagnósticas pode assinalar precocemente a doença. O exame ultrassonográfico apresenta-se como um excelente instrumento investigativo por permitir a obtenção de imagens diretas e detalhadas. Nesse estudo foi realizada a avaliação ultrassonográfica de diferentes estruturas que compõe a articulação metacarpofalangeana, verificando os padrões morfológicos e demais achados ultrassonográficos em equinos hígidos ou com claudicação com sede na referida articulação, e em treinamento para provas de salto. Objetivou-se estabelecer um modelo apropriado de exame, permitindo o acompanhamento do padrão tecidual articular, incluindo a detecção precoce de lesões e o exame detalhado de alterações manifestas. Para isso foram consideradas 74 articulações metacarpofalangeanas de 37 equinos de raças de hipismo de diversos Haras e Centros de Treinamento do Estado de São Paulo. Os animais foram divididos em dois grupos (GA e GB). No GA foram alocados animais em fase de doma, sem enfermidade prévia das articulações metacarpofalangeanas. O GB foi constituído por animais em treinamento avançado, com histórico de osteoartrite ou claudicação dessa articulação. GA e GB foram avaliados por exames ultrassonográficos em modo B e modo Doppler. O exame ultrassonográfico foi dividido em dois aspectos: o primeiro para a mensuração das estruturas, e o segundo para avaliação e classificação dessas estruturas em escores pré-definidos. GA e GB também foram avaliados por exame físico, em apenas um momento, através de parâmetros classificados em escores. Os parâmetros ultrassonográficos avaliados e mensurados foram: espessura da cápsula articular e aspecto em área de origem e inserção, espessura da cartilagem articular e aspecto, área transversal dos ramos do ligamento suspensor do boleto, espessura dos ligamentos colaterais, espessura da plica, espessura do ligamento anular, aspecto e vascularização da membrana sinovial. No exame físico foram observados o grau de claudicação, ângulo de flexão articular e circunferência do boleto. Na maior parte dos parâmetros mensurados, o grupo GB apresentou média maior que o GA (p-valor ≤0,05). As estruturas que apresentaram maiores diferenças entre os grupos foram as espessuras de: cápsula, cartilagem, ligamentos colaterais, plica, além da vascularização sinovial. O GB ainda demonstrou escores no exame físico superiores e claudicação mais evidentes que o GA (p-valor <0,001). Na soma dos escores das lesões ultrassonográficas, o GA apresentou média menor que o GB, com valores de 2,17 e 6,75, respectivamente, demonstrando uma diferença estatística significativa (p-valor <0,001).No GA foi possível observar os padrões morfológicos das estruturas hígidas avaliadas, além de discretas lesões, que merecem um estudo em longo prazo, verificando se representam uma adaptação ao esforço físico ou a manifestação da pré-osteoartrite. No GB foi possível observar as lesões mais comuns, destacando as estruturas que merecem mais atenção durante o exame ultrassonográfico. O modelo de exame ultrassonográfico utilizado nesse estudo foi efetivo, embasado na determinação de escores de lesões e na comparação com os padrões morfológicos observados em GA. O acompanhamento ultrassonográfico do comportamento dessa articulação em equinos de alto desempenho atlético, com lesões manifestas ou mesmo no início da carreira esportiva é indispensável. A ultrassonografia demonstrou ser uma ferramenta valiosa na detecção de lesões precoces, sendo fundamental a utilização de exame padronizado

e o conhecimento dos parâmetros morfológicos. Comissão de Ética no Uso de Animais (CEUA) FMVZ USP número 8840030417.

Palavras-chave: Osteoartrite; mensurações ultrassonográficas; boleto

16. AVALIAÇÃO DO EQUILÍBRIO DOS CASCOS DE EQUINOS CRIADOS A PASTO E ESTABULADOS NO LITORAL NORTE DA BAHIA

MARISTELA DE CASSIA SEUDO LOPES*1; LARA NUNES SOUSA1; WESLEI LIMA GONÇALVES1; ABRAÃO DOS SANTOS NUNES1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, SALVADOR, BA, BRASIL.

e-mail:maris_vet@yahoo.com.br

Resumo:

O casqueamento e ferrageamento quando feitos de forma incorreta, ou associados a problemas de conformação dos cascos, pode gerar desequilíbrio e impedir a correta distribuição de forças nos cascos, sendo origem de claudicações nos equinos. O presente estudo teve como objetivo avaliar o equilíbrio dos cascos de equinos criados a pasto e estabulados no litoral norte da Bahia. Foram avaliados 43 equinos, sem raça definida, com peso médio de 300 a 400Kg, ambos sexos, sendo 21 animais criados a campo na Fazenda Campo Grande em Crisopólis-BA e na Fazenda Experimental da Universidade Federal da Bahia em Entre Rios-BA, e 22 cavalos criados em estábulos na Cavalaria da Policia Militar da Bahia. Foram mensurados comprimento de pinça (p), altura de talão (t), comprimento (a) e largura de sola (b) e ângulo do casco (A), dos membros torácicos e pélvicos de animais mantidos a pasto e/ou em baia. Observou-se que os animais estabulados apresentam os cascos, tanto torácicos quanto pélvicos, com maior comprimento e menor largura de sola, porém sem diferença do comprimento de pinça e ângulo do casco. Com relação à altura de talão, apenas os membros pélvicos diferiram em ambos grupos, sendo maior nos animais a pasto. Independentemente do tipo de manejo adotado, constatou-se que os membros torácicos apresentam maior valores nas medidas p, t, a e b e menor ângulo, demonstrando serem maiores que os membros pélvicos. Com isso, embora o casqueamento e ferrageamento seja empregado para manutenção do equilíbrio dos cascos, neste estudo os animais mantidos em baia apresentaram cascos menos largos e mais compridos do que os criados a pasto, demonstrando que o casqueamento incorreto, pode acarretar desequilíbrio podal, levando a complicações no desempenho atlético dos animais.

Palavras-chave: Cavalos; casqueamento; digito

17. AVALIAÇÃO DO LÍQUIDO CEFALORRAQUIDIANO DE 21 EQUINOS COM RAIVA ATENDIDOS NA FMVZ - UNESP - BOTUCATU DE 2004 A 2017

LUIZA STACHEWSKI ZAKIA*1; DANILO GIORGI ABRANCHES DE ANDRADE1; LUKAS GARRIDO ALBERTINO1; PEDRO NEGRI BERNADINO1; THAÍS GOMES ROCHA1; REGINA KIOMI TAKAHIRA1; SIMONE BIAGIO CHIACCHIO1; ROGÉRIO MARTINS AMORIM1; JOSE PAES DE OLIVEIRA-FILHO1; ALEXANDRE SECORUN BORGES1

1.FMVZ - UNESP - BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:zakialuiza@gmail.com

Resumo:

A avaliação do líquido cefalorraquidiano (LCR) pode confirmar ou excluir enfermidades neurológicas em equinos. Dentre as encefalites virais, a raiva é uma zoonose invariavelmente fatal extremamente importante no Brasil. Informações sobre as características do LCR de equinos com raiva são úteis para diferenciar do LCR de outras enfermidades neurológicas, e assim estabelecer uma lista de diagnósticos diferenciais. A confirmação desta enfermidade só ocorre post-mortem, com provas como histologia, imunofluorescência direta de encéfalo e medula, teste enzimático de imunoensaio, PCR e testes biológicos em camundongos. O presente estudo visa descrever os principais achados no LCR de 21 equinos atendidos na Clínica Médica de Grandes Animais (CMGA) da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus de Botucatu com diagnóstico confirmado para raiva. O LCR foi coletado, assepticamente dos espaços atlanto-occipital ou lombossacro com agulha espinhal estéril 0,9 x 120mm e 0,9 x 152mm, respectivamente, colocados em três tubos estéreis e submetidos para análise, segundo descrito na literatura, sendo a proteína avaliada com um kit bioquímico específico (BIOPROT U / LCR - Bioclin) e as contagem de células totais realizadas na câmara de Neubauer com subsequente citocentrifugação para análise do diferencial. A média de volume enviado para análise foi 4,8 mL. A análise física revelou xantocromia em 48% das amostras (10/21), enquanto os outros 52% apresentaram-se incolores. Além disso, 90,5% tinham aspecto límpido e 9,5% turvo. Apenas 19% (4/21) apresentaram resultado positivo na prova de Pandy e a média da proteína liquórica foi 54,2 ± 7,8 mg/dL (referência: 8,8 a 65.6 mg/dL). Somente três equinos apresentaram concentração proteica superior ao limite de referência, sendo dois destes positivos também na prova de Pandy. Outros dois animais que foram positivos na prova de Pandy não apresentaram hiperproteinorraquia. A contagem de hemácias por microlitro apresentou mediana de 4, variando de 0 a 1.198 hemácias/uL (referência: 0 a 600 hemácias/uL), sendo este achado considerado em todos os animais decorrente da punção e de acordo com a literatura a presença de até 2.000 hemácias/uL não interfere nas demais análises do LCR. Em média, foram observadas 21,1 células nucleadas por microlitro, com variação de 0 a 114 cels/uL (referência: 0 a 7 cels/uL). Dentre as 21 amostras de LCR analisadas, 38% apresentaram pleocitose (valores: 9 cels/uL; 16 cels/uL; 37 cels/uL; 40 cels/uL; 43 cels/uL; 53 cels/uL; 113 cels/uL; 114 cels/uL). Na citologia, 76% das amostras apresentaram predomínio de linfócitos, 14% para células mononucleares e 5% para macrófagos. Em uma amostra (5%) não foram encontradas células nucleadas na lâmina para análise do diferencial. Este estudo revela que os líquidos cefalorraquidianos de equinos com raiva apresentaram poucas alterações fora dos padrões de referência para a espécie. O achado mais relevante foi que 38% (8/21) dos LCR analisados apresentavam pleocitose e o predomínio de linfócitos foi observado em 76% (x/21) das amostras, identificando-se assim uma afecção no sistema nervoso central, que difere-se de algumas outras enfermidades.

Palavras-chave: Encefalomielite; líquor; vírus

18. AVALIAÇÃO DO PERFIL HEMATOLÓGICO DE POTROS PRODUTOS DE TRANSFERÊNCIA DE EMBRIÃO DE ÉGUAS MANGALARGA MARCHADOR DURANTE DESMAME

LUAN LUTHZEMBERG FERREIRA DE ANDRADE*1; MARIO FERNANDO VILELA DE ALMEIDA1; PIERRE BARNABÉ ESCODRO1; MARCIA KIKUYO NOTOMI1; ANDREZZA CAROLINE ARAGÃO DA SILVA1; DIOGO ALEXANDRE TENÓRIO MATA1; YANE FERNANDES MOREIRA1; JARBIANE GOMES DE OLIVEIRA1; ALINE MAYARA SILVA DE LIMA1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, MACEIO, AL, BRASIL.

e-mail:luthzemberg_luan@hotmail.com

Resumo:

Inserida no contexto da equideocultura nacional, a raça Mangalarga Marchador é a mais numerosa do país; conhecida por sua boa conformação, resistência, marcha e docilidade. Dentre as biotecnologias da reprodução, a transferência embrião tornou-se uma importante ferramenta de disseminação do material genético dessa raça. O objetivo deste estudo foi de avaliar o perfil das variáveis hematológicas de potros da raça Mangalarga Marchador, produtos de transferência de embrião (TE), em manejo coletivo de desmame (separação de potros em mesmo convívio nos

piquetes, através de confinamento em trios em baias de 6X6 m). Para isso foram utilizados 15 potros (6 machos e 9 fêmeas), de idade entre 5 a 6 meses. A colheita sanguínea ocorreu através de venopunção da jugular externa, com tubos estéreis com anticoagulante, colhidos em 10 momentos após desmame: M1 (momento do desmame), M2 (12 horas), M3 (24 horas), M4 (48horas), M5 (72 horas), M6 (7 dias), M7 (14 dias), M8 (21 dias), M9 (28 dias), M10 (35 dias). O sangue total foi utilizado para realização das análises hematológicas dos potros. Após obtenção das médias e desvio padrão de todas as variáveis, os valores foram comparados por meio de teste Wilcoxon. Na sequência, verificou-se o efeito dos momentos (M1 até M10) sobre as variáveis. As médias das variáveis: contagem de hemácias 9,15±1,76 x106/µL, concentração de hemoglobina 11,34±2,45 g/dL, volume corpuscular médio 37,51±2,63 fL, plaquetas 168,37±47,21 x10³/µL, leucócitos 12,68±2,94 x10³/µL, linfócitos 6,40±1,76 x10³/µL, neutrófilos segmentados 3,70±1,60 x10³/µL, neutrófilos bastonetes 0,35±0,38 x10³/µL, eosinófilos 0,36±0,33 x10³/µL e basófilos 0,01±0,02x10³ /µL; não apresentaram diferenças significativas (p>0,05) para os momentos investigados, encontrando-se dentro da normalidade para espécie e faixa etária. Houve diferença significativa (p<0,05) entre as médias principalmente nas primeiras 72 horas, nos momentos após desmame para as variáveis: glicose 96,06±14,95 mg/dL entre M2 – M3 (p=0,010); proteínas plasmáticas totais 6,84±0,39 g/dL entre M2 – M3 (p=0,030) e entre M4 – M5 (p=0,012); fibrinogênio 0,32±0,18 g/dL M2 – M3 (p=0,014); volume globular 33,93±5,08% entre M4 – M5 (p=0,002); concentração de hemoglobina corpuscular média 32,36±1,72 g/dL entre M2 – M3 (p=0,004) e entre M3 – M4 (p=0,036); monócitos 0,77±0,27 x10³/µL entre M2 – M3 (p=0,038) e granulócitos 5,46±2,11 x10³/µL entre M1 – M2 (p=0,002); provavelmente devido ao estresse gerado pelo desmame desses potros. Com base nos valores obtidos no presente estudo, fica estabelecido os valores hematológicos de referência para potros produtos de TE da raça Mangalarga Marchador em fase de desmame coletivo em baias, considerando as alterações hematológicas temporais inerentes ao estresse da separação, que não são significativos após 72 horas.

Protocolo CEUA institucional n°:061/2014.

Agradecimentos: Os autores agradecem ao CNPq pelo auxílio financeiro concedido para o estudo, processo nº 310378/2013-3.

Palavras-chave: Desmame; potros; hematologia

19. AVALIAÇÃO DO USO DA FITA REAGENTE DE URINA PARA ANÁLISE DE GLICOSE, DENSIDADE E PROTEÍNAS TOTAIS DO LÍQUIDO PERITONEAL DE EQUINOS HÍGIDOS

JARBIANE GOMES DE OLIVEIRA*1; PIERRE BARNABÉ ESCODRO1; ANDREZZA CAROLINE ARAGÃO DA SILVA1; MARCIA KIKUYO NOTOMI1; ALINE MAYARA SILVA DE LIMA1; LUAN LUTHZEMBERG FERREIRA DE ANDRADE1; MAYNARA KALYA FERREIRA LIMA1; LUIZ HENRIQUE DA SILVA LIMA1; MANARA ALVES DA SILVA LEITE1; ARNALDO CESAR DE OLIVEIRA GOMES LIRA JUNIOR1; KARINA PESSOA OLIVEIRA1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, VIÇOSA, AL, BRASIL.

e-mail:jarbi_oliveira@hotmail.com

Resumo:

A paracentese abdominal e avaliação do líquido peritoneal (LP) compõem método auxiliar comprovado no diagnóstico da síndrome cólica equina, com necessidade de estrutura laboratorial. Porém, a literatura traz relatos da efetividade do uso da fita de urinálise (FU) como ferramenta para diagnóstico inicial do líquido peritoneal, mensurando densidade (D), proteínas totais (PT) e glicose (Gli). O objetivo deste trabalho foi comparar os resultados obtidos de D, PT e Gli através do uso FU em relação às técnicas convencionais. Foram utilizados dez equinos hígidos da Universidade Federal de Alagoas em sistema de manejo extensivo, seis fêmeas e quatro machos, com idade média de 6,8 ± 12 anos e pesos de 358 ± 62,4 kg, sob processo de autorização do CEUA/UFAL 020/2016. Todos os animais, durante a coleta, foram mantidos em tronco de contenção e sedados com xilazina (0,5 mg/kg/IV). Para colheita do liquido peritoneal (LP) foi utilizada a técnica tradicional com agulha calibre 40 X 16, coletando-se 4 mL

de LP em tubo seco e 4 mL em tubo com EDTA, centrifugado por dez minutos a 3.000 rpm. Após centrifugação, o LP foi encaminhado para refratometria para determinação de D e PT. Para a mensuração de Gli foi utilizada a técnica da reação enzimática de oxidação em aparelho semiautomático Spectrum®. As tiras reagentes urinárias Uri-Color Check® (Wama Diagnóstica) foram utilizadas, umedecendo cada área correspondente aos diferentes reagentes químicos, e após 2 minutos interpretava-se o resultado, de acordo com a intensidade de cor obtido de referência do fabricante. Os resultados foram analisados através da estatística descritiva e comparação através do teste de Mann-Whitney entre as diferentes técnicas. Os resultados médios para D: 1.011,3 ± 1,64 por refratometria (RF) e 1.008,20 ± 2,39 na FU. Para PT: 760 mg ± 340 mg/dL por RF e 2,4 cruzes (+) na FU, o que corresponde a 240 ± 9,7 mg/dL. Avaliando a Gli: 139,18 ± 94,35 mg/dL pela técnica da reação enzimática de oxidação (TO) e 375 ± 242,9 mg/dL para FU. Analisando os resultados nota-se que a FU apresenta valores médios inferiores para D em relação à RF, porém sem relevância estatística. Já para PT, a FU mensurou valores médios estatisticamente inferiores, representando 31,58% do valor médio obtido por RF, com baixa acurácia e especificidade. O mesmo ocorre para Gli de maneira inversa, sendo que os valores obtidos por TO são estatisticamente inferiores ao obtidos pela FU, representando apenas 37,11 %. Portanto a FU mensurou de forma inferior PT e superior a Gli em relação às técnicas convencionais. Concluiu-se que o uso da fita para urinálise possui valor limitado na avaliação do fluido peritoneal em cavalos, não podendo ser indicada na rotina sob as mesmas condições experimentais desenvolvidas nessa pesquisa.

Palavras-chave: Equino; líquido peritoneal; fita urinálise

20. AVALIAÇÃO ENDOSCÓPICA DO SISTEMA RESPIRATÓRIO DE EQUINOS NA REGIÃO DE LONDRINA - PR

DANIELA BORTOLI BECEGATTO*1; AUGUSTO JOSÉ SAVIOLI DE ALMEIDA SAMPAIO2; LETICIA PETROSKI RODRIGUES1; FLÁVIA NESI MARIA2

1.CENTRO UNIVERSITÁRIO FILADÉLFIA - UNIFIL, LONDRINA, PR, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA - UEL, LONDRINA, PR, BRASIL.

e-mail:leticia_petroski@hotmail.com

Resumo:

A região de Londrina-PR possui uma população equina de aproximadamente 6.081 animais de diferentes idades e raças, utilizados para diversas modalidades esportivas e para trabalho. Para que estes animais desempenhem sua função plenamente é importante a integridade de todos os sistemas. Baseado na importância do sistema respiratório na performance dos equinos, e na relação entre as patologias desse sistema às queixas de queda no desempenho atlético, se faz necessário a busca por métodos de prevenção, diagnósticos e tratamentos mais eficientes. Considerando a inexistencia de levantamentos que demonstrem as alterações mais frequentemente encontradas em equinos da região, o objetivo do presente estudo foi registrar as principais alterações em sistema respiratório superior e inferior proximal, utilizando a endoscopia em repouso. Foram avaliados 63 animais com raças e idades distintas, desempenhando diferentes funções (laço, hipismo, equitação, patrulhamento e animais de hospitais-escola) em diferentes propriedades. Foi utilizado um endoscópio de 180cm de comprimento e 10,4mm de diâmetro e seguido um protocolo de avaliação previamente discutido iniciando o exame na cavidade nasal, avaliando as vias aéreas superiores com relação à sua anatomia e função, seguida das vias aéreas inferiores até a região de carina. No total 93% (59/63) dos animais estudados apresentaram alterações em sistema respiratório superior e/ou inferior proximal, totalizando 133 alterações. As principais alterações encontradas no sistema respiratório superior foram hiperplasia folicular linfoide em 53,96% (34/63), neuropatia laringeana recorrente em 12,69% (8/63) e deslocamento dorsal de palato mole em 11,11% (7/63) dos animais. Outras alterações encontradas em menor frequência foram cistos faríngeos, aprisionamento, flacidez e hipoplasia de epiglote. Considerando o sistema respiratório inferior proximal, foi observado secreção em traqueia em 57,14% (36/63), espessamento de carina em 47,61% (30/63) e espículas traqueais em 1,58% (1/63) dos animais. Houve grande diversidade entre os animais avaliados, a grande maioria, aparentemente saudável, apresentava alguma alteração. A alta frequência

da hiperplasia folicular linfoide provavelmente ocorreu pelo número de animais jovens avaliados. Anormalidades funcionais, como o deslocamento dorsal do palato mole e a neuropatia laringeana recorrente foram alterações com índice significativo, porém não foram relatadas queixas à respeito destes animais. Em via aérea inferior os achados mais significativos foram a secreção em traqueia e espessamento de carina, sendo possível existir relação entre o tipo de ambiente em que os animais se encontravam (estabulados) e a alta frequência dos achados. Através do exame endoscópico em repouso foi possível avaliar características anatômicas e funcionais e estabelecer as frequências das alterações em sistema respiratório superior e inferior proximal dos equinos, estabelecendo informações para subsidiar a geração de dados para a composição dos índices epidemiológicos de afecções relacionadas à estas alterações na região de Londrina-PR.

Palavras-chave: Endoscopia; sistema respiratório; equinos

21. AVALIAÇÃO HEMATOLÓGICA DE POTROS SUBMETIDOS À INFUSÃO INTRAVENOSA COM BAIXA DOSE DE PLASMA HIPERIMUNE

ANDREZZA CAROLINE ARAGÃO DA SILVA*1; DIOGO ALEXANDRE TENÓRIO MATA1; ALINE MAYARA SILVA DE LIMA1; MARCIA KIKUYO NOTOMI1; JARBIANE GOMES DE OLIVEIRA1; PIERRE BARNABÉ ESCODRO1; LUAN LUTHZEMBERG FERREIRA DE ANDRADE1; YANE FERNANDES MOREIRA1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, VIÇOSA, AL, BRASIL.

e-mail:andrezzaaragaovet@hotmail.com

Resumo:

Inúmeras são as indicações para o plasma fresco congelado na terapia adjuvante de afecções em humanos e animais, fomentado pela adição de imunoglobulinas, fatores de coagulação, enzimas e proteínas plasmáticas nesses organismos. Em equídeos, a terapêutica é amplamente utilizada em neonatos e potros com falência da transferência de imunidade passiva acarretada por falha ou ausência de ingestão colostro, imunodeficiências e situações de estresse, como o desmame. Há décadas, a posologia usual de plasma é de 10 a 20 mL/kg por via intravenosa em dose única. No entanto, não existe caracterização de dose mínima de estimulação imunológica nesses animais, como já é determinado na medicina humana. O objetivo desse estudo foi avaliar o uso do plasma em potros com baixa dose de 1 mL/kg por via intravenosa, avaliando os parâmetros hematológicos. A pesquisa foi aprovada no CEUA – UFAL sob nº 14/2014, sendo utilizados 10 machos da raça Mangalarga Machador com idade média de 6 ± 1 mês em processo de desmame, produtos de transferência de embrião, em sistema de desmame coletivo em baias (duplas e trios), divididos em 2 grupos com 5 animais cada, sendo o: um Grupo Controle (GC): submetido a administração de 1 mL/kg/IV de solução fisiológica 0,9% e Grupo Plasma (GP): recebeu a dose 1mL/kg/IV de plasma hiperimune obtido por plasmaférese automatizada. As amostras sanguíneas dos animais foram colhidas em tubos de 5mL com EDTA e de 10mL sem anticoagulante a vácuo por animal/tempo (tempos: 12, 24, 48, 72, 96 horas e 7, 14, 28 e 35 dias), sendo realizado a avaliação hematológica: hemácias (HM), hemoglobina (HGB), volume corpuscular médio (VCM), concentração de hemoglobina corpuscular média (CHCM), contagem de plaquetas (PLT), volume globular (VG), fibrinogênio, glicose e leucograma. Para verificar a normalidade da distribuição entre os grupos os dados submetidos ao Teste de Mann-Witney, procedido do test T (p-valor <0,05). Ocorreu aumento significativo dos valores médios de glicose nos grupos tratados durante as 12 horas (110,8 ± 11,5 mg / dL), o fibrinogênio reduziu significativamente após as 12 horas (0,04± 0,08 mg%), HM, VGM, HGM em GP, e VG, não obtiveram diferenças estatísticas significativas em nenhum dos tratamentos e tempos, sendo o PLT (160,4 ± 26,5 x 103/µL) e CHCM (31,14 ± 0,98 g/dL) reduzidos com significância após momento inicial e 24 horas de administração. Os valores médios referentes às contagens de leucócitos, basófilos, eosinófilos, neutrófilos bastonetes, neutrófilos segmentados, linfócitos e monócitos não apresentaram normalidade. No entanto, conseguiu-se averiguar que os leucócitos elevaram-se significativamente (18,68 ± 2,60 x 103/µL) no grupo tratado contrapondo o grupo controle (12,38 ± 2,19x 103/µL), como também foi observado aumento dos linfócitos no grupo tratado (11,11 ± 2,10 x 103/µL) quando comparado ao grupo controle (6,55 ± 1,38 x 103/µL) efetivamente na primeira aplicação de plasma, havendo

um ricochete linfocitário após as 24h com mantença de 48 h, ressaltando a resposta imunitária do plasma em até 48 h, mesmo os dados salientando uma diminuição ao decorrer do experimento. Os monócitos evidenciaram redução significante até os 35 dias de estudo, não obtendo alterações nos basófilos e neutrófilos segmentados, entretanto foi observado acentuado aumento dos bastonetes após 72hs e nos eosinófilos com 24 horas no GP em relação ao GC. Os resultados obtidos demonstram eficiência mínima de transferência imunitária para potros submetidos a infusão única de 1 mL/kg/IV de plasma hiperimune, utilizando um décimo da dose mínima preconizada. A dose utilizada apresenta-se como alternativa preventiva e terapêutica em potros, com menor custo e risco de reações anafiláticas. Há a necessidade de mais pesquisas buscando padronizar a dose mínima por kg de plasma hiperimune que apresente eficaz transferência imunitária, podendo representar a diminuição da dose preconizada há anos na literatura e prática cotidiana no Brasil.

Palavras-chave: Dose; imunidade passiva; potros

22. AVALIAÇÃO MORFOLÓGICA EX VIVO DO TECIDO OSTEOCONDRAL DA ARTICULAÇÃO METACARPOFALÂNGICA DE EQUINOS PURO SANGUE INGLÊS POR MÉTODOS DE IMAGEM

RODRIGO TAVARES NIEMAN*1; JULIO DAVID SPAGNOLO1; CYNTHIA DO PRADO VENDRUSCULO1; FERNANDA MANZANO DE CAMPOS2; STEFANO CARLO FILLIPO HAGEN1; ANA CAROLINA BRANDÃO DE CAMPOS FONSECA PINTO1; ANA LÚCIA MILUZZI YAMADA1; MARILIA FERRARI MARSIGLIA1; MARIANA RAMOS QUEIROZ1; LUIS CLÁUDIO LOPES CORREIA DA SILVA1

1.FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (FMVZ-USP), SAO PAULO, SP, BRASIL; 2.EQUINE CENTER, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:rodrigo_nieman@hotmail.com

Resumo:

A articulação metacarpofalangeana dos equinos apresenta grande amplitude de movimento, sendo frequentemente afetada por diferentes manifestações da doença articular, dentre elas erosões da cartilagem e/ou falência do osso subcondral. Tais afecções podem ser resultados finais de uma injúria traumática única, infecção articular ou ciclo de cargas repetidas em equinos atletas, resultando em osteoartrite ou anquilose, com consequente perda do animal para atividades físicas. Muitos métodos de imagem têm sido empregados e correlacionados na finalidade de delinear e diagnosticar os problemas que acometem as articulações metacarpofalangeanas dos equinos. Contudo, através apenas do exame radiográfico, geralmente a osteoartrite é diagnosticada já no estágio avançado da doença, havendo poucas possibilidades de tratamento, normalmente sem sucesso. O presente trabalho objetivou avaliar o tecido osteocondral da articulação metacarpofalangeana de equinos Puro Sangue Inglês (PSI) de corrida pelas técnicas de radiografia, ultrassonografia, ressonância magnética e artroscopia, buscando a identificação precoce de alterações osteocondrais ainda não associadas a claudicação. Foram utilizados membros torácicos de 12 equinos da raça PSI que estavam em constante e semelhante treinamento, com idade entre 2 anos e 11 meses a 5 anos e 1 mês, cujo óbito ocorreu por causas não relacionadas aos membros analisados. Os membros foram removidos pelas devidas técnicas de necropsia e seccionados proximal à articulação radiocárpica. Permaneceram congelados a uma temperatura de -20°C e, posteriormente, foram descongelados e mantidos refrigerados a uma temperatura de 4°C até a avaliação física e aquisição das técnicas de imagem, que foram realizadas no prazo máximo de 24 horas após o descongelamento das peças. Deste modo, avaliou-se a superfície articular e osso subcondral pelos diferentes métodos de imagem, delineando a margem articular do III metacarpiano com a primeira falange. As anormalidades osteocondrais identificadas em cada um dos exames foram classificadas às cegas por um par de avaliadores, determinando-se um escore por articulação de cada um dos exames por imagem, os quais foram comparados entre si. O escore em todos os métodos iniciava em zero, mas suas escalas diferiam, sendo até 14 no exame físico articular, 33 no raio-x, 12 na ultrassonografia, 20 na ressonância magnética e 12 na artroscopia, onde, após transformação linear, tornaram-se comparáveis entre si. Os resultados mostraram que a ultrassonografia e a ressonância magnética foram os exames que apresentaram maior pontuação (50-75%) de lesões ou alterações encontradas

nas articulações metacarpofalaneanas dos equinos PSI, com maior dispersão dos dados, principalmente quando comparadas ao exame radiográfico, que obteve a menor pontuação (até 25% de lesão ou alteração), com uma menor variação. O exame artroscópico foi o que mais aproximou ambos os avaliadores e, conjuntamente com o exame físico articular, apresentou poucas alterações (25-50%) ou ausência dessas, considerando a média das articulações, sendo estatisticamente iguais. Não houve diferença estatística entre o grau de lesão quando comparados ambos os membros torácicos. Conclui-se que todos os equinos incluídos no estudo apresentaram, em menor ou maior grau, alterações em todos os exames de imagem, sendo que apenas pela ultrassonografia e ressonância magnética, em média, tais alterações foram consideradas com grau leve a moderado pela classificação por escore, sendo exames de identificação mais precoces voltados às alterações do tecido osteocondral da articulação metacarpofalangeana de equinos PSI de corrida em treinamento. Estudos in vivo avaliando as alterações osteocondrais decorrentes da prática esportiva, poderão determinar quais são potenciais sinalizadores de doença articular.

Palavras-chave: Equinos psi de corrida; peças anatômicas; exames por imagem

23. AVALIAÇÃO ODONTOLÓGICA DE EQUINOS DA CIDADE DE ARAGUAÍNA-TOCANTINS

HAIANE ARRUDA LUZ AMORIM*1; MARCO AUGUSTO GIANNOCCARO DA SILVA1; ANA PAULA COELHO RIBEIRO1; KATYANE DE SOUSA ALMEIDA1; LUCIANO FERNANDES SOUSA1; JULIANA SILVA OLIVEIRA1; LETÍCIA OLIVEIRA ALENCAR1; ALESSANDRO RODRIGUES DA SILVA1; RAISSA DRIELLE FREITAS FRANCO1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS, ARAGUAINA, TO, BRASIL.

e-mail:haiane14@hotmail.com

Resumo:

Desde a domesticação, os equinos são empregados no esporte, trabalho e lazer. Para tanto, diferentes dietas foram formuladas e a utilização de embocaduras para melhor controle do animal se fez necessária. Contudo, esse novo manejo alimentar adotado e o uso de embocaduras podem induzir alterações intraorais, que prejudicam o consumo de alimentos e o rendimento atlético. Objetivou-se com esse estudo determinar as alterações orais que acometem equinos de Araguaína-TO. Foram avaliados 72 animais de raças distintas, machos e fêmeas, adultos, que passaram por exame físico geral, avaliação extra e intraoral. Para o exame intraoral, preconizou-se o uso de 0,015mg/kg de cloridrato de detomidina pela via intravenosa. Os dados foram tabulados e tratados estatisticamente na forma de frequência absoluta (n) e relativa (%). Todos os animais avaliados apresentaram alguma alteração oral (72/72) (100%), o que difere da literatura consultada que cita valores entre 24 e 85%. Provavelmente, isso esteja relacionado a idade média dos animais (7 anos) e ao tipo de alimento recebido, onde a ração era o principal componente da alimentação dos animais estudados. Segundo autores, a principal alteração dentária que pode ser encontrada em cavalos é a ponta excessiva de esmalte dentário (PEED), que se dá, principalmente, por alterações na dinâmica mastigatória determinada pela domesticação. No estudo em tela, essa também foi a principal alteração observada (72/72) (100%). A segunda alteração mais identificada foi o cálculo dentário (44/72) (59,46%), considerada uma enfermidade intraoral adquirida, e sua importância está ligada ao fato de ser um fator pré-disponente ao aparecimento das doenças periodontais. Pesquisadores referiram 24,1% (102/423) de tártaro em cabeça de equinos analisadas em abatedouro, sendo que os autores presumiram que essa baixa ocorrência se deu pelo baixo consumo de carboidrato na dieta. Frente ao exposto, pode-se inferir que a elevada ocorrência encontrada no estudo em tela, está pautada no alto consumo de carboidrato pelos animais. O gancho foi à terceira alteração mais presenciada (26/74) (35,13%) e sua ocorrência pode ser atribuída a alimentação dos animais acima do nível do solo (em cochos), o que altera sua biomecânica mastigatória e propicia o desenvolvimento dos ganchos. Os locais de maior ocorrência dos ganchos são na superfície rostral dos segundos pré-molares superiores e caudal dos terceiros molares inferiores, como foi observado nesse estudo, onde se visualizou 27 ganchos nos segundos pré-molares superiores e 10 nos terceiros molares inferiores. A literatura também demonstra a maior incidência de ganchos rostrais quando comparados aos caudais, o que vai também de encontro ao detectado nesse estudo. Lesões em língua representaram 32,43% (24/74) dos achados e podem ser relacionadas ao uso de embocaduras e, principalmente, à presença de PEED nos dentes

inferiores, que lesionam essa estrutura. Outro fator importante a ser comentado sobre lesões em tecidos moles é a presença de edema de palato. Comumente denomina-se esse sintoma de "travagem" e diversos métodos invasivos e doloridos são utilizados para solucionar o problema. Esse fato está ligado a ingestão de alimentos abrasivos, a erupção dentária e à presença de degraus, ondas, ganchos, PEED e fraturas. Pela baixa frequência encontrada (4/74) (5,41%) e a idade dos animais onde ela estava presente, pode-se inferir que essa alteração esteja ligada primordialmente à erupção dentária. Por fim, um dado expressivo foi a identificação do "dente de lobo" em 25 dos 74 animais examinados (33,78%). Conclui-se com a presente pesquisa que a alteração mais comum dos equinos avaliados é a ponta excessiva de esmalte dentário, seguida do cálculo dentário, ganchos e lesões em língua. E, que a avaliação oral periódica deve ser inserida nas propriedades, para correção e prevenção dos inúmeros problemas orais detectados.

Palavras-chave: Alterações dentárias; odontologia equina; patologias orais

24. AVALIAÇÃO TERMOGRÁFICA DA COLUNA TORACOLOMBAR DE CAVALOS PURO SANGUE INGLÊS DE CORRIDA EM INÍCIO DE TREINAMENTO

HANNA CAROLINE PROCHNO*1; BIANCA PEGORARO VIEIRA1; PATRICIA FERNANDES RODRIGUES1; FERNANDA MENDES BARUSSI1; FERNANDA ZETTEL BASTOS1; PEDRO VICENTE MICHELOTTO JR.1

1.PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ, PONTA GROSSA, PR, BRASIL.

e-mail:hannaprochno@yahoo.com.br

Resumo:

A lombalgia é considerada uma das principais causas de diminuição do desempenho e alteração na locomoção em cavalos Puro Sangue Inglês (PSI) de corrida. O diagnóstico precoce e preciso do local da lesão é essencial para a realização de um tratamento adequado, e consequentemente um melhor prognóstico para o paciente. A hipótese do presente estudo é que o uso periódico da termografia pode ajudar a entender as alterações musculoesqueléticas que ocorrem na região da coluna toracolombar em cavalos de corrida, e antecipar a observação de alterações antes do agravamento de lesões. Contudo, antes é necessário o entendimento da adaptação musculoesquelética ao treinamento. Portanto, o objetivo do presente estudo foi realizar a avaliação da variação térmica da região da coluna toracolombar de cavalos PSI de corrida em início de treinamento. O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética no Uso de Animais (CEUA) da PUCPR no0951A. Quinzenalmente foram avaliados cavalos da raça PSI de 2 anos de idade no período inicial de treinamento, transcorrido de junho de 2016 a janeiro de 2017. As imagens termográficas coletadas do dorso dos animais com aproximadamente 1,5m de distância de cada animal foram registradas com a Câmera Térmica Flir E50bx, A avaliação dos termogramas foi através do programa Flir Tools informando a temperatura superficial das linhas pré-determinados, sendo elas: região vertebral média, paravertebral esquerda e paravertebral direita da coluna toracolombar. As coletas das imagens foram feitas sempre no mesmo horário, às 6h da manhã com os animais na própria baia, aproximadamente 15 min após a escovação, contidos pelo cabresto. As análises dos termogramas indicaram aumento significativo das temperaturas das três regiões estudadas durante o decorrer do tempo de treinamento. Ao se comparar a última avaliação em relação à primeira, a variação no período do estudo foi um acréscimo de 8,04°C na avaliação da região vertebral média, 8,96°C na região paravertebral esquerda e 8,46°C na paravertebral direita ($p<0,0001$). Conclui-se que o acompanhamento dos cavalos de corrida com o uso da termografia infravermelha pode ser útil no entendimento da adaptação do sistema musculoesquelético ao treinamento na região da coluna toracolombar. Próximos estudos deverão ser realizados na avaliação do valor preditivo da termografia na antecipação de lesões.

Palavras-chave: Diagnóstico por imagem; lombalgia; puro sangue inglês

25. BIOFOTOGRAMETRIA DOS CASCOS DOS MEMBROS TORÁCICOS DE ANIMAIS DA RAÇA MANGALARGA

MARINA LANSARINI ANTONIOLI*1; JÚLIA RIBEIRO GARCIA CARVALHO1; MAYARA GONÇALVES FONSECA1; TANIA CRISTINA GALLIANI1; GUILHERME CAMARGO FERRAZ1; PAULO ALÉSCIO CANOLA1; MÁRIO CÉSAR OLIVEIRA RIBEIRO1

1.UNESP - JABOTICABAL, JABOTICABAL, SP, BRASIL.

e-mail:marinalansarini@hotmail.com

Resumo:

A aferição biométrica das diversas estruturas dos cascos e a determinação da proporção entre elas constituem um método de diagnóstico eficiente e objetivo na investigação dos desequilíbrios podais e indicação de práticas inadequadas de manejo dos cascos. Com o intuito de determinar a biometria dos cascos torácicos da raça Mangalarga, foram mensurados os cascos de 14 fêmeas equinas da raça Mangalarga, registradas junto à Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Mangalarga (ABCCM) e provenientes de diferentes fazendas de criação. Todos os animais eram mantidos em sistema de criação semiextensivo, desempenhando papel de matrizes ou receptoras. O intervalo de casqueamento desses animais é de 35 a 45 dias e todos os animais utilizados neste estudo não passaram pelo procedimento de ferrageamento no período mínimo de 12 meses antes das análises. Com o animal apoiando-se nos quatro membros de maneira igualmente distribuída, foi posicionada a câmera digital, primeiramente para a captura palmorodorsal e em seguida, para a captura lateromedial do casco. Para a captura da vista solear, o casco foi segurado pela mão do auxiliar e a câmera posicionada paralelamente a sola. As medidas avaliadas foram, A) vista palmar, (ATL) altura talão lateral, (ATM) altura talão medial; B) vista lateral, (CP) comprimento pinça; (AP) ângulo da pinça; (AT) ângulo do talão e C) vista solear, (CC) comprimento do casco; (CR) comprimento da ranilha; (DRP) distância da ranilha à pinça; (DRPL) distância da ranilha a parede lateral; (DRPM) distância da ranilha a parede medial; (LRAC) largura da região mais ampla do casco; (LT) largura do talão; (LBR) largura base da ranilha . As mensurações foram realizadas por meio de imagens digitais e analisadas utilizando a régua e o angulador digital do programa ImageJ. Aplicou-se análise multiparamétrica de agrupamento não estruturado ($p \leq 0.05$) para as medidas avaliadas. Pode - se observar que existe uma grande variação nas medidas dos cascos dos animais, no entanto as variáveis CP, AP, AT, CC, DRPL e LRAC no membro torácico direito, e no membro torácico esquerdo as variáveis CP, AP, CC e DRP apresentaram uniformidade entre os animais avaliados. Pode-se sugerir, portanto, que a uniformidade nas medidas descritas acima deve-se ao tamanho do casco desses animais, que, diferentemente de outras raças, possuem um certo tamanho padrão.

Palavras-chave: Biometria; equino; podologia

26. CAPACIDADE TAMPONANTE DAS FEZES DE EQUINOS SADIOS SUBMETIDOS A TESTE CLÍNICO DE NUTRIÇÃO ENTERAL

MARINA JULIANI BAUMHAK*1; RENATA FARINELLI DE SIQUEIRA1; FILIPE SIMEAO FRÖHLICH KLUG1; ROBERTA ARIBONI BRANDI2; LILIAN EMY DOS SANTOS MICHIMA1; ANA CLARA KOHARA ROMAN1; BEATRIZ MOREIRA ANDRIOLI3; CARLA BARGI BELLI1

1.FMVZ USP, SAO PAULO, SP, BRASIL; 2.FZEA USP, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL; 3.UNG, GUARULHOS, SP, BRASIL.

e-mail:marinajuba@gmail.com

Resumo:

A Síndrome Cólica é uma das principais enfermidades que acometem a espécie equina, 7 a 10% dos casos são de resolução cirúrgica. Apesar dos avanços, a mortalidade permanece alta, necessitando estabelecer protocolos que promovam aos animais um prognóstico favorável. Estuda-se a eficiência da nutrição enteral em cavalos operados de cólica, pois o jejum pós-operatório não é fisiológico e dificulta a recuperação. O suporte enteral consiste em administrar uma fórmula via sonda nasogástrica, podendo prover fibras benéficas para a circulação intestinal, atividade enzimática, crescimento de células da mucosa e absorção. O equino é muito sensível às variações alimentares, e mudanças súbitas na dieta podem causar modificações na microbiota intestinal e em toda digestão. A capacidade tamponante (CT) das fezes em equinos, pouco estudada, é parâmetro importante na avaliação de distúrbios digestivos por dietas ricas em carboidratos hidrolisáveis. A CT representa o potencial do meio de reagir a modificações geradas pela produção de ácidos. O objetivo deste estudo foi avaliar o efeito de diferentes doses de uma formulação enteral fornecida a cavalos sadios no pH e capacidade tamponante das fezes, e compreender os possíveis efeitos deletérios à digestão e à microbiota intestinal. Avaliou-se um produto formulado para nutrição enteral de equinos, farelado, diluído em água e administrado via sonda nasogástrica. Os cavalos foram agrupados em dois Quadrados Latinos 4 X 4, com três dias de intervalo entre testes. Após jejum alimentar de 12 horas, receberam via enteral a dose do produto calculada a partir da necessidade calórica diária, de acordo com os grupos: A (água), B (100% da necessidade energética diária), C (75%), D (50%). As fezes foram coletadas da ampola retal antes da administração do produto (T0), e 3 (T1), 6 (T2), 12 (T3), 24 (T4), 36 (T5) e 48 (T6) horas após. Foram avaliadas quanto ao pH e quanto a CT no pH 5 e pH 6, método que consiste em titular a amostra, diluída em água destilada, com ácido acético 0,25M até atingir pH 6 e pH 5. A CT5 e CT6 referem-se aos volumes de ácido acético usados para alterar o pH da amostra para pH 5 e pH 6. Os dados foram submetidos à análise de variância e comparação de médias, com nível de probabilidade 5%, pelo teste LSD. Nas análises do pH inicial das fezes in natura (pHi), do pH das fezes diluídas (PhD) e da CT6, não houve diferença estatística em relação às doses, mas sim em relação ao tempo. O pHi sofreu queda maior com a administração da formulação do que com o placebo. A diminuição do pHi foi mais evidente entre T3 (12 horas) e T4 (24 horas), e começou a normalizar entre T4 e T5 (36 horas). Isso pode ser consequência do jejum e da reintrodução alimentar que ocorria em T3, aproximando a atividade microbiana e enzimática da normalidade. Na variável pHd, ao analisar a curva de variação, observou-se uma diferença entre os tratamentos e o controle. Todos apresentaram queda, mas o grupo controle recuperou o pHd mais rapidamente ao chegar a T3, demonstrando que houve efeito tanto do jejum, quanto da formulação. Na CT6, houve queda depois dos tempos T0 e T1, sendo o valor de CT6 maior nos cavalos que receberam placebo do que nos que receberam a formulação. Os menores valores médios de CT6 foram registrados nos cavalos que receberam a formulação em dose 100%. Na variável CT5, não houve diferença estatística ou quedas significativas ao longo do tempo, de forma que o intestino foi capaz de manter o tamponamento mesmo após a administração da formulação enteral. As alterações em pH e CT, que relacionaram-se ao tempo e não à formulação, não levam a contraindicação da mesma. Mais estudos são necessários para entender a interação dessas variáveis com a formulação a longo prazo, que é a proposta do produto.

Palavras-chave: Capacidade tamponante; ph fecal; nutrição enteral

27. COMPARAÇÃO DE DOIS PROTOCOLOS PARA OBTENÇÃO DE PLASMA RICO EM PLAQUETAS EM MUARES

JAQUELINE BRANDÃO DE SOUZA*1; GUSTAVO DOS SANTOS ROSA1; ANDRE MASSAHIRO TERAMOTO KRIECK1; BETSABÉIA HELOÍSA GENTILHA MILANI1; MARIANA CORREA ROSSI1; JOÃO PEDRO HÜBBE PFEIFER1; CARLOS ALBERTO HUSSNI1; MARCOS JUN WATANABE1; ANA LIZ GARCIA ALVES1

1.FMVZ UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:jaquelinebrandao.s@hotmail.com

Resumo:

O plasma rico em plaquetas (PRP) é conhecido por apresentar propriedades anti-inflamatórias, anabólicas, angiogênicas e de reparação. O efeito biológico do PRP é consequência dos fatores de crescimento nele presentes. O custo dessa terapia é baixo, de fácil obtenção e uso, tornando-se uma terapia interessante para a aplicação em animais. Embora a espécie equina seja utilizada para estudos sobre PRP há décadas, existe um déficit da literatura científica acerca desta terapia em muares que, apesar de sua semelhança com equinos, possuem suas particularidades. Sendo assim, o objetivo deste trabalho foi realizar a validação da técnica de obtenção do PRP em muares, comparando dois protocolos descritos para a obtenção do PRP em equinos. Para isto, foram utilizados 8 muares, cuja higidez foi confirmada por exames físicos e laboratoriais. Foram coletados 64 mL de sangue venoso, em tubos contendo citrato de sódio a 3,2%, perfazendo um total de 16 tubos. Assim, cada protocolo foi realizado utilizando 8 tubos de sangue venoso. Uma amostra de sangue também foi coletada de cada animal em tubos contendo EDTA, para a determinação do número de plaquetas basal de cada animal, tomado como referência para a análise da capacidade de concentração plaquetária de cada protocolo. No primeiro protocolo (P1) foi realizada a transferência desse material para tubos Falcon® de 15mL com posterior descanso de 30 minutos realizado para evitar ativação das plaquetas e em isopor para conferir estabilidade mecânica às amostras. Foi realizada a primeira centrifugação a 300xG por 5 minutos, seguida de um segundo descanso por 30 minutos. Na sequência, todo o plasma foi separado do sangue total, evitando-se o buffy-coat (camada leucocitária) e centrifugado a 700xG por 15 minutos, seguido de novo descanso durante 40 minutos. Após, 75% do plasma superior foi descartado e o restante foi homogeneizado, constituindo o PRP. No segundo protocolo (P2) o sangue total coletado foi diretamente centrifugado a 450xG por 10 minutos. Na sequência, o plasma foi separado e submetido à segunda centrifugação (2800xG por 15 minutos). 75% do plasma superior foi descartado e o restante homogeneizado, sendo este o PRP. A média basal de plaquetas do sangue total foi de 218.750/µl. Após o processamento, o P1 obteve média de plaquetas de 1.141.875/µl e de leucócitos de 18.750/µl. O P2, no entanto, obteve 575.000/µl de média de plaquetas e 19.219µl de média de leucócitos. Estes resultados mostraram que o P1 concentra 5,22 vezes o valor de plaquetas basal, enquanto o P2 concentra apenas 2,63 vezes, e que a concentração de leucócitos entre os dois protocolos foi semelhante. Ambos os protocolos são capazes de concentrar plaquetas em muares, mas a concentração plaquetária requerida em cada caso deve ser levada em consideração no momento da escolha do protocolo a ser realizado. Portanto, apesar do P2 ter demonstrado maior praticidade de execução e menor tempo de duração, o P1, por produzir uma concentração plaquetária superior, é o mais indicado quando é necessária uma concentração de 4 ou mais vezes o valor basal de plaquetas. O protocolo 1, por produzir uma concentração plaquetária superior, é mais indicado para os casos onde a ação trófica do PRP seja mais desejada que seu efeito inflamatório. Conclui-se que os protocolos propostos para obtenção do PRP em muares são viáveis e se for necessária uma maior concentração de plaquetas, o protocolo 1 é o mais indicado e também, que estes protocolos podem ser utilizados em estudos subsequentes que busquem avaliar as características proteômicas e o potencial terapêutico do PRP.

Palavras-chave: Concentrado de plaquetas; mula; prp

28. COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DO FLUNIXIN MEGLUMINE, DO FIROCOXIB E DO MELOXICAM EM EQUINOS SUBMETIDOS A ORQUIECTOMIA

FRANCIELLI PEREIRA GOBBI*1; GABRIELA BRAVIM LEMOS1; LUCIANA DE MACEDO MELLO1; LUIZA MARIA FEITOSA RIBEIRO1; LARISSA DA SILVA CARVALHO1; INACIO SILVA VIANA1; CARLA BRAGA MARTINS2; PAULA ALESSANDRA DI FILIPPO1

1.UNIVERSIDADE ESTADUAL NORTE FLUMINENSE - UENF, CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPIRITO SANTO - UFES, ALEGRE, ES, BRASIL.

e-mail:gblemos.vet@gmail.com

Resumo:

A orquiectomia é o procedimento cirúrgico caracterizado pela retirada bi ou unilateral dos testículos, realizado rotineiramente para facilitar o manejo, assim como no tratamento de afecções do aparelho reprodutor equino. O

procedimento desencadeia um trauma tecidual intenso, resultando em uma resposta inflamatória a qual, quando não controlada pode resultar em complicações pós-operatórias. O objetivo deste estudo foi avaliar e comparar por meio de parâmetros clínico-laboratoriais os efeitos do flunixin meglumine, do firocoxib e do meloxicam em equinos após orquiectomia. Os cavalos foram submetidos à técnica de orquiectomia aberta em posição quadrupedal e sedação com cloridrato de xilazina 10% (Equisedam®; 0,5mg.kg¹.IV) e tartarato de butorfanol 1% (Torbugesic®; 0,36mg.kg¹.IV) em bolus, seguido de infusão intravenosa contínua de cloridrato de xilazina 10% (Equisedam®; 0,5mg.kg¹.h¹). O bloqueio anestésico intratesticular foi realizado com cloridrato de lidocaína 2% (Xylestesin®, 20ml). Em função do fármaco utilizado no pós-operatório, 18 cavalos foram distribuídos aleatoriamente em três grupos com 6 animais cada: GFM= flunixin meglumine (Banamine® 1,1mg.kg¹, IM, SID, 5 dias), GF= firocoxib (Equioxx® 0,1mg.kg¹, VO, SID, 5 dias), e GM= meloxicam 2% (Maxicam 2%®; 0,6mg.kg¹, IM, SID, 5 dias). Amostras de sangue para o eritrograma e de líquido peritoneal (LP) para análise físico-química, foram colhidas antes (T0) e pós-orquiectomias (1, 3, 6, 9, 12, 24, 48, 72, 120, 168 horas). Os resultados foram submetidos à análise estatística descritiva e as médias comparadas pelo teste "SNK" a 5% de probabilidade. Nos momentos 24 a 168h os animais do GF e do GM apresentaram valores de FC superiores aos dos animais do GFM. Nestes mesmos momentos houve hipertermia nos animais do GM. Edema prepucial acentuado e claudicação foram observados entre os animais do GM e do GF. Houve leucocitose por neutrofilia e monocitose nos animais dos três grupos (24 a 168h). Hiperfibrinogenia foi observada no GFM (24 e 168h), GF (72 e 168h) e GM (24,72 e 168h). O LP após as orquiectomias tornou-se turvo com coloração âmbar a avermelhada. Aumento nos valores de proteína no LP foi observado nos momentos 24 a 168h nos animais do GFM e do GF. A contaminação sanguínea, a migração de células inflamatórias e de proteínas para a cavidade peritoneal decorrentes do procedimento cirúrgico foram responsáveis pelas alterações físico-químicas do LP. Os demais achados foram associados a dor e a liberação de mediadores inflamatórios decorrente do trauma cirúrgico, como descrito por outros autores. As diferenças observadas entre os tratamentos deveram-se a especificidade farmacológica dos pricipios ativos utilizados. O flunixin meglumine atua no controle da dor visceral e consequentemente, da inflamação. O meloxicam e o firocoxib atuam preferencialmente nas afecções músculo-tentídeas e ósseas. Conclui-se que em equinos, o flunixin meglumine é mais eficaz no controle da dor e da inflamação pós-operatória desencadeada pela orquiectomia e, que a eficácia dos antiinflamatórios pode ser estimada através do exame clínico-laboratorial.

Palavras-chave: Cavalo, castração; peritonite, eritroleucograma; antiinflamatórios não esteroidais

29. COMUNICAÇÃO ENTRE O NERVO DIGITAL PALMAR E O RAMO DORSAL DO NERVO PALMAR EM EQUINOS DA RAÇA CRIOULA

BRUNO BELMONTE SILVEIRA*1; PAULO DE SOUZA JUNIOR1; AMARÍLIS DÍAZ DE CARVALHO1; MARCOS DA SILVA AZEVEDO1; CLÁUDIA ACOSTA DUARTE1; MARCELO LAMEIRO PORCIUNCULA2; ERICK CANDIOTA SOUZA1; MATHEUS DAMASCENO NUNES DOS SANTOS1

1.UNIPAMPA, URUGUAIANA, RS, BRASIL; 2.URCAMP, ALEGRETE, RS, BRASIL.

e-mail:brunobelmonte00@gmail.com

Resumo:

As afecções do sistema locomotor são fatores limitantes no desempenho de equinos atletas. No entanto, para o diagnóstico precoce dessas alterações é essencial o conhecimento anatômico e sua relação com os sinais clínicos. Dentre as várias etapas do exame clínico, os bloqueios perineurais tem um importante papel no diagnóstico das claudicações. Para isto, é necessário o conhecimento da inervação dos membros, a fim de evitar erros de interpretação no diagnóstico. O objetivo deste trabalho foi relatar os achados anatômicos da dissecção dos nervos palmares e seus ramos em equinos da raça crioula. Foram utilizados 14 membros torácicos de equinos adultos, oriundos de um estabelecimento frigorífico da cidade de São Gabriel-RS. Logo após o abate os membros foram seccionados transversalmente na articulação intercarpica sendo posteriormente congelados até o momento da dissecção. Após o descongelamento foi realizada a tricotomia, seguida de incisão cutânea longitudinal ao longo da

face palmar. Foram dissecadas as faces laterais e mediais da região metacarpiana, localizadas as artérias, veias e, paralelas a estas, os nervos palmares medias e laterais. Uma vez identificadas, as ramificações do nervo palmar foram seguidas até a região da articulação interfalangeana distal e representações esquemáticas confeccionadas. Os nervos palmar medial e lateral percorreram paralelamente ao terceiro osso metacarpiano, juntamente com as respectivas artéria e veia palmar, entre o tendão do musculo flexor digital profundo e o ligamento suspensório. Na altura da diáfise proximal do terceiro osso metacarpiano o nervo palmar medial emitiu um ramo comunicante para o nervo palmar lateral, passando sobre o tendão do músculo flexor digital superficial em todos os membros. O ramo dorsal era calibroso em 93% dos membros, enquanto em 7% apresentava-se como duas a três ramificações delgadas oriundas do nervo palmar medial ou lateral. Tanto o ramo dorsal calibroso como as ramificações delgadas supriam a região da quartela. Em 100% dos membros dissecados havia comunicação entre o nervo digital palmar e o ramo dorsal, sendo que em 86% dos membros a comunicação ocorria distalmente ao ponto de referência para a técnica de bloqueio sesamoide abaxial. Estas comunicações entre nervos não são frequentemente descritas na literatura. Tais formações podem vir a interferir na interpretação de resultados desta técnica de bloqueio.

Palavras-chave: Variaçôes anatômicas; anestesia diagnóstica; sistema locomotor

30. CONCORDÂNCIA ENTRE MÉTODOS PARA DETERMINAÇÃO DE FIBRINOGÊNIO PLASMÁTICO EM EQUINOS SUBMETIDOS À IMPLANTAÇÃO DE BIOPOLÍMEROS

JÚLIA RIBEIRO GARCIA CARVALHO*1; GABRIEL CONDE1; MARINA LANSARINI ANTONIOLI1; EDMILSON RODRIGO DANEZE1; PAULA DO PATROCÍNIO DIAS2; MARCELO APARECIDO CHINELATTO2; PAULO ALÉSCIO CANOLA1; GUILHERME CAMARGO FERRAZ1

1.UNESP, JABOTICABAL, SP, BRASIL; 2.EESC-USP, SÃO CARLOS, SP, BRASIL.

e-mail:juliargc@hotmail.com

Resumo:

Durante as reações de fase aguda, como as que ocorrem após a maioria dos procedimentos cirúrgicos, a concentração de fibrinogênio aumenta rapidamente no plasma. Apesar de sua baixa especificidade diagnóstica, pode ser facilmente mensurado, o que o torna amplamente utilizado na prática clínica. A técnica de Schalm (1970), ou método calorimétrico (MCA), fundamenta-se na precipitação térmica do fibrinogênio a 56 ºC; enquanto a técnica de Clauss (1957), ou método coagulométrico (MCO), envolve a polimerização da molécula de fibrinogênio. Assim sendo, o presente trabalho objetivou avaliar a concordância entre as técnicas de Schalm e de Clauss na determinação de fibrinogênio plasmático em equinos implantados com biopolímeros. Utilizaram-se 6 equinos, sem raça definida, com idade entre 10 e 18 anos e peso médio de 423 kg, os quais foram distribuídos em 3 grupos experimentais: controle positivo e dois grupos com proporções diferentes de Poli (ácido lático) (PLA) como material predominante, PLA 100% e PLA 75%, sendo que o PLA 75 % é composto também de 20% de Poli (□-caprolactona) e 5% de compatibilizante. A implantação cirúrgica dos biopolímeros foi realizada no espaço subcutâneo da região da tábua do pescoço. Realizaram-se venopunções antes, 6, 12, 24, 48, 72, 96, 120, 144, 168 e 362 h após a implantação. O sangue (8,1 mL) foi acondicionado em sistema à vácuo, sendo 4,5 mL em tubos com K3EDTA, e 3,6 mL em tubos contendo citrato de sódio a 3,2%. O plasma foi separado e congelado a -80 ºC. Para a realização do MCO foram utilizadas amostras de sangue previamente acondicionadas em tubos contendo citrato de sódio a 3,2%. A atividade plasmática foi mensurada com o auxílio de coagulômetro (COAG 1000; Wama Diagnóstica) e de reagentes comerciais (Fibrinogênio; Labtest Sistema de Diagnósticos). Para realização do MCA foram utilizadas amostras condicionadas em tubo com EDTA. Inicialmente determinou-se a concentração proteica plasmática total por refratometria. Sequencialmente, a amostra foi submetida à temperatura de 57°C (±1°C) por 3 minutos e centrifugada por 5 min a 2.500 rpm. Em seguida, mensurou-se novamente a concentração proteica plasmática total. A diferença entre a concentração proteica inicial e final ensejou a obtenção da concentração do fibrinogênio presente na amostra. Os dados foram avaliados quanto à normalidade pelo teste de Shapiro-Wilk e submetidos ao teste de Mann-Whitney. Para avaliar a concordância entre as duas técnicas foi utilizada a correlação de Spearman, seguida pela regressão

ordinária dos produtos mínimos para determinação de vieses fixo e proporcional, os quais foram obtidos a partir do intervalo de confiança da equação Y=ax+b. O gráfico de Bland-Altman (BA) foi aplicado para avaliação do nível de concordância entre os métodos. Para todas as análises utilizou-se p≤0,05. Houve diferença entre os valores, sendo que a mediana do MCO foi maior (206,2; min 102 - máx 282 mg/dL) quando comparado ao MCA (200; min 100 – máx 800 mg/dL). Houve vieses fixo (intervalo de confiança do interceptor [b] a 95%: 158 - 159) e proporcional (intervalo de confiança do "slope" [a] a 95%: -0,42 – 0,87). O BA indicou diferença média próxima de 0 (3,8 mg/dL), porém obteve-se variabilidade marcante (DP = 110 mg/dL) e limites de concordância de -213 a 221 mg/dL. O erro de medição entre os métodos para determinação de fibrinogênio resultou em um viés proporcional, indicando que o MCA produziu valores diferentes daqueles obtidos pelo MCO em uma quantidade proporcional à variável medida. Ademais, o viés fixo indicou que uma metodologia pode fornecer valores que são diferentes daqueles obtidos por outro instrumento, por uma quantidade constante. Não houve concordância entre os métodos, indicando que os valores obtidos a partir da metodologia por refratometria precisam ser avaliados com parcimônia, sendo que alguns valores de fibrinogênio observados poderiam indicar diagnóstico errôneo de processo inflamatório severo.

Palavras-chave: Calorimétrico; coagulométrico; polímeros biodegradáveis

31. DEFORMIDADES ANGULARES NOS MEMBROS TORÁCICOS EM POTROS DA RAÇA BRASILEIRO DE HIPISMO – INCIDÊNCIA E CORREÇÃO.

LUISA LEMOS SILVEIRA*1; ADRIANA PIRES NEVES1; EDUARDO FAGUNDES VOGEL1

1.UNIPAMPA, BAGE, RS, BRASIL.

e-mail:luisalemossilveiraveterinaria@gmail.com

Resumo:

Na espécie eqüina, o estudo da incidência e modo de resolução dos problemas angulares que acometem neonatos são importantes para melhor entendimento da sua gravidade, contribuindo para a busca de cuidados que solucionem ou minimizem estas alterações. A deformidade angular dos membros ocorre no homem e nos animais domésticos, traduzindo uma forma de defeito no esqueleto. Comumente, o processo acomete os membros anteriores dos animais e, menos freqüentemente, os posteriores. No presente estudo, foram avaliados 78 potros da raça Brasileiro de Hipismo (BH), desde os primeiros dias de vida até completarem seis meses em uma propriedade localizada na região Sul do Brasil, no estado do Rio Grande do Sul, durante o segundo semestre de 2017. O objetivo do presente trabalho foi determinar índices que reflitam a real incidência na raça, as possíveis maneiras de solucionar, bem como a gravidade destes problemas ortopédicos chamados deformidades dos membros torácicos. Dentre as deformidades nos membros torácicos em potros, se sabe que a alteração de maior incidência é a chamada Carpo Valgos. Dos animais avaliados, 2 (2,56%) apresentaram Desvio Lateral do Carpo ou Carpo Varo, 12 (15,38%) apresentaram Desvio Medial das Articulações Cárpicas ou Carpus Valgus, sendo destes, apenas dois casos unilaterais. A conformação do tipo fechado de frente apareceu 8 vezes (10,25%) e 2 (2,56%) apresentaram conformação do tipo aberto de frente. Do total, 54 animais, representando 69,23%, apresentaram alinhamento correto dos membros. Portanto, 24 animais (30,77%) apresentaram alterações na conformação dos membros torácicos. Nestes equinos, foi realizado o casqueamento corretivo, iniciando com 15 dias de idade e a partir daí, mensalmente. Após este procedimento, eram liberados normalmente ao lote. Observou-se que em 100% dos casos as deformidades foram corrigidas. Sendo assim, nenhum animal foi encaminhado para a cirurgia corretiva. Considerando os resultados observados, conclui-se que a incidência de deformidades nos membros torácicos de potros da raça BH durante o primeiro semestre de vida é alta. Alguns cuidados podem ser adotados buscando a correção destes desvios e diminuindo esta incidência. A correção é possível e nos casos acompanhados não foi necessário procedimento cirúrgico para o alinhamento correto.

Palavras-chave: Defeitos de conformação; potros; desenvolvimento ósseo

32. DETECÇÃO BIOMOLECULAR DO FUNGO RHIZOCTONIA LEGUMINICOLA EM FENO DE ALFAFA CAUSANDO SALIVAÇÃO EXCESSIVA EM EQUINO

ROBERTA MARTINS BASSO*1; PEDRO NEGRI BERNADINO1; CAMPO AMOR VIEIRA DA CUNHA NETO1; JOSE PAES DE OLIVEIRA-FILHO1; ALEXANDRE SECORUN BORGES1

1.UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:robertamartinsbasso@gmail.com

Resumo:

A Rhizoctonia leguminicola, fungo causador de manchas negras em forragens como os trevos vermelhos e alfafa (Medicago sativa), produz micotoxinas do grupo dos alcaloides de indolizina, principalmente a eslaframina. Os animais de produção, ao consumirem essas forragens contaminadas com eslaframina, apresentam comumente sialorreia intensa, podendo ainda manifestar sinais clínicos, como: anorexia, diarreia, lacrimejamento excessivo, poliuria, desconforto abdominal e aborto. A observação súbita desses sinais em animais alimentados com trevo ou feno de alfafa leva a suspeita de intoxicação por eslaframina, sendo definitivamente confirmada pela identificação histológica do microrganismo em amostras da forrageira ou detecção da eslaframina por cromatografia. Diversos surtos de intoxicação por eslaframina são descritos no Brasil, contudo a confirmação etiológica do agente e/ou da micotoxina não é frequentemente realizada. Sendo assim, o objetivo deste estudo foi detectar a presença da R. leguminicola em fenos de alfafa utilizando a PCR seguida pelo sequenciamento gênico. O DNA foi purificado a partir de amostras de feno de alfafa (amostras A e B), responsáveis por surtos de salivação excessiva em equinos em duas propriedades distintas. Como controle negativo (CN) utilizou-se amostra de feno, de uma terceira propriedade, que não provocou sinais semelhantes a intoxicação por eslaframina. A PCR foi realizada utilizando primers (5'-ACA CCG GCT GCC AAT TAT-3' e 5'-ACA ACA AGT CTG GCT ACT TCT AC-3') recentemente padronizados em um estudo que detectou o fungo em amostras de trevo vermelho infectado experimentalmente. Uma banda de 368 pares de base, compatível com o produto esperado na PCR, foi identificada na eletroforese apenas nas amostras A e B. As sequências gênicas dos produtos da PCR dessas amostras obtiveram 99% de identidade quando comparadas com as sequências da R. leguminicola depositadas no GenBankTM. Nestes dois surtos, o fornecimento do feno suspeito aos equinos foi suspenso após a observado da salivação excessiva, ocorrendo a remissão dos sinais clínicos em até 48 horas, sendo o diagnóstico etiológico da intoxicação confirmado pela detecção do DNA fúngico no feno de alfafa. Esta foi a primeira descrição da identificação da R. leguminicola pelo sequenciamento gênico de produtos da PCR em amostras de alfafa naturalmente infectadas. A dosagem da micotoxina em amostras de feno por cromatografia, além de ser mais onerosa, pode apresentar menor sensibilidade de acordo com a forma e o tempo de armazenamento do feno. Uma vez que o aumento dos casos de intoxicação em equinos por eslaframina vem ocorrendo, a PCR poderá ser empregada no diagnóstico definitivo desta micotoxicose por se tratar de método de fácil acesso e economicamente viável.

Palavras-chave: Diagnóstico; equinos; micotoxicose, sialorréia

33. DETECÇÃO DA PROTEÍNA OLIGOMÉRICA DA MATRIZ CARTILAGÍNEA NO LÍQUIDO SINOVIAL DE CAVALOS QUARTO DE MILHA DE CORRIDA COM FRATURAS INTRA-ARTICULARES DE CARPO

ÂNGELA PERRONE BARBOSA*1; JOICE FÜLBER1; JULIANA JUNQUEIRA MOREIRA1; FERNANDA RODRIGUES AGRESTE1; LUIS CLÁUDIO LOPES CORREIA DA SILVA1; CYNTHIA DO PRADO VENDRUSCULO1; SARAH RAPHAELA TORQUATO SEIDEL1; ERIC DANILO PAULS SOTELO1; FERNANDO MOSQUERA JARAMILO1; RAQUEL YVONNE ARANTES BACCARIN1

1.FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (FMVZ-USP), SAO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:angela.barbosa@usp.br

Resumo:

A proteína oligomérica da matriz cartilaginosa (COMP) é uma glicoproteína pentamérica não colagenosa encontrada na matriz extracelular da cartilagem articular. Supõe-se que a COMP possa ser um bom sinalizador das propriedades da matriz extracelular, refletindo diretamente suas condições. Ainda são escassos os estudos que utilizam a COMP como biomarcador de desenvolvimento e progressão da doença articular em equinos. Acredita-se que cavalos com enfermidade articular apresentam aumento significativo da COMP no líquido sinovial. Assim, o objetivo do presente estudo foi detectar a COMP no líquido sinovial de cavalos de corrida, da raça quarto de milha com fratura intra-articular de carpo. Foram utilizados 10 cavalos de corrida da raça Quarto de Milha com fraturas de carpo ocorridas durante o treinamento ou corrida, que apresentavam uma ou mais articulações cárpicas acometidas. Todos os cavalos foram submetidos ao procedimento artroscópico para tratamento das fraturas a partir da remoção dos fragmentos, em um total de 16 articulações acometidas. O líquido sinovial foi coletado imediatamente antes do procedimento artroscópico, por artrocentese e, então, analisou-se as amostras quanto a cor, aspecto, viscosidade, número de células e a qualidade da precipitação de mucina. Para a detecção da COMP, foi realizado a técnica laboratorial de blotting, com fixação da amostra com anticorpo primário monoclonal (12C4) e revelado com o anticorpo secundário de cabra (anti-IgG de camundongo) complexado com peroxidas. Das 16 articulações estudas, 13 apresentavam-se com a cor amarelo ouro (81,3%), enquanto que duas estavam com coloração avermelhada (12,5%), e uma delas apresentava-se com a cor palha (6,2%). Com relação ao aspecto, apenas um apresentou turbidez (6,2%). A viscosidade do líquido sinovial apresentou-se maior ou igual a cinco em 11 articulações (68,8%). A média da contagem celular foi de 344,2 células/µL, sendo que as amostras de coloração avermelhada demonstraram maior celularidade. Em relação ao teste qualitativo de mucina, duas articulações mostraram-se ruins (12,5%), em três foi regular (18,7 %) e nas demais foi considerada boa (68,8%). Foi possível detectar a COMP em todas as amostras pela técnica proposta, e utilizando o anticorpo primário monoclonal (12C4). Este resultado sugere comprometimento articular, uma vez que maiores concentrações da COMP são necessárias para que a mesma seja identificada pela técnica de blotting. Porém se faz necessária a quantificação desta molécula para confirmar degradação cartilagínea, comparando-se os resultados com líquido sinovial de articulações hígidas. Futuramente, a quantificação dos níveis de COMP pode ser uma ferramenta essencial para detectar precocemente a progressão da lesão articular.

Palavras-chave: Cavalo, articulação; comp, fratura de carpo; líquido sinovial

34. DETERMINAÇÃO DE FIBRINOGÊNIO PLASMÁTICO EM EQUINOS IMPLANTADOS COM BIOPOLÍMEROS

JÚLIA RIBEIRO GARCIA CARVALHO*1; GABRIEL CONDE1; MARINA LANSARINI ANTONIOLI1; EDMILSON RODRIGO DANEZE1; PAULA DO PATROCÍNIO DIAS2; MARCELO APARECIDO CHINELATTO2; PAULO ALÉSCIO CANOLA1; GUILHERME CAMARGO FERRAZ1

1.UNESP, JABOTICABAL, SP, BRASIL; 2.EESC-USP, SÃO CARLOS, SP, BRASIL.

e-mail:juliargc@hotmail.com

Resumo:

Existem poucos estudos com o uso de biopolímeros em equinos. A quantificação das proteínas de fase aguda pode contribuir para predizer a severidade de lesão tecidual e/ou inflamação. Embora existam inúmeras proteínas de fase aguda, o fibrinogênio é a proteína mais costumeiramente quantificada na espécie equina devido ao baixo custo, resultados rápidos e disponibilidade. O presente estudo objetivou avaliar a resposta inflamatória de equinos submetidos à implantação de biopolímeros. Para isso, utilizaram-se 6 equinos, sem raça definida, com idade entre

10 e 18 anos e peso médio de 423 kg, os quais foram distribuídos em 3 grupos experimentais: controle positivo (CP) e dois grupos com proporções diferentes de Poli (ácido lático) (PLA) como material predominante, PLA 100% e PLA 75%, sendo que o PLA 75 % é composto também de 20% de Poli (□-caprolactona) e 5% de compatibilizante. Os animais passaram por procedimento cirúrgico para a implantação do biopolímero no espaço subcutâneo na região da tábua do pescoço. Realizaram-se venopunções antes, 6, 12, 24, 48, 72, 96, 120, 144, 168 e 362 h após a implantação. O sangue (3,6 mL) foi acondicionado em sistema à vácuo, contendo citrato de sódio a 3,2%. O plasma foi separado e congelado a -80 ºC. Após descongelamento, diluíram-se 200 µL das amostras em uma solução tampão contendo barbital sódico, na razão de 1:10. Posteriormente, essa solução foi acrescida de 100 µL de trombina, responsável pela polimerização do fibrinogênio. O tempo de formação do coágulo foi determinado a 37ºC, por meio de coagulômetro (COAG 1000; Wama Diagnóstica), que automaticamente convertia o tempo obtido em concentração de fibrinogênio (mg/dL). Os dados foram submetidos ao teste ANOVA por duas vias para medidas repetidas no tempo. Para comparação da mediana geral entre os grupos aplicou-se a análise de variância de Kruskal-Wallis, seguido pelo teste de Dunn ($p \leq 0,05$). Não houve diferença significativa ao longo do tempo entre os grupos. Entretanto, na comparação da mediana geral entre os grupos, o PLA 100 foi maior que o grupo controle positivo ($p=0,014$). As medianas obtidas foram: 203 (min 161 – máx 276 mg/dL) para o grupo controle; 213 (min 102 – máx 282 mg/dL) para o grupo PLA 100; e 208 (min 143 – máx 254 mg/dL) para o grupo PLA 75. A partir dos resultados, evidenciou-se que a implantação de biopolímeros não induziu processo inflamatório de importância clínica, sendo todos os valores encontrados dentro dos padrões de normalidade para equinos. Conclui-se que os biopolímeros de Poli (ácido lático) são seguros para implantação subcutânea em equinos.

Agradecimento: Processo FAPESP nº2017/10959-4

Palavras-chave: Método coagulométrico; polímeros biodegradáveis; poli (ácido lático)

35. EFEITO SEDATIVO DA FARMACOPUNTURA EM EQUINOS

ALINE MAYARA SILVA DE LIMA*1; DIOGO ALEXANDRE TENÓRIO MATA1; CAROLINA CARVALHO DOS SANTOS LIRA1; CAMILA ALMEIDA TOLEDO1; HELOÍSA GOMES SILVA DE OLIVEIRA1; RAFAELA MARIA PASTL2; JARBIANE GOMES DE OLIVEIRA1; ANDREZZA CAROLINE ARAGÃO DA SILVA1; LUAN LUTHZEMBERG FERREIRA DE ANDRADE1; PIERRE BARNABÉ ESCODRO1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, VIÇOSA, AL, BRASIL; 2.FACULDADES INTEGRADAS DE PATOS, PATOS, PB, BRASIL.

e-mail:alinemayara_al@hotmail.com

Resumo:

A acupuntura vem sendo amplamente utilizada na área de anestesiologia veterinária, principalmente para o controle de dores crônicas em equinos. No entanto, há um movimento crescente da utilização da farmacopuntura (FAP) na sedação da espécie, que consiste na administração de fármacos sedativos nos acupontos. A FAP com uso de subdoses produziu efeitos prolongados e similares às doses convencionais de fenotiazínicos e alfa 2 agonistas em coelhos, cães e suínos, com as vantagens de causar menores efeitos colaterais, contribuindo ainda para a redução do uso de medicamentos, dos resíduos nos produtos de origem animal e do custo dos tratamentos. Objetivou-se comparar os efeitos da utilização de subdose de xilazina (0,2 mg/kg) no ponto yin tang com a dose convencional (1 mg/kg), além de avaliar os efeitos da solução salina 0,9% nos mesmos sítios de aplicação. O acuponto yin tang está situado na intersecção de uma linha imaginária entre as comissuras mediais dos olhos e a mediana do animal, sendo indicado como ponto calmante/ansiolítico. O experimento foi aprovado pelo CEUA-UFAL sob nº 15/2016, sendo utilizados cinco equinos (2 machos e 3 fêmeas), mestiços, hígidos, com idade variando entre três e oito anos e peso entre 280 e 450 kg. O delineamento estatístico experimental utilizado foi o quadrado latino, caracterizado pela utilização de quatro tratamentos aplicados às mesmas unidades experimentais em estudo cego e aleatório, com intervalo mínimo entre tratamentos de 30 dias. Os tratamentos foram: Controle Negativo (TCN): 5mL de solução salina 0,9% por via subcutânea (SC) na região cervical.; Tratamento aquacupuntura (TA): 5 mL de solução salina 0,9%

SC no ponto yin tang; Tratamento Convencional (TConv): 1,0 mg/kg de cloridrato de xilazina SC na região cervical e Tratamento farmacopuntura (TFA): 0,2 mg/kg de cloridrato de xilazina SC no ponto yin tang. As doses individuais foram diluídas em solução salina a 0,9%, perfazendo volume final de 5 ml em todos os tratamentos. Os efeitos tranquilizantes e parâmetros avaliados foram: Resposta ao estímulo sonoro (0-3); Altura da cabeça (cm); Grau de ataxia (0-3); Glicose; Tempo de preenchimento capilar (TPC); Coloração da mucosa oral (CM); Frequência cardíaca (FC) e Frequência respiratória (FR), registrados antes (basal – T0), e durante 90 minutos após a administração dos tratamentos nos tempos: 5, 15, 30, 60 e 90 minutos. A análise estatística foi realizada utilizando ANOVA para medidas repetidas para investigar as diferenças no tempo em cada grupo e entre os tratamentos. A significância estatística (* P <0,01 e #P <0,05) foi determinada pelo teste de comparação múltipla de Newman-Keuls. No TCN, todos os parâmetros não demonstraram diferença significativa nos tempos avaliados. O mesmo ocorreu no TA, onde a aquacupuntura no ponto yin tang não apresentou efeito sedativo dos animais avaliados. Nos tratamentos TConv e TFA os animais apresentaram sinais de sedação significativamente maior que TA e TCN em 30 e 60 min, além de redução da FC e FR de 15 a 60 minutos. No TConv os animais apresentaram redução da altura da cabeça em todos os tempos quando comparados com o parâmetro basal, ocorrendo a menor altura em 30 minutos. Já no TFA, houve redução apenas nos 15 e 30 min. Conclui-se que a utilização de subdose de cloridrato de xilazina no ponto yin tang apresentou efeito sedativo satisfatório em equinos, porém quando comparado ao tratamento convencional teve menor profundidade e tempo de efeito, divergindo do que foi observado em estudos com outras espécies.

Palavras-chave: Aquacupuntura; equino; yin tang

36. ENSAIO DE PESQUISA CLÍNICA PARA A NUTRIÇÃO ENTERAL PASSIVA COMPLETA DE EQUINOS EM "FASE I" – RESULTADO PARCIAL

FILIPE SIMEAO FRÖHLICH KLUG*1; MARINA JULIANI BAUMHAK1; ANA CLARA KOHARA ROMAN1; BEATRIZ MOREIRA ANDRIOLI2; LILIAN EMY DOS SANTOS MICHIMA1; RENATA FARINELLI DE SIQUEIRA1; REBECA ALVES WEIGEL3; CARLA BARGI BELLI1

1.USP, SAO PAULO, SP, BRASIL; 2.UNG, GUARULHOS, SP, BRASIL; 3.QUIMTIA, COLOMBO, PR, BRASIL.

e-mail:filipe.medico.veterinario@gmail.com

Resumo:

O uso de dieta enteral com fibra para equinos convalescentes é complexo na clínica médica e cirúrgica, requerendo atenção minuciosa para auxiliar no prognóstico. No entanto, a via enteral em equinos é de fácil acesso e possui menor risco que a via parenteral. A formulação enteral deve ser segura e excluir efeitos catabólicos sobre o metabolismo energético, decorrente de inapetência pós-cirúrgica e/ou doença, sendo importante determinar a dosagem correta e efeitos metabólicos de cada formulação antes de sua recomendação geral. O objetivo deste trabalho foi verificar o efeito do Equisave® sobre a glicemia e bioquímica renal em dose única. Oito animais Puro Sangue Árabe, machos, castrados, com peso médio de 300kg, alojados em baia individual com água ad libitum foram organizados em Quadrado Latino duplo randomizado. A indução experimental, após jejum de 12h, foi realizada com 0 (placebo), 50, 75 e 100% da dose recomendada do produto (1% do Peso Vivo), diluído em água na proporção 1:3, administrada com sonda nasogástrica. A curva glicêmica após coleta do controle foi estabelecida em 180 minutos (25, 35, 45, 55, 65, 80, 95, 110, 125, 145, 155, 170 e 180min.) e mais 3 coletas a cada 3 horas em sangue colhido da jugular em tubos com fluoreto de sódio. A bioquímica renal (ureia e creatinina) foi realizada em amostras de sangue coletadas em tubo seco, sendo primeiro o controle e mais 4 mensurações referentes às coletas a cada 3 horas. Em relação ao acompanhamento dos dados clínicos, os animais apresentaram alterações pontuais quando administradas as doses de 75% e 100%, como aumento da motilidade intestinal. Também em todas as doses houve alteração do aspecto das fezes correspondente ao aumento de líquido presente, o que se justifica pela utilização do produto em dose única (que não é a mais recomendada quando da utilização clínica). Em nenhum dos animais houve aumento da frequência cardíaca e respiratória em mais de um exame consecutivo. A temperatura manteve-se nos valores de referência. Os animais que receberam o Placebo mantiveram os valores basais de glicose entre 95-129 mg/dL

ao longo de todo o período experimental. Para os grupos da nutrição enteral, os valores glicêmicos demonstraram extrapolação dos valores basais em todas as doses. Isso já era esperado, mas ocorreu de forma mais prolongada em comparação ao que se observa em casos de teste de absorção de glicose, provavelmente por causa da presença de fibras na formulação, atrasando a absorção dos carboidratos. Os picos glicêmicos ocorreram entre 170 e 180 minutos após indução e estão em conformidade com os achados da literatura. A glicemia em todas as dosagens, ao final do período de 12 horas, apresentou valores basais normais. A mensuração da ureia (28 a 50 mg/dL) e creatinina sérica (0,9 a 1,7 mg/dL) não apresentou variação importante ao longo do tempo entre as diferentes dosagens, indicando ausência de alteração aguda importante na função renal. Os valores de ureia e creatinina de cada uma das dosagens não tiveram valores associados com aumento glicêmico simultâneo. O produto atende o requerimento energético e apresentou boa segurança pelos testes realizados, devendo agora ser testado em doses menores por mais tempo e em animais enfermos.

Agradecimentos: CAPES e FMVZ – USP.

Palavras-chave: Nutrição enteral; glicemia; função renal

37. ESTRESSE OXIDATIVO LAMINAR E SISTÊMICO EM CAVALOS COM AFECÇÕES GASTRINTESTINAIS

LUCIANE MARIA LASKOSKI*1; ROSANGELA LOCATELLI DITTRICH2; LAYANNE C. P. DA ROCHA1; FERNANDO ANDRADE SOUZA1; RENATO SILVA SOUSA2; FABIANO MONTIANI-FERREIRA2; CARLOS AUGUSTO ARAÚJO VALADÃO3

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE, RIO BRANCO, AC, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, CURITIBA, PR, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO", JABOTICABAL, SP, BRASIL.

e-mail:limarocha27@gmail.com

Resumo:

A laminite é uma afecção podal que possui fisiopatogenia parcialmente conhecida. É responsável por elevado número de casos graves, em que muitas vezes se opta pela eutanásia para reduzir o sofrimento do animal e também do proprietário. O envolvimento do estresse oxidativo tem sido sugerido por vários autores como responsável pelas lesões laminares, associado principalmente à síndrome da resposta inflamatória sistêmica, condição que acontece frequentemente como complicação na síndrome cólica. Foram utilizados 21 cavalos, dos quais 21 morreram por complicações causadas por síndrome cólica de origem natural e 7 cavalos que foram submetidos a isquemia intestinal e administração de lipopolissacarídeos experimentais. Foram coletadas amostras de tecido laminar do casco, cérebro, cerebelo, coração, pulmão, fígado e rim, os quais foram fixados em formaldeído a 10% por 48, e posteriormente processados pelas técnicas rotineiras para emblocagem em parafina, e então coradas com H&E, PAS. Para identificar o estresse oxidativo, utilizou-se anticorpos primários anti-nitrotirosina (marcador de peroxinitrito, agente oxidante) e anti-superóxido desmutase (antioxidante), utilizados na técnica de imuno-histoquímica, nos fragmentos de todos os tecidos coletados. A imunomarcação de nitrotirosina nos órgãos foi utilizada para definir dois grupos experimentais: Grupo sem lesão oxidativa sistêmica (GSLO, n=7), contendo cavalos com fraca imunomarcação somente em fígado, pulmão e rim; e Grupo lesão oxidativa sistêmica (GLO, n=14), contendo cavalos com imunomarcação de moderada a forte intensidade em fígado, pulmão, rim, e ainda imunomarcação em coração, pulmão e tecido nervoso. Esta divisão de grupos foi realizada, considerando que fígado, pulmão e rim são órgãos que possuem estresse oxidativo fisiológico, por apresentarem contato com microorganismos e toxinas durante suas funções, por isso espera-se observar marcadores de oxidantes em pequena quantidade. Já no coração e tecido nervoso, não deve haver estresse oxidativo em condições fisiológicas. Observou-se que os cavalos do grupo GLO demonstraram aumento de lesões laminares. As amostras dos principais órgãos exibiram imunomarcação para superóxido desmutase em todos os cavalos, de intensidade moderada a forte, sendo que a intensidade forte foi observada principalmente nos cavalos no GLO (P,0,05). Houve imunomarcação para nitrotirosina e superóxido

desmutase no tecido laminar, no entanto, não houve diferença entre os grupos experimentais. Conclui-se que o desenvolvimento de estresse oxidativo sistêmico em cavalos com afecções gastrintestinais está associado ao desenvolvimento da laminite, pelo aumento das lesões laminares observadas nos animais do GLO. O aumento de estresse oxidativo leva a maior expressão de superóxido desmutase orgânica, demonstrando que estes tecidos têm capacidade de se proteger contra os insultos gerados pela resposta inflamatória sistêmica, deflagrada na síndrome cólica.

Palavras-chave: Equino; peroxinitrito; laminite

38. ESTUDO COMPARATIVO ENTRE O USO DE TORNIQUETE PNEUMÁTICO OU TORNIQUETE DE LÁTEX PARA INFUSÃO REGIONAL EM MEMBROS DE EQUINOS

ADRIANA FERNANDES DE SOUZA GARCIA*1; RENATA GEBARA SAMPAIO DÓRIA2; JULIA DE ASSIS ARANTES2; GUSTAVO MORANDINI REGINATO2; NATÁLIA VILLAÇA XAVIER2; ADRIANO BONFIM CARREGARO2; THIAGO JONATHA FERMANDES SILVA2; FERNANDA GUADAGNY NEUBAUER3; GESIANE RIBEIRO4

1.FMU, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 2.USP, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL; 3.GNVETS, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 4.FMU E UNIMES, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:adrianafsgarcia@hotmail.com

Resumo:

A perfusão regional intravenosa com antibióticos tem sido amplamente indicada no tratamento de afecções infecciosas nos membros dos equinos. A técnica surgiu com BIER e colaboradores, em 1908, e consiste na aplicação regionalizada de um fármaco, restringindo-se temporariamente a sua absorção sistêmica. Esse isolamento vascular é fundamental para a eficiência da técnica, e é feito através de colocação de um torniquete. O objetivo do presente estudo foi avaliar a eficiência de dois tipos de torniquetes para realização de estase circulatória regional em membros torácicos de equinos adultos. Foram utilizados dez cavalos sadios, adultos e sem raça definida, divididos aleatoriamente em dois grupos: Grupo Torniquete Pneumático (TP) e Grupo Torniquete de Látex (TL). Os animais foram sedados com 20 µg/kg de detomidina intravenosa e mantidos em posição quadrupedal. Após tricotomia e antissepsia da face medial do membro, a veia cefálica foi acessada por um cateter 18G (Nipro ®) na altura da castanha. Os torniquetes foram posicionados no terço médio do rádio, proximal ao cateter. Para a colocação do torniquete de látex (popularmente conhecido como "tripa de mico"), foram utilizadas uma compressa cirúrgica para proteção da pele do animal e uma atadura pressionando a região da veia cefálica. O torniquete pneumático (GER-AR MATIC ELETRONICO) foi posicionado na mesma região e insuflado até atingir uma pressão de 600mmHg. Imediatamente após a colocação dos torniquetes, foi realizada infusão de 100 ml de contraste radiopaco de baixa osmolaridade (Omnipaque® ioexol 300mg I/ml) pela veia cefálica e imagens radiográficas das regiões do rádio, carpo, metacarpo-falangeana e casco foram realizadas nos momentos T0 (início da aplicação do contraste), T10, T20 e T30 (10, 20 e 30 minutos após o início da aplicação, respectivamente). Em T0 e T10, observou-se que todos os torniquetes foram eficientes para promover a estase circulatória uma vez que o contraste permaneceu na região isolada. Em T20, foi possível observar a presença de contraste na região proximal ao torniquete, indicando falha no isolamento circulatório em três animais, sendo dois pertencentes ao grupo TL e um ao grupo TP. Esses animais apresentaram evidente desconforto, muita agitação e excessiva movimentação do membro e, por esta razão, optou-se pela retirada dos torniquetes e os animais foram excluídos da última avaliação radiográfica. Em T30, as imagens foram semelhantes em todos os animais e não mostraram passagem do contraste pela região isolada. O estudo concluiu que os dois tipos de torniquetes apresentam eficiência similar, possibilitando o isolamento circulatório em membros torácicos de equinos adultos sedados em posição quadrupedal e que, em cavalos agitados e com movimentação excessiva do membro, os dois tipos de torniquetes podem falhar, possibilitando o escape da solução injetada para fora da região isolada.

Palavras-chave: Infusão regional; venografia; torniquete pneumático

39. ESTUDO DE COLOCAÇÃO DE CATETER TOTALMENTE IMPLANTADO EM VEIA CEFÁLICA DE EQUINOS.

ADRIANA FERNANDES DE SOUZA GARCIA*1; GESIANE RIBEIRO2; JULIA DE ASSIS ARANTES3; GUSTAVO MORANDINI REGINATO3; NATÁLIA VILLAÇA XAVIER3; ADRIANO BONFIM CARREGARO3; THIAGO JONATHA FERMANDES SILVA3; FERNANDA GUADAGNY NEUBAUER4; RENATA GEBARA SAMPAIO DÓRIA3

1.FMU, COTIA, SP, BRASIL; 2.FMU E UNIMES, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 3.USP, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL; 4.GNVETS, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:adrianafsgarcia@hotmail.com

Resumo:

A perfusão regional intravenosa em membros de equinos é a modalidade terapêutica mais eficiente para o tratamento das infecções ortopédicas. No entanto, o encerramento prematuro destas perfusões costuma ocorrer devido à flebite ou perda do acesso venoso. A canulação de veias periféricas com cateteres convencionais exige cuidado intensivo para prevenção de infecções e restrição de movimento do animal para evitar o deslocamento do cateter. Atualmente, para que haja acesso fácil e prolongado ao sistema vascular, são utilizados, na medicina humana, cateteres totalmente implantáveis, desenvolvidos para serem posicionados cirurgicamente em grandes vasos e, posteriormente, acessados através da pele íntegra por um dispositivo de administração que fica alojado no espaço subcutâneo. O objetivo deste estudo foi desenvolver e avaliar a técnica de colocação de um cateter totalmente implantado, de silicone, modelo Life-Port® Titânio Infantil 7,5 Fr, na veia cefálica de equinos. Foram utilizados dez cavalos sadios, adultos e sem raça definida. Os animais foram anestesiados segundo o protocolo: xilazina 2%, 1mg/kg, IV, éter gliceril guaiacol, 100mg/kg, IV, associação de cetamina 10% (2mg/kg) e midazolam (0,1mg/kg), IV, isofluorano e anestesia local infiltrativa, com cloridrato de lidocaína 2%, sem vasoconstrictor, nos locais predefinidos para a inserção do cateter e sepultamento do portal. Após tricotomia e antissepsia da região rádio-cárpica medial do membro torácico direito, identificou-se a veia cefálica, em região proximal à "castanha" e foi realizada primeira incisão de pele (I), de aproximadamente 2 cm, para introdução da agulha de punção, por onde foi passado o fio guia em "J", o introdutor 10F e o dilatador. Ato contínuo, o cateter foi introduzido distalmente na veia cefálica. Ao final, o dilatador e o fio guia em "J" foram retirados do cateter. Uma segunda incisão (II), de aproximadamente cinco centímetros, elíptica, foi realizada caudoproximal à incisão "I". Uma haste de aço, própria do kit, foi introduzida através do tecido subcutâneo, desde a incisão "II" em direção à incisão "I", conectando-se ao cateter, transpondo-o para a segunda incisão, seguindo direção inversa. O espaço subcutâneo foi divulsionado, lateral à incisão "II", até se obter espaço suficiente para o portal, que foi suturado em três pontos para ancoragem, próprios do portal, com fio de náilon 1. O excedente de comprimento do cateter foi cortado e a extremidade deste conectada ao portal. O cateter venoso foi ajustado entre as incisões de modo que a conexão do portal ficasse voltada para a incisão "I", sem sobras na incisão "II". Por fim, ambas as incisões foram suturadas com fio de náilon 1, padrão simples separado. O tempo médio de procedimento foi de 40 minutos. Verificou-se que é possível progredir no interior da veia 46 cm de cateter e que o modelo 7,5 Fr é compatível com o diâmetro da veia cefálica de equinos adultos. Não foi encontrada dificuldade na progressão do cateter, desde que o membro esteja esticado. A sutura de pele da incisão elíptica não deve ser realizada muito próxima ao local de sepultamento do portal, evitando infecções por continuidade. O posicionamento do local de introdução do cateter na veia cefálica em relação ao ponto de conexão ao portal, deve ser retilíneo e o portal deve estar bem fixo no subcutâneo, impedindo a formação de dobras quando o animal se movimenta. Vinte e quatro horas após a implantação, os animais foram submetidos a exame radiográfico que confirmou o posicionamento correto do cateter, sem presença de dobras, e apresentaram fluxo de sangue espontâneo quando o portal foi acessado, ausência de resistência ao flush de heparina e ausência de edemas e dor local. Este estudo concluiu que a técnica cirúrgica utilizada para colocação do cateter totalmente implantado na veia cefálica de equinos adultos é rápida, simples e segura. Os equinos continuam sendo avaliados para determinação do tempo de permanência e viabilidade do cateter.

Palavras-chave: Cateter totalmente implantado; veia cefálica; perfusão regional

40. ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO E CLÍNICO DE 20 ANIMAIS COM DIAGNÓSTICO DE RAIVA ATENDIDOS NA FMVZ – UNESP – BOTUCATU DE 2011 A 2017

LUIZA STACHEWSKI ZAKIA*1; LUKAS GARRIDO ALBERTINO1; PEDRO NEGRI BERNADINO1; THAÍS GOMES ROCHA1; SIMONE BIAGIO CHIACCHIO1; ROGÉRIO MARTINS AMORIM1; JOSE PAES DE OLIVEIRA-FILHO1; ALEXANDRE SECORUN BORGES1

1.FMVZ - UNESP - BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:zakialuiza@gmail.com

Resumo:

A raiva é uma encefalomielite zoonótica causada por um vírus do gênero Lyssavirus. Seu diagnóstico definitivo é realizado por provas laboratoriais, como imunofluorescência direta em tecido de encéfalo e medula, prova biológica em camundongos, PCR, imunoistoquímica e histopatologia. O presente estudo visa descrever as principais alterações clínicas de 20 equinos atendidos na Clínica Médica de Grandes Animais (CMGA) da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus de Botucatu. O critério de inclusão foram animais com diagnóstico confirmado de raiva na imunoflorescência direta e/ou prova biológica nos últimos sete anos. A média de idade dos equinos incluídos no estudo foi de 3,5 anos, sendo o equino mais jovem com um mês de idade e o mais velho com 11 anos. Dos 20 equinos, 12 (60%) eram machos e 8 (40%) fêmeas. Metade (10/20) dos equinos não possuía raça definida, 30% (6/20) eram da raça Mangalarga e 20% (4/20) da raça Quarto de Milha. Foi possível obter o histórico vacinal de 17 animais, dos quais 70% (12/17) não eram imunizados previamente contra raiva. Das 16 propriedades em que foi possível obter o histórico, em oito (50%) haviam relato de morte animal com sinais neurológicos previamente. Os animais eram provenientes de nove cidades do estado de São Paulo (Amparo [1], Avaré [2], Bofete [1], Botucatu [8], Conchas [1], Dourado [1], Leme [1], Piramboia [2] e São Manuel [2]), e de uma do estado de Minas Gerais (Uberaba [1]). Os casos foram distribuídos aos longos dos anos do estudo, sendo: um (5%) em 2011, dois (10%) em 2012, um (5%) em 2014, três (15%) em 2015, um (5%) em 2016 e 12 (60%) foram atendidos no ano de 2017. Os animais foram encaminhados à CMGA com um tempo de evolução médio de 2,5 dias (variação de 0 a 10 dias), destes; 30% (6/20) vieram a óbito em decorrência da enfermidade após uma evolução média de 5 dias; enquanto que 70% (14/20) dos animais foram submetidos à eutanásia in extremis, em média, após 1,6 dias de evolução. Dois animais foram submetidos a eutanásia in extremis quando ainda permaneciam em posição quadrupedal, contudo os demais (90%, 18/20) evoluíram ao decúbito permanente ao longo do curso da enfermidade. Apatia foi observada em 20% (4/20) dos animais no momento da admissão. Ao exame neurológico observou-se: diminuição da sensibilidade em membros torácicos ou pélvicos em 50% (10/20) e ataxia em 45% (9/20) dos animais; ausência ou diminuição dos reflexos espinhais foi observada em 30% (6/20) dos casos; bruxismo e ausência de resposta à ameaça visual foram observados em 25% (5/20) dos equinos; enquanto que nistagmo, midríase ou miose, ausência de reflexo pupilar e movimentos de pedalagem foram observados em 10% dos equinos. Diminuição do tônus de cauda foi identificado em um equino (5%), enquanto convulsão foi identificado em outro (5%). Todos os equinos apresentaram sinais clínicos de início agudo e evolução progressiva, evoluindo para diminuição do nível de consciência. Diante dos resultados deste levantamento é possível concluir que, com exceção da evolução do quadro clínico para decúbito permanente, nenhum sinal clínico revelou associação frequente com a enfermidade, demonstrando a variabilidade de manifestações clínicas e ausência de achados patognomônicos, além da ausência de predileção por sexo, idade ou raça. A ocorrência de casos de raiva aumentou na CMGA – FMVZ – Unesp, Botucatu, o que provavelmente reflete o aumento de casos no estado de São Paulo. Consequentemente, embora não seja obrigatória, a vacinação é extremamente importante, visto que a raiva é invariavelmente fatal e possui um importante caráter zoonótico.

Palavras-chave: Encefalomielite; equinos; vírus

41. ESTUDO FARMACOCINÉTICO E FARMACODINÂMICO DA AMITRIPTILINA VIA ORAL EM EQUINOS

LUCCIANA RECCHI*1; SILVANA ALVARIZA1; NADIA CROSIGNANI1; GONZALO SUÁREZ1; EUTÁLIO PIMENTA2; MARIA JOSÉ ESTRADÉ1; NATALIE RUIZ1; ALEJANDRO BENECH1; JOAQUIN BADIA1; FLORENCIA PEREYRA MONTANS1; GASTON PEREZ1

1.FACULTAD DE VETERINARIA, UDELAR, MONTEVIDEO, URUGUAI; 2.ESCOLA DE VETERINARIA, UFMG, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL.

e-mail:lucciana.recchi@gmail.com

Resumo:

Os antidepressivos tricíclicos se caracterizam por apresentar múltiplos mecanismos de ação. Seu principal efeito consiste em inibir a recaptação de serotonina e norepinefrina em terminais pré-sinápticas nível espinhal e supraespinhal. Estes neurotransmisores atuam como moduladores das vias inibitórias descendentes da dor. Atualmente a Amitriptilina tem-se utilizado em equinos com quadros de dor crónica e neuropática. Diferente de outras espécies, não existem dados farmacocinéticos deste fármaco em equinos, sendo este o principal objetivo do presente estudo. Foram utilizados seis equinos adultos, machos castrados e fêmeas (509±40 kg), hígidos de acordo com exames físico e laboratoriais (hemograma, perfil bioquímico hepático e renal). Administrou-se via bucal Amitriptilina em gel (1 mg/kg) e coletou-se 10 mL de sangue das veias jugular e torácica lateral nos tempos 0, 2, 5, 15 e 30 minutos e 1, 2, 4, 6, 8, 10, 12 e 24 horas. Centrifugaram-se as amostras e o plasma foi armazenado a - 80 C°. A exceção dos tempos 2 e 5 minutos, os parâmetros farmacodinâmicos frequência (FC) e ritmo cardíaco (ECG), frequência respiratória por auscultação (f), escores de motilidade intestinal (Rusiecki et al., 2008) e sedação (Almeida et al., 2004) foram avaliados nos mesmos tempos das coletas farmacocinéticas. As concentrações plasmáticas de amitriptilina foram determinadas por cromatografia liquida de alta eficácia (HPLC-UV), mediante técnica modificada de Linden et al. (2008). Para o analise farmacocinético utilizou-se um modelo não compartimental, calculando área sob a curva (ASC), concentração máxima (Cmax), tempo de concentração máxima (Tmax), clearance aparente (CL/F) semivida de eliminação (t1/2) e volume de distribuição aparente (Vd/F). Calculou-se a relação entre as ASC na veia torácica e jugular (T/J). A estatística da FC, f, sedação e motilidade intestinal foi feita utilizando ANOVA para medidas repetidas com post-teste de Dunnett's para comparar cada tempo com o basal ($p \leq 0,05$). A administração de amitriptilina pela via bucal foi bem tolerada nos equinos. Observou-se diminuição da FC ($p = 0,02$) durante 12 horas, no entanto permaneceu dentro de valores fisiológicos para a espécie em todos os animais (entre 30 e 40 latidos/minuto). A motilidade intestinal diminuiu aos 15 (IC95% 0,14:8,19), 30 (IC95% 0,19:6,14), 60 (IC95% 1,83:7,16) e 120 minutos (IC95% 2,34:4,99), sendo que nenhum animal teve ausência de borborigmos em nenhum momento. Não houve diferença respeito ao basal para sedação e f. Três equinos apresentaram aumento da quantidade de bloqueios átrio-ventriculares de segundo grau (mobitz 1 e 2), normalizando os traçados aos 120 minutos. Para o perfil torácico, os valores farmacocinéticos de Tmax individuais foram alcançados entre 1 a 2 h após a administração, alcançando um valor de Cmax médio de 22,8 ng/mL (9,2 a 38,8 ng/mL), a t1/2 foi de 16.3 h (14.0 – 18.1 h), o CL/F foi de 1302 L/h (782 – 2385 L/h) y el Vd/F fue de 59.6 L/kg (32.0 – 99.0 L/kg). Os parâmetros farmacocinéticos analisados, a exceção da constante de eliminação, mostram uma ampla variabilidade, provavelmente devido às baixas concentrações plasmáticas alcançadas nas amostras torácicas. Os valores plasmáticos da amitriptilina mensurados em amostras obtidas da veia jugular foram superiores em 1000%, em alguns casos, comparados a amostras da veia torácica lateral. Na fase de eliminação t1/2 não reportou diferença significativa nas concentrações, reduzindo com igual velocidade em ambas as veias. Os resultados do presente estudo demostram que após a administração de 1 mg/kg de amitriptilina por via bucal em equinos, não se observam mudanças de importância fisiológica para a espécie na FC, f, motilidade intestinal e sedação. Recomenda-se a administração via bucal de Amitriptilina em equinos a cada 12 horas. São necessários futuros estudos avaliando o perfil farmacocinético da Amitriptilina em estado estacionário.

Agradecimentos: bolsa CIDEC, CSIC.

Palavras-chave: antidepressivos tricíclicos; analgesia; cavalo

42. ESTUDO RETROSPECTIVO DA CASUÍSTICA DE ENFERMIDADES EM EQUINOS ATENDIDOS NO SETOR DE GRANDES ANIMAIS DO HCV-UFRGS NO PERÍODO ENTRE JANEIRO DE 2014 E AGOSTO DE 2017

CRISTINE REDIVO*1; CARLOS AFONSO DE CASTRO BECK1; DÉBORA ZARO1; DAIENE ELISA LOOS1; FLÁVIA UMPIERRE BUENO1; LUCIANO CAVALHEIRO MELO1; MAÍRA MUNARETTO COPETTI1

1.UFRGS, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL.

e-mail:tine.cris@hotmail.com

Resumo:

A equinocultura brasileira movimenta, anualmente, cerca de R$ 16,15 bilhões, com um rebanho nacional superior a 5 milhões de cavalos. No Rio Grande do Sul, além dos aspectos econômicos, a atividade está diretamente ligada ao lazer, cultura, esporte e trabalho. Os costumes vinculados às tradições gaúchas trazem à tona uma maior importância à criação de cavalos no Estado. Nesse contexto, é oportuno determinar a prevalência das doenças que acometem os equinos, auxiliando médicos veterinários no diagnóstico, prevenção e controle das enfermidades. O Hospital de Clínicas Veterinárias da UFRGS (HCV), localizado em Porto Alegre, se caracteriza como um hospital-escola atendendo as mais diversas espécies animais. Entre os seus setores dispõe de um serviço onde são atendidos animais de grande porte, sendo em sua maioria equinos. O HCV realiza atendimentos de equinos oriundos de Porto Alegre e Região Metropolitana, compreendendo desde simples atendimentos de rotina até cirurgias complexas. Além disso, é uma alternativa aos cavalos de tutores de baixa renda e aos animais resgatados das ruas. Observou-se a importância de realizar um estudo retrospectivo sobre os últimos anos, afim de determinar a casuística das enfermidades dos equinos atendidos no HCV. Para isso, foi realizado um levantamento dos atendimentos entre janeiro de 2014 e agosto de 2017. Nesse período foram atendidos 438 cavalos, sendo 265 (60,5%) machos e 173 (39,5%) fêmeas. Em relação a idade, 142 (32,4%) eram jovens, com até cinco anos de idade, 202 (46,1%) eram adultos, com idades entre seis e quinze anos, e 27 (6,2%) eram idosos, com mais de quinze anos de idade. Os outros 67 (15,3%) animais não tiveram dados referentes a suas idades anotados em seus prontuários. Sobre as raças, 59,1% (259/438) eram sem raça definida (SRD), 29% (127/438) eram Crioulos, 2,5% (11/438) eram Quarto de Milha, 2,3% (10/438) eram American Trotter, 2,3% (10/438) eram Pôneis, 1,4% (6/438) eram Argentinos, 1,1% (5/438) eram Puro Sangue Inglês, 0,7% (3/438) eram Paulista e 0,2% (1/438) eram Brasileiro de Hipismo. Com relação ao peso, 12 cavalos pesavam menos de 150kg (2,7%), 105 pesavam entre 150kg e 300kg (24%), 231 pesavam de 301kg a 500kg (48,6%) e 9 animais pesavam mais de 500kg (2,1%). Os prontuários dos outros 99 (22,6%) cavalos não continham dados referentes ao peso do mesmo. As enfermidades diagnosticadas foram classificadas em categorias, onde o sistema locomotor foi o mais prevalente, com 29% (127/438) do total de afecções, seguido pelo gastrointestinal, com 20,1% (88/438), geniturinário, com 19,7% (86/438), tegumentar, com 12,3% (54/438), doenças infecciosas, com 7,3% (32/438), sistema ocular, com 5% (22/438), respiratório, com 4,1% (18/438), circulatório, com 1,8% (8/438) e sistema nervoso, com 0,7% (3/438) do total de atendimentos. Deve-se levar em conta o fato de que os cavalos atletas e/ou com elevado valor comercial, possuem médicos veterinários particulares, que acompanham o animal em tempo integral. Além disso, o estado do Rio Grande do Sul possui diversas clínicas particulares especializadas em medicina equina. Esses fatores, associados ao fato do HCV realizar atendimentos a baixo custo, contribuem no resultado final deste trabalho, visto que existe um perfil maior de animais pertencentes a tutores desafiados economicamente, onde os cuidados de prevenção e adequado manejo sanitário não ocorrem. Ao final foi possível concluir sobre a importância de estudos de levantamento de casos, pois a partir deles muitos ajustes em relação ao correto preenchimento dos prontuários podem ser incorporados, assim como a possibilidade de estabelecer correlações futuras entre as afecções e as caraterísticas dos animais e o período do ano onde essas se apresentam com maior frequência. Ao mesmo tempo, tais dados podem servir de base para a adoção de medidas preventivas junto aos tutores dos animais no intuito de orientá-los sobre o manejo adequando, visando o bem-estar e a saúde dos cavalos.

Palavras-chave: Estudo retrospectivo; equinos; casuística

43. EVIDÊNCIA DA INFLUÊNCIA DA RADIAÇÃO SOLAR NA EXPRESSÃO GÊNICA DE MMP1 NA PELE DE EQUINO COM HERDA – ESTUDO PILOTO

CAMPO AMOR VIEIRA DA CUNHA NETO*1; DANILO GIORGI ABRANCHES DE ANDRADE1; CÉSAR ERINEUDO TAVARES DE ARAÚJO1; RAÍSSA OLIVEIRA LEITE1; PERES RAMOS BADIAL2; JOSE PAES DE OLIVEIRA-FILHO1; ALEXANDRE SECORUN BORGES1

1.UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (UNESP), FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA, BOTUCATU, SP, BOTUCATU, SP, BRASIL; 2.MISSISSIPPI STATE UNIVERSITY, COLLEGE OF VETERINARY MEDICINE, DEP OF PATHOBIOLOGY AND POPULATION MED, STARKVILLE, MISSISSIPI, ESTADOS UNIDOS.

e-mail:campoamor_vieira@hotmail.com

Resumo:

Astenia dérmica regional hereditária equina (HERDA) é uma enfermidade genética em cavalos da raça Quarto de Milha (QM) semelhante a síndrome de Ehlers-Danlos em humanos. Em equinos caracteriza-se por pele frágil, hiperextensível, que lacera facilmente ao menor trauma e leva à formação de seromas e/ou cicatrizes atróficas. Fatores ambientais como calor e radiação solar podem interferir na evolução das feridas em equinos, pois sabe-se que a radiação solar ocasiona ruptura da matriz extracelular dérmica em humanos, devido à ação enzimática de colagenases, também conhecidas como metaloproteinases de matriz (MMP). In vitro a pele de animais afetados é mais susceptível a ação de colagenase bacteriana que animais normais. Diante da hipótese de que a radiação solar interfere na expressão de colagenase endógena na pele destes animais, este trabalho tem por objetivo verificar, in vivo, a dinâmica no perfil de expressão do gene codificador da metaloproteinase tipo 1 (MMP1) na pele de equinos expostos ou não à radiação solar. Foram utilizados dois animais QM adultos, machos, um positivo no teste genético para HERDA e um normal, ambos com cor de pele e pelos semelhantes. A expressão gênica foi avaliada por qPCR e as amostras de pele do dorso foram colhidas por biópsia incisional em quatro momentos, M0 = pré-restrição, M1=30 dias restrição radiação solar, M2= 24 horas exposição à radiação solar, M3= 7 dias exposição à radiação solar, e congeladas em nitrogênio líquido. A restrição de luz solar ocorreu, validada com medidor portátil (MES 100 – INSTRUTHERM), em baias totalmente protegidas. Após realização de biopsia em M1 os animais foram alocados em piquete sem qualquer tipo de sombra. A expressão em M0 foi 1,5 vezes maior que em M1 para ambos os animais, de M1 para M2 houve um aumento de 3,7 vezes no equino afetado e 3,2 vezes no normal. Em M3 observou-se aumento de 2,5 vezes no animal afetado quando comparado com M1 e no animal normal a expressão foi 4,4 vezes maior seguindo a mesma comparação. Essa é a primeira realização de um estudo caso-controle em ambiente controlado para verificar essa relação que, mesmo sem poder estatístico, sugere que no teste genético a radiação solar interfere diretamente, aumentando a expressão gênica de MMP1 na pele de equino normal e afetado, sendo necessária uma investigação com um número maior de animais. Uma maior expressão de colagenase na pele de afetados pode explicar o aumento na incidencia de lesões cutâneas em períodos do ano em que há maior incidência de radiação solar. Além de fornecer importante auxilio na compreensão de mecanismos fisiológicos da HERDA, mais estudos como este poderão auxiliar em terapias para doenças do colágeno tanto em equinos quanto outras espécies.

Palavras-chave: Herda; qpcr; mmp1

44. INCIDÊNCIA DE SÍNDROME OSTEOCONDRAL JUVENIL EM CAVALOS PURO SANGUE INGLÊS DE CORRIDA AOS 4-6 MESES E REAVALIAÇÃO AOS 14-18 MESES DE IDADE

MAIARA PAIFER MARTINS MAIA*1; RAFAELA DE MORAES1; DOUGLAS JOSÉ MEIER1; LUIZ FERNANDO BASTOS1; HANNA CAROLINE PROCHNO1; PEDRO VICENTE MICHELOTTO JR.1; SAULO HENRIQUE WEBER1

1.PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ, CURITIBA, PR, BRASIL.

e-mail:hannaprochno@yahoo.com.br

Resumo:

As afecções ortopédicas são a maior causa de baixo rendimento de equinos desportistas. Dentre as doenças ortopédicas do desenvolvimento a Síndrome Osteocondral Juvenil (SOCJ) é a que possui maior ocorrência no estado do Paraná (Bastos et al., 2017), e visto o seu impacto econômico, o presente estudo objetivou traçar a incidência de SOCJ em animais sobreano (14 a 18 meses de idade) puro sangue inglês (PSI) de corrida e comparar com a incidência dessa doença nesse mesmo grupo de animais, quando lactentes (4 - 6 meses de idade). Foram avaliadas 20 incidências radiográficas de cada um dos PSI (n=76) dos quatro membros envolvendo as articulações metacarpo falangeana, metatarso falangeana, tarso e fêmoro-tíbio-patelar. A amostragem populacional representa cerca de 13% dos potros nascidos no paraná em 2012. A avaliação consistiu em um sistema de escore de severidade que varia entre 0, 1, 2, 4 e 8 conforme a gravidade do achado e o potencial de interferência biomecânico. Em seguida, os escores eram atribuídos por médico veterinário experiente, posteriormente somados, resultando em coeficientes osteoarticulares de cada animal. Foram considerados acometidos os animais que apresentavam coeficiente osteoarticular diferente de 0. Para análise de relevância dos dados foi realizado o teste de $\chi 2$. 76,5% dos animais aos 4-6 meses apresentaram algum achado radiográfico compatível com a SOCJ e 92% dos 14-18 meses de idade, sendo a diferença entre as porcentagens significativamente maior (p= 0,0071), porém, 19,73% dos animais sobreano receberam escore 1 e 23,68% receberam escore 2. Conclui-se que alterações radiográficas são achados frequentes na população de cavalos estudada e pode ser uma das causas de diminuição do rendimento desses equinos quando tornarem-se atletas, porém, seus fatores predisponentes seguem obscuros e necessitam de mais estudo.

Palavras-chave: Osteocondrose; puro sangue inglês; síndrome osteocondral juvenil

45. INFLUÊNCIA DO USO TÓPICO DIÁRIO OU SEMANAL DE AZEITE DE OLIVA NO CRESCIMENTO DO CASCO EQUINO

LETÍCIA MARCIELI SEHN JANK*1; ERICA CRISTINA BUENO DO PRADO GUIRRO1; MATHEUS MORILLO BÄR1; VERIDIANA DIASSUÍ DE AZEVEDO1; THOMAS RICARDO BÄR2; ALINE JULIA DOS SANTOS BÓI1

1.UFPR, PALOTINA, PR, BRASIL; 2.UNIOESTE, MARECHAL CÂNDIDO RONDON, PR, BRASIL.

e-mail:letimarcieli@gmail.com

Resumo:

A saúde dos cascos dos equinos é fundamental para que esses animais desenvolvam seu trabalho. Diante de problemas nos cascos que requeiram seu crescimento, frequentemente é necessária a redução ou suspensão do trabalho dos animais acometidos,durante o período de recuperação. Alguns suplementos à base de biotina são utilizados para melhorar a qualidade do casco equino, mas ainda se buscam produtos que acelerem o desenvolvimento córneo dessa estrutura. Há uma teoria popular que o uso tópico de azeite de oliva aumente o crescimento do casco, mas não há estudo científico que comprove essa hipótese. Assim, o objetivo deste estudo foi verificar a influência do uso tópico diário ou semanal de azeite de oliva sobre o crescimento do casco equino. Foram utilizados 13 equinos adultos da raça Quarto de Milha treinados para a prova dos três tambores, com idade entre 4 e 12 anos. Utilizou-se um pincel para realizar a aplicação tópica de azeite de oliva extra virgem (acidez < 0,01%) na coroa dos cascos dos membros torácicos e pélvicos do lado esquerdo, sendo que no GD houve aplicação diária e no GS houve uso semanal 2 vezes na semana, durante 30 dias. Os cascos do lado direito serviram de controle. O crescimento dos cascos foi mensurado semanalmente com paquímetro digital na face medial, lateral e dorsal dos quatro cascos de cada animal e esses dados foram analisados pelo teste t ($p<0,05$). Verificou-se diferença significativa entre os protocolos tanto nos cascos dos membros torácicos ($p<0,001$) quanto nos cascos dos membros pélvicos

(p=0,004), sendo que no GD, o crescimento dos cascos torácicos e pélvicos tratados com azeite foi, respectivamente, 53,1% e 76,6% maior que nos cascos não tratados. No GS, o crescimento dos cascos torácicos e pélvicos tratados com azeite foi, respectivamente, 8,7% e 7,2% maior que nos cascos não tratados. Conclui-se que o uso tópico diário de azeite de oliva aumenta o crescimento do casco equino.

Palavras-chave: Cavalo; córneo, coroa; óleo

46. INTERFERÊNCIA DO COMPORTAMENTO DO PACIENTE NOS NÍVEIS DE DEPOSIÇÃO PULMONAR DE DEXAMETASONA QUANDO ADMINISTRADA VIA NEBULIZAÇÃO EM EQUINOS

AYRTON RODRIGO HILGERT*1; GUILHERME DE LA PENHA FERNANDES1; PAULO MOREIRA BOGOSSIAN1; TALISSA R MARTINS1; TIAGO MARCELO OLIVEIRA1; FERNANDA DE BARROS MASCHIETTO1; VAGNER GONÇALVES1; CRISTINA OLIVEIRA MASSOCO1; WILSON ROBERTO FERNANDES1

1.FMVZ - USP, SAO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:ayrton.hilgert@gmail.com

Resumo:

Doenças do trato respiratório estão entre as afecções mais comuns em equinos, sendo a segunda maior causa de baixo desempenho no cavalo atleta (REED et al., 2004). Para o tratamento dessas doenças, é crescente na medicina equina a utilização de uma técnica já rotineira na medicina humana, a administração de fármacos diretamente nas vias aéreas através do procedimento de nebulização. Essa via de administração apresenta uma série de vantagens no tratamento de afecções do sistema respiratório, já que desta forma o princípio ativo irá atingir diretamente o sítio desejado, potencializando a sua ação. Além de quê, como há uma menor absorção sistêmica do fármaco, ameniza-se de maneira significativa a ocorrência de efeitos colaterais com o tratamento. Em humanos é bem descrita a interferência do comportamento do paciente durante o procedimento de nebulização sobre os níveis de deposição dos fármacos nas vias aéreas inferiores, sendo consenso que em pessoas agitadas e inquietas (como crianças relutantes, por exemplo) a eficácia do procedimento diminui de maneira significativa (PEREIRA, 1998). Com isso, esse trabalho teve por objetivo avaliar a interferência desses fatores comportamentais na deposição pulmonar de Dexametasona quando administrada via nebulização em equinos. Para tanto foram utilizados seis equinos hígidos, submetidos duas vezes ao procedimento de nebulização pneumática com dexametasona. Em seguida, foi realizado lavado broncoalveolar para obtenção de amostras oriundas das vias aéreas inferiores, nas quais foi feita a quantificação da dexametasona pela a técnica de Cromatografia Líquida de Alta performance (HPLC). O nível de diluição da amostra foi corrigido pelo no fator de correção da ureia. Durante a realização das nebulizações, foi observado que três dos seis animais apresentavam-se muito agitados, caracterizado por inquietação durante o procedimento, movimentos bruscos com a cabeça, aumento da frequência e amplitude respiratória, fazendo necessária algumas vezes a abertura das vedações máscara para que entrasse o fluxo de ar demandado pelo animal. Enquanto que os outros três animais, por sua vez, apresentavam-se muito calmos durante as nebulizações, caracterizados por ausência de movimentação, posicionamento de cabeça baixa e graus variados de sonolência. Ao confrontarmos esses dados de padrão comportamental com os níveis de deposição de dexametasona observados, curiosamente foi constatada uma acentuada e significativa diferença entre os dois grupos, mas ao contrário do que acontece na medicina humana, nos equinos foi o grupo de animais agitados que apresentou deposição de dexametasona muito maior do que os animais calmos. O valor médio de concentração da dexametasona nas amostras de LBA dos animais agitados foi de 15,37 mg/ml, enquanto que nos animais calmos o valor médio observado foi de 1,34 mg/ml, apresentando diferença estatística significativa (p<0,0001). Acredita-se que isso aconteça nos equinos porque quando estão em repouso, o seu fluxo respiratório é muito menor do que quando em exercício, e os animais quando estão agitados podem adotar um padrão respiratório semelhante ao que apresentam durante ou após o exercício, no qual aumentam o seu volume minuto através do aumento da frequência respiratória e do volume corrente (ROBINSON, 2007), o que potencializa a ventilação alveolar, e consequentemente, a deposição de fármacos nessa região também. Baseando-se nisso, pode se sugerir que é possível otimizar a deposição pulmonar

de fármacos administrados via inalatória em equinos, ao provocar um aumento no seu esforço respiratório, como a realização de exercício imediatamente antes da inalação, ou indução de breves momentos de hipercapnia. por exemplo. A partir do que foi observado nesse trabalho, pode-se concluir que os animais que se apresentam agitados e consequentemente, com maior amplitude respiratória durante o procedimento de nebulização, recebem uma concentração maior de fármacos nas vias aéreas inferiores.

Palavras-chave: Inalação; cavalo; sistema respiratório

47. LEUCOPENIA E INFILTRAÇÃO LEUCOCITÁRIA LAMINAR EM CAVALOS COM SÍNDROME CÓLICA

ROSANGELA LOCATELLI DITTRICH*1; FERNANDO ANDRADE SOUZA2; LUCIANE MARIA LASKOSKI1; RENATO SILVA SOUSA1; FABIANO MONTIANI-FERREIRA2; CARLOS AUGUSTO ARAÚJO VALADÃO2

1.UFAC, RIO BRANCO, AC, BRASIL; 2.UFPR, CURITIBA, PR, BRASIL.

e-mail:gabriel.dner@gmail.com

Resumo:

No mundo todo são realizados diversos estudos buscando entender a fisiopatogenia da laminite, com o principal objetivo de assim encontrar medidas terapêuticas que sejam efetivas para reduzir a gravidade da doença nos equinos. A participação dos leucócitos na lesão laminar, pela liberação de substâncias lesivas às células, tem sido demonstrada especialmente nos modelos de indução da laminite por extrato de nogueira preta e por sobrecarga de carboidratos. Assim, o objetivo deste estudo foi de avaliar a infiltração leucocitária laminar em cavalos leucopênicos que morreram por complicações de afecções gastrintestinais de origem natural. Foram utilizadas amostras de tecido laminar de 18 cavalos com afecções gastrintestinais de origem natural, os quais foram divididos em dois grupos: grupo leucopênico (GL), contendo sete cavalos que apresentaram leucopenia em até seis horas antes do óbito; e grupo não leucopênicos (GNL), contendo 11 cavalos que apresentaram contagem de leucócitos totais dentro dos valores de referência para a espécie equina. A amostras do tecido laminar do casco foram coletadas após secção do casco e retirados por auxílio de bisturi e pinça. Posteriormente, foram fixados em formaldeído a 10% e emblocados em parafina. Os cortes obtidos foram processados pela técnica de imuno-histoquímica para identificar a infiltração leucocitária laminar. Os cavalos do grupo GL demonstraram aumento da infiltração leucocitária, quando comparados aos cavalos que não demonstraram alteração da contagem de leucócitos em até seis horas do óbito. Desta forma, demonstra-se que cavalos com afecções gastrintestinais naturais possuem aumento de leucócitos infiltrados no tecido laminar especialmente no momento em que desenvolvem quadro de leucopenia, indicando que provavelmente a redução destas células na circulação está relacionada à sua saída dos vasos sanguíneos para os tecidos, em especial o tecido laminar do casco. Este fato pode estar associado ao desenvolvimento de laminite, já demonstrado por outros modelos de indução da laminite, especialmente o modelo de extrato de nogueira preta. Portanto, este é o primeiro estudo indicando a associação de leucopenia e infiltração leucocitária laminar em cavalos que vieram à óbito por afecções gastrintestinais de origem natural.

Palavras-chave: Laminite; equinos; afecções gastrintestinais

48. MENSURAÇÃO DE NECROSE E DE APOPTOSE DAS CÉLULAS DO LAVADO BRONCOALVEOLAR DE CAVALOS SAUDÁVEIS, ASMÁTICOS E ASMÁTICOS TRATADOS COM DEXAMETASONA OU TERAPIA CELULAR.

FERNANDA MENDES BARUSSI*1; FERNANDA ZETTEL BASTOS1; LIDIANE MARIA BOLDRINI LEITE1; ALEXANDRA CRISTINA SENEGAGLIA1; PEDRO VICENTE MICHELOTTO JR.1

1.PUC-PR, CURITIBA, PR, BRASIL.

e-mail:mendes.fernanda@gmail.com

Resumo:

A asma severa é uma enfermidade bastante debilitante para os equinos, onde ocorre uma alteração na citologia pulmonar pelo influxo de neutrófilos. Esta inflamação causa alterações no mecanismo de morte celular, podendo favorecer a perpetuação da enfermidade. O tratamento preconizado é a base de corticosteróides, mas a terapia celular também vem sendo estudada para a redução do processo inflamatório. O objetivo deste trabalho foi comparar a apoptose e a necrose celular no lavado broncoalveolar (LBA) de equinos saudáveis com cavalos asmáticos tratados com dexametasona e terapia celular, anteriormente descrito por Barussi et al. (2016). Doze cavalos mestiços, entre 4 e 24 anos, foram divididos em dois grupos: saudáveis (S, n=4) e asmáticos induzidos (A, n=8), os asmáticos foram subdivididos em mais dois grupos: tratados com dexametasona (AD, n=4), e tratados com transplante celular autólogo de células mononucleares derivadas de medula óssea (AC, n=4). Os animais passaram por endoscopia respiratória (ER) feita sob sedação com cloridrato de detomidina IV 0,005mg/kg (Eqdomin, Ouro Fino – Cravinhos, Brasil), utilizando-se um fibroscópio flexível Olympus 1700x12mm. Após a ER foi realizada a colheita do LBA, com instilação de 500mL de solução salina de cloreto de sódio 0,9% estéril pré-aquecidos a 37oC, por cateter flexível de silicone 3000x8mm (V-PBAL-300, Cook Vet Products, Hamburg, Alemanha). A partir do LBA foi realizada a citologia diferencial e viabilidade por citometria de fluxo (FACScalibur, Becton-Dickinson), com os marcadores Anexina e 7-AAD. Foi utilizado o teste t de Student pelo software Graphpad Prism 5.0 As diferenças foram consideradas significativas quando p <0,05. O número de células apoptóticas (anexina – apoptose precoce) do LBA foi significativamente menor nos grupos de cavalos saudáveis (p=0,003) e asmáticos tratados com dexametasona ou terapia celular (p=0,006 e p=0,045, respectivamente), quando comparados aos cavalos com asma antes de receber os tratamentos. A quantidade de células mortas (7-AAD – apoptose tardia) foi significativamente menor nos grupos de cavalos saudáveis (p=0,007) e asmáticos tratados com dexametasona (p=0,020), quando comparados aos cavalos com asma antes de receber os tratamentos. Existem evidências que o desequilíbrio nas respostas Th1 e Th2 e a persistência de um quadro inflamatório podem causar um aumento da apoptose em pacientes asmáticos humanos, o que corrobora com o encontrado neste trabalho em cavalos asmáticos.

Palavras-chave: Asma equina; terapia celular; morte celular

49. O ÂNGULO DA ARTICULAÇÃO METACARPOFALÂNGICA NÃO INFLUENCIA A ÁREA TRANSVERSAL E A ECOGENICIDADE DO TENDÃO FLEXOR DIGITAL SUPERFICIAL E LIGAMENTO SUSPENSÓRIO EM EQUINOS MARCHADORES

JACKSON SCHADE*1; ANDERSON FERNANDO SOUZA2; LORENZO COSTA VINCENSI3; THIAGO RINALDI MULLER3; ANNY RAISSA CAROLINI GOMES1; JOANDES HENRIQUE FONTEQUE3

1.UFPR, CURITIBA, PR, BRASIL; 2.USP, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 3.UDESC, LAGES, SC, BRASIL.

e-mail:anny.gomes7@gmail.com

Resumo:

O aparato suspensório do equino é constituído pelo ligamento suspensório, ossos sesamoides proximais e ligamentos sesamoides distais e apresenta como função principal o suporte à articulação metacarpofalângica. Desta forma, quando peso é colocado sobre o membro o aparato suspensório, bem como os tendões flexores, previnem a extensão excessiva da articulação, tanto em posição estática quanto durante a locomoção. O ângulo da articulação metacarpofalângica influencia diretamente a tensão imposta sobre o tendão flexor digital superficial

e ligamento suspensório e, portanto, também poderia influencia os valores de área transversal e ecogenicidade média das estruturas. O objetivo do estudo é avaliar a influência do ângulo da articulação metacarpofalângica sobre a área transversal e ecogenicidade média do tendão flexor digital superficial e ligamento suspensório em equinos marchadores. Imagens ultrassonográficas foram obtidas com transdutor linear (8-12 MHz) em 50 equinos adultos e hígidos das raças Mangalarga Marchador (n=25) e Campeiro (n=25), com idade média de 7,1±3,3 anos e 7,2±3,6 anos, respectivamente. A seleção dos animais objetivou a formação de grupos homogêneos com relação tamanho corporal e peso, dentro de raça e entre raças. As imagens transversais foram gravadas em seis zonas do metacarpo e a mensuração envolveu a área transversal e a ecogenicidade média do tendão flexor digital superficial, do ligamento suspensório e seus ramos lateral e medial, os quais foram avaliados separadamente. O valor médio da área transversal e ecogenicidade média para cada estrutura avaliada foi resultante da média dos valores obtidos em cada zona. Os ângulos estático e dinâmico da articulação metacarpofalângica foram mensurados por meio de fotografias com o equino em posição estática e filmagens com o equino em movimento conduzido a cabresto, respectivamente. Previamente às fotografias e filmagens, foram fixados marcadores adesivos na face lateral do membro para demarcar o local da posterior mensuração, a qual foi realizada com auxílio do softwareImageJ®. Os dados foram analisados por meio da análise descritiva ea normalidade avaliada por meio do teste de Shapiro-Wilk. Os testes t de Student ou Mann-Whitney foram utilizados, de acordo com a normalidade dos dados, para comparação das variáveis entre grupos com maior e menor ângulo da articulação metacarpofalângica. O coeficiente de correlação de Pearson foi calculado para cada variável em cada estrutura. Foram evidenciados maiores valores relacionados à ecogenicidade média do ligamento suspensório no grupo com menor ângulo dinâmico da articulação metacarpofalângica somente para os equinos da raça Mangalarga Marchador, bem como correlação negativa fraca entre ângulo dinâmico e ecogenicidade média. Além disso, também foi observada correlação negativa fraca entre ângulo estático e área transversal do ramo lateral do ligamento suspensório, e ecogenicidade média do tendão flexor digital superficial. Sabe-se que a resistência à extensão da articulação metacarpofalângica é um processo primariamente passivo, em que o ligamento suspensório e os tendões flexores atuam como "molas" linearmente elásticas. Portanto, o aumento na amplitude de extensão da articulação resulta em aumento na tensão destas estruturas, o que poderia influenciar às dimensões e a ecogenicidade. No entanto, a diferença observada no grupo de equinos da raça Mangalarga Marchador, bem como a fraca correlação não foi considerada suficiente para suportar a hipótese de que o menor ângulo da articulação metacarpofalângica (maior extensão) é associado a maior área transversal e ecogenicidade média das estruturas. Conclui-se que o ângulo estático e dinâmico da articulação metacarpofalângicanão influenciam os valores de área transversal e ecogenicidade média do tendão flexor digital superficial e ligamento suspensório em equinos marchadores.

Palavras-chave: Aparato suspensório; ultrassonografia; mangalarga marchador

50. OCORRÊNCIA DE BABESIA CABALLI E THEILERIA EQUI EM CAVALOS ATLETAS DO MUNICÍPIO DE RIO BRANCO – ACRE, AMAZÔNIA OCIDENTAL

VINÍCIUS SANTOS BRAGA*1; VANDER DA ROCHA MELO1; LAYANNE C. P. DA ROCHA1; LUCIANE MARIA LASKOSKI1; ALEX CICINATO PAULINO DE OLIVEIRA1; PATRÍCIA FERNANDES NUNES DA SILVA MALAVAZI1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE, RIO BRANCO, AC, BRASIL.

e-mail:limarocha27@gmail.com

Resumo:

A babesiose equina ou piroplasmose é causada pelos agentes Babesia caballi e Theileria equi que parasitam os eritrócitos dos equinos e são transmitidos por carrapatos do gênero Ixodidae. Os principais sinais clínicos são anemia, febre, aumento de frequências respiratórias e cardíacas, inapetência e depressão. O diagnóstico pode ser realizado através de técnicas diretas como microscopia e Reação em Cadeia da Polimerase (PCR) e indiretas como Ensaio de Imunoabsorção Enzimática (ELISA) e Imunofluorescência indireta (IFI). O objetivo do presente trabalho foi de detectar a presença de B. caballi e T. equi através das técnicas de esfregaço de sangue periférico, esfregaço de

sangue capilar ('ponta de orelha') e da biópsia aspirativa por agulha fina do baço de equinos atletas. Foram utilizados trinta e um cavalos (N=31) com queixa de baixo rendimento submetidos a treinamento contínuo para competição nas modalidades team roping (prova de laço [N=10]), vaquejada (N=10) e tambor (N=11) provenientes do município de Rio Branco/Acre. Dados de resenha, exame físico como frequência respiratória, cardíaca, temperatura, coloração de mucosas, e outros dados importantes como tratamento prévio foram anotados. Sangue total foi obtido de veia jugular e armazenado em tubos contendo EDTA para posterior realização de hemograma completo. O sangue capilar foi obtido de uma veia marginal da orelha após rápida introdução de agulha hipodérmica e a punção aspirativa do baço foi realizada de acordo com Fonseca et al. (2011) introduzindo agulha hipodérmica no décimo sétimo espaço intercostal no antímero esquerdo e confeccionando-se esfregaço de lâmina sobre lâmina. No entanto, dos 31 animais, somente 3 receberam autorização para fazer a coleta por este modo. Os esfregaços foram confeccionados logo após as coletas fixados e corados com o kit panótico rápido. As frequências de infecção da babesiose equina foram obtidas para cada técnica diagnóstica realizada neste estudo. Foram diagnosticados apenas 03 animais positivos nos testes diagnósticos distintos, sendo um deles pela técnica de punção esplênica, onde o mesmo estava iniciando tratamento e dois por esfregaço de ponta de orelha, todos parasitados pelo agente T. equi. Portanto, considera-se necessária a realização de testes diagnósticos mais sensíveis para detecção do hemoparasita, ou exames sorológicos, uma vez que os testes aqui utilizados podem resultar em falso negativo, considerando que as amostras coletadas podem não conter o protozoário. Muitos animais foram tratados para babesiose, o que pode ter acarretado no elevado número de animais negativos, mas é importante destacar que o tratamento utilizado também foi ineficaz para eliminar o agente nos animais diagnosticados, como identificado nos animais positivos. Este é o primeiro estudo identificando a presença de babesiose nos cavalos do estado do Acre.

Palavras-chave: Piroplasmose; diagnóstico; exame direto

51. PITIOSE EQUINA: ESTUDO RETROSPECTIVO DE 10 CASOS

CAIO CARVALHO BUSTAMANTE*1; MARINA LANSARINI ANTONIOLI1; LUCAS FERREIRA MENDONÇA1; VANESSA BARROCO DE PAULA1; YURI SILVA BONACIN1; JOSÉ ANTÔNIO MARQUES1; DELPHIM DA GRAÇA MACORIS1; PAULO ALÉSCIO CANOLA1

1.FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E VETERINÁRIAS - UNESP JABOTICABAL, JABOTICABAL, SP, BRASIL.

e-mail:caiobustamante@hotmail.com

Resumo:

A pitiose é uma afecção granulomatosa crônica de ocorrência em várias espécies animais. Dentre estas, os equinos são os mais acometidos, seguidos pelos caninos. Ocorre em regiões com climas tropicais, subtropicais ou temperados, em áreas predominantemente alagadas. As extremidades distais dos membros, a porção ventral da parede toracoabdominal e a cabeça geralmente são as regiões mais acometidas nos equinos. Inúmeros protocolos terapêuticos já foram descritos para o tratamento das lesões, dentre os quais, a excisão cirúrgica associada com imunoterapia ou terapia antimicótica. No entanto, a efetividade dos protocolos terapêuticos é variável devido às características singulares do agente. Com intuito de enfatizar a localização das lesões e o tratamento utilizado, propôs-se o estudo retrospectivo dos casos atendidos em ambiente hospitalar, no período de 2010 a 2016. Dez equídeos, sendo nove cavalos e um muar, foram diagnosticados e tratados para pitiose. A maioria das lesões se encontrava em membros pélvicos (5), seguidas pelos membros torácicos (2) e regiões do esterno (1), cabeça (1), e porção ventral do abdômen (1). O diagnóstico baseou-se no histórico, características e localização das lesões, e achados histopatológicos. O tratamento variou desde estritamente medicamentoso à ablação cirúrgica, com ou sem associação entre eles. A excisão cirúrgica seguida da cauterização da ferida foi realizada em sete pacientes. Nestes, houve associação com tratamento medicamentoso. Um dos pacientes foi tratado somente com administração de anfotericina-B, por via intravenosa. Em outros dois, optou-se, inicialmente, pela terapia local com uso tópico de associação de anfotericina-B e dimetilsulfóxido (DMSO). Em um deles, associou-se a administração sistêmica de iodeto de potássio, por via intramuscular. Por não ter sido observada melhora no aspecto da ferida, preconizou-se,

posteriormente, pela excisão cirúrgica das lesões. No único muar atendido foi realizado o procedimento cirúrgico conjuntamente com perfusão regional do membro acometido com anfotericina-B. O tratamento exclusivamente medicamentoso foi instituído em apenas dois pacientes. Este se constituiu em limpeza da ferida com clorexidine degermante, uso tópico de solução de anfotericina-B diluída em DMSO e aplicação de bandagem. Em um destes pacientes, além da terapia tópica local, foi administrado iodeto de potássio por via oral por 40 dias. O proprietário de um dos pacientes encaminhados ao hospital veterinário optou por não tratar seu animal. A resposta à terapia foi satisfatória em 78% dos casos tratados para pitiose. O tratamento cirúrgico mostrou-se o mais efetivo dentre as opções terapêuticas utilizadas e, quanto mais expressivo o desbridamento inicial da lesão, mais rápida foi a recuperação do paciente, com necessidade de menor número de intervenções.

Palavras-chave: Cavalo; granuloma eosinofílico; pythium insidiosum

52. PLASMA RICO EM PLAQUETAS NA REPARAÇÃO CICATRICIAL DA FERIDA CIRÚRGICA DE ORQUIECTOMIA EM EQUINOS

TALISSA CAMARGO MANTOVANI DE BONIS*1; LUCAS FERREIRA MENDONÇA1; BRUNA RIBEIRO PAZETO1; AMANDA MORAES ILKIU1; MAYARA CARDOSO DOS ANJOS1; ANNA LUÍZA DO COUTO ROSA E GARCIA OLIVEIRA1; PEDRO HENRIQUE DIAS NUNES1; CAROLINA ISABEL DE SORIANO OPORTO1; PAULA LUZIA FORMIGONI BERGAMASCO1; CARLOS AUGUSTO ARAÚJO VALADÃO1; PAULO ALÉSCIO CANOLA1

1.FACULDADE DE CIENCIAS AGRARIAS E VETERINÁRIAS - UNESP JABOTICABAL, JABOTICABAL, SP, BRASIL.

e-mail:talissadebonis@hotmail.com

Resumo:

O plasma rico em plaquetas (PRP) é definido como o volume de plasma com concentração de plaquetas acima dos níveis fisiológicos e é derivado do sangue autólogo. As plaquetas possuem papel fundamental na cicatrização, pois além de promover hemostasia, liberam e produzem grandes quantidades de fatores de crescimento. Após a degranulação, os fatores de crescimento ativos se ligam aos receptores celulares presentes nas células alvo atuando no crescimento celular, morfogênese, angiogenese e proliferação de fibroblastos. Estudos em animais tratados com PRP mostraram que este atua como fonte autóloga, natural e segura de fatores de crescimento ativados pós-lesão. Em equinos, o uso terapêutico PRP já foi reportado para o tratamento de desmites, tendinites, osteoartrites e feridas cutâneas em geral, com efeitos positivos que envolvem a melhora da migração e proliferação celular, angiogênese e deposição de matriz na cicatrização tendínea e de ferimentos. No entanto, até o presente momento, não se sabe ao certo o número correto de aplicações, intervalo entre tratamentos ou mesmo a concentração ideal de plaquetas necessárias por aplicação. Do mesmo modo, não se tem conhecimento a respeito do momento ideal para se iniciar o tratamento. Por meio do presente estudo objetivou-se avaliar os aspectos macroscópicos da cicatrização por segunda intenção, de feridas cirúrgicas decorrentes do procedimento de orquiectomia em equinos, submetidas ao tratamento com aplicação tópica de PRP ativado. Foram utilizados dez equinos, machos, encaminhados ao Hospital Veterinário para realização de orquiectomia, divididos em dois grupos distintos: grupo 1, lado direito tratado e esquerdo, mantido como controle; grupo 2, inversão dos lados tratado e controle. Foi realizada aplicação de PRP (7 – 10 mL) ativado com gluconato de cálcio (10 mg/mL de PRP), no interior da bolsa escrotal tratada, imediatamente após o término do procedimento cirúrgico de orquiectomia. O protocolo utilizado para confecção do PRP foi adaptado das metodologias previamente descritas. Primeiramente, foi colhido, de cada animal, 80 mL de sangue em tubo contendo citrato de Na+ a 3,2%. Em seguida, as amostras foram centrifugadas a 1600-1700 rotações por minutos (rpm), por 24 minutos. Após centrifugação, 70% do sobrenadante foram descartados e os 30% remanescentes, juntamente como o anel leucocitário, foram passados para tubo sem conservante/anticoagulante para nova centrifugação (1600-1700 rpm, por 3 minutos). Após a última centrifugação, descartou-se 10% do sobrenadante e o restante, sem anel leucocitário, foi transferido para outro tubo sem conservante, para ser utilizado. Após o tratamento, os animais foram avaliados por cinco dias para presença de edema local (espessura da pele na incisão cirúrgica), aumento de temperatura local e evolução e aspecto da cicatrização da ferida cirúrgica. Da mesma forma

foi realizado o registro fotográfico diário da evolução da ferida. Posteriormente, os dados relacionados à espessura da pele (edema) foram comparados pelo teste-t pareado ($p \leq 0,05$). Não houve diferença entre o lado tratado e controle, para este parâmetro em questão. Macroscopicamente, não foram observadas alterações significativas relacionadas à cicatrização, apenas sinais de reação inflamatória mais intensa do lado tratado, na maioria dos animais avaliados, envolvendo aspectos como amplificação do edema e exsudação. Assim, apesar de não terem sido evidenciadas diferenças entre os lados tratado e não tratado para a formação de edema, macroscopicamente observou-se sinais condizentes com maior reação inflamatória no lado tratado, o que potencializaria, de maneira direta, a cicatrização em longo prazo, já que este é um fenômeno basicamente inflamatório.

Palavras-chave: Terapia celular; prp; inflamação

53. POTENCIAL DE DIFERENCIAÇÃO DE CÉLULAS TRONCO MESENQUIMAIS DERIVADAS DO TECIDO ADIPOSO DE MUARES

GUSTAVO DOS SANTOS ROSA*1; JAQUELINE BRANDÃO DE SOUZA1; ANDRE MASSAHIRO TERAMOTO KRIECK1; JOÃO PEDRO HÜBBE PFEIFER1; MARIANA CORREA ROSSI1; BETSABÉIA HELOÍSA GENTILHA MILANI1; CARLOS ALBERTO HUSSNI1; MARCOS JUN WATANABE1; CELSO ANTÔNIO RODRIGUES1; ANA LIZ GARCIA ALVES1

1.FMVZ UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:gustavomv@outlook.com

Resumo:

A busca por terapias que integrem técnicas de engenharia tecidual e biomateriais tem aumentado substancialmente nas últimas décadas. A utilização de células tronco mesenquimais (CTMs) para o tratamento de enfermidades ortopédicas e neurológicas em diversas espécies gera resultados promissores. Entretanto, a literatura científica carece de estudos sobre células tronco em muares, impossibilitando a aplicação clínica nestes animais. Neste contexto, o conhecimento do comportamento das CTMs em muares torna-se extremamente importante, visando embasar cientificamente as condutas clínicas futuras. O objetivo deste trabalho foi avaliar o potencial de diferenciação de CTMs derivadas do tecido adiposo de muares. O tecido adiposo dos animais foi processado e as CTMs foram cultivadas até a segunda passagem. As CTMs foram submetidas à diferenciação osteogênica, adipogênica e condrogênica. Para cada diferenciação, foram realizados grupos-controle. Os ensaios de diferenciação foram realizados em triplicata, cultivando as CTMs em placas de 06 poços até atingirem confluência total. Apenas a diferenciação condrogênica foi realizada de maneira tridimensional, após centrifugação das CTMs e cultivo do pellet resultante. O grupo Controle foi tratado com meio de cultivo DMEM +SFB, enquanto o grupo Diferenciação foi tratado com uma combinação de meio basal e meio de diferenciação, em uma proporção de 9:1. O meio de todos os cultivos foi trocado a cada 48h durante 14 dias, exceto o ensaio de diferenciação condrogênica, que foi realizado em 21 dias. A cada troca de meio, a morfologia das células cultivadas em placas foi avaliada com microscópio óptico de luz invertida. Devido à sua estrutura tridimensional, o cultivo de diferenciação condrogênica não pôde ser avaliado durante as trocas de meio. Após este período todos os cultivos foram corados para a avaliação microscópica. Os cultivos de diferenciação osteogênica foram corados com Alizarin Red, enquanto a diferenciação adipogênica foi marcada com o corante Oil Red. Já o pellet do ensaio de diferenciação condrogênica foi submetido a processamento histológico com técnicas de coloração em Azul de Toluidina, Alcian Blue e Hematoxilina/Eosina. No quarto dia de cultivo, os poços de diferenciação adipogênica e osteogênica já apresentavam células com morfologia distinta do grupo controle. Enquanto ambos os grupos-controle apresentavam células fusiformes, algumas células do grupo diferenciação osteogênica apresentavam morfologia rombóide, cercadas por grânulos de coloração amarelada. Já as células do grupo de diferenciação adipogênica apresentavam-se maiores, com morfologia globoide e vacúolos citoplasmáticos de coloração amarelada. Após a coloração, a diferenciação osteogênica foi confirmada com a observação de cristais extracelulares corados pelo Alzarin Red (matriz mineral óssea). A diferenciação adipogênica foi constatada pela observação de gotículas lipídicas intracitoplasmáticas, tanto em células romboides (pré-adipócitos) quanto em células globoides (adipócitos). Por fim, a avaliação das lâminas resultantes da diferenciação

condrogênica permitiu identificar células globoides em meio ao arcabouço tridimensional, com núcleo ovoide e cercadas de matriz cartilaginosa. Também foi possível observar metacromasia das células e a formação de lacunas originadas pela retração dos condrócitos durante o processamento histológico, confirmando a diferenciação condrogênica. O grupo controle também apresentou poucas células com as mesmas características, sugerindo diferenciação condrogênica espontânea provavelmente atribuída à estrutura tridimensional à qual este grupo foi submetido durante o cultivo. Tendo em vista a vasta utilização das CTMs em enfermidades com potencial de reparação conhecidamente limitado, a demonstração do potencial de diferenciação das CTMs de muares embasa sua utilização e oferece dados importantes para pesquisas futuras neste campo.

Palavras-chave: Medicina regenerativa; mula; diferenciação celular

54. PREVALÊNCIA DA DELEÇÃO DE 10 PARES DE BASE NO GENE ITGA2B, RESPONSÁVEL PELA TROMBASTENIA DE GLANZMANN, EM EQUINOS QUARTO DE MILHA NO BRASIL, DADOS PRELIMINARES

JULIA FRANCO FERREIRA*1; RAÍSSA OLIVEIRA LEITE1; CÉSAR ERINEUDO TAVARES DE ARAÚJO1; ALEXANDRE SECORUN BORGES1; JOSE PAES DE OLIVEIRA-FILHO1

1.FMVZ- UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:jose.oliveira-filho@unesp.br

Resumo:

A Trombastenia de Glanzmann (TG) é uma enfermidade de caráter autossômico recessivo causada por mutações no gene codificante da proteína integrina αIIbβ3, que resulta em alterações na agregação plaquetária e ausência de retração do coágulo, manifestando-se clinicamente como hemorragias e epistaxe. Essa enfermidade já foi descrita em equinos da raça Quarto de Milha (QM) nos EUA e embora existam poucos casos relatados neste país, a estreita relação entre os QM dos EUA e Brasil e a ausência de estudos de prevalência no Brasil justificam o objetivo deste trabalho que foi determinar a prevalência da deleção de 10 pares de base descrita no gene ITGA2B, responsável pela Trombastenia de Glanzmann, em população de equinos QM no Brasil. Foram selecionadas 179 amostras de DNA extraído a partir do sangue de equinos QM das modalidades de conformação (77), corrida (59), tambor e baliza (37), rédeas (5) e de apartação (1). A genotipagem dos animais foi realizada a partir do sequenciamento direto pelo método Sanger de produtos de PCR que amplificavam a região do gene ITGA2B que continha a mutação. A análise das sequências revelou que 179 dos animais testados apresentavam genótipo Wild type e, portanto, não eram portadores da mutação de deleção de 10 pares de base no gene ITGA2B. A ausência da identificação de alelos mutados para TG pode ser reflexo da baixa frequência desta mutação em outros países. Estes resultados preliminares podem sugerir que esta mutação não está presente no QM brasileiro, contudo é necessário ampliar o número de animais genotipados para fundamentar melhor essa conclusão. De qualquer maneira, considerando que os distúrbios de coagulação são considerados sérios problemas, sobretudo, quando a origem etiológica do distúrbio é desconhecida, o conhecimento da prevalência de uma das mutações causadoras da Trombastenia de Glanzmann no Brasil contribuirá para o estabelecimento da relevância dessa doença no plantel brasileiro e determinará se deve ser incluída na lista de diagnósticos diferenciais em situações hemorrágicas na população de cavalos Quartos de Milha do Brasil.

Agradecimentos: A FAPESP pela bolsa de IC (17/18757-1) do primeiro autor e a CAPES pela bolsa de Mestrado do segundo autor.

Palavras-chave: Prevalência; hemorragia; mutação

55. RELAÇÃO ENTRE DEGENERAÇÃO CARTILAGINOSA DO CÔNDILO DO III METACARPIANO E ENTESOPATIAS DOS LIGAMENTOS COLATERAIS DA ARTICULAÇÃO METACARPOFALANGEANA

GRASIELA DE BASTIANI*1; FLÁVIO DE LA CÔRTE2; KARIN ÉRICA BRASS2; CAMILA CANTARELLI2; STEFANO LEITE DAU2; MARCOS DA SILVA AZEVEDO3; GIULIANO FIGUEIRO1; GABRIELE BIAVASCHI SILVA2; GLÁUCIA DENISE KOMMERS2

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, CURITIBANOS, SC, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - UFSM, SANTA MARIA, RS, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA, URUGUAIANA, RS, BRASIL.

e-mail:gabibiavaschi@hotmail.com

Resumo:

Degenerações articulares no aspecto dorsal da articulação metacarpofalangeana (MF) são caracterizadas por irregularidades na superfície óssea do côndilo metacarpiano III (MCIII) associadas à diminuição do espaço articular. Osteófitos, entesófitos e a biomecânica articular podem predispor ao desenvolvimento de alterações aos ligamentos colaterais (LC) da articulação MF. Trinta membros torácicos equinos com idade média de 5,7 anos oriundos de uma Clínica Privada que, vieram a óbito por diferentes causas foram selecionados. Foi utilizado como critério de seleção alterações radiográficas (RX) na articulação MF. Os espécimes foram colocados numa prensa hidráulica e submetidos à avaliação RX (projeções lateromedial, lateromedial flexionada, dorsopalmar, dorsolateral-palmaromedial oblíqua 450 e dorsomedial-palmarolateral oblíqua 450) da articulação MF. Posteriormente, foi realizada por um segundo avaliador a ultrassonografia do aspecto dorsal e colateral da articulação MF com um aparelho Sonosite Edge, transdutor linear de 5-10 MHz, por meio de imagens transversais e longitudinais. Os espécimes foram encaminhados para a avaliação macroscópica e rotineiramente processados para histologia. As lesões foram classificadas MCIII (48.39%, X/n total n=30), LC lateral (29.03%, X/n total n=18), LC medial (22.58%, X/n total n=14). Uma correlação positiva (r2=0,69; p<0,001) foi observada entre as técnicas ultrassonográficas e macroscópicas. Diferentes graus de degeneração cartilaginosa estiveram relacionados a entesopatias de LC na avaliação radiográfica, ultrassonográfica e anatomopatológica. Degeneração cartilaginosa como a diminuição de espaço articular associada a presença de osteófitos marginais e irregularidades do osso subcondral caracterizados pela fibrilação da cartilagem articular estiveram associadas ao espessamento, alterações de ecogenidade, fibroplasia, neovascularização e metaplasia cartilaginosa dos LC lateral e medial.

Palavras-chave: Articulação metacarpofalangeana; entesopatias; degeneração cartilaginosa

56. TENDINOPATIAS E DESMOPATIAS DA REGIÃO PALMAR/PLANTAR DO METACARPO E METATARSO EM EQUINOS MARCHADORES

JACKSON SCHADE*1; ANDERSON FERNANDO SOUZA2; LORENZO COSTA VINCENSI3; THIAGO RINALDI MULLER3; MARIANA COCCO1; JOANDES HENRIQUE FONTEQUE3

1.UFPR, CURITIBA, PR, BRASIL; 2.USP, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 3.UDESC, LAGES, SC, BRASIL.

e-mail:mariana.cocco@hotmail.com

Resumo:

As lesões em tendões e ligamentos estão entre as formas mais comuns de enfermidades musculoesqueléticas em equinos, sendo importantes por afetar negativamente o desempenho atlético e o bem-estar animal. A modalidade e

o nível de performance atlética influenciam o tipo e a localização das lesões no aparelho locomotor. Além disso, suas características podem ser influenciadas pela raça, uma vez que existem diferenças no padrão de locomoção. Desta forma, objetivo do estudo foi determinar a frequência e as características clínicas e ultrassonográficas das lesões em tendões e ligamentos da região palmar/plantar do metacarpo e metatarso em equinos marchadores. Foram avaliados 99 equinos marchadores, adultos e não treinados atleticamente, sendo 51 da raça Mangalarga Marchador e 48 da raça Campeiro, com idade média de 7,0±4,3 anos e 10,5±6,7 anos, respectivamente. O exame clínico específico do aparelho locomotor foi realizado em todos os animais e a ultrassonografia em tempo real foi procedida quando alterações específicas nos tendões e ligamentos foram identificadas clinicamente. A análise estatística foi realizada de maneira descritiva e por meio da aplicação do teste exato de Fischer para avaliar a associação da idade e a participação prévia em provas de marcha com o desenvolvimento de lesões. Alterações clínicas foram evidenciadas em 22,22% dos animais, sendo 11,11% na raça MM e 11,11% na raça Campeiro, distribuídas de maneira semelhante entre membros torácicos (47,50%) e pélvicos (52,50%). Um total de 53 alterações foram observadas e confirmadas ultrassonograficamente, as quais envolveram o tendão flexor digital superficial (9,43%), tendão flexor digital profundo (1,89%), ligamento acessório do tendão flexor digital profundo (26,42%), ramo lateral do ligamento suspensório (RL-LS, 16,98%), ramo medial do ligamento suspensório (RM-LS, 18,87%) e bainha digital (26,42%). As lesões envolvendo o tendão flexor digital superficial, o ligamento acessório do tendão flexor digital profundo e a bainha digital ocorreram exclusivamente nos membros torácicos. As lesões nos ramos lateral e medial do ligamento suspensório, foram observadas em membros torácicos (RL-LS=21,05%; RM-LS=15,79%) e pélvicos (RL-LS=26,31%; RM-LS=36,84%), não havendo diferença significativa com relação à distribuição. De acordo com as características clínicas e ultrassonográficas, todas as lesões foram classificadas como crônicas. Equinos acima de 12 anos e a participação prévia em provas de marcha foram associados ao risco 4,64 e 3,75 vezes maior para o desenvolvimento de lesões, respectivamente. Desta forma, alterações degenerativas relacionadas à idade podem estar associadas às lesões observadas nos equinos avaliados. Além disso, podem refletir, em parte, as lesões ocorridas durante o treinamento e provas de marcha previas e, portanto, podem ter relação com o tipo especial de andamento. Conclui-se que as alterações em tendões e ligamentos da região palmar/plantar do metacarpo e metatarso são frequentes em equinos marchadores e ocorrem de maneira similar em ambas as raças estudadas. As lesões foram crônicas e envolveram com maior frequência o ligamento acessório do tendão flexor digital profundo, os ramos do ligamento suspensório e a bainha digital. Tendinopatias e desmopatias são presentes em equinos marchadores não treinados e, portanto, o retorno ao treinamento deveria ser precedido pela completa avaliação das estruturas da região palmar/plantar do metacarpo e metatarso.

Palavras-chave: Ligamento; tendão; ultrassonografia

57. TERAPIA CELULAR INTRATECAL EM EQUINOS COM SEQUELAS DE MIELOENCEFALITE POR SARCOCYSTIS NEURONA.

ROGÉRIO MARTINS AMORIM*1; DANIELLE JAQUETA BARBERINI1; DENIS JERONIMO SVICERO1; DIANA LEOCATA DE QUEIROZ1; MARIA CRISTINA REIS CASTIGLIONI1; NAYARA DANTAS LIMONTA1; FERNANDA DA CRUZ LANDIM-ALVARENGA1

1.FMVZ-UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:rmamorim@fmvz.unesp.br

Resumo:

As células mesenquimais estromais multipotentes (MSC) são uma alternativa promissora para o tratamento de inúmeras enfermidades devido à secreção de várias moléculas bioativas que levam a regeneração tecidual. Em enfermidades neurológicas degenerativas, inflamatórias, traumáticas e vasculares, o transplante de MSC tem mostrado efeitos positivos para o processo de neuroregeneração. Em medicina equina, a Mieloencefalite Protozoária Equina (EPM) é uma enfermidade relativamente comum, que pode causar sequelas neurológicas comprometendo o desempenho e a qualidade de vida dos animais acometidos. O objetivo do estudo foi avaliar a segurança e a

eficácia clínica da terapia celular intratecal com MSC alogênicas, em nove equinos com incoordenação motora crônica como sequela de EPM. Os animais foram selecionados pelos seguintes critérios de inclusão: apresentar ataxia e/ou paresia, diagnóstico laboratorial positivo para EPM (SAG ELISA) e pobre resposta ao tratamento padrão com drogas antiprotozoárias por pelo menos 30 dias. Para o transplante intratecal os equinos foram mantidos em estação, contidos em tronco, e submetidos a sedação com detomidina (10µg/Kg, I.V) e morfina (0,05mg/Kg, I.V). O transplante intratecal foi realizado entre as vértebras cervicais C1-C2, com agulha espinhal, guiado por ultrassom. Foram transplantadas por animal, 50 milhões de MSC alogênicas provenientes do tecido adiposo (TA), ressuspendidas em 3ml de PBS, totalizando três aplicações com intervalo de 30 dias. Estes animais foram avaliados por exames físicos geral e neurológico, bem como análises hematológicas e do líquido cefalorraquidiano (LCR) nos seguintes momentos: M0 - imediatamente antes do primeiro transplante; M30 - imediatamente antes do segundo transplante (30 dias após M0); M60 - imediatamente antes do terceiro transplante (30 dias após M30); e M90 - 30 dias após M60. Não foi observado nenhuma intercorrência com o protocolo de transplante intratecal utilizado. Nenhum dos animas apresentou reação adversa após os sucessivos transplantes, como dor ou alteração dos exames físicos geral e neurológico, pelo contrário, houve variados graus de melhora no quadro clínico neurológico. As análises hematológicas demonstraram todos os valores dentro da normalidade para a espécie equina durante todos os momentos avaliados. As principais alterações encontradas na análise de LCR após os transplantes foram: o aumento no número de células nucleadas em cinco animais (animais 3, 4, 5, 8 e 9) e a presença de linfócitos reativos em outros três animais (1, 6 e 7). Estes achados podem estar relacionados com os efeitos imunomoduladores das MSC, uma vez que não se observou alterações no exame físico geral, neurológico e hematológico. Diante dos resultados obtidos, concluímos que, a terapia celular intratecal alogênica com MSC-TA se mostrou segura e contribuiu para a melhora clínica dos animais com sequelas de EPM. O protocolo de transplante intratecal entre C1-C2, com os animais incoordenados em estação, se mostrou viável de ser realizado `a campo, abrindo caminho para a realização de testes clínicos com um número maior de animais antes do uso desta terapia na rotina clínica.

Agradecimentos: FAPESP

Palavras-chave: Células-tronco; células estromais mesenquimais multipotentes; mieloencefalite protozoária equina

58. UTILIZAÇÃO DO APARELHO FREESTYLE LIBRE PARA MONITORAÇÃO CONTÍNUA DA GLICEMIA EM EQUINOS

RAFAEL FRANÇOSO*1; JULIAN ROSPENDOVSKI PADOVAN2; CARLA BARGI BELLI1

1.FMVZ/USP, SAO PAULO, SP, BRASIL; 2.AUTÔNOMO, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:cbbelli@usp.br

Resumo:

Os sistemas de monitoração contínua da glicose foram desenvolvidos para monitorar as concentrações intersticiais de glicose em pacientes diabéticos, detectando rapidamente a hipoglicemia, eliminando a necessidade de repetidas coletas de sangue. Os dispositivos de monitoração contínua de glicose intersticial possuem um sensor que é aplicado na superfície do corpo para medir a glicose e um transmissor através do qual são exibidos os níveis de glicose. A mensuração utilizando glicosímetros portáteis em amostras de sangue venoso, arterial ou capilar requer coleções de sangue invasivas repetidas, associado ao manuseio e restrição do animal, podendo ser estressante ou doloroso para o paciente e, em longo prazo, pode levar a complicações como tromboflebite. Vários estudos em humanos e animais indicam que a glicose intersticial possui correlação com a glicose sanguínea, mas poucos estudos abordam o uso clínico de monitoração contínua da glicose intersticial em equinos. O uso da monitoração contínua de glicose intersticial diminui a necessidade de manuseio do paciente mas alguns sistemas de monitorização contínua instantânea da glicose ainda não estão padronizados para uso em equinos. O objetivo deste estudo foi padronizar a utilização do aparelho FreeStyle Libre® na monitoração contínua instantânea da glicose intersticial em equinos, e avaliar sua aplicabilidade e precisão em equinos. O experimento foi conduzido

nas dependências do Hospital Veterinário da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (FMVZ-USP) e em propriedades particulares. Foram utilizados dez equinos divididos em dois grupos, sendo: Grupo 1 (animais hígidos não obesos) e Grupo 2 (animais obesos). Os animais foram utilizados para a padronização do método, com a colocação do aparelho e coletas de sangue em vários períodos, dentro do prazo de 10 horas, para comparação da glicemia dosada laboratorialmente com os valores indicados no aparelho. As coletas foram feitas logo após a calibração automática do aparelho, sendo a primeira coleta em jejum, e a cada duas horas após a refeição totalizando 6 coletas num período de 10 horas. Para dosagem de glicose foi utilizado o método de espectrofotometria enzimática. O sistema de monitoramento de glicemia instantânea foi realizado com o equipamento FreeStyle Libre®, que é composto de um pequeno sensor redondo (35 mm x 9,5 mm). O sensor possui um cateter de (0,4 mm), que é inserido sob a pele com auxílio de um aplicador e fixado por fita adesiva, pode ser usado por até 14 dias e é resistente à água. O sensor utiliza o método da glicose-oxidase, que mede uma corrente elétrica proporcional à concentração de glicose. A detecção e limites do sensor estão entre 20 e 500 mg/dL, portanto, leituras além dessa faixa não são registradas. Houve ótima concordância entre os valores de glicose entre os dois sistemas e forte correlação (r=0,84) para os dois grupos, ocorrendo apenas um pequeno atraso na detecção de variações bruscas de glicemia pelo aparelho testado. Assim conclui-se que o sistema de monitoramento contínuo da glicose FreeStyle Libre® pode ser utilizado para avaliação indireta da glicemia por meio da glicose intersticial em cavalos adultos hígidos e obesos.

Palavras-chave: Glicose intersticial; monitoração contínua; hiperglicemia

59. VIABILIDADE DE CONDRÓCITOS EXPOSTOS A ROPIVACAÍNA E MEPIVACAÍNA

GABRIELE BIAVASCHI SILVA*1; FLÁVIO DE LA CÔRTE1; KARIN ÉRICA BRASS1; STEFANO LEITE DAU1; CAMILA CANTARELLI1; HELOISA EINLOFT PALMA2; MIGUEL GALLIO1; KALYNE BERTOLIN1; LUCIANA FONTANARI KRAUSE3; JULIEN WERGUTZ3; ALEXANDRE KRAUSE4

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - UFSM, SANTA MARIA, RS, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE DE CRUZ ALTA, CRUZ ALTA, RS, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE FRANSCISCANA, SANTA MARIA, RS, BRASIL; 4..

e-mail:gabibiavaschi@hotmail.com

Resumo:

Devido à baixa condrotoxicidade, a mepivacaína é o anestésico local mais utilizado nos bloqueios anestésicos intra-articulares (IA) nos exames de claudicação em equinos nos Estados Unidos e na Europa. No Brasil, o seu uso na rotina clínica é limitado devido ao difícil acesso e custos. A ropivacaína, um anestésico local de longa duração, foi testada quanto a sua potencial toxicidade em cultivos celulares monocamada de condrócitos equinos. Para tanto foram selecionadas articulações metacarpofalangeanas livres de doença articular ao exame radiológico e macroscópico. Fragmentos de cartilagem foram obtidos de forma asséptica por meio de artrotomia. Estes fragmentos foram submetidos à digestão enzimática com pronase e colagenase para obtenção dos condrócitos. As células foram cultivadas em meio DMEM suplementado com antibiótico em garrafas de cultivo celular incubadas a 37°C em estufa umidificada com 5% de CO2. A viabilidade celular (%) foi mensurada por meio dos métodos colorimétricos de trypan blue (TB), MTT e através de citometria de fluxo. Para os testes de TB e citometria de fluxo os condrócitos foram semeados em placas celulares de seis poços e quando atingiram confluência média de 80% foram expostos por 30' aos seguintes tratamentos: meio de cultura (DMEM), ropivacaína 7,5mg/ml (ROP7.5), ropivacaína 10mg/ml (ROP10), solução salina 0,9% (SAL), mepivacaína 20mg/ml (MEP20) e mepivacaína 30mg/ml (MEP30). Posteriormente, o sobrenadante foi removido e as células tripsinizadas e suspensas em meio de cultivo para avaliação. Na avaliação pelo método colorimétrico de MTT foram utilizadas placas de 96 poços, os tratamentos foram removidos após 30', DMEM e solução de MTT foram adicionados; as células foram incubadas por 3 horas e depois as placas foram esvaziadas e dimetil sulfóxido adicionado para dissolver os cristais de formazan que se formaram pela degradação do MTT. Foram realizadas cinco replicações biológicas e os resultados de viabilidade foram expressos em porcentagem e transformados em arcoseno utilizando a fórmula ASEN (Raiz quadrada (%)).

ANOVA por medidas repetidas e teste de Tukey, com significância de 5%, foram usados para análise dos dados (média ± desvio padrão). No método TB não foram observadas diferenças entre os tratamentos (p>0,05). A viabilidade celular após 30' de exposição aos tratamentos foi de 94,9±9,7% em DMEM; 86±7,7% em ROP7.5; 81±19,1% em ROP10; 94,7±3,5% em SAL; 94,9±4,4% em MEP20; e 89,6±6% em MEP30. Pelo método colorimétrico de MTT houve diferença (p<0,05) entre o grupo DMEM e os demais grupos (ROP7.5, ROP10, SAL, MEP20 e MEP30). Os grupos ROP7.5, ROP10 e SAL não diferiram quanto a viabilidade celular. Os grupos ROP7.5 e ROP10 apresentaram maiores taxas de viabilidade celular quando comparados ao MEP20 e MEP30 (p<0,05). Da mesma forma, o grupo SAL apresentou maior viabilidade do que os grupos MEP20 e MEP30 (p<0,05). Não se observou diferença na viabilidade celular entre os grupos MEP20 e MEP30 (p>0,05). Através do MTT, as médias de viabilidade celular foram de 100% em DMEM, 48,9±2,2% em ROP7.5, 45,4±2,0% em ROP10, 50,5±7,4% em SAL, 30,2±3,1% em MEP20 e 23±3,1% em MEP30. Na citometria de fluxo a viabilidade celular dos condrócitos foi maior (p<0,05) no grupo DMEM (99,4%±1,0%) do que nos grupos ROP10 (95,8±3,8%), SAL (99,1±0,3%), MEP20 (96,1±2,6%) e MEP30 (95,2±3,0%), contudo a média de viabilidade celular não diferiu (p>0,05) entre os grupos DMEM (99,4%±1,0%) e ROP7.5 (97,4±1,3%). As baixas médias de viabilidade observadas pelo método MTT podem estar associadas à dano mitocondrial nas células apesar da membrana celular íntegra, identificando fases iniciais da morte dos condrócitos. Assim como em condrócitos humanos, células tratadas com ropivacaína apresentaram viabilidade celular superior às tratadas com mepivacaína, sugerindo menor toxicidade da ropivacaína. A ropivacaína é um fármaco a ser considerado no uso IA em equinos, contudo mais estudos in vivo devem ser conduzidos para avaliar a sua segurança.

Palavras-chave: Condrócitos; ropivacaína; mepivacaína

60. VIABILIDADE E SEGURANÇA DE MÚLTIPLOS TRANSPLANTES INTRATECAL DE CÉLULAS ESTROMAIS MESENQUIMAIS MULTIPOTENTES EM EQUINOS

ROGÉRIO MARTINS AMORIM*1; DIANA LEOCATA DE QUEIROZ1; DANIELLE JAQUETA BARBERINI1; DENIS JERONIMO SVICERO1; MARIA CRISTINA REIS CASTIGLIONI1; NAYARA DANTAS LIMONTA1; FABIANA FERREIRA DE SOUZA1

1.FMVZ-UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:rmamorim@fmvz.unesp.br

Resumo:

A terapia com células estromais mesenquimais multipotentes (MSC) tem sido estudada em diversas espécies como auxiliar na recuperação clínica de sequelas neurológicas, pelo fato das MSC apresentarem efeitos antiinflamatórios, imunomoduladores e regenerativos. No entanto, ainda são escassos os dados na literatura equina sobre qual é o tipo celular, dose e via de transplante mais efetiva para auxiliar o processo de neuroregeneração em enfermidades neurológicas que comumente acometem equinos, como Mieloencefalite Protozoária Equina, Mieloencefalite por Herpesvírus -1, Mielopatia Estenótica Cervical, Polineurite Equi, dentre outras. Este estudo avaliou a viabilidade e a segurança do transplante intratecal de MSC alogênicas, através do espaço intervertebral C1- C2, por meio de exames físico geral e neurológico, análise hematológica, níveis séricos das proteínas de fase aguda e análise do líquido cefalorraquidiano. Para isso foram utilizados 16 equinos saudáveis, que foram divididos em quatro grupos: grupo SHAM, que recebeu o transplante de salina tamponada com fosfato (PBS); grupo tecido adiposo (GTA), recebeu MSC de origem do tecido adiposo; grupo medula óssea (GMO), recebeu MSC de origem da medula óssea; e grupo cordão umbilical (GCU), recebeu células de origem da matriz do cordão umbilical. Foram realizados três transplantes com intervalo de 30 dias em cada animal. Exames físico geral e neurológico foram realizados antes e semanalmente após os transplantes durante três meses. Amostras de sangue total e soro foram coletadas imediatamente antes de cada transplante (M0, M30 e M60), 24 horas após cada transplante (M1, M31, M61) e 30 dias após o terceiro transplante (M90). O LCR foi coletado imediatamente antes de cada transplante ((M0, M30 e M60). Os transplantes intratecal foram realizados entre as vértebras C1-C2, com os animais em estação, contidos fisicamente em tronco e sedados com detomidina (10-20 µg/kg, intravenosa) e morfina (0,05 mg/kg intravenosa). Foi realizada a infiltração da pele e do tecido subcutâneo com anestésico cloridrato de lidocaína 2%. Com auxílio do

ultrassom (US), o espaço subaracnoideo entre C1-C2 foi localizado, uma agulha espinhal de 25Gx90mm foi inserida até o espaço subaracnóideo, guiada pelo US, sendo coletado aproximadamente 2ml de LCR. Logo após, 2mL de PBS foi aplicado no grupo SHAM e as MSC (50x106 de células em 2mL de PBS) foram transplantadas nos respectivos grupos experimentais. Os resultados obtidos demonstram a viabilidade do protocolo de transplante intratecal de MSC, assim como a sua segurança em equinos saudáveis, visto que não foram observadas nenhuma intercorrência durante os transplantes e não foram encontradas alterações nos exames físico geral e neurológico, hematológico ou dos níveis séricos das proteínas de fase aguda analisadas, que evidenciassem uma reação inflamatória exacerbada após o transplante. A análise do LCR revelou aumento no número de células nucleadas em três animais do GTA, quatro do GMO e dois do GCU em diferentes momentos. Também notou-se a presença de linfócitos reativos no LCR de um animal do GTA, um do GMO e três animais do GCU. Estes achados da análise do LCR podem estar relacionados com os efeitos imunomoduladores das MSC, uma vez que não foram observadas alterações clínicas neurológicas, hematológicas ou de proteínas séricas de fase aguda. Diante dos resultados obtidos, concluímos que múltiplos transplantes intratecal de MSC de diferentes origens (MO, TA e CU) mostraram-se clinicamente seguros em equinos saudáveis. O protocolo de transplante utilizado mostrou viabilidade de ser realizado `a campo com o animal em estação, abrindo caminho para a realização de testes clínicos com equinos acometidos por sequelas de enfermidades neurológicas.

Palavras-chave: Terapia celular; células tronco mesenquimal; enfermidades neurológicas

61. VIABILIDADE NO USO DE NANOCRISTAIS QTRACKER NA MARCAÇÃO DE CÉLULAS TRONCO MESENQUIMAIS DERIVADAS DE TECIDO ADIPOSO EM EQUINOS - RESULTADOS PRELIMINARES

ALVARO DE PAULA LAGE DE OLIVEIRA*1; BRITTA SIGRID LEISE2; ARMANDO DE MATTOS CARVALHO1; RAFAEL RESENDE FALEIROS1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL; 2.LOUISIANA STATE UNIVERSITY, BATON ROUGE, ESTADOS UNIDOS.

e-mail:oliveira.medvet@hotmail.com

Resumo:

O uso de células tronco mesenquimais (CTMs) na Medicina Equina tem sido exponencial, mas os estudos controlados estão atrasados em relação ao uso clínico. Os nanocristais (pontos quânticos) foram usados para marcação de CTMs provenientes de medula óssea em equinos, contudo não se observou informação de seu uso em CTMs derivadas do tecido adiposo (Ad-CTMs) nessa espécie. O objetivo foi marcar de forma fluorescente e avaliar a viabilidade de Ad-CTMs usando marcação celular por pontos quânticos (Qtracker®). Para tanto, tecido adiposo foi coletado da fáscia glútea superficial de uma égua, sendo as Ad-CTMs isoladas, cultivadas, caracterizadas e diferenciadas. Na terceira passagem, as Ad-CTMs foram separadas para incubação com nanocristais fluorescentes. Nesse protocolo, dois milhões de Ad-CTMs foram incubadas com 2 uL de nanocristais, 2 ul de solução salina tamponada com fosfato e 200 uL de meio DMEM, a 37° C e 5% de CO2 por 1 hora. A viabilidade celular foi determinada por meio azul de Trypan antes, 1 e 24 horas após incubação. A captação de nanocristais na célula foi observada por microscopia de fluorescência (655 nm) a 20x e 40x. Este protocolo mostrou-se bem-sucedido para marcação, uma vez que a absorção citoplasmática dos nanocristais foi observada por microscopia de fluorescência 1 e 24 horas após a incubação. A viabilidade da Ad-CTMs cultivadas foi de 91% antes da incubação e 85% e 81%, respectivamente, 1 e 24 horas após. Os resultados demonstram que os nanocristais Qdot® podem ser introduzidos com sucesso em Ad-CTMs de equinos, com mínimo efeito citotóxico sob as células.

Palavras-chave: Equinos; qdotz; trypan

RESUMOS
REPRODUÇÃO DE EQUÍDEOS

62. AVALIAÇÃO DA RECUPERAÇÃO DE EMBRIÕES EQUINOS APÓS COLAPSO COM AGULHA HIPODÉRMICA

ERICA RODRIGUES FERRAZ ANDRADE*1; LUANA VENÂNCIO GARCIA2; LIDIANA ZANETTI AMATTI1; LUIZ DANIEL DE BARROS3; FERNANDA SAULES IGNÁCIO1

1.FACULDADES INTEGRADAS DE OURINHOS - FIO, SANTA CRUZ DO RIO PARDO, SP, BRASIL; 2.FACULDADES INTEGRADAS DE OURINHOS, PALMITAL, SP, BRASIL; 3.FACULDADES INTEGRADAS DE OURINHOS -FIO, OURINHOS, SP, BRASIL.

e-mail:luanagarcia_venancio@hotmail.com

Resumo:

O colapso da blastocele é inevitável para realização de alguns procedimentos importantes utilizados na reprodução equina, como no processo de biópsia embrionária por micromanipulação, seja para sexagem ou mapeamento genômico. Recentemente o colapso com agulha hipodérmica foi aplicado para duas finalidades distintas: (1) na sexagem de embriões pré-implantacionais (Ferraz et al., 2017); e (2) previamente ao congelamento e vitrificação de embriões grandes com o objetivo de facilitar a penetração dos crioprotetores (Ferris et al., 2016), já que nesta fase os embriões equinos possuem a cápsula embrionária, estrutura proteica acelular que o recobre e impede a absorção dos mesmos. O uso do colapso embrionário manual com agulha hipodérmica reduz significativamente o custo do uso de micromanipulador para os procedimentos propostos. O objetivo do trabalho foi avaliar a recuperação embrionária 24 h após acondicionamento de blastocistos colapsados com agulha hipodérmica em condições compatíveis com o transporte convencional de embriões. Utilizou-se 7 éguas e 1 garanhão, para inseminação e colheita embrionária realizada em D8 – D9 (D0 = dia da ovulação), por meio do qual 19 blastocistos expandidos foram recuperados. Avaliou-se os embriões em grau de qualidade (G1 – G5; segundo padrões da Colorado University, 2015), lavados em 10 gotas de meio TQC Holding e transferidos para uma placa de petri previamente preparada com a confecção de ranhuras que garantiu a estabilidade do embrião no momento do colapso manual. Agulha hipodérmica 16 G estéril foi utilizada para a perfuração dos embriões que foram mantidos por 24 h no meio de manutenção TQC Holding acondicionados em caixa isotérmica de transporte (Botuflex®, Botupharma, Botucatu, SP) sem controle de temperatura e de atmosfera. Dois embriões saíram da capsula após o colapso e não foram avaliados após acondicionamento. É importante salientar que, dos 17 embriões avaliados nos dois momentos, imediatamente antes e após colapso e acondicionamento, todos os embriões foram morfologicamente avaliados como G1 (excelente) e G5 (morto/degenerado), respectivamente. Os resultados foram obtidos a partir da avaliação dos embriões pós acondicionamento: 17,6% (3/17) classificados como G2 (bom), 47% (8/17) G3 (regular), 29,4% (5/17) G4 (pobre) e 0,06% (1/17) G5 (não houve recuperação), ou seja, o acondicionamento de embriões nas condições propostas pelo presente trabalho permitiu a recuperação de 60% (G5 para G2), 40% (G5 para G3), 20% (G5 para G4) e 0% de recuperação da qualidade embrionária, respectivamente. Considerando que embriões classificados até G3 (regular; > 30% de células viáveis) apresentam potencial de desenvolver uma gestação, 65% (11/17) dos embriões avaliados demonstraram ser aptos para transferência. A grande variação do tamanho inicial dos embriões (400-2600µm) pode ter interferido na recuperação destes uma vez que agulhas de apenas um diâmetro foram utilizadas, consequentemente, a lesão nos embriões pequenos foi consideravelmente maior. Em 2 embriões avaliados como G4 após o acondicionamento houve expansão da blastocele, mas cerca de 40-50% das células embrionárias encontravam-se extra capsulares, formando imagem semelhante a um "8", efeito provavelmente relacionado a grande lesão provocada pelo diâmetro da agulha. Os dois embriões que saíram da cápsula com o colapso também eram pequenos (≤600 µm). Pouco ainda se sabe sobre a capacidade de recuperação embrionária após lesões consideráveis, o mesmo se aplica a lesão capsular, que fisiologicamente é tão importante para o desenvolvimento gestacional quanto as alterações celulares. Conclui-se que o processo de colapso de blastocistos expandidos com agulha hipodérmica e acondicionamento dos embriões em caixa isotérmica permitiu uma recuperação considerável ao menos de 65% dos embriões, demonstrando a viabilidade das células, porém não traz informações sobre a recuperação da cápsula, podendo comprometer sua capacidade de desenvolver uma gestação.

Palavras-chave: Colapso; recuperação; cápsula embrionária

63. AVALIAÇÃO HORMONAL DE AMH DE POTRAS NO DIA DO NASCIMENTO E AOS CINCO MESES DE IDADE

RENATA CRISTINA ULIANI*1; ALAN JAMES CONLEY2; CYNTHIA JO CORBIN2; GABRIELA AMORIM CAMPOS1; MARCO A ALVARENGA1

1.DEPARTAMENTO DE REPRODUÇÃO ANIMAL, FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA, UNESP, BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL; 2.DEPARTMENT OF POPULATION HEALTH AND REPRODUCTION, SCHOOL OF VET MEDICINE, UNIVERSITY OF CALIFORNIA, DAVIS, ESTADOS UNIDOS.

e-mail:renata.uliani@hotmail.com

Resumo:

Nosso atual conhecimento da função reprodutiva feminina supõe que o ovário contém um número finito de oócitos dentro dos folículos primordiais, e que seu esgotamento anuncia a perda da fertilidade feminina que acontece com o avançar da idade. Essa população de folículos primordiais é formada durante a vida fetal e uma pequena parte dela é ativada e estimulada a crescer diariamente durante a vida reprodutiva de uma fêmea, incluindo a infância, sendo a grande maioria destinada a sofrer atresia. O Hormônio Anti-Mulleriano (AMH) é um produto das células da granulosa dos folículos pré-antrais a partir dos estágio primário e sua avaliação tem sido proposta como representante da reserva folicular de fêmeas de várias espécies. Entretanto, até o momento, poucos estudos avaliaram o comportamento do AMH durante os primeiros meses de vida feminina. O objetivo deste estudo foi avaliar o AMH de potras ao nascimento e em um segundo momento, cinco meses depois, e verificar se existiu variação no AMH nos primeiros meses de vida. Quatorze potras foram utilizadas, e tiveram uma amostra de sangue coletada no dia de seu nascimento e cinco meses depois. O intervalo médio entre as coletas foi de 160 dias (117 a 194). Uma amostra de sangue foi coletada da veia jugular, centrifugada (1500 x g por 10 minutos) e o soro foi congelado (-20°C). As concentrações séricas de AMH foram determinadas usando um kit de ELISA disponível comercialmente (Equine AMH ELISA, Ansh Labs, Webster, TX, USA) de acordo com as instruções do fabricante. O nível sérico de AMH de potras no dia do nascimento teve uma grande variação individual. O menor valor obtido foi 0,264 ng/mL e o maior, 15,475 ng/mL. Em média, as potras no dia do nascimento apresentaram 2,6 ng/mL ± 2,1 ng/mL de AMH. No segundo momento, AMH teve uma menor variação geral, mas ainda muito diferente entre os indivíduos da mesma idade, com valores mínimos de 0,001 ng/mL e máximo de 2,496 ng/mL, em média 2,166 ng/mL ± 3,03 ng/mL. A variação nos níveis de AMH com 5 meses de idade não foi explicado pela idade (R2=0,21). A avaliação do trato reprodutivo de potras é dificultado pelo acesso aos ovários, sendo assim, não foi possível produzir imagens da atividade ovariana nesses momentos. O AMH médio não variou significativamente entre os dois momentos, mas na avaliação individual, 9 potras apresentaram uma diminuição nos níveis de AMH enquanto 5 potras apresentaram um aumento nos níveis de AMH do primeiro para o segundo momento. O AMH variou até 15.000 vezes entre os dois momentos para o mesmo animal. Considerando a proposta de que o AMH representa a reserva folicular ovariana, seria esperado que não variasse em um período tão curto de tempo, porém, os dados deste estudo demonstraram uma alta variação individual em um período supostamente curto de tempo. É possível sugerir que a dosagem de AMH possa representar outros fatores que não a reserva folicular ovariana.

Apoio: FAPESP (2014/13777-6, 2014/13191-1, 2015/01113-9), John P. Hughes Endowment e Clinical Endocrinology Laboratory, UC Davis

Palavras-chave: Reserva folicular ovariana; folículo pré-antral; hormônio anti-mülleriano

64. COMPARAÇÃO DE VARIÁVEIS HISTOMORFOMÉTRICAS DO ENDOMÉTRIO ENTRE ÉGUAS ACÍCLICAS TRATADAS COM DIFERENTES PROTOCOLOS HORMONAIS

ELISA SANT'ANNA MONTEIRO DA SILVA*1; RAÍSSA OLIVEIRA LEITE2; LUCIANA FRANÇA SMITH MACIEL2; CAMILA

CONTIN DINIZ DE ALMEIDA FRANCIA2; CARLOS ROBERTO PADOVANI2; CEZINANDE MEIRA2

1.CENTRO UNIVERSITÁRIO DO TRIÂNGULO, UBERLÂNDIA, MG, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:elisa_santanna@yahoo.com.br

Resumo:

O presente estudo teve como objetivo comparar variáveis histomorfométricas do endométrio de éguas em anestro tratadas com diferentes protocolos hormonais utilizados para o preparo de éguas acíclicas receptoras de embriões. Vinte e duas éguas em anestro foram distribuídas em quatro grupos: 1) EB2,5LAP4, em que dose única de 2,5 mg de benzoato de estradiol (BE) foi administrada e 48 h após as éguas receberam 1500 mg de progesterona de longa ação (P4 LA; n=5); 2) EB5LAP4, em que foi administrado 5 mg de BE em doses decrescentes (3 e 2 mg em dias consecutivos) e 24 h após a última dose de BE as éguas receberam 1500 mg de P4 LA (n=5); 3) EB10LAP4, em que éguas receberam 10 mg de BE em doses decrescentes (5, 3 e 2 mg em dias consecutivos) e 24 h após a última dose de BE foram administrados 1500 mg de P4 LA (n=6);4) LAP4, éguas tratadas com dose única de 1500 mg de P4 LA, sem administração prévia de BE (n=6). Éguas acíclicas tratadas foram comparadas às éguas cíclicas (grupo Controle) durante o estro e diestro (n=6). Foram colhidas biópsias do endométrio imediatamente antes do tratamento com P4 LA em todos os grupos tratados com BE (sob influência do estradiol) e cinco dias após a administração de P4 LA em todos os grupos. Nas éguas cíclicas, as biópsias foram colhidas quando um folículo de ≥35 mm e edema uterino grau 2 a 3 foram detectados, assim como cinco dias após a ovulação. As amostras foram fixadas em formol 10% por 24 h e posteriormente armazenadas em álcool 70 para análise histológica. As amostras fixadas foram desidratadas, incluídas em parafina, cortadas na espessura de 4 µm e, após a montagem nas lâminas, coradas com hematoxilina e eosina. As análises histomorfométricas da altura do epitélio luminal (EL), glandular (EG) e espessura do endométrio (EE) foram realizadas ao microscópio óptico utilizando o software Image Pro, no aumento de 20X para EL e EG e de 4X para EE. Ao se avaliar o momento imediatamente antes da aplicação da P4 LA, não foi observada diferença na altura do EL quando os três grupos tratados com BE foram comparados entre si ($p>0,05$), assim como não houve diferença dos grupos tratados em relação ao grupo Controle durante o estro ($p>0,05$). Cinco dias após a aplicação da P4 LA, a altura do EL foi similar ($p>0,05$) entre todos os grupos tratados com P4 LA, inclusive o grupo sem administração prévia de BE. Além disso, a altura do EL foi similar entre grupos tratados cinco dias após a P4 LA e grupo Controle no quinto dia pós ovulação ($p>0,05$). Quanto ao EG, a altura foi similar entre os grupos tratados com BE antes da aplicação da P4 LA ($p>0,05$). No entanto, quando os grupos tratados com BE foram comparados com o estro do grupo Controle, a altura dos tratados foi significativamente menor que a do Controle ($p<0,01$). Cinco dias após a aplicação da P4 LA, a altura do EG foi similar entre os grupos ($p>0,05$). Quando os grupos tratados após a aplicação de P4 LA foram comparados ao quinto dia após ovulação do grupo Controle, a altura do EG do grupo EB10LAP4 foi menor que a do Controle ($p<0,05$), embora nos demais grupos não houve diferença. Quanto à EE, não houve diferença estatística entre todos os grupos, tanto antes da aplicação da P4 LA quanto após. Como conclusão, os resultados demonstram que não há diferença entre a altura do EL, altura do EG e EE entre os diferentes protocolos utilizados para o preparo de receptoras acíclicas. Além disso, altura do EL e EE após administração de BE e P4 LA nos grupos tratados são similares ao estro e diestro do grupo Controle, respectivamente.

Palavras-chave: Histomorfometria; endométrio; éguas acíclicas

65. COMPARAÇÃO ENTRE OS ACHADOS HISTOLÓGICOS DE GARANHÕES COM E SEM VESICULITE SEMINAL POR MEIO DE BIÓPSIA VIDEOENDOSCOPICA

VERÔNICA FLORES DA CUNHA SCHEEREN*1; MARIANA LUIZA MEZZENA GOBATO1; RAFAEL DOS SANTOS BANDEIRA1; PATRICIA M PAPA1; THAÍS MENDES SANCHES CAVALERO1; LUCAS EMANUEL FERREIRA CANUTO1; LUCAS TRONCARELLI RODRIGUES1; ERIKY AKIO TONGU1; MARCOS JUN WATANABE1; MARCO A ALVARENGA1; FREDERICO OZANAM PAPA1

1.FMVZ - UNESP - BOTUCATU/SP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:veronica_fcs@hotmail.com

Resumo:

As vesículas seminais compõem o conjunto das glândulas sexuais acessórias, junto das ampolas dos ductos deferentes, próstata e bulbouretrais. Elas são responsáveis pela fração gel do ejaculado e eventualmente podem ser colonizadas por bactérias, desencadeando a vesiculite seminal. O objetivo do presente estudo foi biopsiar e comparar o epitélio da vesícula seminal de garanhões sadios (G1, n=2) com garanhões que possuem vesiculite crônica (G2, n=2) por Pseudomonas spp. Até onde sabemos, trata-se de um trabalho pioneiro sobre avaliação de biópsia endoscópica de vesículas seminais em equinos. Utilizou-se um videoendoscópio flexível de 300cm por 9,8mm de diâmetro. Os animais foram sedados com cloridrato de detomidina (0,01 mg / kg / i.v.) e cloridrato de xilazina (0,4 mg / kg / i.v.) e, após a exposição do pênis este foi higienizado com água corrente e clorexidine 2%. O endoscópio foi inserido através da uretra até o colículo seminal e uma pinça de biópsia oval lisa foi utilizada para guiar o acesso em cada vesícula seminal. Três fragmentos foram obtidos de cada vesícula seminal e fixados em formaldeído tamponado a 10%, depois processados rotineiramente e seccionados a 5µm para coloração com hematoxilina e eosina (H&E). O procedimento foi realizado sem complicações, pois uma pequena pinça de biópsia foi utilizada e obtidos fragmentos superficiais. Após avaliação histológica, foi observado no G1 um epitélio colunar estratificado, separado por um tecido conjuntivo fino, com vasos sanguíneos de calibre diferente ao redor. No G2 foi detectado um infiltrado inflamatório expressivo predominantemente linfocitário, tanto na porção parenquimatosa quanto estromal das vesículas. Houve também uma moderada proliferação do tecido conjuntivo em torno das glândulas tubuloalveolares e proliferação dos ácinos glandulares. Portanto, foi observada uma diferença considerável na histologia das vesículas seminais, mostrando que a infecção pode alterar as características normais do epitélio. Além disso, esse é um procedimento seguro que pode ser executado em garanhões acometidos por vesiculite. Estudos estão em andamento para determinar se o uso da biópsia endoscópica pode ser usada como ferramenta para um melhor diagnóstico e prognóstico da vesiculite seminal.

Agradecimentos: À CAPES pela concessão da Bolsa de Mestrado.

Palavras-chave: Endoscopia; equino; vesícula-seminal

66. DETERMINAÇÃO DO DIA DO PARTO ATRAVÉS DE ALTERAÇÕES FÍSICAS E CIRCULATÓRIAS LOCAIS EM ÉGUAS NO PRÉ-PARTO.

LARA ORLANDO ZEPPONE*1; GABRIELA DO VALE POMBO2; YASMIN DE SALES PEREIRA2; HORTÊNCIA CAMPOS MAZZO3; NICOLAS VENTURA DUARTE1; KATIA FELTRE2; CAMILA BIANCONI2; ALEXANDRE AUGUSTO DE OLIVEIRA GOBESSO2

1.FACULDADE DE ZOOTECNIA E ENGENHARIA DE ALIMENTOS - USP/FZEA, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL; 2.FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA USP/FMVZ, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, PELOTAS, RS, BRASIL.

e-mail:larazeppone@gmail.com

Resumo:

A dificuldade de conhecer a data de nascimento do neonato equino, devido à grande variação que pode ocorrer entre a detecção da prenhez e a possível data de parto, pode gerar custos, e maiores riscos para a égua e o potro, sendo necessário o monitoramento noturno para prover suporte ao potro e a égua em casos de distócia. Algumas alterações físicas e circulatórias importantes ocorrem próximo ao parto, como o relaxamento dos ligamentos e músculos da região pélvica e do abdômen, edema de vulva, aumento do comprimento da vulva, aumento e produção de cera dos tetos. Também pode ser observado no final da gestação o aumento do abdômen a medida que o feto

aumenta de tamanho, tornando-se grande e pendente. Assim, métodos funcionais que possam ser usados para determinar o dia do parto são de interesse considerável para a criação de equinos. O objetivo com o trabalho foi determinar o dia do parto através de alterações físicas e circulatórias em éguas no pré-parto. Foram utilizadas trinta éguas gestantes SRD durante duas temporadas de parto, sendo as coletas iniciadas a partir de 310 dias de gestação até o dia do parto. Foram observadas possíveis alterações na área pélvica, abdominal, no edema de vulva e a coloração da mucosa da vagina até o dia do parto. Foi utilizada uma câmera fotográfica, e as fotos foram analisadas individualmente e classificadas usando um sistema de escore. Para a região pélvica (ERP) e abdominal (ERA) foram classificados em: (1) sem relaxamento, (2) relaxamento moderado e (3) relaxado. Para edema de vulva (EEV): (1) sem edema, (2) edema moderado e (3) com edema. E para coloração de mucosa da vagina (ECMV) foi utilizado: (1) sem hiperemia, (2) hiperemia moderada e (3) hiperêmica. Os escores foram analisados pelo teste de razão de Probabilidade Qui-Quadrado para observar a frequência dos escores 1, 2 ou 3 até o dia do parto, e por regressão. Foi utilizando o nível de significância de 5%. ECMV apresentou um aumento no escore 3 ao longo dos dias até o dia do parto (P<0,05). ERP, ERA e EEV não apresentaram diferença significativa. Na regressão, ECMV e EEV apresentaram um comportamento significativo (P<0,05) ao longo dos dias até o dia do parto. Concluímos que a observação dos parâmetros físicos e circulatórios locais das éguas podem auxiliar na determinação do dia do parto, principalmente sobre a coloração da mucosa da vagina e edema de vulva, porém devido as variações individuais, essas alterações não devem ser utilizadas como único método de predição de parto.

Palavras-chave: Escore; mucosa da vagina; método

67. DIMINUIÇÃO DO PH DA SECREÇÃO DA GLÂNDULA MAMÁRIA DETERMINA O DIA DO PARTO EM ÉGUAS

MURILLO ORMIERES*1; YASMIN DE SALES PEREIRA2; GABRIELA DO VALE POMBO2; KATIA FELTRE2; HORTÊNCIA CAMPOS MAZZO3; CAMILA BIANCONI2; NICOLAS VENTURA DUARTE2; ALEXANDRE AUGUSTO DE OLIVEIRA GOBESSO2

1.ANHANGUERA EDUCACIONAL, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, PELOTAS, RS, BRASIL.

e-mail:murilloormieres@gmail.com

Resumo:

Um método eficaz na previsão do dia do parto seria benéfico para fornecer apoio à égua e ao potro durante o parto. Dada a falta de confiabilidade das mudanças físicas e a ampla variação de possíveis comprimentos gestacionais individuais, outros parâmetros foram investigados para prever melhor o dia do parto em éguas. Procedimentos para auxiliar na predição do dia do parto, e que possuem mais acurácia é a mensuração de eletrólitos da secreção mamária em éguas com eutocia, sendo a concentração de cálcio o principal eletrólito; e a mensuração do pH da secreção do úbere através de um peagâmetro ou, atualmente sendo estudado, o teste de pH em fita. O objetivo deste estudo foi avaliar o pH da secreção da glândula mamária comparando dois métodos de mensuração em éguas no pré-parto. Foram utilizadas trinta éguas gestantes SRD durante duas temporadas de parto (2015 e 2016). A mensuração do pH foi realizada utilizando um peagâmetro portátil (Quimis®) e o teste de pH em fita (Fusion®). A secreção da glândula mamária foi coletada após o arraçoamento (16h30min). Para a mensuração por peagâmetro, as amostras foram colocadas em um tubo de ensaio e o eletrodo foi completamente imerso na amostra. O eletrodo foi deixado imerso até obter um valor estável, e registrado. A determinação do pH utilizando o teste em fita foi realizada de acordo com a recomendação do fabricante. Uma pequena tira foi colocada, na posição horizontal, durante dois segundos na secreção da glândula mamária e retirada da amostra. Após a retirada da amostra, aguardou-se 40 segundos, e a mudança da cor da fita foi comparada com o sistema de pontuação colorimétrica fornecido pelo fabricante. A escala da fita varia de 1 a 14, com incremento de 1 unidade. Para análise dos dados relacionados às mensurações do pH, foi utilizado um modelo misto sendo as éguas com efeito aleatório e o tempo com efeito fixo. A correlação entre os dois métodos de mensuração de pH foi realizada por meio de correlação

Momento-produto de Pearson. Foi utilizando o nível de significância de 5%. O pH da secreção mamária diminuiu significativamente (P <0,0001) no dia do parto em comparação com o dia anterior em ambos os métodos. Os dois métodos foram correlacionados (r = 0,92; P <0,0001). Concluímos que o pH da secreção da glândula mamária pode ser utilizado como ferramenta na predição do parto, podendo utilizar os dois métodos.

Palavras-chave: pré-parto, secreção mamária, teste em fita.

68. É POSSÍVEL MELHORAR O SÊMEN EQUINO DE BAIXA QUALIDADE PÓS-REFRIGERAÇÃO?

LORENZO GARRIDO SEGABINAZZI*1; LUIZ ROBERTO PENA ANDRADE1; RAFAEL DOS SANTOS BANDEIRA1; SIDNEI NUNES DE OLIVEIRA1; LUCAS TRONCARELLI RODRIGUES1; CAMILA PAULA FREITAS-DELL`AQUA1; JOSE ANTONIO DELL`AQUA JR1; FREDERICO OZANAM PAPA1; MARCO A ALVARENGA1

1.UNESP - BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:lgseg@hotmail.com

Resumo:

A inseminação artificial (AI) com sêmen refrigerado é uma das biotecnologias mais utilizadas em programas de reprodução assistida de equinos. No entanto, alguns garanhões apresentam uma queda acentuada na qualidade espermática e fertilidade quando o sêmen é submetido a este processo, causando perdas econômicas significantes. O objetivo deste estudo foi determinar a possibilidade de melhorar a qualidade do sêmen já refrigerado, de garanhões considerados "bad coolers". Para isso, dois ejaculados de sete garanhões foram utilizados para este estudo. Foram selecionados garanhões que apresentavam sêmen com < 25% de motilidade total (MT) após 24 horas de refrigeração. Amostras seminais foram obtidas através de vagina artificial e o sêmen diluído em diluente a base de leite desnatado (BotuSemen®, Botupharma, Brasil) até a concentração de 50 x 106 espermatozoides/mL, e logo em seguida armazenado em sistema comercial de refrigeração passiva (Botu-flex®, Botupharma, Brasil) a 5°C/24 horas. Após 24 horas de refrigeração as amostras seminais foram separadas em sete grupos: Controle (CT) – sêmen refrigerado sem manipulação; três grupos onde o sêmen foi manipulado utilizando SpermFilter® (Botupharma, Brasil) para a retirada do sobrenadante e logo em seguida ressuspendido no respectivo diluente: F-BS - ressuspendido em diluente a base de leite desnatado (BotuSemen®, Botupharma, Brasil); F-BT – ressuspendido em diluente a base de leite desnatado contendo pentoxifilina (BotuTurbo®, Botupharma, Brasil); F-BC – ressuspendido com diluente a base de gema de ovo (BotuTurbo®, Botupharma, Brasil); e três grupos onde os espermatozoides foram concentrados através de centrifugação (600 xg/10 min), o sobrenadante descartado e o pellet ressuspendido nos respectivos diluentes: C-BS – ressuspendido em BotuSemen®; C-BT – ressuspendido em BotuTurbo®; C-BC – ressuspendido em BotuCrio®. Após o processamento do sêmen, as amostras foram avaliadas para cinética espermática pelo método computadorizado CASA e integridade de membrana plasmática (IMP) e atividade mitocondrial (AM) por citometria de fluxo. A normalidade dos dados foi avaliada por Shapiro-Wilk test, para os dados paramétricos foi utilizado ANOVA e não-paramétricos Kruskal-Wallis, considerando P<0,05. Foi observado um aumento significativo (P<0,05) nos parâmetros de motilidade total (%; CT – 9,4; F-BS – 28,9; F-BT – 46,7; F-BC – 66,0; C-BS – 36,8; C-BT – 36,6; C-BC – 65,1) e motilidade progressiva (%; CT – 8,8; F-BS – 25,3; F-BT – 46,3; F-BC – 64,6; C-BS – 34,7; C-BT – 33,5; C-BC – 63,7) nos grupos F-BT, F-BC e C-BC em relação ao controle. Na avaliação de espermatozoides rápidos (RAP, %; CT – 7,7; F-BS – 25,7; F-BT – 48,1; F-BC – 64,1; C-BS – 35,4; C-BT – 33,7; C-BC – 63,4), os grupos F-BC e C-BC demonstraram um incremento significativo (P<0,05), e o grupo F-BT mostrou tendência (P=0,058) em comparação ao grupo controle. Diferenças não foram observadas (P>0,05) para IMP, no entanto observou-se um aumento da AM (P<0,05) nos grupos F-BT e F-BC comparados ao controle. Desse modo podemos concluir que foi possível melhorar a qualidade espermática do sêmen de baixa qualidade, após o processo de refrigeração, através da retirada do sobrenadante e ressuspensão em diluente a base de leite desnatado contendo pentoxifilina ou diluente a base de gema de ovo.

Palavras-chave: Bad cooler; sêmen refrigerado; garanhão

69. EFECTO DEL USO DE ACETATO DE DESLORELINA EN LA INDUCCIÓN DE OVULACIÓN DE YEGUAS CABALLO PERUANO DE PASO

ELSA LUCILA CHAVEZ CHAVEZ*1; JUAN CARLOS TELLO BALTODANO1; CARLOS LUNA CABALLERO2

1.UNIVERSIDAD PRIVADA ANTENOR ORREGO, TRUJILLO, PERU; 2.GANADERA MONTE CRISTO SAC, PAIJAN, PERU.

e-mail:elsitalch65_94@hotmail.com

Resumo:

El uso de acetato de deslorelina (AD), un análogo superagonista de la GnRH, se muestra como una muy buena opción para el acortamiento del tiempo de ovulación debido a los resultados positivos reportados. Sin embargo, no existen antecedentes documentados de su uso en Perú, por lo que se realizó un estudio en 16 yeguas cíclicas de Caballo Peruano de Paso en la provincia de Ascope (La Libertad-Perú), entre enero y marzo de 2017, con el fin de evaluar el efecto de la administración de acetato de deslorelina en el tiempo de ovulación y tasa de preñez. Las yeguas fueron distribuidas en un grupo control (CO) y en un grupo experimental (EX), de ocho yeguas cada uno. Éstas fueron examinadas 4 veces por semana mediante ultrasonografía usando un ecógrafo SIUI CTS-800 con transductor lineal de 7 MHz para monitorear el desarrollo folicular hasta la detección de un folículo dominante (FD) de 38 a 40 mm y un grado de edema endometrial de 2 a 3. El mismo día de este hallazgo (día 1), se trató, inmediatamente, a las yeguas EX con 1 ml de Deslorelin (Specialized Performance Compounds LLC. – EE.UU) vía IM (equivalente a 1,75 mg/animal de AD), registrándose la fecha y hora de aplicación. Asimismo, en el día 1 se realizó el primer servicio por inseminación artificial (IA) con semen fresco, tanto a las yeguas del CO como a las yeguas del EX. El semen se colectó minutos antes de realizar el servicio, mediante el uso de una vagina artificial equina modelo Missouri a una temperatura de entre 45 y 52 °C dentro de la cámara interna (determinada mediante un termómetro digital con sonda modelo SODIAL®) previamente lubricada con gel estéril no espermicida. El monitoreo se continuó cada 24 h hasta registrar la ovulación. Para el grupo EX se calculó el tiempo en horas (h) desde la fecha y hora de aplicación de la hormona hasta la observación de un cuerpo hemorrágico (CH). En el grupo CO se tomó como partida la fecha y hora del hallazgo de un FD de 38 a 40 mm para realizar el cálculo del tiempo de ovulación. Sólo el 37,5% de las yeguas del grupo CO ovularon dentro de las 48 h a partir de la detección de un FD; en contraste, el 87,5% de las del grupo EX ovularon entre las 32 y 48 h pos-tratamiento, equivalente a un 87,5% de eficacia de AD para inducir ovulación dentro de las 48 h post-administración, hallazgo que difiere ligeramente de un estudio realizado en Chile, donde reportan 99% de eficacia para la producción de ovulación dentro de las 48 h. Asimismo, una investigación en Australia mostró que el 93,75% de las yeguas ovularon dentro de las 48 h después de la aplicación de BioRelease Deslorelin (Caledonian Holdings). Las diferencias observadas entre los estudios podría deberse a un factor poblacional, ambiental, nutricional o de raza. Se efectuaron, en promedio, 1,75 IA y 1,25 IA por yegua, para el CO y el EX, respectivamente, coincidiendo con trabajos desarrollados en EE.UU, los cuales registraron 1,21 IA por ciclo usando deslorelina en folículos entre 35-39 mm en comparación con 1,39 IA en las yeguas no tratadas. Pese a la ausencia de diferencias estadísticas entre grupos, tanto el presente estudio como los antecedentes existentes comprueban que el disminuir el tiempo de ovulación permite optimizar el uso de los padrillos y las dosis de semen. El diagnóstico de preñez se hizo a los 14 días pos-ovulación. El 50% de las yeguas del CO y el 87% de las tratadas con AD quedaron preñadas, aunque no se observó diferencia estadística entre grupos. Sin embargo, dichos resultados corroboran reportes del 2013, los cuales muestraron que las yeguas tratadas estaban 2,1 veces más predispuestas a quedar preñadas si la ovulación era inducida. Al término del estudio concluimos que la administración de un tratamiento hormonal a base de acetato de deslorelina en el momento de hallazgo de un FD de 38-40 mm reduce considerablemente el tiempo de ovulación, permitiendo efectuar la IA en el momento adecuado y, por lo tanto, reducir el número de servicios sin afectar la tasa de concepción.

Palavras-chave: Yeguas; ovulación; acetato de deslorelina

70. EFEITO DA ADIÇÃO DE ÓLEO ESSENCIAL DE MANJERICÃO A DILUENTE A BASE DE LEITE PARA REFRIGERAÇÃO DE SÊMEN EQUINO

MARIANA LEMOS NAGIB JORGE*1; FERNANDO P LISBOA2; GUILHERME NOVELLO1; LORENZO GARRIDO SEGABINAZZI1; RAFAEL DOS SANTOS BANDEIRA1; MARIANA LUIZA MEZZENA GOBATO1; VERÔNICA FLORES DA CUNHA SCHEEREN1; ERIKY AKIO TONGU1; GABRIEL FERNANDES PAULETTI2; FREDERICO OZANAM PAPA1; JOSE ANTONIO DELL`AQUA JR1

1.FMVZ - UNESP, CÂMPUS DE BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL, CAXIAS DO SUL, RS, BRASIL.

e-mail:marianalnj@hotmail.com

Resumo:

Sabe-se que extratos naturais têm ação antimicrobiana e atividade antioxidante por possuírem concentrações consideráveis de compostos fenólicos, os quais já foram identificados em extratos de manjericão. A aplicabilidade dos extratos de plantas já vem sendo estudada na reprodução de equinos. Sabe-se que alguns óleos essenciais são capazes de controlar o crescimento bacteriano in vitro de amostras coletadas do útero de éguas, porém existem poucos estudos sobre o efeito destes extratos no espermatozoide equino. O objetivo deste trabalho foi avaliar o efeito da adição de óleo essencial de manjericão (Ocimum basilicum) (OEM) no diluente de sêmen equino e seus efeitos sobre a motilidade espermática e integridade de membrana plasmática (IMP) após diluição e refrigeração a 5°C. No primeiro momento foi feita a preparação dos diluentes, iniciando pela dissolução do OEM em meio contendo 30% de dimetilsulfóxido, e posterior adição de três volumes desta solução ao diluente de sêmen a base de leite (Botu-Sêmen®, Botupharma, Botucatu, Brasil). Dessa forma, deu-se origem a três diluentes com diferentes concentrações do OEM (0,1%; 0,01% e 0,001%). Para o experimento, foram utilizados três garanhões, dois ejaculados de cada garanhão, coletados através de vagina artificial modelo Botucatu (Botupharma, Botucatu, Brasil). Após, foram divididos em quatro grupos, cada uma com 500x106 espermatozoides e diluídas até 50x106 espermatozoides/mL, com diluente a base de leite (grupo controle - CT) e diluentes contendo OEM (grupos tratados – OEM 0,1%; OEM 0,01%; OEM 0,001%). As avaliações efetuadas foram de cinética espermática através de análise computadorizada (CASA - HTM-IVOS), considerando os parâmetros de motilidade total (MT), motilidade progressiva (MP) e percentual de espermatozoides com movimentos rápidos (RAP), e integridade de membrana plasmática por microscopia de fluorescência, utilizando sonda a base de carboxifluoresceína e iodeto de propídeo. Uma alíquota de cada amostra foi retirada e mantida à 37ºC para análise 0h, enquanto que as demais foram acondicionadas em caixa isotérmica (Botuflex®) à 5ºC para refrigeração por 24 e 48h. A análise estatística dos dados foi constatada por Shapiro-Wilk Test e estes foram avaliados utilizando ANOVA, considerando $P<0,05$. Observou-se neste experimento que os resultados das concentrações 0,01% e 0,001% de OEM foram similares estatisticamente aos do grupo CT, respectivamente, nos momentos 0h (85,6%; 84%; 84%), 24h (70,2%; 74%; 75%) e 48h (39,6%; 54,8%; 60%) para MT, assim como para os demais parâmetros. Em alguns momentos o grupo 0,01% OEM se mostrou numericamente melhor que o grupo CT para MT e RAP ainda que sem diferença estatística. Para o grupo OEM 0,1% houve diferença estatística em relação aos demais grupos, devido à diminuição em todos os parâmetros avaliados. Com esses resultados conclui-se que a adição de OEM na concentração de 0,1% diminuiu a qualidade seminal, enquanto que nas concentrações de 0,01% e 0,001% em diluente de sêmen equino é factível, tanto para utilização no sêmen fresco quanto para o refrigerado a 5°C por 24 e/ou 48 horas.

Palavras-chave: Espermatozoide; extrato; refrigerado

71. EFEITO DA ADIÇÃO DE SULPIRIDA AO PROTOCOLO DE INDUÇÃO DE DUPLAS OVULAÇÕES EM ÉGUAS

ARIEL BERTOLDI*1; LORENZO GARRIDO SEGABINAZZI2; JOSE ANTONIO DELL`AQUA JR2; MARCO A ALVARENGA2

1.CER - CENTRAL EQUINA DE REPRODUÇÃO, BOITUVA, SP, BRASIL; 2.UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:arielbertoldimv@gmail.com

Resumo:

A elevação do número de ovulações por ciclo tem sido uma das alternativas para se melhorar a eficiência reprodutiva de éguas em programas de transferência de embriões. Duplas ovulações têm sido observadas em cerca de 70% das éguas submetidas ao tratamento com baixas doses de acetato de deslorelina. Diante disso, o objetivo do presente estudo foi verificar o efeito da adição de sulpirida ao tratamento com deslorelina na tentativa de elevar o número de éguas que respondem com duplas ovulações. Dez éguas foram aleatoriamente utilizadas em dois grupos experimentais. No grupo DES (deslorelina) os animais receberam aplicações de 150 µg de deslorelina, IM, a cada 12 horas, a partir da observação de ao menos dois folículos medindo entre 21 e 25mm de diâmetro. O tratamento foi realizado até o segundo maior folículo atingir 32mm de diâmetro, quando se realizou a indução das ovulações com 1.500 UI de hCG (IV). No grupo DES+SULP (deslorelina + sulpirida) o tratamento foi realizado da mesma forma que no grupo DES, porém associado com a administração de 1g de sulpirida, VO, uma vez ao dia, até o momento da indução das ovulações. Em ambos os grupos, os exames ultrassonográficos foram realizados diariamente, a fim de verificar o desenvolvimento folicular bem como as ovulações. Duplas ovulações foram observadas em 70% (7/10) dos animais do grupo DES e 50% (5/10) dos animais no grupo DES+SULP. A porcentagem de ovulações correspondentes ao número de folículos desenvolvidos foi de 81% (17/21) para o grupo DES e 78% (14/18) para o grupo DES+SULP, não sendo observada diferença entre os grupos (p>0,05). Concluímos que a adição da sulpirida ao tratamento com acetato de deslorelina não contribuiu para o aumento nas taxas de duplas ovulações em éguas.

Palavras-chave: égua; sulpirida; dupla ovulação

72. EFEITO DA COENZIMA Q-10 NA FUNCIONALIDADE MITOCONDRIAL DE ESPERMATOZOIDES CRIOPRESERVADOS DE GARANHÕES

RENATA LANÇONI*1; ENEIVA CARLA CARVALHO CELEGHINI1; CARLA PATRICIA TEODORO DE CARVALHO1; GABRIELA BERTAIOLLI ZOCA1; LAURA NATALY GARCIA OLIVEROS1; LEONARDO BATISSACO1; RUBENS PAES DE ARRUDA1

1.FMVZ-USP, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL.

e-mail:renata.lanconi@yahoo.com.br

Resumo:

A Coenzima Q-10 (CoQ-10) é uma molécula pequena e hidrofóbica, consequentemente, ela é livremente difusível dentro da bicamada lipídica da membrana mitocondrial interna e capaz de movimentar equivalentes redutores entre outros carregadores de elétrons e prótons, portanto, a CoQ-10 desempenha um papel crucial na bioenergética celular atuando como um cofator na cadeia de transporte de elétrons na mitocôndria (cadeia respiratória), sendo assim essencial para a produção de energia em forma de ATP. Levando-se em consideração a problemática que envolve o sêmen criopreservado de garanhões, como alta variabilidade na qualidade das congelações e taxas de prenhez ainda menores quando comparadas com sêmen in natura ou refrigerado, este trabalho teve como objetivo melhorar a funcionalidade mitocondrial do sêmen criopreservado de garanhões. Para isso, foram utilizados 5 ejaculados de 7 garanhões (n=35). Cada ejaculado foi separado em 3 tratamentos: controle (diluidor de congelação BotuCrio®- Botupharma, Botucatu, Brasil); 1 mM de CoQ-10 e 50 µM de CoQ-10 (adicionada nas respectivas concentrações ao mesmo diluidor utilizado no tratamento controle). Em seguida, o sêmen foi criopreservado em sistema automatizado TK 3000® e analisado pós-descongelação. As variáveis analisadas foram motilidade total (MOT), motilidade progressiva (MOTPR) e porcentagem de células rápidas (RAP) pelo sistema CASA (HTM-IVOS, versão 12.3, Hamilton Thorn Research, Beverly, Massachusetts, USA), além de funcionalidade mitocondrial pela técnica citoquímica baseada na oxidação da 3,3 diaminobenzidina (DAB) pelo Complexo Citocromo C, em uma reação em cadeia na qual o reagente é polimerizado e se deposita nos locais onde ocorre a reação, ou seja, se restringe à mitocôndria. Foram contados 200 espermatozoides por amostra e classificados em 4 categorias: DAB 1- espermatozoides com peça intermediária totalmente corada, com praticamente todas as mitocôndrias ativas,

indicando alta atividade mitocondrial; DAB 2- espermatozoides com mais da metade das mitocôndrias coradas, indicando atividade mitocondrial média a alta; DAB 3- espermatozoides com menos da metade das mitocôndrias coradas, indicando baixa atividade mitocondrial e DAB 4- espermatozoides com peça intermediária totalmente descorada, indicando ausência de atividade mitocondrial. Os dados foram analisados quanto a normalidade dos resíduos e comparações entre os tratamentos foram realizadas pelo procedimento MIXED do programa SAS (versão 9.3), as diferenças estre os tratamentos foram encontradas pelo Teste de Tukey. Foi considerada diferença significativa quando P≤0,05. Os resultados para as características de MOT, MOTPR e RAP foram semelhantes entre os tratamentos. A adição de 1 mM CoQ-10 apresentou maior (P□0,05) quantidade de células com alta funcionalidade mitocondrial (DAB 1) (66,14 ± 1,71) do que o controle (60,78 ± 1,85). Portanto, pode-se concluir que a adição de CoQ-10 na concentração de 1 mM ao diluidor de congelação melhora a funcionalidade mitocondrial do sêmen criopreservado de garanhões.

Palavras-chave: Antioxidantes ; criopreservação ; espermatozoide equino

73. EFEITO DE DIFERENTES MEIOS DILUENTES NA REFRIGERAÇÃO DO SÊMEN ASININO (EQUUS ASINUS)

LUCAS TRONCARELLI RODRIGUES*1; LUCAS EMANUEL FERREIRA CANUTO1; THAÍS MENDES SANCHES CAVALERO1; SIDNEI NUNES DE OLIVEIRA1; FELIPE ERISON MEDRADO ROCHA DE SOUSA1; VERÔNICA FLORES DA CUNHA SCHEEREN1; MARCO A ALVARENGA1; JOSE ANTONIO DELL`AQUA JR1; FREDERICO OZANAM PAPA1

1.FMVZ-UNESP,BOTUCATU/SP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:lucastroncarellirodrigues@gmail.com

Resumo:

A refrigeração do sêmen asinino não tem resultados satisfatórios quando é submetido a refrigeração a 5ºC por 24 horas em diluentes a base de leite desnatado. Essa peculiaridade da espécie asinina em relação a equina ainda não é bem compreendida. Apesar de suas evoluções serem próximas, o sêmen asinino apresenta resultados distintos com diferentes meios de diluentes utilizados em equinos. O objetivo deste estudo foi avaliar as características seminais do sêmen asinino após ser submetido a refrigeração a 5ºC por 24h em diferentes substâncias presentes nos diluentes de refrigeração e congelação. Para isso, 10 ejaculados de diferentes jumentos da raça Pega com idade variando de quatro a dez anos de idade foram utilizados. O ejaculado foi colhido em vagina artificial, filtrado para remoção do gel, dividido em três partes e diluído em Botu-Sêmen Special® (BS - base de leite desnatado), Botu-Sêmen Gold® (BG - caseína) e Botu-Crio® (BC - gema de ovo), todos em uma concentração de 50x106 spzt/ml. A refrigeração foi realizada em caixa isotérmica (Botuflex®) a 5ºC por 24 horas. As características de cinética espermática foram avaliadas pela análise computadorizada CASA (Hamilton-ThorneTM) e integridade de membrana plasmática utilizando sondas de carboxifluoresceína e iodeto de propídio em microscopia de epifluorescência nos tempos T0 e 24 horas após refrigeração (T24). A analise estatística foi inicialmente verificada quanto a normalidade dos dados pelo teste de Kolmogorov-Smirnov, seguida da ANOVA com teste de Tukey, com significância de 5%. Os resultados demonstraram que a cinética espermática e integridade de membrana plasmática não diferiram estatisticamente em T0. No entanto, após 24h de refrigeração as amostras diferiram quanto a motilidade total em BS (70 ± 6,7c), BG (80 ± 5,5b) e BC (87 ± 5,9a), motilidade progressiva (34 ± 4,7y, 40 ± 5,2x, 41 ± 9,5x), e porcentagem de espermatozoides rapidos RAP (56 ± 9,5B, 67 ± 6,7A, 73 ± 12,5A), sendo que BS apresentou valores significativamente inferiores aos obtidos em BG e BC, respectivamente. A integridade de membrana plasmática foi maior no BC (80 ± 3,7X) em relação ao BS (65 ± 7,2Y) e BG (65 ± 10,1Y). Observamos que o sêmen de asinino não interage bem com diluente a base de leite desnatado, pois os valores de cinética espermática sempre foram inferiores quando comparados ao BG e BC. No entanto, o BC, o mesmo utilizado para criopreservação de sêmen equino com crioprotetor e gema de ovo em sua composição, mostrou superioridade na preservação da membrana plasmática em relação aos demais diluentes de refrigeração, sendo que isto não e observado quando se utiliza este diluente no transporte de sêmen equino. Este fato sugere que o sêmen de jumentos apresenta comportamento diferente dos observados no sêmen

de garanhões em relação as substâncias presentes nos diluentes. Futuros estudos com diferentes meios diluentes e testes de fertilidade são necessários para uma melhor padronização do sêmen asinino.

Agradecimentos: FMVZ-UNESP, Botucatu e a Botupharma pelo fornecimento de meios diluentes.

Palavras-chave: Diluente; jumento; refrigeração

74. EFEITO DO ÁCIDO MEFENÂMICO SOBRE A MOBILIDADE, VELOCIDADE E TEMPO DE PERMANÊNCIA DO EMBRIÃO EQUINO NO ÚTERO

VERIDIANA DE PAULA ANDRADE*1; CAROLINA TIEMI CARDOSO OKADA1; CAMILA PAULA FREITAS-DELL`AQUA1; FREDERICO OZANAM PAPA1; MARCÍLIO NICHI2; CLAUDIA BARBOSA FERNANDES3; MARCO A ALVARENGA1

1.FMVZ- UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO /USP, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO/ USP, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:vet_veriandrade@hotmail.com

Resumo:

Um dos fatores do reconhecimento materno da gestação na espécie equina é a mobilidade embrionária e o próprio concepto é o responsável por sua movimentação no ambiente uterino, isso ocorre porque o embrião sintetiza as prostaglandinas PGI-2, PGE-2 e PGF-2α, que produzem estímulos químicos que atuam sobre contração miometral, impulsionando a vesícula ao longo do lúmen uterino. Com o propósito de reduzir a inflamação após a transferência de embriões em éguas, o uso do anti-inflamatório não esteroide flunixin meglumine (FM) é comumente utilizado, contundo, este interfere negativamente na migração do embrião e taxas de prenhez. Por outro lado, o uso do ácido mefenâmico (AM) mostrou-se eficiente em elevar as taxas de prenhes em éguas receptoras de embrião assincrônicas e inibe menos a produção de prostaglandinas quando comparado ao FM. Diante do exposto acredita-se que o AM pode interferir menos na mobilidade embrionária. O trabalho teve como objetivo elucidar a movimentação do embrião no útero e analisar o efeito do AM 1,5g/por animal V.O sobre a mobilidade. O útero foi dividido em 9 segmentos representados em desenho esquemático e após a vesícula embrionária ser identificada a mesma era marcada no local correspondente. No presente experimento foram utilizadas 10 éguas e estas foram avaliadas pelo método de ultrassonografia transretal seriada a cada 5 minutos durante uma hora. A primeira avaliação ultrassonográfica seriada foi nomeada momento controle, a segunda denominada momento tratado foi realizada 2 horas após a administração do AM e 24 horas após o tratamento foi realizada a terceira avaliação ultrassonográfica com o intuito de verificar efeito residual. Os dados da mobilidade embrionária foram avaliados utilizando o sistema para SAS System for Windows. As diferenças entre os tratamentos foram analisadas usando teste paramétrico de Duncan e não paramétrico Wilcoxon. A velocidade de deslocamento do embrião pelos segmentos uterinos foi mais lenta no momento tratado em média 3 movimentos por hora (m/h), momento controle 6 m/h e 24h após 5 m/h ($p<0.05$). O tempo médio de permanência do concepto nos segmentos uterinos variou menos no controle 0.10 minutos (min), tratado 0.05 min e 24h 0.08 min ($p<0.05$). A mobilidade embrionária independente dos momentos esteve mais concentrada no segmento cranial do corpo uterino e segmento caudal do corno ($p<0.05$). Em conclusão o ácido mefenâmico reduz os movimentos executados pelo embrião.

Palavras-chave: Anti-inflamatório não esteroide; mobilidade embrionária; ácido mefenâmico

75. EFEITO DO PLASMA SEMINAL HOMÓLOGO DE GARANHÃO "GOOD FREEZER" SOBRE A CINÉTICA ESPERMÁTICA DE GARANHÃO "BAD FREEZER" PÓS DESCONGELAMENTO

LUIZA RICCETTO*1; FREDERICO OZANAM PAPA1; LUCAS EMANUEL FERREIRA CANUTO1; SIDNEI NUNES DE

OLIVEIRA1

1.FMVZ UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:luizariccetto@uol.com.br

Resumo:

É disseminado na reprodução da espécie equina o uso de sêmen refrigerado, devido a necessidade de transporte e aceitabilidade dos criadores diante da fertilidade satisfatória. Por outro lado, o sêmen congelado ainda possui barreiras a serem ultrapassadas, uma vez que nem todos os animais possuem sêmen resistente ao estresse causado pelo processo de congelação. O sêmen pode ser dividido em duas frações: celular, que são os espermatozoides e compõem menos que 1% do volume total e acelular, sendo a última genericamente denominada plasma seminal (PS). Há variações quanto a sua composição, não somente entre as espécies e os indivíduos, mas também, entre ejaculados do mesmo garanhão. Foi demonstrado que o uso do PS no congelamento do sêmen está associado a ocorrência de efeitos deletérios que levam a perda da qualidade espermática no fim do processo, de forma que atualmente preconiza-se a retirada deste composto em processos de armazenamento de sêmen. Na monta natural, entretanto, o plasma seminal possui um papel fundamental para a manutenção dos espermatozoides no trato da fêmea, capacitação espermática, modulação da inflamação uterina e ação antioxidante. Além disso, foi identificado variação no perfil proteico deste composto em animais férteis e subférteis. Desta forma, objetivou-se avaliar os efeitos associados a adição de PS de garanhão "good freezer" sobre a cinética espermática, pós descongelação, de sêmen de garanhão "bad freezer". Foram utilizados dois animais, com idade entre 15 e 20 anos, ambos com fertilidade comprovada, sendo um da raça Hanoveriana que apresenta boa resistência ao processo de congelação sendo classificado como "good freezer" e um Mangalarga Marchador, "bad freezer", que apresenta baixa qualidade espermática após a descongelação. Para obtenção do PS realizou-se a colheita de sêmen de ambos garanhões com vagina artificial modelo Botucatu (Botupharma® Ltda-Botucatu-Brasil), sendo o ejaculado centrifugado inicialmente a 600xg por 10 minutos, e o sobrenadante obtido posteriormente com força de 10000xg por mais 20 minutos, o sobrenadante final foi armazenado em criotubos e então mantido em freezers a temperatura entre -18 a -20°C. Foram colhidos 5 ejaculados do garanhão "bad freezer" e cada um dividido em 3 alíquotas. Como diluente de centrifugação foi utilizado BotuSêmenSpecial (BSS) Botupharma® na proporção de 1:1, obtendo-se os seguintes grupos: (G1) diluição com BSS; (G2) BSS + 20% PS autólogo e (G3) BSS + 20% PS homólogo. As amostras ficaram incubadas por 10 minutos antes da centrifugação, foram ressuspendidas com diluente de congelação (BotuCrio-Botupharma®) e congeladas 5 palhetas de 0,5mL por grupo com concentração de 100 milhões de espermatozoides viáveis/mL, descongeladas em banho maria a 46°C/20 segundos e analisadas quanto a cinética espermática pelo método de análise computadorizada - CASA (motilidade total, progressiva e rápidos) e a integridade da membrana plasmática pela epifluorescência. As análises estatísticas foram realizadas por meio do programa computacional Instat 5.0 (GraphPad Software Inc, USA), sendo as análises laboratoriais das características espermáticas dos grupos estudados efetuadas por análise de variância (ANOVA). Nenhuma diferença estatística (P>0.05) foi observada em motilidade total (%, G1=59,4±10,5 vs G2=64,9±10,1 vs G3=62,0±8,0), motilidade progressiva (%, G1=17,8±7,5 vs G2=17,6±7,2 vs G3=18,8±5,9), espermatozoides rápidos (%, G1=32,8±11,4 vs G2=34,6±11,2 vs G3=37,4±9,5) e integridade de membrana (%, G1= 40,6±10,0 vs G2= 41,8±5,1 vs G3=45,6±6,0) entre os grupos. A adição de PS autólogo e homólogo de garanhão "good freezer" em sêmen de "bad freezer" não evidenciou melhorias nas características de cinética espermática e integridade de membrana do sêmen descongelado, contudo, é importante ressaltar que não foi observado prejuízos associados ao seu uso sobre os parâmetros avaliados.

Palavras-chave: Sêmen equino ; criopreservação; plasma seminal

76. EFEITOS DO "SUPERCOOLING" SOBRE CARACTERÍSTICAS ESPERMÁTICAS DE GARANHÕES

CARLA PATRICIA TEODORO DE CARVALHO1, ENEIVA CARLA CARVALHO CELEGHINI2, GUILHERME PUGLIESI3, RENATA LANÇONI1, GABRIELA BERTAIOLLI ZOCA1, GABRIEL DE CARLI DOS SANTOS1, LAURA NATALY GARCIA OLIVEROS2, DANILO FRANÇA DE SOUZA1, THYAGO ESCODRO DÉRCOLI1, RUBENS PAES DE ARRUDA1*

1 LABORATÓRIO DE BIOTECNOLOGIA DO SÊMEN E ANDROLOGIA, DEPARTAMENTO DE REPRODUÇÃO ANIMAL, FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP), PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL. 2LABORATÓRIO DE ENSINO E PESQUISA EM PATOLOGIA DA REPRODUÇÃO, DEPARTAMENTO DE REPRODUÇÃO ANIMAL, FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP), PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL. 3LABORATÓRIO DE FISIOLOGIA E ENDOCRINOLOGIA MOLECULAR, DEPARTAMENTO DE REPRODUÇÃO ANIMAL, FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP), PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL.

e-mail:arrudarp@usp.br

Resumo:

Determinar o momento do processo de congelação pelo qual o espermatozoide está mais suscetível às injúrias seria importante passo para o progresso do processo de congelação. Quando a temperatura fica abaixo do ponto de congelação e antes que haja a formação de cristais de gelo ocorre um fenômeno chamado supercooling, o qual pode provocar efeitos adversos sobre nas células. O trabalho teve como objetivo avaliar os efeitos do supercooling sobre as características de movimento espermático por intermédio das análises da motilidade espermática pelo sistema computadorizado-CASA, a integridade das membranas plasmática, acrossomal, potencial mitocondrial e estrutura da cromatina por meio de microscopia de epifluorescência. As colheitas de sêmen foram realizadas com vagina artificial modelo Botucatu® (Botupharma Botu-catu/ME Ltda., Botucatu, SP, Brasil) e, logo após a colheita, cada ejaculado foi filtrado e diluído (1:1) em diluidor a base de leite desnatado (BotuSêmen®, Botu-Pharma, Botucatu, Brasil) e as características seminais foram avaliadas imediatamente no sêmen in natura diluído quanto ao motilidade (%), vigor (1-5), concentração (106/mL). Posteriormente, a diluição em diluidor a base de leite desnatado, foi realizada a centrifugação a 500xg durante 12 minutos. Após a centrifugação, o pellet obtido foi suspendido com diluidor para congelação (Botu-Crio®-Botupharma Botucatu/ME Ltda., Botucatu, SP, Brasil) em temperatura ambiente (±22°C), resultando na concentração de 100x106 espermatozoides/palheta. O sêmen foi envasado em palhetas de 0,5mL com concentração de 100x106 espermatozoides/palheta e submetidos a uma curva de congelação1 (rápida; -0,25°C/min de 22°C até 5°C, com período de 20 minutos para estabilização, -33°C/min de 5°C até -80°C e, -10°C/min de -80°C para -120°C) e a outra curva 2 (lenta; -0,25°C/min de 22°C até 5°C, com período de 20 minutos para estabilização, -15°C/min de 5°C até -80°C e, -10°C/min de -80°C até -120°C) e descongelação foi realizada durante 30 segundos a 37°C, para isto, foram utilizadas duas máquinas de congelação modelo TK 3000. Foram realizadas avaliações no sêmen in natura diluído, 5°C, -55°C e -196°C. O momento pelo qual consideramos que ocorre o supercooling foi de 0°C até -55°C. Foram retiradas duas palhetas de sêmen de cada tratamento de uma mesma partida no momento da avaliação. Para realização do experimento foram utilizados 4 garanhões com 6 repetições. Os dados obtidos dos procedimentos experimentais foram analisados com auxílio do software Statistical Analysis System for Windows SAS®, versão 9.3 (SAS, 2005). Não foram observadas diferenças estatísticas (P>0,05) entre as curvas de congelação no supercooling, para motilidade total (curva 1: 64,4±5,0 e curva 2: 58,1±4,8), motilidade progressiva (curva 1: 31,1±4,1 e curva 2: 31,1±4,2), membranas plasmática (curva 1: 46,7± 2,7 e curva 2: 37,8±2,3), acrossomal (curva 1:83,8±0,8 e curva 2: 81,2±1,2) mitocondrial (curva 1:45,6±2,7 e curva 2: 36,5±2,1) e integridade da cromatina (curva 1: 0,4±0,1 e curva 2: 0,3±1,2). Estudos sugerem que a curva de congelação rápida é a que melhor otimiza a criopreservação de qualquer sistema celular por reduzir a formação de gelo intracelular, no entanto, não conseguimos observar diferença entre as duas curvas de congelação utilizadas, no intervalo onde ocorreu o supercooling, para as características avaliadas e técnicas utilizadas. Apesar de não encontrarmos diferenças estatísticas em nosso estudo, a relação supercooling e criopreservação de espermatozoides equinos é um tema que merece mais estudos para seu melhor entendimento.

Agradecimentos: CAPES; FAPESP (2016/14626-7).

Palavras-chave: Supercooling; espermatozoide; congelação; garanhões.

77. EXPRESSÃO DE COX-2 NO ENDOMÉTRIO DE ÉGUAS RESISTENTES E SUSCEPTÍVEIS A ENDOMETRITE E SUA RELAÇÃO COM A CONTAGEM DE NEUTRÓFILOS E TAXA DE CONCEPÇÃO

LORENZO GARRIDO SEGABINAZZI*1; AIMÊ DE MEDEIROS FRISO1; ANDRÉ MACIEL CRESPILHO2; JORDI MIRÓ3; JOSE ANTONIO DELL`AQUA JR1; FREDERICO OZANAM PAPA1; MARCO A ALVARENGA1

1.UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL; 2.UNISA, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 3.AUTONOMOUS UNIVERSITY OF BARCELONA, BARCELONA, ESPANHA.

e-mail:malvarenga.fmvz.unesp.br@gmail.com

Resumo:

A endometrite é uma das principais afecções que acomete os equinos, sendo considerada a principal causa de infertilidade nessa espécie. Essa afecção é caracterizada por uma inflamação endometrial com exacerbada infiltração de neutrófilos (PMNs) para o lúmen uterino, edema endometrial acentuado e presença de fluido no interior do útero, devido a falhas no clearence desses animais. Assim, o objetivo do presente estudo foi correlacionar a expressão de COX-2, contagem de PMNs e taxas de concepção em éguas susceptíveis e resistentes a endometrite. Para este estudo foram utilizadas 46 éguas, com idade entre 8-20 anos triadas a partir de cultura e citologias negativas antes do início do experimento. Os animais foram avaliados diariamente por palpação retal e ultrassonografia e a indução da ovulação (250 µg de acetato de histrelina, Strelin®, Botupharma, Brasil) realizada quando um folículo ≥35 mm e edema uterino eram observados. 24 horas após a indução os animais foram inseminados com sêmen fresco (800 x 106 espermatozoides totais) de um único garanhão com histórico conhecido de fertilidade. Amostras de citologia e biópsia endometrial foram coletadas 24 horas após a inseminação artificial (IA) e o diagnóstico de gestação realizado através de ultrassonografia transrectal 14 dias após a ovulação. Foram consideradas susceptíveis as éguas que apresentaram fluido uterino (>10 mm) e exacerbada contagem de PMNs na citologia uterina (>20%) 24 horas após a IA, e resistentes os animais que não apresentaram fluído uterino e ≤5% de PMNs na citologia endometrial 24 horas pós-IA. A expressão de COX-2 foi avaliada através de imunohistoquímica e um score de classificação foi utilizado para estimar a intensidade, o número e a localização das marcações (0 – negativo; 1 – leve; 2 – moderado; 3 – severo). A relação entre a contagem de PMNs e expressão de COX-2 com os índices de concepção foram analisados através de teste de regressão linear múltipla; adicionalmente a possível associação entre COX-2 e PMNs foi avaliada através de teste de correlação Pearson (P<0,05). Foi observada correlação positiva e de média intensidade (r=0.6) entre PMNs e COX-2, sendo que ambas as variáveis interferiram negativamente nas taxas de concepção da IA (PMNs: P<0,0001; COX-2: P<0,05). Éguas susceptíveis e resistentes difeririam (P<0,05) em todos os parâmetros avaliados (PMNs: 47% e 4%; COX-2: 3 e 2; taxa de concepção: 31% e 71%; respectivamente). Dessa forma, conclui-se que há relação positiva entre a contagem de PMNs e a expressão de COX-2 no endométrio de éguas e que o aumento desses marcadores inflamatórios influência negativamente as taxas de concepção. Ainda, pode-se observar que éguas susceptíveis, além de uma maior contagem de PMNs, também apresentam uma exacerbada expressão endometrial de COX-2 em relação as resistentes, interferindo também na taxa de fertilidade desses animais.

Palavras-chave: Equinos; eppc; fertilidade

78. EXPRESSÃO DO NFKIB NO TRATO REPRODUTOR MASCULINO DE EQUINOS

BIBIANA BÜRGER*1; LUCIANA SEEGER BORTOLUZZI2; MARCELO BARCELOS ROCHA2; MICAEL FELICIANO MACHADO LOPES1; MARIA INÊS JOBIM2; NÉLSON ALEXANDRE KRETZMANN FILHO1; RODRIGO COSTA MATTOS2

1.CENTRO UNIVERSITÁRIO RITTER DOS REIS, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL.

e-mail:bibianaburger@hotmail.com

Resumo:

Os pesquisadores vêm se dedicando e aprimorando o estudo da reprodução equina desde o início do século passado. De um modo geral, o garanhão representa metade da equação reprodutiva. Entretanto, é importante ressaltar que apenas recentemente aspectos reprodutivos ligados ao equino macho estão recebendo maiores estudos com devida atenção quando comparados aos avanços e estudos sobre a reprodução na égua.O entendimento da fisiologia reprodutiva clássica é fundamental. Todavia, a compreensão completa da função testicular exige um estudo aprofundado sobre a expressão gênica, entendendo os mecanismos genéticos que controlam a produção de espermatozoides. A espermatogênese não engloba somente a transformação das células germinativas em células diferenciadas e especializadas, os espermatozoides. Contudo, também envolve modificações de transcrição intracelulares. O produto final da espermatogênese possui um acrossoma com mRNA dentro do citoplasma que provavelmente tem implicações na fertilidade .Para compreendermos os processos que ocorrem nos testículos, devemos utilizar ferramentas moleculares.O Fator de Transcrição Nuclear kappa B (NF-KB) é fator de transcrição que desempenha importante e determinante papel, tanto em situações normais como na coordenação de respostas adaptáveis, regulando a expressão de muitos mediadores celulares . O objetivo do trabalho é contribuir para o melhor entendimento da espermatogênese no garanhão através do conhecimento de proteases relacionadas com a remodelação tecidual, as migrações celulares e as interações entre as células através da quantificação da expressão gênica di NFKBIB entre os tecidos analisados: testículo; cabeça, cauda e corpo do epidídimo; glândulas sexuais acessórias: próstata, vesícula seminal, ampola e bulbo uretral.O experimento foi realizado no Laboratório de Reprodução Animal UFRGS (REPROLAB), Laboratório de Tecnologias do Sêmen e Proteínas na Reprodução animal UFRGS e Laboratório de Imunologia Veterinária UFRGS.Forão coletados tecidos de garanhões, sem distinção por idade ou raça, com histórico reprodutivo desconhecido. As amostras erão provindas de abatedouro comercial, e os tratos reprodutivos completos forão retirados obedecendo às técnicas convencionais estabelecidas pelos frigoríficos. Todo o trato reprodutor masculino do garanhão foi recebido logo após o abate; recebendo identificação. Inicialmente foi realizada uma avaliação macroscópica. Não havendo alterações, foram seccionados fragmentos teciduais do testículo; da cabeça, corpo e cauda do epidídimo; das glândulas anexas: próstata, vesícula seminal, ampola e bulbo uretral. Os tecidos selecionados serão destinados à técnica de reação em cadeia da polimerase em tempo real (RT- qPCR). A partir da obtenção das amostras teciduais, estas serão postas em contato com o líquido de preservação RNAlater® (Life Technologies), armazenadas sob refrigeração durante a coleta no frigorífico e transporte até o laboratório, e após serão congeladas em freezer a -80°C.A execução dos PCRs em tempo real proveu dados de amplificação, CT (cycle threshold) que foram calculados através da fórmula DELTA CT, utilizando o gene da b-Actina como normalizador. Todas as 7 (sete) porções do trato reprodutor masculino estudadas apresentaram expressão gênica do NFKBIB. A porção que apresentou menor expressão foi a do testículo (1,8+1,8) e a porção com maior expressão foi a cauda do epidídimo (4,9+2,1). O epidídimo nas suas três porções apresentou aumento gradual de expressão onde foi de 3,7+1,2 na cabeça, 3,9+1,6 no corpo à 4,9+2,1 na cauda. A região fora da bolsa escrotal apresentou nova diminuição da expressão gênica do NFKBIB, sendo na próstata 3,5+2,0 e na vesícula 2,5+1,2. A porção final da ampola apresentou pequeno aumento da expressão gênica do NFKBIB 3,2+1,8.

Palavras-chave: Nfkibib; garanhão; real time pcr

79. FITOTERÁPICOS COMO ALTERNATIVA DE CONTROLE PARA BACTÉRIAS CAUSADORAS DE VESICULITE SEMINAL EM GARANHÕES

FERNANDO P LISBOA*1; GABRIEL VICTORIA MARTINS1; VERÔNICA FLORES DA CUNHA SCHEEREN2; GUILHERME NOVELLO2; ANA PAULA LONGARAY DELAMARE1; GABRIEL FERNANDES PAULETTI1; FREDERICO OZANAM PAPA2; JOSE ANTONIO DELL`AQUA JR2

1.UCS - CAXIAS DO SUL/RS, CAXIAS DO SUL, RS, BRASIL; 2.UNESP - BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:pxlisboa@gmail.com

Resumo:

A vesiculite seminal é uma importante causa de infertilidade em garanhões, sendo considerado um grande desafio

para os veterinários em função das dificuldades de diagnóstico e tratamento. Além disso, são comuns casos de recidivas, contaminação de fêmeas com agentes patogênicos e redução da viabilidade espermática pela liberação de espécies reativas de oxigênio. A avaliação clínica, palpação retal e ultrassonografia podem ser insuficientes para a determinação de um diagnóstico preciso, sendo necessária a utilização da endoscopia para a avaliação e colheita de material diretamente da glândula. A principal forma de tratamento utilizada nestes casos é a antibióticoterapia, sistêmica ou local. No entanto, a aplicação sistêmica muitas vezes é ineficaz, já que baixas concentrações de antibióticos atingem as glândulas, fazendo com que os tratamentos sejam instituídos por longos períodos sem sucesso. Mesmo que a terapia local com antibiótico seja considerada a melhor alternativa por muitos autores, em ambos os casos têm-se o risco de desenvolvimento de resistência bacteriana pelo uso indiscriminado de antibióticos. O efeito antimicrobiano de fitoterápicos está amplamente descrito em estudos aplicados a diversas espécies, e já demonstrou bons resultados in vitro no controle de bactérias patogênicas do trato reprodutivo de fêmeas. Os compostos naturais apresentam baixa probabilidade de geração ou seleção de resistência devido a sua complexidade química e forma de ação, além disso, são comuns na natureza. Nesse contexto, o presente estudo teve como objetivo avaliar o efeito antimicrobiano in vitro dos óleos essências de Alecrim (Rosmarinus officinalis), Araçá (Psidium cattleianum) e Manjericão (Ocimum basilicum) frente a duas cepas bacterianas isoladas da vesícula: Pseudomonas sp. (V1) e Pseudomonas sp. (V2); e duas do ejaculado: Streptococcus agalactae (E1) e Corynebacterium sp. (E2); de dois garanhões acometidos por vesiculite seminal. As amostras da vesícula foram colhidas através do uso de vídeoendoscópio flexível, onde foi instilado um volume de 60 a 100 ml de ringer Lactato dentro da vesícula, sendo este volume recuperado através de bomba de sucção em um tubo falcon estéril. As amostras do sêmen foram colhidas com o auxílio de um swab estéril, sendo acondicionado em meio Stuart. Os swabs foram semeados em meios ágar sangue e Macconkey, sendo mantidas a 37ºC por 24 horas. Após isolamento, as bactérias foram identificadas por métodos bioquímicos. A determinação do percentual de inibição (PI) para cada bactéria foi realizada através de teste de diluição em microplacas associado à leitura espectrofotométrica. Para o cálculo do PI, as leituras densitométricas das amostras com óleo foram comparadas com o crescimento na ausência deste, e expressas na forma de percentual, considerando PI superior ou igual a 90% como concentração inibitória mínima (CIM). Foram testadas as concentrações 30; 15; 7,5; 3,75; 1,875; 0,9375; 0,46875 e 0 µL/mL de óleo. Como controle positivo, foi realizado antibiograma pela técnica de difusão em disco. Os resultados demonstraram que os óleos de Alecrim, Araçá e Manjericão atingiram PI superior a 90% nas concentrações 30, 15 e 7,5 µL/mL para todas as bactérias testadas. A concentração de 3,75 foi eficaz para a maioria das bactérias nos óleos de araçá e manjericão, enquanto que concentrações inferiores não foram suficientes para inibir o crescimento bacteriano. O conjunto de resultados permite concluir que óleos essenciais de plantas possuem potencial para inibir o crescimento de bactérias causadoras de vesiculite em garanhões, entretanto, mais estudos estão sendo conduzidos para avaliar a possibilidade de aplicação in vivo destas substâncias.

Palavras-chave: Vesiculite; equinos; fitoterápicos

80. FLUXO SANGUÍNEO LUTEAL E SECREÇÃO DE PROGESTERONA EM ÉGUAS TRATADAS COM DIFERENTES PROTOCOLOS DE INDUÇÃO DE OVULAÇÃO.

ERIKY AKIO TONGU*1; LORENZO GARRIDO SEGABINAZZI1; ARIEL BERTOLDI1; RENATA CRISTINA ULIANI1; MARCO A ALVARENGA1; EUNICE OBA2

1.UNESP BOTUCATU, SAO PAULO, SP, BRASIL; 2..

e-mail:eriky_tongu@live.com

Resumo:

Estratégias para melhorar a funcionalidade do corpo lúteo (CL) e prevenir a perde embrionária precoce são interessantes. A utilização da gonadotrofina coriônica humana (hCG) e análogos de GnRH podem auxiliar como adjuvantes luteotróficos, acelerando o desenvolvimento do CL, aumentando o seu fluxo sanguíneo e as concentrações de progesterona (P4) no diestro. Entretanto a utilização desses agentes ainda é controversa. O objetivo desse

trabalho foi definir se diferentes indutores de ovulação interferem na concentração de P4 e fluxo sanguíneo do CL. Foram realizados dois experimentos. No experimento 1 foram utilizadas 15 éguas in crossover design utilizando três diferentes protocolos para indução da ovulação: Controle – sem indução da ovulação; Deslorelina – ovulação induzida com 1mg de acetato de deslorelina (Sincrorrelin, Ouro Fino, Brazil) por via intramuscular (IM); hCG+Deslorelina – ovulação induzida com 1mg de acetato de deslorelina e 1.000UI de hCG (Chorulon®, MSD Saúde Animal, Brazil). As amostras de sangue para mensuração de P4 foram coletadas no momento da indução da ovulação (D-2); No dia da ovulação (D0), dois dias pós ovulação (D2) e quatro dias pós ovulação (D4). Também foram mensuradas por ultrassonografia o tamanho dos folículos pré ovulatórios um dia antes da ovulação. No experimento 2 foram utilizadas 17 éguas in crossover design utilizando três diferentes protocolos para indução da ovulação. Grupo hCG - A indução da ovulação foi realizada com 1500UI de hCG; Deslorelina - A indução da ovulação foi realizada com a utilização de 1 mg de acetato de deslorelina (Sincrorrelin®, Ouro Fino, Brasil); hCG+Deslorelina - A indução da ovulação foi realizada com a utilização de 1 mg de acetato de deslorelina e 1.000 UI de hCG (Chorulon®, MSD Saúde Animal, Brasil). A avaliação por ultrassonografia doppler foram realizadas no momento da indução da ovulação (D-2) e cinco dias pós ovulação (D5). Para mensurações de P4 o sangue foi coletado no D5. Nos dois experimentos a indução da ovulação foi realizada quando um folículo > 35 mm era observado e apresentando edema uterino grau 3. As concentrações de P4 foram mensuradas utilizando radioimunoensaio com kit comercial (Beckman Coulter Company). A perfusão vascular do folículo pré-ovulatório e CL foi avaliada pela função Power Doppler, considerando-se a porcentagem (0% - 100%) do folículo e tecido luteínico com sinais de Doppler colorido durante a geração de imagens em tempo real e exame contínuo com um mínimo de varredura de 1 minuto. No experimento 1 o diametro dos foliculos pré ovulatorios foram maiores (P<0,05) no grupo controle comparado ao grupo deslorrelina e deslorrelina+hCG. As concentrações de P4 não foram diferentes (P>0,05) entre os grupos no D-2, D2 e D4. Entretanto pudemos observar no D0 uma maior concentração de P4 (P<0,05) no grupo controle quando comparado com os demais grupos. No experimento 2 não foram observadas diferenças nas concentrações de P4 ou no fluxo sanguineo do foliculo pré ovulatório e CL entre os grupos. Concluimos que, os indutores de ovulação utilizados não influenciaram na produção de P4 e fluxo sanguineo de CL.

Palavras-chave: Indutores de ovulação; progesterona; ultrassonografia doppler

81. IMPACTO DA ADIÇÃO DE ÓLEO ESSENCIAL DE LARANJA E POEJO EM DILUENTE DE REFRIGERAÇÃO SOBRE A VIABILIDADE DE ESPERMATOZOIDES EQUINOS REFRIGERADOS À 5ºC

BRUNA FABRO FABRO DOS SANTOS*1; FERNANDO P LISBOA2; GUILHERME NOVELLO1; VERÔNICA FLORES DA CUNHA SCHEEREN1; MARIANA LUIZA MEZZENA GOBATO1; RAFAEL DOS SANTOS BANDEIRA1; GABRIEL FERNANDES PAULETTI2; JOSE ANTONIO DELL`AQUA JR1; FREDERICO OZANAM PAPA1; ERIKY AKIO TONGU1; LORENZO GARRIDO SEGABINAZZI1

1.UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE CAXIAS DO SUL, CAXIAS DO SUL, RS, BRASIL.

e-mail:bruna.fabro@hotmail.com

Resumo:

A pesquisa de novos compostos naturais os quais possam substituir os químicos utilizados no combate antimicrobiano, antifúngico e ainda antioxidante tem crescido muito com o passar dos anos. O efeito antimicrobiano de fitoterápicos está amplamente descrito em estudos aplicados a diversas espécies, e já demonstrou bons resultados in vitro no controle de bactérias patogênicas do trato reprodutivo de éguas. Sabe-se que muitos óleos essenciais (OE) possuem compostos fenólicos os quais têm potencial antioxidante, capazes de reduzir a peroxidação lipídica e espécies reativas de oxigênio. Buscando ampliar essa gama de bons resultados, o objetivo deste trabalho foi avaliar o efeito da adição de óleo essencial de laranja (Citrus sinensis) (OEL) e poejo (Mentha pulegium) (OEP) no diluente de sêmen equino e sua ação sobre motilidade espermática e integridade de membrana (IMP) no momento 0 hora e após ser submetido à refrigeração por 24 e 48 horas a 5°C. Primeiramente foi realizada a solubilização do óleo essencial em uma solução contento 30% de dimetilsulfóxido, sendo posteriormente adicionado ao diluente de

sêmen Botu-sêmen® (Botupharma, Botucatu, Brasil). O sêmen foi coletado em vagina artificial (modelo Botucatu) e posteriormente dividido em sete alíquotas, cada uma com 400x106 espermatozoides, diluídas até 50x106 espermatozoides/mL. Foram testados os seguintes grupos: controle (CT) (sem adição de OE); OEL-0,1 (0,1% de OEL); OEL-0,01 (0,01% de OEL); OEL-0,001 (0,001% de OEL); OEP-0,1 (0,1% de OEP); OEP-0,01 (0,01% de OEP); OEP-0,001 (0,001% de OEP). As avaliações efetuadas foram de cinética espermática e integridade de membrana, através de análise computadorizada – CASA (HTM-IVOS) e microscopia fluorescência, respectivamente. A análise estatística dos dados foi constatada por Shapiro-Wilk test e estes foram avaliados utilizando ANOVA, considerando P<0,05. Neste experimento os grupos com concentração 0,1% de OE apresentaram redução significativa dos parâmetros de cinética e IMP (p<0,05) para ambos os óleos testados em relação ao CT e aos demais grupos tratados. No momento 48h, os grupos contendo 0,01% de OEL e OEP apresentaram-se semelhantes ao grupo 0,1% para motilidade progressiva (MP) e espermatozoides rápidos (RAP). Nos três momentos testados (0, 24 e 48 horas) observamos que na concentração 0,001% os resultados para alguns parâmetros encontraram-se numericamente melhores em relação ao controle, porém não apresentando diferença estatística. Não foram observadas diferenças de IMP dos grupos 0,01% e 0,001% em relação ao CT em ambos os óleos testados. Com base nos resultados obtidos podemos inferir que a adição de OEL e OEP nas concentrações 0,01% e 0,001% em diluente de sêmen equino é exequível, tanto para sêmen fresco quanto para processo de refrigeração a 5°C por 24 e 48 horas.

Palavras-chave: óleos essenciais ; sêmen ; equinos

82. INDUÇÃO DA OVULAÇÃO COM ACETATO DE HISTRELINA EM JUMENTAS NORDESTINAS

LUCAS EMANUEL FERREIRA CANUTO*1; FREDERICO OZANAM PAPA1; SIDNEI NUNES DE OLIVEIRA1; LUCAS TRONCARELLI RODRIGUES1; FELIPE ERISON MEDRADO ROCHA DE SOUSA1; JOSE ANTONIO DELL`AQUA JR1; VERÔNICA FLORES DA CUNHA SCHEEREN1; THAÍS MENDES SANCHES CAVALERO1; LUIZA RICCETTO1

1.FMVZ-UNESP/ CÂMPUS BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:lucas.canuto@hotmail.com

Resumo:

O conhecimento sobre o momento da ovulação nos asininos é extremamente limitado em comparação com o da égua. Classicamente, a indução da ovulação é facilmente obtida pela administração da hCG, no entanto, sabe-se que aplicações sucessivas podem induzir a produção de anticorpos e, consequentemente, reduzir sua eficácia. Desse modo, os agonistas do GnRH são uma alternativa importante para induzir a ovulação sem que haja a produção de anticorpos. O objetivo deste estudo foi comparar a eficácia e o tempo até a ovulação após a administração do análogo de GnRH (acetato de histrelina) e do hCG em jumentas nordestinas brasileiras (Equus asinus). Dez jumentas (n=10; 3 a 10 anos; 144,5 ± 22,5kg) foram estudadas durante um total de 30 ciclos estrais. As jumentas foram distribuídas aleatoriamente nos seguintes grupos: Grupo Controle (G0), tratado com solução salina (2mL/iv; n=10); Grupo histrelina (G1), tratado com 0,25mg de acetato de histrelina (Strelin®, Botupharma, BotucatuSP, Brasil, 1mL; n=10) e Grupo hCG (G2), tratado com 2500 UI de hCG (Chorulon®, MSD Saúde Animal, Brasil, 2,5mL iv; n=10). A atividade ovariana e o crescimento folicular foram rotineiramente monitorados por ultrassonografia transretal (Mindray DP 2200, sonda linear 7,5MHz). Quando o folículo dominante atingia um diâmetro médio de 30,8 ± 1,1mm, uma vez que esse tamanho demonstrou melhores resultados em experimentos ainda não publicados, as jumentas no estro eram induzidas e monitoradas a cada 12 horas até 30 horas da indução. Após as 30 horas de indução da ovulação, estas eram monitorados a cada 2 horas até ser observada a ovulação. Cada jumenta recebeu os três tratamentos, para cada ciclo estral diferente. A avaliação estatística com o teste exato de Fisher foi realizada por meio do programa GraphPad Prism versão 5.0 para Windows (software GraphPad, San Diego, EUA), considerando P< 0,05) menor em relação ao grupo controle. A ovulação ocorreu em todos os 30 ciclos estrais. O tempo médio para a ovulação do G1 e G2 foi semelhante e significativamente menor em relação ao grupo controle, 41.1 ± 3.2ª, 37.8 ± 2.5ª e 81.8 ± 28.8b horas respectivamente. Desse modo, conclui-se que o acetato de histrelina é efetivo na indução da ovulação em jumentas quando utilizado o protocolo proposto. Esses resultados destacam a utilidade

da histrelina na indução e sincronização da ovulação em jumentas, particularmente porque não induz a produção de anticorpos, não havendo assim redução da resposta, como ocorre com o uso repetido de hCG em programas de manejo reprodutivo.

Palavras-chave: Strelin; gnrh; asinino

83. INDUÇÃO FARMACOLÓGICA DA EJACULAÇÃO EM GARANHÕES UTILIZANDO IMIPRAMINA, XILAZINA, DETOMIDINA E OCITOCINA

THAÍS MENDES SANCHES CAVALERO*1; RUBIA ALVES SCHMITH1; LUCAS EMANUEL FERREIRA CANUTO1; VERÔNICA FLORES DA CUNHA SCHEEREN1; RAFAEL DOS SANTOS BANDEIRA1; LUCAS TRONCARELLI RODRIGUES1; PATRICIA M PAPA1; CAMILA PAULA FREITAS-DELL`AQUA1; FREDERICO OZANAM PAPA1

1.UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:thaismscavalero@gmail.com

Resumo:

Diversas alterações físicas, neurológicas e comportamentais, como lesões músculo-esqueléticas, mieloencefalite protozoária equina, distúrbios ejaculatórios, disfunções eréteis e neoplasias penianas podem impedir a coleta de sêmen pelos métodos tradicionais. Desse modo, a indução farmacológica da ejaculação tem se mostrado uma importante ferramenta para a obtenção do ejaculado de garanhões incapazes de ejacularem pelas técnicas tradicionais. No entanto, os protocolos desenvolvidos até o momento apresentam alta variabilidade nas taxas de sucesso bem como baixa repetibilidade. A ocitocina tem sido relacionada com o desencadeamento da ejaculação por meio de contrações em todo o aparelho reprodutor, principalmente em epidídimos e túbulos seminíferos. Os objetivos do presente estudo foram: 1) Comparar a eficiência dos fármacos agonistas alfa adrenérgicos Xilazina e Detomidina na indução da ejaculação; 2) Avaliar a eficiência da ocitocina quando adicionada aos protocolos de indução farmacológica da ejaculação; 3) Comparar os parâmetros seminais de ejaculados coletados em vagina artificial e por indução farmacológica da ejaculação. Foram avaliados cinco protocolos: IX - Imipramina (3mg/kg/v.o) + xilazina (0,66mg/kg/i.v); IXO - Imipramina (3mg/kg/v.o) + xilazina (0,66 mg/kg/i.v) + ocitocina (20UI); ID - Imipramina (3mg/kg/v.o) + detomidina (0,02mg/kg/i.v); IDO - Imipramina (3mg/kg/v.o) + detomidina (0,02mg/kg/i.v) + ocitocina (20 UI/i.v); IO - Imipramina (3mg/kg/v.o) + ocitocina (20 UI/i.v). O Cloridrato de Imipramina foi administrado 2 horas previamente a administração dos agonistas alfa adrenérgicos. Dezesseis garanhões sexualmente experientes, sendo quatro garanhões jovens (2 e 3 anos) e 12 garanhões sexualmente maduros (5 a 26 anos) foram submetidos a duas repetições de cada protocolo com um intervalo mínimo de 3 dias e sem estímulo sexual prévio. Os protocolos foram realizados na própria baia do animal, onde foram observados por 60 minutos após a administração dos agonistas alfa adrenérgicos. Os ejaculados induzidos foram coletados por meio de suspensório acoplado a uma mucosa plástica ao redor do prepúcio e amarrado ao flanco do animal para posterior comparação dos parâmetros seminais com ejaculados coletados em vagina artificial. Nenhum dos 4 garanhões jovens (2 e 3 anos) ejacularam em nenhum protocolo e 9 dos 12 garanhões sexualmente maduros (75%) responderam a, pelo menos, 1 protocolo. Nenhum dos garanhões que responderam a protocolos com xilazina responderam a protocolos com detomidina e vice versa. Quatro garanhões ejacularam em IX e IXO (25%) em 87,5% das repetições e com ejaculações ocorrendo entre 2 e 20 min. Cinco garanhões ejacularam em IDO (31,25%) em 70% das repetições e com ejaculações ocorrendo entre 2 e 7 min. Os ejaculados farmacologicamente induzidos apresentaram significativamente menor volume total, menor volume livre de gel, maior concentração e maior número de espermatozoides totais no ejaculado quando comparados aos ejaculados coletados por vagina artificial. A Morfologia espermática, motilidade total e progressiva foram similares entre os protocolos e entre os ejaculados coletados em vagina artificial. Os parâmetros seminais sugerem reduzida participação das glândulas sexuais acessórias, provavelmente devido a ausência de estímulo sexual previamente a coleta. A administração de diferentes protocolos em um mesmo garanhão aumenta as chances de sucesso da indução da ejaculação, já que cada animal parece responder diferente a administração de xilazina ou detomidina. Ademais, ocitocina parece facilitar a ejaculação quando associada a detomidina, mas não

quando associada a xilazina.

Palavras-chave: Distúrbios ejaculatórios; sêmen; garanhões

84. INFLUÊNCIA DA IDADE SOBRE A CONTAGEM DE FOLÍCULOS ANTRAIS OVARIANOS DE ÉGUAS DA RAÇA QUARTO DE MILHA

GUSTAVO ROMERO GONÇALVES*1; MARCELO MARCONDES SENEDA1; FÁBIO MOROTTI1; FABIO LUIZ BIM CAVALIERI2; ANTONIO HUGO BEZERRA COLOMBO2; DENIS VINICIUS BONATO1; CAMMILA OLIVEIRA ROSA1; CAMILA BIZARRO DA SILVA1

1.UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, LONDRINA, PR, BRASIL; 2.CENTRO UNIVERSITÁRIO DE MARINGÁ, MARINGÁ, PR, BRASIL.

e-mail:guga.rg@hotmail.com

Resumo:

Alguns estudos apontam a influência da idade sobre a contagem de folículos antrais (CFA), bem como fatores relacionados à fertilidade de algumas espécies animais, principalmente em relação às fêmeas bovinas. Porém, no que diz respeito à espécie equina, as informações ainda são escassas. A fim de verificar a influência que a idade exerce sobre a variável CFA, foram selecionadas 15 éguas da raça Quarto de Milha, com idade variando entre 3 e 17 anos. Os animais foram submetidos a avaliações a cada 48 horas através do método de ultrassonografia transretal por no mínimo três ciclos estrais. Os dados referentes ao número de folículos antrais foram obtidos ao longo do acompanhamento reprodutivo. Para análise dos dados, as éguas foram divididas em grupos de baixa (n = 6; ≤ 8 folículos) e alta (n = 9; ≥ 9 folículos) CFA, e em grupos de éguas consideradas jovens (n = 11; ≤ 9 anos) e velhas (n = 4; ≥ 10 anos). Os dados foram submetidos ao teste de análise de variância pelo modelo linear geral, e as diferenças foram consideradas significativas se $p < 0,05$. De acordo com os resultados encontrados, as éguas consideradas jovens apresentaram uma maior CFA (9,4 ± 0,3 folículos antrais) em comparação as éguas mais velhas (7,8 ± 0,2 folículos antrais), com p valor de 0,001. Este é o primeiro estudo relacionado ao assunto nesta espécie de modelo animal realizado no Brasil, por meio do qual se sugere que a idade exerce influência sobre a CFA de éguas. Tais achados corroboram com os encontrados por Claes et al. (2016), no primeiro e único estudo feito sobre este assunto até o momento com a espécie equina, porém, com outros grupos de idade e raça. Acredita-se que a alimentação, o clima, a ambientação, e também o fator racial, são condições que possam ter ligação com tais achados.

Palavras-chave: Equinos; foliculogênese; população folicular

85. INFLUÊNCIA DA OZONIOTERAPIA NA CINÉTICA DO SÊMEN EQUINO FRESCO E REFRIGERADO

BRUNA FABRO FABRO DOS SANTOS*1; ERIKY AKIO TONGU1; LORENZO GARRIDO SEGABINAZZI1; VERÔNICA FLORES DA CUNHA SCHEEREN1; THAÍS MENDES SANCHES CAVALERO1; GUILHERME NOVELLO1; JEAN GUILHERME FERNANDES JOAQUIM1; FREDERICO OZANAM PAPA1

1.UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:bruna.fabro@hotmail.com

Resumo:

A utilização da ozonioterapia vem crescendo como tratamento alternativo e/ou adjuvante para muitas doenças equinas como claudicação, infecções virais e bacterianas, distúrbios neurológicos e musculoesqueléticos. O ozônio atua induzindo levemente o estresse oxidativo que por sua vez estimula a produção de enzimas antioxidantes, beneficiando a recuperação dos pacientes. Estudos vem sendo gradualmente aceitos como modalidade terapêutica na reprodução, tais como o tratamento de endometrites em éguas, porém o efeito do ozônio sobre os espermatozóides desta espécie ainda é desconhecido.A produção dos radicais livres presentes na ozonioterapia podem ocasionar em lesões de membrana e diminuição da motilidade espermática, influenciando negativamente no ejaculado. O objetivo desse trabalho foi avaliar a influencia da ozonioterapia na cinética e integridade de membrana plasmática espermática do sêmen equino. Para tanto, foi utilizado um ejaculado de 5 garanhões com histórico reprodutivo conhecido, sem alterações no exame andrológico. Para a colheita de sêmen utilizou-se vagina artificial modelo Botucatu (Botupharma Ltda.,Botucatu, Brasil). A determinação da concentração espermática foi realizada através da contagem de células em Câmara de Neubauer. O ejaculado foi diluído em diluente a base de leite (Botu-sêmen Special®) até a concentração de 50x106 espermatozoides/mL e dividido em dois grupos: Controle (GC) e Ozônio(GO). Após a diluição, o GO foi ozonizado utilizando um gerador de ozônio (Modelo O&L1.5 RM, Ozonio Life® – São José dos Campos, Brasil) na concentração de 8mg de O3/L, na proporção de 1:1 em volume de semen e volume de O3 e homogeneizado em seringa de 60ml. Duas amostras de cada grupo foram retiradas para análise em 0h e após 60 minutos em banho-maria, e então o sêmen foi armazenado em caixa isotérmica (Botuflex®) para refrigeração à 5ºC por 24 horas. As amostras foram avaliadas em quatro diferentes momentos: no sêmen fresco logo após a diluição e ozonização (M0) e após uma hora em banho-maria (M1); e no sêmen refrigerado após as 24h de refrigeração (M2) e uma hora após a permanênecia em banho-maria (M3). A cinética espermática foi avaliada em todos os momentos através de método computadorizado (CASA – Hamilton-ThorneTM), sendo os parâmetros avaliados de motilidade total (MT), motilidade progressiva (MP) e percentual de espermatozoides com movimentos rápidos (RAP). Também, foi realizada a avaliação da integridade de membrana plasmática utilizando microscopia de fluorescência, através de sonda a base de iodeto de propidio e carboxifluoresceína, nos momentos M0 e M2. A análise estatística foi realizada pelo programa Shapiro-Wilk Test e avaliados por ANOVA, considerando P<0,05. Não foram observadas diferenças estatísticas entre os grupos e os quatro momentos avaliados (p>0,05) para os parâmetros de motilidade total (GCM0: 84,6±2,3; GOM0: 87,4±2,19; GCM1: 82±4,24; GOM1: 79,6±7,19; GCM2: 81,6±5,41; GOM2 82±1,58; GCM3: 73,6±4,15 GOM3: 76±3,550), motilidade progressiva (GCM0 40±8,27; GOM0: 44,4±10,6; GCM1 39,4±7,82; GOM1: 44±6,63; GCM2: 44,6±7,5; GOM2: 45,4±8,9; GCM3: 36,6±5,59; GOM3: 41±6) e percentual de rápidos (GCM0: 76,2±4,2; GOM0: 81±2,64; GCM1: 72,4±9,83; GOM1: 70,8±8,78; GCM2: 74±7,44; GOM2: 74,2±3,27; GCM3: 59±7,77; GOM3 62,6±7,63). Para o percentual de integridade de membrana plasmática também não houve diferença estatística entre os grupos nos dois momentos avaliados (GCM0: 81,2±7; GOM0: 79,4±7,26; GCM2 61±3,93; GOM2 61,2±7,24). Desta forma, pode-se concluir que a ozonioterapia não influenciou na cinética e integridade de membrana plasmática tanto no sêmen fresco quanto refrigerado de garanhões.

Palavras-chave: Garanhão; motilidade; espermatozóides

86. INFLUÊNCIA DO NÚMERO DE PARTOS SOB A QUANTIFICAÇÃO DO VEGF E SEUS RECEPTORES FLT-1 E FLK-1 EM TRÊS REGIÕES DA MEMBRANA CORIOALANTÓIDE A TERMO DE ÉGUAS DA RAÇA PURO SANGUE INGLÊS.

CARINA DE FÁTIMA GUIMARÃES*1; ROBERTO RODRIGUES DA ROSA FILHO1; FERNANDA JORDÃO AFFONSO1; BRUNA DA ROSA CURCIO2; CARLOS EDUARDO WAYNE NOGUEIRA2; MARIA AUGUSTA ALONSO1; MARIANA MATERA VERAS3; CLAUDIA BARBOSA FERNANDES1

1.FMVZ - USP, SAO PAULO, SP, BRASIL; 2.UFPEL, PELOTAS, RS, BRASIL; 3.FM USP, SAO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:betorrf@usp.br

Resumo:

O desenvolvimento gestacional e a maturação fetal são processos que dependem de adaptações nas regiões de

contato feto-placentário e da eficiência placentária. Resultados prévios do nosso grupo de pesquisa, demonstraram a influência da paridade de éguas Mangalarga Paulista e Brasileiro de Hipismo no desenvolvimento do microcotilédones e na superfície dos vilos coriônicos, resultando em potros maiores ao nascimento. A hipótese do presente estudo é que esse incremento seja relacionado ao aumento de vascularização placentária que reflete em maior aporte sanguíneo ao feto. Desta forma, o objetivo deste projeto foi avaliar o efeito da pluriparidade de éguas da raça Puro Sangue Inglês (PSI) na expressão do Fator de Crescimento Endotelial Vascular (VEGF) e seus receptores VEGFR-1/Flt-1 e VEGFR-2/Flk-1 em diferentes regiões da membrana corioalantóide a termo. Foram acompanhadas 50 eutocias de éguas da raça PSI em um haras localizado em Bagé – RS (latitude -31°19'53"S, longitude -54°06'25"W). As fêmeas foram divididas de acordo com a pluriparidade em três grupos, primíparas (n=18), 2 a 5 partos (n=14) e 6 a 10 partos (n=18). As membranas corioalantóides foram recolhidas imediatamente após o delivramento e fragmentos de 3 cm2 foram coletados de regiões correspondentes ao corpo do útero (Cut), corno uterino gestante (CG) e corno uterino contralateral (CnG). Os fragmentos foram fixados em solução de formol 10% por 24 horas, posteriormente mantidos em álcool 70%, até a emblocagem em parafina. Para montagem das laminas, os blocos foram seccionados em cortes de 3 µm de espessura em micrótomo rotativo, desparafinizados e empregado o protocolo de imunohistoquímica pelo método avidina-biotina para os seguintes anticorpos: VEGF na diluição de 1:600 (Novus Biologicals Antibody United States, Colorado, United States - NB100-698), anti-Flt-1 na diluição de 1:400 (Thermo Scientific Pierce Antibodies, Rockford, Illinois, United States - PA5-16493) e Flk-1 (KDR) na diluição de 1:500 (Santa Cruz; Biotecnologia Ltd, Wembley, Middlesex, Reino Unido -c-20). A densidade de área marcada positivamente para VEGF, VEGFR-1/Flt-1 e VEGFR-2/Flk-1 na membrana corioalantóide foi avaliada em fotomicrografias (40x) utilizando-se o software de análise de imagens Image J®. Cinco fotos foram avaliadas de cada corte, em cada uma das regiões da membrana corioalantóide (CG, CnG e Cut), para cada imunomarcador. Os resultados foram analisados usando o programa SPSS 17. Foi realizada uma análise estatística multivariada para avaliar os efeitos da paridade sobre a análise de imunohistoquímica ($p \leq 0,05$). Todos os tecidos apresentaram imunomarcação para o VEGF e seus receptores, sendo que houve diferença estatística significativa na expressão do VEGF entre a região CG (4,37±1,12) e as regiões CnG (1,62±0,11) e Cut (1,55±0,17) no grupo de éguas de 6 a 10 partos (p=0,0487). Quando foi avaliada a imunomarcação para os receptores, foi observada diferença na expressão de Flk-1 entre as regiões CnG (11,17±4,76) e Cut (4,1±8,2), não havendo diferença entre essas regiões e a região CG (16,1±6,37) no grupo de éguas de 2 a 5 partos (p=0,0077). Entre os diferentes grupos de paridade, na região de corpo uterino (p=0,0452), obteve-se uma maior expressão do receptor Flk-1 entre os grupos 2 a 5 partos (4,09±1,81) quando comparados ao grupo 6 a 10 partos (0,54±0,23), porém não houve diferença entre ambos com o grupo de éguas primíparas (1,67±0,52). Uma vez que o fluxo sanguíneo é o maior determinante da função placentária, e as trocas hemotróficas em equinos são dependentes do estabelecimento do leito vascular, estes resultados nos sugerem uma participação ativa e importante da vasculogênese e angiogênese placentária nas diferentes regiões da membrana coriolantóide, com uma maior e mais caracterizada marcação em éguas PSI pluríparas, o que pode culminar com o nascimento de potros mais desenvolvidos e maturos. Agradecimentos: FAPESP (2017/05425-0), Haras Santa Maria de Araras – Bagé – RS.

Palavras-chave: Paridade; psi; vascularização

87. NÍVEIS DE PROGESTERONA E STATUS DO ÚTERO DE ÉGUAS RECEPTORAS DE EMBRIÃO PREPARADAS COM DISPOSITIVO INTRAVAGINAL

MARCO A ALVARENGA*1; LUIZ ROBERTO PENA ANDRADE1; EUNICE OBA1; JOSE ANTONIO DELL`AQUA JR1; FREDERICO OZANAM PAPA1; LORENZO GARRIDO SEGABINAZZI1

1.UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:malvarenga.fmvz.unesp.br@gmail.com

Resumo:

A sincronização entre receptoras e doadoras de embrião é uma prática essencial em programas reprodutivos de

equinos, mas que é dificultado em períodos de início e final de estação, onde muitas receptoras, que normalmente não tem o mesmo tratamento das éguas doadoras, ainda não estão ciclando. Protocolos utilizando progesterona de longa ação (P4LA) já se mostraram eficientes na preparação de éguas acíclicas para serem usadas como receptoras, no entanto, quando estas éguas não ficam penhas ou não são utilizadas, estas permanecem irresponsivas a estrógenos exógenos e não retornam a ciclicidade rapidamente, ficando impossibilitado seu uso durante este espaço de tempo. Dessa forma, o objetivo do presente estudo foi avaliar os níveis de progesterona (P4) e achados clínicos uterinos de éguas acíclicas, receptoras de embrião, preparadas através da utilização de dispositivo intravaginal de progesterona (DIP). Para isso, 9 éguas foram preparadas com a aplicação em dois dias consecutivos (5 mg e 2,5 mg, respectivamente) de benzoato de estradiol (Sincrodiol, Ouro Fino, Brasil) e colocação do DIP (Sincrogest, Ouro Fino Brazil) no terceiro dia (D0), permanecendo nos animais até nove dias (D9), quando este foi retirado. No terceiro dia após a retirada do DIP (D12), os animais receberam novamente duas aplicações (5 mg e 2,5 mg) de benzoato de estradiol, em dias consecutivos, e um novo dispositivo foi recolocado no terceiro dia (D0-2) e retirado dois dias depois (D2-2). Durante esse período, foram realizadas avaliações do status uterino através de palpação retal (tônus uterino - T: 1 – flácido; 2 – intermediário; 3 – contraído) e ultrassonografia (edema uterino – ED: 0 – 4; 0 – sem edema e 4 – edema exacerbado), e para avaliação dos níveis de progesterona (P4), amostras de sangue foram coletadas no momento anterior a inserção do DIP (D0), 2 (D0-2h) e 6 (D0-6h) horas após a inserção e diariamente até a remoção do DIP (D9), quando o sangue foi coletado 2 (D9-2h) e 6 (D9-6h) horas após a retirada, e diariamente durante 3 dias (D10, D11 e D12). No protocolo seguinte, o sangue também foi coletado anteriormente a inserção do dispositivo (D0-2) até um dia após a retirada (D3-2) do mesmo. Nas avaliações do status uterino, observou-se que as éguas antes do início do protocolo, apresentavam um útero bem flácido (T1), que aumentou a contratilidade (T2) após as aplicações de estradiol e se manteve até o D11. No D12 pode-se observar novamente uma redução (T1) da contratilidade uterina, que já aumentou (T2) a partir do reinício do protocolo (D0-2 – D3-2). Da mesma forma, o edema uterino não foi observado (ED0) antes a aplicação do estrógeno (D-1), já no dia da colocação do DIP (D0), observou-se ED3, que começou a regredir no D1 (ED2), no entanto, permanecendo até o D5 em algumas éguas (ED1), quando não se observou mais edema uterino (ED0) nesses animais. Após o reinício do protocolo, observou-se um ED2 nas éguas durante o D0-2, que diminuiu (ED1) após a inserção do DIP (D1-2), se mantendo até o momento avaliado nesse período (D3-2). Pode-se observar que as taxas de P4 tiveram um aumento significativo a partir de duas horas após a inserção do DIP (15,7 ng/mL) em relação ao D0 (1,2 ng/mL), chegando a níveis satisfatórios para o estabelecimento de gestação até o D9 (7,7 ng/mL), e novamente regredindo logo em seguida a retirada do dispositivo (D9-2h – 4,2 ng/mL; D9-6h – 2,2 ng/mL; D10 – 1,1 ng/mL; D11 – 1,07 ng/mL). Com o reinício do protocolo, observou-se que as éguas também apresentaram um aumento significativo nos níveis de P4 (D0-2 – 0,7 ng/mL; D1-2 – 10,4 ng/mL; D2-2 – 8,7ng/mL) após a inserção do DIP e diminuição logo após retirada (D3-2 - 1,0 ng/mL). Dessa forma podemos concluir que receptoras de embrião preparadas com DIP, apresentam status uterino adequado e níveis de P4 eficientes para a serem utilizadas em programas de transferência de embriões equinos.

Palavras-chave: Transferência de embrião; equinos; cidr

88. O RELAXAMENTO VULVAR E O LIGAMENTO SACROISQUIÁTICO PODEM AUXILIAR NA PREDIÇÃO DO PARTO EM ÉGUAS?

JULIANA IZZO OCTAVIANO*1; AMANDA VALLONE RICCIO1; DANILO FRANCA DE SOUZA1; FERNANDA SANDI FARIAS1; FILIPE CORDEIRO NEVES1; MAYARA MATEUS RODRIGUES1; FERNANDA JORDÃO AFFONSO1; MARIA AUGUSTA ALONSO1; MARCÍLIO NICHI1; CLAUDIA BARBOSA FERNANDES1

1.FMVZ-USP, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:julyizzo@hotmail.com

Resumo:

A gestação em equinos possui algumas particularidades que a diferem das outras espécies, como o grande intervalo de duração (320 a 360 dias) e que aproximadamente 90% das vezes culmina com partos noturnos. O monitoramento

do parto, tão importante na espécie equina, é complicado, pela necessidade de mão de obra especializada que gera custos adicionais ao sistema de produção. Além disso, a determinação do dia e a da hora exata do parto são difíceis, fazendo com que em alguns casos, muitas noites de monitoramento sejam necessárias. Desta forma, métodos que auxiliem na predição do dia do parto podem ser uma ferramenta de incremento nas taxas de sucesso e no auxílio na rotina reprodutiva. Dentre os métodos possíveis para prever a proximidade do parto, mas pouco empregados, estão o relaxamento dos ligamentos sacroisquiáticos e o relaxamento vulvar. Assim, o objetivo do presente estudo foi estabelecer e avaliar os escores de relaxamento dos ligamentos sacroisquiástico e relaxamento vulvar no periparto de equinos. Foram avaliadas, diariamente, 29 éguas Mangalarga Paulista sempre ao final da tarde (entre 16 h e 18 h) a partir do dia 320 de gestação, considerando o tempo médio de gestação para a raça de 343.08 ± 0.66 dias (Ferreira et al., Anim. Reprod. 2016). Para tal, um sistema de escore de 0 a 3 foi atribuído ao relaxamento dos ligamentos sacroisquiáticos e ao relaxamento vulvar, sendo que o 0 (mínimo) significava o não relaxamento e o 3 (máximo) o muito relaxado, com incremento de 1. Foram analisados estatisticamente os dados obtidos a partir dos seis últimos dias de gestação (D-6; D-5; D-4; D-3; D-2; D-1) até o dia do parto (D0). Os dados coletados foram analisados pelo programa SAS 9.2, utilizando o procedimento PROC GLM, sendo que as médias foram comparadas pelo teste de Fisher (ou LSD), ao nível de significância de 5%. Os escores médios encontrados para o relaxamento vulvar conforme os dias pré parto foram: D-6= 2,07 ± 0,14, D-5= 2,15 ± 0,14, D-4= 2,14 ± 0,14, D-3= 2,28 ± 0,13, D-2= 2,39 ± 0,12, D-1= 2,51 ± 0,11 e D0= 2,68 ± 0,1. Os escores médios para o relaxamento do ligamento sacroisquiático foram: D-6= 1,8 ± 0,16, D-5= 1,84 ± 0,16, D-4= 1,96 ± 0,16, D-3= 2,07 ± 0,14, D-2= 2,14 ± 0,14, D-1= 2,27 ± 0,13 e D0= 2,35 ± 0,12. Houve uma diferença estatística significativa do relaxamento dos ligamentos sacroisquiáticos, nos dias D-1 e D0 quando comprados aos dias D-6 e D-5 pré parto, enquanto os dias D-2, D-3 e D-4 pré parto não diferiram de nenhum dos momentos avaliados. Já para o escore de relaxamento vulvar, observou-se diferença estatística significativa entre o dia do parto D0 e os dias D-3, D-4, D-5 e D-6 pré parto, o dia D-1 diferiu estatisticamente dos dias D-4 e D-6, já os dias D0 e D-1 não diferiram entre si, assim como o dia D-2 não diferiu estatisticamente de nenhum dos dias avaliados. Desta forma, apesar da literatura relatar que os relaxamentos de vulva e dos ligamentos sacroisquiáticos podem se iniciar a partir da terceira semana pré parto, pudemos conferir que existe uma variação estatística significativa para ambos parâmetros quando avaliamos entre o dia D-6 e os dias D-1 e D0, demonstrando um incremento nos escores observados. Conclui-se desta forma que estes parâmetros podem ser incluídos na rotina de avaliação perinatal da égua de forma a auxiliar a detecção da data de parto.

Agradecimentos: FAPESP (2017/05425-0), Fazenda Santa Rita II – Piracaia – SP.

Palavras-chave: Predição; periparto; equinos

89. OZONIOTERAPIA NA ENDOMETRITE EQUINA

LAUANA DOMINGUES CRUZ*1; RAFAEL SILVA CIPRIANO1; VICTOR HUGO MENDONÇA2; PAULO VICENTE FONSECA3; EDUARDO HARA2; LUIZ FERNANDO CINTRA CORONA2; LIMBER MENESES GUZMAN2; HEITOR VINICIUS MENDOÇA2; TAISMARA CARDOSO LEMOS1; MICHELE DOS SANTOS DE GOES1; LUDIMILA CARDOSO ZOCAL JANINI1; NATALIA FELIX NEGREIROS4

1.UNISALESIANO, ALTO ALEGRE, SP, BRASIL; 2.CENTRAL ARAÇA, ARAÇATUBA, SP, BRASIL; 3.OZONEBRAS, CAMPINAS, SP, BRASIL; 4..

e-mail:lauanadominguescruz@gmail.com

Resumo:

Éguas férteis tem ambiente uterino livre de contaminações, e são capazes de eliminar infecções desenvolvendo resposta inflamátoria pós cobertura, porém algumas tem resposta persistente por período prolongado, desenvolvendo endometrite. Na inflamação, neutrófilos migram para o útero, possibilitando o diagnóstico da endometrite através da citologia. Os tratamentos de rotina não são muito eficazes e o ozônio tem se mostrado um gás com potencial promissor. O presente trabalho objetivou verificar a eficiência do ringer lactato ozonizado na terapia de endometrite recorrente. Foram utilizadas cinco éguas Quarto de Milha doadoras de embriões (n

= 5), com idade média de 16 anos, escore corporal médio de 4 (escala 0 a 5), clinicamente saudáveis e histórico reprodutivo insatisfatório com taxas de recuperação embrionária inferiores a 20% por mínimo três estações de monta anteriores e achados em exames compatíveis com endometrite. As éguas do grupo controle foram tratadas e posteriormente, quando apresentaram endometrite, entraram no grupo tratado com ozônio. As ultrassonografias foram realizadas a cada 24 hs para mensuração do grau de edema uterino (escala 0 a 3) e do diâmetro do folículo dominante (FD). Foi determinado que o início do estro, dia 0 (D0), seria quando o animal apresentasse diâmetro de FD à partir de 30 mm e grau 2 de edema uterino, quando o edema uterino ficava em torno de 3 e folículo com diâmetro igual ou maior a 35 mm era determinado de dia 4 (D4), podendo ter variação individual entre as éguas, à partir destes parâmetros foi induzida ovulação com deslorelina (Sincrorrelin®, Ourofino, 0,9 mg/animal/IM) e uma dose de gonadotropina coriônica humana (hCG) (Vetecor®, Hertape Calier, IV, 2500UI/animal/EV). Em D4 era coletado material para exame microbiológico e exame citológico. Nos animais do grupo tratado, no D4 e D6, foi realizada lavagem uterina com 3 litros solução de ringer lactato (JP Indústria Farmacêutica SA®) ozonizado, 1 litro por vez, com ozonizador Z – 400 (MEHCA®, Montagem e Manutenção Equipamentos Home Health Care® LTDA, 5 g/O3/hora), abatecida por cilindro de oxigênio com pressão de 1,5 kgf/cm2, por 5 minutos, realizando o turbilhonamento, infundido intrauterino, permanecendo por 5 minutos e retirando por sinfonagem. Em D5, o animal era inseminado com sêmen testado previamente com parâmetros mínimos aceitáveis de motilidade 70%, vigor 4 e menos de 30% de patologias espermáticas. O grupo controle (n=5) foi submetido ao mesmo esquema de tratamento e exames do grupo tratado, porém em D4 e D6 a lavagem foi feita com ringer lactato convencional. No estro subsequente, D2 foi realizado nova coleta para exames citológicos e microbiólogicos. O exame citológico pré-ozonização 60% das éguas apresentaram endometrite e no cultivo microbiológico 60% das éguas eram positivas para Escherichia coli e Klebsiela sp. No D2 do estro subsequente, todos os animais não apresentaram crescimento bacteriano no microbiológico e 20% dos animais (n=1) apresentou endometrite de grau leve em exame citológico (classificada pela % de células inflamatórias em severa, moderada e leve). Todas as éguas tinham grau 3 de edema antes do tratamento e no estro subsequente não houve mudança sobre este índice. 20% (n=1) das éguas produziram embrião após tratamento com ozônio. Todos os animais tratados com ozônio apresentaram redução da quantidade de fluido e diminuição das células de degeneração em exame citológico que foi observado após inseminação artificial, no exame ultrassonográfico. Os animais tiveram um acúmulo de fluído intrauterino de grau 3 (escala de 0 a 3) que reduziu para grau 1 posteriormente ao tratamento. O ringer lactato ozonizado diminuiu as células inflamatórias do útero, reduziu o acúmulo de fluído intrauterino e o crescimento bacteriano em cultivo microbiológico, e melhorou a fertilidade no estro subsequente de éguas com endometrite recorrente.

Palavras-chave: Endometrio; infecção; ozõnio

90. RELAÇÃO DO ESCORE APGAR COM AS VARIÁVEIS DE VITALIDADE NEONATAIS DE POTROS DA RAÇA MANGALARGA PAULISTA

ALEXANDRE MONTEIRO BARBOSA*1; MARCELA GONÇALVES MEIRELES1; CARINA DE FÁTIMA GUIMARÃES1; DANILO FRANCA DE SOUZA1; MARIA AUGUSTA ALONSO1; MARCÍLIO NICHI1; CLAUDIA BARBOSA FERNANDES1

1.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SAO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:alemonteiro@live.com

Resumo:

O crescente mercado e desenvolvimento esportivo dos equinos demandou um aumento na produção de potros saudáveis e economicamente viáveis. Porém, apesar dos investimentos em biotecnologias reprodutivas e em genética de grande potencial, ainda é comum que médicos veterinários ignorem o período entre confirmação da prenhez e o parto, que reflete diretamente na viabilidade neonatal. Portanto, além do monitoramento da gestação e do parto, a avaliação neonatal tem grande importância no estado de saúde e no prognóstico do potro equino. Desta forma, o objetivo do presente estudo foi correlacionar os parâmetros de vitalidade neonatal com o escore Apgar modificado para equinos (Knottenbelt, Holdstock, Madigan, 2004). Para tanto, foram acompanhados 20

eutocias na estação 2013/2014 em um haras localizado em Piracaia - SP (latitude 23º 03' 14" e longitude 46º 21' 29"). Coletaram-se os dados neonatais: 1) Escore Apgar aos 3 e 60 minutos após o parto, pontuando cada parâmetro de 0 a 2: frequência cardíaca e respiratória, tônus muscular e reflexo de irritabilidade, totalizando 0 a 8 pontos. Neste escore avalia-se o estado de depressão neonatal para a espécie, sendo que são classificados como neonatos normais aqueles potros que atingirem o escore 7 ou 8; de 4 a 6 são classificados como moderada depressão; 1 a 3 marcadamente deprimidos e 0 morte neonatal. 2) As variáveis de vitalidade foram obtidas na decorrência dos eventos, sendo que foram considerados parâmetros normais: posicionar-se em decúbito esternal em até 5 minutos de vida, demonstrar reflexo de sucção de 2 a 20 minutos, levantar entre 1 e 2 horas e ingerir o colostro em até 2 horas pós-parto. Para correlação das variáveis respostas, foi utilizado o teste de Correlação de Pearson, considerando $p<0.05$. O Apgar realizado em 3 minutos foi positivamente correlacionado ao de 60 minutos ($r=0.58/p=0.04$). Apesar deste escore ter grande utilidade para a detecção e intervenção precoce da depressão neonatal, este resultado nos dá uma maior segurança de tempo para a execução do procedimento. Potros com maior escore Apgar em 3 minutos levaram menos tempo para ficar em decúbito esternal ($r=-0.83/p=0.0007$), mostrar reflexo de sucção ($r=-0.71/p=0.008$), levantar ($r=-0.7/p=0.01$) e mamar ($r=0.55/p=0.05$). Como esperado, os neonatos que demoraram menor tempo para ficar em decúbito esternal ($r=-0.49/p=0.09$), para mostrar reflexo de sucção ($r=-0.79/p=0.001$) e levantar ($r=-0.88/p=0.0001$) também obtiveram maior escore Apgar em 60 minutos. Potros que demoraram mais tempo para ficar em decúbito esternal consequentemente levaram mais tempo para mostrar reflexo de sucção ($r=0.56/p=0.05$), levantar ($r=0.62/p=0.02$) e mamar ($r=0.56/p=0.05$). desta forma, nossos resultados sugerem uma significativa correlação do escore Apgar com os parâmetros de vitalidade do neonato da raça Mangalarga Paulista, indicando que ambas avaliações podem ser utilizados na identificação precoce de neonatos anormais.

Palavras-chave: Equino; neonato; parâmetros normais

91. RELAÇÃO DO ÍNDICE DE TEMPERATURA-UMIDADE (ITU) E TEMPO GESTACIONAL EM ÉGUAS PURO SANGUE INGLÊS

GABRIELA CASTRO DA SILVA*1; BRUNA DOS SANTOS SUÑE MORAES1; TATIANE ALMEIDA1; FERNANDA MARIA PAZINATO1; LUCIANA ARAUJO BORBA1; LORENA SOARES FEIJÓ1; CARLOS EDUARDO WAYNE NOGUEIRA1; BRUNA DA ROSA CURCIO1

1.UFPEL, PELOTAS, RS, BRASIL.

e-mail:gabicastrovini@gmail.com

Resumo:

O tempo de gestação em éguas Puro Sangue Inglês (PSI) apresenta uma grande variabilidade. Fatores ambientais como luminosidade, temperatura, umidade e condição nutricional são conhecidos por terem grande influência na reprodução, em várias espécies domésticas. Em equinos, a luminosidade e a nutrição são fatores que sabidamente influenciam a ciclicidade reprodutiva e a duração da gestação. Entretanto, informações a respeito dos efeitos da temperatura, precipitação, e umidade ainda são limitadas. Desta forma hipotetizamos que a combinação da temperatura e umidade no mês do parto afetam a duração da gestação em éguas da raça PSI. O objetivo deste estudo foi avaliar a relação do índice temperatura- umidade (ITU) durante o mês do parto com o tempo de gestação de éguas PSI. Foram utilizadas informações de 437 gestações provenientes de 279 éguas PSI durante quatro temporadas reprodutivas. As éguas apresentaram gestações sem alterações clínicas e parto a termo de potros saudáveis. Foram registados os dados adicionais sexo do potro, idade da égua (jovens: 3-7 anos, maduras 8-14 anos e idosas 15-22 anos) e paridade (primíparas ou multíparas). As éguas eram mantidas em dois criatórios: criatório 1, altitude 212m (n=236 gestações de 161 éguas); criatório 2, altitude 626m (n=201 gestações de 118 éguas). Todas as éguas eram mantidas a campo com suplementação de ração balanceada similar, com garantia de 12% de proteína e 27,5 mCal de energia digestível. Os parâmetros climatológicos avaliados foram umidade relativa (UR) e temperatura em bulbo seco (Tdb). A partir dessas informações foram calculados os índices de temperatura-umidade (ITU), realizado pela fórmula: (1.8 x Tdb + 32) - [(0.55 – 0.0055 x RH) x (1.8 x Tdb – 26.8)], conforme descrito no NRC de 1971.

Os dados climáticos foram obtidos no Instituto Nacional de Meteorologia. Foi realizada análise de variância ANOVA e comparações entre as médias pelo teste de Tukey. Uma análise de regressão polinominal foi usada para relacionar o efeito do ITU no tempo gestacional, os modelos foram escolhidos com base na significância dos coeficientes de regressão ($p<0,05$) e coeficiente de determinação (r^2), a significância foi estabelecida em $p<0,05$. Os resultados estão expressos em média ± DP, valores mínimos e máximos. Potros machos (343 ±10, 320-390 dias, n=226) tiveram maior tempo gestacional que fêmeas (341±10, 321-375 dias, n=211) (p=0,04). Éguas mais velhas (346±9, 322-365 dias, n=47) tiveram maior tempo de gestação que éguas maduras (342±10; 323-390 dias, n=211) e jovens (341±10; 320-375 dias, n=179) (p=0,004). Não foram observadas interações ($p>0,05$) entre localização, sexo do potro, paridade e idade da égua. A análise de regressão linear demonstrou uma correlação negativa (p=0,001) entre ITU (y) e tempo gestacional (x) e o seguinte modelo foi obtido: $y=363,855 – 0,34461x$ ($r^2=0,06$). Como as éguas foram manejadas de forma semelhante, sugerimos que os valores de ITU no mês do parto apresentam uma correlação negativa com tempo gestação de éguas Puro Sangue Inglês.

Palavras-chave: Tempo de gestação; éguas ; itu

92. RELAÇÃO ENTRE A EXPRESSÃO GÊNICA DO PLCZ, WPB2NL E TNF-A NO ESPERMATOZOIDE COM QUALIDADE SEMINAL E FERTILIDADE DE GARANHÕES DA RAÇA CRIOULA

VERÔNICA LA CRUZ BUENO*1; HENRIQUE BOLL DE ARAUJO BASTOS1; LUIZ AUGUSTO MACHADO CENTENO1; NÉLSON ALEXANDRE KRETZMANN FILHO2; RODRIGO COSTA MATTOS1; SANDRA MARA DA ENCARNACAO FIALA3

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL; 2.UNIRITTER, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, PELOTAS, RS, BRASIL.

e-mail:veronicalacruzbueno@hotmail.com

Resumo:

Em todas as espécies de mamíferos estudadas, o gene PLCζ (Fosfolipase C Zeta) é responsável pelo aumento de cálcio no momento da fecundação do oócito. O gene WBP2NL (Gene da Proteína 2 de Ligação ao Domínio WW N-terminal Like), esta sendo estudado por sua possível capacidade para iniciar a ativação de oócitos durante a fecundação. O gene TNF-α (Fator de Necrose Tumoral alfa) é uma citocina pró-inflamatória encontrada no plasma seminal, porém, seu efeito na célula espermática ainda não está claro. O objetivo desse trabalho foi avaliar a relação da expressão gênica de PLCζ, WPB2NL e TNF-α no espermatozoide, com a qualidade seminal e fertilidade de garanhões da raça crioula. Foram utilizados ejaculados de 40 garanhões da raça Crioula, localizados em cabanas na região de Porto Alegre (30ºS, 51ºW), RS, Brasil. A fertilidade dos garanhões foi avaliada pelo histórico reprodutivo dos animais, fornecido pelas centrais de reprodução que alojavam os garanhões e através do número de embriões recuperados ou prenhez, sendo, neste caso, consideradas 30 inseminações. A concentração espermática foi avaliada em câmara de Neubauer. As demais análises microscópicas foram realizadas através do sistema Computer Assisted Sperm Analysis AndroVision® com leja. A análise da integridade física da membrana foi realizada utilizando-se sondas fluorescentes. A integridade funcional da membrana plasmática foi avaliada por meio do teste hiposmótico, para avaliação da patologia espermática, foi realizado esfregaço e corado com kit panotico®. A extração do RNAm foi realizada através do Kit Comercial TRIzol™. A conversão para cDNA foi realizada através de kit comercial SuperScript III Reverse Transcriptase®. A amplificação foi realizada utilizando o termociclador real-time PCR Applied Biosystems®, sendo os dados processados pelo software integrado v2.3. Os resultados quantitativos da qPCR foram determinados usando uma curva padrão absoluta (fórmula=10^((ct alvo CT padrão)/slope). Para analise estatística foi utilizada correlação de Pearson através do programa Minitab. Não foi encontrada correlação com os genes WBP2NL e TNF-α nas analises realizadas. Foi encontrada correlação positiva do gene PCLζ com integridade funcional da membrana plasmática (0,449/p<0,004), integridade física da membrana plasmática (0,438/ p<0,014), taxa de prenhez (0,454/p<0,007), motilidade total (0,486/p<0,014), motilidade progressiva (0,413/p<0,008) e correlação negativa com espermatozoides imóveis (-0,427/ p<0,006). A correlação entre o gene PLCζ e a taxa de prenhez pode ser explicada pelo mecanismo de ativação do oócito, uma vez que o gene PLCζ é responsável pelo

aumento de Ca+2 no momento da fecundação, sendo o gatilho para divisão celular meiótica, dando origem ao embrião. Em humanos foi demonstrado que o espermatozóide com baixa expressão de PLCζ têm deficiência em sua capacidade de ativar o oócito. A associação do gene da PLCζ com a qualidade espermática já havia sido descrita em suínos. Neste estudo, foi demonstrada correlação moderada entre a expressão gênica do PCLζ com integridade funcional e integridade da membrana plasmática, cuja integridade é fundamental no processo de fecundação. Este estudo demonstrou que a expressão gênica do WBP2NL, não deve ser utilizada como marcador de qualidade seminal e fertilidade em garanhões, pois não foi encontrada nenhuma correlação positiva com parâmetros avaliados, o que corrobora com trabalhos realizados em humanos. Não observamos correlação da expressão do gene TNF-α com qualidade seminal e fertilidade em garanhões. Esta ausência de correlação pode ter relação com a categoria de garanhões utilizada, pois as citocinas estão relacionadas a processos inflamatórios e todos os garanhões utilizados no experimento apresentavam-se hígidos. Concluímos que a expressão do gene PCLζ no espermatozoide equino pode ser utilizada como um marcador para a qualidade seminal e fertilidade do garanhão.

Agradecimentos: Capes e ABCCC.

Palavras-chave: Espermatozoide equino; expressão gênica; fertilidade

93. SEGURANÇA DA UTILIZAÇÃO INTRAUTERINA DE OZÔNIO EM ÉGUAS.

ERIKY AKIO TONGU*1; LORENZO GARRIDO SEGABINAZZI1; DACIO DE CASTRO DIAS2; CÉSAR GRANER2; MONICA FREITAS DA SILVA2; RONALDO DE AZEVEDO FERREIRA2; VERÔNICA FLORES DA CUNHA SCHEEREN1; STÉLIO PACCA LOUREIRO LUNA1; JEAN GUILHERME FERNANDES JOAQUIM1

1.UNESP BOTUCATU, SAO PAULO, SP, BRASIL. 2. INSTITUTO BUTANTÃ, SAO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:eriky_tongu@live.com

Resumo:

A ozônioterapia têm sido usada há mais de 80 anos em todo o mundo para tratamentos em humanos e animais, iniciando-se para tratamento de feridas. Pesquisas vem crescendo procurando melhor entender os mecanismos por trás da ozonioterapia. Devido a uma ação biológica versátil , a terapia com ozônio pode auxiliar em uma ampla variedade de doenças e condições. Em eqüinos sua aplicação terapêutica pode ser utilizada em doenças externas como feridas, e podem auxiliar no tratamento de doenças sistemicas. Entretanto são poucas e raras as pesquisas sobre a segurança de seu uso no sistema reprodutor, nomeadamente sua utilização intra-uterina. O objetivo desse trabalho foi avaliar a segurança da infusão de soro fisiológico (NaCl 0,9%) ozonizado intrauterino em éguas. Para tanto foram utilizadas 7 éguas sem raça definida, com idade entre 4-13 anos, com histórico reprodutivo conhecido sem nenhuma alteração no exame ginecológico e citológico. Foi utilizada solução fisiológica (NaCl 0,9%) ozonizada a qual foi preparada utilizando-se um gerador de ozonio (Modelo O&L1.5 RM, Ozonio Life® – São José dos Campos, Brasil), com protocolo de ozonização por 7 minutos, concentração de 50mg de O3/L. As infusões uterinas foram realizadas no estro das éguas utilizando cateteres de silicone proprio para lavagem uterina. Foram realizadas duas lavagens uterinas em sequencia, deixando-se a solução agir por 10 minutos antes de ser retirado o volume previamente inserido. Foram coletadas amostras de biopsia em 3 momentos(M) diferentes. Antes da utilização do ozonio(M0), 15 dias após a infusão (M15) e 30 dias após infusão(M30). As biópsias foram coletadas utilizando pinça de biopsia de inox (Botuphama® Botucatu – Brasil), as amostras foram acondicionadas em formol tamponado 10%. Em seguida os fragmentos uterinos foram condicionados em blocos parafina. De cada fragmento foram feitos cortes de 5 micrômetros de espessura e corados pela hematoxilina - eosina, para serem submetidos à microscopia óptica no aumento de 1000x com contagem de células inflamatórias no extrato compacto por 10 campos, e em avaliações do processo inflamatório e das alterações degenerativas de forma subjetiva segundo Kenney; Doig (1986). Não foram observadas diferenças entre os momentos (P>0,05), no processo infiltrativo no extrato compacto; Linfócitos M0: 9,21±3,0; M15 8,44±2,12; M30: 9,44±1,77 Polimorfonucleares: M0:0; M15: 0,1; M30: 0. Também não foram encontradas diferenças no processo inflamatório degenerativo, assim como no processo inflamatório agudo.

Conclui-se que a utilização do ozônio nas condições realizadas, não causou efeitos adversos no endométrio, sendo um procedimento seguro no protocolo acima descrito.

Palavras-chave: Ozonioterapia; biópsia uterina; égua

94. TAXAS DE PERDAS EMBRIONÁRIAS DE DOADORAS IDOSAS E JOVENS NA RAÇA CRIOULA

JARBAS DIAS XAVIER*1; FELIPE P HARTWIG2; PEDRO TOALDO GENTILINI ÁVILA2; VINICIUS DE AZEVEDO FOLLE2; VINICIUS DE SOUZA IZQUIERDO1; ANTONIO SERGIO VARELA JUNIOR3; CARINE DAHL CORCINI1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, CAPAO DO LEAO, RS, BRASIL; 2.HARTWIG FERTILIDADE EQUINA LTDA, PELOTAS, RS, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE, PELOTAS, RS, BRASIL.

e-mail:jarbasdx@hotmail.com

Resumo:

O valor econômico das matrizes na espécie equina é estimado basicamente pelo desempenho atlético e morfológico de sua progênie. Normalmente este fato ocorre quando a égua já passou da sua meia vida reprodutiva, coincidindo com a diminuição dos índices de fertilidade. Os embriões oriundos de éguas idosas apresentam uma maior porcentagem de morte entre dois e cinco dias após a fertilização devido à ocorrência de um desenvolvimento mais lento na tuba uterina. Além disso, em éguas velhas, são relatados problemas em relação a maturação folicular o que vai gerar queda da qualidade dos oócitos, bem como um déficit no desenvolvimento embrionário. Devido a isto, existe um aumento nas taxas de perdas embrionárias principalmente por alterações cromossômicas, as quais são provocadas por translocações autossomais na fase da meiose. Dependendo da combinação gênica e segregação cromossômica as translocações podem produzir gametas normais ou alterados. Para a obtenção de resultados reprodutivos satisfatórios é de suma importância o conhecimentos dos fatores biológicos e de manejo que podem interferir na eficiência reprodutiva da égua. O objetivo do presente trabalho foi de relatar as taxas de perdas gestacionais a partir do momento do diagnóstico positivo até 60º dia de embriões provenientes de doadoras com mais de 20 anos, consideradas idosas e com menos de 10 anos, consideradas jovens. Para o estudo foram levantados os dados das temporadas reprodutivas de 2016/17 e 2017/18. Foram utilizadas éguas da raça Crioula todas alojadas em uma central de reprodução no município de Pelotas-RS e sob as mesmas condições sanitárias e alimentares. Os lavados uterinos para recuperação embrionária foram realizados aos oito dias após a ovulação das doadoras e as inseminações foram feitas com sêmen fresco ou refrigerado. Todas as receptoras utilizadas eram cíclicas e no momento da inovulação apresentavam-se entre três e sete dias após a ovulação. Nas temporadas analisadas ocorreu um total de doze perdas gestacionais, sendo que nove (75%) delas provenientes de doadoras idosas, que possuíam média de idade de 22 anos, e três (25%) de doadoras jovens, com média de cinco anos. As perdas foram divididas conforme o período de gestação nas éguas receptoras: uma (8,3%) ocorreu do momento do diagnóstico positivo até o 15º dia, dez (83,4%) ocorreram entre o 15° e o 30° dia e uma (8,3%) entre o 30° e o 60° dia. Os índices obtidos neste estudo em éguas da raça Crioula são condizentes com a literatura a qual relata que as éguas idosas são mais propensas a perdas gestacionais comparado à éguas jovens. Este fato é atribuído não somente a idade, mas à capacidade do aparelho reprodutivo em produzir oócitos de qualidade adequada. Esta capacidade interfere significativamente nos índices de recuperação embrionária bem como nas taxas de perda embrionária após a TE. Especificamente na raça Crioula, por motivo de necessidade de obtenção de pontuação por progênie para adquirir o direito perante a associação que regulamenta a raça de gerar mais embriões por temporada grande parte das éguas que encontram-se em programas de TE são idosas. Este é um fator que deve ser levado em consideração visto que já é conhecido o efeito negativo da senilidade sobre a qualidade oócitária e sobre o ambiente tubárico e para formação e desenvolvimento do embrião. Neste estudo a maior parte (91,7%) das perdas gestacionais ocorreram até o 30º dia e por isso são classificadas como perdas embrionárias precoces. Este intervalo de tempo corresponde ao período de transição entre a vida embrionária e a vida fetal o qual possivelmente pode ter sido comprometido por uma formação inadequada do embrião. Com o presente trabalho, pode-se verificar que a senilidade em doadoras da raça Crioula foi um fator que potencializou as perdas gestacionais.

Palavras-chave: éguas doadoras; transferência de embriôes; fertilidade

95. TÉCNICA ALTERNATIVA PARA INOVULAÇÃO DE EMBRIÃO NA ESPÉCIE ASININA

LUCAS TRONCARELLI RODRIGUES*1; LUCAS EMANUEL FERREIRA CANUTO1; SIDNEI NUNES DE OLIVEIRA1; FELIPE ERISON MEDRADO ROCHA DE SOUSA1; LORENZO GARRIDO SEGABINAZZI1; LUIZ ROBERTO PENA ANDRADE JUNIOR1; MARCO A ALVARENGA1; JOSE ANTONIO DELL`AQUA JR1; FREDERICO OZANAM PAPA1

1.FMVZ-UNESP,BOTUCATU/SP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:lucastroncarellirodrigues@gmail.com

Resumo:

Poucas pesquisas em programas de transferência de embriões (TE) em asininos (intraespecífica) tem sido realizadas, tendo em vista, que há diferenças em suas aplicações nos programas de biotecnologias da reprodução quando comparado a espécie equina. Na espécie asinina a TE tem apresentado baixas taxas de gestação, principalmente pela difícil manipulação no momento da passagem da cérvix durante a inovulação do embrião, levando assim liberação de PGF2α, causando consequentemente a luteólise e perda embrionaria. O objetivo deste trabalho foi adaptar na técnica de inovulação proposta por Wilsher e Allen (2004), a utilização de uma pinça de aço inoxidável por nós desenvolvida similar a pinça de transferência de embriões Wilsher, na tentativa de promover o alinhamento da mesma e consequentemente facilitar o procedimento da TE em jumentas, com uma menor manipulação da cérvix e melhores taxa de prenhez. Para isso o animal foi colocado em tronco de contenção adequado, realizado sedação com xilazina 10% (0,5 mg/kg/IV) para que o animal se mantivesse o mais tranquilo possível e facilitasse o momento da inovulação do embrião. Procedeu-se a higienização do períneo e com auxílio de um espéculo de Polansky, identificou-se a cérvix e tracionou com uma pinça adaptada, assim com um inovulador modelo Francês o embrião foi depositado no corpo uterino da receptora. Os resultados preliminares com uso desta técnica até o momento são de 5 TE de asininos (intraespecifica) obtendo 2 prenhezes positivas, não tendo sido observada nenhuma dificuldade no momento da inovulação. Estudos estão em desenvolvimento com intuito de melhorar ainda mais os resultados e de comparar as taxas de prenhez com uso da técnica convencional e esta nova proposta.

Agradecimentos: FMVZ-UNESP, Botucatu.

Palavras-chave: Asinino; cérvix; transferência de embrião

96. USO DE MISOPROSTOL NO TRATAMENTO DE ÉGUAS COM SUSPEITA DE OBSTRUÇÃO DE AMPOLAS

MARCO A ALVARENGA*1; LORENZO GARRIDO SEGABINAZZI1

1.UNESP - BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:lgseg@hotmail.com

Resumo:

O embrião equino, diferentemente de outras espécies, permanece na tuba uterina nas fases iniciais de desenvolvimento (até ± 5 dias), quando inicia sua migração a partir da síntese de PGE, que possibilita a passagem

pela tuba uterina e junção útero-tubárica até o útero. Oócitos não fecundados não têm a capacidade de sintetizar este hormônio, ficando assim retidos nesse órgão. Algumas éguas podem apresentar obstrução das tubas, e já foi demonstrado que éguas com infertilidade inexplicável, tratadas com aplicação de PGE na tuba uterina, via laparoscopia, retomaram índices de fertilidade. No entanto, sabe-se que procedimentos cirúrgicos promovem riscos e altos custos referentes ao procedimento e ao manejo pós-operatório. Nesse contexto, o Misoprostol é uma PGE sintética, e o objetivo do presente estudo foi avaliar se o tratamento com esse fármaco, por via intrauterina, é capaz de restabelecer fertilidade em éguas com infertilidade inexplicável. Os animais utilizados neste estudo eram éguas apresentando infertilidade por ao menos dois anos e 10 ciclos estrais antes do tratamento. Foram tratadas 15 éguas, com idade entre 5-25 nos, com aplicação de um comprimido de Cytotec® (200 mcg de Misoprostol, Pfizer, USA) diluído em 3 mL de água estéril, na extremidade de cada corno uterino, objetivando a aplicação mais próximo possível da papila útero-tubárica. Esse procedimento foi realizado durante a fase de diestro e as éguas foram inseminadas nos ciclos subsequentes. Doze éguas (80%) retomaram taxa de fertilidade nos primeiros dois ciclos após o tratamento. Nove de 12 éguas inseminadas para coleta de embriões produziram ao menos um embrião após o tratamento (0,51 embriões/ciclo) e três de três éguas inseminadas ficaram prenhas da mesma forma. Assim, podemos concluir que o uso de Misoprostol por via intrauterina é um potencial tratamento para éguas com infertilidade inexplicável.

Palavras-chave: égua problema; infertilidade; pge

RESUMOS

FISIOLOGIA DO EXERCÍCIO OU NUTRIÇÃO DE EQUÍDEOS

97. ACEITABILIDADE E COMPORTAMENTO ALIMENTAR DE EQUINOS SUPLEMENTADOS COM GLICERINA BRUTA

MURILLO ORMIERES*1; HORTÊNCIA CAMPOS MAZZO2; CAMILA BIANCONI1; SAULO BARACAT VILLELA1; NICOLAS VENTURA DUARTE1; JÚLIA RIZZO DE MEDEIROS FERREIRA1; CRISTIANE MORAIS1; GABRIELLA DE MELO CHAGAS1; ALEXANDRE AUGUSTO DE OLIVEIRA GOBESSO1

1.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, PELOTAS, RS, BRASIL.

e-mail:murilloormieres@gmail.com

Resumo:

A glicerina bruta, se apresenta em outrass espécies como uma rica fonte enérgetica. Cavalos com restrição de espaço, com fornecimento de alimentos energéticos, mesmo que dentro das exigências, tendem a apresentar comportamentos estereotipados. Aceitabilidade de dietas com altos valores energéticos, que inclui as suplementações ocorre pelo fato dos cavalos conseguirem selecionar os alimentos e sua composição nutricional. A palatabilidade influencia diretamente na aceitabilidade dos alimentos. Pesquisas na utilização da glicerina na alimentação equina são praticamente inexistentes, necessitando de estudos com esta espécie a fim de se determinar possíveis níveis de consumo. Esse trabalho foi desenvolvido com o objetivo de avaliar efeitos da suplementação de glicerina na aceitabilidade e comportamento alimentar dos equinos. Para tal, utilizou-se oito pôneis machos, castrados, da raça Mini-Horse, com idade aproximada de 9 anos ± 6 meses, peso corporal médio de 149,80 ± 17,20 kg e escore corporal médio de 5,4 ± 0,7. Que foram alojados em baias individuais. O delineamento utilizado foi o de quadro latino duplo com duração de 15 dias para adaptação a dieta e cinco dias de coleta total de fezes, as quatro dietas experimentais fornecidas diferiram quanto ao nível de inclusão de glicerina (0, 4, 8 e 12), onde os valores foram calculados com relação á porcentagem de concentrado fornecido por animal. A glicerina bruta foi fornecida pelo método top dressing ao concentrado diretamente no cocho A aceitabilidade foi mensurada a partir dos valores de sobra de concentrado no cocho após fornecimento comparando os tratamentos. O monitoramento para avaliação do comportamento alimentar dos animais foi realizado por meio de observação, nos últimos três dias de adaptação à dieta, no momento de soltura, respeitando à rotina de manejo pré-existente. os animais foram soltos em piquete de terra sem acesso a pastagem, com acesso a água e sal mineral ad libitum. Foram utilizados dois mesmos observadores em todos os períodos os quais foram posicionados em distância que não interferisse no comportamento natural dos animais. Os comportamentos foram tabulados seguindo o preenchimento do etograma predefinido a cada dois minutos, por uma hora. Os dados foram posteriormente tabelados quanto à quantidade de ações referendadas cometidas durante cada um dos períodos analisados e analisadas como fator tratamento. Os dados referentes aos eventos comportamentais observados foram avaliados sob forma de frequência relativa (número de eventos/número total de eventos). Pra essas análises utilizou-se o PROC GLIMMIX programa Statistical Analysis System (SAS Institute Inc., 2010). As médias foram comparadas pelo teste de Tukey, utilizando $P<0,05$ como referência para os valores significativos. No presente trabalho, não houve computação de sobras do concentrado em nenhum dos períodos de coleta total. Acreditamos que tenha ocorrido pelo sabor adocicado da glicerina. Os dados médios dos eventos observados onde, em sua grande maioria, não houveram diferenças comportamentais relacionadas ao tratamento. Contudo, o evento "Alimentação" foi significativo, demonstrando que o grupo controle permaneceu mais tempo se alimentando ou em busca por alimento ($P= 0,0320$). Esse comportamento pode ser justificado pela quantidade de energia fornecida na dieta. Alimentação com teores mais altos de energia tendem a ser ingerida mais rapidamente e causa maior tempo de saciedade nos animais. Sendo assim, a suplementação de glicerina bruta na dieta de equinos se apresenta como segura não afetando o comportamento alimentar.

Agradecimentos: À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Palavras-chave: Mini-horse; glicerol; nutrição

98. ANALISE DE PARÂMETROS HEMATIMÉTRICOS E BIOQUÍMICOS SÉRICOS EM EQUINOS MANGALARGA MARCHADOR (MM) PRÉ E PÓS-EXERCICIO.

GABRIELA ROSA MAIA*1; GUILHERME BARBOSA COSTA2; SIMONE BONATTINI MARTINEZ1; MURILO SILVA LUCIANO1; AULO HENRIQUE ARAUJO3; MICHELE PADOVAN1; ISADORA HELENA MELO4; DANIEL PAULINO JUNIOR1

1.UNIFRAN, FRANCA, SP, BRASIL; 2.CLINICA E CIRURGIA DE EQUINOS DE FRANCA, FRANCA, SP, BRASIL; 3.BICHO SELVAGEM CLINICA VETERINARIA, FRANCA, SP, BRASIL; 4.FRIGORIFICO FRANCA BOI, FRANCA, SP, BRASIL.

e-mail:gabi_rmaia@hotmail.com

Resumo:

O Margalarga Marchador é conhecido por ser uma raça versátil, muito utilizada para o lazer em cavalgadas. Atualmente ela vem ganhando destaque no esporte, em competições de marcha, pois esta é a sua principal característica despertando o interesse do mercado nacional. Neste trabalho buscamos avaliar a influência do exercício de baixa a média intensidade através dos parâmetros hematimétricos e bioquímicos como creatina quinase, glicemia e lactato para que se tenha um melhor entendimento do que acontece com esses animais quando submetidos a uma prova de marcha. Foram avaliados sete equinos machos Mangalarga Marchador com idades de 4 a 10 anos, pesando entre 320 e 410 quilos, submetidos regularmente a treinamentos de marcha. Estes condicionamentos foram realizados diariamente de segunda a sexta-feira por um período de 1hora (h) e 30 minutos (min.), sendo realizados 20 min. de aquecimento a passo, 40 min. de marcha e finalizando com 30 min. a passo. O solo da pista é composto por areia, apresentando 500 metros (m) de comprimento e 50 m de largura. As coletas das amostras foram realizadas a cada 30 dias totalizando 60 dias de avaliação: T0, T30 e T60 sendo todas elas coletados no pré (com os animais em repouso) e pós-exercício. A equipe de coleta chegava ao local 3 horas antes do início dos treinamentos para que fossem aferidos os parâmetros dos equinos no pré-treino, descartando qualquer alteração que não permitisse a participação desses animais. As coletas seguiram uma sequência de execução: retirada de sangue para o hemograma e bioquímico (CK, glicose e lactato). Após o término do treino foi coletada uma amostra de cada animal para a análise do pós-treino na mesma sequência. Foi utilizado o teste estatístico Graphpad prism 7 para análise das variáveis, sendo a análise de variância (ANOVA) o nível de significância de 5%. Dos resultados encontrados nas variáveis hematimétricas, observou-se que houve um incremento de 16,32% das hemácias (*p>0,002) quando comparado ao pré-treino 9,23±0,96x106 e ao pós-treino 11,03±1,26x106, levando a seguinte hipótese: durante o exercício os equinos fazem a contração esplênica, ejetando mais hemácias na circulação, para que haja uma distribuição de oxigênio para os músculos de forma rápida para a produção de ATP, gerando mais energia, e como o esperado visto que a hemoglobina é importante carreador de oxigênio, esta teve um aumento de 16,22% do pré para o pós-treino em todas as coletas, além do aumento do hematócrito (VG) (p*>0,002) em cerca de 20%. No presente estudo não houve alterações nos valores de CK e glicose, porém denotou-se um aumento de 14,38% e 14,77% respectivamente. Já o lactato (p*>0,003) em equinos atletas pode variar de 1,11 a 1,78 mmol/L,houve a elevação de 39,4% dessa variável, pois no T0 o valor era de 2,4±0,5 mmol/L, e no pós 3,3±0,9 mmol/L.Enquanto que no T60 observamos pré 2,2±0,6 mmol/L e no pós 4,0±1mmol/L, porém apresentando apenas uma variação seguidamente ao treino de 17,5%. Observamos que o percentual de aumento da glicemia foi relativamente diferente dos níveis de lactato, demonstrando a utilização da via aeróbica. Isso pode estar ligado ao tipo de exercício, no entanto neste caso a produção de energia foi pela via alática. Concluímos que através das variáveis hematimétricas e bioquímicas podemos conhecer as principais modificações que o exercício de baixa a média intensidade acarreta nestes animais, consequentemente contribuindo para uma melhor avaliação dos equinos atletas, indicando assim se o treinamento está sendo significativo ou não, e em caso negativo realizar as possíveis alterações necessárias para a obtenção de uma melhor condição atlética para o animal.

Palavras-chave: Cavalo atleta; medicina equina; mangalarga marchador

99. ANÁLISE BIOMECÂNICA DO ANDAMENTO EM POTROS DA RAÇA MANGALARGA MARCHADOR NOS PRIMEIROS 15 DIAS DE VIDA

LILIAN UTRAGA DOS SANTOS*1; CAROLINA DE MARCHI SOARES1; RAFAELA SPERANZA BAPTISTA1; TAIS CASONATO RODRIGUES1; FLAVIA DE ALMEIDA LUCAS1; FRANCISCO LEYDSON FORMIGA FEITOSA1; LUIZ CLAUDIO NOGUEIRA MENDES1; LINA MARIA WEHRLE GOMIDE1; JULIANA REGINA PEIRO1

1.FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA DE ARAÇATUBA - FMVA/UNESP, ARACATUBA, SP, BRASIL.

e-mail:lilianutraga@hotmail.com

Resumo:

O método acelerométrico para a análise biomecânica, quando usado a campo, possui vantagens em comparação à videogrametria, pois permite obter dados cinemáticos (comprimento e frequência das passadas, regularidade, simetria e deslocamento dorsoventral do animal) e cinéticos (propulsão, potências dorsoventral e mediolateral e potência total) com processamento de dados mais rápido. Objetivou-se (a) avaliar as características biomecânicas da marcha e do passo em potros durante os primeiros 15 dias de idade, com o uso do equipamento de análise de andamento Equimetrix®; e (b) determinar através dos valores obtidos, quais animais apresentam as características desejadas para os padrões de andamento da raça desde jovens, para que seja possível realizar a seleção precoce da marcha, buscando a uniformidade e qualidade do plantel. Foram utilizados 12 potros (7 fêmeas e 5 machos) e 10 equinos adultos (9 fêmeas e 1 macho) classificados pelo treinador como os melhores animais de marcha da propriedade. Os potros foram equipados com o sistema de análise de andamento Equimetrix® e acompanharam a trajetória da mãe, puxada no cabresto pelo treinador em pista plana de grama, primeiro ao passo e depois à marcha, com velocidade acompanhada por GPS. Os cavalos adultos também foram equipados com o Equimetrix®, percorreram a mesma trajetória nas mesmas condições, no entanto foram montados pelo treinador. As variáveis cinemáticas e cinéticas foram calculadas e obtidas com o equipamento de análise de andamento Equimetrix®. Foi realizada a comparação dos dois grupos, ao passo e à marcha. Ao passo, as variáveis cinemáticas dos potros se modificaram de acordo com a idade. A velocidade foi menor que a de animais adultos durante os 15 dias consecutivos de avaliação tanto ao passo (0,89-1,04 m/s; $p<0,0001$) quanto à marcha (1,13-2,00 m/s; $p<0,0001$). Ao passo, a frequência da passada dos potros foi semelhante à de suas mães, embora com o comprimento menor das passadas durante todo o período de avaliação. Diferentemente, à marcha, os potros apresentaram frequência de passada maior do que a de adultos entre o 8º e o 10º dia de idade, e o comprimento da passada foi menor durante os dias 15 de avaliação. As diferenças encontradas podem ser explicadas pelo fato dos potros necessitarem desenvolver um número maior de passos para acompanhar a mãe no mesmo espaço de tempo, tanto ao passo quanto à marcha. A regularidade do passo potros foi menor que a de animais adultos até o 10º dia de avaliação, enquanto a regularidade da marcha foi semelhante entre potros e adultos durante todos os 15 dias de avaliação. Assim, a regularidade é um parâmetro muito sensível para detectar e quantificar a coordenação dos movimentos ao passo e à marcha. Ao passo, a simetria foi semelhante entre potros e adultos, exceto no 3º dia de idade, quando os potros apresentaram valores médios abaixo do ideal. À marcha, a simetria sofreu variações diárias. À marcha, a potência dorsoventral foi maior e propulsão foi menor em potros em comparação aos adultos durante os 15 dias de avaliação. Concluímos que algumas características do passo podem ser observadas precocemente nesta raça como a frequência e a simetria desde o nascimento e a regularidade a partir do décimo primeiro dia de vida. Em relação à marcha, a regularidade foi o único parâmetro consistente desde o nascimento.

Palavras-chave: Acelerometria; equimetrix; equinos

100. ANÁLISE DA ATIVAÇÃO MUSCULAR POR ELETROMIOGRAFIA DE SUPERFÍCIE EM EQUINOS DURANTE EXERCÍCIOS DE FORTALECIMENTO

RODRIGO RIBEIRO BARSANTI*1; NATÁLIA ALMEIDA MARTINS1; OSMAR DIAS FERRAZ JUNIOR1; DIANA VILLA VERDE SALAZAR1; SAMUEL PEREIRA SIMONATO1; AMANDA PIAIA SILVATTI1; BRUNNA PATRÍCIA ALMEIDA DA FONSECA1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, VIÇOSA, MG, BRASIL.

e-mail:rodrigo.barsanti@gmail.com

Resumo:

Protocolos de treinamento eficazes são de suma importância para a saúde física e psíquica dos equinos. No entanto, no Brasil a maioria dos animais é treinada de forma empírica, ou seja, sem seguir um protocolo específico com intuito principal de preparar o animal para suportar o peso extra do cavaleiro. Além disso, com o crescimento do interesse pela reabilitação, várias técnicas de cinesioterapia vêm sendo utilizadas tanto terapêutica quanto preventivamente, mas não existe comprovação científica de quais grupos musculares são efetivamente ativados durante tais exercícios. Nesse sentido, este projeto de pesquisa teve como objetivo mensurar a ativação de músculos estabilizadores e mobilizadores da coluna dos equinos durante exercícios utilizados para fortalecimento muscular, equivalentes ao Pilates em humanos. Além de possivelmente comprovar a importância destes exercícios e contribuir para o melhor entendimento da biomecânica equina por meio da análise eletromiográfica. Para isso, oito equinos adultos e hígidos com idades entre seis e dez anos realizaram 15 exercícios de fortalecimento. Porém, neste resumo, vamos nos ater em dois exercícios específicos, que consistem no estimulo bilateral da base da cauda para promover a nutação sacral (flexão lombossacra) e na tração de cauda. Esses exercícios são classicamente utilizados para estimular a contração dos músculos glúteo médio, longuíssimo dorsal e reto abdominal. As séries foram realizadas com manutenção do movimento ou estímulo por cinco segundos em cada tentativa. Durante a prática desses exercícios, a atividade eletromiográfica foi capturada com a utilização de sensores superficiais (Delsys®) posicionados de forma não invasiva em regiões cutâneas referentes aos músculos supracitados de forma bilateral. Os exercícios foram realizados cinco vezes em cada animal por uma pessoa capacitada e conhecedora das técnicas de cinesioterapia, e ativação muscular captada pela eletromiografia de superfície (EMGs) foi analisada. Após avaliação qualitativa dos dados brutos durante o estímulo da base da cauda e tração de cauda, foi observada, na maioria dos animais, ativação de maior intensidade do longuíssimo dorsal e moderada do reto abdominal e glúteo médio em ambos os exercícios. Apesar de serem dados preliminares, pois neste estudo também foram mensuradas as atividades eletromiográficas do esplênio, oblíquo abdominal externo e bíceps femoral, pode-se inferir que dependendo do exercício realizado, será obtida uma atuação mais intensa de determinados grupos musculares. Era esperada uma maior ativação do glúteo médio e reto abdominal e uma menor ativação do longuíssimo dorsal, uma vez que não ocorre a extensão da coluna toracolombar e articulação lombossacra e sim sua flexão, movimentação promovida justamente pelo reto abdominal e glúteo médio. Assim, acreditamos que a maior quantidade de ação muscular do longuíssimo dorsal se dê pela contração excêntrica e isométrica durante a execução dos exercícios, evidenciando a função estabilizadora desse músculo nos equinos. Visto isso, os resultados finais desse trabalho serão essenciais no estabelecimento de programas de fortalecimento bem direcionados, pois esses podem agir diretamente sobre a melhora do rendimento em determinados esportes equestres, bem como prevenção de lesões ou reabilitação dos equinos e, por conseguinte, o bem-estar animal. Por fim, a prescrição precisa dos exercícios reduz o tempo diário necessário para realização dos mesmos, fator chave para que os proprietários e treinadores façam adesão aos programas de reabilitação.

Agradecimentos: Ao Programa de Pós-Graduação em Medicina Veterinária da UFV, Laboratório de Análises Biomecânicas do Departamento de Educação Física da UFV e Centro de Treinamento Róger Vieira.

Palavras-chave: Emg; longuíssimo dorsal; fortalecimento muscular

101. AVALIAÇÃO DO PERFIL BIOQUÍMICO DA CREATININA PLASMÁTICA E UREIA EM EQUINOS ATLETAS ANTES E APÓS PROVAS DE VAQUEJADA

ANA CAROLINA BARBALHO DE SOUZA*1; JOSÉ SALLY DE ARAÚJO JÚNIOR1; ANNE DANIELE DE OLIVEIRA LIMA1; ÍSIS TRANCOSO SILVA1; MARIA CLARA SILVA DE MIRANDA1; TICIANE TRINDADE DANTAS1; RODRIGO TENÓRIO PADILHA2; MAÍRA CONCEIÇÃO JERÔNIMO DE SOUZA2; FELIPE VENCESLAU CÂMARA2

1.GRADUANDO EM MEDICINA VETERINÁRIA - UNIVERSIDADE POTIGUAR - UNP, NATAL, RN, BRASIL; 2.PROFESSOR DA UNIVERSIDADE POTIGUAR – UNP – ESCOLA DA SAÚDE, NATAL, RN, BRASIL.

e-mail:carolbarbalhos@gmail.com

Resumo:

Nas competições de vaquejada, os equinos são extremamente exigidos, devido à realização de esforço físico de alta intensidade e curta duração, desse modo, a creatinina e ureia são enzimas necessárias para a função do organismo. A ureia (BUN) através do exercício pode ocorrer redução do fluxo renal, quando prolongado, o BUN pode aumentar 50% ou mais. A creatinina (Cr) pode ser influenciada pelo desgaste muscular, ocorrendo um aumento nos níveis séricos combinado com a redução da excreção urinária de creatinina. Essas enzimas podem variar com a idade, o nível de atividade e a função renal. A avaliação objetivou-se observar a bioquímica sérica da creatinina e ureia de 35 equinos hígidos de diferentes raças, com idades variando entre dois anos e meio a dez anos antes e após o exercício de alta intensidade e com prováveis alterações na composição do perfil bioquímico, analisados na região do Rio Grande do Norte. O sangue foi coletado antes da prova, o animal em repouso total (T0) e após (T1) 15 minutos pelo método de venopunção jugular, na qual previamente foi realizada a assepsia do local com álcool iodado à 2% e garrote caudal por pressão. As amostras foram acondicionadas em tubos de 5 ml sem EDTA, encaminhadas para o laboratório de Patologia Clínica do Centro de Saúde Veterinário da Universidade Potiguar, posteriormente centrifugadas em aparelho específico por 10 minutos a uma velocidade de 3000 rpm, com a intenção de separar o soro do plasma, em seguida pipetar o soro, e colocados no eppendorf. Após, foram feitas as dosagens de ureia e creatinina através de kits específicos. A análise estatística da bioquímica sérica foi processada através do programa estatístico Minitab Statistical Software, versão 14, utilizando teste T pareado. Dos resultados obtidos foram observados que os valores de desvio da média padrão para as atividades séricas de ureia foi no T0 – 28,2 ± 5,88 e T1 – 28,4 ± 5,12, e da creatinina T0 – 1,58 ± 0,48 e T1 – 1,63 ± 0,50. No entanto, observou-se que não houve diferença significativa entre os dois momentos do exercício avaliado, na qual a creatinina sofre ação direta ao grau de desidratação, assim, com os valores dentro da normalidade, os equinos de vaquejada encontraram-se bem hidratados, verificando-se que após a cada corrida era esperado 10 minutos para o animal ingerir água, reidratando-se. A ureia, devido a alimentação dos atletas serem balanceadas com as necessidades da prova submetida, a alteração seria acometida pela a atividade intensa com a associação de alimentação rica em proteína em sua dieta. Desta forma, as provas de vaquejada não promovem alterações que comprometa o bem estar do animal, estando os valores de referência compatíveis na literatura para a espécie.

Palavras-chave: Bioquímica; cavalo ; vaquejada

102. AVALIAÇÃO DOS EFEITOS DE UMA FÓRMULA DE NUTRIÇÃO ENTERAL SOBRE PARÂMETROS RENAIS E HEPÁTICOS, HEMOGRAMA E GLICEMIA DE EQUINOS RÍGIDOS EM SISTEMA DE ALIMENTAÇÃO VOLUNTÁRIA

REBECA ALVES WEIGEL*1; DANIELY SALVADOR1; EBRAIM VARGAS RIBETT2

1.QUIMTIA S.A, CURITIBA, PR, BRASIL; 2.CENTRO DE TECNOLOGIA ANIMAL, DOMINGOS MARTINS, ES, BRASIL.

e-mail:raweigel78@gmail.com

Resumo:

Na prática clínica e cirúrgica de equinos há um grande desafio relacionado à nutrição de animais convalescentes em tratamento de síndrome cólica, disfunções alimentares ou paralisias neuromusculares. Estes animais podem apresentar inapetência, restrições alimentares ou ainda dificuldades diversas de ingestão, mesmo com apetite. O objetivo deste estudo foi avaliar o a efetividade e segurança de uma nutrição enteral para equinos. Foram utilizados 16 equinos adultos, com idade média de 8,2 anos, mestiços, hígidos, sendo 8 machos castrados e 8 fêmeas, mantidos com feno e alimento concentrado comercial. Os animais foram separados em dois grupos de 8 animais,

compostos igualmente por 4 machos e 4 fêmeas, identificados como Grupo Tratado (GT) e Grupo Controle (GC) e permaneceram em baias individuais com água ad libitum. O período total do experimento foi de 5 dias, ambos os grupos receberam 3 refeições diárias. O GC foi alimentado exclusivamente com feno, na quantidade diária de 750g para cada 100 de peso vivo. Já o GT recebeu apenas o composto Equisave® durante os 3 primeiros dias e só feno nos últimos 2 dias. O Equisave® é um produto comercial, indicado para nutrição clínica de equinos em tratamento veterinário, seus níveis nutricionais são: PB(min): 17%, EE(min) 2,5%, MM(max) 6%, FB(max) 14%, MS(min) 87%. A dose utilizada foi 750g de produto seco para cada 100kg de peso vivo por dia, dividida em 3 porções ao longo do dia. O alimento tem apresentação em pó e foi diluído em água, na proporção de 1 volume de Equisave® para 1 volume de água (1:1) e oferecido no cocho, para alimentação voluntária. Todos os dias pela manhã, com os animais ainda em jejum, foram realizadas aferições das frequências cardíaca e respiratória e motilidade intestinal, além de coleta de sangue para hemograma e análise de FA, ALT, AST, GGT, Ureia, Creatinina, Albumina, proteína total plasmática (PT), Triglicerídeos (TGL), Colesterol e Glicose. O experimento foi realizado no Centro de Tecnologia Animal, no estado do Espirito Santo e aprovado pela comissão de ética, segundo o certificado 001/18. Os animais aceitaram o alimento naturalmente e todos as variáveis estudadas permaneceram dentro dos parâmetros de normalidade para a espécie. Não foram identificadas alterações no peso dos animais, consistência das fezes, motilidade intestinal, nem nas frequências cardíaca e respiratória. Tampouco houve efeito da dieta sobre os parâmetros sanguíneos, exceto para TGL e Ureia. A concentração sérica de ureia foi maior no GT nos dias 4 e 5. O produto em questão é indicado para animais com algum grau de desnutrição ou jejum prolongado, quadros que levam ao balanço energético negativo e catabolismo proteico; por isso possui quantidade proteica elevada e de alta absorção. Os animais usados gozavam de plena saúde, de forma que a quantidade de proteína desta dieta pode ter excedido sua exigência. Os teores de TGL também mostraram efeito da dieta nos dias 2, 3 e 4. No GC o dia 4 foi estatisticamente diferente dos dias 0 e 1; e o dia 5 foi diferente dos dias 0, 1 e 2, evidenciando a elevação gradual desta variável. Já no GT o efeito só foi identificado no dia 5 em relação aos 4 dias anteriores. A quantidade de feno ofertada ao GC atingia, aproximadamente, a metade do requerimento energético diário, em matéria seca. Assim, este grupo esteve em balanço energético negativo, o que eleva os teores de TGL. Enquanto que o GT teve sua demanda energética suprida durante o período que recebeu Equisave®, só demonstrando o efeito da deficiência energética a partir do segundo dia de alimentação com feno. Frente a estes resultados concluímos que o uso de Equisave® como única fonte nutricional foi eficiente em manter os animais alimentados, além de seguro na medida que não alterou os sinais vitais, hemograma e perfis hepático e renal além dos parâmetros de normalidade para a espécie. Ademais, quando usado para animais hígidos a dose deve ser reduzida.

Palavras-chave: Nutrição clinica; desnutrição; triglicerides

103. CINEMÁTICA TEMPORAL DAS MARCHAS BATIDA OU PICADA DE EQUINOS MONTADOS DA RAÇA MANGALARGA MARCHADOR: EFEITO DO SEXO

MAYARA GONÇALVES FONSECA*1; JESSICA LAGE1; THAYNE DE OLIVEIRA SILVA2; CONSUELO MARELLI3; TIAGO DE RESENDE GARCIA4; AMANDA PIAIA SILVATTI2; GUILHERME CAMARGO FERRAZ1

1.UNESP JABOTICABAL, JABOTICABAL, SP, BRASIL; 2.UFV, VIÇOSA, MG, BRASIL; 3.MÉDICA VETERINÁRIA AUTÔNOMA, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL; 4.MÉDICO VETERINÁRIO AUTÔNOMO, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL.

e-mail:mayaragoncalvesf@hotmail.com

Resumo:

Na raça Mangalarga Marchador (MM) o dimorfismo sexual foi identificado em medidas morfométricas lineares e angulares, mas faltam estudos sobre sua relação com a movimentação. Criadores e profissionais sugerem, de forma empírica, que existe diferença no padrão do andamento de machos ou fêmeas. Objetivou-se avaliar a possível relação entre o sexo e a cinemática temporal da marcha batida (MB) e da marcha picada (MP) de equinos montados da raça MM. Avaliaram-se 11 fêmeas e 8 machos de MP e 12 fêmeas e 17 machos de MB competidores da 34ª Exposição Nacional do Cavalo MM. Os equinos foram montados pelos seus apresentadores e percorreram 22 m

na marcha média em galpão de alvenaria. Dezoito câmeras optoeletrônicas (240 Hz) focalizaram os 16 m centrais do percurso e adquiriram os dados cinemáticos tridimensionais dos marcadores fixados aos cascos dos cavalos. Determinaram-se comprimento, frequência e velocidade das passadas, dissociação diagonal relativa (DDR) de apoio e decolagem, e porcentagem de distribuição do tempo dos apoios (quadrupedal, diagonal, lateral, bipedais, tripedais, monopedais e suspensão). Os dados individuais foram representados pela média de cada variável em quatro passadas. Dados de dissociação e distribuição dos tempos de apoio da MB foram transformados (sin-1√x/100) para se ajustarem à distribuição normal (teste de Shapiro-Wilk). Para comparação entre os sexos, cada variável cinemática foi submetida ao teste t de Student para amostras não pareadas ($P < 0,05$) e os andamentos MB e MP foram avaliados separadamente. Na MP, nenhuma variável diferiu entre os sexos ($P > 0,05$). A média geral (ambos os sexos de MP) das passadas foram 12,79±0,99 km.h-1; 1,98±0,10 passadas por segundo, 1,79±0,10 m de comprimento; -30,31±2,89% de DDR de decolagem e -24,27±3,82% de DDR de apoio. A porcentagem de distribuição do tempo dos apoios foi 6,72±3,82% de tríplices torácicos; 0,47±0,93% de tríplices pélvicos, 38,27±5,72% de diagonal; 47,60±7,38% de lateral; 0,23±0,50 monopedais torácicos e 6,72±4,82 monopedais pélvicos. Na MB, o tríplice apoio torácico foi maior ($P = 0,04$) nas fêmeas (4,37 ± 3,41%) em relação aos machos (2,02 ± 1,30%). As demais variáveis ($P > 0,05$) apresentaram as seguintes médias para fêmeas e machos, respectivamente: 13,22±0,96 e 13,04±0,82 km.h-1, 1,92±0,07 e 1,92±0,12 passadas por segundo, 1,89±0,14 e 1,88±0,08 m de comprimento, -5,49±2,87 e -3,83±2,53 % de DDR de decolagem, 0,27±1,70 e -0,23±2,47% de DDR de apoio. Os tempos de apoio foram 0,29±0,65 e 0,035±0,10% de quadrupedal, 0,03±0,12 e 0,16±0,64% de tríplices pélvicos, 87,75±4,0 e 89,52±3,69% de diagonal, 1,17±1,20 e 1,48±2,17% de lateral, 0,56±0,48 e 1,11±1,09% de bipedais pélvicos, 0,15±0,47 e 0,59±0,96% de monopedais torácicos, 5,54±4,31 e 4,89±3,78% de monopedais pélvicos, e 0,15±0,32 e 0,21±0,49% de suspensão. A diferença encontrada somente em uma variável não é consistente para confirmar o dimorfismo sexual da cinemática temporal na MB. A ausência de normalidade dos dados na MB sugere que, embora tenham sido avaliados exemplares da mais importante competição da raça e o número da amostra seja razoável, houve heterogeneidade das características dos equinos, o que pode ter influenciado os resultados. Por outro lado, a avaliação foi realizada em condições próximas à competição com os animais montados por seus apresentadores. Dessa forma, diferenças morfométricas entre machos e fêmeas parecem não estar diretamente relacionadas à cinemática temporal dos andamentos em animais montados, uma vez que existe importante influência de fatores ambientais como treinamento e técnica de equitação. Entretanto, outros estudos devem ser realizados avaliando outros aspectos como coordenação e ângulos articulares em movimento, para verificar a hipótese de diferença entre os sexos relatada empiricamente. Os resultados sugeriram ausência de dimorfismo sexual nas variáveis cinemáticas temporais das marchas batida ou picada de equinos montados da raça Mangalarga Marchador.

Palavras-chave: Andamento; biomecânica; dimorfismo sexual

104. COMPORTAMENTO MATERNO FILIAL

SAULO BARACAT VILLELA*1; YASMIN DE SALES PEREIRA1; KATIA FELTRE1; GABRIELA DO VALE POMBO1; NICOLAS VENTURA DUARTE1; HORTÊNCIA CAMPOS MAZZO2; CAMILA BIANCONI1; ALEXANDRE AUGUSTO DE OLIVEIRA GOBESSO1

1.FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA USP/FMVZ, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - UFPEL, PELOTAS, RS, BRASIL.

e-mail:saulobaracat@hotmail.com

Resumo:

A pesquisa sobre o comportamento maternal é realizada para melhor entender as necessidades após o parto (Van Dierendock et al., 2004). O objetivo com esse trabalho foi estudar o relacionamento entre a égua e potro no primeiro dia pós-parto, e relacionar o comportamento do potro com o progênitor. Foram utilizadas 22 éguas multíparas e suas respectivas crias em duas temporadas de parto (2015 e 2016). Os progenitores eram formados por jumento, mangalarga marchador e cavalos de raça com aptidão para salto. O etograma de trabalho foi delineado

considerando-se os comportamentos característicos apresentados por éguas e potros, e divididos em atividades de interação entre égua e potro, atividades do potro, postura e outros comportamentos. As observações foram realizadas no primeiro dia pós-parto durante 10h com intervalo de 2 minutos, através de observação direta com rota de amostragem focal da égua e do potro. Para análise das observações foi realizada a análise de frequência dos comportamentos ao longo do tempo, considerando cada par (égua/potro) como uma unidade experimental. Os comportamentos e postura da égua foram analisados pelo teste Qui-Quadrado para proporções iguais, e a dependência do comportamento do potro em relação ao pai foi analisada pelo teste Qui-Quadrado de Pearson. O nível de significância utilizado foi 5% (P<0.05). Os comportamentos da interação materno-filial apresentados em maior frequência no primeiro dia pós-parto foram facilitando mamada (85.32%), e mamando (74.55%) para a égua e o potro, respectivamente. As posturas mais frequentes foram em pé (92.81%) para as éguas, e em pé (47.19%) e deitado (44.39%) para os potros. Para outros comportamentos, o pastejo foi mais frequente (54.5%) para as éguas, seguido do ócio (38.6%), enquanto os potros apresentaram maior tempo em ócio (86.02%). A postura dos potros e muares dependem do progênitor. Muares apresentam menores frequências nas posturas em pé e deitado, comparado a filhos de mangalarga marchador e cavalos com aptidão para salto. Conclui-se que no primeiro dia pós-parto as éguas buscam auxiliar a mamada, enquanto os potros mamam e descansam. E há diferenças no comportamento de potros e muares.

Palavras-chave: Comportamento materno; mamando; muares

105. EFEITO DA CORREÇÃO DENTÁRIA SOBRE O COMPRIMENTO DA FIBRA FECAL EM CAVALOS

PAULA ALESSANDRA DI FILIPPO*1; VERONICA VIEIRA1; DIOGO ALMEIDA RONDON2; CÉLIA RAQUEL QUIRINO1

1.UENF, CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ, BRASIL; 2.UNESC, COLATINA, ES, BRASIL.

e-mail:paula_difilippo@yahoo.com.br

Resumo:

Nos equinos, o aproveitamento dos carboidratos estruturais depende, na sua grande maioria, da quebra adequada da barreira físico-química vegetal para a exposição do conteúdo de sua membrana celular, o que ocorre principalmente através da trituração durante mastigação. A mastigação ineficiente devido à dor ou alterações biomecânicas desencadeadas por patologias orais pode prejudicar a adequada trituração dos alimentos e, consequentemente sua digestibilidade, predispondo a perda de peso, ao desenvolvimento de cólicas por compactação, além de afetar diretamente o desempenho dos animais atletas. O objetivo do estudo foi determinar se a correção dentária reduz o comprimento da fibra fecal (CFF) em cavalos que nunca foram submetidos a tratamento dentário. Trinta cavalos adultos com anormalidades dentárias leves a moderadas foram selecionados. Os distúrbios dentários observados incluíram pontas excessivas de esmalte dentário, degraus, ondas, cristas transversais e diastema. Pré e pós-tratamento dentário, os cavalos foram confinados em baias individuais e alimentados com feno de Tifton (Cynodon spp) 1,5% por dia, divididos igualmente em 02 refeições. Amostras fecais foram colhidas diretamente da ampola retal para análise do CFF antes (dia 0) e após (dia 15) correção dentária. As amostras foram secadas a 1500C por duas horas e após este procedimento, trinta fibras fecais de cada amostra individual foram medidas com o auxílio de um paquímetro digital (Mitutoyo modelo 500-196-20, precisão ± 0,01 mm). O valor médio do CFF foi registrado para cada cavalo e tempo. Os resultados foram submetidos à análise de variância pelo programa estatístico SAS e as médias comparadas pelo teste T (P<0,05). O tratamento odontológico resultou em reduções significativas (P <0,05) no comprimento da fibra fecal, com média ± DP= 3,27 ± 2,27 mm antes da correção dentária e 2,15 ± 1,29 mm após a correção dentária. A mensuração do CFF é considerado um método eficiente e não invasivo de avaliação da saúde bucal e da eficiência mastigatória em equinos. Entretanto, alguns estudos obtiveram resultados contraditórios na redução do comprimento das fibras fecais após tratamento odontológico. As contradições observadas podem estar associadas aos diferentes graus de anormalidades dentárias apresentadas pelos animais avaliados, à dieta fornecida durante ensaio e ao método de avaliação do CFF utilizado. Sugere-se então que tais parâmetros sejam padronizados. Os resultados obtidos na presente pesquisa demonstram que a correção de alterações dentárias em

equinos melhora a eficiência da mastigação, pois reduz a restrição ao contato oclusal, permitindo uma excursão mandibular completa e melhoria no atrito dos dentes. Ademais, conclui-se que o CFF pode ser usado na avaliação da saúde bucal dos equinos e que a correção dentária regular é recomendada.

Palavras-chave: Nutrição; patologias dentárias; desempenho

106. EFEITO DA SUPERFÍCIE DA PISTA DE TREINAMENTO SOBRE A CONCENTRAÇÃO SANGUÍNEA DE LACTATO EM CAVALOS DE ENDURO ALTAMENTE TREINADOS: RESULTADOS PRELIMINARES

PAULO MOREIRA BOGOSSIAN*1; CARLOS RAFAELL CORREA-OLIVEIRA2; WILSON ROBERTO FERNANDES1; PEDRO VICENTE MICHELOTTO JR.3; TIAGO MARCELO OLIVEIRA1; AYRTON RODRIGO HILGERT1; PAULA ALESSANDRA DI FILIPPO1

1.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE CESMAC, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 3.PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ, CURITIBA, PR, BRASIL.

e-mail:michelottojunior@yahoo.com.br

Resumo:

A análise da concentração do lactato sanguíneo em resposta a um protocolo de exercício incremental tem sido amplamente utilizada para avaliar o condicionamento físico em equinos de enduro, no entanto requer um período de familiarização e momentos de alta velocidade. O objetivo deste estudo é fornecer resultados iniciais, úteis ao desenvolvimento de um protocolo de teste físico de baixa velocidade, específico para equinos de enduro altamente treinados. Comparou-se as concentrações sanguíneas de lactato [LA] de cavalos treinados para competições de enduro nos Emirados Árabes Unidos, após sessões de treinamento montado em superfícies de pista com diferentes deformações (dura e macia). A pista dura (coberta por areia molhada), recebeu prévio humedecimento, enquanto a pista de macia (coberta por areia seca), foi previamente revolvida e aplanada. Ambas as pistas eram elípticas com linhas retas de aproximadamente 300 m. Nove equinos mestiços árabes, com idade entre 5 e 8 anos foram solicitados a completar um teste de 11,4 km em cada uma das pistas descrita acima, a uma velocidade média de 5,3 m/s. Amostras de sangue foram coletadas da veia jugular, imediatamente após o término do teste, e utilizadas para a análise da concentração de lactato (Accutrend plus Roche® – São Paulo, Brasil). Utilizou-se o teste t pareado para a comparação das médias, com nível de significância de 5%. A [LA] foi maior após o teste em pista macia (2,6 ± 1,6 mmol/L) do que em pista dura (0,9 ± 0,3 mmol / L) ($p < 0,01$). Em conclusão, os testes em pista macia relacionaram-se a uma maior lactacidemia quando comparados aos realizados em pista dura. A utilização de pistas com diferentes durezas pode ser útil no desenvolvimento de testes de baixa velocidade em cavalos de enduro altamente treinados.

Palavras-chave: Equinos; testes físicos; metabolismo

107. EFEITO DAS AFECÇÕES ODONTOLÓGICAS NO BEM-ESTAR DE EQUINOS AVALIADOS ATRAVÉS DA EXPRESSÃO FACIAL DE DOR.

MARIANA MARCANTONIO CONEGLIAN*1; PEDRO VICENTE MICHELOTTO JR.1; CASSIO HENRIQUE MARTINS MORAIS2; FERNANDA DE CASTRO STIEVANI3; HANNA CAROLINE PROCHNO1; HELOISA GODOI BERTAGNON2; TÂMARA DUARTE BORGES1

1.PUC PR, CURITIBA, PR, BRASIL; 2.UNICENTRO, GUARAPUAVA, PR, BRASIL; 3.UEL, LONDRINA, PR, BRASIL.

e-mail:mmconeglian@yahoo.com.br

Resumo:

Além de uma ferramenta de trabalho e lazer o equino também é um empreendimento de alto valor. A domesticação e o confinamento destes animais passaram a ser realizados cada vez mais cedo, acarretando em modificações dos padrões alimentares, comprometendo a formação dentária e culminando em várias afecções odontológicas. Estas alterações, muitas vezes não evidenciam sinais clássicos de dor, porém podem causar desconforto, dor crônica e afetar o bem-estar e desempenho atlético dos animais. Com o intuito de estudar a influência das afecções odontológicas no bem-estar dos equinos avaliou-se o grau de dor através da expressão facial de 33 cavalos portadores de afeções odontológicas (13 machos e 20 fêmeas) de diferentes raças, com idade entre 2,5 e 14 anos e que estavam sendo utilizados em algum tipo de atividade esportiva ou de trabalho. Não inclui-se cavalos que estivessem sob qualquer atendimento clínico ou que apresentassem quaisquer alterações clínicas além das afecções odontológicas. A primeira avaliação ocorreu momentos antes do tratamento odontológico, e a segunda 15 dias após a realização do mesmo. Os animais foram avaliados em seus locais de permanência e mantidos em ambiente tranquilo, com tempo para ambientação com o observador de aproximadamente 10 minutos, quando então foram avaliados segundo a escala de dor pela expressão facial proposta por Dalla Costa et al. (2014). A avaliação consistiu na observação de seis características: posicionamento das orelhas, compressão da órbita, tensão acima dos olhos, tensão dos músculos da mastigação, contração de lábios e queixo e aspecto das narinas. Através desta avaliação os animais receberam um escore que poderia variar de 0 (ausência de dor) até 12 (sinais evidentes de dor) pois cada característica observada poderia ser classificada como 0 (ausente), 1 (presença discreta) ou 2 (presença evidente). Em seguida os animais foram fotografados e sedados para a colocação do espéculo oral e avaliação e tratamento das desordens odontológicas encontradas. Após 15 dias, nova avaliação da expressão facial foi realizada pelo mesmo avaliador e os animais foram novamente fotografados. As fotos do pré e do pós-tratamento foram enviadas para três outros médicos veterinários, os quais avaliaram as mesmas seis características anteriormente citadas sem terem o conhecimento da identificação e histórico dos animais. Todos os avaliadores possuiam experiêcia no trabalho com equinos e já possuiam treinamento para realizar a avaliação da dor através da análise da expressão facial. Os resultados foram avaliados por teste de qui quadrado ($p<0,005$), comparando o grau de dor pré e pós tratamento odontológico. Todos os cavalos avaliados apresentaram algum tipo de desordem odontológica, com destaque para a presença de pontas excessivas de esmalte, acompanhadas ou não de ulcerações da mucosa vestibular. Apesar das lesões todos os animais encontravam-se em atividade. A avaliação presencial da dor através da expresão facial levou em média 13 minutos, considerando o tempo de ambientação (10 minutos) e o tempo de observação (3 minutos). No momento pré-tratamento os animais apresentaram uma graduação de dor que variou de 0 a 10, com valor médio de 4 e após 15 dias de tratamento esta graduação variou de 0 a 8, e a média geral da dor nestes animais reduziu para 2. Independente da forma de avaliação, presencial ou através de fotografias, houve diferença significativa entre os momentos pré e pós-tratamento, indicando que mesmo na ausência de sinais clínicos evidentes as alterações odontologicas causavam algum grau de desconforto já que após a correção houve um incremento no bem-estar destes animais que passaram a apresentar a expressão facial mais relaxada. Conclui-se que as afecções odontológicas são prejudiciais para os equinos mesmo na ausência de sinais clássicos de dor e que o tratamento odontológico teve efeito benéfico no bem-estar dos cavalos estudados consideramdo-se a expressão facial de dor como parâmetro.

Palavras-chave: Bem-estar; dor; odontologia

108. EFEITO DE DIFERENTES ALIMENTOS SOBRE A CURVA DE GLICOSE EM EQUINOS SADIOS

HELIO CORDEIRO MANSO FILHO*1; HELENA EMÍLIA CAVALCANTI DA COSTA CORDEIRO MANSO1; KEITH LAIANE GOMES TRINDADE1; VIRGINIA THEODORO BRITO1; JULIETTE GONSALVES DA SILVA1; MONICA MIRANDA HUNKA1; LUZILENE ARAUJO SOUZA1; CLARISSE SIMÕES COELHO2; LIGIA AMARAL CUNHA2

1.UFRPE, RECIFE, PE, BRASIL; 2.UFBA, SALVADOR, BA, BRASIL.

e-mail:equivet@gmail.com

Resumo:

Atualmente, existe uma grande variedade de novos componentes utilizados na formulação da dieta para equídeos; entretanto, alguns alimentos ainda são mantidos, principalmente para animais de trabalho, por tradição ou cultura em várias regiões do pais. Esse trabalho teve por objetivo avaliar a curva glicêmica de cinco diferentes alimentos comumente fornecidos para equídeos. Foram utilizados 5 equinos adultos, em manutenção, escore corporal 4,5, em uma escala até 9, distribuídos em um fatorial com 5 cavalos e 5 alimentos (milho em grão úmido, milho em grão úmido acrescido de sal comum (25g), alfafa peletizada, milho extrusado, arroz extrusado), e com um intervalo de 4 dias entre cada teste. Previamente, os animais passaram por um período de 60 dias recebendo somente feno de Tifton ad libitum. No dias-teste, eles foram suplementados isocaloricamente (3,0Mcal/animal) e amostras de sangue foram obtidas após jejum alimentar de 12h e depois do arraçoamento nos seguintes períodos: +30, +60, +90, +120, +180, +240 minutos. As amostras foram utilizada para determinação de glicose e proteínas plasmáticas totais (PPT). Os resultados foram submetidos ao ANOVA com 2 fatores (tempo e tratamento) e ao Teste de Tukey. Os resultados indicaram diferenças entre os tratamentos ($p<0,05$) e entre as fases das colheitas de sangue ($p<0,05$), mas sem interação significativa para glicose e para PPT. A maior elevação na PPT foi na alfafa (8,10mg/dL) e no milho úmido com sal (7,90mg/dL), ambos com pico aos +30min, mas sem diferenças entre si ($p>0,05$). Já a maior variação na glicose ocorreu com milho extrusado, com pico aos +120min (145mg/dL). Avaliando-se as fases, independe dos tratamentos, observou-se que o pico da PPT ocorreu no +30min (~7,65mg/dL) e para a glicose foi no +120min (~131,3mg/dL). Assim, é possível afirmar que tanto a alfafa como o milho com sal aparentemente promovem um grande deslocamento de líquidos para os intestinos elevando as PPT e o milho extrusado é o mais glicêmico dos alimentos Conclui-se que diferentes alimentos produzem diferentes curvas glicêmicas, sendo que o alfafa peletizada produziu a menor curva e o milho extrusado a maior. Sendo assim todos os alimentos devem ser devidamente estudados e testados quanto a sua função metabólica, a fim de utilizá-lo da forma mais adequada e contribuam para a saúde dos animais.

Agradecimentos: a IntegralMix Nutrição Animal pelo suporte a esse projeto

Processo na CEUA/UFRPE: #077/2016.

Palavras-chave: Glicose; extrusamento; milho

109. ENZIMAS MUSCULARES EM EQUINOS APÓS PROVA DE VAQUEJADA E TRANSPORTE RODOVIÁRIO

GARDÊNIA ALVES SILVA*1; RICHARD ATILA DE SOUSA1; LUCIANA PEREIRA MACHADO2; FERNANDA PATRICIA GOTTARDI3; MÔNICA ARRIVABENE ARRIVABENE1; VERIDIANA FERNANDES DA SILVEIRA4; SILVANA MARIA MEDEIROS DE SOUSA SILVA1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUI, TERESINA, PI, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL, REALEZA, PR, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, BOM JESUS, PI, BRASIL; 4.UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA, CRUZ DAS ALMAS, BA, BRASIL.

e-mail:richard@ufpi.edu.br

Resumo:

O transporte e o exercício são eventos que podem causar alterações no perfil bioquímico de equinos. Estudos indicam que o exercício de vaquejada promove elevação transitória das enzimas musculares por aumento de permeabilidade, sem causar lesão muscular, porém todos avaliaram os animais no local da competição. O objetivo desse estudo foi avaliar o efeito da associação do transporte e da participação dos equinos em competições de vaquejada na atividade sanguínea das enzimas musculares. Os animais foram avaliados nas propriedades antes do deslocamento para a competição e por até 5 dias após o seu retorno. Foram utilizados 20 equinos da raça Quarto

de Milha, 15 machos e 5 fêmeas, com idade média de 9,7 anos. Os animais pertenciam a haras localizados em dois municípios vizinhos, Teresina/PI e Timon/MA, e participaram de competições de vaquejada na Região Nordeste do Brasil, divididos em dois grupos de 10 animais segundo a distância das competições. Grupo local (GL) com animais que participaram em competições no mesmo município e grupo transportado (GT) com animais que se deslocaram para competições a mais de 400 km. Foram avaliadas amostras de sangue obtidas por punção jugular, em sistema de coleta a vácuo, nos momentos: 24 horas antes do deslocamento (M0), 12 a 24 h (M1), 36 a 48 h (M2) e cinco dias (M3) após a competição de vaquejada e retorno a propriedade. Após centrifugação, soro e o plasma foram à -80°C até a análise. Foram determinadas a atividade das enzimas musculares aspartato aminotransferase (AST) e creatina quinase (CK) pelo método cinético ultravioleta e da lactato desidrogenase (LDH) pelo método Piruvato-lactato. A AST foi dosada em plasma heparina e a CK e LDH em soro, com kits comerciais e leitura em analisador bioquímico semi-automático. O teste de Wilcoxon foi utilizado para avaliar o efeito dos grupos e o teste de Friedman para efeito dos momentos, comparando os momentos pós-exercício com o M0, ao nível de significância de 5%. Houve aumento das enzimas musculares após o retorno da competição, que foi significativo apenas para a AST no GT (p=0,018), com mediana e percertins (P25;P75) de 246,8 U/L (236,3; 284,3) no M0 e 284,9 U/L (257,7; 313,5) no M1. Nos momentos seguintes os valores foram semelhantes ao M0. Não houve diferença entre grupos e todos os resultados estiveram dentro dos valores de normalidade para equinos atletas (150–400 U/L). Os valores de CK também estiveram dentro dos valores de referência (100-300U/L) e não houve diferença significativa entre momentos ou grupos. Apenas tendência de elevação da CK no M1 do GT (162,9 U/L(128,9; 212,7)), em comparação ao M0 (118,3 U/L (96,6; 193,4)). Houve diferença (p=0.027) entre grupos para a LDH com mediana e percentis mais elevados (p=0.027) no M2 do GT (388,8 U/L (357; 461)) em relação ao GL (288,2 U/L (259,9; 369)). Os valores de LDH estiveram acima dos valores de referência para equinos atletas (<250 U/L), porém para esta enzima vários trabalhos já demonstraram que estes valores de referência não são mais adequados as metodologias atuais. No presente estudo, como ambos os grupos realizaram exercício durante as competições as alterações das enzimas foram associadas ao efeito do transporte, causando lesão muscular discreta e transitória. Visto que, uma lesão persistente seria acompanhada por aumento significativo de CK, a qual no equino com lesão muscular tem pico de 3 a 6 horas após a lesão e persiste aumentada na lesão ativa. Os estudos avaliando o efeito do exercício de vaquejada no local das competições não observaram elevação de enzimas compatível de lesão muscular, o que reforça que no presente estudo a elevação foi por efeito do transporte. Conclui-se que equinos que participam de provas de vaquejada e que são em seguida transportados por distância superior a 400km estão susceptíveis a lesão muscular durante o transporte, que se resolve espontaneamente após período de 48h de repouso.

Agradecimentos: CNPq; UFPI; Clínica Criar-Centro Veterinário.

Palavras-chave: Deslocamento; lesão muscular; esporte

110. ESTUDO COMPARATIVO SOBRE AS VARIÁVEIS BIOQUIMICOS SÉRICO EM EQUINOS ATLETAS MANGA-LARGA MARCHADOR E QUARTO DE MILHA.

GUILHERME BARBOSA COSTA*1; DANIEL PAULINO JUNIOR2; GABRIELA ROSA MAIA2

1.CLINICA E CIRURGIA DE EQUINOS DE FRANCA, FRANCA, SP, BRASIL; 2.UNIFRAN, FRANCA, SP, BRASIL.

e-mail:gabi_rmaia@hotmail.com

Resumo:

Um aspecto atualmente relevante é que os equinos vêm dominando e se destacando cada vez mais na sociedade atlética isso se deve pela gama de esportes equestres e pela evolução nas pesquisas sobre condicionamento físico destes animais. Objetivo foi analisar as variáveis bioquímicas séricos de equinos das raças manga-larga marchador (MM) e quarto de milha (QM) submetidos a treinos regularmente. Foram avaliados 14 equinos machos sendo 7 raça MM e 7 QM estes com idades variadas entre 4 e 10 anos pesando entre 350 e 500 quilos. Treinados três vezes por semana com intensidade semelhante. Treino realizado em pista de areia com 500x50 metros. As coletas

foram realizadas durante 60 dias sendo T0, T15, T30, T45 e T60 tendo como analise o pré e pôs treino imediato sendo feitas através de venopunção jugular com utilização tubos seco de vacuotainer (Tubos BD vacutainer® - BD do Brasil Curitiba/PR.) com agulhas específicas (Agulha BD vacuotainer® Eclipse 21G - BD do Brasil Curitiba/PR.) para dosagem da CK, para glicose (One Touch® Ultra® -Johnson & Johnson Medical Devices & Diagnostics Group – América Latina.) e lactato (Sistema Accutrend® Plus - Roche Diagnóstica Brasil Ltda.) foi utilizado medidor e fitas teste especificas após isso animais iam para pista e ao retornarem imediatamente após fim do exercício ocorria novamente a coleta sendo as amostras mantidas em baixas temperaturas até a finalização da coleta. Os dados foram empregado ao programa GraphPadPrism v. 7 para análise das variáveis, sendo a análise de variância (ANOVA) o nível de significância de 5%. Nos resultados de CK observar-se que as duas raças apresentaram queda nos resultados sendo que QM (*p>0,11) no T0 apresenta um aumento entre pré de 141,5±39,8UI/L para 280,8±218,5UI/L no pós, já o MM (*p>0,49) apresenta no pré 148,1±50,9UI/L e no pós 173,8±25,5UI/L ao decorrer das coletas foi possível notar o condicionamento dos animais o que levo no T60 observar-se uma diminuição nas margens entre pré e pós-treino sendo no QM 248,1±160,7UI/L para 296,9±102,9UI/L, já MM apresentou sendo 207,3±123,4UI/L para 231,7±128,5UI/L. Aumentando a intensidade dos exercícios uma maior quantidade de glicose é consumida isso faz com seja necessária vias auxiliares de produção evidenciado a metabolização do lactato liberado no exercício, foi possível observar que nos QM (*p<0,000005) o lactato se torna de extrema importância sendo a via anaeróbica principal fonte energética já no MM (*p<0,001) ate por decorrência da diferenciação entre as provas a via aeróbica e a utilizado foi observado uma variação do QM de T0 de 3,4±0,5Mmol/L no pré para 17,8±3,4Mmol/L no pós já o MM apresenta pré de 2,4±0,5Mmol/L e pós 3,2±0,9Mmol/L ao decorrer das coletas foi possível notar a diminuição dos índices basais no QM sendo observado no T60 pré 1,1±0,3Mmol/L e pós 14,8±5,8Mmol/L diferentemente do MM que não apresentou alterações no limiar basal mantendo o 2,4±0,5Mmol/L e uma elevação no pós para 4±1 Mmol/L. Nos níveis séricos de glicose foi possível evidenciar com clareza a descrição acima sobre a utilização das vias aeróbica e anaeróbica os QM (*p<0,002) apresenta diminuição longo do experimento sendo no T0 pré de 90±10,3mg/dl para T60 pré de 84,6±10,8mg/dl já no pós no T0 127,3±23,2mg/dl para T60 103,5±24,2mg/dl, diferente do MM (*p<0,007) foi notado o aumento de glicose sérica no pós treino, observando-se que no T0 pré apresenta 94±11,4mg/dl no pós 105±11,4mg/dl, já no T60 pré de 93±11mg/dl e pós 110±18,7mg/dl. Após analise concluímos que imediatamente após o exercício as vias metabólicas apresentam variações entre pré e pós prova de acordo com a modalidade equestre realizada, a partir desses dados é possível selecionar a raça para alcançar maior nível de rendimento com uma maior expressão das características morfológicas funcionais melhorando a vida atlética e evitando lesões por esforços desnecessários.

Palavras-chave: Fisiologia exercicio; medicina equina; cavalo atleta

111. GASTO ENERGÉTICO DE EQUINOS SUBMETIDOS A TESTE INTERVALADO COMO PARTE DO TREINAMENTO PARA A MODALIDADE DE CONCURSO COMPLETO DE EQUITAÇÃO

JULIAN ROSPENDOVSKI PADOVAN*1; MAYRA OLIVEIRA MEDEIROS2; LAURA ALVES BRANDI2; LIVIA OLIVEIRA COSTA NICOLAU2; RAFAEL SILVA GOUVEIA2; ROBERTA ARIBONI BRANDI2

1.VALE ALIMENTAÇÃO ANIMAL, PAULINIA, SP, BRASIL; 2.USP, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL.

e-mail:julian_padovan@outlook.com

Resumo:

O Concurso Completo de Equitação (CCE) é uma modalidade equestre que caracteriza-se por recrutar habilidades de comandos, resistência física e precisão nos movimentos. A competição é subdividida em três provas: Adestramento, Cross-country e Salto. Em competições equestres, como CCE, que exige do cavalo preparo físico, a mensuração de parâmetros fisiológicos como Frequência Cardíaca (FC), Custo energético de Transporte (COT) por unidade de distância são importantes para compreender a intensidade do trabalho realizado, podendo assim mensurar o desempenho do animal, assim como auxiliar na prescrição de protocolos de treinamento físico. A FC é um dos parâmetro mais utilizado para a mensuração do desempenho físico de equinos por ser um método de mensuração

fácil, não invasivo. Em posse dos dados de FC é possível estimar a COT, que é definido como o custo energético despendido para mover uma unidade de peso em uma unidade de distância. O presente estudo teve como objetivo realizar um estudo de caso sobre o gasto energético de equino submetido a teste intervalado como parte do treinamento para a modalidade de CCE. Para isso foi realizado um exercício intervalado à campo composto por 15 minutos de aquecimento, sendo 8 minutos de passo e 7 minutos de trote. Em seguida, o animal foi submetido a três seções de galope. A primeira ocorreu por um período de 6 minutos com velocidade média de 450 m/min, seguidos de 4 minutos de passo, nova seção de 5 minutos de galope a 550 m/min, seguidos de 3 minutos de passo e nova seção de 5 minutos a 500m/min. Ao final do exercício, o animal passou por uma seção de passo de aproximadamente 20 minutos. A velocidade média impressa para a realização do teste foi obtida no programa KER Polar clock it. O cavalo analisado está em carreira na modalidade 2** do CCE e tem cerca de 520 kg e o ginete em torno de 90 kg. Para a mensuração da frequência cardíaca foi utilizado sistema KER Polar clock it. A COT foi obtida pela equação = (FC-35).kg-1 . m-1 . 103. Também estimou-se o gasto energético da atividade utilizando-se a equação (0,0566* FC1,9955)*0,000239006 (Kcal). A FC média ao passo foi de 70 batimentos por minuto (bpm), 83 bpm para trote, 148 bpm para canter, e 158 bpm para o galope. O COT (bat* kg -1*m-1*103) obtido foi 0,013 ao passo e 0,015 ao trote, 0,034 canter e 0,094 galope. Através da aplicação da formula supra citada, o gasto energético da atividade foi de 3,110 Mcal. Ao analisar-se os dados de frequência cardíaca, observou-se que o cavalo atingiu apenas a faixa de 70% da frequência cardíaca máxima, o que mostra que o cavalo já tem condicionamento físico considerável. Com relação ao gasto energético, cavalos com peso médio de 520 kg, tem exigência de 17,3 Mcal/dia de exigência energética. Quando adiciona-se a energia requerida pelo cavalo para a realização deste teste, obtém-se uma demanda energética de 20,41 Mcal/dia, valor próximo a exigência sugerida para um exercício de moderada intensidade, o que reforça a proposta de que o cavalo está bem condicionado e que a pressão de treinamento aplicada é moderada. Ao analisar-se o COT, observou-se que houve um aumento proporcional ao aumento da frequência cardíaca e ao aumento de velocidade, porém mantiveram consideravelmente baixos. Os valores maiores de COT observados ao galope estão relacionados a maior necessidade de movimentação do corpo do cavalo e mudanças mais frequentes do centro de gravidade devido ao movimento do galope que possui maior velocidade e o menor intervalo de tempo com membro ao solo, exigindo mais força de propulsão, consequentemente maior gasto energético para manutenção do movimento. O equino analisado apresentou um ótimo condicionamento físico para início de ano hípico. No presente momento, o cavalo deve ser alimentado para suprir a exigência de um cavalo com exercício de moderada intensidade.

Palavras-chave: Cavalo; desempenho; demanda energética

112. INFLUENCIA DA SUPLEMENTAÇÃO COM LEVEDURA VIVA E LEVEDURA PROTEGIDA NAS CONCENTRAÇÕES SÉRICAS DE GLICOSE E INSULINA EM CAVALOS

SAULO BARACAT VILLELA*1; GABRIELA DO VALE POMBO1; CAMILA BIANCONI1; YASMIN DE SALES PEREIRA1; HORTÊNCIA CAMPOS MAZZO2; MURILLO ORMIERES3; NICOLAS VENTURA DUARTE1; ALEXANDRE AUGUSTO DE OLIVEIRA GOBESSO1

1.FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA USP/FMVZ, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - UFPEL, PELOTAS, RS, BRASIL; 3.ANHANGUERA EDUCACIONAL, LEME, SP, BRASIL.

e-mail:saulobaracat@hotmail.com

Resumo:

O metabolismo glicêmico e insulinêmico parecem não serem abordados de forma criteriosa, contudo estes podem ser influenciados pela dieta o que levará a distúrbios futuros. Com o objetivo de investigar os efeitos da inclusão de levedura viva Saccharomyces cerevisiae (SC) e levedura protegida Saccharomyces cerevisiae sobre a resposta glicêmica e insulinêmica de cavalos, foram utilizados oito Puro Sangue Árabes (6 meses ± 0,6) com peso corporal (PC) médio de 457 ± 28 kg. Os cavalos foram alojados em baias durante o período de adaptação a dieta e alimentados individualmente com 1,75% do PC. Água e sal mineral foram fornecidos ad libitum. O delineamento experimental

utilizado foi em quadrado latino duplo 4x4 contemporâneo com oito animais (2 animais por tratamento), quatro dietas (Controle, Levedura Procreatin 7®, Actisaf HR Plus Sc 47® e interação Levedura Procreatin 7® + Actisaf HR Plus Sc 47®). Os animais foram avaliados por quatro períodos de 22 dias cada, sendo 15 dias de adaptação à dieta, 5 dias de coleta total de fezes (CTF) e 2 semanas de (wash out). Para a dosagem de glicose no plasma e insulina no soro, o sangue foi coletado por meio de punção venosa na veia jugular às 30 minutos antes do fornecimento da dieta, 30 minutos, 60, 90 e 120 minutos após o fornecimento da. O sangue para análise de glicose plasmática foi colhido em tubos Vacutainer BD® Fluoreto de sódio e para a análise de insulina sérica, o sangue colhido em tubos Vacutainer BD® sem anticoagulantes e homogeneizado por inversão de 5 a 8 vezes para evitar hemólise. Os dados foram submetidos à análise de variância, que separou como causas de variação o efeito de tratamentos, efeito de período, efeito de animal dentro de quadrado, bem como efeito de quadrado. As médias dos tratamentos foram comparadas através de contrastes ortogonais [C1: controle (CTR) versus levedura viva (LEV), levedura protegida (PROT) e levedura viva + levedura protegida (L + P); C2: L + P versus LEV e PROT; C3: LEV versus PROT]. Para análise dessas variáveis-resposta foi adicionado o fator medidas repetidas no tempo referentes aos diferentes momentos de coleta, utilizando o procedimento MIXED do SAS. O modelo incluiu o efeito de tratamento como fator fixo e os efeitos de animal dentro de quadrado, quadrado e período como fatores aleatórios. Os valores encontrados para resposta glicêmica estão dentro dos parâmetros de referência preconizados para equinos (75-115 mg/dL) assim como a resposta insulinêmica ($P<0.05$). Apesar de não apresentar efeitos de tratamentos, os picos glicêmicos e insulinêmicos se comportaram como reportado na literatura onde níveis máximos de glicemia foram observados de 2 a 3 horas após a alimentação e de insulina, 3 a 4 horas após. Concluímos que a inclusão de levedura viva Saccharomyces cerevisiae ou levedura protegida na dieta de cavalos não ocasiona mudanças nas concentrações séricas de glicose e insulina de cavalos em manutenção.

Palavras-chave: equinos; parâmetros bioquímicos; probioticos

113. INFLUÊNCIA DO EXERCÍCIO DE MARCHA SOBRE A CONCENTRAÇÃO SÉRICA DE PROTEÍNAS DE FASE AGUDA EM CAVALOS MANGALARGA MARCHADOR

PAULA ALESSANDRA DI FILIPPO*1; LAURA PEREIRA MARTINS1; MARCOS AURÉLIO DIAS MEIRELES1; GABRIELA BRAVIM LEMOS1; CÉLIA RAQUEL QUIRINO1; ANDRESSA FRANCISCA DA SILVA NOGUEIRA2; PAULO MOREIRA BOGOSSIAN3

1.UENF, CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ, BRASIL; 2.UFT, ARAGUAÍNA, TO, BRASIL; 3.USP, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:paula_difilippo@yahoo.com.br

Resumo:

A resposta de fase aguda (RFA) é uma reação sistêmica comum, rápida e inespecífica desencadeada por alterações na homeostase advindas de infecções bacterianas, cirurgias, distúrbios imunológicos, estresse, neoplasias, inflamações e danos teciduais. A RFA é considerada como sendo um mecanismo fisiológico protetor e caracteriza-se por aumentos na temperatura corporal, alterações endócrinas, aumento no catabolismo proteico e balanço nitrogenado negativo. Além disso, a RFA está relacionada a alterações no metabolismo lipídico, nas concentrações séricas de cátions, no metabolismo do ferro, no aumento da liberação de leucócitos pela medula óssea, na ativação do complemento e no aumento dos níveis séricos das proteínas de fase aguda (PFA). Todas estas reações parecem ser benéficas no que diz respeito à sobrevivência do hospedeiro, aumentando a resistência à infecção, alterando o metabolismo para promover o reparo tecidual e ativando a reatividade celular e imunológica. Alguns estudos forneceram evidências adicionais de que a RFA desencadeada pelo exercício é análoga ao que ocorre em condições médicas e cirúrgicas gerais, mas essa resposta não deve ser confundida com indicativa de doença. O exercício físico moderado é benéfico para a saúde, enquanto o exercício extenuante pode induzir um estado semelhante à inflamação. O objetivo deste estudo foi avaliar a influência do exercício de marcha sobre a concentração sérica de imunoglobulina A (IgA), imunoglobulina G (IgG), ceruloplasmina (Cp), transferrina (Tf), albumina (Alb), α1-antitripsina (Ant) , haptoglobina (Hp) e glicoproteína ácida α1 (Gp) em 35 cavalos da raça Mangalarga Marchador (18 machos e

17 fêmeas). Almejou ainda analisar possíveis diferenças na resposta ao exercício de marcha entre machos e fêmeas. Amostras de sangue foram coletadas e avaliadas antes e depois de um concurso oficial de marcha. As PFA foram separadas por SDS-PAGE. Os resultados foram submetidos à análise de variância pelo programa estatístico SAS e as médias comparadas pelo teste de Student Newman Keuls (P<0,05). Não houve alteração na concentração das PFA em resposta ao exercício tanto em machos quanto em fêmeas. Entretanto, as fêmeas apresentaram valores de proteína total, Alb, Hp, IgA e IgG superiores aos dos machos. Nossos resultados diferem daqueles obtidos em outros estudos com humanos e com animais. Tais estudos demonstraram a existência de uma resposta de fase aguda desencadeada pelo exercício, mas somente após exercício prolongado e exaustivo. O esforço físico intenso produz uma reação inflamatória, alterando as concentrações de PFA devido à depleção de glicogênio, a hemólise e ao desenvolvimento de microlesões musculares. Neste ensaio, a ausência de uma resposta inflamatória induzida pelo exercício de marcha pode ser atribuída principalmente ao nível de treinamento e adaptação dos animais ao esforço físico realizado. Assertivas semelhantes já foram descritas por outros pesquisadores. Frente ao contexto, a determinação da concentração sérica de certas PFA antes do início de uma competição pode indicar se o equino está em condições esportivas precárias ou sofre de distúrbios subclínicos ou apresenta lesões leves devido ao treinamento excessivo as quais, podem piorar com o esforço e leva-lo à eliminação da competição. Diante dos fatos, conlui-se que o exercício de marcha realizado durante uma competição oficial não é intenso o suficiente para estimular uma resposta de fase aguda, demonstrada pela ausência de alterações nas concentrações de PFA em cavalos Mangalarga Marchador. As diferenças entre os sexos merecem uma investigação mais aprofundada.

Palavras-chave: Biomarcadores, inflamação; eletroforese em gel de poliacrilamida, estresse; equino

114. MELHORIAS NO BEM-ESTAR DE EQUINOS ESTABULADOS APÓS O USO DE BOLSA DE FENO TIPO "SLOW FEED"

MAYARA GOMES CORREA*1; CAMILLA FERREIRA RODRIGUES SILVA1; LUCAS ANTUNES DIAS1; SERGIO DA SILVA ROCHA JÚNIOR1; FREDDY RODRIGUES THOMES2; RAFAEL RESENDE FALEIROS1

1.ESCOLA DE VETERINARIA - UFMG, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL; 2.EXERCITO BRASILEIRO, TRES CORAÇÕES, MG, BRASIL.

e-mail:ferreiracamill@gmail.com

Resumo:

O confinamento de equinos é uma prática comum, entretanto, a privação do convívio social e do pastejo podem produzir estresse crônico e suas consequências. Com hipótese de que estratégias que produzam uma a ingestão de feno de forma mais semelhante ao pastejo natural, aumentando o tempo de ingestão do volumoso, podem produzir melhorias no bem-estar animal, o objetivo deste estudo foi verificar o efeito da implementação de uma bolsa de feno do tipo "slow feeder" sobre o etograma, a atividade motora, a frequência cardíaca e ciclo de cortisol de equinos confinados. Foram utilizados 8 equinos hígidos pertencentes à Escola de Sargento das Armas mantidos exclusivamente estabulados em baias individuais (3x3m). Água ad libitum, 1,8kg de ração peletizada (às 06:00 e às 17:00 horas), 1,5kg de feno de alfafa (às 10:00) e 1,5kg de feno de tifton (às 13:00 e 20:00 horas) eram administrados. Os animais foram examinados antes e após um período de oito dias recebendo tanto alfafa quanto tifton por meio da rede de feno tipo "slow feeeder". O etograma (tempo diário realizando cada um dos comportamentos normais e anormais) e o tempo de ingestão da dieta foram calculados por observação de comportamento via câmaras com infravermelho colocadas uma em cada baia. A atividade motora em baia e a frequência cardíaca foram verificadas de forma remota por meio de pedômetros e frequencímentos respectivamente. Os pedômetros foram fixados à liga de descanso colocada no membro torácico esquerdo e os frequencímetros à cinta torácica. Como parâmetro endocrinológico do estresse, avaliou-se o ritmo circadiano de cortisol (RCC), que consiste na variação percentual entre as concentrações séricas de cortisol matutina e vespertina. Um valor de RCC igual ou inferior a 30% é indicativo de estresse crônico e bem-estar afetado. O efeito do uso da bolsa sobre as variáveis foi verificada pelos testes t de Student pareado ou Friedman (P<0,05). O uso da bolsa aumentou em média 93% o tempo de ingestão de alfafa (P=0,008). Incialmente observou-se coprofagia em quatro e dança de lobo em dois dos equinos estudados. Ao

final dois pararam com copofragia e o tempo médio (±DP) realizando comportamentos anormais reduziu de 131,6 (±167) para 77,9 (±132) minutos (P=0,03). A variação média de RCC aumentou de 24 (±24)% para 58 (±8)% (P=0,002), havendo 5 animais com RCC alterado no início e nenhum ao final do experimento. A atividade motora na baia se mostrou reduzida de 577 (±109) para 331 (±155) passos por dia (P=0,02). Não se observou qualquer alteração significativa na frequência cardíaca com o uso da bolsa. Concluiu-se que o uso de bolsa de feno tipo "slow feeder" aumentou o tempo de consumo de forragem e foi efetivo em melhorar o bem-estar dos equinos, normalizando o ritmo circadiano de cortisol, reduzindo a incidência de comportamentos anormais e a atividade motora dentro da baia. Nossos achados demonstram a adoção dessa medida simples e de baixo custo pode ser efetiva em melhor a qualidade de vida de equinos confinados.

Agradecimentos: Escola de Veterinária da UFMG, CAPES, CNPq e FAPEMIG.

Palavras-chave: Equinos; bolsa de feno; bem-estar

115. O USO DE GAMA - ORIZANOL E L - CARNITINA EM EQUINOS DA RAÇA QUARTO DE MILHA PRATICANTES DA PROVA DOS TRÊS TAMBORES.

KARINA CRISTINA OLIVEIRA*1; ARNALDO SOTERO LUZ SOUZA1; CAMILA FERREIRA BANNWART CASTRO2

1.FAEF, GARÇA, SP, BRASIL; 2.FACULDADE SUDOESTE PAULISTA, AVARÉ, SP, BRASIL.

e-mail:kaka_c_oliveira@hotmail.com

Resumo:

Os animais da raça Quarto de Milha são conhecidos por serem usados em diversas práticas e atividades devido à sua alta resistência. O objetivo do presente trabalho foi avaliar parâmetros clínicos e laboratoriais em animais dessa raça suplementados com gama-orizanol e L-carnitina, antes e após a execução da prova de três tambores. Esses equinos puros de origem recebiam 200 mililitros (ml) do suplemento Energy Horse® como suplementação alimentar misturados à ração para os estabulados e via oral para os animais de piquete. Executaram o percurso de uma prova de tambor em pista de tamanho oficial em 3 momentos do experimento: dia 0, dia 30 e dia 60 após o tratamento. Os animais foram clinicamente examinados antes e após os exercícios (coloração de mucosas ocular e oral; frequência cardíaca; frequência respiratória; motilidade intestinal), além da pesagem e coleta de sangue para dosagem de colesterol total, proteína total, aspartato aminotransferase (AST), alanina aminotransferase (ALT), gama glutamil transpeptidase (GGT), fosfatase alcalina (FA), creatinoquinase (CK) e glicose. Os dados foram avaliados empregando-se o teste de análise de variância (ANOVA), seguido de comparações múltiplas pelo teste de Tukey, segundo o programa estatístico PRISM, (Graph Prism for Windows, version 6.01, GraphPad, EUA). O nível de significância adotado para todos os testes empregados foi de 5% ($p < 0,05$). Nossos resultados demonstraram que houve uma diferença significativa no aumento de peso dos animais tratados, uma menor frequência cardíaca e respiratória, além de uma importante diminuição do tempo de execução de prova dos animais atletas tratados em relação aos do grupo controle, especialmente 60 dias após o uso do suplemento e naqueles condicionados em baia. Portanto, o uso desse suplemento teve um impacto altamente positivo no desempenho desses animais atletas que receberam a suplementação em comparação aos animais não- tratados, sem ocasionar qualquer prejuízo a saúde dos mesmos. E, uma vez que houve uma forte correlação negativa ($r=-0,89$) entre o ganho de peso corporal e tempo de execução da prova, pode-se afirmar que esse aumento do peso dos animais dado pela suplementação alimentar Energy Horse®, especialmente nos animais estabulados, está diretamente relacionado ao melhor desempenho no tempo da prova de três tambores por equinos da raça quarto de milha.

Palavras-chave: Quarto de milha; gama-orizanol; l-carnitina

116. PARÂMETROS ELETROCARDIOGRÁFICOS EM MUARES SUBMETIDOS A UM TESTE A CAMPO DE MARCHA

GABRIELLA AGRA DE OMENA SILVA*1; LETÍCIA MARQUES RODRIGUES1; BETÂNIA SOUZA MONTEIRO1; VINICIUS RICARDO CUÑA SOUZA2; HELIO CORDEIRO MANSO FILHO3; CLARISSE SIMÕES COELHO2

1.UNIVERSIDADE VILA VELHA, VILA VELHA, ES, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA), SALVADOR, BA, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE FEDERAL RURA DE PERNAMBUCO, RECIFE, PE, BRASIL.

e-mail:clarissecoelho@yahoo.com.br

Resumo:

Muares (Equus caballus x Equus asinus) são os produtos preferidos no cruzamento de equinos com asininos. Geralmente, apresentam uma maior resistência e força e são menos agitados do que equinos. Atualmente, são bastante usados para lazer e competições, podendo ser usados nas mesmas modalidades atléticas que cavalos. Éguas marchadoras (Mangalarga Marchador ou Campolina) têm sido usadas como matrizes, conferindo aos muares a habilidade da marcha. Apesar das várias pesquisas envolvendo equinos atletas, poucas são aquelas envolvendo muares usados para atividades atléticas e criados em condições tropicais. A compreensão da fisiologia do exercício em muares é essencial, pois diversas são as diferenças anatômicas e fisiológicas que os distinguem de equinos, tornando comparações, algumas vezes, inválidas. Assim, para testar a hipótese de que a marcha cause modificações compatíveis com o tipo de desafio e visando estabelecer valores específicos para muares, foi desenvolvido um trabalho que objetivou avaliar a influência de um teste a campo de marcha sobre os parâmetros eletrocardiográficos de muares treinados e adaptados às condições tropicais. Foram usados 10 muares, com idade média de 4,7±1,3 anos e com peso médio de 405,7±35,7 kg. Os animais foram avaliados em três diferentes momentos, no repouso (T0), imediatamente após a prova de marcha (40min) (T1) e com 30 minutos de recuperação (T2), usando um equipamento de eletrocardiograma de seis derivações. As variáveis eletrocardiográficas analisadas foram ritmo cardíaco, frequência cardíaca (FC), duração da onda P, do complexo QRS, dos intervalos PR e QT e as amplitudes das ondas P, R e T e análise do QT corrigido de acordo com a fórmula de Bazett (QT/√RR). A prova de marcha foi realizada numa pista de areia após aquecimento ao passo por 5 minutos. Após isso, os muares marcharam por 40 minutos, sendo 20 minutos em sentido horário e 20 minutos em sentido anti-horário, em protocolo similar ao realizado por equinos da raça Mangalarga Marchador. As variáveis foram analisadas quanto a normalidade com o teste Kolmogorov-Smirnov com comparação entre as médias usando teste de Tukey, considerando $p<0,05$. Na análise do ritmo, observou-se 100,0% de ritmo sinusal em todos os momentos de avaliação, com FC média de 40,8±16,8 bpm em T0, 65,4±10,6 bpm em T1 e 45,2±5,6 bpm em T2, com valores significativamente maiores logo após o exercício. No pós exercício, foi possível observar reduções significativas nas durações do complexo QRS ($p=0,0060$) e dos intervalos PR ($p=0,0054$) e QT ($p<0,0001$). O aumento da FC era esperado em consequência da atividade física, sendo esse aumento inversamente correlacionado com a duração dos intervalos PR, QRS e QT. Não foram registradas arritmias cardíacas em todas avaliações físicas e, segundo os cavaleiros, nenhum animal demonstrou sinal de desconforto ou performance reduzida durante o teste. Todas as variáveis retornaram aos valores basais em T2, com exceção da amplitude da onda P que atingiu o maior valor nesse momento ($p=0,0042$). Foi possível concluir que o teste a campo de marcha nos muares produziu alterações eletrocardiográficas significativas e compatíveis com a intensidade do exercício físico imposto. Importante ressaltar que as diferenças observadas nas comparações com a literatura estão correlacionadas, principalmente, com a espécie e tipo de exercício, reforçando a importância do estabelecimento de respostas normais em muares.

Palavras-chave: Equídeos; marcha; performance

117. PERFIL SOCIOEONOMICO DOS CARROCEIROS E AVALIAÇÃO DO MANEJO GERAL E PARASITOLÓGICO DE EQUINOS UTILIZADOS COMO TRAÇÃO ANIMAL E NO PERÍMETRO URBANO DE XANXERÊ/SC

DIETRICH PIZZIGATTI*1; JOCENIR NUNES OLIVEIRA1; EDUARDA CRISTINA SPARREMBERGER1; ANA LUISA A RAMBO1; MICHELE HELENA WEIRICH1; ALEX LORENZET1; GIOVANA CAMILLO1

1.UNOESC, XANXERE, SC, BRASIL.

e-mail:dietrich.pizzigatti.dvm@gmail.com

Resumo:

Desde as primeiras civilizações os equídeos são utilizados para tração. Neste contexto, novas questões sobre à mantença da tração animal nas cidades têm sido de maior dissensão, inclusive, gerando reinvindicações populares ao poder público. Contudo, a sociedade e órgãos públicos embatem um problema socioeconômico que atinge famílias que têm a atividade como sustento. Assim, para realização de intervenções neste âmbito, se faz necessário saber qual a real representatividade dos carroceiros no município. Para tanto, o corpo de discentes e docentes da UNOESC desenvolve desde 2016 o Projeto "Amigo Carroceiro", que tem como objetivo identificar esses profissionais em Xanxerê/SC, avaliar a saúde e bem-estar dos animais utilizados e promover ações em prol dos animais e melhorias (diretas ou indiretas) às famílias. Objetivos: Além da avaliação socioeconômica dos carroceiros, a avaliação coproparasitológica e física dos animais foi analisada como parâmetro de higidez e sua relação com a qualidade de vida e bem-estar. Foram realizados contatos iniciais com os carroceiros transeuntes. Em seguida, visitas para aplicação de questões abordando a sua identificação e caracterização pessoal (contexto socioeconômico-cultural) e, dos animais utilizados (carga horária de trabalho – CHT, tipos de carga, identificação dos animais e desfrute com o trabalho). Aos animais, foi empregado o exame do escore corporal, dos parâmetros fisiológicos e, amostras das fezes foram submetidas ao exame coproparasitológico por contagem de ovos por grama (OPG) pela técnica de Gordon e Whitlock modificada e coprocultura pela técnica de Roberts e O'Sullivan. Nesta intenção, foram cadastrados até o momento 14 carroceiros, com idade média de 41 anos, sendo 75% deles homens, todos nativos da cidade. Na avaliação dos questionários foi possível identificar que o nível escolar dos trabalhadores consiste em: 25% analfabetos, 12,5% com ensino primário, 50% com ensino fundamental incompleto e 12,5% com ensino médio. Apenas 12,5% dos proprietários não possuem filhos, sendo que o restante (87,5%) possuem filhos em idade infanto juvenil (5 a 17 anos). 75% dos proprietários relataram que a atividade de carroceiro corresponde a totalidade do arrimo da família, gerando lucro bruto médio de R$1.405,50. Os animais são submetidos a CHT de três a cinco horas (75%), cinco vezes por semana (62,5%), não ultrapassando (75%) a média de peso de cargas de 100 a 150kg. Apesar de 75% dos proprietários relatarem que já tentaram atuar em outros serviços terceirizado, porém a escolha pela carroça foi unanime entre eles. O preconceito e ofensas são descritos como situações comumente vivenciadas (50%) pelos condutores. A idade dos animais foi muito variável (2 e 10 anos), apresentando escore corporal entre 3 e 5; e, todos apresentaram parâmetros clínicos dentro da normalidade e ausência de exames infecto-contagiosos e zoonóticos ou cadastro em entidades de controle. No exame OPG, foi observada elevada contagem (1950 ± 1389,09), sendo que somente dois animais apresentaram valores a baixo de 500 OPG. Na coprocultura foi diagnosticada maior ocorrência de parasitos da da ordem Strongylida, destacando grandes e pequenos estrongilídeos. Não foram observados ectoparasitos nos animais. O fornecimento de material informativo sobre manejo e cuidados já está sendo feito e, esses dados já norteiam o projeto para o emprego de tratamento anti-helmíntico. Apesar da elevada carga parasitária, os animais apresentam-se capazes funcionalmente e, pequenas mudanças no manejo alimentar e controle parasitário podem fornecer subsídios suficientes para a mantença da função. No contexto analisado, os proprietários se mantêm nesta atividade devido a independência financeira e laboral e, por além das dificuldades com a inserção no mercado de trabalho local devido à baixa escolaridade e a marginalização imposta pela sociedade dificulta sua inclusão.

Palavras-chave: Carroceiros; coproparasitológico; bem-estar]

118. RESPOSTA ANAERÓBICO EM EQUINOS NO EXERCÍCIO DE VAQUEJADA

LUCIANA PEREIRA MACHADO*1; RICHARD ATILA DE SOUSA2; GARDÊNIA ALVES SILVA2; GEORGE MAGNO SOUSA DO RÊGO2; JOSÉ RIBAMAR NETO2; ANTONIO JACKSON SOUSA LIMA2; ANNA BETTIZA PATROCÍNIO; DENIS AIRTON

DOS SANTOS ARRUDA DE OLIVEIRA2; CAIO MARIANO SILVA2; DOUGLAS DOS SANTOS ROCHA2; ROMÁRIO BARBOSA DIAS2; LEONARDO GONÇALVES DA SILVA MOURA2; MAYKON DE PAULA FERREIRA DA SILVA2; SABRINA MENDES SILVA ARAÚJO2; IURI SANTANA GONÇALVES DIAS2; THULLYO ALEX FLORES2; BIANCA FÁTIMA DALLO1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL, REALEZA, PR, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, TERESINA, PI, BRASIL.

e-mail:lup_machado@yahoo.com.br

Resumo:

A vaquejada é um esporte muito popular no Nordeste do país, porém ainda com poucos estudos e grande variabilidade de protocolos e resultados. O objetivo desse estudo foi avaliar o efeito do exercício de um ciclo da prova de vaquejada, composta por um conjunto de três corridas, nas concentrações sanguíneas de glicose, lactato e ácido úrico, caracterizando a resposta metabólica ao exercício. O experimento foi conduzido durante um evento de vaquejada no município de Inhuma, Estado do Piauí, local de clima sub-úmido seco. Foram utilizados seis equinos machos, da raça Quarto de Milha, oriundos de municípios com distância média de 452 Km de distância do município da realização da competição e que competem regularmente. Os proprietários relatam que realizam treinamento, porém sem nenhuma padronização de protocolo. Foram avaliados os momentos: basal, com o animal em repouso (M0); logo após um ciclo de três corridas (M1); 30 minutos (M2) e 120 minutos (M3) após o ciclo de três corridas. Amostras de sangue foram obtidas por punção da veia jugular, 8 mL em tubos contendo ativador da coagulação e 4 mL em tubos com fluoreto de sódio + EDTA. Após centrifugação o plasma e soro foram congelados a -20°C e posteriormente estocadas a -80°C até a análise. Em analisador bioquímico semi-automático foi determinada a concentração plasmática de glicose (GOD-Trinder) e sérica de ácido úrico (método enzimático-Trinder) e em analisador bioquímico automático a concentração plasmática de lactato (método enzimático-Trinder), utilizando-se kits comerciais. Os resultados dos momentos M1, M2 e M3 foram comparados com o M0 pelo teste T, com nível de significância de 5%. As médias e desvio padrão observadas respectivamente nos momentos M0, M1, M2 e M3 foram: para glicose 88,6±12,6, 116,5±17,2, 97,0±24,1 e 94,9±13,3 mg/dL; para lactato 1,07±0,1, 17,5±7,2, 3,4±2,5 e 1,4±1,3 mmol/L e para ácido úrico 0,7±0,4, 1,3±0,4, 1,0±0,3 e 0,9±0,4 mg/dL. Optou-se pela determinação do lactato em analisador automático em virtude de resultados inconsistentes observados com o mesmo kit quando se utilizou o analisador semi-automático. Foram significativas as elevações de glicose (p=0,004), lactato (p=p,009) e ácido úrico (p=0,001) no M1 e nos momentos seguintes os três parâmetros apresentaram tendência de queda com valores semelhantes ao M0 (p>0,05). A elevação da glicemia ocorre como reflexo da resposta adrenérgica ao exercício de explosão, para manter o aporte energético ao tecido muscular. Valores de lactato acima de 4 mmol/L indicam predomínio da oxidação da glicose pela via anaeróbica. Em concordância, o ácido úrico é um bom indicador da intensidade do exercício, pois provém da degradação de adenosina difosfato (ADP). No exercício agudo o ADP se acumula na célula por aumento da hidrólise de adenosina trifosfato (ATP) e menor capacidade de ressíntese pelas vias anaeróbicas, seja pela via creatina-fosfato ou glicólise. Os três marcadores apresentaram tendências semelhantes e foram compatíveis com exercício anaeróbico, de alta intensidade e curta duração. A elevação mais significativa foi verificada para o ácido úrico, demonstrando que este marcador responde de forma rápida após o exercício intenso. Estudos que avaliem efeito do manejo nutricional e treinamento podem ser conduzidos com o intuito de melhorar a capacidade atlética e assim reduzir a intensidade desta resposta. Conclui-se que em um ciclo de três corridas da prova de vaquejada predomina o metabolismo anaeróbico com rápida elevação de glicose, lactato e ácido úrico e consequente retorno aos valores basais após 30 minutos, caracterizando como uma resposta fisiológica ao exercício.

Agradecimentos: CNPq; UFPI; UDESC; Clínica Criar-Centro Veterinário.

Palavras-chave: Glicose; lactato; ácido úrico

119. RESPOSTA GLICÊMICA DE EQUINOS ALIMENTADOS COM CONCENTRADO ANTES DE TESTE EM ESTEIRA DE ALTA VELOCIDADE

ISABELLA TORRES NOTHAFT*1; CAROLINE MUNIZ CUNHA RODRIGUES1; SYBELE LIMA DE MELLO2; ANANDA PARRA BUZZETTI1; ANA CARLA DIAS1; WILLAN AUGUSTO NOGUEIRA3; MICHELE ANGELO LUIZ3; FELIPE GOMES FERREIRA PADILHA3; ANA MARIA REIS FERREIRA3; FERNANDO QUEIROZ ALMEIDA1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO, RJ, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SU, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, NITEROI, RJ, BRASIL.

e-mail:itnothaft@gmail.com

Resumo:

O objetivo deste estudo foi avaliar a concentração plasmática da glicose em equinos da raça Brasileiro de Hipismo alimentados com concentrado em diferentes tempos antes dos testes em esteira de alta velocidade. Foram utilizados nove equinos sendo três fêmeas e seis machos castrados, com idade média de 11 ± 3,6 anos. Todos os cavalos estavam na fase inicial da temporada hípica. Os equinos foram separados em três grupos, aleatoriamente, tendo cada grupo um tempo diferente entre o fornecimento do alimento concentrado e o horário do teste. Os animais do Grupo A foram alimentados 2,5 horas antes do teste; os do Grupo B, 5 horas antes do teste; e os do Grupo C, 7,5 horas antes do teste. O teste foi realizado em esteira de alta velocidade, com protocolo de exercício de quatro minutos a passo a 1,7m/s, seis minutos ao trote a 4m/s, sendo os três minutos finais com inclinação de 3% e, um minuto a cada velocidade incremental de galope, nas velocidades de 6, 7, 8, e 9m/s. O período de recuperação na esteira foi ativo composto de três minutos ao trote, a 4m/s e, dois minutos ao passo, a 1,7m/s, seguidos de 25 minutos ao passo, na guia. As coletas sanguíneas foram realizadas com os equinos em jejum, durante as diferentes etapas do teste e aos 10, 20 e 30 minutos após o fim do teste, por venopunção da veia jugular, em tubos de fluoreto de sódio. Os resultados foram submetidos à ANOVA, a 5% de probabilidade. Nos equinos do Grupo A, com fornecimento do alimento concentrado 2,5 horas antes do teste observou-se a tendência de diminuição da concentração plasmática da glicose de forma continua até o último galope a 9m/s, com uma diferença média de 29,6mg/dL (p=0,445). Em seguida houve aumento da concentração da glicose da fase de recuperação, aumentando 52,6mg/dL, em média (p=0,152). Nos animais do Grupo B, com fornecimento do alimento concentrado 5,0 horas antes do teste houve uma tendência de redução da concentração de glicose, de 38,1mg/dL (p=0,06) durante a fase inicial do teste, ao passo e, aumentando até o galope a 8m/s (54,5mg/dL) (p=0,02), seguido de redução durante o galope a 9m/s e, nos 10 primeiros minutos da fase de recuperação (25,4mg/dL) (p=0,109). No final da recuperação dos animais deste grupo, a concentração de glicose tornou a elevar, aproximadamente 54,7mg/dL (p=0,025). Nos animais do Grupo C, com fornecimento do alimento concentrado 7,5 horas antes do teste, dois animais apresentaram o mesmo padrão da concentração de glicose, com redução dos valores até o galope a 9m/s (52,8mg/dL) (p=0,133), seguida de aumento na fase de recuperação, em média de 69,3mg/dL (p=0,13). O terceiro animal (C3) do Grupo 3 apresentou um aumento linear dos níveis de glicose ao longo do teste e na fase de recuperação, tendo um leve aumento de apenas 20mg/dL. Ao comparar as médias das concentrações de glicose nos animais dos diferentes grupos, observa-se diferença significativa entre eles (p=0.00898), demonstrando que há uma relação entre o horário da alimentação e do início do teste. As alterações nas concentrações de glicose observadas nos animais de cada grupo podem ser explicadas em função das transições das fases metabólicas dos equinos nos testes. No exercício leve, ao passo, o metabolismo aeróbico está mais ativo, enquanto no trote e no galope a baixa velocidade ocorre metabolismo misto aeróbico-anaeróbio e, no galope a alta velocidade o metabolismo é anaeróbio. O aumento dos níveis de glicose na fase de recuperação ocorre como uma resposta do organismo dos equinos ao esforço físico durante o exercício. Na avaliação da concentração da glicose nos equinos nos grupos experimentais, as alterações observadas entre eles podem ser atribuídas ao tempo de alimentação e de digestão do alimento concentrado pré-teste. Houve maior gasto energético durante a fase anaeróbia do exercício e uma tendência para redução na glicemia seguindo de aumento da concentração plasmática de glicose na fase de recuperação nos equinos atletas da raça Brasileiro de Hipismo.

Palavras-chave: Glicose; metabolismo; teste ergométrico

120. RESPOSTA INFLAMATÓRIA ATRAVÉS DO FATOR DE NECROSE ALFA TUMORAL A (TNF- A) DE EQUINOS SUPLEMENTADOS COM LEVEDURA SACCHAROMYCES CEREVISIAE VIVA E PROTEGIDA

CAMILA BIANCONI*1; GABRIELA DO VALE POMBO1; YASMIN DE SALES PEREIRA1; HORTÊNCIA CAMPOS MAZZO2; MURILLO ORMIERES3; SAULO BARACAT VILLELA1; NICOLAS VENTURA DUARTE1; ALEXANDRE AUGUSTO DE OLIVEIRA GOBESSO1

1.FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA USP/FMVZ, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - UFPEL, PELOTAS, RS, BRASIL; 3.UNIFIAN, LEME, SP, BRASIL.

e-mail:cabianconi@usp.br

Resumo:

Endotoxinas são complexos de lipopolissacarídeos (LPS) com alto peso molecular e proteínas, associados à membrana externa de bactérias gram-negativas. Uma vez na cavidade peritoneal, a endotoxina age como um sinalizador de lesão intra-abdominal. Macrófagos peritoneais e células mesoteliais respondem rapidamente à endotoxina por meio da secreção de uma variedade de mediadores pró-inflamatórios, incluindo o fator de necrose tumoral (TNF-α) e interleucinas-6 (IL-6). Autores descobriram que a endotexemia é a maior causa de mortalidade em cavalos e existem numerosos mediadores, secretados por células hospedeiras, responsáveis por combatê-la. A levedura viva Saccharomyces cerevisiae é um probiótico com propriedades antimicrobianas, que auxilia no equilíbrio da microbiota dos intestinos, no entanto, seu uso como levedura protegida em equinos não foi relatado na literatura. Com isso, o objetivo do estudo foi estudar a ação da levedura viva e da levedura protegida Saccharomyces cerevisiae (NYC SC 47) como inibidor ou redutor de microrganismos patogênicos, associado a regulação das atividades inflamatórias do intestino, através da análise dos níveis séricos de TNF-α. Foram utilizados oito Puro Sangue Árabes (6 meses ± 0,6) com peso corporal (PC) médio de 457 ± 28 kg. Os cavalos foram alojados em baias durante o período de adaptação a dieta e alimentados individualmente com 1,75% do PC. Água e sal mineral foram fornecidos ad libitum. O delineamento experimental utilizado foi em quadrado latino duplo 4x4 contemporâneo com oito animais (2 animais por tratamento), quatro dietas (Controle, Levedura Procreatin 7®, Actisaf HR Plus Sc 47® e interação Levedura Procreatin 7® + Actisaf HR Plus Sc 47®). Os animais foram avaliados por quatro períodos de 22 dias cada, sendo 15 dias de adaptação à dieta, 5 dias de coleta total de fezes (CTF) e 2 semanas de (wash out). Para determinação de TNF-α no soro, amostras de sangue foram colhidas 150 minutos após o trato da manhã. As coletas foram realizadas por meio de punção venosa na veia jugular, em tubos Vacutainer BD® sem anticoagulante. As concentrações de TNF- α foram determinadas por teste imunoenzimático utilizando o kit comercial DuoSet ELISA Equine TNF- α (R&D Systems) seguindo as instruções do fabricante. As leituras foram feitas em equipamento de leitura calorimétrica de multiplacas (leitor de ELISA Thermo Scientific Multiskan EX), ajustado para 450 nm. Os dados foram submetidos à análise de variância, onde foi utilizado o modelo misto do pacote PROC MIXED do programa SAS Institute Inc. (2010). As médias dos tratamentos foram comparadas através de contrastes ortogonais [C1: controle (CTR) versus levedura viva (LEV), levedura protegida (PROT) e levedura viva + levedura protegida (L + P); C2: L + P versus LEV e PROT; C3: LEV versus PROT]. O nível de significância do teste utilizado foi de 5%. Os resultados da mensuração dos níveis séricos de TNF-α não apresentaram efeito significativo. As concentrações foram 0,9584; 1,0163; 0,8991 e 1,0881 ng/mL para grupo CTR, LEV, PROT e L+P respectivamente. Embora o TNF-α seja predominantemente secretado por monócitos/macrófagos e células T e B, ele também é produzido por várias outras células. O RNAm constitutivo para TNF-α é expresso em vários tecidos com um aumento mínimo durante a endotoxemia. É importante ressaltar que o fator de necrose tumoral tem sido implicado como a citocina primária envolvida na sequência de eventos celulares e microvasculares da resposta inflamatória sendo encontrados níveis. Não possuímos literatura para comparação dos dados de endotoxemia em cavalos alimentados com levedura. Concluímos que a suplementação com levedura viva ou protegida não altera os valores basais de concentração sérica de fator de necrose alfa tumoral (TNF-α).

Palavras-chave: Equinos; probióticos; imunidade

RESUMOS
RELATO DE CASO

121. ABSCESSO RETROPERITONIAL COMO CAUSA DE DISQUEZIA EM EQUINO

TERESA SOUZA ALVES*1; ANTONIO CARLOS LOPES CÂMARA1; LUIZA FERREIRA DE ALMEIDA GOMES1; MARIANA DA COSTA GONZAGA1; RITA DE CASSIA CAMPEBELL1; ANTONIO RAPHAEL TEIXEIRA NETO1

1.UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASILIA, DF, BRASIL.

e-mail:teresasouzaalves@gmail.com

Resumo:

Abcessos localizados na cavidade abdominal, apesar de relativamente incomuns, podem levar a quadros de abdômen agudo em equídeos, correlacionados com seu volume e a localização anatômica. As causas primárias de abscessos abdominais incluem infecções bacterianas sistêmicas secundárias do trato respiratório superior, principalmente pelos agentes Rhodococcus equi, Streptococcus equi e Corynebacterium pseudotuberculosis. Enquanto, os abscessos de origem secundária sucedem trauma abdominal penetrante, ulceração ou perfuração visceral ou após cirurgia abdominal. Perda de peso, anorexia, disquezia, disúria, febre, letargia e dor abdominal aguda ou crônica são achados comuns no histórico destes pacientes. O tratamento baseia-se em antibioticoterapia com ou sem intervenção cirúrgica. Objetiva-se descrever um caso de abscesso retroperitoneal como causa de disquezia em equino. Foi encaminhado para atendimento hospitalar, um cavalo de tração, 12 anos, SRD, com histórico de desconforto abdominal e constipação nos últimos seis dias. Na anamnese, a informação mais relevante foi que cavalo teve episódio de abdômen agudo há 5 meses, sendo tratado pelo proprietário com antiinflamatório e enema (mangueira com água sob pressão no reto). Ao exame físico observou-se mucosas levemente pálidas, taquicardia (56 bpm), leve taquipneia (26 mrpm), desidratação, tempo de preenchimento capilar de 3 segundos e hipomotilidade gastrintestinal. À palpação retal, o animal apresentava intenso desconforto e revelou a presença de massa dorsal comprimindo o reto. Os exames laboratoriais apresentaram leucopenia (4.700 leucócitos/µL) por neutropenia (1.739/µL), hiperfibrinogenemia (1000 mg/dL) e aumento sérico da ureia (95 mg/dL), creatinina (3,9 mg/dL) e hiperproteinemia (10,4 g/dL). Devido à suspeita clínica de abscesso retroperitoneal, iniciou-se antibioticoterapia com Florfenicol (20 mg/kg, q48h, IM, 15 aplicações). Durante o internamento hospitalar, o paciente apresentou piora do quadro de tenesmo. Assim, no sétimo dia de internação, optou-se pela laparotomia exploratória pelo flanco esquerdo, sendo constatado presença de abscesso retroperitoneal de dimensões grandes, comprimindo o mesorreto. Realizou-se punção do abscesso com agulha 40 x 16 mm acoplada a equipo estéril e aspirador cirúrgico, mas sem sucesso devido a densidade do material purulento. Assim, foi encaminhado amostra de pus para cultura microbiológica com isolamento de Staphylococcus spp. e Escherichia coli. Nos dias posteriores à cirurgia o paciente apresentou apatia, hipomotilidade intestinal, desidratação, enfisema subcutâneo, halo hiperêmico na mucosa oral, vasos episclerais ingurgitados e piora da disquezia. Em razão da evolução não satisfatória e prognóstico desfavorável, optou-se pela eutanásia no 4º dia pós-operatório. A necropsia revelou uma cápsula fibrosa arredondada medindo cerca de 20 cm de diâmetro, contendo cerca de 300 mL de exsudato pastoso amarelado, expandindo a cavidade retogenital e o mesorreto (abscesso). Na mucosa retal evidenciou-se área linear fibrosa de 5 cm de comprimento, sugerindo reação cicatricial. Acredita-se que a realização de enema por leigo possa ter causado algum grau de laceração retal, permitindo a entrada de bactérias comensais do trato intestinal, como E. coli. O tamanho do abscesso e a localização anatômica causaram obstrução parcial extraluminal do mesorreto, causando os principais sinais clínicos. A dificuldade do acesso cirúrgico e consistência pastosa do conteúdo do abscesso foram determinantes para o insucesso das condutas terapêuticas adotadas. Recomenda-se o tratamento de abscessos retroperitoneais em equídeos de modo conservador, quando não há dor abdominal grave e comprometimento do estado geral do paciente; caso contrário a cirurgia abdominal é indicada. Usualmente o prognóstico é bom nos casos em que não há obstrução intestinal, entretanto, complicações como aderências e peritonites implicam em um prognóstico reservado à desfavorável.

Palavras-chave: Abscesso; retroperitônio; equino

122. ACHADOS CLÍNICOS, HISTOPATOLÓGICOS, RADIOGRÁFICOS E TOMOGRÁFICOS DO

CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS OCULAR EM ÉGUA JOVEM

CAROLINA SOARES ESPER*1; MARIANA LOPES DA CONCEIÇAO1; GUSTAVO DOS SANTOS ROSA1; LAIS MELICIO CINTRA BUENO1; VANIA MARIA DE VASCONCELOS MACHADO1; RENNE LAUFER AMORIM1; EMANUEL VITOR APOLONIO1; ALICE RIBEIRO DE ÁVILA1; ANA LIZ GARCIA ALVES1; CARLOS ALBERTO HUSSNI1; MARCOS JUN WATANABE1; CELSO ANTÔNIO RODRIGUES1; JULIANA DE MOURA ALONSO1

1.UNESP - BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:carolinasesper@gmail.com

Resumo:

O carcinoma de células escamosas (CCE) é um tumor maligno de queratinócitos associado à exposição a raios ultravioleta, que ocorre preferencialmente nas regiões genital e/ou ocular e é localmente invasivo com majoritário processo metastático nos linfonodos regionais. Foi atendida uma égua de 6 anos, da raça Paint Horse, que vivia em piquete, com histórico de surgimento de ferida ulcerativa de aproximadamente 1 cm de extensão em pálpebra inferior há 120 dias. Foi relatadas duas tentativas de excisão cirúrgica e rápida evolução da ferida para uma proliferação vegetativa não responsiva ao tratamento. Nos últimos sete dias prévios ao encaminhamento, houve agravamento do quadro devido à dificuldade de mastigação e rápida deterioração do estado geral. Na admissão, o animal apresentava ferida ulcerativa com granulação e aumento de volume na região periocular do globo direito, aumento de volume em linfonodos regionais, dificuldade de apreensão e mastigação do alimento e movimentação vertical constante da cabeça sem estímulo aparente (headshaking). Seu escore corporal era 3/5, hemograma apresentava se dentro da normalidade. Foi realizado exame radiográfico, demonstrando comprometimento ósseo e aumento de radiopacidade em região ocular. À citologia aspirativa identificou-se pleomorfismo e anisocitose, dentre outros achados compatíveis com a suspeita clínica de CCE. Devido à extensão da lesão e ausência de possibilidades terapêuticas, foi realizada a eutanásia do animal. Após o óbito realizou-se exame tomográfico da cavidade nasal e crânio-encefálica com cortes helicoidais de 3mm de espessura, onde identificou-se na porção mediorostral de cavidades nasais aumento do volume heterogêneo dos tecidos moles com perda parcial da definição dos meatos nasais, lise do osso nasal, aumento de volume de radiodensidade de tecidos moles heterogênea com áreas hiperdensas e hipodensas em terço caudal da cavidade nasal direita até a placa cribforme. Infiltração em abertura conchofrontal, seio frontal, nasomaxilar, e articulação temporomandibular (ATM), perda parcial de definição das conchas/meatos nasais, preenchimento do seio frontal, maxilares e esfenopalatino direitos por conteúdo heterogêneo hipodenso, aumento de volume heterogêneo em região orbital lateral, proliferação e lise óssea em aspecto dorso-lateral direito do osso frontal, ao nível de transição fronto-maxilar e fronto-zigomático, com perda da simetria óssea. Na necrópsia, confirmou-se a presença da formação infiltrativa desde a pele da pálpebra, envolvendo o globo ocular direito e o nervo óptico com destruição óssea do frontal e substituição por tecido neoplásico firme de coloração esbranquiçada. O exame microscópico da neoplasia confirmou o diagnóstico, revelando carcinoma espinocelular bem diferenciado, com bordas indistintas, formadas por células epiteliais escamosas, alojadas em ilhas, por vezes em cordões, no centro das ilhas, haviam pérolas córneas, células epiteliais pleomórficas e com citoplasma mal delimitado, núcleo ovalado a arredondado, pericentral, de cromatina frouxa e com um a dois nucléolos evidentes, estroma esquirroso, intenso infiltrado inflamatório mononuclear, com invasão do tecido ósseo. Destaca-se, que apesar de a raça, pelagem e exposição solar tornarem o diagnóstico facilitado, a ocorrência em um animal jovem e a agressividade da neoplasia, notadamente infiltrativa e de rápida evolução, tornam o caso diferenciado. O exame radiográfico foi capaz de identificar o envolvimento ósseo e subsidiar a indicação da eutanásia, entretanto a tomografia forneceu melhor delimitação da lesão. O headshaking e a dificuldade de mastigação foram atribuídos a compressão do trigêmeo pelo tumor. Considerou-se inicialmente que a dificuldade de mastigação decorreu da compressão e consequente disfunção das fibras motoras de uma das ramificações do trigêmio, o nervo mandibular, entretanto após a realização da tomografia, acrescentou-se a essa possível etiologia a lesão na ATM.

Palavras-chave: Neoplasia; carcinoma espinocelular; headshaking

123. ACHADOS ULTRASSONOGRÁFICO, CITOLÓGICO E HISTOPATOLÓGICO DE ADENOMA MICROFOLICULAR DE TIREOIDE EM EQUINO: RELATO DE CASO

LETICIA DOSSIN REGIANINI*1; CRISTINA GEVEHR GEVEHR FERNANDES2; EDUARDO CONCEIÇÃO DE OLIVEIRA1; FÁBIO ANTUNES RIZZO1; CLÁUDIA GIORDANI1; RAQUELI TERESINHA FRANÇA1; FERNANDO P LISBOA1; LEANDRO DO MONTE RIBAS1

1.UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL - UCS, CAXIAS DO SUL, RS, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, PELOTAS, RS, BRASIL.

e-mail:regianinivet@gmail.com

Resumo:

O adenoma de tireoide é descrito como a principal alteração neoplásica da glândula em equinos, geralmente de ocorrência unilateral, onde animais idosos são mais predispostos. As neoplasias são raramente relatadas devido a discreta evolução clínica. O objetivo deste relato é apresentar os achados ultrassonográfico, citológico e histopatológico de adenoma microfolicular da glândula tireoide (GT) em equino. Foi atendido na Clínica Veterinária de Grandes Animais da Universidade de Caxias do Sul/RS (UCS), um equino, macho castrado, alazão, 280Kg, mestiço, idade entre 20 e 25 anos, procedente de apreensão por maus tratos. No exame clínico geral as alterações observadas foram apatia, caquexia, 8% de desidratação e laminite crônica bilateral em membro torácico. Durante a inspeção geral foi observado aumento de volume na região proximal ventrolateral direita do pescoço, de consistência firme e indolor. Pela característica ao exame de palpação o diagnóstico presuntivo foi de neoplasia de lobo direito da GT. Foi realizado o estudo com ultrassom (US) a partir de sonda convexa, frequência de 5,0 MHz. Observou-se no lobo direito o parênquima com ecogenicidade mista, altura de 7,47cm, largura 6,52cm. Por Doppler foi observado aumento na vascularização com calibre vascular médio de 0,21cm distribuída pelo lobo direito. O lobo esquerdo apresentou formato oval, altura 2,75cm e largura 1,19cm, sem alterações dignas de nota. Os achados do US no lobo direito foram sugestivos de neoplasia unilateral de GT. Compreende-se que equinos hígidos apresentam os lobos com contorno oval e medem aproximadamente de 1,5 a 2,5cm de altura, por 2 a 3cm de largura. O aumento das dimensões e a alteração dos bordos são os achados ultrassonográficos mais observados nos casos de neoplasias da tireoide em cavalos. Porém alterações do parênquima e formato podem estar presentes ou ausentes. Sabe-se que estas alterações podem apresentar variadas características, dependendo do comportamento da neoformação. Para auxiliar na hipótese diagnóstica, foi realizada a punção aspirativa por agulha fina (PAAF) do lobo direito que revelou moderada celularidade, composta por células epiteliais cuboides dispostas em aglomerados ou formando folículos, contendo material de coloração azurofílica (coloide). Observou-se também grande quantidade de núcleos arredondados dispersos na lâmina (núcleos "nus"). A presença de arranjo folicular e núcleos nus caracterizam origem endócrina do aumento de volume. Os achados citológicos da PAAF corroboraram com os encontrados na ultrassonografia, e sugeriram a neoplasia na GT. Na citologia não é possível diferenciar adenoma de carcinoma, uma vez que essa distinção só pode ser baseada na presença de invasão capsular ou vascular identificadas a partir da histopatologia. Neste contexto, a avaliação histopatológica foi realizada a partir de fragmento coletado por biópsia incisional e encaminhado ao Serviço de Oncologia Veterinária da UFPel/RS. O fragmento avaliado era constituído por células cuboidais, com núcleos redondos e hipercromáticos e citoplasma moderado eosinofílico. As células estavam arranjadas em miniaturas de folículos que podiam conter pequena quantidade de coloide. Alguns desses folículos não continham coloide. O neoplasma era bem diferenciado, com raras áreas sólidas. Os achados histológicos definiram o neoplasma como adenoma microfolicular de glândula tireoide. Foi dado como benigno, pelas características observadas. Em equinos, a única evidência definitiva de malignidade é a presença de metástases, as quais não foram observadas neste caso. De acordo com as características do presente caso, conclui-se que os achados ultrassonográficos podem sugerir a presença de neoplasias na GT e justificar a necessidade da citologia e histopatologia, determinantes para o diagnóstico definitivo do adenoma microfolicular da tireoide em equinos.

Palavras-chave: Adenoma; tireoide; equino

124. ACOMPANHAMENTO DE POTRO NEONATO PREMATURO PROVENIENTE DE GESTAÇÃO COM PLACENTITE

LUISA LEMOS SILVEIRA*1; ADRIANA PIRES NEVES2; EDUARDO FAGUNDES VOGEL3

1.UFRGS, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL; 2.UNIPAMPA, DOM PEDRITO, RS, BRASIL; 3.UPF, PASSO FUNDO, RS, BRASIL.

e-mail:luisalemossilveiraveterinaria@gmail.com

Resumo:

Os potros com falta de maturidade são classificados em três grupos: prematuros são aqueles que nascem antes dos 320 dias de gestação; imaturos chegam a termo, possuem características de prematuros, resultando de alguma forma de insuficiência placentária; e ainda imaturos sem apresentar insuficiência placentária. O objetivo deste trabalho é relatar o exame ginecológico da égua, os achados placentários, a avaliação clínica e as medidas terapêuticas adotadas durante o acompanhamento clínico no nascimento de um potro prematuro proveniente de uma égua com placentite. O presente caso ocorreu em uma égua da raça Brasileiro de Hipismo, 19 anos, de um criatório na região sul do Brasil. A reprodutora não foi submetida a vulvoplastia após a cobertura ou detecção de prenhez; além disso a mesma sofreu um trauma na sola do casco durante a gestação, o que a fez permanecer mais tempo em decúbito lateral. A duração da gestação foi de 315 dias. A placenta foi avaliada macroscopicamente, onde foram observadas manchas circulares vermelhas e conteúdo de coloração caramelo na superfície do córion em toda sua extensão, além de áreas de laceração na região correspondente ao corno não gravídico. Não foram realizados exames de cultura, antibiograma e nem histopatológico. O tempo decorrido desde o nascimento até a observação dos reflexos comportamentais do neonato foi: adoção de decúbito esternal na primeira hora somente com ajuda, adotando esta posição após 70min do nascimento, 85 minutos para apresentar o reflexo de sucção e 8 horas para ficar em estação. Após a observação dos reflexos de sucção, o potro recebeu 200 ml de colostro do banco de colostro. O peso do potro no nascimento foi de 36 kg e a altura de 0,85cm. Além disso o neonato apresentou desvio angular do tipo carpus valgus e contratura tendínea na articulação metacarpofalangeal, onde foi utilizada uma tala. O potro possuía ossificação incompleta nos ossos do carpo,a qual foi diagnosticada e acompanhada radiologicamente e mantida em restrição de movimento por aproximadamente um mês. O potro foi diagnosticado como prematuro com base no tempo gestacional, nas observações de deformidades flexurais, reflexos atrasados e sinais comportamentais. O uso de antibioticoterapia, corticoterapia e suplementação foi adotado. As lesões do potro não eram incompatíveis com a vida do animal e o acompanhamento radiológico mostrou a evolução do neonato. Concluiu-se que cuidados como avaliação precoce, monitoramento e tratamento de um potro prematuro podem levar à sobrevivência e à recuperação do potro.

Palavras-chave: Prematuridade; ossificação incompleta; placenta

125. ALTERAÇÕES CONGÊNITAS DE UM POTRO QUARTO DE MILHA: RELATO DE CASO

NATALIA TELLES SCHMIDT*1; LUZILENE ARAUJO SOUZA2; SIGISMUNDO FASSBENDER REZENDE JUNIOR1; MARTA CRISTINA CAÇÃO3; PEDRO VIANNA CALDAS3; GABRIEL LUIS PACCOLA3; RAFAEL AUGUSTO PACCOLA3; MARINA RAMOS OLIVEIRA4; LAIS LAGROTTA GARCIA5

1.GUABI, CAMPINAS, SP, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO PERNAMBUCO, RECIFE, PE, BRASIL; 3.EQUICENTER HOSPITAL VETERINÁRIO 24 HORAS, TATUÍ, SP, BRASIL; 4.MASKOVET, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 5.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:natalia@guabi.com.br

Resumo:

A fenda palatina é uma afecção congênita incomum que afeta entre 0,1 e 0,2% da população equina, apresentando etiologia desconhecida. Comumente está localizada entre a metade e os dois terços caudais do palato mole, é secundária à falha da fusão na linha média do processo palatino lateral que ocorre no 47º de gestação da égua. Sua principal sintomatologia apresentada é a disfagia com descarga nasal bilateral pós-prandial com conteúdo alimentar. O diagnóstico definitivo dá-se com exame endoscópico das vias aéreas. Complicações ocorrem em 90% das tentativas de reparo, são essas: deiscência dos pontos na linha de sutura e no lábio inferior, fístula oronasal, osteomielite mandibular, instabilidade da sínfise mandibular, infecção incisional, lesão no nervo hipoglosso e disfagia crônica. Relata-se potro macho, quarto de milha, 30 dias de vida com disfagia e presença de leite nas narinas após a mamada. Foi diagnosticada fenda palatina via endoscopia, para correção desta optou-se pela faringotomia. No dia seguinte à palatorrafia, o animal apresentou desconforto abdominal e houve tentativa de introduzir a sonda nasogástrica. Devido à distensão abdominal, foi inserido um cateter 14G no estômago guiado por exame ultrassonográfico com objetivo de diminuir os gases e possibilitar a passagem da sonda pelo cárdia. Como não houve êxito, o animal foi encaminhado à laparotomia exploratória onde encontrou-se estreitamento do lúmen do intestino delgado. Sob anestesia geral permitiu-se a realização da gastroscopia em que se observou presença de divertículo próximo ao cárdia. Após ambos os procedimentos cirúrgicos o animal continuava apresentando leite no trato respiratório visto pelo traqueotubo. A eutanásia foi realizada no 11º de internação. A necropsia revelou área de ruptura gástrica, congestão da mucosa intestinal, atelectasia e presença de alimento no pulmão. Conclui-se que além da fenda palatina o animal apresentava malformações no trato digestivo.

Palavras-chave: Fenda palatina; palatosquise; potros

126. APLICAÇÃO DA TÉCNICA DOS TRÊS L'S NO TRATAMENTO DE FERIDA EM QUARTELA DE UM EQUINO QUARTO DE MILHA

CAROLINA DE FRANCO MARCHIORO*1; MARIA INÊS GAY DA FONSECA AALLGAYER DIANO2; JULIA SAVIETTO FRATI3; EDUARDO MALSCHITZKY4; LAURA BLAIR BAILEY5

1.FISIOSYSTEM, CURITIBA, PR, BRASIL; 2.THERAPY4HORSES, PURCELL, ESTADOS UNIDOS; 3.UNIP, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 4.UFRGS, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL; 5.TEXAS TECH UNIVERSITY, PURCELL, ESTADOS UNIDOS.

e-mail:carolina.fmarchioro@gmail.com

Resumo

Feridas presentes nos membros locomotores é uma das ocorrências clínicas mais frequentes em equinos. O processo cicatricial, devido às particularidades do tecido equino, é demorado e frequentemente de alto custo para o proprietário. Quando associadas ao manejo da ferida, as técnicas fisioterápicas podem auxiliar na aceleração do processo cicatricial, diminuindo o tempo de tratamento e os custos inerentes. A técnica dos Três "L's" foi instituída pela Therapy4horses no tratamento de feridas de difícil resolução em equinos. A sigla é determinada por três etapas: low friction, laser therapy e Leptospermum scoparium, ou seja, baixa fricção, laserterapia e uso de pomada a base de Leptospermum scoparium. A realização da limpeza da ferida com baixa fricção e soluções adequadas promovem a manutenção da camada mais superficial da pele, auxiliando no processo cicatricial. O modo de ação do LASER é através da fotoestimulação, acelerando a síntese de ATP celular, reduzindo a inflamação e o edema e estimulando a fase proliferativa do processo cicatricial. A pomada a base de Leptospermum scoparium é utilizada devido à presença da substância metilglioxal. Este componente possuí uma potente ação anti-inflamatória e antibacteriana comprovadas cientificamente, que proporcionam um ambiente livre de bactérias e potencializam o processo cicatricial proporcionado pelo LASER. Relata-se nesse estudo o caso de um potro atendido em uma propriedade em Purcel, Oklahoma/EUA, da raça Quarto de Milha, de 10 meses de idade, que apresentava uma ferida lacerante localizada na região caudal da quartela do membro pélvico esquerdo, com aproximadamente 10 cm de comprimento e 5 cm de largura. A ferida apresentava contaminação, mas sem aparente comprometimento

das estruturas subjacentes. O objetivo foi avaliar a técnica dos Três "L's" no tratamento da ferida em questão. Devido a presença de contaminação foi administrado antibiótico via endovenosa (ceftiofur e sulfametoxazol, durante 14 dias), probiótico via oral (proviable, durante 14 dias). Também foi administrado via oral protetor gástrico (gastrogard, durante 14 dias). O tratamento com a técnica dos Três "L's" foi iniciado após 3 dias da ocorrência da lesão, totalizando 5 sessões com intervalos de 3 - 5 dias. O manejo da ferida consistiu em limpeza com gaze umedecida com solução de ácido hipocloroso a 0,0120%, com baixa fricção, seguida pela laserterapia (LASER He-Ne, classe IIIb, 904 nm, 500 mW, 1J/cm2) em toda a extensão da ferida e aplicação da pomada à base de Leptospermum scoparium. A ferida foi, após cada aplicação, recoberta com gaze e bandagem elástica. Após a segunda sessão foi observada uma diminuição da extensão da ferida devida a rápida epitelização e o animal já apoiava o membro lesionado. Após 30 dias do início da técnica dos Três "L's" a ferida estava completamente cicatrizada. Pode-se concluir que a utilização da técnica dos Três "L's" é benéfica no tratamento de feridas, pois promove uma rápida cicatrização tecidual com qualidade e sem a ocorrência de complicações durante o processo, além do baixo custo do procedimento.

Palavras-chave: Leptospermum scoparium; lesão cutânea; técnica dos três l's

127. ARTRITE SÉPTICA COXOFEMORAL EM POTRA SECUNDÁRIA A ABSCESSO IATROGÊNICO NOS MÚSCULOS SEMITENDINOSO E SEMIMEMBRANOSO

OSMAR DIAS FERRAZ JUNIOR*1; DANILO MANZINI MACEDO1; SAMUEL PEREIRA SIMONATO1; NATÁLIA ALMEIDA MARTINS1; BRUNNA PATRÍCIA ALMEIDA DA FONSECA1

1.UFV, VICOSA, MG, BRASIL.

e-mail:diasosmar90@yahoo.com.br

Resumo:

Para a aplicação de medicamentos intramusculares em equinos é necessário observar alguns cuidados básicos e atentar-se para a habilidade do profissional em executar o protocolo correto de antissepsia e entender a ação do medicamento com a fim de que a administração seja realizada de forma a ampliar seu efeito terapêutico e evitar ou minimizar os efeitos colaterais. O presente relato tem por objetivo informar sobre as consequências de se realizar um procedimento sem as devidas precauções e preparo técnico. A paciente em questão é uma potra de um mês, da raça Mangalarga Marchador. Que segundo o proprietário, havia sido transportada 10 dias antes e que no dia seguinte a este transporte apresentou um pequeno aumento de volume na articulação femorotibial; ele administrou Meloxicam pelo período de sete dias por via intramuscular. A potra apresentou piora e foi encaminhada ao hospital veterinário da Universidade Federal de Viçosa. Ao dar entrada, o animal apresentava aumento de volume na região da coxa no membro pélvico direito e evitava apoiá-lo. Foram realizados para melhor inspeção do caso, exames radiográficos e ultrassonográficos; na radiografia não houve alteração digna de nota, entretanto na ultrassonografia foram encontrados vários pontos anecogênicos, que sugeriam coleção de líquido na região dos músculos semitendinoso e semimembranoso. O animal foi submetido a exames laboratoriais, que apresentaram leucocitose por neutrofilia, com desvio à esquerda regenerativo, indicando um processo inflamatório grave. Foi instituído tratamento com Ceftriaxona BID durante sete dias, Gentamicina SID por cinco dias, Flunixin meglumine SID por quatro dias. No dia seguinte à chegada ao hospital, a potra foi submetida a uma punção guiada por ultrassonografia das coleções de líquido na região dos músculos acometidos, onde constatou se tratar de exsudato purulento. Foi drenada aproximadamente dois litros de líquido seropurulento avermelhado. No dia seguinte ao procedimento foi administrado Firocoxibe SID por quatro dias. Devido a falta de recurso para debridar e eliminar completamente o foco da infecção através da punção, voltou a acumular exsudato. Três dias após a punção, foi realizado uma incisão do abscesso com anestesia geral, possibilitando um debridamento correto. Nos dias subsequentes foram realizadas lavagens com DAKIN, Permanganato de Potássio e Água Oxigenada. Houve a recuperação total do local. Houve acumulo de secreção purulenta em um local acima da primeira punção, próximo à garupa, na região da articulação coxofemoral, em um local mais delicado para se realizar uma incisão, então optou-se por uma nova punção guiada. Como o animal ainda não apoiava o membro acometido no solo e seu membro apresentava uma aparência de

encurtamento, foi realizado uma imagem radiográfica da articulação coxofemoral e foi possível identificar a perda da delimitação da região interarticular do acetábulo e a da cabeça do fêmur, além de regiões indicando reação periosteal e inflamação. O diagnóstico foi necrose séptica da cabeça do fêmur e acetábulo. Devido ao prognóstico ruim, a decisão tomada foi eutanasiar a potra. Durante a necropsia foi possível observar a inflamação intensa que culminou na destruição quase completa da cabeça do fêmur e acetábulo, com perda da conformação e porosidade óssea, impossibilitando o reconhecimento de estruturas; foram encontrados vários pontos de abscesso no membro acometido. A partir deste caso é possível compreender como a conduta técnica adequada é importante para minimizar os riscos de procedimentos relativamente simples, que interferem na vida do animal, aumentando os gastos e com impactos eventualmente irreversíveis. Tais procedimentos necessitam de conhecimento profissional, que inclui saber quais os locais mais indicados para administração de medicamentos e cuidados assépticos para tal realização visando a redução do desconforto e minimizando as chances de complicações.

Palavras-chave: Radiografia; punção guiada; necropsia

128. ARTRITE SÉPTICA IATROGÊNICA NA ARTICULAÇÃO COXOFEMORAL DE NEONATO EQUINO - RELATO DE CASO

JARBIANE GOMES DE OLIVEIRA*1; ANDREZZA CAROLINE ARAGÃO DA SILVA1; PIERRE BARNABÉ ESCODRO1; ANNELISE CASTANHA BARRETO TENORIO NUNES1; KARLA PATRÍCIA CHAVES DA SILVA1; LUAN LUTHZEMBERG FERREIRA DE ANDRADE1; MAYNARA KALYA FERREIRA LIMA1; YANE FERNANDES MOREIRA1; ALINE MAYARA SILVA DE LIMA1; TABATHA DE OLIVEIRA CAVALCANTE1; MÔNICA ARRIVABENE ARRIVABENE2

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, VIÇOSA, AL, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, TERESINA, PI, BRASIL.

e-mail:jarbi_oliveira@hotmail.com

Resumo:

A terapia da artrite séptica vem sendo tema de diversos estudos na clínica médica dos equídeos em detrimento do comprometimento ramificado dessa enfermidade no desempenho atlético desses animais. A ascensão de patógenos na cápsula articular no período neonatal está associada ao sistema imunológico deficitário, mas deve-se avaliar o manejo sanitário inerentes ao neonato. Cerca de 1% do rebanho de potros mundial é acometido com artrites sépticas, sendo fatores de morbidade e letalidade em 42% desses animais com idade inferior a 30 dias, caracterizando a taxa de sobrevivência de cerca de 78-81%. A patogenia ocorre de varias formas, sendo a via hematógena usualmente observada em potros, em decorrência de erros sanitários, principalmente pelo manejo umbilical inadequado na primeira semana. Os agentes comumente encontrados são Actinobacillus sp, Streptococcus spp., Salmonella spp., Escerichia coli, Enterobacteriacea, onde se depositando na membrana sinovial e promovem o processo infeccioso. A manifestação de sinais clínicos como claudicação, febre alta, apatia, prostração, edema periarticular, alterações na tonalidade da pele, dor a manipulação, bem como fistulas e feridas secundarias são observados no exame clinico e especifico do aparelho locomotor. Deu entrada no ambulatório do Grupo de Pesquisa e Extensão em Equídeos da Universidade Federal de Alagoas (GRUPEQUI-UFAL), um neonato equino com 25 dias, fêmea, pesando 62 kg, da raça Campolina. A anamnese revelou a demora na ingestão de colostro, o erro no manejo sanitário que desencadeou uma possível onfaloflebite, e incapacidade de manter-se em posição quadrupedal, com déficit de alimentação. Além disso, relatou-se que a potra já estava sendo medicada na propriedade, pelo tratador, com penicilina e flunixin meglumine injetável intramuscular. Ao exame clinico, foram observadas mucosas oral e ocular hipocoradas, 8% de desidratação, temperatura corporal (39.8°C), frequência cardíaca (95 bpm/min) e frequência respiratória (62 movimentos respiratórios/min), tempo de preenchimento capilar (TPC: 3-4 s), caquexia, fistulas com secreção na região de glúteos e períneo e abcesso na região inguinal esquerda, claudicação com grau 4 no membro pélvico esquerdo no solo e ao exame hematológico foi diagnosticada com anemia microcística. Chamava-se a atenção o quadro não clássico de poliartrite, havendo só a articulação coxofemoral esquerda acometida. A terapêutica foi instituída com o uso de antibióticos: Rifampicina + Isoniazida (150 mg/kg/O/BID/15 d), Metronidazol (250 mg/kg/O/BID) e Ceftriaxona (2 g/dia/IV) diluído em soro glicosado 5%, e Meloxicam (0,6 mg/kg/IM/SID/7 d). Devido à

anemia severa, foi administrado duas bolsas de Plasma Hiperimune (500 ml), dando continuidade ao protocolo para controle da anemia com o uso de Complexo vitamínico associado Sulfato ferroso (3 ml/dia/VO/BID), Dipropionato de imidocarb (1 mg/50kg/IV/SID) e Fluidoterapia com Ringer com Lactato (IV/SID). Buscando sempre métodos de ativação do sistema imunológico da potra, foi realizado auto-hemoterapia em pontos de acupuntura e a transfusão sanguínea, duas bolsas de sangue. O animal veio a óbito por insuficiência respiratória pesando 50kg após 2 dias. Os achados de necropsia foram: pulmões enfisematosos, abcessos multifocais na região do linfonodo inguinal esquerdo e todas as articulações íntegras exceto articulação coxofemoral no antímero esquerdo e fratura do colo do fêmur esquerdo. Nesse caso, fica a dúvida se o processo de artrite supracitado foi relacionado ao processo de poliartrite clássico ou associado a evento circunscrito à articulação coxofemoral. Como não houve histórico de queda ou trauma que desencadeasse fratura no animal, a principal suspeita fica sobre a administração de fármacos na propriedade com agulhas de alto calibre, podendo atingir a cápsula articular e levado ao quadro infeccioso e evolução do quadro.

Palavras-chave: Artrite séptica ; articulação coxofemoral; neonatos

129. ARTRITE SÉPTICA TRAUMÁTICA EM POTRO – RELATO DE CASO

THAMYRES SANTOS SILVA*1; PAOLO NEANDRO BONA SOARES1; MARISA MARTIRE PELLEGRINI1; LEANDRO KEITI HAYASHI1; CAMILA MOURA DA SILVA1; AYMARA EDUARDA DE LIMA1; PAULA ZAGATO URBANI1; IGOR QUIRICO1

1.UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:thamyres.santos.2@gmail.com

Resumo:

Artrite séptica é caracterizada pela grave inflamação do espaço sinovial, causada por invasão de microrganismos patogênicos que podem atingir a região por diversas formas. Nos equinos adultos, as causas mais comuns são trauma, iatrogenia e complicações pós-operatórias, enquanto nos neonatos a infecção acontece tipicamente por via hematógena. Um equino, macho, Friesian de três meses, foi encaminhado ao hospital veterinário com suspeita de luxação da articulação metacarpofalangeana do membro anterior esquerdo. À anamnese o tratador relatou que encontrou o animal na baia com impotência funcional do membro torácico esquerdo. Notou que o mesmo tinha aumento de volume e ferida em região dorsolateral do boleto. Ao ser atendido na propriedade, após a radiografia, foi realizado imobilização e Meloxicam, uma vez ao dia, via oral, por cinco dias. Não havendo melhora no quadro, o animal foi encaminhado ao hospital. Ao desembarque, o animal apresentava uma ferida de aproximadamente três centímetros de comprimento e dois centímetros de largura com coleção de caráter purulento na região dorsolateral do boleto. Apresentou hiperalgesia à palpação e flexão reduzida, além de aumento de temperatura local. Ao exame ultrassonográfico foi possível notar irregularidade no côndilo lateral do terceiro osso metacarpiano e distensão da região lateral a ferida com liquido heterogêneo e flutuante. Realizou-se artrocentese e o líquido sinovial obtido apresentava turbidez, fibrina em suspensão, viscosidade e coágulo de mucina ruins e 38000 células nucleadas, com intensa presença de neutrófilos íntegros. Foi iniciado tratamento com anti-inflamatório (Fenilbutazona 2,2mg/kg, uma vez ao dia, IV, por cinco dias), antimicrobiano sistêmico (ceftiofur 2,2mg/kg, duas vezes ao dia, IM, por 16 dias), perfusão regional com sulfato de amicacina (500g, a cada 48 horas, por 20 dias), ducha duas vezes ao dia por 10 minutos na região de boleto e limpeza da ferida com água e sabão. Frente aos sinais clínicos apresentados e aos resultados dos exames complementares, optou-se por lavar e debridar a articulação através de artroscopia. Após o fechamento das incisões utilizadas para óptica e cânula de lavagem, o flegmão no subcutâneo foi incisado e lavado com solução de ringer lactato contendo 500 mg de sulfato de Amicacina, dez ml de Dimetilsulfóxido, dois ml de heparina sódica e coleção purulenta foi drenada da região. A ferida inicial do boleto cicatrizou sem complicações e o cultivo microbiológico não apresentou crescimento bacteriano. Apesar disso, o animal continuou a apresentar claudicação, aumento de volume e temperatura local. Ao exame radiográfico obteve-se imagens com moderada área de osteólise acompanhada de múltipla fragmentação osteocondral na face lateral articular do côndilo lateral do osso terceiro metacarpiano, sugestivo de lesão séptica. À ultrassonografia observou-se imagem sugestiva de fragmento

ósseo de, aproximadamente, 1,81 cm. Optou-se então por realizar artrotomia, na qual realizou-se curetagem do côndilo lateral do terceiro osso metacarpiano e lavagem articular. Após 18 dias do segundo procedimento, o animal apresentou melhora recebendo alta. Apesar do exame microbiológico não ter apresentado crescimento bacteriano, estudos documentam falsos negativos em 33 a 60% dos casos de artrite séptica. No caso relatado, a análise citológica foi decisiva na confirmação do diagnóstico por apresentar mais de 5.000 leucócitos e qualidade de mucina ruim. Quanto mais inflamada a articulação, menor a produção de ácido hialurônico, resultando na diminuição da viscosidade do líquido sinovial. O teste da qualidade do precipitado da mucina avalia o grau de polimerização do ácido hialurônico, sendo assim, qualidade de mucina baixa ou muito baixa é associada à artrite séptica.

Palavras-chave: Artrite séptica; ferida ; artrotomia

130. ARTRITE TRAUMÁTICA E DESVIO ANGULAR EM POTRO: RELATO DE CASO

LÍVIA MATOS ALBUQUERQUE DE ANDRADE*1; GABRIEL APOLONIO VELOSO1; DRIELE ROSA DE SOUZA1; CAMILA PEREIRA DA SILVA1; ANTÔNIO CARLOS DAS CHAGAS E SOUSA JÚNIOR1; JOÃO LUIZ RIBEIRO DE MORAES NETO1; JOCICLÊR EUGÊNIO TAVARES DA SILVA1; ISABELLA DE OLIVEIRA BARROS1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, AREIA, PB, BRASIL.

e-mail:livinha.matos@hotmail.com

Resumo:

A artrite é uma inflamação das articulações, esta, pode ser consequência da ação de traumas diretos como torções e lesões intra-articulares (asséptica) ou ligados a afecções sépticas. O objetivo do trabalho é descrever um caso de artrite causada por trauma e desvio angular grave, ambos em carpo, num equino neonato. Foi atendido no Hospital Veterinário da Universidade Federal da Paraíba, um equino da raça Quarto de Milha, fêmea, 70 kg, 17 dias de vida, durante o exame físico, a potra apresentou claudicação no membro torácico direito. Na inspeção observou-se um aumento de volume e temperatura no membro anterior direito. Em ambas as regiões cárpicas percebeu-se desvio angular valgos. Na palpação direta da região cárpica do membro torácico direito, observou-se área de flutuação e efusão e a paciente apresentou flexões repetitivas do membro afetado. Na radiografia do membro torácico direito percebeu-se, aumento de volume em tecido mole em região de articulação carpo-metacárpica (lateralmente), indicando efusão nas articulações, intercarpiana e carpo-metacarpiana, sendo sugestivo de artrite. Na ultrassonografia cárpica do membro torácico direito observou-se presença de líquido na porção lateral. Inicialmente, realizou-se a punção do local com aumento de volume flutuante para coleta de líquido sinovial. Na análise macroscópica, observou-se coloração avermelhada, com leve alteração a viscosidade. Após análise laboratorial do líquido sinovial, observou-se presença de elevados números de hemácias, porém sem alterações de células inflamatórias, descartando a hipótese de artrite séptica. Após a punção administrou-se por via intrarticular, triancinolona (0,22 mg/kg), associado à amicacina (1 grama),em dose única. Durante todo período de internamento foi instituído tratamento tópico com massagens locais com dimetilsulfóxido, BID, e ducha fria durante 15 minutos duas vezes ao dia. Após 15 dias de tratamento, observou-se diminuição significativa do volume do membro afetado e melhora no quadro clínico do animal. A artrite traumática pode ser atribuída à idade do animal e o temperamento dos potros. No caso do desvio angular grave, o tratamento pode ser realizado com o uso de talas ou em casos mais graves a cirurgia corretiva no membro afetado. Neste caso, o proprietário optou pelo uso de talas com bandagem compressivas, com trocas a cada 24 horas. Com base nos achados clínicos e complementares, o diagnóstico do paciente foi de artrite traumática e desvio angular grave. Em quadros de artrite, o tratamento medicamentoso deve ser inserido logo após os resultados dos exames complementares que informam que tipo de artrite o animal apresenta, a severidade da lesão, o estágio da doença e o tempo de reabilitação, para assim instituir o tratamento de acordo com o grau da artrite. O objetivo inicial do tratamento é reduzir a dor e minimizar a progressão da enfermidade, para que não evolua para quadros de doenças articulares degenerativas.

Palavras-chave: Trauma; carpo; aprumo

131. ARTRODESE METATARSOFALANGEANA EM EQUINO: RELATO DE CASO

BRENDA MATOS FERNANDES*1; FERNANDA AUGUSTA DE OLIVEIRA SILVA1; KAMILA PINHEIRO PAIM1; LAYANE QUEIROZ MAGALHÃES1; DIEGO JOSE ZANZARINI DELFIOL1; FRANCISCO CLAUDIO DANTAS MOTA1; GEISON MOREL NOGUEIRA1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, UBERLANDIA, MG, BRASIL.

e-mail:brendamatosfernandes@gmail.com

Resumo:

A artrodese em equinos é indicada para as condições de processos degenerativos articulares, luxações, entorses de terceiro grau além de alguns tipos de fraturas. O prognóstico destas condições é desfavorável, sendo indicado o tratamento cirúrgico por meio de artrodese. A articulação metatarsofalangeana é um gínglimo formado por extremidades distal do III metatarsiano, proximal da falange proximal e os ossos sesamóides proximais. Suas funções incluem flexão e extensão quando o dígito é erguido, com diminuição da concussão ao entrar em contato com o solo. Tais características biomecânicas, implicam em complicações pós-operatórias, devendo ser utilizadas técnicas de artrodese que minimizem a falência de implantes ou as não-uniões. Objetivou-se descrever a técnica de artrodese metatarsofalangeana com placa, no tratamento de luxação em equino adulto. Foi encaminhado ao HV-UFU, uma égua sem raça definida, de quatro anos, com histórico de claudicação do membro pélvico direito há 20 dias e decúbito nos três últimos dias. Ao exame físico o animal apresentava-se em decúbito lateral, alerta, mucosas róseas, frequência cardíaca 72 bpm, frequência respiratória 48 mpm, temperatura retal 38.2º C. À inspeção do membro pélvico direito era perceptível um aumento de volume na articulação metatarsofalangeana direita, sem a presença de contusões ou feridas na região. À palpação articular observou-se sensibilidade dolorosa, crepitação, instabilidade articular, com possibilidade de abdução lateral e desarticulação do dígito. Foi realizada radiografia, com o dígito em desvio lateral e diagnosticou-se luxação metatarsofalangeana direita por ruptura do ligamento colateral medial. Após a colocação do animal em estação com auxílio de sustentação temporária, imobilização do membro com gesso sintético, e observação da capacidade de manutenção em posição quadrupedal, indicou-se cirurgia. Foi administrado soro antitetânico (10.000 UI), IM, DU e flunixin meglumine (1,1 mg/kg). Como protocolo anestésico foram administrados: xilazina (1,0 mg/kg) como medicação pré-anestésica, indução com cetamina (2,0 mg/kg) e midazolam (0,15 mg/kg), e manutenção com isoflurano. Após a tricotomia e antissepsia das regiões metatársica e falangeana direita, realizou-se a incisão na margem lateral do tendão extensor digital longo, do terço diafisário médio do III metatarsiano direito até a articulação interfalangeana proximal. O tendão foi rebatido medialmente e procedida artrotomia dorsolateral. Posteriormente a exposição das superfícies articulares do III metatarsiano e falange proximal, iniciou-se a osteotixis na cartilagem articular e osso subcondral, com broca de 7,0 mm. Após o alinhamento articular, realizou-se a artrodese com placa reta de 4,5 mm, 9 furos, angulada em 10 graus. Quatro parafusos foram dispostos no terço distal do III metatarsiano e três na falange proximal. Utilizou-se, ainda, dois parafusos de 4,5 mm cruzados proximal e distalmente, na articulação metatarsofalangeana, além de um parafuso de 4,5 mm fixado ao osso sesamóide. Para recuperação pós-anestésica e pós-operatória, foi utilizada imobilização do membro tratado com gesso sintético, mantido por 24 dias corridos. Foi prescrito ceftiofur sódico (4,4 mg/kg), IV, SID, 20 dias, gentamicina (6,6mg/kg), IV, SID, 20 dias, cetoprofeno (2,2 mg/kg), IV, SID, 9 dias e omeprazol (4,0 mg/kg), VO, SID, 9 dias. Realizou-se o acompanhamento clínico diário e radiográfico nos dias 7, 14, 30, e 60 pós-cirúrgicos, onde verificou-se processo gradativo de consolidação osteoarticular. Não foram observados sinais de desconforto ou infecção pós-operatória neste período. Após a verificação radiográfica de consolidação óssea da artrodese e estabilidade articular sem a imobilização com gesso, o animal recebeu alta com 60 dias de pós operatório. A artrodese metatarsofalangeana com placa reta de 4,5 mm, 9 furos e parafusos cruzados, mostrou-se eficaz neste tratamento.

Palavras-chave: Luxação; placa reta ; artrotomia

132. ARTRODESE QUIMICA COM ÁLCOOL ETÍLICO 70% NA OSTEOARTRITE DA ARTICULAÇÃO INTERFALANGEANA PROXIMAL EM EQUINO: RELATO DE CASO

GABRIELA DE OLIVEIRA DERITTI*1; MARTA JULIANE GASPARINI1; LEONARDO JORGE1; HELOÁ KAROLINE MOURA1; MAYARA LAZARIN1; VICTOR SESNIK STORTE1; MAURÍCIO MENDES1; LUIS FERNANDO OLIVEIRA SOUZA1; HIGOR COLEONE1; PEDRO HENRIQUE DE CARVALHO1

1.UNOPAR, ARAPONGAS, PR, BRASIL.

e-mail:gd.deritti@gmail.com

Resumo:

A osteoartrite (OA) da articulação interfalangeana proximal é uma doença degenerativa de caráter irreversível que ocorre com frequência em cavalos de laço em dupla, causando acentuada claudicação e aposentadoria precoce. No entanto é possível em muitos casos manter o animal ativo no esporte quando se tomam medidas terapêuticas corretas. O presente trabalho teve por objetivo realizar, através do método químico, a artrodese da articulação interfalangeana proximal (AIP) em uma paciente com osteoartrite de quartela, buscando acelerar a anquilose, abolir a claudicação e permitir retorno ao esporte. Foi atendida no Hospital Veterinário uma égua, quarto de milha, 9 anos, utilizada para laçar cabeça no laço em dupla com queixa de claudicação crônica do membro torácico direito (MTD) devido a OA da AIP com resposta negativa a infiltrações com corticosteroides e revulsivo tópico. No exame clínico notou-se aumento de volume dorsal na região da quartela do MTD, claudicação de apoio grau 4 em 5 do MTD, dor acentuada na flexão passiva, na rotação da quartela e teste de flexão distal positiva. Foram realizados bloqueios anestésicos no MTD onde, apenas no nível abaxial dos sesamóides, a paciente apresentou de 90% de melhora. No exame radiográfico da quartela do MTD notou-se na AIP presença de osteófitos e entesófitos em todo contorno da AIP; diminuição do espaço articular, mais acetuado na porção medial e esclerose do osso subcondral de primeira e segunda falange. Devido ao histórico, opção do proprietário e estágio de evolução da OA optou-se então pela realização da infiltração da AIP com álcool etílico 70% estéril afim de promover a anquilose da AIP do MTD. Durante um período de seis meses foram realizadas três infiltrações, com intervalo de 60 dias cada. Para realização das infiltrações o animal era sedado com detomidina (0,01mg/kg,IV) e feito bloqueio anestésico abaxial do sesamoide. Logo após era realizado artrografia com Ominipaque® para garantir que a administração do álcool seria intraarticular e em seguida injetado álcool etílico 70% estéril. Na primeira infiltração foi administrado 4 ml de álcool etílico estéril e este volume reduziu na segunda aplicação para 3ml e na terceira aplicação para 2ml. Após cada infiltração o animal ficava internado por 3 dias para observação de complicações. Não houveram complicações. Após 6 meses da última infiltração o animal retornou ao hospital para reavaliação e mostrou uma melhora no grau de claudicação de 90%, sem dor na flexão passiva, rotação da quartela e teste de flexão distal negativo. No exame radiográfico apresentou anquilose da articulação e foi indicado retorno gradativo ao esporte. O tratamento com maior taxa de retorno esportivo em cavalos que apresentem osteoartrite avançada da articulação interfalangeana proximal é a artrose cirúrgica, no entanto, o custo pode ser restritivo. O artrodese química surge como alternativa de menor custo, no entanto devido a relatos de complicações com uso do monoiodoacetato muitos clínicos tem restrições quanto a técnica. O álcool etílico 70% estéril utilizado no presente relato mostrou-se método eficaz, seguro e de menor custo para devolver a função esportiva de cavalos com OA avançada de AIP.

Palavras-chave: Infiltração; articulação; artrodese

133. ASSOCIAÇÃO DE LASERTERAPIA DE BAIXA POTÊNCIA E MAGNETOTERAPIA PARA TRATAMENTO DE LESÃO CÍSTICASUBCONDRAL E EPIFISITE EM EQUINO

ANNA CHRISTINA SCHMITZ*1; RUDNEI JOÃO DE SOUZA2; LUIS FAGNER DA SILVA MACHADO3; PETERSON TRICHES DORNBUSCH3; MICHELE LUISE PIMENTEL4; MARIA LUIZA MACHADO PEREIRA3

1.HORSE BAUER, RANCHO QUEIMADO, SC, BRASIL; 2.RUDHORSE SAUDE EQUINA, SÃO JOSÉ, SC, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU FURB, BLUMENAU, SC, BRASIL; 4.LENZI REPRODUÇÃO EQUINA, BLUMENAU, SC, BRASIL.

e-mail:anna.schmitz88@hotmail.com

Resumo:

As doenças ortopédicas apresentam grande importância para a medicina equina, podendo causar danos irreversíveis. A epifisite é caracterizada pela dilatação das placas de crescimento presentes nos ossos longos, os sinais clínicos caracterizam-se por edema, dor e calor. Sua ocorrência é predominante em potros de crescimento rápido. Os cistos subcondrais são manifestações da osteocondrose, sendo uma alteração ortopédica do desenvolvimento, acometendo principalmente animais jovens, nos sinais clínicos há presença de claudicação intermitente. Ambas as afecções possuem origem multifatorial e podem ser diagnosticadas principalmente pelo exame radiográfico. Além dos tratamentos convencionais com uso de fármacos e procedimentos cirúrgicos, a fisioterapia veterinária pode ser uma boa opção como auxilio na recuperação. Dentre as terapias, temos a Laserterapia de Baixa Potência (LBP), que atua por processo fotobiológico, onde há incidência de radiação por feixe de luz, aumentando a absorção molecular, com propriedades analgésicas, anti-inflamatórias e de bioestimulação. A Magnetoterapia consiste na produção de corrente elétrica por condutor em espiral, criando um campo magnético ao redor do local desejado, promovendo diversos processos bioquímicos, como o efeito piezoelétrico sobre os ossos e colágeno, auxiliando na cicatrização óssea. O objetivo deste trabalho é relatar o uso da fisioterapia em equino com lesão cística subcondral e epifisite por meio da utilização de LBP e Magnetoterapia. O presente relato refere-se a um equino, fêmea, 02 meses, 40kg, raça Mangalarga Marchador. Na avaliação clínica foi observado posição anti-álgica e claudicação grau IV do membro pélvico direito. Após a palpação e teste de flexão específico foi observado edema, calor e sensibilidade da articulação metatarsofalangeana do membro pélvico direito. Com o exame radiográfico foi diagnosticada epifisite e lesão cística na metáfise distal do membro pélvico direito. O tratamento clínico foi realizado com a administração oral de meloxicam 0,6 mg/kg SID por 10 dias, imobilização do membro com bandagem e aplicação intramuscular de sulfato de condroitina 12% semanalmente durante 10 semanas. O tratamento fisioterápico foi realizado por sessões diárias intercaladas de LBP, classe IIIB (6 Joules/cm²) e Magnetoterapia na frequência pulsada de 60 Hertz por 2 horas, totalizando 26 sessões, sendo 13 sessões de cada técnica. A partir do 15º dia de tratamento o animal passou a apoiar o membro afeccionado e no 18º dia a bandagem foi removida. No 26º dia realizou-se novamente o exame radiográfico, apresentando considerável evolução na reparação da lesão cística e da epifisite. A LBP diminui os níveis de prostaglandina, justificando sua ação antiedematosa e antiinflamatória. Possui efeito analgésico por atuar na redução da liberação de bradicinina, histamina e acetilcolina. A Magnetoterapia possui efeito piezoelétrico sobre o osso, realiza normalização do potencial de membrana, estimula o metabolismo celular e também atua no mecanismo da dor, promovendo analgesia. Ambos estimulam a produção de osteoblastos e auxiliam na síntese de colágeno e cálcio, importantes para a cicatrização óssea. O tratamento clínico e a escolha pela associação dos procedimentos fisioterápicos apresentaram resultados positivos neste caso, pois ocorreu uma redução rápida e altamente significativa da epifisite e lesão cística, sem a utilização de métodos de tratamento invasivos. Este trabalho mostrou-se relevante devido ao sucesso da associação das fisioterapias e a escassez de materiais a respeito.

Palavras-chave: Cisto subcondral; laserterapia de baixa potência; magnetoterapia

134. ATONIA VESICAL REVERSÍVEL COMO CONSEQUÊNCIA DE COMPACTAÇÃO DE MECÔNIO – RELATO DE CASO

MARIA AUGUSTA BERLINGIERI*1; PAULO ARI LEIRIA2; ALISSON ROMANO DA SILVA2; JULIETTI BEATRIZ VIEIRA2; GIULIANA DAMACENO RIBEIRO2

1.EQÜIVET-HOSPITAL VETERINÁRIO, INDAIATUBA, SP, BRASIL; 2.EQÜIVETHOSPITAL VETERINÁRIO, INDAIATUBA, SP, BRASIL.

e-mail:gutaberlingieri1@hotmail.com

Resumo:

A atonia vesical em equinos ocorre geralmente de forma secundária a outros déficits neurológicos, como neurite da cauda equina, mieloencefalite por herpesvirus tipo 1, toxicidade, doenças espinhais e de forma iatrogênica. Em potros também podem ocorrer secundário a afecções uracais ascendentes. O mecônio consiste na primeira eliminação de fezes, sendo formado de secreções glandulares e âmnio digerido. Se o conteúdo não é eliminado no período de 24 horas, o mesmo é considerado compactado ou retido, resultando em desconforto abdominal. Potros com desconforto abdominal apresentam limitações quanto a avaliação devido ao tamanho. Desta forma, a ultrassonografia transabdominal é um importante auxiliar diagnóstico. Um potro, macho com 1 dia de idade foi encaminhado com histórico de desconforto abdominal e tenesmo. Na admissão hospitalar apresentava-se com frequencia cardiaca de 90 bpm, frequencia respiratoria de 32 mrm, mucosas roseas, tempo de replecao capilar de 2 segundos, hematocrito 32% proteina total 6.2 g/dl, lactato venoso de 1,6 mmol/l, glicemia de 139 g/dl, porém com episódios de tenesmo. Durante a ultrassonografia transabdominal foram constatadas regiões que sugeriam retenção de mecônio e repleção vesical severa. Diante disso, prontamente realizou-se sondagem uretral para descompressão recuperando-se 5 litros de urina. Para a retenção de mecônio foram iniciadas terapia laxativa enteral e fluidoterapia parenteral, assim como enema com acetilcisteína. A sonda uretral foi fixada inicialmente, para acompanhamento da eficiência do esvaziamento vesical através da ultrassonografia transabdominal, o que evidenciou repleção vesical persistente. Após constatarmos a ineficiência no esvaziamento, a sonda foi mantida por 4 dias, e aberta a cada 1 hora. Foi iniciada terapia com cloridrato de betanecol 0.03 mg/ kg por via oral a cada 8 horas. Após este período, o potro iniciou a eliminação espontânea de urina, sendo a sonda removida. Os casos de atonia vesical em potros e adultos normalmente são decorrentes de deficits neurológicos. No presente relato acredita-se que o cólon menor compactado e distendido determinou compressão do cólo vesical, impossibilitando seu esvaziamento e consequente distensão. A distensão prolongada resultou em lesão nervosa, comprometendo a contração vesical. Desta forma, sugere-se lesão nervosa temporária e reversível. A opção do uso do cloridrato de betanecol foi devido a sua ação sobre o reflexo destrusor e promotor de contração vesical . Posteriormente , o potro seguiu estável clinicamente, recebendo alta em 10 dias.

Palavras-chave: Equinos; vesícula urinária; atonia

135. AVULSÃO DOS BULBOS DO TALÃO EM MEMBRO TORÁCICO DE EQUINO

VERÔNICA LOURENÇA DE SOUZA*1; ARTHUR MARTINS DA SERRA VILELA PINTO1; ANTONIO CARLOS LOPES CÂMARA1; RITA DE CASSIA CAMPEBELL1; LUIZA FERREIRA DE ALMEIDA GOMES1; ANTONIO RAPHAEL TEIXEIRA NETO1

1.UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA, DF, BRASIL.

e-mail:luizagomes.27@gmail.com

Resumo:

As lacerações de membros estão entre as principais afecções traumáticas do sistema locomotor de equinos. Devido à sua natureza, esses animais têm atitudes de fuga e respostas rápidas a qualquer estímulo de perigo, ocasionando injúrias traumáticas. Cercas de arame farpado ou liso são causas comuns de feridas, havendo envolvimento de tendões e ligamentos em alguns casos. Feridas nas extremidades dos membros são, em geral, de tratamento oneroso, devido à falta de tecido de revestimento no local, ampla mobilidade e granulação excessiva que essa espécie tende a desenvolver durante o processo de cicatrização. Objetiva-se relatar um caso de avulsão dos bulbos do talão do membro torácico esquerdo (MTE) em equino. O proprietário relatou que o equino, da raça Quarto de Milha e 5 anos de idade, teve acidente em cerca de arame liso há uma semana. Ao exame clínico apresentava mucosas róseas, tempo de preenchimento capilar de 2 segundos, leve taquicardia (48 bpm), normopneia (12 mrpm) e temperatura retal de 37ºC. Durante a avaliação do MTE, observou-se claudicação de grau 5, ferida lacerada localizada na face palmar da quartela com coágulos de sangue aderidos, granulação enegrecida e irregular, secreção seropurulenta de

odor fétido, e descolamento da coroa do casco na região palmar do membro. Os exames radiográficos (projeções dorso-palmar, latero-medial e dorsolateral-palmaromedial oblíqua) apresentaram alterações de tecido mole, com preservação da articulação, ossos e tendões. Realizou-se tricotomia e debridamento do tecido necrótico contaminado na região com líquido de Dakin (solução de hipoclorito de sódio 0,5%). Optou-se pela cicatrização por segunda intenção devido ao alto grau de contaminação, utilizando pomada antisséptica de clorexidine (Furanil®) e bandagem compressiva com atadura. Institui-se terapia anti-inflamatória com fenilbutazona (4,4 mg.kg-1, q24h, IV, 3 dias), com melhora no grau de claudicação (5 para 3). Optou-se também por perfusão intravenosa regional. Nesta técnica, um torniquete foi colocado proximalmente à estrutura infectada, de forma que possibilitou a permanência do fármaco na região acometida ao se ocluir o fluxo venoso, difundindo-o aos tecidos distais do membro. Infundiu-se lentamente na veia a associação de 1 grama (25 mL) de gentamicina com 25 mL de dimetilsulfóxido (DMSO), diluídos em 250 mL de solução isotônica, durante aproximadamente 5 minutos, mantendo-se o torniquete por 30 minutos após a infusão da solução e sendo retirado lentamente. Esta terapia propiciou melhora significativa do aspecto da lesão em aproximadamente 15 dias, sem mais secreção e odor fétido. Aos 30 dias, o tecido de granulação apresentava-se regular e aos 90 dias, o animal apresentou total cicatrização da lesão, com crescimento de tecido queratinizado em aparente fluxo ascendente. Cavalos com incapacidade de apoio desenvolvem laminite no membro contralateral por sobrecarga, para evitar esse quadro devem ser adotados alguns cuidados, como manutenção do animal em cama macia e descanso do mesmo, o que foi realizado neste caso. O exame físico apresenta grande importância na detecção de calor ou dor, sendo a utilização da radiografia fundamental para eliminar a possibilidade de fratura. A recuperação completa ou incompleta da avulsão, com perda parcial da cápsula do casco, baseia-se na epitelização e reorganização do córium mais do que a contração do mesmo, tornando a restauração capsular mais demorada (de 3 a 5 meses). Entretanto, a histopatologia do tecido de queratinização em possível fluxo laminar ascendente é necessária para classificar apropriadamente o prognóstico da afeccção e informar se a recuperação da avulsão do casco será completa ou não, de forma a possibilitar a manutenção da qualidade de vida do animal. Embora a avulsão de casco seja uma afecção de prognóstico desfavorável, é possível um bom resultado através de tratamento conservativo, fármacos que promovam maior aporte sanguíneo ao casco, e tratamento de feridas abertas.

Palavras-chave: Avulsão; bulbos; equino

136. BANDAGEM DE ROBERT-JONES ASSOCIADA À TALA LATERAL E MODELO DE FISIOTERAPIA EXTENSORA NO TRATAMENTO DE FRATURA COMINUTIVA DE TÍBIA EM POTRO – RELATO DE CASO

DANIELA SCANTAMBURLO DENADAI*1; ANA PAULA PRADO ANTUNES FARIA1; RAYMIS BRUNO ROSA MOURA1; LINA MARIA WEHRLE GOMIDE1; FRANCISCO LEYDSON FORMIGA FEITOSA1; LUIZ CLAUDIO NOGUEIRA MENDES1; FLAVIA DE ALMEIDA LUCAS1; JULIANA REGINA PEIRO1

1.UNESP - FMVA, ARACATUBA, SP, BRASIL.

e-mail:daniela_denadai@hotmail.com

Resumo:

Fraturas em equinos sempre despertaram grande interesse na medicina veterinária devido a sua complexidade de reparação, ora pela resistência muscular dificultando a redução, ora pelo peso do animal. A escolha do tratamento e o prognóstico dependem da natureza, localização e configuração da fratura, além do peso e temperamento do cavalo. Adicionalmente, fraturas tibiais são especialmente difíceis de imobilizar devido ao aparato recíproco do membro pélvico equino. Um potro da raça Quarto de Milha, com 4 meses de idade e 130 Kg, foi encaminhado ao Hospital Veterinário "Luiz Quintiliano de Oliveira" – UNESP/FMVA apresentando uma fratura completa, fechada, cominutiva, acometendo as regiões fiseal, metafisária proximal e terço médio da diáfise da tíbia do membro pélvico direito (MPD). Em virtude da característica multifragmentar da fratura, o tratamento consistiu em tração do membro para reposicionamento ósseo, seguida de imobilização através da realização de bandagem de Robert-Jones em todo o membro, associada à fixação de tala lateral de PVC. O procedimento foi realizado com o animal

sedado (midazolam 0,05 mg/Kg/IV e cetamina 0,2 mg/Kg/IV) e após administração de morfina (0,1 mg/Kg/IM). A imobilização permaneceu durante 60 dias, sendo necessárias sete trocas de bandagem e tala durante este período, devido à frouxidão do algodão e/ou tala em virtude da sudorese do animal ou chuvas. Na primeira semana o potro mantinha-se grande parte do dia em decúbito esternal ou lateral esquerdo, sendo fornecidos feno e água próximos a ele para facilitar sua alimentação. Contudo, o animal levantava-se ocasionalmente e procurava alimento e água, demonstrando boa adaptação à imobilização. Para analgesia foi administrado cetoprofeno (2 mg/kg, IM, SID) por 10 dias, que foi eficiente para controlar a dor do animal. A partir do 18º dia, o potro começou a trocar o passo com apoio do MPD durante o movimento, não mais o arrastando no solo. Aos 26 dias observou-se estabilidade na movimentação da articulação fêmorotibiopatelar e início de desenvolvimento de deformidade flexora na articulação metatarsofalangeana (MTF), provavelmente, como consequência da instabilidade do foco de fratura durante as primeiras duas semanas do tratamento. Após 60 dias de imobilização, constatou-se consolidação óssea e removeu-se a bandagem. Para tratamento da deformidade flexora, ferradura oval de alumínio com prolongamento cranial da pinça e caudal de talão foi colocada no casco do MPD, associada a um modelo de fisioterapia extensora, que consistiu em um elástico de borracha preso na porção dorsal da ferradura e a outra extremidade em um colete no tórax feito de malha tubular. Essa estrutura teve como objetivo manter a função extensora distal do membro, evitando a flexão da articulação MTF durante os movimentos de locomoção, impedindo assim que o animal apoiasse a face dorsal distal do MPD. A angulação do boleto evoluiu para a normalidade dentro de 10 dias e assim o modelo de fisioterapia extensora foi removido. Destaca-se que o colete não causou escaras por pressão na região do toráx. Após 80 dias de internamento, o potro recebeu alta pois apresentava locomoção praticamente normal, discreta atrofia muscular em relação ao seu membro contralateral, e discreto encurtamento do eixo axial do membro, acarretando em apoio apenas da pinça do casco no chão. O resultado evidencia que a utilização da bandagem de Robert-Jones associada à tala lateral é uma alternativa viável e eficaz para a consolidação de fratura cominutiva fechada de tíbia em potro. O uso da ferradura com prolongamentos cranial e caudal, associado ao modelo de fisioterapia extensora, foram efetivos para evitar o apoio dorsal do casco e possibilitou a correção da deformidade flexora. Espera-se que, com o crescimento do animal, a angulação do membro seja normalizada, e não se descarta a possibilidade de que este equino possa competir em alguma modalidade esportiva.

Palavras-chave: Ortopedia; imobilização; deformidade flexural

137. CALCIFICAÇÃO DISTRÓFICA E JEJUNITE ATRÓFICA EM EQUINO: RELATO DE CASO

ALICE RIBEIRO DE ÁVILA*1; JULIANA DE MOURA ALONSO1; EMANUEL VITOR APOLONIO1; MARIANA LOPES DA CONCEIÇAO1; NOEME SOUSA ROCHA1; MARCOS JUN WATANABE1; ANA LIZ GARCIA ALVES1; CELSO ANTÔNIO RODRIGUES1; CARLOS ALBERTO HUSSNI1

1.UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:aliceravila@hotmail.com

Resumo:

A calcificação distrófica em equinos pode ocorrer em decorrência a uma dieta desbalanceada em relação cálcio fósforo e/ou estar relacionada à migração errática e morte de parasitas na parede intestinal. Foi atendido um equino, macho castrado com 19 anos de idade, da raça Mangalarga com desconforto abdominal não responsivo a administração de analgésicos, hiporexia, taquicardia (64 bpm), taquipneia (32 mpm), hipomotilidade, refluxo enterogástrico e tempo de preenchimento capilar aumentado (3 segundos). Na palpação transretal e ultrassonografia abdominal foram identificados segmentos de intestino delgado distendidos. Devido à refratariedade aos analgésicos e achados de exame clínico optou-se pela celiotomia exploratória, onde observou-se a presença de uma massa irregular e esbranquiçada em jejuno, medindo 7 cm de comprimento por 1,5 cm de espessura, causando obstrução parcial extra luminal. Foi realizada enterectomia do segmento afetado e envio para exame histopatológico. Na sequência realizou-se enteroanastomose termino-terminal em padrão simples interrompido, reposicionamento das vísceras e síntese da cavidade abdominal. O animal apresentou boa recuperação no pós-operatório imediato, entretanto no

terceiro dia após o procedimento houve desenvolvimento de sinais de peritonite séptica e evolução para o óbito. À necropsia identificou-se falha na anastomose, peritonite fibrinosa aguda, difusa e severa, múltiplas nodulações localizadas no subcutâneo da face medial do membro pélvico esquerdo, tireoide direita moderamente aumentada de volume e com consistência firme, pequenas áreas de calcificação localizadas em lobo pulmonar caudal esquerdo, múltiplas franjas parasitárias localizadas na cápsula hepática da face diafragmática do lobo lateral direito e formações pedunculares, ora calcificadas, ora macias distribuídas difusamente no mesentério e na serosa intestinal. A avaliação histopatológica do segmento jejunal contendo a massa revelou infiltrado inflamatório crônico na mucosa e por conta disso, expressiva atrofia de vilosidades. Nas camadas muscular e serosa foram identificadas áreas de necrose de coagulação e consequente calcificação e, ao em torno dessas lesões, intenso infiltrado inflamatório. Tais achados caracterizam calcificação distrófica e jejunite atrófica crônica. A calcificação distrófica surge na forma de calcinose e se localiza no tecido subcutâneo. No presente caso acredita-se que a calcificação distrófica tenha se originado em decorrência do desequilíbrio entre os níveis de cálcio e fosforo na dieta. Apesar de terem sido identificadas franjas parasitárias em capsula hepática e o animal apresentar histórico duvidoso de vermifugação, não houve contagem significativa de ovos por grama de fezes ao exame coproparasitológico (50), e foram identificadas outras calcificações entremeadas a musculatura dos membros e em parênquima pulmonar. Normalmente a deposição de cálcio acontece em tecidos submetidos a processos inflamatórios crônicos, degenerativos e necrosantes ou quando se tem uma alimentação rica em fósforo ou ingestão de gramíneas ricas em oxalato, causando neste caso, uma saturação dos níveis plasmáticos de cálcio-fósforo, permitindo a precipitação de sais de cálcio nos tecidos. Salienta-se a importância de divulgação do referido caso, independentemente do desfecho clínico, visto à raridade da enfermidade e ausência de descrições de calcificação distrófica intestinal e atrofia jejunal com decorrente obstrução e síndrome cólica.

Palavras-chave: Intestino delgado; cavalos; cólica

138. CALCIFICAÇÃO DISTRÓFICA EXUBERANTE NO LIGAMENTO SESAMOIDEO OBLÍQUO- RELATO DE CASO

LUIS CLÁUDIO LOPES CORREIA DA SILVA*1; MARILIA FERRARI MARSIGLIA1; ANA LÚCIA MILUZZI YAMADA1; MARCELO PINHEIRO2; STEFANO CARLO FILLIPO HAGEN1; MARIA RAQUEL BELLOMO AGRELO RUIVO1; CARLA BARGI BELLI1

1.FMVZ USP, SAO PAULO, SP, BRASIL; 2.AUTÔNOMO, SAO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:mariliafmarsiglia@gmail.com

Resumo:

As lesões nos ligamentos sesamoideos oblíquos estão se tornando causas comuns de claudicação no cavalo atleta. Anteriormente pouco diagnosticada, o reconhecimento da desmite do sesamoideo oblíquo vem sendo possível devido ao advento da ressonância magnética e a maior utilização da ultrassonografia para o diagnóstico. Essas lesões são principalmente decorrentes do esforço repetido das articulações distais, consequentes às alterações do ligamento suspensor do boleto ou do osso sesamóide proximal. Em casos crônicos é comum a coexistência de periostites e neoformações ósseas nas áreas de inserção e origem do ligamento, além de áreas de calcificações nos pontos de ruptura de fibras. Foi admitido no Hospital Veterinário da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (HOVET-FMVZ/USP) um equino macho, da raça Brasileiro de Hipismo, com quatro anos de idade e histórico de presença de fragmento articular, detectado ao exame radiográfico de compra, provavelmente consequente a osteocondrite dissecante, na região palmar da articulação metacarpofalangeana esquerda. No HOVET foi realizado exame físico onde foi observado grau I/V de claudicação no membro torácico esquerdo ao trote, sendo a articulação positiva em um grau de claudicação na flexão, seguida de trote, do mesmo boleto. Repetiram-se os exames radiográficos e ultrassonográficos, onde foram constatadas a presença de calcificação distrófica/fragmento osteocondral, desmite do sesamoideo oblíquo lateral e irregularidade na silhueta óssea do côndilo lateral da primeira falange. O animal foi encaminhado para artroscopia para diagnóstico complementar e tentativa de remoção da

estrutura calcificada, onde se observou ausência de fragmentação no interior da cavidade articular, sem identificação visual da área calcificada. No transoperatório, o animal recebeu infiltração intra-articular de ácido hialurônico e 15 mg/kg de Sulfato de Amicacina intravenosa, SID, por cinco dias, no pós-operatório. O paciente recebeu alta médica com orientação de repouso por 90 dias e volta gradual às atividades esportivas. Foi igualmente recomendada a administração de Condroitin Sulfato por via oral e duas repetições da infiltração de ácido hialurônico 15 dias e 4 meses após o procedimento cirúrgico. Após esse período, o animal continua realizando suas atividades esportivas sem relato de claudicação ou queixa de alteração de desempenho por parte do proprietário. O acompanhamento radiográfico e ultrassonográfico continua sendo realizado, demonstrando a área de calcificação distrófica bem delimitada, com cápsula articular espessada e heterogênea, presença de extensa linha hiperecogênica formando sombra acústica na estrutura do ligamento obliquo lateral, e irregularidade da silhueta óssea da primeira falange e dos côndilos metacarpianos em sua porção lateral. Apesar das lesões observadas nos exames de imagem, a clínica inalterada do animal foi preponderante para a conduta tomada, evitando a intervenção aberta para remoção da área calcificada. Neste caso, a grave alteração desse ligamento não interfere no desempenho atlético do animal até o momento, mas deve ser acompanhada periodicamente por exames físicos, radiográficos e ultrassonográficos, assim como o comportamento da articulação metacarpofalangeana, visando intervir precocemente com adequada terapia articular aos primeiros sinais de dor e claudicação.

Palavras-chave: Ossificação distrófica; sesamoideo obliquo; desmite

139. CALCINOSE CIRCUNSCRITA NA FACE DORSAL DA ARTICULAÇÃO DO CARPO: RELATO DE CASO

JÉSSICA CAROLINE ALVES*1; DANILO BUSO NEGRO1; TAIS TELES GOMES1; MATHEUS FAVARO1; MARIANA APARECIDA DE ALENCAR JERONYMO SIMÃO PEREIRA2; DIOGO GAUBEUR DE CAMARGO1; ARTHUR ARAUJO CHAVES1

1.CENTRO UNIVERSITÁRIO CATÓLICO SALESIANO AUXILIUM - UNISALESIANO, ARAÇATUBA, SP, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (UNESP), FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA, ARAÇATUBA, SP, BRASIL.

e-mail:jessica_caroline488@hotmail.com

Resumo:

A calcinose circunscrita é uma forma de mineralização distrófica que resulta na formação de depósitos granulares, amorfos e calcificados no tecido subcutâneo, principalmente em regiões próximas a articulações e bainhas tendíneas. Esta condição, apesar de já ter sido relatada em equinos, não ocorre com tanta frequência na espécie ou não é comumente diagnosticada, já que, na maioria dos casos, não causa alterações clínicas importantes no animal. Normalmente, os cavalos com este tipo de lesão não apresentam claudicação, embora seja possível observar aumento de volume na região acometida, com consistência firme e ausência de sensibilidade dolorosa. As causas do aparecimento da calcinose não são completamente conhecidas, mas podem estar relacionadas com trauma tecidual após exercício e tecidos previamente lesados ou desvitalizados por manipulação cirúrgica, inflamação crônica, infecção, lesões parasitárias e neoplásicas. Foi atendido, no Hospital Veterinário do UniSalesiano (Campus Araçatuba – SP), um equino, da raça Mangalarga, macho, 6 anos de idade, com histórico de claudicação intermitente, apenas nos primeiros minutos de exercício montado. À inspeção foi possível observar aumento de volume na face dorsal da articulação do carpo esquerdo, sem presença de lesões de pele. Tal aumento de volume, à palpação, apresentou-se como uma estrutura de consistência firme, sem sensibilidade dolorosa e com certa mobilidade. O exame físico do aparelho locomotor constatou a presença de uma claudicação leve (Grau I). Após o exame físico, foi realizado exame radiográfico da região, no qual foi possível observar uma lesão radiopaca, com formato circular, porém com superfície irregular, medindo cerca de 3 cm de diâmetro, bem próxima à articulação do carpo. A partir da detecção da estrutura radiopaca e pela presença de um quadro de claudicação, o equino foi encaminhado ao setor de Cirurgia de Grandes Animais do Hospital Veterinário para a excisão cirúrgica da lesão. A medicação pré-anestésica e a indução foram realizadas por via intravenosa e a manutenção com anestesia inalatória de isofluorano, com o animal em decúbito dorsal. Para a excisão foi realizada tricotomia e antissepsia do local e incisão linear sobre

a região da lesão. O procedimento foi acompanhado por exame radiográfico trans-operatório, para assegurar que nenhum fragmento permanecesse no local. A sinoviorrafia foi realizada com Vycril 2-0 Estratafix® da Johnson e, em seguida, a dermorrafia com Nylon® cirúrgico 2-0. O material excisado foi enviado para exame histopatológico, tendo sido descrito macroscopicamente como um nódulo de consistência dura, de superfície granulosa, sugestivo de tecido ósseo, e microscopicamente, como tecido conjuntivo denso, não modelado, com regiões extensas de ossificação endocondral. No pós-operatório o animal recebeu fenilbutazona, na dose de 4,4 mg/kg, IV, SID, por 3 dias, ceftiofur, na dose de 4,0 mg/kg, IM, SID, por 7 dias e gentamicina, na dose de 6,6 mg/kg, diluída em 500ml de solução fisiológica, IV, SID por 4 dias. O animal permaneceu com a articulação imobilizada por 15 dias, em espaço restrito (baia), e, após este período, passou a ser submetido a caminhadas diárias de 15 minutos. Em 15 dias o animal não apresentava mais claudicação e foi liberado para ser solto em piquete. A retirada cirúrgica da calcinose só é recomendada quando a claudicação aparente é diretamente atribuída a essa lesão. Dessa forma, a utilização do exame radiográfico aliado ao exame adequado do sistema locomotor foi de extrema importância para a decisão terapêutica do caso, optando-se pelo procedimento cirúrgico para a remoção da estrutura, obtendo ótimos resultados e devolvendo ao animal o bem-estar e o retorno às suas funções.

Palavras-chave: Equino; locomotor; excisão

140. CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS EM PREPÚCIO EQUINO

JULIANA SILVA OLIVEIRA*1; MARCO AUGUSTO GIANNOCCARO DA SILVA1; TIAGO BARBALHO LIMA1; RODOLFO LUIS DE SOUSA FERREIRA1; LETÍCIA OLIVEIRA ALENCAR1; HAIANE ARRUDA LUZ AMORIM1; ANA PAULA COELHO RIBEIRO1; KATYANE DE SOUSA ALMEIDA1; ALESSANDRO RODRIGUES DA SILVA1; RAFAEL ROMEU FERREIRA DINIZ1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS, ARAGUAINA, TO, BRASIL.

e-mail:juliana03o@hotmail.com

Resumo:

Considerada a neoplasia mais comum dentre os equinos machos adultos, o carcinoma de células escamosas (CCE) está relacionado a exposição aos raios ultravioletas de regiões da pele com menor pigmentação e idade avançada. Esse tumor pode inicialmente causar edema, eritema, descamação e formação de crostas, evoluindo para uma superficie ulcerada e necrosada, com aspecto de couve-flor. O diagnóstico padrão ouro para essa afecção é o exame histopatológico, não sendo menos importante os demais métodos de confirmação. O exame histopatológico de um tecido acometido revela uma lesão da derme associada ou não ao espessamente ou proliferação da epiderme, formando as trabéculas ou ilhas de células epiteliais neoplásicas com graus variáveis de diferenciação escamosa. O prognóstico dessa enfermidade é comprometido devido ao alto índice de recidiva do tumor. O tratamento de escolha é a ressecção cirúrgica com ampla margem de segurança. Objetivou-se com o presente relato, descrever um caso de CCE em prepúcio equino. No dia 08/09/2016, um equino, macho, castrado, SRD, de 13 anos de idade, pelagem tordilha, foi atendido no Hospital Veterinário da Universidade Federal do Tocantins por apresentar lesão extensa, irregular, com evolução de no mínimo seis meses, com secreção serosanguinolenta e odor fétido em prepúcio e emagrecimento progressivo. No exame físico geral nenhuma alteração foi identificada nos parâmetros avaliados. No específico, notou-se lesão ulcerada, proliferativa, em forma de couve-flor, acometendo todo o óstio prepucial, com secreção serossanguinolenta, além de aumento de volume firme e indolor proximal a lesão principal. Para avaliação peniana aplicou-se xilazina a 10% (0,5mg/kg) e observou-se que o animal expunha sem dificuldade o órgão e que o mesmo não apresentava lesão. Frente a suspeita clínica de CCE e a necessidade de diagnóstico diferencial, realizou-se biópsia incisional seguida de avaliação histopatológica, que revelou proliferação celular neoplásica com comprometimento epitelial, projeções curtas em ponte para a derme superficial e média e áreas escamosas mais sólidas, ainda sem evidenciação de pérolas córneas, confirmando o diagnóstico de CCE. Procedeu-se então com a remoção cirúrgica da massa com margem de segurança e no pós-operatório adotou-se a limpeza da ferida cirúrgica com iodopovidine, aplicação de pomada cicatrizante, antibióticoterapia (cefalosporina - 4mg/kg, SID, IM) e anti-inflamatório não esteroidal (flunixin meglumine - 1,1 mg/kg, SID, IM). Após sete dias o animal recebeu

alta e, segundo o tutor, viveu bem até janeiro do corrente ano, quando observou aumento de volume prepucial e dificuldade de exposição peniana. O carcinoma acomete, principalmente, animais adultos e de raças com áreas de despigmentação. O animal em tela tinha 13 anos e não pertencia às raças pré-disponentes, porém apresentava área de despigmentação devido a cor da sua pelagem. Ademais, não se pode excluir a ação cancerígena do esmegma produzido pelas glândulas prepuciais, uma vez que o animal não era higienizado periodicamente. Quanto à característica da lesão, frequentemente a superfície está ulcerada e necrosada, sendo que apenas a ulceração foi identificada. O método diagnóstico preconizado é o recomendado e através dele foi possível estabelecer o diagnóstico definitivo e adotar a conduta adequada. Quanto a ela, a ressecção cirúrgica da massa tumoral é a sugerida quando o prepúcio está acometido. A recorrência pode acontecer dentro de um ano e nova intervenção ser necessária, fatos que ocorreram no presente caso. Conclui-se que o exame histopatológico é essencial para o diagnóstico da afecção e que o CCE é invasivo, de alto índice de recorrência, o que torna o prognóstico desfavorável.

Palavras-chave: Carcinoma espinocelular; histopatológico; cavalo

141. CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS EM VULVA DE ÉGUA: RELATO DE CASO

BARBARA SOARES CALIXTO OLIVEIRA*1; WALTER HENRIQUE CRUZ PEQUENO1; JHONY CARLOS FREIRES DA SILVA1; VICTÓRIA RIBEIRO FABIÃO1; IGOR MARIZ DANTAS1; FRANCISCA MARIA SOUSA BARBOSA1; ISABELLA DE OLIVEIRA BARROS1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, AREIA, PB, BRASIL.

e-mail:barbarac.oliveira@yahoo.com.br

Resumo:

O carcinoma de células escamosas é uma neoplasia maligna que se origina no epitélio de revestimento. Dentre os carcinomas da pele o carcinoma de células escamosas é o mais comum. Geralmente apresenta-se sob a forma de um nódulo rígido na pele com superfície escamosa. Objetiva-se relatar um caso de carcinoma de células escamosas em vulva de égua. Um equino com 6 anos de idade, fêmea, 359 kg, Quarto de Milha foi atendido no Hospital Veterinário da Universidade Federal da Paraíba com queixa de nódulo na região vulvar que surgiu há 2 meses. Durante exame físico observou-se crescimento progressivo, aumento de volume na região, pedúnculo na região vestíbulo vaginal com presença de nódulos e massa ulcerada com existência de miíase com pele, sem pelos, com superfície verrugosa, vermelha, medindo 12cm x 9,5cm x 4cm aproximadamente. O animal foi encaminhado para procedimento cirúrgico. Realizou-se contenção física em brete, posteriormente sedação com detomidina (0,01 mg/kg, intravenoso) e bloqueio local (epidural) lidocaína 2% sem vasoconstrictor (20ml). Na cirurgia realizou-se uma exérese de tumoração na rima esquerda e parte ventral da vulva seguida de vulvoplastia com polyglactina (910), nylon 2.0 e ponto em Wolf. No pós-operatório, institui-se tratamento com Penicilina benzatina (20.000 UI/kg, intramuscular), Flunixin Meglumine (1,1 mg/kg SID durante 5 dias, intravenoso) e Pomada tópicas à base de antibióticos (Penicilina G benzatina 1.250.000 UI; Penicilina G procaína 1.250.000 UI; Diidroestreptomicina 1,25g; Ureia 2,50g). Na avaliação histopatológica de biópsia observou-se na região vulvar presença de massa sólida, não delimitada, não encapsulada, apresentando cordões de ceratinócitos (pérolas de queratina) que invadem a derme, formando-se a partir das células espinhosas da epiderme, formada por túbulos com numerosas camadas celulares indiferenciadas, pleomórficas. Esses túbulos delimitados por um estroma fibrovascular delicado e sustentados por tecido conjuntivo denso. O citoplasma moderado a escasso. O núcleo acentuadamente pleomórfico, varia de redondo a oval com cromatina agregada, evidenciando até dois nucléolos. Observou-se até cinco figuras de mitose por campo de grande aumento (CGA), algumas áreas de necrose em meio ao tumor. O carcinoma de células escamosas é uma das principais neoplasias em equinos. O exame histopatológico através da biópsia é de suma importância para o diagnóstico do carcinoma das células escamosas. A partir dos dados obtidos neste caso pode-se concluir que: a forma de diagnóstico foi apropriada, bem como o tratamento cirúrgico instituído.

Palavras-chave: Equino; vulvoplastia; neoplasia

142. CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS OCULAR COM INVASÃO PARA SISTEMA NERVOSO EM UM EQUINO – RELATO DE CASO

RODRIGO TAVARES NIEMAN*1; FERNANDA EMILIANO TONINI1; JULIANA SANTOS PEREIRA1; MARCELO CONTIERI BITTENCOURT1; TIAGO MARCELO OLIVEIRA1; ANA PAULA LOPES DE MORAES1; PAULO RICARDO DOMINGUES REVIGLIO1

1.UNIVERSIDADE ANHANGUERA DE SÃO PAULO, SÃO BERNARDO DO CAMPO, SP, BRASIL.

e-mail:rodrigo_nieman@hotmail.com

Resumo:

O carcinoma de células escamosas (CCE) é uma neoplasia cutânea maligna de origem nos queratinócitos e tem sido relatado como a segunda neoformação mais comum em equinos, onde, na maioria das vezes, atinge regiões de tecidos perioculares, cavidade nasal e órgãos genitais. Possui crescimento lento, com alta invasão tecidual local e, em sua forma ocular, pode apresentar metástase para linfonodos cervicais e compartimento cerebral, incluindo região de prisma e nervo óptico. A confirmação diagnóstica do CCE só é possível por exames complementares com destaque para o citológico e histopatológico. O tratamento geralmente baseia-se na fotodinâmica, quimioterapia ou crioterapia, porém a recuperação depende do estágio, localização e extensão da neoplasia, onde nessas circunstâncias o tratamento cirúrgico tem-se apresentado como alternativa. Foi atendido no Hospital Veterinário da Universidade Anhanguera, Campus São Bernardo do Campo, um cavalo quarto de milha, macho, 15 anos, pesando 350kg com histórico de trauma em globo ocular direito há três anos. Segundo o proprietário, nos últimos 4 meses, houve formação e crescimento progressivo de tecido de granulação exuberante na região, dificuldade do animal abaixar a cabeça e queda recente de uma altura de 1,50m. Ao exame clínico, o animal apresentava-se apático, caquético, com feridas cutâneas em região de membros e cernelha, corrimento de secreção piosanguinolenta fétida e intermitente em narina direita e crepitação da tuberosidade do coxal esquerda durante movimentação a passo. Além disso, o olho esquerdo apresentava-se preservado, porém com a visão comprometida. Pelos exames laboratoriais identificou-se aumento de enzima AST e anemia profunda. Como exames complementares foram realizados citologia e análise histopatológica da massa ocular direita, confirmando o diagnóstico de carcinoma de células escamosas pouco diferenciado. Pela radiografia do crânio foi verificado aumento de radiopacidade adjacente a crista facial e em região caudal ao seio paranasal frontal. O exame endoscópico revelou comunicação da massa neoplásica ocular com região de nasofaringe e seio dorsal. Diante de marcada piora clínica associada a sinais de comprometimento neurológico, optou-se pela eutanásia do animal. Os achados da necropsia incluíram invasão neoplásica em seio frontal, dorsal e esfenopalatino, cavidade cerebral, medula oblonga e conchas etmoidais, além de comprometimento de todo globo ocular. Os exames radiográfico e endoscópico são ferramentas auxiliares na conduta clínica e terapêutica do carcinoma de células escamosas ocular e o exame histopatológico é tido como o padrão ouro no diagnóstico. Destaca-se a importância da análise necroscópica na definição de estruturas acometidas diante do poder invasivo desta neoplasia quando presente em região de globo ocular.

Palavras-chave: Carcinoma de células escamosas ocular; diagnóstico por imagem; histopatológico

143. CESARIANA EM PÔNEI: RELATO DE CASO

BEATRIZ FLÁVIA MARIANO*1; JOÃO MORELLI JUNIOR2; IGOR AUGUSTO ANDRETA PAIOLA2; BRUNO FORNITANO CHOLFE2; HALIM ATIQUE NETTO2; SUELLEN MIGUEZ GONZÁLEZ2

1.CENTRO UNIVERSITÁRIO DE RIO PRETO- UNIRP, SAO JOSE DO RIO PRETO, SP, BRASIL; 2.CENTRO UNIVERSITARIO DE RIO PRETO UNIRP, SÃO JOSÉ DO RIO PRETO, SP, BRASIL.

e-mail:beatrizflavia_04@hotmail.com

Resumo:

Intervenções obstétricas em equinos são de baixa ocorrência. Este relato tem como objetivo descrever um caso de cesariana em fêmea equina, pônei, atendida no Hospital Veterinário "Dr. Halim Atique". O proprietário relatou que a pônei foi coberta por garanhão da raça Quarto de Milha, com porte significativamente maior que a fêmea em questão. Assim o responsável encaminhou o animal para o Hospital para monitoramento da gestação. A pônei permanecia no pasto em contato com garanhões de grande porte, assim não foi observado o momento da monta, não havendo a data de cobertura. O monitoramento diário ocorreu através do exame físico e específico do trato reprodutivo. Devido à estatura e porte da fêmea, não foi possível proceder à palpação transretal, sendo essencial a ultrassonografia para avaliação da placenta e feto. No exame ultrassonográfico não foi possível estimar o tempo gestacional, já que as estruturas mensuráveis não foram alcançadas. Também se procedeu a mensuração da circunferência abdominal, avaliação da tumefação e relaxamento da vulva e desenvolvimento do úbere. Com as informações obtidas da inspeção e exames semiológicos estimou-se que a mesma estava no terço final de gestação. Dentro de duas semanas observou-se aumento da circunferência abdominal, presença de edema cranial ao úbere, dificuldade respiratória, hiporexia e apatia. O hemograma apresentou leucopenia e hiperfibrinogenemia. Houve uma piora significativa do quadro clínico geral na última semana de internação, levando a indicação de cesariana. O proprietário foi informado sobre o estado clínico da pônei e a possibilidade de prematuridade do concepto. O mesmo solicitou a cesariana com intuito de proporcionar um melhor prognóstico para a mesma. O procedimento foi executado via celiotomia mediana sob anestesia geral inalatória. A síntese do útero procedeu-se com padrão de sutura invaginante, cushing, em dois planos; miorrafia por meio de pontos interrompidos tipo sultan e sutura simples interrompida na pele. O neonato apresentou sinais de imaturidade como cascos amolecidos, ausência do reflexo de sucção e deformidades flexurais. O potro nasceu com tamanho superior almejado para raça Pônei. Apesar de instituir as medidas de suporte, o mesmo evoluiu a óbito em 24 horas. Com relação a pônei, o pós-operatório baseou-se no uso de hormônio ocitocina para expulsão da placenta, terapia antimicrobiana (associação de ceftiofur 6 mg/kg e gentamicina 6,6 mg/kg), anti-inflamatório não esteroidal flunixin meglumine (dose antiinflamatória1,1 mg/kg e 0,25 mg/kg anti-endotoxêmica) e tratamento preventivo para laminite com gelo. A fêmea obteve alta após 3 semanas do procedimento cirúrgico. Conclui-se que a conduta adotada no presente caso proporcinou um melhor prognóstico e uma recuperação satisfatória para a fêmea em questão.

Palavras-chave: Equino; neonato; distocia

144. CICATRIZAÇÃO POR PRIMEIRA INTENÇÃO EM FERIDA SUJA-CONTAMINADA

RODRIGO TAVARES NIEMAN*1; TIAGO MARCELO OLIVEIRA1; GABRIELA SIBALDO DINIZ1; AYRTON RODRIGO HILGERT1; PAULO RICARDO DOMINGUES REVIGLIO1; PAULO MOREIRA BOGOSSIAN1

1.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SAO BERNARDO DO CAMPO, SP, BRASIL.

e-mail:tiagomo8@yahoo.com.br

Resumo:

A cicatrização por primeira intenção é caracterizada pela reepitelização, formação mínima de tecido de granulação e ausência de infecção, havendo aproximação dos bordos e apresentando um melhor resultado estético. Lesões cutâneas são rotineiramente atendidas na clínica de equinos, tendo como uma das mais comuns a laceração, provocada por objetos angulares que normalmente lesionam todas as camadas da pele e tecidos próximos, dificultando o processo de cicatrização. Foi atendido no setor de grandes animais do Hospital Veterinário da Universidade Anhanguera de São Paulo, Campus ABC, uma fêmea equina de aproximadamente 17 anos, 300kg, sem raça definida com uma laceração entre 50 a 60 cm em pele, subcutâneo e musculatura abdominal da região abdominal esquerda, sem contato com a cavidade abdominal. O trauma ocorreu em um veículo automotor 24 horas antes do atendimento, ocasionando ruptura de pele, musculatura adjacente, vasos e nervos regionais. Durante o exame físico, as mucosas apresentavam-se pálidas, diminuição da perfusão periférica, hipomotilidade intestinal,

claudicação do membro pélvico esquerdo devido a dor da ferida, sendo que os demais sinais vitais se encontravam dentro dos parâmetros normais. Nos exames complementares notou-se uma anemia normocítica normocrômica e monocitose. Diante da contaminação, grau de exposição e extensão tecidual, foi realizada tranquilização para a sutura em estação, padrão simples contínuo com fio absorvível (poliganactina 910) nas camadas musculares (transverso e oblíquo abdominal) e subcutânea em padrão simples separado e fio não absorvível (nylon) em pele. Um dreno foi posicionado ventralmente a ferida para facilitar a limpeza e evitar infecções, removendo o fluido por pressão negativa através da técnica de drenagem aberta. Foi administrado soro antitetânico (1 frasco, 5.000 UI), Penicilina Benzatina (40000 UI, intramuscular, SID), flunixin meglumine (1,1 mg/kg, intravenoso, SID), tramadol (2,7mg/kg, intramuscular, SID) e ketamina (1ml, intramuscular, SID). Além disso, o manejo da ferida foi feito duas vezes ao dia, com lavagem interna diária com iodo povidine diluído em soro fisiológico aplicado pelo dreno por 3 dias, lavagem externa com clorexine degermante, massagem com DMGel® e aplicação de rifocina em spray. Foi prescrito manejo diário da ferida com lavagem externa, massagem e aplicação de rifocina, administração de Maxicam Gel® por via oral e Penicilina Benzatina (40000UI, intramuscular, SID), ambos uma vez ao dia durante 5 dias. Foi observado edema ao redor na ferida nos primeiros 5 dias após o início do tratamento e após 30 dias já não era observada a solução de continuidade na pele. A literatura indica a utilização da cicatrização por primeira intenção em feridas ocorridas em até 8 horas antes do atendimento. Apesar do tempo de ocorrência da ferida ter sido longo e ser do tipo suja-contaminada, o tratamento instituído possibilitou que a sutura em planos fosse realizada com eficiência e a aproximação dos bordos permitiu a cicatrização por primeira intenção, diminuindo o tempo de cicatrização e os custos do tratamento.

Palavras-chave: Lesões cutâneas; laceração; cicatrização

145. CISTO DE CORPO ULTIMOBRANQUIAL EM EQUINO NO BRASIL

ANDERSON FERNANDO SOUZA*1; MARIA EDUARDA MOREIRA VOLPATO1; LUCIANA NEVES TORRES1; STEFANO CARLO FILLIPO HAGEN1; RAQUEL YVONNE ARANTES BACCARIN1; LUIS CLÁUDIO LOPES CORREIA DA SILVA1

1.FMVZ/USP, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:anderson.sji@hotmail.com

Resumo:

Formações císticas nos arcos branquiais são alterações raras que foram descritas em humanos, felinos, bovinos e equinos. Além de não haver relatos da ocorrência de alterações nessas estruturas em equinos no Brasil, na literatura mundial há escassas descrições do tratamento cirúrgico de quadros similares em equinos. Esse relato por objetivo descreve o sucesso no tratamento de um caso de cisto no corpo ultimobranquial em equino. Um equino, macho, castrado, nove anos de idade, Mangalarga Marchador, pesando 397 kg foi encaminhado ao Hospital Veterinário, sob queixa de aumento de volume na região cervical cranial direita há 45 dias. O proprietário relatou que o surgimento do referido aumento foi de forma espontânea e que nas duas semanas que se seguiram houve um considerável aumento no tamanho, entretanto não observou qualquer alteração na atitude e/ou comportamento do animal e não relatou qualquer alteração pregressa similar. Ao exame físico, os parâmetros vitais estavam dentro da normalidade. Identificou-se aumento de volume de aproximadamente 10 cm de diâmetro no terço ventral da região cervical mais cranial no lado direito, consistência flutuante sem algia ou aumento de temperatura. O exame ultrassonográfico revelou estrutura multilocular com acúmulo de líquido de discreta celularidade adjacente a tireoide, esta de difícil visualização. Na avaliação contralateral não foram notadas alterações. A endoscopia mostrou discreto deslocamento sagital dos primeiros anéis traqueais. À punção, obteve-se 500 mL de líquido acastanhado inodoro e na citologia foram identificadas raras células e conteúdo de aspecto fibrináceo. Dois dias após notou-se retorno do acúmulo de líquido. Os exames laboratoriais: hemograma, fibrinogênio, proteína sérica total, albumina, AST, GGT, bilirrubinas, ureia e creatinina encontravam-se dentro dos valores de referência. A alcoolização da estrutura foi inicialmente discutida, entretanto optou-se pela remoção cirúrgica da massa associada a hemitireoidectomia direita, esta realizada sob anestesia inalatória em decúbito lateral esquerdo. A estrutura removida possuía superfície irregular,

aparência multilobular e de cor acastanhada. Ao corte observou-se cavitações com trabeculações e líquido fluido acastanhado. Ao exame histopatológico identificou-se, entre outras características, revestimento ora por epitélio cúbico com trechos hiperplásicos, ora por epitélio colunar ciliado com células caliciformes de entremeio, ectasia linfática e áreas hemorrágicas. No lúmen notou-se grande quantidade de material hialino eosinofílico fibrilar. Esses achados foram compatíveis com cisto no corpo ultimobranquial. Observou-se adequada cicatrização e ausência de nova formação. O animal recebeu alta 13 dias após a cirurgia. Foram realizadas as dosagens séricas de T3 total e T4 total, antes da cirurgia e 60 dias após, notando-se normalidade nos valores de T3 total em ambos os momentos e diminuição do T4 total na primeira avaliação, estando dentro dos valores de referência na segunda dosagem. Em contato com o proprietário seis meses após o procedimento, este relatou ausência que qualquer alteração, estando completamente satisfeito com o resultado. Na literatura vigente há apenas dois casos descritos de formação cística no quinto arco branquial (ultimobranquial), podendo estar relacionadas com as células C, que produzem calcitonina. Em linhas gerais, teria sido relevante a mensuração do cálcio sérico, que é controlado pela calcitonina. A remoção cirúrgica da estrutura cística não trouxe qualquer prejuízo ao animal. Dessa forma, recomenda-se que cistos do corpo ultimobranquial, além de serem considerados como diagnóstico diferencial em equinos com alterações morfológicas localizados na área cervical proximal, devam ser removidos cirurgicamente.

Palavras-chave: Tireoide; histopatologia; arcos branquiais

146. CLAUDICAÇÃO COMO SINAL CLÍNICO DE ABSCESSO RETROPERITONEAL EM EQUINO

TAINÁ CAROLINE BELETTI VALENTE SILVA*1; LUANA DE CARVALHO PADUA1; SAMUEL DOS SANTOS SOUSA1; DANIELA JUNQUEIRA DE QUEIROZ1

1.CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ, RIBEIRÃO PRETO, SP, BRASIL.

e-mail:tainabeletti@hotmail.com

Resumo:

A orquiectomia em equinos é uma técnica utilizada quando não é mais o desejo do proprietário a utilização do animal para fins reprodutivos, uma vez que após o procedimento os hormônios sexuais deixam de ser produzidos e o animal costuma se tornar mais dócil facilitando o manejo da propriedade. Dentre as complicações que podem ocorrer devido a esse procedimento encontra-se a funiculite, que é a inflamação do funículo ou cordão espermático. Abscesso retroperitoneal, na região do canal inguinal, pode ocorrer em decorrência de funiculite e pode ter com sinal clínico claudicação de membro pélvico como já relatado por. O presente trabalho tem o objetivo de relatar um caso de abscesso retroperitoneal decorrente de orquiectomia em equino no qual o único sinal clínico apresentado pelo animal era a claudicação de membro pélvico.Um equino, da raça Mangalarga Paulista, castrado há dois anos, de sete anos de idade, foi encaminhado para atendimento veterinário com a queixa de claudicação do membro pélvico direito com início há aproximadamente seis semanas. Ao exame físico observou-se que o animal apresentava dificuldade para se locomover caracterizada por andar enrijecido. À inspeção detectou-se no membro pélvico direito um aumento de volume na região medial da coxa, próximo a virilha, o qual apresentava consistência firme e aumento de temperatura, e doloroso à palpação. À palpação retal detectou-se a presença de um aumento de volume firme, com aproximadamente o tamanho de 24 cm de diâmetro, na região do canal inguinal direito, sugestivo de abscesso retroperitoneal. Institui-se tratamento com compressas quentes na face medial na coxa três vezes ao dia durante meia hora e nos dias subsequentes ao início do tratamento o animal passou a apresentar maior desconforto no local e maior dificuldade para se locomover devido à dor, chegando a se deitar na baia. Dezenove dias após o início do tratamento o abscesso supurou na região medial da coxa drenando grande quantidade de material caseoso e a partir daí passou-se a injetar solução fisiológica pelo orifício duas vezes ao dia para facilitar a eliminação de toda a secreção . A cicatrização completa da ferida ocorreu por segunda intenção aproximadamente três meses após o dia da admissão do animal. A claudicação do membro pélvico em equinos pode ter várias causas relacionadas às doenças osteoarticulares ou ainda lesões de tecidos moles. A presença de abscessos na região da inserção do membro pélvico (pelve, região glútea, região inguinal e porção caudal da parede abdominal) também pode ser causa

de claudicação. Silva et al. (2004) relataram dois casos de claudicação de membro pélvico em equinos causados por abscesso na região do canal inguinal em decorrência de orquiectomia. Em um dos casos relatados pelos autores o animal foi submetido à laparotomia para tentativa de remoção do abscesso, a qual não foi bem sucedida, e no outro caso o animal foi eutanaziado por decisão do proprietário. No presente relato optou-se pelo tratamento conservativo por meio da utilização de compressas quentes com a intenção de fazer com que o abscesso supurasse. A contra-indicação de tal tratamento é o risco de drenagem do abscesso para dentro da cavidade abdominal com consequente peritonite. No entanto no presente relato obteve-se sucesso com o tratamento instituído uma vez que o abscesso supurou na face medial da coxa do animal. No presente relato não se instituiu nenhuma terapia antimicrobiana ou antiinflamatória uma vez que a intenção era justamente agudizar o processo inflamatório e não interrompê-lo. Diante do exposto conclui-se que a claudicação de membro pélvico pode ser o único sinal clínico apresentado por equinos com abscesso retroperitoneal na região do canal inguinal e que o tratamento conservativo com compressas quentes pode ser eficaz quando o abscesso supura para o exterior, na face medial da coxa.

Palavras-chave: Claudicação; membros pélvicos; funiculite

147. COMPLICAÇÃO PÓS OSTEOSSÍNTESE DE TERCEIRO OSSO METACARPIANO EM UM CAVALO ADULTO: RELATO DE CASO

LEANDRO KEITI HAYASHI*1; PAOLO NEANDRO BONA SOARES1; MARISA MARTIRE PELLEGRINI1; THAMYRES SANTOS SILVA1; CAMILA MOURA DA SILVA1; FÁBIO MIGUÉIS CORRÊA1; RAFAEL MAGDANELO LEANDRO1; PAULA ZAGATO URBANI1

1.UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI, SAO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:leandrokeiti.hayashi@gmail.com

Resumo:

As fraturas dos membros de equinos são potencialmente fatais e requerem um tratamento veterinário de emergência, sendo o manejo desafiador, independentemente dos mecanismos de ação e das consequências locais e gerais. Frenquentemente fraturas envolvendo o terceiro osso metacarpiano (McIII) leva à exposição dos fragmentos ósseos, devido à pouca proteção sobre a região, composto por periósteo, subcutâneo, pele, tendões e o feixe vásculonervoso. Os pacientes com fraturas expostas e cominutivas são candidatos desfavoráveis para a redução aberta e fixação interna com placas, devido aos riscos de comprometimento da vascularização e promover infecção. Já os fixadores externos podem ser indicados com ou sem fixação interna em correções de fraturas cominutivas, fraturas abertas que não podem ser corrigidas somente por fixadores internos e com lesão considerável nos tecidos moles. O resultado do tratamento está diretamente associado à idade, peso corporal, localização da fratura e presença de infecções. Mesmo tendo relatos de casos com sucesso no tratamento cirúrgico em fraturas completas de McIII em adultos pesando mais de 500 kg, o peso do animal continua sendo um dos maiores desafios na reparação dessas fraturas. Foi encaminhado ao hospital veterinário um equino, SRD, 4 anos, macho com fratura em região de canela do membro torácico esquerdo com desvio lateralizado da porção distal do membro em relação ao eixo axial da canela e uma ferida apresentando um centímetro de diâmetro na face medial do membro, compatível com a região da linha da fratura, com secreção sanguinolenta e odor fétido. Na propriedade foi administrado Fenilbutazona (4,4 mg/kg) e imobilizado o membro em pinça, utilizando talas na face lateral e palmar. Ao desembarcar, o exame físico do animal apresentava-se dentro do padrão de normalidade exceto pela taquipneia. Ao exame radiográfico, foi observado fratura cominutiva do McIII na região de metáfise proximal do membro torácico esquerdo. O animal foi submetido ao tratamento cirúrgico para redução da fratura através de fixador externo tipo III. Para isso foram utilizados pinos de Steinmann 4,5 mm que foram fixados nos locais previamente demarcados com auxílio do exame radiográfico. Foram inseridos dois pinos na porção proximal da linha de fratura, e três pinos distais a ela. Na face dorsal foram inseridos dois pinos de Schanz 4,5 mm na porção proximal e distal do foco de fratura, sem atravessar completamente o córtex palmar do terceiro osso metacarpiano. Três hastes foram unidas aos pinos nas faces lateral, medial e dorsal do membro, através de grampos. Outros dois pinos de Steinmann 4,5 mm foram usados

para unir as hastes entre elas, dando formato tridimensional aumentando a sustentação do fixador externo. Após o procedimento cirúrgico, foi realizado perfusão regional com 1,5 g de amicacina, lavagem da ferida decorrente da fratura com dois litros de soro ozonizado, feito penso compressivo e colocado gesso sintético para a imobilização do membro. Durante a recuperação anestésica houve refratura do osso acometido, entortando os pinos de Steimann e as hastes lateral e medial. Após a radiografia do membro decidiu-se pela eutanásia do animal. O manejo de fraturas de ossos longos em membros de cavalos é desafiador, devendo o proprietário ser informado das possibilidades terapêuticas, prognóstico e despesas envolvidas na reparação óssea. Corroborando com o relato descrito, uma das complicações mais comuns do pós-operatório incluí refratura do osso durante a recuperação anestésica, sendo necessária a máxima precaução para proteger o membro fraturado. Outras complicações associadas são laminite no casco contra lateral, infecção no implante, infecção incisional, não-união ou união retardada. O prognóstico depende da localização da fratura, se é aberta ou fechada, temperamento do cavalo, idade e acometimento do tecido mole adjacente.

Palavras-chave: Fratura; equino; fixador externo

148. CORREÇÃO DE ENCARCERAMENTO NEFROESPLÊNICO EM EQUINO ATRAVÉS DA TÉCNICA DE ROLAMENTO – RELATO DE CASO

TAYNA ROSENDO*1; RAISSA SANTOS ROSADO1; DANIELA SCANTAMBURLO DENADAI1; STÈFFANY OLIVEIRA BARBOSA1; ANA PAULA PRADO ANTUNES FARIA1; RAYMIS BRUNO ROSA MOURA1; FLAVIA DE ALMEIDA LUCAS1; JULIANA REGINA PEIRO1; LUIZ CLAUDIO NOGUEIRA MENDES1

1.UNESP-FMVA, ARAÇATUBA, SP, BRASIL.

e-mail:taynarosendo@hotmail.com

Resumo:

O encarceramento nefroesplênico consiste no aprisionamento da flexura pélvica ou do terço médio do cólon dorsal e ventral esquerdo sob o ligamento que une o baço e o rim. A etiologia permanece desconhecida, porém acredita-se que esteja relacionada ao excesso de gás intraluminal e/ou disfunção na motilidade do cólon maior. Relata-se o caso de um garanhão da raça Quarto de Milha, 3 anos de idade e 440 kg, atendido no Hospital Veterinário "Luiz Quintiliano de Oliveira" – UNESP/FMVA, com histórico de cólica intermitente há 72 horas. Durante o atendimento foi observado taquicardia, taquipneia, mucosa oral ictérica, desidratação (8%), hipomotilidade nos quatro quadrantes abdominais, e não houve refluxo espontâneo na sondagem nasogástrica. Ao exame de palpação transretal o cólon maior estava palpável à esquerda no sentido ventro-dorsal, caudo-cranial com a flexura pélvica, localizado acima do ligamento nefroesplênico. Através do exame ultrassonográfico (Chison® 8100vet) com transdutor setorial de 5,0 MHz, constatou-se obliteração da região dorsal do baço, e o rim esquerdo não foi visualizado, devido à reverberação na imagem, causada pela distensão gasosa do cólon maior esquerdo. Como tratamento optou-se pela estabilização do quadro clínico do animal, através de lavagem gástrica, administração de flunixin meglumine (1,1 mg/Kg/IV/q12h) e fluidoterapia (Ringer com lactato - 10 mL/Kg/h/IV). Decorridas 5 horas de atendimento, após nova palpação retal, verificando-se que as alças intestinais estavam menos tensas, a técnica de rolamento foi realizada, dentro da sala de indução/recuperação anestésica deste HV, com o animal submetido à anestesia geral inalatória. Inicialmente o animal foi posicionado em decúbito lateral direito, sendo posteriormente colocado em decúbito dorsal e içado por uma talha pelos membros pélvicos até uma angulação de aproximadamente 20o. Em seguida foi balançado por 90 segundos e posteriormente abaixado e reposicionado em decúbito lateral esquerdo. Seguidamente, o animal foi girado, no sentido horário, para decúbito esternal, e sucessivamente para o decúbito direito. Este permaneceu cada posição por 90 segundos. Ao fim do procedimento, palpação retal e a ultrassonografia foram realizadas, todavia não se obteve sucesso nesta manobra. Deste modo, o rolamento foi realizado novamente, dessa vez com permanência em balanço e em cada decúbito por 3 minutos. Novamente ao fim, repetindo-se os exames complementares de diagnóstico, houve sucesso no desencarceramento da alça. Após a recuperação anestésica o equino permaneceu sob cuidados intensivos. Com a resolução do quadro, apresentando mucosas róseas, frequência cardíaca entre 40

e 48 batimentos por minuto, frequência respiratória entre 20 e 16 movimentos respiratórios por minuto, motilidade intestinal adequada e temperatura retal entre 37,5° e 38°C, a alimentação foi gradativamente reestabelecida com água e capim tifton. O animal obteve alta após cinco dias de internação. Após um ano, o equino foi novamente avaliado, apresentando-se clinicamente normal, e não há relato do proprietário quanto à quadros de síndrome cólica ou qualquer outra enfermidade. Destaca-se que o rolamento equino é um procedimento eficaz e de simples execução, com excelente prognóstico na correção de encarceramento nefroesplênico de cólon maior esquerdo em equinos, e que a associação de palpação retal e ultrassonografia foram ferramentas úteis no diagnóstico e verificação da resolução deste quadro.

Palavras-chave: Síndrome cólica; tratamento clínico; cavalos

149. CÓLICA POR COMPACTAÇÃO EM CONSEQUÊNCIA DA INTOXICAÇÃO POR AMITRAZ: RELATO DE CASO

AMANDA PILETTI*1; NAUANY AGUILAR QUELHO BONFIM2; ANA CLAUDIA DOS SANTOS OLIVEIRA3; BEATRIZ RAMOS BERTOZZO1; RAFAELA MARTINS DE SOUZA1; JOSÉ HENRIQUE SARAIVA BORGES1

1.PRONTO EQUUS, DOURADOS, MS, BRASIL; 2.UCDB, CAMPO GRANDE, MS, BRASIL; 3.UNIDERP, CAMPO GRANDE, MS, BRASIL.

e-mail:amandapiletti07@gmail.com

Resumo:

O amitraz é considerado o princípio ativo mais utilizado do grupo das formamidinas, possuindo amplo espectro no controle de ectoparasitas. Qualquer equino pode ser intoxicado através da exposição ao princípio. A concentração da solução utilizada é importante no estímulo da intoxicação, pois apresenta elevada absorção cutânea em equinos, sendo que quanto maior a concentração da mesma mais grave são os efeitos neurotóxicos e entéricos. O quadro de cólica é secundário a intoxicação, pois o fármaco causa hipoperistalse. Foi solicitado atendimento veterinário para égua de aproximadamente 4 anos,Quarto de Milha,com histórico deapatia, tremor e inapetência, observados após banho com amitraz. Foi medicada com antitóxico e protetor hepático (Acetil DL-Metionina), ioimbina (antídoto), trinta litros de fluido sistêmico com solução de ringer com lactato e 20 litros de fluido enteral com água e eletrolítico. No dia seguinte, o animal apresentou sinais de desconforto abdominal. Na palpação retal verificou-se grande quantidade de ingesta compactada nas alças intestinais. Novamente foram administrados 20 litros de fluidoterapia intravenosa e enteral, porém pela manhã do dia seguinte o animal piorou e foi encaminhado para o hospital veterinário. No exame físico, frequência cardíaca de 62 bpm, frequência respiratória de 20 mpm,mucosas normocoradas,tempo de preenchimento capilar dois segundos, temperatura retal de 37,8°C e hipomotilidade de intestino grosso na auscultação intestinal. Foi coletado líquido peritoneal no qual se demonstrou alterado apresentando uma coloração avermelhada. O animal foi encaminhado para o centro cirúrgico, onde se realizou a laparotomia exploratória e constatou-se uma compactação de cólon maior. O pós-operatório baseou-se em antibioticoterapia, analgesia, curativos diários da ferida cirúrgica, reinserção de alimentação e gradual retorno ao trabalho. Foi instituído na terapia antimicrobiana penicilina benzatina (dose de 20000 UI/kg, uma vez ao dia, IM, durante 7 dias) e enrofloxacina (dose de 5 mg/Kg, uma vez ao dia, IM, durante 10 dias). Como analgésico e antiinflamatório foi administrado flunixin meglumine (dose de 1,1 mg/kg, uma vez ao dia, IV, durante 5 dias) e dimetilsulfóxido (dose de 0,5 g/kg diluído em soro Ringer Lactato, uma vez ao dia, IV, durante 3 dias). A limpeza na região suturada foi realizada com clorexidinadegermante, cobria-se a sutura com pomada antimicrobiana à base de digluconato de clorexidina (Furanil®) e revestia com faixa para evitar risco de inchaço. A recuperação do animal foi bem sucedida, a retirada dos pontos foi realizada 15 dias após a cirurgia e imediatamente recebeu alta. Considera- se que o amitraz tenha ação agonista a2-adrenérgico, além de cercar a inibição da síntese de prostaglandinas. Perifericamente, estimula os receptores α1-adrenégicos, gerando uma vasoconstrição, provocando uma diminuição da motilidade intestinal, portanto vários estudos garantem que a realização de antagonistas a2-adrenérgicos como a ioimbina e o atipamezole são eficazes na reversão dos efeitos causados pelo acaricida. A administração da fluidoterapia enteral promove a hidratação do conteúdo gastrintestinal reduzindo a viscosidade da ingesta e facilitando o movimento prevenindo

uma possível compactação intestinal e a intravenosa ajuda a super-hidratar o sistema circulatório, intensificando a secreção para dentro da ingesta desidratada no cólon. A intervenção cirúrgica é aconselhada para os casos que a compactação não é resolvida com o tratamento clínico ou quando há dor abdominal incontrolável. Através da abertura, coloca-se uma mangueira e realiza-se massagem para desfazer a compactação. Perante o exposto, é possível concluir que a falta de informação dos proprietários e por consequência do uso indiscriminado de amitraz em equinos, resulta nos quadros de intoxicação dos mesmos. Apesar disso, o mesmo continua sendo usado para o controle de ectoparasitas, por causa da sua eficácia e baixo custo.

Palavras-chave: Ioimbina; cólon; palpação

150. DESENVOLVIMENTO E TRATAMENTO DE LAMINITE POR SOBRECARCA DE PESO EM EQUINO OBESO COM ARTRITE SÉPTICA DO TARSO

LETICIA OLIVEIRA COTA*1; BRUNO DONDONI DONDONI MALACARNE1; CAHUE FRANCISCO ROSA PAZ1; ARMANDO DE MATTOS CARVALHO1; ANDRESSA BATISTA DA SILVEIRA1; RAFAEL RESENDE FALEIROS1

1.UNIVERCIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL.

e-mail:leticia.cota@hotmail.com

Resumo:

A laminite por sobrecarga de peso ocorre comumente quanto existe falha de apoio no membro contralateral. Apesar de conhecida há séculos, permanece com causa e tratamento ainda não totalmente definidos. O objetivo é descrever o desenvolvimento e o tratamento de laminite por sobrecarga de peso em equino obeso e com artrite séptica de tarso. Foi encaminhada ao Hospital Veterinário da UFMG uma égua Mangalarga Marchador, com 4 anos de idade, obesa (escore de condição corporal 8/9). Relatou-se trauma na face lateral do jarrete do membro posterior esquerdo (MPE) que evolui rapidamente em cinco dias para claudicação grau 4 para 5 (AAEP). Havia efusão do túnel do tarso e das articulações társicas e abscesso peritársico. Amostras do líquido sinovial da articulação tibiotársica e do túnel do tarso apresentavam, respectivamente, 5 g/dl e 3,0 g/dl de proteína, 61.750 células/ml e 23.375 células/ml de contagem total de células nucleadas. As culturas das amostras foram positivas para Acinetobacter ssp na articulação tibiulotársica e Pseudomonas ssp no abscesso peritársico. O quadro respondeu moderadamente a lavagem articular e antibióticoterapia, mas foi necessária uma videoartroscopia após 11 dias. No pós-operatório houve maior redução do apoio do MPE com consequente sobrecarga no membro contralateral (MPD). Desta forma, 24 horas após o procedimento, houve aumento do pulso digital no MPD, que evoluiu para início de troca de apoio dos posteriores (claudicação grau I, segundo Obel) com 48 horas e grau 2 para 3 de Obel nas horas seguintes. O exame radiográfico revelou rotação de falange e afundamento medial da falange distal. O tratamento inicial consistiu em administração de pentoxifilina (10 mg/kg, PO, BID), firocoxib (0,2mg/kg, PO, SID) e a aplicação de tamanco de madeira com apoio de ranilha e sola plantar. Para analgesia, administrou-se por cateter epidural morfina (0,15 mg/kg) e detomidina (20 microg/kg) BID e amitriptilina (1 mg/kg, PO, BID). O procedimento estabilizou a falange e reduziu a dor. Contudo, 15 dias após, observou-se edema e colapso da linha coronária medial. A fim de aliviar a pressão nesta área, realizou-se o desgaste da muralha até 0,7 cm distal a coroa e as lâminas epidérmicas. Após 10 dias, foi necessário ampliar mais 0,8 cm a área desgastada abaixo da coroa em toda a face dorso-medial da muralha. Após 60 dias, houve estabilização do casco permitindo apoio completo no trote e galope, o que permitiu alta hospitalar. Acredita-se que no presente caso, houve uma confluência de fatores predisponentes para o desenvolvimento da laminite: sobrecarga de apoio, obesidade e presença de infecção. O diagnóstico e medidas terapêuticas precoces, incluindo o uso de tamanco e o desbaste do casco abaixo da coroa, foram consideradas determinantes para o sucesso da terapia.

Palavras-chave: cavalo; obesidade; sepse

151. DIAGNÓSTICO CLÍNICO E ULTRASSONOGRÁFICO DE LESÃO TRAUMÁTICA DE NERVO ISQUIÁTICO EM EQUINO

BRUNNA PATRÍCIA ALMEIDA DA FONSECA*1; LUIZA MITOZO BARRETO DE LIMA2; MARIO HENRIQUE MAGALHÃES SANTELLI MAIA2; SAMUEL PEREIRA SIMONATO1

1.UFV, VICOSA, MG, BRASIL; 2.AUTÔNOMO, TERESÓPOLIS, MG, BRASIL.

e-mail:brunna.fonseca@ufv.br

Resumo:

As lesões da coluna vertebral ocorrem com frequência nos equinos atletas, normalmente devido ao trabalho atlético desenvolvido pelo animal. Mas também podemos encontrar situações onde as lesões têm origem traumática, que embora sejam menos comuns, acarretam dor, queda de desempenho e disfunções musculares, principalmente quando são envolvidas as últimas vértebras lombares, pois as raízes nervosas dessa região dão origem ao plexo lombossacro, responsável pela enervação da pelve e membros pélvicos. Nesse contesto, foi atendido um animal de 4 anos, da raça quarto de milha, utilizado para prova de três tambores, com queixa de atrofia muscular na região toracolombar e pelve, principalmente do lado esquerdo e relutância em se mover. Foi relatado que o animal foi para um centro de treinamento com o objetivo de ser trabalhado no redondel automatizado. Como o animal apresentava maior dificuldade em flexionar a coluna para o lado esquerdo, este foi submetido ao exercício no redondel, com a cabeça amarrada para trás e para a esquerda. Durante o exercício, o animal sofreu uma queda sobre o lado esquerdo e três semanas após o ocorrido, quando retornou para a propriedade, já apresentava evidente atrofia muscular e dificuldade de se movimentar. Ao exame físico, notou-se presença de atrofia moderada a severa dos mm. glúteo médio, bíceps femoral e longuíssimo dorsal bilateralmente, mais severa do lado esquerdo. Além disso, apresentava dor à palpação dos mm. glúteo médio e bíceps femoral, além de intensa sensibilidade cutânea na região desses músculos. Nos testes de mobilidade, apresentava pouca ou nenhuma movimentação dos segmentos toracolombares, inclusive da articulação lombossacra, mostrando inclusive dor durante a realização do exame. Após o exame físico, onde ficou evidente a região pélvica/lombossacra como o local que estava gerando a dor e atrofia, foi realizado o exame ultrassonográfico de toda a coluna. Os achados mais significativos foram: no exame transcutâneo com transdutor setorial de 5MHz, grande proliferação dos processos articulares de L5/L6 e L6/S1 e no exame transretal, irregularidade no forame intertransverso de L6/S1, associado à ecogenicidade heterogênea do ramo do n. isquiático, principalmente do lado esquerdo e lesão proliferativa na articulação sacroilíaca dos dois lados. As lesões encontradas, principalmente na região lombossacra, são condizentes com o quadro clínico, pois o ramo ventral da raiz nervosa que emerge entre L6/S1, dá origem à raiz cranial do n. isquiático, a qual enerva os músculos caudais da coxa, entre eles o bíceps femoral e também dá origem ao n. gluteal cranial, que enerva o m. glúteo médio. A proliferação óssea dos forames intervertebrais pode causar compressão no ramo nervoso, que se manifesta clinicamente desde a atrofia até a paralisia muscular. A lesão sacroilíaca encontrada pode estar relacionada ao trauma ou ser uma lesão já existente antes do ocorrido. O tratamento estabelecido foi a infiltração periarticular guiada por ultrassonografia das articulações sinoviais de L5/L6 e L6/S1 com triancinolona (40mg total) e infiltração das articulações sacroilíacas com 80mg de metilprednisolona. Além disso, foi sugerido um manejo com exercícios que movimentassem a região sacroilíaca e ativassem a musculatura atrofiada. No dia seguinte, após as infiltrações, o proprietário relatou que o animal já estava se movimentando normalmente, inclusive galopando no pasto. Após 40 dias, foi relatado que o animal continuava se movimentando bem, no entanto, a atrofia muscular permanecia. A evolução desse tipo de caso depende tanto do tratamento clínico quanto da reabilitação, pois o corticoide age apenas na dor e no processo inflamatório. Para o animal retornar o mais próximo o possível do seu normal, a reabilitação é fundamental. Nesse caso, o proprietário optou por fazer apenas os exercícios prescritos, sem nenhum tratamento fisioterápico auxiliar, sendo esse provavelmente o motivo da persistência da atrofia muscular.

Palavras-chave: Coluna; pelve; infiltração

152. DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO DE PIOMETRA EM ÉGUA – RELATO DE CASO

MARIANA LEMOS NAGIB JORGE*1; CRISTIANO SILVA BOUÉRES1; MARIANA LUIZA MEZZENA GOBATO1; RAMONA BASTOS BERNARDO1; MARINA ANDRADE CYRINO1; ANTONIO FERNANDO LEIS FILHO1; SIDNEI NUNES DE OLIVEIRA1; JULIANA DE MOURA ALONSO1; NEREU CARLOS PRESTES1

1.FMVZ - UNESP, CÂMPUS DE BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:marianalnj@hotmail.com

Resumo:

A piometra é definida como o acúmulo de material purulento no útero. A ocorrência desta afecção em éguas é multifatorial e rara. Normalmente ocorre devido a falhas no mecanismo de drenagem do conteúdo uterino associado a contaminação bacteriana. Uma égua, da raça Quarto de Milha, com 18 anos de idade e 420 Kg, foi encaminhada ao Hospital Veterinário com histórico de endometrite, aderência vaginal, estenose cervical e dificuldade para emprenhar. Proprietário relata que há aproximadamente 3 meses animal apresentou síndrome cólica, com resolução cirúrgica. Neste procedimento também foi drenado grande quantidade de conteúdo uterino, suspeitando-se que o útero estava tracionando e deslocando as alças intestinais. Ao exame físico do paciente foi observado parâmetros dentro da normalidade para a espécie. Na avaliação ultrassonográfica transretal foi identificada a presença de conteúdo anecogênico com pontos hiperecogênicos em útero, sugestivo de pus. O corno uterino direito apresentava aproximadamente 4 cm e o corno uterino esquerdo 6 cm, com espessamento da parede uterina, de aproximadamente 1 cm. O ovário esquerdo apresentava corpo lúteo. Na inspeção vaginal foi observada aderência, impossibilitando a identificação do fundo vaginal. Após exame ginecológico completo, a égua foi diagnosticada com piometra e aderência vaginal. Optou-se por realizar procedimento cirúrgico para correção da aderência e posteriormente drenagem do conteúdo uterino. Após a tranquilização do animal (associação de Maleato de Acepromazina 1% e Cloridrato de Xilazina 10%) e anestesia epidural (Cloridrato de Lidocaína 2%), com instrumental cirúrgico adequado foi realizada a adesiólise vaginal parcial, permitindo a localização apenas do fundo vaginal. A fim de se evitar novas aderências, foi confeccionado com algodão e malha tubular um "curativo", o qual era introduzido na vagina e trocado diariamente após antissepsia prévia da vulva com Clorexidina 2%. Animal recebeu Flunixin Meglumine, Omeprazol e Penicilina. Então, optou-se pela realização de endoscopia vaginal. Neste exame observou-se grande aderência vaginal e presença de placas de secreção purulenta e áreas de necrose da mucosa vaginal, entretanto a cérvix não foi visibilizada. Foi realizada videolaparoscopia, com acesso pela fossa paralombar esquerda, evidenciando aderências uterinas em bexiga e cólon. Baseado nestes achados optou-se por realizar a histerectomia. Durante a laparotomia exploratória identificou-se aderências do útero em cólon menor, de aproximadamente 60 cm. Após início da adesiólise houve ruptura de alça intestinal e optou-se pela eutanásia do animal. A realização de histerectomia é a última opção de tratamento nos casos de piometra em éguas, devido a dificuldade de acesso cirúrgico. Embora alguns estudos demonstrem que o prognóstico após a histerectomia em éguas seja bom. Este animal apresentava inúmeras aderências uterinas, o que dificultava do ponto de vista funcional a drenagem uterina. Além disso, as aderências vaginais impossibilitavam o acesso cervical, que já tinha histórico de apresentar estenose. Nos casos possíveis, primeiramente optamos pela terapia convencional, que consiste na drenagem do conteúdo uterino pela cérvix, associado ao tratamento farmacológico mais adequado.

Palavras-chave: Equinos; histerectomia; piometra

153. DISFUNÇÃO DO PARS INTERMEDIA DA PITUITÁRIA EM EQUINO DA RAÇA CRIOULA – RELATO DE CASO

FERNANDA C.C SANTOS*1; CANDIDA MALDANER ROMERO TISOT2; NATÁLIA PICOLI FOLCHINI2; HENRIQUE RAMOS OLIVEIRA2; GABRIELA VICENSI COSTA2; LAYS WOUTERS UGOLINI2; CARLOS BONDAN2; LEONARDO MOTTA FORNARI2; LEONARDO PORTO ALVES2

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA, DISTRITO DE MONTE CRISTO BOA VISTA, RR, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO, PASSO FUNDO, RS, BRASIL.

e-mail:romerocandi@yahoo.com.br

Resumo:

Disfunção do pars intermedia da pituitária (D.P.I.P), também conhecida por hiperadrenocorticismo e Síndrome de Cushing, é a alteração endócrina mais comum em equinos idosos. A doença em equinos evolui de modo semelhante ao que ocorre em humanos, especialmente por tumores adenocorticais que ocasionam compressão da adenohipófise e, consequentemente, acarreta um aumento da secreção do hormônio ACTH. Sendo o ACTH precursor do cortisol, a elevação do ACTH provoca diversos efeitos negativos devido à secreção elevada de cortisol pela adrenal. Sinais clínicos como hirsutismo, apatia, aumento ou diminuição do apetite, claudicações (especialmente devido a um quadro de laminite crônica) são as principais manifestações da doença que motivam a busca dos proprietários por atendimento clínico. O presente relato teve como objetivo descrever a conduta de atendimento em um equino da raça Crioula com suspeita de D.P.I.P. Foi atendido no Hospital Veterinário da Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária da Universidade de Passo Fundo (HV-UPF) um equino macho, castrado, da raça Crioula, com 13 anos de idade. O proprietário relatou que o animal apresentava emagrecimento, perda de apetite e "pelos longos e crespos". Na avaliação visual preliminar foi observado condição corporal ruim, hirsutismo, abaulamento do abdômen, depressão e letargia. O exame físico geral revelou mucosas pálidas, com os demais parâmetros fisiológicos sem alterações. O paciente não apresentava deformações nos cascos nem imagens radiográficas compatíveis com um quadro de laminite. O hemograma revelou anemia normocítica normocrômica, com hematócrito de 14%. O paciente apresentava, ainda, uma leucocitose neutrofílica. No exame coproparasitológico foi evidenciado a presença de estrongilídeos. Por meio do exame clínico e dos resultados dos exames laboratoriais do paciente a hipótese diagnóstica mais provável seria a de D.P.I.P. Em seguida, visando a confirmação do diagnóstico se procedeu a realização do teste de supressão com dexametasona. A coleta do soro basal foi feita às 17 horas (M0) e, após a coleta, foi administrado 40 µg/kg de dexametasona via intramuscular. Após 15 (M15) e 19 (M19) horas foram novamente coletadas amostras de soro e encaminhadas ao laboratório. O resultado obtido foi M0=1,7 µg/dL de cortisol, M15=1,8 µg/dL e M19=1,8 µg/dL. Nos momentos M15 e M19 foi observado níveis de cortisol acima dos valores de referência (abaixo de 1 µg/dL). O exame clínico e o resultado obtido com o teste de supressão com dexametasona corroboraram para definir o diagnóstico de D.P.I.P. O tratamento para esta endocrinopatia não é curativo, além de oneroso. Procedeu-se à tosa dos pelos para propiciar bem-estar ao paciente, uma vez que a estação do ano era o verão. Como tratamento de suporte para o quadro de anemia foi administrado suplemento vitamínico a base de ferro e vitaminas do complexo B. O paciente foi acompanhando por um período de 60 dias, onde o pelo voltou a crescer. O tratamento foi paliativo e o prognóstico desfavorável. Quadros de debilidade crônica, manejo nutricional inadequado, parasitismo e doenças sistêmicas crônicas em equinos idosos, a D.P.I.P. sempre deve ser incluída no diagnóstico diferencial. O diagnóstico da D.P.I.P. ainda é um desafio na clínica médica de equinos, porém a associação entre apresentação clínica e exames complementares é a conduta a ser tomada para o correto diagnóstico desta endocrinopatia.

Palavras-chave: Equinos; hirsutismo; doença de cushing

154. EDEMA ÓSSEO NA SEGUNDA FALANGE EM UM EQUINO DIAGNÓSTICADO ATRAVÉS DO USO DA RESSONÂNCIA MAGNÉTICA-RELATO DE CASO

DANIEL GUSTAVO SCHAEDLER*1; VINICIUS VASCONCELLOS DA CRUZ GONÇALO1; BRUNA PATRICIA SIQUEIRA RAIMUNDO1; JULIO CESAR PAGANELA1; CARLOS EDUARDO MARTINS VEIGA1

1.HORSE CENTER, RIO DE JANEIRO, RJ, BRASIL.

e-mail:daniel.gustavo85@hotmail.com

Resumo:

O uso da ressonância magnética é um dos métodos mais modernos disponível no Brasil. As principais indicações para sua utilização no sistema locomotor são alterações do osso subcondral, desmites, edemas ósseos, lesões das cápsulas e cartilagens articulares, lesões dos tendões e ligamentos entre outras patologias. O objetivo deste trabalho e relatar o edema ósseo na segunda falange em um eqüino, que se apresentava claudicante sem qualquer alteração no exame radiográfico. Um animal da raça Mangalarga marchador, de quatro anos de idade, pesando aproximadamente 400 kg, apresentando claudicação grau III no membro torácico esquerdo, tanto em linha reta quanto no círculo à direita. No círculo à esquerda houve diminuição da claudicação para grau II. Na flexão da articulação intefalangeana distal, manifestou leve aumento da claudicação do membro torácico esquerdo. Foi realizados bloqueios anestésicos perineurais, a fim de localizar a região da claudicação. Para tanto foi utilizado 2ml de cloridrato de mepivacaína 2%, em cada ramo a ser bloqueado. No bloqueio digital palmar não houve melhora, já no bloqueio sesamóide abaxial apresentou uma melhora de 70% da claudicação. Foi então realizado o exame radiográfico da região do casco e da articulação metacarpofalangeana, que não apresentaram alterações significativas que justificassem a claudicação apresentada pelo animal. Encaminhou-se o animal para realização do exame de ressonância magnética, na clínica Horse Center, em Petrópolis, Rio de Janeiro. O exame foi realizado com o animal em estação. Inicialmente foi removida a ferradura e posteriormente realizada a sedação com xilazina 10% na dose de 1mg/kg, por via intravenosa. A manutenção da sedação foi realizada com detomidina 0,01mg/kg, por via intravenosa. Foi realizado exame utilizando a sequência padrão T1, T2*, T2 FSE, PDW, STIR, nos cortes sagitais, frontais e transversais, para assim identificar lesões aguda ou crônica. Através do exame foi identificada área hipointensa no aspecto lateral da segunda falange, nas sequências T1 e T2*, demonstrando no STIR área hiperintensa em toda a segunda falange, caracterizando assim a presença de edema ósseo severo, e alterações com processo degenerativo (osteoartrite) na articulação interfalangeana distal. As imagens da sequência T1 e T2* são utilizadas para avaliar ossos e acúmulos de líquidos. A sequência STIR é a que possibilita melhor visualização de acúmulos de fluidos, tanto em tecidos moles, como em articulações, portanto, muito importante na identificação de processos inflamatórios. Essa lesão apresentada pelo animal é uma lesão grave, após a identificação da injúria através da ressonância magnética, foi recomendado o afastamento imediato do animal das atividades físicas e repouso em cocheira durante um mês, aliado a isso foi instituído como tratamento o ferrageamento terapêutico, com retirada do excesso de pinça do casco e colocação de ferradura com pinça rolada para se tornar mais fácil a retirada do membro do solo. O tratamento sistêmico foi a base de antiinflamatório não esteroidal com fenilbutazona, uma vez ao dia durante sete dias, na dose de 4,4mg/kg por via intravenosa. Após termino do período da fenilbutazona foi indicado usar meloxicam, uma vez ao dia durante vinte e dois dias, na dose de 0,6mg/Kg por via intravenosa. Como tratamento coadjuvante foi instituído Clodronato Disódico (Osphos®), uma dose 1,8 mg/Kg, por via intramuscular e infiltração da articulação interfalangeana distal com hidrogel (Arthramid). As lesões relacionadas ao sistema musculoesquelético dos equinos na maioria das vezes são de difícil diagnóstico, o caso relatado, do edema ósseo subcondral só foi possível de ser diagnosticado devido ao exame de ressonância magnética, e após três meses do diagnóstico preciso, tratamento eficaz e período de repouso absoluto, o animal passou por uma nova avaliação e retornou normalmente as atividades esportivas.

Palavras-chave: Ressonância magnética; edema ósseo; claudicação

155. EFEITOS DA ADMINISTRAÇÃO DO PSYLLIUM NA TAXA DE ELIMINAÇÃO DA AREIA EM EQUINO ACOMETIDO POR SABLOSE

FERNANDA DE PAULA SCHMITT*1; FERNANDA DE ARAÚJO LIMA SOUSA1; CAROLINA SOARES ESPER1; ALICE RIBEIRO DE ÁVILA1; GABRIEL BARBOSA DE MELO NETO1; PEDRO HENRIQUE LEONEL FERREIRA1; EMANUEL VITOR APOLONIO1; CARLOS ALBERTO HUSSNI1; ANA LIZ GARCIA ALVES1; MARCOS JUN WATANABE1; CELSO ANTÔNIO RODRIGUES1; JULIANA DE MOURA ALONSO1

1.UNESP BOTUCATU, SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, SP, BRASIL.

e-mail:fernandadepaulaschmitt@hotmail.com

Resumo:

A cólica relacionada à areia, também conhecida como enteropatia arenosa, ou sablose, é uma enfermidade comum nos equinos mantidos em regiões de solo arenoso. O tratamento da sablose baseia-se na utilização laxantes e agentes formadores de massa fecal associados à fluidoterapia. O Psyllium e a carboximetilcelulose (CMC) são agentes formadores de massa frequentemente utilizados no tratamento, formam uma solução viscosa quando diluídos, que se adere na areia e proporciona a eliminação nas fezes. As doses preconizadas de Psyllium variam de 0,5 a 1g/Kg. Foi atendido um equino, sem raça definida, macho, de 15 anos, com mímica de dor abdominal. Foi diagnosticada compactação de cólon maior associada à sablose, através do exame físico, palpação retal, ultrassonografia abdominal e teste de sedimentação das fezes. Devido a refratariedade ao tratamento clínico, optou-se pela laparotomia exploratória, onde revelou-se a presença de compactação associada à sablose no cólon ventral e dorsal esquerdo, e nos cólons dorsal direito e transverso. Devido a presença de extensa aderência na região da flexura pélvica não foi possível realizar sua exteriorização e enterotomia para esvaziamento do conteúdo. Optou-se pela realização de enema transoperatório com massageamento do conteúdo em cólon transverso e abertura de fluxo de fezes e realização de tiflotomia para administração de 500 gramas de sulfato de magnésio associado à 50 gramas de carboximetilcelulose. Nos três dias seguintes a laparotomia foram administradas doses diárias de CMC (50 gramas diluído em 4 litros de agua morna). Apesar de o animal apresentar evolução clínica favorável com bom fluxo de defecação, a avaliação macroscópica, ultrassonográfica e radiográfica das fezes não demonstrou eliminação significativa de areia. Optou-se por administrar o Psyllium (Nutrissim- Food ingredients® 0,5 g/ Kg BID, 3 dias) via sonda nasogástrica, seguida da administração da mesma dose (0,5g/Kg) por via oral em seringa, fracionada ao longo do dia por 5 dias. As coletas e avaliações das fezes para monitorar a eliminação diária de areia por Kg de fezes foram realizadas previamente à administração do Psyllium (M0); nos 4 dias seguidos a administração (D1; D2; D3; D4); e no oitavo dia de administração (D8). A taxa de eliminação de areia foi calculada realizando-se a pesagem total de fezes e pesagem total da areia diária, e realizando-se o cálculo da proporção de areia por Kg de fezes por dia. Foram obtidos os valores de 6,15 (M0); 54,65 (D1); 46,97 (D2); 50,79 (D3); 53,59 (D4) e 47,13 (D8) g de areia/ Kg de fezes. A administração do Psyllium resultou em aumento da eliminação de areia no animal tratado, seja na dose total de 1g/Kg/dia ou 0,5g/Kg/dia via sondagem nasogástrica ou administração oral. A ingestão da areia é frequente quando o animal se alimenta em pasto rareado ou ingere água de córregos ou açudes, no presente caso o animal realizava ingestão de água em açude e apresentava o costume de patear o solo previamente a ingestão, o que resultava em flutuação da areia contida no fundo do açude. A areia na luz entérica agride a mucosa, altera motilidade, e pode resultar em compactação ou diarreia. No animal em questão constatou-se a presença de grande quantidade de areia ao raio-x e laparotomia, resultando na obstrução intestinal. Os métodos de diagnóstico utilizados para a identificação de sablose incluem palpação retal, exame radiográfico, ultrassonografia e avaliação das fezes. Foi possível associar os métodos para avaliar não somente a presença da areia, como também sua quantificação. São necessários estudos controlados para avaliar os efeitos do Psyllium e CMC em equinos, apesar de os resultados serem controversos na literatura, o presente estudo demonstrou efetividade do Psyllium para eliminação de areia.

Palavras chave: radiografia abdominal, carboximetilcelulose, areia, cavalos

156. EMPREGO DO PLASMA RICO EM PLAQUETAS ASSOCIADO AO CREME DE BASE NEUTRA NA CICATRIZAÇÃO DE FERIDA EM EQUINO

THAIS AKELLI SANCHEZ KOVACS*1; ISABELLE SMANIOTTO COMPAGNONI1; GABRIELA SCHUAB MOREIRA1; MARIA PAULA ZERBINATTI BINI1; ISABELA CARDOSO FONSECA VIEIRA1; MAX GIMENEZ RIBEIRO1

1.UEM, UMUARAMA, PR, BRASIL.

e-mail:thais.ask@hotmail.com

Resumo:

As alterações de integridade anatômica da pele, seja intencional ou acidental, são denominadas feridas, ocorrendo

comumente na clínica médica de equinos. Sua etiologia esta relacionada a fatores intrínsecos, como o comportamento, a genética e a modalidade esportiva, bem como a fatores extrínsecos, como as instalações inadequadas para equinocultura. A cicatrização das feridas por primeira intenção é a melhor forma de cicatrização, entretanto, feridas profundas e amplas não permitem esta aposição dos bordos da lesão, necessitando de uma cicatrização por segunda intenção. Todavia, esta cicatrização ocorre de maneira lenta, frente à baixa taxa de epitelização, ao dano vascular e da matriz celular. Assim, o emprego de terapias alternativas como o plasma rico em plaquetas (PRP) tornam - se eficientes na cicatrização de feridas em equinos. A obtenção do PRP é simples, sendo obtido a partir do sangue total, mas sua característica final é líquida, dificultando sua aplicação tópica na ferida, principalmente nas regiões de membros dos equinos. Diante do exposto, o presente trabalho tem por objetivo descrever o emprego do PRP associado ao creme de base neutra na cicatrização de ferida em equino. Foi atendido no Hospital Veterinário da Universidade Estadual de Maringá – UEM, Umuarama – Paraná, uma paciente da espécie equina, fêmea, da raça quarto de milha, de sete anos de idade, pesando 436 kg, atleta da modalidade "laço comprido", com histórico de lesão cutânea traumática na região distal de metatarso no membro posterior esquerdo com laceração de tendão extensor digital longo, há aproximadamente quinze horas. Durante o exame físico, foi observado claudicação em grau 4 (0-5) com incapacidade de estender o membro acometido e relutância em se movimentar. Ao exame clínico, foram observadas alterações de frequências cardíaca e respiratória, sendo 48 batimentos por minuto e 28 movimentos por minuto, respectivamente. Ao exame da região lesionada, foi observada laceração completa de tendão extensor digital longo, com lesão completa de tecidos adjacentes e laterais, bem como exposição óssea. Como protocolo inicial de tratamento foi prescrito a sutura do tendão em questão, bem como sutura de pele. Todavia, frente à má qualidade dos mesmos, resultou em deiscência das suturas, sendo assim, iniciado uma cicatrização por segunda intenção. Dessa forma, foi prescrito tratamento sistêmico a base de fenilbutazona (4.4mg/kg, IV, SID, durante 7 dias), omeprazol (2mg/kg, VO, SID, durante 10 dias) e farmacopuntura com flunixin meglumine (0,27 mg/kg, SID) no acuponto Vaso Governador -1, bem como foi empregada à aplicação de PRP associado ao creme de base neutra. Para a obtenção do PRP foram coletadas 60 mL de sangue por venopunção de jugular direita, acondicionado em tubos com citrato de sódio 3,2 %, seguidos de três centrifugações a 2500 rotações por minutos. Após a obtenção do PRP o mesmo foi misturado em 30 gramas de creme de base neutra. Assim, após a limpeza da ferida cutânea com clorexidine degermante e solução fisiológica 0,9%, esta mistura foi administrada topicamente por toda a ferida, colocando, posteriormente, uma camada de gaze e duas camadas de algodão ortopédico e finalizando com atadura. A paciente recebeu alta médica após 56 dias. O emprego do PRP apresentou diminuição do tempo de cicatrização, uma vez que, as plaquetas sofrem degranulação nos sítios de lesão liberando os fatores de crescimento, atuando na modulação e aceleração dos processos cicatriciais, bem como, apresentou efeitos angiogênico e mitogênico. A associação do PRP ao creme de base neutra permitiu uma maior facilidade de aplicação e adesão de maneira uniforme, permitindo que os efeitos benéficos à cicatrização fossem dispostos de maneira homogenia, resultando na formação de um tecido de granulação equilibrado reduzindo o tempo cicatricial. Dessa forma, é possível concluir que o emprego do PRP associado ao creme de base neutra foi eficiente na cicatrização de ferida em equino.

Palavras-chave: Lesão; prp; segunda intenção

157. ENCARCERAMENTO DE JEJUNO POR BANDA MESODIVERTICULAR SEGUIDA POR DESLOCAMENTO DE CÓLON A DIREITA -RELATO DE CASO

MILENA DOMINGUES LACERENZA*1

1.USP-FZEA, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL.

e-mail:mi_lacerenza@hotmail.com

Resumo:

No início do desenvolvimento embrionário, o saco vitelínico e o intestino são ligados por um ducto que é perdido na vida adulta, dando origem ao divertículo de Meckel. Próximos a esse ducto encontra -se artéria vitelínica, que quando não regride normalmente dá origem à banda mesodiverticular. Essa banda se estende a partir da artéria

mesentérica caudal para o lado antimesentérico do intestino ou o local do divertículo de Meckel. A banda está normalmente localizada no jejuno distal, cerca de 1,5 m da junção ileocecal. O triângulo formado pela banda pode levar ao estrangulamento do intestino delgado e, às vezes, pode resultar vólvulos secundários. O encurtamento do mesentério pela banda mesodiverticular no ponto de ligação pode ser encontrado como um achado incidental, embora seja uma anomalia congênita. O objetivo deste trabalho é relatar um caso de abdômen agudo em um equino cuja causa foi a presença da banda mesodiverticular. Foi atendido na Unidade Didático Clínico Hospitalar (UDCH), FZEA/USP, um equino, macho, puro sangue árabe, 9 anos de idade, alimentado com feno pré-secado e ração comercial, 370 kg, que apresentou um quadro de abdômen agudo após exercício de equitação. Foram realizadas sondagem nasogástrica, fluidoterapia e administração de flunixin meglumine 1,1 mg/kg por médico veterinário e, no dia seguinte, por persistência da dor, o animal foi encaminhado à UDCH. Após sondagem nasogástrica foi verificado refluxo espontâneo de 10 L, sanguinolento e fétido. Durante palpação retal foi observada presença de alças intestinais distendidas por gás, com alteração de posicionamento da flexura pélvica. O líquido peritoneal apresentava-se sanguinolento e o exame ultrassonográfico revelou presença de cólon na janela de observação de fígado e duodeno. O animal foi encaminhado para laparotomia exploratória, quando se observou o colón ventral bastante distendido por gás. Verificou-se deslocamento à direita de cólon e ausência de ceco em sua posição anatômica. Foi necessária a realização da enterotomia na flexura pélvica para retirada de conteúdo compactado. Após esvaziamento do cólon, foi possível visualizar e reposicionar o ceco, que se apresentava deslocado, sob o cólon direito. Durante a exploração de intestino delgado encontrou-se, em jejuno, a banda mesodiverticular, ou seja, uma porção de jejuno elevada por um tecido de mesentério localizado na borda antimesentérica. Como o jejuno apresentava sinais de inflamação por distensão, a banda mesodiverticular foi seccionada ao meio e suas extremidades suturadas no próprio mesentério do jejuno. Acredita-se que o desconforto gerado pela presença da banda mesodiverticular em jejuno seja responsável pelo deslocamento de cólon à direita, causado, provavelmente, por rolamento do animal com dor. Reposicionados os segmentos intestinais, foi realizada sutura da linha alba, padrão de sutura sultan, fio de náilon 0,60 mm, subcutâneo com padrão de sutura Cushing, fio poligalactina 910 , nº1 e pele, padrão Wolff, fio de náilon 0,60 mm. Foi realizado no período pós-operatório antibioticoterapia com penicilina potássica 25.000 UI/kg, IV, QID, durante 7 dias, gentamicina 6,6 mg/kg, IV, SID, durante 5 dias e metronidazol 20mg/Kg,oral,TID, durante 10 dias; DMSO 0,3 mg/Kg, IV, BID, durante 3 dias; flunixin meglumine 0,25 mg/kg, IV, QID, durante 3 dias, ranitidina 6,6 mg/kg, IV, TID, durante 3 dias e omeprazol 4 mg/Kg, oral, durante 10 dias, além de curativos diários na ferida cirúrgica. O animal apresentou completa recuperação das funções digestórias e fisiológicas, remoção dos pontos com 10 dias e retornou às atividades de rotina após 120 dias, com atividade de hipismo clássico.

Palavras-chave: Abdômen agudo; divertículo; intestino delgado

158. ENCARCERAMENTO GASTROESPLÊNICO EM EQUINO: RELATO DE CASO

MARISA MARTIRE PELLEGRINI*1; PAOLO NEANDRO BONA SOARES1; FERNANDA ROMERO NAVAS1; THAMYRES SANTOS SILVA1; CAMILA MOURA DA SILVA1; AYMARA EDUARDA DE LIMA1; NEIMAR VANDERLEI RONCATI1; ANGELICA TRAZZI BENTO DE MORAES1

1.UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI, SAO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:marisa.pellegrini@gmail.com

Resumo:

O encarceramento gastroesplênico é considerado uma causa incomum de síndrome cólica, onde uma alça, geralmente um segmento de intestino delgado, aprisiona-se em uma falha no ligamento gastroesplênico, levando o animal a episódios de dores abdominais intensas e desconforto. O diagnóstico é dificultoso, pois não existem achados no pré-operatório que caracterizem esta afecção, sendo na maioria das vezes um achado durante a celiotomia exploratória ou necropsia. Uma égua, 18 anos, da raça Brasileiro de Hipismo, deu entrada ao Hospital Veterinário com sinais de síndrome cólica. Ao exame físico o animal apresentava taquicardia e hipomotilidade intestinal. Após a sondagem nasogástrica foi obtido um litro de refluxo de coloração amarelada. A paracentese foi improdutiva. À

palpação transretal foi identificado intestino delgado distendido. Na ultrassonografia foram encontradas alças de intestino delgado distendidas e com espessura normal da parede. Foi realizado fluidoterapia contendo Buscofin® (0,3 mg/kg, IV), Lidocaína 2% (1,3 mg/kg bolus e 0,5 mg/kg manutenção, IV) e Gluconato de Cálcio (120 ml, BID, IV) diluídos em solução de ringer lactato. Devido à persistência da dor, o animal foi encaminhado a celiotomia exploratória, onde foi identificado um segmento de aproximadamente 25 centímetros do íleo encarcerado em um esgarçamento no ligamento gastroesplênico, que foi ampliado mais um centímetro para remoção da alça. Uma vez desfeito o encarceramento, foi possível observar que a alça apresentava-se fria, enegrecida, com parede espessa e sem motilidade, sendo assim, realizou-se enterectomia e enteroanastomose jejuno-ilíaca término-terminal. O padrão de sutura utilizado foi simples contínuo na camada de mucosa e invaginante cushing na camada seromuscular. O mesentério foi suturado no padrão simples contínuo. O fio utilizado para ambos os procedimentos foi Vicryl 2-0®. Fixou-se uma sonda nº 18 para lavagem peritoneal (duas vezes ao dia com quatro litros de solução de ringer lactato). Instituiu-se como terapia medicamentosa pós-cirúrgica Flunixin Meglumine (1,1 mg/kg, BID, IV), Metronidazol (20 mg/kg, BID, IV), Ceftiofur (4,4 mg/kg, BID, IM), Heparina (100.000 UI, TID, SC por quatro dias reduzindo para 60.000 UI, BID, SC por cinco dias), DMSO (1 g/kg, BID, IV), Lidocaína 2% e Gluconato de Cálcio. No pós-operatório o animal apresentou refluxo gástrico, e devido a isso, administrou-se Cloridrato de Metoclopramida (0,25 mg/kg, IM a cada duas horas) e Ioimbina (0,75 mg/kg, IM, a cada duas horas). Após quatro dias o animal apresentou quadros de diarreia e voltou a apresentar desconforto que persistia mesmo com a administração de opioides, sendo encaminhado à segunda celiotomia, onde se observou um deslocamento cranial da flexura pélvica, aderência na região de jejuno e um coágulo de cerca de 10 centímetros de diâmetro no mesentério no local onde foi realizada a anastomose jejuno-ilíaca. Após o reposicionamento, a remoção do coágulo seguida de hemostasia e adesiólise, realizou-se o fechamento da cavidade. Administrou-se Flunixin Meglumine na dose anti toxêmica (0,25 mg/kg, QID, IM), Gluconato de Cálcio, Lidocaína 2% bolus e manutenção, Heparina (60.000 UI, BID, SC), Cetamina (0,3 mg/kg, BID, IM), Cetoprofeno (2,2 mg/kg, SID, IV) e Cloridrato de Tramadol (2 mg/kg, IM, BID). Como antibioticoterapia houve a substituição do Metronidazol e Ceftiofur por Enrofloxacina (7,5 mg/kg, SID, IV). Não havendo evolução no quadro, optou-se assim pela eutanásia. É descrito na literatura que equinos com encarceramento gastroesplênico tem obtido melhor prognóstico do que equinos com outras lesões estrangulantes, diferente do que vimos no presente relato, onde não houve evolução positiva. No entanto, há poucos casos relatados, dificultando o desenvolvimento de critérios precisos e confiáveis ao determinar o verdadeiro prognóstico.

Palavras-chave: Equino; enterectomia; estrangulativa

159. ENTEROTOMIA EM CÓLON DORSAL DIREITO PARA A DESOBSTRUÇÃO DE CÓLON TRAVERSO EM ÉGUA

FREDERICO ROCHA DE OLIVEIRA*1; THAIQUE IGOR BASTIANINI1; JOÃO CARLOS RIBEIRO1; LUCAS DE FREITAS PEREIRA1; VITOR FORONI CASAS1

1.UNIVERSIDADE DE FRANCA, FRANCA, SP, BRASIL.

e-mail:juliafunchal98@hotmail.com

Resumo:

Dentre as principais causas de encaminhamentos de equídeos para hospitais veterinários de todo o mundo destacam-se os quadros de Síndrome do Abdome Agudo, ocasionado por diversos fatores, no entanto, as causas mais comuns são por manejo inadequado da alimentação, uso excessivo de fármacos e o estresse que muitas das vezes causam estereotipias de modo a ingerir corpos estranhos. Uma das consequências mais graves desses casos são as obstruções intestinais sendo elas parciais ou totais, com ou sem o comprometimento da irrigação sanguínea causado pelo acumulo de gases, líquidos e sólidos. Este trabalho tem o objetivo de descrever um acesso alternativo para admissão do cólon transverso nos casos de obstruções. Uma égua Quarto de Milha de 6 anos, foi atendida no Hospital Veterinário da Universidade de Franca com quadro de cólica, o proprietário relata que a alguns dias o animal vinha ingerindo material presente na cama de sua baia. Durante o exame físico denotou-se

intenso desconforto abdominal acompanhado de taquicardia, taquipneia, mucosas congestas e na palpação retal diagnosticou-se compactação em cólon transverso. Neste momento determinou-se o tratamento cirúrgico utilizando o protocolo anestésico com acepromazina 1% (0,01mg/kg/iv), detomidina 1% (0,005mg/kg/iv), éter gliceril guaiacol 10%(100mg/kg/iv) e isofluorano (1,55 cam), o animal foi posicionado em decúbito dorsal, logo em seguida realizou-se a tricotomia e higienização da região abdominal ventral com compostos de clorexidine 1% . Ao adentrarem a cavidade, os cirurgiões perceberam que não haveria êxito se realizasse a enterotomia no cólon transverso, devido a grande quantidade de pedra brita e areia em seu lúmen. Então procedeu-se uma incisão de 5 centímetros na borda anti-mesenterica do cólon dorsal direito, tornando-se possível acessar manualmente a compactação, para dar início a desobstrução do seguimento, um dos volantes foi intitulado operador, pois, o comprimento do seu braço era inferior ao diâmetro da luz intestinal, minimizando danos a mucosa do órgão ao término do procedimento a equipe recuperou 3 quilogramas de pedra brita e areia. Normalmente compactações e fecalomas se formam no cólon transverso em decorrência do seu estreitamento, porém, logo após a enterotomia da flexura pélvica juntamente com infusão de água os fecaloma são removidos, no entanto, neste caso está opção se tornou inviável em decorrência da quantidade excessiva do conteúdo pesado no qual não fluía com a pressão da água. Este método alternativo de cirurgia mostrou-se potencialmente efetivo e promissor, porém, exige uma atenção maior para não ocorrer a contaminação da cavidade.

Palavras-chave: Cólica; decúbito dorsal,equídeos; sablose

160. EPIDIDIMITE E ORQUITE SECUNDÁRIAS À VESICULITE SEMINAL POR PSEUDOMONAS FLUORESCENS EM GARANHÃO: RELATO DE CASO

VERÔNICA FLORES DA CUNHA SCHEEREN*1; ERIKY AKIO TONGU1; THAÍS MENDES SANCHES CAVALERO1; MARIANA LUIZA MEZZENA GOBATO1; RAFAEL DOS SANTOS BANDEIRA1; FERNANDO P LISBOA1; PATRICIA M PAPA1; LUCAS EMANUEL FERREIRA CANUTO1; LUCAS TRONCARELLI RODRIGUES1; FREDERICO OZANAM PAPA1

1.FMVZ - UNESP - BOTUCATU/SP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:veronica_fcs@hotmail.com

Resumo:

A vesiculite seminal é a inflamação difusa de uma ou ambas as vesículas seminais, que levam à diminuição da qualidade do sêmen bem como o risco de contaminação das éguas quando se utiliza este ejaculado. O prognóstico desta enfermidade é reservado devido à ineficiência dos tratamentos antimicrobianos, altas taxas de recorrência e risco de contaminação ascendente, culminando em ampulite, epididimite, orquite e/ou periorquite. O objetivo deste trabalho é relatar o caso de um garanhão com epididimite e orquite secundárias a vesiculite seminal crônica. Um garanhão da raça Paint Horse,de 18 anos, foi atendido pela FMVZ–Unesp/Botucatu, encaminhado com histórico de vesiculite seminal crônica por Pseudomonas spp. há 4 anos. Há 40 dias o animal apresentou hemospermia associada a piospermia, aumento de volume testicular direito, queda na qualidade seminal e febre. Neste período, foi instituído o tratamento com ducha na bolsa escrotal duas vezes ao dia, solução à 10% de DMSO (1g/kgIVsid) por 3 dias e sulfato de amicacina (10mg/kgIMsid) por 30 dias, com base no antibiograma. O garanhão começou a apresentar dor durante as coletas de sêmen, as quais foram interrompidas para realização do tratamento. Foi procedido exame andrológico completo, no qual se confirmou assimetria testicular, tendo o testículo esquerdo 8x4,5x5cm e o testículo direito 9x7x7cm. Ambos estavam em posição horizontal na bolsa, porém o testículo direito apresentava a porção cranial com consistência fibroelástica e a porção caudal muito firme, assim como o epidídimo ipsilateral. Também foram observadas sensibilidade dolorosa a palpação e aderência à bolsa escrotal. No exame ultrassonográfico, visualizou-se uma área perda do parênquima testicular direito na porção médio-caudal, e hiperecogenicidade do epidídimo ipsilateral. Foi realizada a coleta de sêmen por vagina artificial, e obteve-se um ejaculado com volume total de 50mL, coloração amarelada, aspecto purulento e concentração de 20x106sptz/mL. A cinética espermática foi avaliada por método computadorizado(CASA), onde os valores foram de 16% para motilidade total, 7% para motilidade progressiva e 11% de rápidos. Na morfologia espermática constatou-se 90%

de defeitos totais, sendo 80% de defeitos maiores e 10% de defeitos menores. Após a coleta de sêmen, foi realizada a endoscopia das vesículas seminais, observando um grande acúmulo de conteúdo purulento no seu interior. Uma nova cultura e antibiograma foram realizados a partir de amostras do sêmen e do lavado das vesículas, com crescimento de Pseudomonas fluorescens e sensibilidade à amicacina, enrofloxacina, gentamicina e levofloxacina. Baseado nos resultados obtidos confirmou-se a epididimite e orquite secundárias a vesiculite seminal. Foi instituída a antibioticoterapia com sulfato de gentamicina (6,6mg/kgIVsid) associada a enrofloxacina (5mg/kgIM sid) por 20 dias. Também foi recomendada a administração de GnRH sintético (0,05mg/kgsid)(GestranPlus, AgenerUnião, São Paulo, Brasil), suplementação com polivitamínico (BotuMix Garanhão Plus, Botupharma, Botucatu, Brasil) e pentoxifilina (6,6gVOsid). Indicou-se manter um regime de coleta de sêmen duas vezes por semana para eliminação do conteúdo presente nas vesículas seminais.Após 30 dias do início do tratamento, foi relatado que o aumento de volume testicular, dor a palpação e aderência à bolsa escrotal do testículo direito haviam desaparecido. O garanhão não apresentou mais febre nem hemospermia, porém a piospermia persistiu, provavelmente em decorrência da vesiculite seminal. Portanto, o desenvolvimento de epididimite associada ou não à orquite podem estar associados à vesiculite seminal, já que esta é uma enfermidade de difícil tratamento na espécie equina. Quando diagnosticado, deve-se instituir o tratamento brevemente, pois em alguns casos pode haver a inflamação de ambos os testículos, afetando negativamente na qualidade espermática, além do que o sêmen ser um veículo de contaminação para as éguas.

Palavras-chave: Equino; inflamação; testículo

161. ESOFAGOSTOMIA EM EQUINO EM ESTAÇÃO - RELATO DE CASO

FERNANDA DE ALMEIDA TEIXEIRA*1; ANDERSON LUIZ ARAUJO2; GUSTAVO LUIZ ADAM3; KISSYLA DIAS BARCELOS1; KARINA DE AMORIM VIANA1; DHIENIFER OTT BARCELOS1

1.ESFA, SANTA TERESA, ES, BRASIL; 2.UFBA, SALVADOR, BA, BRASIL; 3.AUTÔNOMO, VITÓRIA, ES, BRASIL.

e-mail:fateixeira82@hotmail.com

Resumo:

A obstrução esofagica é uma urgência na clínica de equinos. Muitas vezes, requer tratamento cirúrgico devido ao tempo de evolução e complicações associadas à afecção, como desidratação, anorexia por incapacidade de transito do alimento, debilidade fisica, além de necrose local. Foi atendido a campo um equino adulto, macho, castrado. Segundo relato do propietario o animal tem acesso a um pomar com diversas mangueiras. Ele relata ainda que a aproximadamente cinco dias o animal apresentou uma secreção nasal esverdeada, associada a alimentação, e extravasamento de água pelas narinas e boca quando o mesmo tentava ingerir. No exame físico foi observado a presença de ptialismo, secreção de conteúdo alimentar das narinas. Presença de aumento de volume no terço proximal do pescoço, hipomotilidade intestinal, mucosas ressecadas, roseas, tempo de preenchimento capilar (TPC) de quatro segundos, Turgor cutaneo (TC) quatro segundos, temperatura retal, frequencia cardica e respiratoria dentro dos limites de normalidade da espécie. Na avaliação indireta do esôfago através da sondagem nasogastrica foi observado a incapacidade de passagem da mesma pela área de aumento de volume e obstrução esofágica. Foi realizado então o exame radiográfico simples, projeção latero - lateral, onde foi possível visualizar o ponto exato da obstrução. Apos a confirmação do diagnóstico pelo exame de imagem foi optado a realização da esofagostomia com o animal em estação. Onde foi realizado a preparação cirúrgica da região, bloqueio anestésico local em L invertido, com solução de lidocína 2% e a sedação do animal com cloridrato de detomidina pela via intravenosa na dose de 0,04 mg/kg. Foi realizada uma incisão de pele de aproximadamente oito centimetros no terço proximal do pescoço, dorsal a veia jugular e imediatamente caudal ao aumento de volume. Com auxilio de uma tesoura metzenbaum, foi realizada a divulsão romba, em busca do tubo esofágico, tomando cuidado com o nervo laringeo recorrente, veia jugular e artéria carótida. Após a identificação do esôfago, foi feito a fixação do mesmo com auxilio de pinças allis e realizada uma incisão caudal a área obstruida de aproximadamente seis centímetros. Em seguido com auxilio de uma pinça kocher foi realizada a tração das fibras provenientes da fruta, com o objetivo de reduzir

o tamanho da estrutura total, e após a remoção da semente. Foi então realizado a lavagem local com solução de ringer lactato acrescida de clorexidina dergemante e o fechamento do esôfago com fio de poligalactina 910 numero 2-0 em padrão swift. Redução do espaço subcutaneo com o mesmo fio em padrão simples continuo e o fechamento da pele com fio de nylon numero 0 em padrão wolf interrompido. O pós operatorio consistui da utilização de fluidoterapia com ringer lactato, antibioticoterapia com ceftiofur sodico 2 mg/kg durante sete dias e terapia anti-inflamatória com meloxican 2% 0,6 mg/kg durante cinco dias. Realização de curativo diário da ferida, e ingestão de água controlada, associada a dieta liquefeita e controlada. Apesar de a esofagostomia ser uma técnica que possui diversas complicações no transcirurgico e no pós, e ser uma afecção de prognóstico desfavorável pelo tempo de evolução e demora no propietario em buscar atendimento médico veterinário o caso evoluiu de maneira positiva. A utilização do exame radiográfico foi de suma importância na eficácia do procedimento por permitir a localização precisa da obstrução.

Palavras-chave: Esofagostomia; obstruçao; cavalos

162. ESTENOSE PULMONAR EM POTRO NEONATO: RELATO DE CASO

ANA LUÍSA HOLANDA DE ALBUQUERQUE*1; AMANDA SARITA CRUZ1; SIMONE BIAGIO CHIACCHIO1; MARIA LÚCIA GOMES LOURENÇO1; ALEXANDRE SECORUN BORGES1; RAISSA KAROLLINY SALGUEIRO CRUZ1; NOEME SOUSA ROCHA1; CAIO FERNANDO MONTEIRO GIMENEZ1; HELENA MARIA KIEL FRANCISCO PETILLO1

1.UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:luisahdealbuquerque@gmail.com

Resumo:

As malformações cardiovasculares são definidas por anomalias morfológicas funcionais e de grandes vasos presentes ao nascimento. Representam causa importante de morbimortalidade no período neonatal em humanos, porém são raramente descritas em potros neonatos. A estenose pulmonar (EP) caracteriza-se por lesões morfológicas, incluindo hipoplasia do aparato valvar, espessamento dos folhetos, separação incompleta comissural dos folhetos e assimetria. O objetivo do presente resumo é relatar um caso de estenose pulmonar, com os achados clínicos, laboratoriais, eletrocardiográficos e ecocardiográficos em uma potra. Foi encaminhado para o Hospital Veterinário da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia – UNESP – Botucatu, um equino, fêmea, neonato (12 horas de vida), Mangalarga Paulista, 30 kg, com queixa de deformidades flexoras, que a impedia de se manter em estação. Ao exame físico as mucosas estavam róseas, linfonodos não reativos, desidratação 7%, tempo de preenchimento capilar (TPC) de quatro segundos, taquicardia (240 batimentos por minuto - bpm), taquipnéia (62 movimentos por minuto - mpm), e temperatura de 37,8ºC. À auscultação cardíaca verificou-se sopro holossistólico com presença de frêmito (grau V/VI) e à auscultação pulmonar crepitação fina na região traqueobrônquica. Foram realizados como exames complementares hemograma, hemogasometria, eletrocardiograma (ECG) e ecodopplercardiograma. Ao hemograma foi observado hematócrito 24%, leucopenia (4,6 x 103 /µL; referência potros de 12 horas 8,2-9,4 x 103 /µL) e hipoglicemia (60 mg/dL; referência para potros 76-131 mg/dL). Ao ECG o ritmo predominante foi taquicardia sinusal (FC = 122 bpm), sendo que os parâmetros eletrocardiográficos apresentavam-se dentro da referência descrita para a faixa etária, exceto pela amplitude da onda T (0,71 mV), superior a ¼ da onda R (0,39 mV; amplitude onda R < 1,5 mV), sugestivo de hipóxia do miocárdio e/ou desequilíbrio hidroeletrolítico. Ao exame ecodopplercardiográfico, em modo M, modo B e Doppler, a avaliação subjetiva demonstrou espessamento, fusão das cúspides da valva pulmonar (velocidade fluxo sanguíneo artéria pulmonar = 248,8 cm/s, gradiente de pressão = 24,8 mmHg) malformada e dilatação, sugerindo estenose pulmonar, hipertrofia de ventrículo direito e septo interventricular. O animal apresentou piora do quadro clínico havendo dispnéia, crepitação à auscultação, sugestivo de edema pulmonar. Foi realizado terapia com furosemida 0,25 mg/kg, IV, tratamento suporte com fluidoterapia Ringer Simples, adicionando-se glicose à 5%, ceftiofur, 5 mg/kg, IV, e oxigenoterapia. O diagnóstico foi de estenose pulmonar, havendo insuficiência tricúspide, dilatação da artéria pulmonar e hipoplasia de ânulo valvar. O animal veio a óbito e os achados do exame necroscópico foram compatíveis com os achados do exame ecodopplercardiográfico.

Doenças cardíacas congênitas são raramente descritas em potros. O diagnóstico precoce deve ser realizado, uma vez que quando identificadas na fase adulta, as cardiopatias congênitas podem acarretar em queda significativa da performance em animais atletas.

Palavras-chave: Estenose; congenita; equino

163. ESTUDO DA RETENÇÃO DE MECÔNIO POR ESTREITAMENTO DE PELVE EM POTRO MACHO DA RAÇA AMERICAN TROTTER – RELATO DE CASO

SAMANTHA CRISTINA LUCCA*1; NATHÁLIA CORNÉLIO ALBINATI1; RENAN GRIGOLETTO1; AMANDA RIBEIRO1; LUCIANO HENRIQUE TONON1

1.UNIFEOB, SÃO JOÃO DA BOA VISTA, SP, BRASIL.

e-mail:samantha_lucca@hotmail.com

Resumo:

Os distúrbios gastrointestinais são comuns em potros, sendo esses os principais responsáveis pelas dores abdominais agudas nestes animais. A retenção de mecônio é a causa mais comum de síndrome cólica em neonatos, responsável por 0,8% de todos os casos de cólica equina, com uma taxa de mortalidade de 15,2%. A retenção de mecônio também pode ocorrer devido à consequência do estreitamento pélvico que acomete os potros do sexo masculino. O objetivo deste trabalho é relatar um caso de retenção de mecônio por estreitamento de pelve em um potro macho. Deu entrada ao Hospital Veterinário Vicente Borelli da Fundação de Ensino Octávio Bastos- UNIFEOB (HOVET), no dia 27 de fevereiro de 2018, um potro macho de dois dias de idade, da raça American Trotter, pesando 50kg, com a suspeita clínica de retenção de mecônio com evolução de 24 horas. Na anamnese foi relatado que o animal passou por um primeiro atendimento veterinário na propriedade de origem, onde foi realizado um exame clínico e possível diagnóstico de retenção de mecônio. Na propriedade, foi administrado enemas, porém não houve resposta ao tratamento e o animal foi encaminhado para o HOVET. No exame clínico, o potro apresentou - FC de 128 btm, FR de 36 rpm, temperatura corporal de 38,7 °C, mucosas levemente congestas e motilidade intestinal dentro dos parâmetros de normalidade. Na palpação digital do reto, observou-se a presença de cíbalas compactadas cranialmente ao assoalho pélvico. Como exames complementares, realizou-se hemograma e perfil bioquímico. Na tentativa de um tratamento clínico, administrou-se três enemas a base de Acetilcisteína (6 gramas), água (160Ml) e bicarbonato (20 gramas), com um intervalo de duas horas de cada aplicação, fluidoterapia a base de ringer com lactato e Flunixin meglumine (1.1mg/kg) como terapia medicamentosa. Não houve respostas ao tratamento clínico e o animal foi indicado para o procedimento de laparotomia exploratória. No procedimento cirúrgico, foi realizado uma incisão na linha alba, a fim de obter acesso a impactação. Observou-se um estreitamento da pelve, um conteúdo obstruído no colón menor, região a qual não é possível a exteriorização. O paciente manteve os sinais clínicos dentro do parâmetro de normalidade de potros de até uma semana de vida e após 72 horas de pós-operatório, houve um aumento na creatinina sérica. O animal foi submetido a fluidoterapia intensiva e após 24 horas, notou-se que o mesmo estava eliminando urina via umbigo e houve um aumento drástico na creatinina sérica e diminuição na AST. Houve um aumento na FC e FR, as mucosas começaram a ficar congestas, evoluíram para ictéricas, o abdômen começou a ficar abaulado e na palpação abdominal, verificava-se líquido livre na cavidade abdominal. Após o procedimento de paracentese e avaliação da creatinina presente no líquido peritoneal, diagnosticando-se uroperitôneo. O tutor do animal não autorizou o procedimento de laparotomia exploratória e o animal foi submetido a eutanásia. Foi administrado 10 ml de Xilazina e 2 ml de Diazepan sendo ambos para a sedação e um frasco de Tiopental 10g dissolvidos em 60 ml, administrados via intravenosa e Lidocaína intratecal. A garantia de uma boa ingestão de colostro, possui efeito significativo de laxante e com exceção da síndrome de estreitamento pélvico, o mecônio pode ser eliminado na ingestão de colostro, garantindo um bom estado nutricional e imunológico, tendo assim juntos um benefício significativo em todos os potros. A responsabilidade da Medicina Veterinária Equina Neonatal, visa realizar medidas profiláticas e curativas, estabelecendo diagnóstico precoce e o melhor tratamento da retenção de mecônio no alívio da dor e bem estar animal, assim proporcionando para o neonato, um crescimento saudável e longevidade

de sua vida adulta.

Palavras-chave: Retenção de mecônio ; estreitamento de pelve ; potros

164. EVOLUÇÃO CLÍNICA DE PROLAPSO RETAL EM EQUINO: RELATO DE CASO

FERNANDA AUGUSTA DE OLIVEIRA SILVA*1; BRENDA MATOS FERNANDES1; KAMILA PINHEIRO PAIM1; FRANCISCO CLAUDIO DANTAS MOTA1; DIEGO JOSE ZANZARINI DELFIOL1; GEISON MOREL NOGUEIRA1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, UBERLANDIA, MG, BRASIL.

e-mail:fer.aos@hotmail.com

Resumo:

O prolapso retal é uma condição onde há a protrusão do reto pelo canal anal, podendo ser parcial ou completo. De acordo com o grau de severidade é classificado em: tipo I, com envolvimento apenas da mucosa e submucosa retais, surgindo como uma protuberância edemaciada; tipo II, chamado de completo, pois envolve toda a parede retal, sendo a porção ventral do tecido prolapsado mais espessa que a dorsal; tipo III, incluindo o reto peritoneal invaginado ou cólon menor; tipo IV, onde o reto peritoneal e um comprimento variável do cólon menor formam uma intussuscepção através do ânus. Em equinos ocorre com maior frequência em fêmeas, sendo as principais causas: diarréias, distocias, parasitismo intestinal, cólica, proctite, tumor retal e corpo estranho. Com este relato, objetivou-se descrever a ocorrência e a evolução clínica de um prolapso retal tipo I, em um equino macho. Foi atendido no HV-UFU, um equino macho castrado, 12 anos, sem raça definida, 370 kg, com histórico de exposição da mucosa retal há 8 horas, além de episódio de diarréia e desconforto abdominal há aproximadamente 16 horas. O animal era mantido em ambiente com terra e se alimentava de milho, farelo de trigo e palha. À inspeção, apresentou prolapso tipo I, com exposição de segmento de aproximadamente 8 cm de mucosa e submucosa, de coloração rósea, sem solução de continuidade e presença de tenesmo. A ausculta abdominal havia motilidade normal nos quatro quadrantes intestinais. Foram solicitados hemograma e coproparasitológico, sendo observados anemia normocítica normocrômica e leucocitose por neutrofilia, com resultado negativo para OPG. A partir do teste de sedimentação das fezes, foi encontrado quantidade significativa de areia, havendo preenchimento de todos os dedos da luva, conduzindo a suspeita de sablose. Administrou-se via sonda nasogástrica dois litros de óleo mineral, como laxativo lubrificante e dexametasona (0,1 mg/kg), IV, SID, 5 dias. Após a realização do bloqueio epidural com lidocaína 2%, sem vasoconstrictor, foram procedidas a higienização do segmento prolapsado e aplicação de compressa com gelo, para reposicionamento do órgão. Realizada a redução mecânica, foi aplicado pomada a base de triancinolona acetonida local. A manobra de redução ocorreu com facilidade, contudo, houve recidiva no mesmo dia, repetindo-se a condição por mais 6 vezes, neste mesmo período. Foi então instituída redução com sutura de retenção, utilizando-se a técnica da bolsa de tabaco, com fio de náilon 0,60 estéril aplicado em toda circunferência anal, penetrando em pele e subcutâneo, deixando aproximadamente 6,0 cm de relaxamento, para defecação. Foram administrados: penicilina benzatina (40.000 UI/kg), IM, em intervalos de 48 horas, 4 aplicações; soro antitetânico 10.000 UI/DT, IM; flunixin meglumine (1,1 mg/kg), IV, SID, 5 dias e omeprazol (4,0 mg/kg), VO, SID, 5 dias. Após 24 horas a sutura foi removida em função de retenção fecal na ampola e desconforto, havendo novamente a exposição da mucosa retal. Decorridos dois dias iniciou-se o ressecamento e desvitalização da mucosa prolapsada. Sendo assim, a sutura foi realizada novamente e mantida por mais sete dias. Não havendo mais episódios de desconforto abdominal e a partir da presença de normoquesia, retirou-se a bolsa de tabaco, e o animal foi mantido em observação por mais quatro dias. Durante este período foi realizada inspeção diária da mucosa retal, que mostrou-se em coloração normal e sem recidiva do prolapso. Apesar da ocorrência incomum em equinos machos adultos, o prolapso retal pode se manifestar, estando associado a enfermidades digestórias que causam desconforto abdominal. Diante de uma condição de terapêutica clínica, a sutura de retenção mostrou-se eficaz para resolução do processo mórbido.

Palavras-chave: Sablose; digestório; equino

165. EXÉRESE DE TECIDO ABDOMINAL EXUBERANTE PROVOCADO POR PITIOSE EM EQUINO: RELATO DE CASO

EWERTON SOUZA LIMA*1; IGOR MARIZ DANTAS1; LUCAS TEIXEIRA SILVA1; RUY BRAYNER DE OLIVEIRA FILHO1; MAURÍLIO KENNEDY FEITOSA SOARES1; MARIA CARMO SALES DA SILVA1; ISABELLA DE OLIVEIRA BARROS1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, AREIA, PB, BRASIL.

e-mail:souzalimaewerton@gmail.com

Resumo:

A pitiose é uma zicomicose cosmopolita de ocorrência em áreas temperadas, tropicais e subtropicais. Sendo principalmente descrita em equinos, porém, também pode acometer caninos, bovinos, ovinos e humanos. Outrossim, o quadro é caracterizado pela presença de lesões ulcerativas, com extensão variada, bordas irregulares e drenagem abundante de secreção serossanguinolenta. O objetivo do trabalho é relatar lesão extensa por pitiose em região ventral da parede abdominal em equino. Foi atendida no Hospital Veterinário do CCA/UFPB uma fêmea equina, seis anos, 375 kg, Quarto de Milha. De acordo com o proprietário a principal queixa era ferida sanguinolenta na região ventral do abdômen, possuía histórico de ferimento recidivante no abdômen há aproximadamente 90 dias. Segundo proprietário, animal vivia em sistema extensivo com acesso a reservatórios hídricos. Ainda na propriedade foi instituído tratamento antimicrobiano a base de penicilina G (20.000 UI/kg) em dias alternados totalizando seis aplicações e ivermectina sistêmica (0,2 mg/kg), ambas por via intramuscular, além de lavagem da ferida com solução a base de ivermectina, mas não houve melhora do quadro clínico, sendo o animal encaminhado ao HV/CCA-UFPB. No exame físico, observou-se edema na região ventral do abdômen, bem como ferida hemorrágica e ulcerativa em toda a região ventral do animal de aproximadamente 60 cm de diâmetro e cerca de 6 cm de altura em relação à borda cutânea normal. Foi solicitado hemograma, que revelou anemia regenerativa e leucocitose por neutrofilia. Também realizou-se biopsia para exame histopatológico no qual o diagnóstico obtido foi de pitiose. Posteriormente, o animal foi encaminhado para procedimento excisão cirúrgica do tecido ulcerado. Para isso, utilizou-se acepromazina (0,05 mg/kg) e detomidina (0,07 mg/kg) como medicação pré-anestésica ambos de forma endovenosa. Na indução, diazepam (0,1 mg/kg) e cetamina (2 mg/kg) associado a isso foi realizado bloqueio regional do nervo torácico lateral e bloqueio infiltrativo na periferia da lesão com lidocaína (9 mg/kg) a manutenção foi realizada em anestesia inalatória com circuito semifechado com isoflurano. A cirurgia iniciou com excisão do tecido cutâneo da periferia da lesão, incluindo margem de segurança de 3 cm. Em seguida, foi feito divulsão do tecido até as fáscias do músculo reto do abdômen. Alguns vasos mais calibrosos foram ligados com fio absorvível (poliglactina 910). Devido à extensão da lesão, a coaptação das bordas não foi possível ser realizada, sendo então necessária a colocação de compressas suturadas na pele para conter as hemorragias por 24h e posteriormente retiradas. O tratamento prosseguiu com a ferida aberta, o protocolo pós-operatório foi (1,1 mg/kg) de flunixin meglumine, por via intravenosa, SID, 5 dias, dipirona por 3 dias (20 mg/kg) e penicilina G benzatina BID, cinco aplicações (20.000 UI/kg) . O tratamento da lesão cutânea após a retirada da pitiose foi exclusivamente tópico, incluindo limpeza da ferida três vezes ao dia, lavagem com clorexidina, pomada a base de alantoína associada com óxido de zinco, açúcar e pomada com cetoconazol. O processo de cicatrização evoluiu de forma satisfatória, sendo possível a visualização de epitelização centrípeta acelerada. Passados 62 dias do procedimento cirúrgico, o animal obteve total redução do ferimento. Os achados clínicos e laboratoriais foram de fundamental importância para a realização do diagnóstico em questão. Ademais, impressiona-se a cicatrização total da ferida, mesmo sem utilização de muitos métodos terapêuticos e técnicas específicas.

Palavras-chave: Ferida; ulcerativa; cicatrização

166. FERIDA IATROGÊNICA CAUSADA POR INJEÇÃO INTRAMUSCULAR DE MELOXICAN

OSMAR DIAS FERRAZ JUNIOR*1; DANILO MANZINI MACEDO1; SAMUEL PEREIRA SIMONATO1; BRUNNA PATRÍCIA

ALMEIDA DA FONSECA1

1.UFV, VICOSA, MG, BRASIL.

e-mail:diasosmar90@yahoo.com.br

Resumo:

Ao se aplicar qualquer medicamento injetável, algumas medidas devem ser tomadas com o intuito de se evitar complicações. Cuidados com medicamentos, ambiente, equipamentos e com o próprio animal devem ser preconizados para que essa tarefa seja cumprida de forma eficiente e sem causar danos aos animais. A região cervical é uma das áreas de escolha para a administração desses medicamentos em equinos e para essas aplicações é necessário que uma limpeza correta do local seja realizada, utilizando antissépticos como álcool 70%, além do uso de agulhas e seringas descartáveis; um manejo asséptico dos materiais e do medicamento também é importante. Este relato tem por objetivo mostrar como complicações graves podem ser geradas a partir de um procedimento realizado de forma incorreta. Trata-se de uma égua da raça Mangalarga Machador, de 5 anos de idade, que após uma competição recebeu anti-inflamatório (Meloxican) por via intramuscular na região cervical direita. Segundo o proprietário, após a aplicação, o local começou a apresentar aumento de volume, culminando com a fistulação e necrose de pele e musculatura. No momento do atendimento no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Viçosa, a égua já apresentava ferida extensa, profunda e com presença de exsudato purulento; a veia jugular estava exposta e era possível visualizar uma comunicação da ferida com as bolsas guturais. O animal foi submetido a três procedimentos de endoscopia durante o período em que ficou internada; o primeiro deles foi realizado logo que chegou ao hospital e o exame mostrava movimentos assimétricos da laringe, hemiplegia laríngea direita grau dois, inflamação intensa, ingurgitamento dos vasos sanguíneos na região da faringe, laringe e colapso de faringe; havia ainda uma fístula no recesso faríngeo, pelo qual foi feito o acesso às duas bolsas guturais e foi encontrado exsudato purulento, tecido necrosado e alimento; ainda possuía uma fístula no assoalho dessa estrutura, que comunicava as bolsas com a ferida. O animal foi submetido a exames laboratoriais, mas nenhuma alteração significativa foi constatada. Foi instituído o tratamento com antimicrobianos e anti-inflamatório, sendo administrado Florfenicol por 19 dias com intervalos de 48 horas entre as aplicações. Após esse período, foi administrado Enrofloxacina a cada 24 horas por seis dias; o anti-inflamatório de escolha foi Flunixin Meglumine, sendo administrado por cinco dias consecutivos no intervalo de 24 horas. O curativo foi realizado duas vezes ao dia durante os 45 dias de internação e consistia em lavar a ferida com água corrente, retirada das sujidades com auxílio de sabão neutro; logo após o enxague aplicava-se glicerina iodada com o intuito de manter a ferida lubrificada e auxiliar na assepsia do local; foi utilizado conjuntamente açúcar, que cumpre a função antimicrobiana na superfície da ferida e também estimula a granulação; Logo após esse processo, a ferida era coberta com campo estéril e ataduras. A última endoscopia, realizada 23 dias após a primeira já mostrava evidente cicatrização, com diminuição significativa da comunicação entre a ferida e as bolsas guturais, que se apresentavam íntegras e sem a presença de material purulento ou alimento. Permanecia a abertura do recesso faríngeo. Após os 45 dias de internamento, a ferida ainda se encontrava em processo de cicatrização. A égua recebeu alta sob responsabilidade do proprietário que continuaria com os curativos na propriedade. O dano causado ao animal e os gastos com o tratamento são consequências de procedimentos médicos realizados por pessoas não habilitadas e sem observância das medidas higiênicas necessárias. Sendo assim uma assepsia correta para aplicação de medicamentos, bem como uso de materiais descartáveis são imprescindíveis para um bom desempenho na conduta médica, e deve sempre ser realizado por um profissional capacitado, evitando assim transtornos financeiros e principalmente complicações inerentes à vida do animal.

Palavras-chave: Curativo; endoscopia; bolsas guturais

167. FERIDA LACERANTE E ENFISEMA SUBCUTÂNEO DIFUSO EM EQUINO

GUILHERME BARBOSA COSTA*1; BRUNA NONATO CARRIJO2; GABRIELA BEHAMDUNI MARMOL2; VITOR FORONI CASAS2

1.CLINICA E CIRURGIA DE EQUINOS DE FRANCA, FRANCA, SP, BRASIL; 2.UNIFRAN - UNIVERSIDADE DE FRANCA, FRANCA, SP, BRASIL.

e-mail:guibc14@hotmail.com

Resumo:

Equinos são animais muito agitados de natureza isso faz com que a ocorrência de lesões lacerantes de grande extensão tornasse rotineiras nos atendimentos dos médicos veterinários sendo necessária uma abordagem direciona por conta das características peculiares apresentados no processo de cicatrização desta espécie sendo necessária a adaptação do tratamento ao tipo e estagio da ferida. Presente relato reporta a ocorrência de uma lesão lacerante de grande extensão, suas complicações e as abordagens feitas pela equipe veterinária sendo avaliado o tempo de cicatrização juntamente com as fases apresentadas pela lesão até a ocorrência do retorno do animal a suas atividades esportivas. Um equino, fêmea de seis anos de idade, da raça Quarto de Milha pesando 460 quilos foi encaminhada ao Hospital Veterinário da Universidade de Franca com ferida lacerante na região peitoral e torácica direita, estendendo-se até a axila. Segundo relato do proprietário o animal se feriu ao tentar saltar sobre uma cerca de madeira lacerando tecido cutâneo e muscular. Ao exame clínico notou-se o acometimento dos músculos peitoral transverso, bíceps braquial, subclávio e peitoral profundo além de grande perda de pele e tecido subcutâneo. Devido a hemorragia difusa o animal apresentou sinais clínicos compatíveis com choque hipovolêmico e hematócrito de 25 %. De imediato foi realizado limpeza da ferida, excisão de pele e iniciou-se a ligadura de vasos e sutura dos grupos musculares, tecido subcutâneo e pele. Institui-se Antibioticoterapia sistêmica com gentamicina e penicilina potássica, anti-inflamatórios a base de flunixim meglunine e dexametasona, analgesia com cloridrato de tramadol e dipirona, protetor gástrico cloridrato de ranitidina além de terapia antichoque com dobutamina. Iniciou-se reposição hidroeletrolítica com solução de Ringer Lactato associada vitaminas do complexo B, butafosfana e complexo ferroso no intuito de estimular a hematopoese. Como terapia tópica realizou-se diariamente a limpeza com solução fisiológica e clorexidine degermante 2%; desbridamento de bordas da ferida e retirada de tecidos necrosados, além de aplicação de rifampicina e pomada a base de oléo de mamona. Durante 5 dias após o inicio do protocolo de limpeza a ferida foi mantida fechada com bandagem compressiva. Durante o exame clínico observou-se também presença de enfisema subcutânea na região dorsal a ferida que se estendeu a todo corpo do animal no décimo segundo dia de internamento. Este fato acarretou na administração sistêmica de metronidazol e ceftriaxona. Após este período, o animal foi estimulado a fazer leves caminhadas e no quadragésimo dia a aplicação de pomada a base de policresuleno foi necessária para inibir o desenvolvimento de tecido de granulação exuberante. O animal recebeu alta no quinquagésimo quarto dia de internamento, com boa evolução cicatricial e sem a presença de enfisema subcutâneo, sendo liberado a iniciar leves exercícios físicos após quarenta dias. Diante do exposto, conclui-se que as feridas lacerantes em equinos são desafiadoras para o Medico Veterinário e o enfisema subcutâneo torna-se disseminado em casos de lesões extensas, porém com a escolha da técnica cirúrgica adequada e a correta associação de fármacos sistêmicos e tópicos, é possível alcançar excelentes resultados clínicos.

Palavras-chave: Feridas lacerantes; enfisema subcutânea; medicina equina

168. FIXADOR EXTERNO TIPO II NA CORREÇÃO DE FRATURA DE RÁDIO EM EQUINO – RELATO DE CASO

JULIA DE ASSIS ARANTES*1; GUSTAVO MORANDINI REGINATO1; MARIANA SACHI INVERNIZZI1; BIANCA MOUTINHO GRIZENDI1; BRUNA BODINI ALONSO1; GONÇALO DA ROCHA MORONA1; SILVIO HENRIQUE DE FREITAS1; RENATA GEBARA SAMPAIO DÓRIA1; MARIA CRISTINA FERRARINI N. SOARES HAGE1

1.FZEA/USP, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL.

e-mail:julia.arantes@usp.br

Resumo:

Fraturas em equinos podem ocorrer por diversas causas, como acidentes automobilísticos, quedas, coices, atividade esportiva, entre outras. O rádio costuma ter estabilização complexa, pois, na maioria das vezes a fratura não é devidamente estabilizada para o transporte ao hospital, havendo o agravamento do quadro e, além disso, o elevado peso desses animais acaba dificultando a osteossíntese e a condução do pós-operatório. São relatados poucos casos de sucesso sobre fraturas de rádio, sendo a maioria em potros ou pôneis. Foi admitido na Unidade Didática Clínico Hospitalar da FZEA USP, um equino, macho, de dois anos de idade, 250kg, que 15 dias antes se prendeu em cerca e, após ser solto, não apoiava o membro torácico esquerdo. Ao exame radiográfico em projeções craniocaudal e lateromedial do membro torácico esquerdo, verificou-se fratura antiga completa transversa em terço mediodistal da diáfise do osso rádio esquerdo, com presença de uma esquírola de 1,5cm lateral ao foco de fratura e com desvio de eixo ósseo. Optou-se pelo tratamento cirúrgico sob anestesia geral, porém, devido ao tempo de evolução da fratura não foi possível a coaptação dos fragmentos ósseos, sendo realizada estabilização com fixador externo tipo II, utilizando-se de pinos de Steinmann lisos transcorticais de 6mm de diâmetro e barras laterais reforçadas com resina acrílica (polimetilmetacrilato). Foram aplicados três pinos no fragmento proximal e dois pinos no fragmento distal, sendo possível preservar as zonas metafisárias. A recuperação anestésica ocorreu sem imprevistos e o pós-operatório foi realizado com fenilbutazona, 4mg/kg, IV, SID, por 5 dias, penicilina benzatina 20.000 UI/kg, IM, a cada 48h (3 aplicações), gentamicina 6.6mg/kg, IV, SID por 3 dias e curativo da ferida com iodopolividona tópico. Após 42 dias foi realizado exame radiográfico em projeção craniocaudal, em que foi possível visibilizar calo ósseo em formação, e após 90 dias, calo ósseo bem definido, com discreta reabsorção óssea ao redor dos pinos. Com 110 dias de pós-cirúrgico, após observação do animal com apoio, caminhada e trote com movimentação normal, foi feita a extração do fixador externo. Após 120 dias do procedimento cirúrgico o animal teve alta hospitalar. Verificou-se que mesmo um processo de fratura antiga, não adequadamente imobilizado, não passível de alinhamento, de um equino de 2 anos e 250kg, pôde ser feita a correção com a técnica de fixação externa com pinos transcorticais e barra acrílica. Portanto, pode-se concluir que o uso de fixador externo tipo II em fraturas simples de rádio é uma técnica que pode ter resultados satisfatórios, mesmo em potros mais velhos e com peso considerável.

Palavras-chave: Osteossíntese; ortopedia; traumatologia

169. FRATURA NA ESPINHA DA ESCÁPULA DECORRENTE DE TRAUMA EM EQUINO: RELATO DE CASO

MARISA MARTIRE PELLEGRINI*1; PAOLO NEANDRO BONA SOARES1; AYMARA EDUARDA DE LIMA1; THAMYRES SANTOS SILVA1; CAMILA MOURA DA SILVA1; IGOR QUIRICO1

1.UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI, SAO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:marisa.pellegrini@gmail.com

Resumo:

As fraturas de escápula não ocorrem comumente nos equinos devido à grande cobertura de massa muscular que a protege, pela sua localização mais proximal e pela proximidade com as costelas. As fraturas da escápula podem envolver o corpo, a espinha, colo, cavidade glenóide e o tuberosidade supraglenóide, sendo esta a mais comum. As causas relacionadas às fraturas na espinha da escápula são decorrentes de trauma por colisão com objetos, quedas ou ocasionalmente por coice. O tratamento normalmente é conservativo porém, quando há fragmento ósseo é necessário procedimento cirúrgico para a realização do debridamento ósseo. Foi encaminhado ao hospital veterinário uma égua, quarto de milha, 22 anos, apresentando claudicação no membro torácico direito. À anamnese proprietário relatou que o animal foi mordido por um cavalo na região da paleta direita. Na propriedade, foi atendido por médico veterinário, que realizou a sutura da ferida e iniciou tratamento medicamentoso com flunixin meglumine e penicilina. Posteriormente houve piora no quadro onde foi possível notar evidente claudicação e aumento de volume na região da paleta. Foi realizada a retirada dos pontos da ferida possibilitando drenagem

da secreção de aspecto purulento. Ao exame ultrassonográfico foi possível evidenciar irregularidade na espinha da escápula. Ao dar entrada ao hospital veterinário notou-se aumento de volume, ferida com secreção de aspecto purulento em grande quantidade na região da paleta do membro torácico direito. À palpação havia hiperalgesia. Após a realização de um novo exame ultrassonográfico observou-se, além da irregularidade na espinha da escápula, a presença de fragmentos ósseos na região cranial e caudal a ferida. Frente a esses achados optou-se pelo procedimento cirúrgico, com o animal em decúbito lateral esquerdo, sob anestesia geral inalatória. Realizou-se uma incisão de aproximadamente 15 cm no sentido longitudinal na região da espinha da escápula e com o auxílio de uma cureta realizou-se a remoção e debridamento da musculatura necrótica e do fragmento ósseo, sendo este de aproximadamente 4,5 cm de comprimento e 1 cm de largura. A ferida cirúrgica foi fechada por primeira intensão, sendo o subcutâneo suturado com o fio vicryl 2-0 no padrão simples continuo. Já para o fechamento da pele utilizou-se grampos cirúrgicos. Foi instituído como terapia pós cirúrgica soro antitetânico (10.000 UI, IM, dose única), fenilbutazona (2,2 mg/kg, SID, IV por 3 dias), amicacina (10 mg/kg, SID, IV, por 7 dias), curativo com líquido de Dakin, compressa morna, ducha e massagem na ferida, a fim de reduzir o acúmulo de seroma, e caminhadas diárias para evitar aderência da musculatura. Após 20 dias o animal apresentou melhora no quadro e recebeu alta. As fraturas da escápula são raras nos cavalos. As manifestações clínicas apresentadas no presente relato corroboram com as descritas em literatura, sendo estas claudicações moderadas, aumento de volume local e dor à palpação. Neste presente relato, o exame ultrassonográfico foi utilizado como exame auxiliar ao diagnóstico, já que este é mais preciso na identificação de uma fratura de escápula comparado ao exame radiográfico. A maioria dos cavalos com fraturas curam-se adequadamente com o manejo conservador. Na presença de um fragmento ósseo é necessário o debridamento cirúrgico, como visto neste relato de caso. A maioria dos cavalos podem retornar ao desempenho atlético após um período de repouso adequado.

Palavras-chave: Osteomilelite; claudicação; equino

170. FUNICULITE EM EQUINO DECORRENTE DE ORQUIECTOMIA PROCEDIDA POR CAUTERIZAÇÃO

EDUARDO HIDEKI YIDA*1; JOÃO MORELLI JUNIOR1; IGOR AUGUSTO ANDRETA PAIOLA1; BRUNO FORNITANO CHOLFE1; HALIM ATIQUE NETTO1; SUELLEN MIGUEZ GONZÁLEZ1

1.UNIRP - CENTRO UNIVERSITÁRIO DE RIO PRETO, SÃO JOSÉ DO RIO PRETO, SP, BRASIL.

e-mail:eduardoyida@gmail.com

Resumo:

A funiculite trata-se da infecção do cordão espermático e está associada ao procedimento de orquiectomia. A contaminação do cordão espermático ocorre através do uso de material não esterilizado, ineficiência antisséptica pré-operatória ou técnicas iatrogênicas. Em relação aos sinais clínicos constata-se: pirexia, claudicação, desconforto abdominal, disúria, disquezia e drenagem de secreção purulenta através da incisão cirúrgica no escroto. Tal afecção também pode resultar em abscessos abdominais, aderências e uroperitônio. Para a confirmação do diagnóstico deve-se proceder a avaliação física e exames complementares. O tratamento conservativo baseia-se em terapia antimicrobiana e antiflogística, porém, se há presença de fístula, recomenda-se a drenagem do exsudato. Neste estudo, objetiva-se relatar um caso de funiculite infecciosa com abscesso abdominal em equino, da raça Quarto de Milha com 2 anos de idade, atendido no Hospital Veterinário "Dr. Halim Atique". De acordo com a anamnese, o cavalo foi submetido a orquiectomia fora do estabelecimento da UNIRP, com o uso de ferro quente. Um mês após o procedimento, a incisão única no escroto estava cicatrizada, porém o equino apresentou desconforto abdominal, disquezia e disúria. Nos exames laboratoriais identificou-se leucopenia e anemia. Na palpação transretal foi constatada uma massa circular, rígida, localizada cranialmente ao assoalho da pelve, no lado direito. Assim, no exame ultrassonográfico a massa obtinha conteúdo heterogêneo, com porções hiperecóicas e hipoecóicas. A terapêutica baseou-se em antibioticoterapia (associação de ceftiofur 6 mg/kg e gentamicina 6,6 mg/kg), anti-inflamatório não esteroidal flunixin meglumine (dose 1,1 mg/kg) e protetor gástrico. Após 10 dias de tratamento conservativo, o paciente apresentou piora aguda do quadro, com desconforto abdominal, sudorese, seguido de apatia e tremor

muscular. Na paracentese, o líquido peritoneal mostrou-se com odor de urina, a mensuração de creatinina foi de 200 m dag/dL, além disso no exame ultrassonográfico transabdominal visibilizou-se líquido livre na cavidade e hidronefrose. Com base nos achados sugeriu-se ruptura da vesícula urinária e o paciente foi encaminhado para cirurgia, onde confirmou-se o diagnóstico. A massa circular estava aderida na vesícula, sendo preenchida por exsudato purulento, no qual drenou-se em torno de 1 litro do mesmo. Foi possível observar neste órgão: paredes friáveis e alteração granulomatosa. Devido as complicações decorrentes do caso procedeu-se a eutanásia. Conclui-se que o caso de funiculite relatado foi ocasionado por material contaminado durante o procedimento de orquiectomia, resultando em abscesso abdominal, comprometendo os órgãos adjacentes e assim culminado no prognóstico ruim.

Palavras-chave: Abscesso; funículo espermático; cavalo

171. FÍSTULA ENTEROCUTÂNEA EM EQUINO: RELATO DE CASO

ROBERTA PEREIRA SIQUEIRA E SILVA*1; MÔNICA ARRIVABENE ARRIVABENE1; BRUNA DA SILVA ROCHA RODRIGUES1; MARCELO RODRIGUES CAMPOS1; TANIA VASCONCELOS CAVALCANTE1; TATIANE NOVAES DA COSTA1; PABLO MARTINS VELOSO DE SOUSA1; DANIEL CELESTINO DE SOUSA1; CAMILA ARRIVABENE NEVES1

1.UFPI, TERESINA, PI, BRASIL.

e-mail:rpss06@hotmail.com

Resumo:

Fístula é uma passagem de comunicação anormal, geralmente entre dois órgãos internos ou que conduz a partir de um órgão para a superfície do corpo. Existem as enterocutâneas que ocorrem frequentemente como uma complicação de hérnia umbilical ou do seu tratamento, que para se desenvolver, o intestino deve permanecer aprisionado tempo suficiente para sofrer necrose isquêmica e vazamento do conteúdo intestinal para o tecido subcutâneo. O aparecimento depende de vários fatores, isolados ou associados, relacionados ao paciente ou mesmo ao cirurgião, representando um problema complexo e de difícil solução. Uma forma de superar este problema seria a identificação de fatores de risco que influenciariam as taxas de mortalidade a fim de estabelecer prognósticos que possam ser utilizados como base comum na avaliação. O tratamento poderá ser clínico, cirúrgico, ou, mais frequente, haverá necessidade de terapêutica combinada. Foi atendido no Rancho SM, um equino, macho, Quarto de Milha, quatro anos, portador de fístula enterocutânea decorrente de procedimento cirúrgico de hérnia umbilical. O proprietário relatou que há três meses o equino apresentou aumento de volume próximo a região umbilical, com dor a palpação, foi realizado procedimento cirúrgico por leigo e posteriormente houve recidiva. Ao exame físico o animal encontrava-se em estação, com comportamento agitado, escore corporal bom, TR 37°C, FR 20mpm, FC 40bpm, TPC 2seg, mucosas oculares e oral normocoradas e peristalse normal. À inspeção e palpação do abdômen observou-se um aumento de volume próximo à região umbilical, de consistência firme, e sensível à palpação, com drenagem de secreção para o exterior de coloração amarelada e com presença de fezes. Hemograma normal. A suspeita diagnóstica foi fístula enterocutânea de colón ventral direito, com prognóstico bom a reservado. Para correção da fistula enterocutânea realizou-se uma celiotomia mediana, incisão retro umbilical e ao redor da massa, sutura da alça intestinal de colón ventral exposta, liberação das aderências em torno dela para posterior liberação. Após dessecação fez-se enterectomia parcial da região que se apresentava com mucosas congestas e hiperêmicas. Em seguida realizou-se enterorrafia do cólon com pontos simples separados, e fechamento da cavidade abdominal com sutura de pele Reverdin ancorando a cada quatro pontos; posteriormente fixada uma sonda gástrica humana na parede abdominal para drenagem e lavagem da cavidade. O pós-cirúrgico realizado com Ringer com Lactato (500ml); dimetilsulfóxido (Dimelsol®) na dose de 1g/kg, lento, diluído em soro glicosado 5%, IV, uma vez ao dia (SID), durante cinco dias; flunixin meglumine (Banamine®) na dose de 1,1mg/kg, IV, SID, durante cinco dias; penicilina (Pentabiótico®) na dose de 40.000 UI/kg, IM, SID, durante cinco dias; agentes lipotrópico e antitóxicos; realizada limpeza da ferida cirúrgica com água, sabão e solução salina; em seguida instilado Rifamicina e ao redor da ferida cirúrgica repelentes. Após uma semana houve deiscência parcial de pontos de pele, sendo tratada com fenilbutazona (4,0ml/kg), IV, SID durante cinco dias e dimetilsulfóxido 1g/kg diluído IV, uma vez ao dia (SID), durante

cinco dias; fornecido Eletrolítico® (50g) a base de Maltodextrina, Frutose, Glutamina e Betaína; a retirada total dos pontos ocorreu com 20 dias pós-procedimento cirúrgico, recebendo alta médica após 30 dias. A correlação entre o estado geral do animal e a fístula encontrada foi o ponto chave para a recuperação completa do animal, pois fatores como escore corporal, equilíbrio hidroeletrolítico, técnica cirúrgica utilizada, tipos de sutura e fios utilizados podem afetar diretamente a cicatrização e a recuperação do equino. Ademais, é necessário ressaltar que o conhecimento anatômico do sistema digestório dos equinos juntamente com os conhecimentos acerca do procedimento cirúrgico são pré-requisitos que se exige do médico veterinário para que se tenha eficiência na resolução do caso.

Palavras-chave: Cirurgia; equino; fístula enterocutânea

172. GLOSSECTOMIA PARCIAL DECORRENTE DE LACERAÇÃO TRAUMÁTICA DE LÍNGUA – RELATO DE CASO

CAMILA GUIMARÃES MEZHER*1; CAMILA MOURA DA SILVA1; PAOLO NEANDRO BONA SOARES1; AYMARA EDUARDA DE LIMA1; MARILIA NUNES CARDOSO1; THAYNA KIKUCHI MONTEIRO1; JOSE JOFFRE MARTINS BAYEUX2

1.UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI, SAO PAULO, SP, BRASIL; 2.MÉDICO VETERINÁRIO AUTÔNOMO, SAO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:camilamezher@gmail.com

Resumo:

Lesões traumáticas na língua são comuns em equinos e podem ocorrer como resultado da colocação inadequada de embocaduras, durante a realização de procedimentos intra-orais, como extração dentária e até mesmo durante a recuperação anestésica. Lesões causadas por penetração de corpos estranhos, tais como arame, não são frequentemente reportadas. São mais comuns lacerações envolvendo o ápice da língua, uma vez que esta porção tem maior contato com o ambiente externo. Além disso, lesões transversais são mais relatadas, se comparadas às longitudinais. Os sinais clínicos para estas situações incluem hemorragia da cavidade oral, inapetência, disfagia, ptialismo, halitose, pirexia e protrusão da língua. Cicatrização por primeira e segunda intenção, bem como glossectomia parcial são possíveis condutas a serem adotadas para tratamento e a eleição para a melhor intervenção, dependerá diretamente da severidade, tempo de evolução e local específico em que a lesão se encontra. Foi encaminhada ao Hospital Veterinário uma égua, SRD, 15 anos, apresentando protrusão de língua, há 3 dias. Na anamnese proprietária relatou que durante exercício, a língua do animal ficou aprisionada no freio por pelo menos duas horas. Ainda no local do acidente, para que a língua fosse solta, a embocadura foi serrada, resultando em um maior trauma da região acometida. A princípio, notava-se um corte transversal e inchaço do órgão acometido e não foi reportado disfagia. Passados dois dias após o trauma, houve a diminuição da ingestão de alimento, sem alteração do consumo de água e início do enegrecimento e redução da temperatura do ápice da língua. Frente ao exame clínico, optou-se pela realização da glossectomia parcial. Com o animal em estação, após a sedação, foi realizado bloqueio local e iniciou-se o procedimento cirúrgico com uma incisão transversal, seguida por incisão em cunha da musculatura com posterior aproximação do espaço morto criado, na qual utilizou-se Monoplus® nº 2 no padrão simples separado, em camadas. O mesmo fio foi utilizado para a sutura da mucosa, no entanto o padrão empregado foi o Sultan. Por fim, um ponto simples separado foi feito em cada uma das extremidades laterais. Como terapia medicamentosa, foi instituído Metronidazol (15 mg/kg, BID, via oral, cinco dias) e Penicilina (20.000 UI, BID, intramuscular, sete dias). Além disso, para ação anti-inflamatória foi utilizado Flunixin Meglumine (1,1 mg/kg, SID, intravenoso, cinco dias). Para manejo da ferida cirúrgica, foi feito curativo da língua com antisséptico bucal, salmoura e compressa com água morna. No pós-operatório não foi observado disfagia, sendo a alimentação reintroduzida a partir da oferta de farelo de trigo com água morna. Após a ingestão, era realizada a lavagem da boca, a fim de reduzir o acúmulo de resíduos alimentares e diminuir a contaminação. A glossectomia parcial é considerada uma opção de tratamento viável em cavalos com paralisia persistente da língua ou protrusão. Neste relato utilizou-se desta técnica para a correção de uma protrusão de língua causada por laceração traumática. São reportadas como possíveis complicações após o procedimento: inchaço excessivo, deiscência das suturas e infecções, sendo que no referido caso, nenhuma delas foi considerada suficientemente relevante. Além disso, observa-se que a maioria dos

cavalos são capazes de se adaptar rapidamente à alimentação e hidratação, corroborando com o pós-operatório anteriormente descrito.

Palavras-chave: Trauma; embocadura; equino

173. HEMATOMA ETMOIDAL COM EXOFTALMIA DE OLHO DIREITO E FÍSTULA EM SEIO FRONTAL DE EQUINO: RELATO DE CASO

THAMIRES SHIZUE PANASSOL*1; GABRIELA SANTO ANDRÉ1; GUILHERME SILVA GODOI1; MAX SANTANA GONZAGA1; MICHELLE ALVARES VIANNA DE OLIVEIRA1; YASMIN NAJM BORTOLETTO1; RODRIGO ROMERO CORRÊA2; MAURICIO JOSE BITTAR3; RENATA GEBARA SAMPAIO DÓRIA1

1.FZEA USP, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL; 2.FMVZ USP, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL; 3.BITTARVET ODONTOLOGIA EQUINA, RIO CLARO, SP, BRASIL.

e-mail:thamires.mizobe@gmail.com

Resumo:

O hematoma etmoidal normalmente é encontrado em animais de 1 a 20 anos, com maior frequência na raça puro sangue inglês. Não há uma causa conhecida para esta afecção que se localiza na região de etmoide podendo se estender até os seios frontal, esfenopalatino, maxilares e cavidade nasal. O hematoma etmoidal é formado por uma cápsula de tecido fibroso e epitélio respiratório com tecido fibroso sanguíneo, macrófagos e células gigantes com depósito de hemosiderina como componentes do estroma. Foi encaminhado ao UDCH um cavalo macho de 8 anos , mangalarga com histórico de epistaxe em narina esquerda e fístula frontal, sem remissão de sinais com tratamento anterior com formalina. A epistaxe iniciou em novembro de 2017, evoluindo posteriormente para aumento da massa na cavidade nasal com oclusão total de narina direita, presença de fístula em seio frontal com secreção sanguinolenta e exoftalmia de olho direito. No exame físico apresentou todos os parâmetros vitais dentro do fisiológico para a espécie. No exame radiográfico foi possível observar a extensão do hematoma etmoidal, chegando a mais ou menos 4 cm do orifício nasal direito. Na endoscopia nasal foi possível observar o aspecto da massa, condizente com hematoma etmoidal. O flap ósseo foi utilizado como técnica cirúrgica, com o animal em estação, sob efeito de sedação com infusão contínua de Meperidina e Detomidina (TIVA: 20 µg/kg/hora / 0,1 mg/kg) e bloqueios perineurais. Foi feita a incisão da pele em região de osso fronto-nasal em U com bisturi, do tecido subcutâneo e do periósteo. Os tecidos foram rebatidos aproximadamente 5 mm do local a ser incisado no osso. A osteotomia foi feita com uma furadeira pneumática em três partes para possibilitar o flap ósseo com dimensão de 5 x 10 cm e exposição do seio maxilar. O hematoma foi retirado em partes da região do etmoide e seio maxilar, ficando uma parte de sua extensão na cavidade nasal. Foi colocado uma sonda na porção dorsal do flap para posterior lavagem do local e foi colocada gaze de rolo em região ventral do flap para que houvesse drenagem de conteúdo. Optou-se pela não sutura do osso para caso houvesse necessidade de um novo procedimento. O periósteo foi suturado com vicryl 2-0 em padrão simples contínuo, o subcutâneo com vicryl 2-0 , e a pele com nylon 1 em padrão contínuo e simples separado. Foi necessária a realização de traqueostomia no transcirúrgico para melhora de estado clínico do animal devido a dificuldade respiratória. Também foi necessária a transfusão de 4 litros de sangue para o animal durante o trans-operatorio, devido a perda sanguínea decorrente do procedimento. Foi instituida antibioticoterapia com Penicilina Benzatina (30.000 UI/ Kg) i.m. a cada 48 horas totalizando 3 dias de aplicação, Gentamicina (6.6 mg/Kg) SID i.v. por 5 dias, Fenilbutazona (2,2 mg/kg) BID, i.v. por 5 dias, e dose única de soro antitênico (5.000 UI) i.m.. Foram feitas lavagens diárias no local através da sonda com solução fisiológica para retirada de coágulos. O animal permanece no hospital veterinário sob observação. Ao retirar a porção alojada na região de etmoide ocasiona-se a posterior necrose da porção remanescente, que irá ser expulsada com o tempo pela via nasal. O hematoma etmoidal pode expandir e prejudicar estruturas adjacentes, devendo, ser corretamente diagnosticado e tratado antes que ocorra o crescimento da massa.

Palavras-chave: Hematoma etmoidal; exoftalmia; fístula

174. HÉRNIA DIAFRAGMÁTICA EM EQUINO ADULTO: RELATO DE CASO

NATALIA TELLES SCHMIDT*1; LUZILENE ARAUJO SOUZA2; SIGISMUNDO FASSBENDER REZENDE JUNIOR1; MARTA CRISTINA CAÇÃO3; PEDRO VIANNA CALDAS3; GABRIEL LUIS PACCOLA3; RAFAEL AUGUSTO PACCOLA3; LAIS LAGROTTA GARCIA4; MARINA RAMOS OLIVEIRA5

1.GUABI, CAMPINAS, SP, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO, RECIFE, PE, BRASIL; 3.EQUICENTER HOSPITAL VETERINÁRIO 24 HORAS, TATUÍ, SP, BRASIL; 4.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 5.MARKOVET, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:natalia@guabi.com.br

Resumo:

Afecção incomum em equinos, hérnia diafragmática, está associada em adultos a trauma durante atividade física, transporte, parto ou período perianestésico, no entanto em potros, correlaciona-se com malformação congênita ou secundária à fratura de costela ao nascimento. O intervalo entre trauma e sintomatologia está relacionado à migração e estrangulamento das vísceras e não diretamente à hérnia. A herniação pode ser de um único ou múltiplos orgãos, tais como, fígado, intestino delgado, intestino grosso e baço, sendo a severidade dos sintomas dependente do tamanho da hérnia. Os sinais clínicos são dificuldade respiratória, intolerância ao exercício, letargia, taquicardia e principalmente cólica. Palpação retal, auscultação, radiografia torácica, ultrassonografia transabdominal sugerem a ocorrência da hérnia diafragmática. O diagnóstico definitivo se dá na laparotomia exploratória, laparoscopia, toracoscopia e achado post-mortem. Relata-se égua quarto de milha, 17 anos, 550kg, prenhez negativa, com dor abdominal several. No exame clínico, frequência cardíaca 50 bpm, mucosa oral congesta com halo toxêmico, TPC em 2,5, sondagem nasogástrica improdutiva, ausência de ruídos intestinais nos quatro quadrantes. Na palpação retal, ceco centralizado e deslocado cranialmente, cólon e intestino delgado não palpáveis. Encaminhamento à laparotomia. Após a retirada de conteúdo gasoso por aspiração, encontro da flexura diafragmática herniada em uma fenda de aproximadamente 15 cm no diafragma. Foi realizada a exteriorização do cólon e enterotomia para para drenagem do conteúdo. Pela impossibilidade de sutura da fenda foram realizados pontos de ancoragem do epiplon e do fígado ao diafragma com fio ácido poliglicólico 2. Não houve complicação no pós-operatório e o animal teve alta no sétimo dia de hospitalização. A sobrevida é de 46% dos equinos submetidos à correção de hérnia diafragmática e o prognóstico é relacionado com o tamanho da hérnia, comprometimento respiratório e a isquemia intestinal.

Palavras-chave: Cólica; defeito congênito; hérnia diafragmática

175. HÉRNIA DIAFRAGMÁTICA IDIOPÁTICA DIAGNOSTICADA POR LAPAROTOMIA EXPLORATÓRIA EM UM CAVALO COM SÍNDROME CÓLICA: RELATO DE CASO

THAÍS REGINA LEMFERS*1; MARIANA COCCO2; JÉSSICA RODRIGUES SILVA2; ANNY RAISSA CAROLINI GOMES2; FLÁVIA DO PRADO AUGUSTO AMARO2; ANDRESSA DUARTE LORGA2; PETERSON TRICHES DORNBUSCH2

1.IFC, ARAQUARI, SC, BRASIL; 2.UFPR, CURITIBA, PR, BRASIL.

e-mail:thaislemfers@hotmail.com

Resumo:

Hérnias diafragmáticas são incomuns em equinos, representando 0,67% da casuísta cirúrgica de cólica nesta espécie.

No histórico desta afecção são relatados como causas primárias exercício severo, parto distócico e síndrome cólica, sendo o diagnóstico da enfermidade geralmente durante laparotomias exploratórias. O objetivo deste trabalho é relatar um caso de hérnia diafragmática possivelmente traumática ocasionada em um cavalo com cólica. Foi encaminhado ao HV-UFPR (Hospital Veterinário da Universidade Federal do Paraná) Curitiba, um cavalo castrado, SRD, 13 anos, com histórico de síndrome cólica equina durante três dias. O paciente apresentava-se inquieto e ao exame físico observou-se frequência cardíaca de 48bpm, frequência respiratória de 20mrpm, mucosa rósea com presença de halo, TPC 2,5 segundos, temperatura retal 37,7oC e hipomotilidade intestinal em todos os quadrantes. Ao exame de paracentese, o líquido peritoneal apresentou coloração vermelha de aspecto hemorrágico, hematócrito 24%, 4,4g/dL de proteína, 4,5mg/dL de lactato e na palpação retal foi relatado deslocamento da flexura pélvica. Levando em consideração a avaliação clínica do animal, este foi submetido à laparotomia exploratória e durante a inspeção da cavidade abdominal, observou-se que as alças estavam com coloração e posicionamento alterados e a flexura pélvica repleta. Ao exteriorizar-se a flexura pélvica para enterotomia e retirada do conteúdo, a cavidade abdominal pode ser melhor explorada, sendo então notada a presença de uma hérnia diafragmática dorsal com presença de vísceras na cavidade torácica (estômago e parte do jejuno). Devido a extensão da hérnia e a inviabilidade de correção com o animal em decúbito dorsal, realizou-se o reposicionamento das demais vísceras e oclusão da cavidade abdominal. A oclusão da cavidade sem retificação do distúrbio foi realizada porque buscar-se-ia, posteriormente a recuperação anestésica do animal, a tentativa de correção da hérnia diafragmática por toracoscopia com o animal em estação. No entanto, durante o retorno anestésico, o animal veio a óbito sem sucesso no procedimento de reanimação cardio-respiratório. Ao exame necroscópico foi observado hérnia diafragmática de aproximadamente 30cm com a presença de alças intestinais e baço na cavidade torácica; os lobos pulmonares apresentavam-se com pleura retraída e um ramo da artéria mesentérica encontrava-se parcialmente obstruído por trombo de larvas de Strongylus spp, sugerindo assim, que a origem da enfermidade foi traumática devido a dor gerada pela síndrome cólica, sendo este um fator predisponente em animais adultos já relatado na literatura. Diversos autores relatam a dificuldade diagnóstica da hérnia diafragmática in vivo devido à ausência de sinais específicos deste quadro, podendo ser confundida com outras causas de síndrome cólica mais comuns. Com a tecnologia disponível nos dias atuais, sugere-se a utilização de exames de imagem para a complementação de atendimento clínico anterior ao encaminhamento cirúrgico, onde tal prática unida ao uso de técnicas como videocirurgias, o prognóstico de certas afecções como hérnias diafragmáticas poderá apresentar maiores índices de sucesso.

Palavras-chave: Hérnia diafragmática; equino; síndrome cólica

176. HÉRNIA DIAFRAGMÁTICA TRAUMÁTICA SEGUIDA DE EVISCERAÇÃO EM EQUINO – RELATO DE CASO

IZABELA DE ASSIS ROCHA*1; JÉSSICA GUERRA OLIVEIRA1; TÂMILES NAIARA DOS SANTOS BISPO1; LUÍS HENRIQUE GOUVÊA SARAIVA1; ANA PAULA REZENDE SILVA1; ROBERTO MAURÍCIO CARVALHO GUEDES1; RAFFAELLA B. C. TEIXEIRA1; MARISTELA SILVEIRA PALHARES1; RENATA DE PINO ALBUQUERQUE MARANHÃO1

1.UFMG, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL.

e-mail:izabela.idar@yahoo.com.br

Resumo:

As hérnias diafragmáticas podem ser congênitas ou adquiridas. As principais causas em equinos adultos são trauma, partos distócicos e atividade extenuante. Apesar de diversos órgãos estarem sujeitos a se projetarem pelo anel herniário, observa-se principalmente a herniação do intestino delgado (Auer e Stick, 2012; Reed, Bayly e Sellon, 2003). Considera-se que a ausculta torácica, radiografia e ultrassonografia são valiosos para o diagnóstico. É possível identificar o anel herniário ultrassonograficamente e, eventualmente, pode-se avaliar a integridade das vísceras herniadas. O prognóstico para hérnias diafragmáticas é desfavorável, mesmo com a correção cirúrgica (Hart e Brown, 2009). Foi recebido no Hospital Veterinário da UFMG, um equino, fêmea, SRD, de aproximadamente um ano de idade, apresentando ferida perfurante na região ventral do tórax esquerdo, com exposição do intestino delgado.

O proprietário relatou que o animal era mantido em baia e, ao ser solta em piquete, colidiu com um tronco de madeira, com perfuração da cavidade torácica além da evisceração do intestino delgado. Em seguida o proprietário realizou a retirada do objeto perfurante. Relatou pouco sangramento e aplicou bandagem com atadura, com encaminhamento imediato do animal para o Hospital Veterinário, onde foi realizado exame clínico admissional. O animal estava alerta, em estação, com Frequência Cardíaca de 64bpm, Frequência Respiratória de 40mpm e Tempo de Preenchimento Capilar de 3 segundos. Foi possível auscultar sons intestinais na área cardíaca, aumento de ruído respiratório, dispneia e respiração superficial. A mucosa oral estava cianótica. Realizada ultrassonografia torácica, observaram-se alças intestinais características de intestino delgado e liquido livre na área pulmonar, com presença de fibrina. Na ultrassonografia abdominal, se observou intestino delgado em posição cranial atípica e ruptura do diafragma. Devido ao prognóstico desfavorável e a limitação de recursos financeiros do proprietário, optou-se pela eutanásia. No caso da possibilidade de intervenção cirúrgica, a remoção do corpo estranho proporcionou a exposição do segmento intestinal, com aumento da propabilidade de lesão irreversível e peritonite. Além disso, outras complicações como íleo e pleurite devem ser consideradas.

Palavras-chave: Diafragma; respiratório; trauma

177. IMOBILIZAÇÃO COM ELEVAÇÃO DE TALÃO E USO DE FERRADURA COM APOIO DE BOLETO NO TRATAMENTO DE RUPTURA DOS TENDÕES FLEXORES E LIGAMENTO SUSPENDOR DO BOLETO NO MEMBRO POSTERIOR DIREITO DE UM EQUINO

LETICIA OLIVEIRA COTA*1; BRUNO DONDONI DONDONI MALACARNE1; CAMILLA FERREIRA RODRIGUES SILVA1; ARMANDO DE MATTOS CARVALHO1; ANDRESSA BATISTA DA SILVEIRA1; RAFAEL RESENDE FALEIROS1

1.ESCOLA DE VETERINARIA - UFMG, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL.

e-mail:ferreiracamill@gmail.com

Resumo:

Rupturas tendíneas e ligamentares em equinos são desafiadoras, devido à dificuldade de tenorrafia e reconstrução de ligamentos. O objetivo do trabalho é relatar o uso de ferradura com extensão caudal e apoio para o boleto após a imobilização com elevação de talão no membro posterior em um equino com laceração dos tendões flexores superficial e profundo e ligamento suspensor do boleto. Um equino, macho Mangalarga Marchador, de 6 anos de idade foi encaminhado ao Hospital Veterinário da UFMG. O histórico era de acidente ao desembarcar de caminhão há 5 dias, que promoveu laceração de aproximadamente 3 cm na face plantar proximal da canela no membro posterior direito (MPD). Havia claudicação grau 5 e feridas na face dorsal proximal da canela por pouco acolchoamento de tala. Sob anestesia geral, verificou-se ruptura completa dos tendões flexores digital superficial (TFDS) e profundo (TFDP) e parcial do ligamento suspensor do boleto (LSB). Os cotos tendíneos foram curetados, mas não havia ossibilidade de aproximação. Realizou-se reconustrução da pele, sendo aplicados 10 ml de plasma rico em plaquetas (PRP) de forma intralesional. Um tamanco de madeira de forma triangular que permitia máxima elevação de talão e apoio somente na pinça, foi fixado após preenchimento da sola e ranilha com silicone de condensação. Posteriormente, realizou-se imobilização de todo o membro até a porção proximal do metatarso com gesso sintético. A cobertura antibiótica foi feita com penicilina (30.000 UI/kg, IM, SID) e gentamicina (6.6 mg/kg, IV, SID). O controle da dor foi realizado com morfina (0,1mg/kg IM) no trans e pós-operatório imediato, mais 3 dias de fenilbutazona (4,4mg/kg, IV, SID) e 2 dias após as trocas de gesso e colocação de ferradura e firocoxib (0,1mg/kg, PO, BID) mantido durante toda a internação. No terceiro dia, após o procedimento cirúrgico, devido ao conforto e adaptação do animal a imobilização e elevação do talão, iniciou-se a fisioterapia que consistiu em caminhadas iniciais de 1 minuto 2 vezes ao dia, com aumento gradual até atingir 5 minutos 3 vezes ao dia, que permaneceu durante todo o período de internação e teve interrupções pontuais nos dias seguintes a trocas de gesso e ferradura. Após 40 dias de imobilização, foi realizada a troca de gesso, com remoção completa aos 62 dias. A partir daí foi necessário a confecção de ferradura com extensão caudal para suporte ao TFDP e com apoio para o boleto para suporte ao TFDS e LSB e que garantiu por mais 45 dias o suporte ao boleto e num total 60 dias a extensão caudal. A alta ocorreu com 80 dias de internação,

sendo o equino atualmente utilizado como garanhão.

Palavras-chave: Laceração tendínea e ligamentar; claudicação; ferrageamento terapêutico

178. INDUÇÃO FARMACOLÓGICA DA EJACULAÇÃO E CRIOPRESERVAÇÃO DO SÊMEN DE GARANHÃO PENECTOMIZADO DEVIDO A CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS - RELATO DE CASO

THAÍS MENDES SANCHES CAVALERO*1; LUCAS EMANUEL FERREIRA CANUTO1; LUCAS TRONCARELLI RODRIGUES1; VERÔNICA FLORES DA CUNHA SCHEEREN1; FREDERICO OZANAM PAPA1

1.UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:thaismscavalero@gmail.com

Resumo:

A coleta por meio de vagina artificial é a técnica mais utilizada em garanhões para a coleta de sêmen, no entanto, como esta técnica mimetiza a monta natural, alterações físicas e reprodutivas, como neoplasias penianas, podem impedir este procedimento. Neoplasias como o carcinoma de células de escamosas apresentam alta incidência clínica em pênis e prepúcio de equinos e, por se tratar de uma neoplasia de caráter maligno e altamente invasiva, a ressecção cirúrgica com margem ampla é o tratamento preconizado. Desse modo, animais de alto valor genético são excluídos dos programas de reprodução assistida, acarretando em prejuízos genéticos e econômicos para a equideocultura. A indução farmacológica da ejaculação, também denominada de ejaculação química, apresenta-se como uma alternativa importante para obtenção e preservação do material genético de garanhões incapazes de ejacularem pelos métodos tradicionais de coleta de sêmen. O objetivo do presente trabalho é relatar o sucesso da indução farmacológica da ejaculação em garanhão de 9 anos da raça crioula submetido a penectomia após o diagnóstico de carcinoma de células escamosas em glande e corpo do pênis. O protocolo tradicional de indução farmacológica da ejaculação com a associação de Cloridrato de imipramina (3mg/kg/v.o) e Cloridrato de xilazina (0,66mg/kg/i.v) não apresentou sucesso na indução da ejaculação. A administração do Cloridrato de imipramina (3mg/kg/ v.o) duas horas antes da administração de Cloridrato de detomidina (0,02mg/kg/i.v) também não resultou em ejaculação. Por outro lado, a administração do Cloridrato de imipramina (3mg/kg/v.o) duas horas antes da administração de Cloridrato de detomidina (0,02mg/kg/i.v) associado a ocitocina (20 U.I/i.v) resultou em ejaculação. O garanhão foi submetido a três coletas seminais com intervalo de três dias entre a administração do protocolo e ejaculou em todas as tentativas após aproximadamente 5 minutos da aplicação de detomidina e ocitocina. O sêmen foi manipulado e criopreservado pelo Laboratório de Andrologia do Departamento de Reprodução Animal e Radiologia Veterinária da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia - UNESP, campus de Botucatu. A avaliação dos parâmetros espermáticos dos três ejaculados resultou em valores médios de 50 mL de volume total (VT), concentração de 80 x106 espermatozóides/mL, motilidade total (MT) de 84% e progressiva (MP) de 38%, com 70% de espermatozoides rápidos (RAP). A avaliação da cinética espermática foi realizada pelo método computadorizado CASA (HTMA - IVOS - 12) onde foi observada uma significativa redução dos valores de cinética espermática após a congelação do sêmen devido a uma sensibilidade intrínseca dos espermatozoides desse garanhão à criopreservação. A cinética espermática pós-descongelação apresentou 42% de MT, 21% de MP e 28% de RAP. Desta forma, este relato permite concluir que o protocolo associando imipramina, detomidina e ocitocina foi eficiente na indução farmacológica da ejaculação, apresentando parâmetros espermáticos normais e característicos da espécie. O sêmen fresco e refrigerado apresentaram parâmetros bons para a utilização em inseminações artificiais convencionais enquanto o sêmen congelado é indicado para inseminações em ponta de corno ou para a utilização em programas de injeção intracitoplasmática de espermatozoide (ICSI).

Agradecimentos: #2016/21452-5, Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Palavras-chave: Ejaculação química; detomidina; ocitocina

179. INSUFICIÊNCIA AÓRTICA E PULMONAR EM EQUINO QUARTO DE MILHA – RELATO DE CASO

PEDRO NEGRI BERNADINO*1; ROGÉRIO MARTINS AMORIM1; JOSE PAES DE OLIVEIRA-FILHO1; SIMONE BIAGIO CHIACCHIO1; MARIA LÚCIA GOMES LOURENÇO1; AMANDA SARITA CRUZ1; JULIANA ALMEIDA NOGUEIRA DA GAMA1; ALEXANDRE SECORUN BORGES1

1.UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:pedro.negri.bernardino@hotmail.com

Resumo:

Sopros geralmente são manifestações decorrentes de alterações valvares comumente presente em equinos, sem relevância clínica em grande parte dos casos atendidos, sendo a insuficiência aórtica frequentemente descrita nesta espécie. Contudo, a avaliação cardiovascular de pacientes equinos é de suma importância para certificar que alterações neste sistema não impliquem em queda na performance ou na qualidade de vida do animal. Juntamente com esta avaliação, outros sinais, como taquicardia, ascite, taquipneia, ruídos pulmonares, tosse e intolerância ao exercício, podem acompanhar o sopro em casos de cardiopatias que evoluíram para insuficiência cardíaca congestiva (ICC). Foi encaminhado para o Hospital Veterinário da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia - UNESP, campus de Botucatu, um equino Quarto de Milha, macho, 21 anos, utilizado como reprodutor, devido a sopro cardíaco detectado durante exame clínico de rotina do animal. Ao exame físico, o equino não apresentava alterações nos parâmetros fisiológicos para a espécie, apenas a presença de sopro musical cardíaco holodiastólico, grau V e VI, foco pulmonar e aórtico, com frêmito palpável. Nenhuma alteração foi observada em exames de hemograma, bioquímico sérico, hemogasometria e eletrocardiográfico. As dimensões ecodopplercardiográficas no modo M foram: espessura do septo interventricular em diástole (SIVd) - 1,92cm; diâmetro diastólico final do ventrículo esquerdo (DIVEd) - 9,48cm;espessura da parede posterior do VE em diástole (PLVE-d) - 1,88 cm; SIVs - 3,20cm; DIVEs -5,66 cm; PLVEs - 2,63 cm; fração de encurtamento de 40,3%; diâmetro da aorta e do átrio esquerdo com 6,94 e 8,46cm, respectivamente, com relação AE/Aorta de 1,2, e velocidade de fluxo pulmonar de 79,1 cm/s com gradiente de pressão de 2,5 mmHg. Foi observado insuficiência moderada em valva aórtica, com vibração da cúspide coronária esquerda e insuficiência pulmonar leve. Não foram observadas imagens sugestivas de processo vegetativo ou remodelamento cardíaco. De acordo com as avaliações que se sucederam, firmou-se o diagnóstico de insuficiência aórtica e pulmonar degenerativa (doppler colorido), porém sem repercussão hemodinâmica até o momento. O paciente recebeu alta com indicação de acompanhamento trimestral, sem prescrição medicamentosa até o momento do primeiro atendimento. A ausência de alterações hemodinâmicas enquadra a insuficiência valvar degenerativa dentro de um prognóstico bom a reservado. Em pacientes com tal classificação, é recomendado um acompanhamento frequente para avaliar uma possível evolução desta enfermidade, sem necessidade de terapia medicamentosa, levando em consideração que suas atividades podem ser desenvolvidas adequadamente.

Palavras-chave: Ecodopplercardiografia; degenerativa; sopro musical

180. INTOXICAÇÃO POR ACETURATO DE DIMINAZENO EM POTRO: RELATO DE CASO

ALINE MAYARA SILVA DE LIMA*1; JARBIANE GOMES DE OLIVEIRA1; MAYNARA KALYA FERREIRA LIMA1; ANDREZZA CAROLINE ARAGÃO DA SILVA1; LUAN LUTHZEMBERG FERREIRA DE ANDRADE1; KARINA PESSOA OLIVEIRA1; MARCIA KIKUYO NOTOMI1; ANNELISE CASTANHA BARRETO TENORIO NUNES1; MÔNICA ARRIVABENE ARRIVABENE2; PIERRE BARNABÉ ESCODRO1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, VIÇOSA, AL, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, TERESINA, PI, BRASIL.

e-mail:alinemayara_al@hotmail.com

Resumo:

Diversas são as etiologias de intoxicação em equinos, sendo a farmacológica ainda uma das mais diagnosticadas no Brasil, atribuindo-se ao uso indiscriminado de fármacos; medicação realizada por proprietários e tratadores sem avaliação prévia do médico veterinário; fiscalização ineficaz no mercado; desconhecimento da fisiologia, do princípio ativo e seus efeitos colaterais; além de equívocos na dosagem e tempo prolongado de administração farmacológica. O aceturato de diminazeno (DMZ), derivado da diamina, possue ação antiprotozoária e é utilizado no tratamento de tripanossomíase e babesiose em diversas espécies, dentre elas, o equino. É um fármaco muito tóxico que pode levar a alterações no SNC causando salivação, tremores musculares, diarreia, degeneração hepática, renal, cardíaca e muscular quando não respeitada a posologia do fármaco. Casos de intoxicação por DMZ foram relatados em cães, porém poucos casos são descritos na espécie equina. Esse trabalho tem como objetivo relatar o uso inadequado de DMZ em um potro ocasionando intoxicação. Deu entrada no Ambulatório do Grupo de Pesquisa e Extensão em Equídeos da Universidade Federal de Alagoas (GRUPEQUI-UFAL), um potro, 2 meses, 95 kg, raça Mangalarga Marchador, na anamnese relatou-se que o animal apresentou apatia, diarreia e distensão abdominal e lhe foi aplicado pelo tratador DMZ 7% (dose não informada) por 7 dias consecutivos, com justificativa de suspeita de babesiose. Ao exame clínico o potro demonstrava fotofobia, frequência cardíaca de 86 bpm, frequência respiratória de 40 rpm, episódios oscilatórios de bradicardias e taquipneias, temperatura de 37,4°C, hipomotilidade, mucosa oral hipercorada e mucosa ocular congesta, além de sialorreia. Foram observados sinais neurológicos como incoordenação motora, opistótono, musculatura rígida do corpo, tremores musculares, movimentação contínua da cabeça, perda de equilíbrio (ataxia vestibular) e total indiferença ao ambiente. Além disso, também apresentava áreas de alopecia, ausência de micção e defecação e desidratação de 8%. No hemograma apresentava leucopenia e trombocitopenia. Devido aos sinais clínicos apresentados e aplicação inadequado do DMZ por um tempo prolongado chegou-se ao diagnóstico sugestivo de intoxicação. Iniciou-se um protocolo terapêutico, com dexametasona (2mg/kg/SID/IM) e vitamina B12 (2ml/SID/IM). Foi preconizado o uso de Sonda Nasogástrica para alimentação enteral e fluidoterapia intravenosa com o uso de 2 litros de ringer com lactato associado a 100 ml de Gluconato de cálcio 20 %. O animal veio ao óbito após três dias. Após realização da necropsia, fragmentos do hipotálamo, bulbo, cerebelo, rim, baço, fígado e pulmão foram encaminhados para o exame histopatológico. Foram observadas áreas de congestão no pulmão, cálices e pelve renal sem diferenciação, além de áreas de calcificação na artéria pulmonar e nos parênquimas hepático e esplênico. Não foram observadas lesões hemorrágicas no SNC, como em casos da intoxicação por DMZ em cães. O trabalho relata caso raro de intoxicação por DMZ em potro, exteriorizando que o isso prolongado desse quimioterápico pode levar equinos ao óbito após quadro de diarreia evoluindo ao quadro neurológico, sem achados clássicos de lesões hemorrágicas no SNC.

Palavras-chave: Diamina; equino; intoxicação

181. INTUSSUSCEPÇÃO JEJUNO-JEJUNAL: RELATO DE CASO

HELOÁ KAROLINE MOURA*1; MARTA JULIANE GASPARINI1; LEONARDO JORGE1; GABRIELA DE OLIVEIRA DERITTI1; MAYARA LAZARIN1; VICTOR SESNIK STORTE1; MAURÍCIO MENDES1; LUIS FERNANDO OLIVEIRA SOUZA1; HIGOR COLEONE1; PEDRO HENRIQUE DE CARVALHO1

1.UNOPAR, ARAPONGAS, PR, BRASIL.

e-mail:heloa_karolinemoura@hotmail.com

Resumo:

Considerada a enfermidade responsável pelo maior número de óbitos em equinos, a síndrome cólica, possui etiologia complexa e variada, sendo que lesões obstrutivas estrangulativas estão relacionadas a altas taxas de óbitos. Dentre essas afecções, a intussuscepção, causada por uma invaginação de uma porção do intestino em um segmento adjacente, compromete o fluxo sanguíneo no segmento, produzindo uma obstrução mecânica, do trânsito da digesta. Foi encaminhado ao Hospital Veterinário, uma égua, Quarto de Milha, de 8 anos, 490 kg,

com histórico de desconforto abdominal há um dia, com evolução de dor aguda, intermitente e moderada sob o uso de drogas analgésicas. Foi relatado que na propriedade realizou-se sondagem nasogástrica,obtendo refluxo enterogástrico espontâneo, fluidoterapia com ringer lactado, flunixin meglumine e dipirona. Já no hospital ao exame físico, constatou frequência cardíaca 48 bpm, frequência respiratória 32 mpm, tempo de preenchimento capilar de 3 segundos, mucosas congestas com halo cianótico, hipomotilidade nos quatro quadrantes, temperatura retal 38,6° e ausência de defecação. Os exames laboratoriais revelaram HT: 46%, fibrinogênio 400 mg/dl, proteínas plasmáticas totais 6,8g/dl, leucograma 17.000/mm³. No exame ultrassonográfico transabdominal encontrou-se imagens indicativas de intussuscepção de intestino delgado no quadrante inferior caudal direito e alças de intestino delgado distendidas. Frente à clínica e ao exame ultrassonográfico, foi indicado à realização de laparotomia exploratória. Na inspeção durante o ato cirúrgico, constatou-se intussucepção jejuno-jejunal e segmentos edemaciados no sentido oral e aboral à intussucepção; tentou-se reverter com a manipulação das alças, mas não obteve sucesso. Logo, optou-se por enterectomia dos segmentos acometidos de aproximadamente 4 metros e enteroanastomose terminoterminal jejuno-jejunal. No pós-operatório, o animal foi mantido sob infusão continua de lidocaína (0,05mg/kg/hr IV) por 24 horas, fluidoterapia de ringer lactato (50 ml/kg/dia), Glucafós® (200 ml IV por dia), Sedacol® (200 ml IV por dia) e Bionew® (30 ml IV por dia) por 3 dias; ceftiofur (5 mg/kg, IV, SID) por 7 dias; gentamicina (6.6mg/kg, IV, SID) por 5 dias; flunixin meglumine (1.1 mg/kg, IV, SID) por 5 dias; dimetilsulfóxido (0,2 g/kg diluído 10% IV, BID) por 3 dias ; cimetidina (6.6 mg/kg, IV, QID) por 2 dias; omeprazol (4 mg/kg, VO, SID) por 15 dias; curativos estéreis diários da ferida cirúrgica com gluconato de clorexidina e rifamicina sódica tópica até a retirada dos pontos com 12 dias. Clinicamente o animal se manteve estável, sem dor gastrointestinal, motilidade intestinal progressivamente melhor até ficar normal. Foi feito jejum alimentar por 48 horas seguido de retorno gradual da alimentação. Após 24 horas de pós-operatório, o animal começou a apresentar pulso digital e aumento de temperatura nos cascos, com sinais mais evidentes nos membros torácicos, sugestivo de um quadro agudo de laminite; foi instituído a crioterapia por 48 horas. Logo após foi colocado taco de madeira com palmilha nos membros torácicos e iniciado administração de acepromazina (0.02mg/kg, IM, TID) por 30 dias; estabilizando-se o quadro. Apesar dessas complicações, o animal recuperou-se bem do quadro de cólica, e após 43 dias de internamento, recebeu alta. O comprometimento do jejuno geralmente envolve uma grande extensão do segmento, causando obstrução completa. As alterações circulatórias ocasionam isquemia, promovem perfusão e oxigenação inadequadas. Logo, alterações sistêmicas são desencadeadas, devido absorção de endotoxinas, distúrbios hidroeletrolíticos e no equilíbrio ácido-base, agravando o caso. O prognóstico de intussuscepção é reservado. Nesses casos, o uso da ultrassonografia auxilia no rápido encaminhamento ao tratamento cirúrgico e exerce grande impacto sobre o prognóstico cirúrgico.

Palavras-chave: Intussuscepção; ultrassonografia; enterectomia

182. LAPAROTOMIA EM ESTAÇÃO PARA CORREÇÃO DE ENCARCERAMENTO INGUINO-ESCROTAL EM UM GARANHÃO – RELATO DE CASO

CAMILA GUIMARÃES MEZHER*1; PAOLO NEANDRO BONA SOARES1; MARISA MARTIRE PELLEGRINI1; AYMARA EDUARDA DE LIMA1; CAMILA MOURA DA SILVA1; THAMYRES SANTOS SILVA1; NEIMAR VANDERLEI RONCATI1; GIANCARLO BONAGURA1; ANGELICA TRAZZI BENTO DE MORAES1

1.UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI, SAO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:camilamezher@gmail.com

Resumo:

As hérnias inguino-escrotais são definidas pela passagem de um segmento intestinal através canal inguinal, podendo ocasionar encarceramento, levando o animal a apresentar desconforto abdominal agudo e dor intensa pela interrupção do fluxo dos vasos mesentéricos e testicular. O diagnóstico da enfermidade se dá através da palpação transretal, exame físico, no qual observa-se testículo firme, sensível e frio, e ultrassonografia. A cirurgia é indicada através da celiotomia pela linha média ventral, com o animal anestesiado e posicionado em decúbito dorsal, e consiste na remoção do segmento intestinal encarcerado da região do anel inguinal. Foi encaminhado ao

hospital veterinário um equino garanhão, oito anos, da raça Puro Sangue Lusitano, que, após cobertura apresentou sinais de síndrome cólica, apresentando apatia, hipertermia, taquicardia, taquipneia, mucosas congestas com halo cianótico, TPC 5 segundos e hipomotilidade em todos os quadrantes abdominais, hematócrito 67% e 10mg/dL de proteína. Na sondagem nasogástrica foram recuperados 18 litros de conteúdo com coloração amarronzada, odor fétido e pH 8. O testículo direito encontrava-se firme, frio, com discreto aumento de volume e a palpação transretal evidenciou um segmento intestinal direcionado e encarcerado no anel inguinal direito. A ultrassonografia da região inguinal confirmou a presença de uma alça intestinal com características compatíveis com intestino delgado na região inguinal direita ao lado do cordão testicular. O mesmo foi observado através da ultrassonografia transretal, diagnosticando-se o encarceramento inguino-escrotal. Optou-se pela correção cirúrgica por um acesso pelo flanco direito, com o animal em estação, devido ao estado geral ruim, com o paciente em choque e sem resposta ao tratamento clínico. O animal foi contido em tronco de contenção e, após tricotomia ampla, antissepsia, e bloqueio anestésico infiltrativo com lidocaína 2% na região do flanco direito, realizou-se uma incisão vertical de pele e subcutâneo, no centro da fossa paralombar, de aproximadamente 20 centímetros. O músculo oblíquo abdominal externo foi incisionado na mesma direção da incisão da pele, os músculo oblíquo abdominal interno e transverso do abdome foram divulsionados e o peritônio foi incisionado. A exploração da cavidade abdominal foi iniciada na região do anel inguinal tornando possível, após manipulação e orquiectomia, o desencarceramento de um segmento de jejuno, onde notou-se a coloração arroxeada, mas presença de motilidade e pulso dos vasos mesentéricos, fato que foi decisivo para não realização da enterectomia. No peritônio foi instilado solução de RL, adicionada de 80 ml de gentamicina a um litro. A laparorrafia inciou-se com o fechamento dos planos musculares com vicryl 2® em padrão simples interrompido, tecido subcutâneo com vicryl 2-0® em padrão simples contínuo e a pele foi fechada com grampo cirúrgico. Foi fixado dreno peritoneal na região ventral do abdômen, para lavagem da cavidade com 3 litros de Ringer Lactato (BID, dois dias). Como terapia medicamentosa foi instituído 10 ml de Cálcio em cada litro de RL, totalizando 120 ml (BID, quatro dias) e Lidocaína (Bolus, 1,3mg/kg e manutenção 0,05mg/kg/min, quatro dias); DMSO (1g/kg, BID, três dias) e Flunixin Meglumine (1,1mg/kg, SID, três dias); Cloridrato de Tramadol (0,7 mg/kg, QID, dois dias); Metronidazol (15mg/kg, IV, BID, sete dias); Penicilina (20.000 UI, IM, cinco dias) e Heparina (100.000 UI, BID, SC, dois dias), sendo reajustada para 60.000 UI, por quatro dias. Animal recebeu alta após 52 dias, por apresentar laminite. O fechamento do anel inguinal é recomendado para que não haja recidiva da enfermidade. No entanto, no presente relato, devido ao animal apresentar quadro de choque sem melhora ao atendimento clínico instituído, e risco na indução e recuperação anestésica, optou-se pela correção cirúrgica através do flanco, o que impossibilita o acesso à região do anel inguinal, para o fechamento do mesmo.

Palavras-chave: Anel inguinal; cirurgia; flanco

183. LIPEMIA INDUZIDA POR DIETA HIPERCALÓRICA CONSEQUENTE A HUMANIZAÇÃO EM EQUINO: RELATO DE CASO

RODRIGO PEREIRA*1; FILIPE CAMARGO DE OLIVEIRA1; MARINA PAULA SAPUCAIA FRAGA1; CECÍLIA BRAGA LAPOSY SANTAREM1; PAULO IZIQUE GOIOZO1; CAMILA ANGELA BERNARDI1; ROGÉRIO GIUFFRIDA1; MIRIAN RODRIGUES1

1.UNOESTE, PRESIDENTE PRUDENTE, SP, BRASIL.

e-mail:mi_medvet@yahoo.com.br

Resumo:

Atualmente, alguns animais de grande porte têm sido tratados como pets, interferindo de certa forma nos hábitos fisiológicos como a alimentação. Um bom manejo nutricional para os equinos é indispensável para a saúde e o desempenho de atividades rotineiras, sejam elas nos esportes, na lida do campo ou apenas para sua mantença. Quando esta alimentação é feita de modo errôneo, oriunda do excesso, ausência ou até mesmo do modo inapropriado para a espécie, alguns problemas podem surgir, como a lesão hepática pelo excesso de lipídeos, acarretando no aumento do triglicerídeo sanguíneo. O fígado é responsável pela produção de grande parte dos fatores de coagulação, sendo que na ocorrência de lesão hepática há deficiência na formação de protrombina, fibrinogênio e trobomplastina,

levando o animal a apresentar distúrbios na hemostasia e consequentemente episódios de diátese hemorrágica. Este estudo objetivou relatar o caso de um equino, macho, 29 anos de idade, sem raça definida que foi atendido pelo Hospital Universitário Veterinário da UNOESTE, com histórico de epistaxe intensa há 15 dias. O proprietário relatou que o sangramento foi inicialmente unilateral, tornando-se posteriormente bilateral, sendo administrado anti-hemorrágico á base de ácido tranexâmico, 10 ml/SID, durante três dias, não apresentando melhora. Relatou ainda que a alimentação do equino era feita a base de gramínea, ração, frutas (mamão, banana, manga, abacate e tubérculos), arroz, feijão, carne, pão, mandioca, leite e salgadinhos industrializados. No exame físico, o animal apresentou mucosa oral rósea clara, tempo de preenchimento capilar de dois segundos, temperatura retal em 37,2 C°, frequência cardíaca de 63 bpm, frequência respiratória de 52 mpm e motilidade normal em todos quadrantes intestinais. Amostras de sangue pela veia jugular foram coletas para realização de hemograma e bioquímico sérico onde se constatou amostra lipêmica, sendo observadas as seguintes alterações: hematócrito: 15,9% (24-44); fosfatase alcalina: 830,0 U/L (45-239); aspartato amino transferase: 662 U/L (102-350); gama glutamil transferase: 243,7 U/L (4-20); além da dosagem de colesterol e triglicérides, os quais apresentaram os seguintes valores respectivamente: 391,1 mg/dl (75-150) e 3737,3 g/dl (4-44). A conduta terapêutica instituída contou com a aplicação diária por via endovenosa de agentes lipotrópico e antitóxicos (Mercepton®) diluídos em cinco litros de glicose 5%, 30 mg de Vitamina K (Monovin k®), complexo vitamínico (Bionew®) e 4500 mg de ácido tranexâmico (Transamin®) diluídos em 3,5 litros de Ringer Lactato durante sete dias, obtendo melhora da epistaxe. Após o oitavo dia de tratamento, as medicações passaram a ser realizadas em dias alternados por mais sete dias, sendo observada hemostasia nasal completa. A terapêutica a base de glicose com adição do Mercepton® em dias alternados permaneceu por mais sete dias, pois ainda apresentava pelo exame laboratorial alteração hepática. O proprietário foi orientado sobre a necessidade de mudar a dieta do animal, trocando sua alimentação rica em carboidratos e altamente calórica por uma alimentação composta por fibras, feno de alfafa e gramíneas. Após 15 dias o animal foi encontrado pelo proprietário em decúbito lateral, muito debilitado e assim como solicitado foi realizada a eutanásia. Na necropsia, foi observada lesão hepática severa e compactação gástrica por conteúdo gramíneo. Conclui-se que a alimentação errônea e a fantasia de criar um animal originalmente selvagem com evolução de mais de 60 milhões de anos como um pet, fornecendo alimentos destinados aos seres humanos, pode causar lesões irreversíveis, tanto hepáticas que levam a alterações da cascata de coagulação, podendo desenvolver quadros de diátese hemorrágica intensa, quanto na readaptação alimentar, levando a quadros de síndrome cólica, pois o trato gastrointestinal deste equino não estava apto a digerir e absorver os componentes alimentares fisiológicos.

Palavras-chave: Diátese hemorrágica; triglicérides; cascata de coagulação

184. MANUTENÇÃO ANESTÉSICA DURANTE LAPAROTOMIA EXPLORATÓRIA EM ÉGUA GESTANTE: RELATO DE CASO

LAIS LAGROTTA GARCIA*1; NATALIA TELLES SCHMIDT2; RODRIGO TAVARES NIEMAN3

1.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SAO PAULO, SP, BRASIL; 2.GUABI NUNTRIÇÃO DE SAÚDE ANIMAL, CAMPINAS, SP, BRASIL; 3.JOCKEY CLUB DE SÃO PAULO, SAO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:lais_lagrotta@hotmail.com

Resumo:

A anestesia de éguas gestantes é difícil por várias razões. Dentre os fatores, as complicações incluem elevação da ocitocina circulante produzindo vasodilatação, o útero gravídico que promove uma pressão no diafragma diminuindo a capacidade residual funcional e relaxamento do tônus do esfíncter esofágico. Os resultados são baixa pressão arterial, dificuldade com ventilação e oxigenação, e aumento do potencial de aspiração de conteúdo gástrico. Dessa maneira, devem ser realizados a sedação e protocolos anestésicos de fácil administração, produzindo relaxamento e conforto rapidamente para manipulação eficaz do feto. A torsão uterina tem sido relatada em éguas com frequência variável durante os últimos 3 meses de gestação. Se a torção está associada à ruptura uterina, os sinais de doença sistêmicas mais graves podem ser evidentes. A hipovolemia é uma causa comum de insuficiência circulatória e

representa uma importante causa de morbidade e mortalidade, porque acarreta na hipoxemia, especialmente durante os períodos prolongados em decúbito dorsal, por isso, é recomendável a utilização da ventilação mecânica controlada. Fármacos vasoativos são imprescindíveis na anestesia de equinos e a escolha entre eles é um fator importante para o sucesso. O presente relato tem como objetivo descrever o caso clínico cirúrgico de uma égua gestante da raça Puro Sangue Inglês com diagnóstico de síndrome cólica. Ao exame físico, o animal apresentou frequência cardíaca de 78 batimentos por minuto, frequência respiratória de 46 movimentos por minuto, motilidade diminuída nos quatro quadrantes intestinais, mucosas congestas, tempo de preenchimento capilar aumentados e temperatura de 38.7°C. Os exames laboratoriais evidenciaram hematócrito de 41% e proteína em 8,7g/dl. Optou-se pela remoção cirúrgica do feto, já que este se encontrava morto. Durante a cirurgia, o animal apresentou uma leve hipotensão (55mmHg), revertida com administração de Dobutamina (3ug/kg) (75mmHg). Ao remover o potro, observou-se uma hemorragia severa em região abdominal da égua, ocasionando quadro de hipotensão e taquicardia. Na tentativa de localizar o possível foco hemorrágico, manteve-se uma hipotensão permissiva (55mmHg). Em seguida, outros três acessos vasculares foram canulados, sendo um na veia julgular direita e os outros dois nas veias cefálicas direita e esquerda para proporcionar o resgate volêmico. Não gerando resultado satisfatório, iniciou-se a associação do vasoativo Noradrenalina (5ug/kg/min). Durante 40 minutos, a pressão manteve-se estável (70mmHg). Após esse período, pelo quadro de perda volêmica e septicemia, o animal retornou a hipotensão (50mmHg), decidindo-se então pela administração de solução hipertônica a 7,5%. Posteriormente, foi observado que não houve diferença na hipotensão, iniciando solução colóide (5mg/kg) mantendo ainda o quadro de hipotensão (60mmHg). Como tentativa final administrou-se Epinefrina (0,01mg/kg). Durante o período de recuperação, a égua apresentou conteúdo sanguinolento em região de vulva sendo aplicado ácido tranexâmico (10mg/kg). O paciente se posicionou em decúbito esternal 65 minutos após o fim da anestesia permanecendo em estação após 90 minutos. Após 48 horas, o animal voltou a apresentar sintomatologia de síndrome cólica optando-se pela eutanásia. O presente relato conclui a importância na monitorização da anestesia de éguas gestantes com síndrome cólica, submetidos à ventilação mecânica controlada para garantir uma boa qualidade na ventilação/perfusão de animais que sofrem não só com a compressão dos órgãos, mas também com o útero gravídico sob o diafragma. Além disso, é possível concluir a complexidade e heterogeneidade dos pacientes hemodinamicamente instáveis, selecionando da melhor maneira os tipos de fluidos e fármacos vasoativos a serem administrados. A definição de protocolos hemodinâmicos individuais e anestésicos para pacientes em choque nas diferentes fases devem ser preconizados para obter sucesso cirúrgico.

Palavras-chave: Distocia; choque hemorrágico; cólica

185. MASTITE CLÍNICA EM ÉGUA: RELATO DE CASO

CAMILA BIANCONI*1; SAULO BARACAT VILLELA1; FABIANI ODORIZZI2; MURILLO ORMIERES3; FLÁVIA VIEIRA DE FREITAS1; ALEXANDRE AUGUSTO DE OLIVEIRA GOBESSO1

1.FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA USP/FMVZ, IRACEMAPOLIS, SP, BRASIL; 2.INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE CAMPUS ARAQUARI, ARAQUARI, SC, BRASIL; 3.UNIFIAN, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL.

e-mail:cabianconi@usp.br

Resumo:

Mastite em éguas é considerada de baixa ocorrência quando comparada aos ruminantes domésticos, ocorrendo mais frequentemente na lactação. A doença está relacionada a injúrias e traumas nas mamas e tetos. Conceitualmente, a mastite em animais domésticos caracteriza-se como processo inflamatório da glândula mamária que se traduz por alterações físicas, químicas, celulares e bacteriológicas do leite, bem como por modificações patológicas do tecido glandular, que podem determinar lesões irreversíveis ao parênquima mamário e redução drástica na produção de leite. Um equino, fêmea, sem raça definida com 15 anos de idade, alojado no Laboratório de Saúde Digestiva e Desempenho de Equinos – Labequi pertencente ao Departamento de Nutrição e Produção Animal da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo localizado na cidade de Pirassununga, São Paulo.

no terceiro mês de lactação apresentou sinais de mastite clínica, incluindo hipertermia, letargia, calor, dor, edema, endurecimento na glândula mamária e edema ventral. O leite encontrou-se alterado com coloração acinzentada, contendo grumos e presença de sangue. Foi realizado o teste da caneca de fundo escuro onde foi observado a presença de grumos, pus e sangue, na cultura microbiológica do leite, apresentou resultado negativo da amostra mesmo se tratando de amostras de mastite clínica, isso pode ter sido ocasionado devido o leite ter ficado muito ácido na presença das toxinas, ocasionando a morte das bactérias e a inviabilidade de cultura das mesmas. O tratamento empregado foi Sulfadoxina e Trimetoprina (15mg/kg, SID, IV) por cinco dias, antiinflamatório Flunexin meglumine (1mg/kg, SID, IV) por três dias e quatro sessões diárias (20 minutos) de duchas frias na glândula mamária durante cinco dias a fim de amenizar o processo inflamatório. Tratamento intramamário não foi uma opção de terapia por não haver dados que suportem a eficácia destes produtos na espécie equina, ao fim do tratamento não haviam mais sinais de mastite e o aspecto do leite já estava normalizado. O prognóstico da mastite em éguas é bom, com exceção dos casos crônicos recidivantes, que podem evoluir para atrofia e fibrose da mama acometida. Ao contrario dos ruminantes, não existem medidas específicas para o controle e profilaxia da mastite equina, as ações estão basicamente relacionadas aos aspectos higiênicos dos animais e ao meio ambiente. Os aspectos nutricionais devem ser observados, oferecendo as éguas dieta balanceada e equilibrada, notadamente quanto aos teores de proteína, energia, minerais, vitaminas e microelementos que reconhecidamente influenciam na resposta imunológica dos animais frente às infecções. A adoção de piquete maternidade pode facilitar a visualização precoce de casos de mastite nas primeiras semanas de lactação da égua.

Palavras-chave: égua; lactante; mastite

186. MELANOMA EM PAREDE VENTRAL DO ABDOME EM EQUINO DE SALTO – RELATO DE CASO

MARISTELA DE CASSIA SEUDO LOPES*1; MARIANA DE EQUIROZ SAMPAIO1; RENAN OIVEIRA SERRA DO CONI1; CAROLINE ARAÚJO DA SILVA1; CLARISSE SIMÕES COELHO1; ANDRESSA SANTANA DE NOVAIS1; ANDERSON LUIZ ARAUJO1; LUCAS COSTA E SILVA1; VICTORIA MATOS GARCIA1; CAIO VINICIUS GANCALVES TEIXEIRA1; CAIO DE ALMEIDA SOUZA SEIXAS1; LARA NUNES SOUSA1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, SALVADOR, BA, BRASIL.

e-mail:maris_vet@yahoo.com.br

Resumo:

O melanoma é uma neoplasia cutânea que inicialmente tem característica benigna, mas com a progressão por adquirir características de malignidade. Este trabalho tem como objetivo relatar um caso de melanoma em um equino macho da raça PSI, 14 anos, pelagem tordilha, atendido na Clínica e Cirurgia de Grandes Animais (CCGA) do Hospital de Medicina Veterinária da UFBA com nodulação pendular próximo ao pênis. Foi encaminhado ao setor de Grandes animais do HOSPMEV- UFBA para retirada de uma nodulação com característica pendular com cerca de 8 cm de comprimento, 6 cm de altura e 4 cm de largura. No exame físico, observou-se ainda a presença de outras nodulações firmes distribuídas na região do pescoço, flanco e região genital interna e externa. A nodulação estava localizada na parede ventral do abdome, cranial ao pênis e prejudicava a exposição do mesmo no momento da micção e durante as provas de salto, já sendo anteriormente traumatizada durante o exercício. Segundo a proprietária, a nodulação já existia desde o momento da compra do animal e aumentou de tamanho de forma vagarosa e progressiva. Relatou ainda que o paciente já havia sido submetido ao processo cirúrgico para retirada de nodulações para biópsia. No exame físico, os melanomas apresentavam-se firmes, não ulcerados e sem presença de secreções. Os parâmetros físicos, bioquímicos e hematológicos dentro da normalidade, o animal foi encaminhado para a exérese cirúrgica. A nodulação foi retirada e a amostra foi acondicionada a formol a 10% e encaminhada para a patologia para confirmação histopatológica. Com a recuperação do animal após o procedimento e os parâmetros vitais dentro da normalidade, este recebeu alta. Descritos como tumores comuns em equinos, o diagnóstico do melanoma é realizado através da anamnese, histórico e exame físico do animal e por apresentar características macroscópicas únicas, o exame de histopatológico é utilizado apenas para confirmação microscópica. Embora, a

excisão cirúrgica não seja recomendada pela literatura, pois é descrito que a retirada dos nódulos pode ocasionar rápida metástase pós-cirúrgica, a opção foi utilizada para que não houvesse comprometimento do bem-estar do animal e da sua performance durante as competições, uma vez que traumas pudessem ocorrer e comprometer a saúde do paciente. Mesmo que alguns tratamentos sejam utilizados, não há cura para a neoplasia e, portanto, torna-se importante o acompanhamento veterinário do animal, com avaliações da progressão ou não do melanoma, para que eventuais intervenções clínicas e cirúrgicas sejam efetuadas afim de ofertar melhor qualidade de vida ao paciente.

Palavras-chave: Atleta; tumoração; cavalo

187. MENINGOENCEFALITE DECORRENTE DE SINUSITE EM POTRO COM SEPSE NEONATAL

DANIELA JUNQUEIRA DE QUEIROZ*1; ADRIANA COELHO DE SOUZA1; KETHERSON RODRIGUES SILVA1; HENRIQUE SILVEIRA DIAS FERREIRA1; BRUNO SOARES SALVADOR1; GABRIELA BONELA DANTAS LEITE1; SAMUEL DOS SANTOS SOUSA1

1.CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ, RIBEIRÃO PRETO, SP, BRASIL.

e-mail:danielajqueiroz@hotmail.com

Resumo:

A sepse neonatal constitui um dos maiores desafios da medicina equina e é considerada a maior causa de morbidade e mortalidade neonatal nessa espécie. Trata-se de uma afecção grave com prognóstico bastante reservado, apesar das taxas de sobrevida estarem melhorando com o passar dos anos e avanços da medicina equina. A infecção pode ocorrer durante a gestação ou após o parto e a falha de transferência de imunidade passiva (FTIP) é o principal fator predisponente. Uma potra, da raça Puro Sangue Inglês, de três dias de idade, chegou ao Hospital Veterinário em decúbito, apática e apresentando taquicardia e taquipneia. O proprietário relatou que o animal não assumiu posição quadrupedal ao nascer e que lhe foi oferecido colostro via mamadeira. Ao exame encontrava-se com desidratação leve, coto umbilical espessado à palpação e a auscultação pulmonar revelou presença de estertores. Foi realizado exame radiográfico do pulmão no qual se observou padrão intersticial e o hemograma revelou leucopenia (4500 céls/µL) com linfopenia (9%) e aumento de neutrófilos segmentados (87%). O animal encontrava-se ainda com hipoproteinemia (4,0 mg/dL). Realizou-se transfusão de plasma por via intravenosa na dose de 10% do peso vivo (500 ml) e terapia antimicrobiana com penicilina (30.000 UI/kg) e gentamicina (6,6 mg/kg), além de fluidoterapia com Ringer com Lactato e glicose. Doze horas após a admissão a potra começou a apresentar sinais neurológicos, no início caracterizados por head pressing e na sequência convulsões e evoluiu para o óbito. Na necropsia observou-se presença de exsudato mucopurulento nos seios paranasais e na superfície do encéfalo que também apresentava hiperemia difusa intensa e petéquias na substância branca. A dura-máter encontrava-se fortemente aderida à calota craniana. Observou-se ainda intussuscepção de segmento da porção final do íleo, de aproximadamente 20 cm de comprimento, o qual apresentava-se com a serosa de coloração vermelho escura. No presente relato o animal deu entrada no Hospital Veterinário apresentando um quadro típico de sepse neonatal, no qual ocorre uma resposta do organismo às bactérias e toxinas presentes na corrente sanguínea resultado em Síndrome da Resposta Inflamatória Sistêmica (SIRS). Taquicardia, taquipneia e leucopenia são sinais de SIRS. Febre também pode estar presente, no entanto é comum que neonatos não apresentem febre, como no presente relato, uma vez que ainda não possuem capacidade de manter a temperatura corpórea bem estabelecida. A FTIP é um dos principais fatores predisponentes e acredita-se que estava presente nesse caso, uma vez que o animal apresentava hipoproteinemia, o que é um forte indício da não absorção de imunoglobulinas via colostro. O diagnóstico foi realizado rapidamente e logo instituiu-se tratamento, no entanto a sepse neonatal é uma afecção grave e de prognóstico reservado a desfavorável que muito comumente evolui para o óbito, como aconteceu no presente caso.

Palavras-chave: Neonato; infecção; sirs

188. METAHEMOGLOBINEMIA EM CAVALO PURO SANGUE ÁRABE

JOICE FÜLBER*1; SOFIA CICOLO SILVA1; VIVIAN FRATTI PENNA RISPOLI1; CYNTHIA DO PRADO VENDRUSCULO1; ÂNGELA PERRONE BARBOSA1; VAGNER GONÇALVES1; HELENICE DE SOUZA SPINOSA1; CLÁUDIA MOMO1; RAQUEL YVONNE ARANTES BACCARIN1; CARLA BARGI BELLI1

1.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SAO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:fulberjoice@yahoo.com.br

Resumo:

A metahemoglobinemia é um distúrbio causado pelo aumento da concentração de metemoglobina (MHb) na circulação. A etiologia pode estar ligada a fatores congênitos, no metabolismo ou síntese da hemoglobina, desequilíbrio nas reações de redução e oxidação por exposição a agentes químicos, idiopática, por dieta ou genética. No Brasil não há descrições na literatura de cavalos com esse quadro, embora nos Estados Unidos existam vários relatos por intoxicação alimentar por folhas secas de Red Maple (Acer rubrum L.). A cianose é a principal manifestação clínica, sendo evidente quando os níveis de MHb chegam a 30% no sangue, embora ainda possa ser assintomática. Os sintomas de ansiedade, taquicardia, taquipneia são evidentes em níveis acima de 30% de MHb e níveis acima de 60 a 70% são consideradas fatais. Devido à raridade em equinos, objetivou-se descrever o relato em questão. Um equino, macho, Puro Sangue Árabe, cinco anos de idade, com histórico apenas de gastrite foi atendido no Hospital Veterinário da FMVZ – USP. O animal apresentava mucosas de coloração amarronzadas a cianóticas, sem alteração em relação aos outros parâmetros vitais, evoluindo para taquicardia em poucas horas. Durante a coleta de sangue, verificou-se que o mesmo apresentava coloração enegrecida. O hemograma não revelou nenhuma alteração que ajudasse no diagnóstico. O coagulograma e o exame bioquímico também estavam normais. A hemogasometria venosa monstrou pH 7,4, pO2 21,4 mmHg, pCO2 44,4 mmHg, HCO3- 27,1 mEq/L, SO2 25,4% e Base Excess (BE) 1,9. Diante da sintomatologia e exames laboratoriais, foi diagnosticado metahemoglobinemia, confirmado por diagnóstico terapêutico. Não foi possível estabelecer a causa. Embora a suspeita inicial fosse intoxicação, os exames realizados ainda não permitiram confirmar ou descartar essa possibilidade. A demora na recuperação também não está de acordo com quadros tóxicos. A terapia instituída foi sangria e transfusão sanguínea, seguido de 1mg/kg de azul de metileno diluído em 3 litros de Ringer lactato, vitamina C (30mg/kg, IV) durante 4 dias e acetilcisteína (300 mg, IV) a cada 48 horas, durante 15 dias. Ainda como estratégia de tratamento, o sangue do cavalo foi ozonizado durante 7 dias, com intervalo de 48 horas, com uma concentração de 40 µg/mL. O intervalo de aplicações de azul de metileno foi estabelecido de acordo com a manifestação clínica do paciente (mucosas cianóticas e taquicardia). Sendo assim, a administração de azul de metileno foi necessária a cada 48 horas durante a primeira semana, seguida de mais 4 aplicações, com intervalo de 7 dias na quarta aplicação e aproximadamente 30 dias nas demais. No paciente com metahemoglobinemia, a conduta terapêutica empregada é orientada pela gravidade do caso. A utilização do azul de metileno foi benéfica, pois atua diretamente no sistema enzimático (NADPH metemoglobina redutase, tornando-se fundamental na redução da MHb). O ácido ascórbico, glutationa, flavina reduzida, a cisteamina e a cistina reduzidas são moléculas que atuam como papel secundário nesta via antioxidativa e, por isso, utilizou-se o ácido ascórbico e a acetilcisteína como adjuvantes à terapia. A ozonioterapia estimula e ativa o sistema antioxidante, através de pequenos e repetidos choques oxidativos, ocorrendo estímulo dos mecanismos naturais responsáveis pela proteção das células, melhora da oxigenação assim como da circulação sanguínea e aumento dos mecanismos antioxidantes, a partir de enzimas celulares: glutationa peroxidase, glutationa redutase, catalase e superóxido dismutase. Embora a metahemoglobinemia seja uma condição rara, podendo causar colapso circulatório e morte, no presente caso, mesmo sem causa definida, houve sucesso no tratamento e sobrevivência do paciente.

Palavras-chave: Equino; metahemoglobinemia; azul de metileno

189. MORTE SÚBITA POR RUPTURA IDIOPÁTICA DE GRANDE VASO EM EQUINO – RELATO DE CASO

IZABELA DE ASSIS ROCHA*1; JÉSSICA GUERRA OLIVEIRA1; TATIANA CARVALHO CASTRO1; SÓSTENES APOLO CORREIA MARCELINO1; BARBARA LUIZI LAGE MENDES1; ROSELENE ECCO1; RAFFAELLA B. C. TEIXEIRA1; MARISTELA SILVEIRA PALHARES1; RENATA DE PINO ALBUQUERQUE MARANHÃO1

1.UFMG, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL.

e-mail:izabela.idar@yahoo.com.br

Resumo:

A morte súbita é definida como óbito agudo em animais aparentemente saudáveis sob atenta observação, sendo principalmente relatado em equinos Puro Sangue Inglês utilizados para corrida. As principais causas descritas são falência cardiopulmonar, trauma no sistema nervoso central e choque hemorrágico. Neste último, descreve-se a ocorrência de hemorragias disseminadas, fratura de pelve, ruptura de vasos pulmonares e ruptura idiopática de vasos extrapulmonares. A maioria dos casos de ruptura idiopática de vasos ocorre no abdome, mas também há relatos da ocorrência retroperitoneal e na cavidade torácica, em que muitas vezes não se consegue definir qual o vaso rompido (Lyle et al., 2011). O objetivo deste trabalho é relatar a ocorrência de ruptura idiopática venosa em um equino de tração urbana. Foi recebido no Hospital Veterinário da UFMG um equino, fêmea, Mangalarga Marchador, de aproximadamente seis anos de idade, apresentando sinais de choque hipovolêmico. De acordo com o relato do proprietário, após três horas de trabalho na carroça, foi observado cansaço e aumento de volume na região cranial do tórax, próximo ao codilho, com progressão em direção à região abdominal. Relatou, ainda, discreto sangramento nasal. Não havia histórico de trauma ou acidente ofídico. Após cinco dias, o animal foi encaminhado ao hospital. Ao desembarcar, apresentava apatia profunda e andar cambaleante. Ao exame, verificou-se: Frequência Cardíaca: 68bpm, pulso fraco, extremidades frias, narinas dilatadas, mucosa oral pálida com halo endotoxêmico. Foram iniciados os procedimentos para restauração volêmica, por meio da colocação de cateteres em ambas as jugulares e infusão de solução colóide Voluven. Administrou-se 1g de hidrocortisona. Foi identificado ainda aumento de volume macio na região costoabdominal ventrolateral direita, não sendo possível auscultar borborigmos intestinais nesta região. Durante a reposição volêmica, o animal caiu e permaneceu em decúbito, com movimentos respiratórios entrecortados e nistagmo. Após autorização do proprietário, realizou-se a eutanásia. À necropsia, havia hemorragia na forma de coágulos cruóricos extensos no subcutâneo, se estendendo por toda área costoabdominal direita, além de edema. Na cavidade torácica havia um litro de transudato e cem ml no espaço pericárdico. No epicárdio e endocárdio do ventrículo esquerdo havia numerosas petéquias. Nos lobos pulmonares direitos, havia múltiplas equimoses subpleurais, possivelmente por ruptura de capilares devido à hipóxia ou possível trauma. A causa mortis foi definida como morte por choque hemorrágico, devido à ruptura idiopática da veia torácica lateral direita. Até o momento, este foi o primeiro caso encontrado na literatura envolvendo essa estrutura. Assim, em animais com histórico de apatia, mucosas pálidas e que se apresentem em choque hipovolêmico, deve-se considerar a possibilidade de ruptura de grandes vasos, mesmo sem histórico evidente de trauma. Além disso, embora a veia torácica lateral não seja comumente relatada nas rupturas, ela deve ser considerada no diagnóstico diferencial.

Palavras-chave: Ruptura idiopática venosa; choque hipovolêmico; post mortem

190. MÉTODOS ALTERNATIVOS PARA COLETA DE SÊMEN EM GARANHÃO COM TUMOR DE CÉLULAS ESCAMOSAS EM PÊNIS

LUCAS EMANUEL FERREIRA CANUTO*1; THAÍS MENDES SANCHES CAVALERO1; FREDERICO OZANAM PAPA1; LUCAS TRONCARELLI RODRIGUES1; VERÔNICA FLORES DA CUNHA SCHEEREN1; LUCAS SANTIAGO GOMES BRASILEIRO1

1.FMVZ-UNESP/ CÂMPUS BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:lucas.canuto@hotmail.com

Resumo:

O carcinoma de células escamosas é a principal neoplasia que acomete o aparelho reprodutor de equinos machos, principalmente em regiões despigmentadas da pele. É uma neoplasia maligna, sendo indicada rápida intervenção terapêutica pelo alto potencial metastático. Em geral, apresenta-se com aumento de volume com ulceração e crescimento progressivo, predispondo às infecções secundárias, fibrose e perda da função do órgão acometido. O diagnóstico é feito por meio do histórico e exame histopatológico e o tratamento pode ser por meio de excisão cirúrgica ou criocirurgia com margem ampla, no caso de apresentação em pênis é indicada a amputação. A coleta de sêmen por meio de vagina artificial é a técnica mais utilizada em garanhões, contudo como essa técnica mimetiza a monta natural, a presença de neoplasias em pênis geralmente impossibilita a sua utilização. Métodos alternativos como a ejaculação farmacológica, eletroejaculação e coleta de espermatozoides da cauda do epidídimo surgem para salvar o potencial reprodutivo do garanhão. Em equinos, a eletroejaculação é contraindicada devido a baixa aceitação dos garanhões a este procedimento, e os ejaculados obtidos apresentam alta taxa de contaminação por urina. Desse modo, apenas a ejaculação farmacológica, que pode ser realizada de forma seriada e sucessiva, e a coleta de espermatozoides da cauda do epidídimo são eficientes na coleta de sêmen de garanhões com neoplasias penianas. O objetivo deste trabalho é relatar o sucesso da utilização de duas técnicas alternativas para coletar sêmen de um garanhão com carcinoma das células escamosas submetido a penectomia. Um garanhão com 14 anos de idade, da raça Crioula, com queixa de neoformação em pênis e afastado da reprodução devido inviabilidade em monta natural ou coleta de sêmen por vagina artificial, foi atendido e diagnosticado com carcinoma de células escamosas pelo Departamento de Reprodução Animal e Radiologia Veterinária da FMVZ UNESP-Botucatu-SP. Para a obtenção do sêmen, realizou-se a ejaculação farmacológica por meio da administração do cloridrato de imipramina (3mg/kg/VO) duas horas previamente a administração de cloridrato de xilazina (0,66mg/kg/IV). O garanhão ejaculou 4 minutos após a administração da xilazina, apresentando baixos valores de cinética espermática e integridade de membrana plasmática e acrossomal, provavelmente devido ao prolongado repouso sexual. Foi realizada uma segunda coleta três dias após a primeira indução, na qual observou-se um aumento significativa da qualidade espermática, apresentando um volume total de 60 mL, concentração de 75 x106 espermatozoides/mL, motilidade total (MT) de 75% e progressiva (MP) de 37%, com 66% de espermatozoides rápidos (RAP) e 72% de integridade de membrana plasmática e acrossomal, sendo então congelado para posterior utilização em programas de inseminação artificial. Em seguida, realizou-se a penectomia para retirada da neoplasia e orquiectomia bilateral, e coleta de espermatozoides da cauda do epidídimo pela técnica de fluxo retrogrado, para posterior comparação dos parâmetros espermáticos com o ejaculado farmacologicamente induzido. A coleta do epidídimo apresentou ótimos resultados, com 13,8 x109 espermatozoides totais no ejaculado, 82% de MT, 54% de MP, 81% de RAP e 89% de integridade de membrana plasmática e acrossomal, sendo também criopreservado para uso futuro. Com isso, ressaltamos a grande importância de se conhecer e fazer uso das técnicas alternativas de coleta de sêmen, visto que são comuns afecções físicas, reprodutivas e comportamentais que inviabilizam tanto a monta natural quanto a utilização da técnica de coleta por vagina artificial e consequentemente afastam o garanhão da reprodução.

Palavras-chave: Cauda do epidídimo; ejaculação farmacológica ; penectomia

191. OBSTRUÇÃO DA VEIA SAFENA EM EQUINO POR TROMBO VENOSO ASSOCIADO A LINFOMA EXTRA NODAL SOLITÁRIO - RELATO DE CASO

RENATA FARINELLI DE SIQUEIRA*1; NATHÁLIA DE MATOS SOUSA CORDEIRO1; CAMILA FREITAS BATISTA1; EDUARDO FERNANDES BONDAN1

1.UNIVERSIDADE CRUZEIRO DO SUL, SAO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:refarinelli@yahoo.com.br

Resumo:

Os tumores hemolinfáticos são incomuns em cavalos, porém, o linfoma é o mais frequente deles, sendo relatado

desde neonatos até a idade avançada. Os sinais clínicos variam dependendo da localização do tumor, sendo os mais comuns depressão, perda progressiva de peso e linfadenopatia que podem estar associadas a edema ventral, febre e anemia. Podem ocorrer síndromes paraneoplásicas e a eutanásia geralmente é realizada por causa da fraqueza do animal. O objetivo do presente estudo é relatar um caso de uma das formas mais raras de linfoma equino, o solitário, com uma doença concomitante que tornou o diagnóstico em vida muito difícil. Foi atendida no Complexo Veterinário da Universidade Cruzeiro do Sul uma égua de 13 anos, sem raça definida, apresentando ferida com tecido de granulação exuberante na região da articulação metatársica falangeana do membro posterior esquerdo, anemia e perda de peso. Após 15 dias de internação, a égua apresentou sinais de dor permanecendo em decúbito lateral durante uma noite. Foi necessário utilizar a talha para colocá-la em posição quadrupedal e, nesse momento, foi possível observar pronunciado aumento de volume em todo o membro pélvico esquerdo atingindo também a região inguinal, com ingurgitamento da veia safena. A ultrassonografia com Doppler mostrou a presença de um trombo na veia safena com obstrução quase total do fluxo sanguíneo. Devido ao estado debilitado e ao decúbito persistente, a égua foi eutanasiada. O exame pós-morte revelou edema subcutâneo desde a região inguinal do membro posterior esquerdo até as costelas, abscessos múltiplos, alguns calcificados, em órgãos como fígado, pulmões e intestinos. O trombo mediu 15 cm de comprimento por 11 cm de diâmetro com aparência nodular e esbranquiçada. A análise histopatológica dos órgãos revelou pneumonia, hepatite, enterite granulomatosa fúngica associada à amiloidose, necrose caseosa, fibrose e calcificação distrófica severa em vários órgãos. Foi concluído pelo exame histopatológico das lesões que foi uma infecção pelo oomyceto Pythium insidiosum. A obstrução vascular apresentou estratificação em linha de leucócitos e glóbulos vermelhos, plaquetas e fibrina caracterizando um trombo misto asséptico. Também havia um linfonodo associado que exibia reatividade com proliferação de células brancas / hiperplasia, linfocitólise, pleomorfismo de linfócitos e plasma com núcleos hipercromáticos e condensação nuclear, baixo índice mitótico e amiloidose associada. Através do exame histopatológico, o diagnóstico de linfoma não-Hodgkin (neoplasia linfoproliferativa extranodal) foi confirmado. A égua do presente relato apresentava ferida com tecido de granulação exuberante na região da articulação metatársica-falangeana e edema distal do membro contralateral, porém, como apoiava seu peso no membro sem a ferida, dificultou a compreensão da origem desse edema. Apresentou também linfoadenopatia periférica, anemia e perda de peso crônica. As neoplasias internas são difíceis de diagnosticar em equinos, apresentando frequentemente sinais sutis ou inespecíficos, caracterizados como síndromes paraneoplásicas. Sinais como perda de peso progressiva, edema, linfadenopatia, hipoproteinemia, hipocalcemia e anemia devem ser considerados como indicações para esta neoplasia e devem ser incluídos no diagnóstico diferencial. Em humanos, existe uma correlação entre doença linfoproliferativa e doença autoimune. Entre as hipóteses que visam explicar esta inter-relação, postula-se que o estímulo antigênico e a resposta inflamatória gerada pela doença autoimune seja capaz de transformar uma população de linfócitos policlonais em uma população monoclonal, compatível com uma linfoproliferação. No caso da égua, não houve doença autoimune, mas a inflamação crônica causada pela lesão da pitiose pode ter sido a causa do desenvolvimento do linfoma, já que este era único e no mesmo membro do tecido de granulação exuberante.

Palavras-chave: Trombose venosa; linfoma; equino

192. OCLUSÃO PERMANENTE DE FÍSTULA ORONASAL COM IMPLANTE DE METILMETACRILATO: RELATO DE CASO

MURILLO MARTINEZ MATHEUS*1; NATALIA OLIVEIRA1; FERNANDO MOSQUERA MOSQUERA JARAMILLO1; JOSÉ CARLOS GUILARDI PACHECO1; MAURICIO JOSE BITTAR2; DANIEL HOFMAN GOLCMAN3; RODRIGO ROMERO CORRÊA1

1.CENTRO DE APOIO AO ENSINO E PESQUISA FMVZ USP, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL; 2.MÉDICO VETERINÁRIO AUTÔNOMO, RIO CLARO, SP, BRASIL; 3.CAVALARIA DA POLICIA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:murillomedvet@gmail.com

Resumo:

Fístulas oronasais são comunicações entre as cavidades oral e nasal, e podem se desenvolver como complicação de extração dentária, radioterapia, infecção, trauma e remoção de tumores. Os tratamentos descritos incluem curetagem alveolar, remoção de alimento e selamento do aspecto oral da fístula com polimetilmetacrilato (PMMA). Casos refratários de fístulas orosinusais e oronasais têm sido tratados utilizando transposição dos mm. elevadores nasolabial e labial superior, retalhos mucoperiosteais e de osso alveolar e oclusão com materiais sintéticos. Este trabalho tem objetivo de relatar o caso de uma fístula oronasal tratada com implante permanente de PMMA. Um equino Brasileiro de Hipismo, fêmea, quatro anos, foi encaminhado ao Centro de Apoio ao Ensino e Pesquisa FMVZ-USP por apresentar secreção nasal mucopurulenta direita, de odor fétido, e histórico de alteração dentária. À inspeção observou-se aumento de volume na região rostral à crista facial direita. O exame odontológico revelou uma fratura em placa do quarto pré-molar superior direito, com deslocamento palatino do menor fragmento. As radiografias evidenciaram reabsorção e remodelamento do primeiro molar superior direito, com acentuado achatamento da região apical. A endoscopia da cavidade nasal revelou calibrosa fístula oronasal (cerca de 1,5 cm de diâmetro), a 20 cm da narina, com presença de alimento. Foi realizada extração intraoral do dente fraturado, com o animal em posição quadrupedal, sob sedação e analgesia contínuas com detomidina e morfina, e bloqueio do n.maxilar com lidocaína. Como medicação pré e pós-cirúrgica utilizou-se flunixin meglumine (1,1 mg/kg, IV, SID, três dias) e penicilina benzatina (40.000 UI/kg, IM, aplicação única). Visando interromper a comunicação entre as cavidades oral e nasal e organizar a cicatrização alveolar, foi colocado um plug de silicone no alvéolo do dente extraído. Como cuidado pós-cirúrgico foi realizada lavagem bucal com água corrente três vezes ao dia. O plug foi trocado semanalmente visando avaliar a cicatrização alveolar e o fechamento da fístula. Endoscopias de controle foram realizadas para checar a presença de alimento na cavidade nasal e a evolução da fístula. Apesar da boa cicatrização alveolar e do controle da infecção, não se obteve sucesso no fechamento da fístula. Optou-se então por oclui-lo permanentemente com PMMA. Após alveolotomia lateral, posicionou-se uma atadura embebida em PVP-I tópico através da comunicação com a cavidade nasal com objetivo de limitar o avanço do PMMA para a cavidade nasal. Este foi então inserido pela cavidade oral, em direção ao fundo alveolar, tendo seu limite distal na coroa de reserva, dado pelo preenchimento com gaze inserida pela alveolotomia. Quando da ativação e enrijecimento da resina, a atadura de crepe foi retirada pela narina com uma pinça longa guiada por endoscopia. Uma semana após o procedimento foi realizada nova endoscopia, na qual se constatou o bom posicionamento do PMMA, ausência de secreção na cavidade nasal e a formação de tecido de granulação ao redor do implante. Três meses após a alta o animal não apresenta sinais clínicos e já foi submetido a endoscopia de controle. O sucesso limitado de variadas técnicas no tratamento de fístulas oroantrais indica que independente da terapia aplicada, o ponto fundamental é controlar a contaminação e a entrada de alimento oriunda da cavidade oral. O implante de PMMA é uma opção simples, barata e associado a poucas complicações, porém, exige cuidados, como não permitir que ocupe o lúmen da cavidade nasal quando inserido pela cavidade oral. É recomendado inspecionar o implante mensalmente após sua instalação, e anualmente para assegurar seu bom posicionamento. Neste caso, o implante permanente de PMMA se mostrou eficiente na oclusão da fístula oronasal, impedindo a passagem de alimento para a cavidade nasal, sem apresentar nenhuma complicação a curto prazo e, desta forma, se mostrou uma boa opção para o tratamento desta afecção.

Palavras-chave: Fístula oronasal; polimetilmetacrilato; equino

193. OSTEOARTRITE BILATERAL EM ARTICULAÇÃO FÊMORO-TÍBIO-PATELAR DE EQUINO: RELATO DE CASO

EWERTON SOUZA LIMA*1; JEFFERSON DIEGO FABRÍCIO DA COSTA1; LAVÍNIA SOARES SOUSA1; WALTER HENRIQUE CRUZ PEQUENO1; TELMA SOUSA LIMA1; LUDMYLLA LOURDES SANTOS PEREIRA1; ISABELLA DE OLIVEIRA BARROS1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, AREIA, PB, BRASIL.

e-mail:souzalimaewerton@gmail.com

Resumo:

A Osteoartrite é caracterizada por uma afecção das articulações sinoviais que envolve a destruição da cartilagem articular, sendo característica da esclerose do osso subcondral. É uma das principais causas de claudicação em equinos, que acomete principalmente cavalos atletas e animais de lazer. O objetivo do trabalho é relatar o caso de osteoartrite bilateral da articulação fêmoro-tíbio-patelar em equino. Foi atendido no Hospital Veterinário do CCA/UFPB um macho equino, 12 anos, 230 kg, sem raça definida. Possuía histórico de puxar charrete durante várias semanas, e segundo o tratador a charrete lesionava os membros sempre que o animal estava a trabalho, e após algumas semanas de serviço o equino apresentou claudicação do membro posterior direito que logo progrediu para o membro posterior esquerdo. Além disso, o tratador relatou que o animal passava maior parte do dia em decúbito. Ainda na propriedade, foi instituído tratamento antimicrobiano a base de penicilina G (20.000 UI/kg) por via intramuscular, não havendo melhoras no quadro clínico, sendo o equino encaminhado ao HV/CCA-UFPB. No exame físico, observou-se que o cavalo estava bastante debilitado, com escore corporal ll, presença de ectoparasitas, arqueamento do dorso com indicação de incômodo e claudicação de grau IV em ambos os membros afetados. Foi solicitado hemograma, avaliação radiológica e ultrassonográfica. O hemograma revelou anemia normocítica normocrômica arregenerativa, já no exame radiográfico foram evidenciadas degenerações e perda da cartilagem articular pelo estreitamento do espaço articular em ambas as articulações dos membros posteriores. No exame de ultrassonografia, foi observado um grande acúmulo de fluído sinovial e fibrina. Através dos exames complementares e do exame físico, foi constatado a osteoartrite bilateral das articulações fêmoro-tíbio-patelar, com prognóstico desfavorável no qual não havia tratamento cirúrgico eficiente pelo agravamento das lesões. Foi instituído tratamento com massagens a base de Dimetilsulfóxido (DMSO), além de fenilbutazona por via intravenosa, (4,4 mg/kg), SID, 5 dias, dexametasona via intravenosa,(0,1 mg/kg), SID, 3 dias, dipropionato de imidocarb via intramuscular,(4 mg/kg), SID, 3 dias, suplemento vitamínico e mineral. Posteriormente, o animal foi submetido a seções de acupuntura uma vez por semana, não havendo melhora do quadro. Além disso, devido às dores crônicas o animal apresentava-se em decúbito lateral na maior parte do tempo. Após complicações, o animal veio a óbito, na necropsia observou-se que a região periarticular encontrava-se vermelho-enegrecida, cartilagem articular erodidas, havendo assim, líquido em todo espaço sinovial associado a material fibrilar. Em equinos, principalmente aqueles de tração/desporte, é comum a ocorrência de enfermidades do sistema locomotor relacionadas à articulação fêmoro-tíbio-patelar. Nesses casos, a etiologia está associada ao uso prolongado do animal em atividade repetitiva que causa trauma. O exame do líquido sinovial pode auxiliar no diagnóstico de artropatias infecciosas ou não, tendo em vista que nesses processos, verificam-se alterações em quantidade, coloração, turbidez, dentre outros parâmetros. Conclui-se que é necessária a inclusão dessas artropatias nos diagnósticos diferenciais, contribuindo para possíveis tratamentos terapêuticos e cirúrgicos dessas afecções.

Palavras-chave: Líquido sinovial; claudicação; artropatias

194. OSTEODISTROFIA FIBROSA ATÍPICA EM UMA ÉGUA LACTANTE: RELATO DE CASO

ANDREZZA CAROLINE ARAGÃO DA SILVA*1; DIEGO NUNES GUIMARÃES2; FABRÍCIO J. O. CAMPOS2; ALINE MAYARA SILVA DE LIMA1; RACHEL LINVGSTONE F.S. DE ANDRADE3; ANNELISE CASTANHA BARRETO TENORIO NUNES1; ANAEMILIA DAS NEVES DINIZ1; MARCIA KIKUYO NOTOMI1; JARBIANE GOMES DE OLIVEIRA1; PIERRE BARNABÉ ESCODRO1; LUAN LUTHZEMBERG FERREIRA DE ANDRADE1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, VIÇOSA, AL, BRASIL; 2.MEDICO VETERINARIO AUTONOMO, VIÇOSA, AL, BRASIL; 3.FACULDADE PIO DÉCIMO, ARACAJU, SE, BRASIL.

e-mail:andrezzaaragaovet@hotmail.com

Resumo:

O hiperparatireoidismo secundário é uma doença metabólica patológica causada pelo aumento dos níveis séricos de fósforo em relação ao de cálcio, normalmente associada às dietas pobres em cálcio e ricas em oxalato. Sendo assim, se caracteriza como distúrbio metabólico trifacetado que proporciona a elevação na liberação de paratormônio, apresentando diferentes etiopatogêneses como prospecção dos sinais clínicos. No Brasil, são comuns os distúrbios

ósseos na face, conhecidos popularmente como "cara inchada", caracterizado por osteodistrofia fibrosa, aumentando a densidade dos ossos paranasais, mandibulares e maxilares, na maioria das vezes em padrão generalizado e bilateral. Este relato propõe discutir, caso de hiperparatireoidismo com osteodistrofia fibrosa atípica em uma égua lactente, com sinais aparentes de neoplasia, pela unilateralidade da lesão e achados radiológicos. Uma fêmea lactente da raça Mangalarga Machador, 8 anos, 402 kg, acompanhada de um potro de 4 meses, deu entrada no Ambulatório do GRUPEQUI-UFAL, com dispneia e aumento de volume na região facial direita (osso nasal e maxilar). Na anamnese obteve-se a recidiva em dois meses após a retirada, resultando em dificuldade de respiração e alimentação. Visível aumento nodular consistente nos ossos maxilar e nasal direito, amolecimento dos dentes 101 e 102 com grande hiperplasia do palato duro, escore corporal baixo e dispneia com obstrução total do meato ventral da narina direita foram observados. Ao exame radiológico evidenciou redução da radiopacidade com ausência do osso incisivo direito, além de lise nos ossos maxilares esquerdo e direito, bem como desmineralização nos ramos mandibulares e alvéolos dentários, sugestivos de neoplasia óssea. O exame ultrassonográfico foi possível caracterizar duas regiões distintas, uma mais superficial (ecogenicidade mista com ecotextura heterogênea) e uma segunda região mais profunda de textura homogênea. A avaliação Doppler da região mostrou sinal positivo na região mais superficial. As imagens ultrassonográficas sugerem abcesso na região mais profunda, pela existência de pontos hipoecogênicos e anecogênicos no conteúdo com definição e irregularidade das bordas da lesão. Optou-se pela biópsia via oral com retirada de três fragmentos na região caudal aos dentes 102 e 103. O Histopatológico, evidenciou-se exorbitância de fibroblastos reativos e células descamativas sem atipia celular ou nuclear, inflamatório neutrófilo e hemácias. Foi administrado Gluconato de Cálcio 20% (0,5 ml/kg/iv/Bid) e cisplatina (1mg/kg/IV/Bid) diluídos cada em 500 ml de solução salina 0,9%, com intervalo de 15 dias. Houve discreta citorredução aparente, porém não satisfatória. A alimentação a base de 4 kg/dia de ração 15% PB e 3 % Extrato Etéreo, 6 kg por dia de feno de Tifton sp., suplementação de sal mineral para equinos ad-libitum e 50 g/dia de carbonato de cálcio oral. Foi realizada a traqueostomia temporária e após 4 dias, a exérese da massa, porém com animal vindo a óbito. A evidenciação discrepante do aumento de densidade tecidual unilateral na região maxilar e mandibular refutou os achados patognomônicos da osteodistrofia fibrosa. O diagnostico definitivo ocorreu a partir da realização dos exames histopatológicos, descartando totalmente as neoplasias, sendo visualizado uma abundancia de tecido fibroso, sendo característico da osteodistrofia fibrosa. Tendo a hiperplasia justificada pela presença de um cisto, descaracterizando qualquer presença de adenoma ou carcinoma. Portanto, o hiperparatireoidismo nutricional secundário e osteodistrofia fibrosa pode não se apresentar de forma típica com aumento da densidade óssea generalizada da face, podendo ocorrer como uma lesão focal com aspecto neoplásico. Ainda, um possível hiperparatireoidismo primário causado por cisto próximo as glândulas da paratireoide, raro em equinos, não foi confirmado, exteriorizando a necessidade de mais estudos em relação às formas atípicas da doença na realidade brasileira.

Palavras-chave: Equino; hiperparatireoidismo; osteodistrofia

195. OSTEOMIELITE ASSOCIADA A ABSCESSO PERIARTICULAR EM PATELA DE EQUINO: RELATO DE CASO

LÍVIA MATOS ALBUQUERQUE DE ANDRADE*1; AMABILE ARRUDA DE SOUZA E SILVA1; MARCELO LAURENTINO DOS SANTOS JÚNIOR1; WALTER HENRIQUE CRUZ PEQUENO1; IGOR RICELLI MORAIS FERNANDES1; IGOR MARIZ DANTAS1; KARLA CAMPOS MALTA1; ISABELLA DE OLIVEIRA BARROS1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, AREIA, PB, BRASIL.

e-mail:livinha.matos@hotmail.com

Resumo:

A osteomielite é considerada uma infecção do tecido ósseo que se inicia com uma fase aguda, comumente evoluindo para fase crônica, essa inflamação se dá por microrganismos piogênicos, geralmente bactérias gram-positivas. O objetivo do trabalho é descrever um caso de osteomielite patelar associado a um abscesso periarticular de um equino. Foi atendido no Hospital Veterinário da Universidade Federal da Paraíba, um equino, da raça Quarto de

Milha, macho, 380kg, 5 anos de idade, para exame de locomotor apresentando um aumento de volume flutuante na articulação fêmoro-tíbio-patelar do membro pélvico direito. No exame físico, o animal não apresentava claudicação ao passo, nem ao trote, desta forma, foram solicitados exames complementares de ultrassonografia e radiografia, a fim de se ter um diagnóstico mais preciso. Ao realizar a ultrassonografia da região patelar do membro pélvico direito, foi encontrada presença de abscesso com área medindo 6,5cm x 9,6cm com pontos hiperecóicos, não havendo alteração dos ligamentos patelares (lateral, intermédio e medial). Na radiografia do mesmo membro foi visualizado aumento de volume e radiopacidade em tecidos moles cranialmente a articulação fêmoro-patelar, com presença de gás, indicando enfisema subcutâneo ou infecção em tecidos moles, reação de periósteo e áreas osteolíticas em patela, sugestivo de osteomielite. Inicialmente, realizou-se punção do membro afetado, sendo necessário que houvesse uma sedação do paciente para melhor realizar o procedimento. Foi administrado xilazina (1,1 mg/kg) intravenosa como pré-anestésico, logo após foi realizada anestesia local com lidocaína (0,1mg/kg) em área de pele próximo a patela. Após punção, observou-se presença de secreção purulenta, e posteriormente administrou-se intra-articular gentamicina (6,6 mg/kg). Foi instituído o tratamento de uso tópico de dimetilsulfóxido com massagens na região da patela, duas vezes ao dia, durante uma semana no membro afetado. Ao ser reavaliado com exame físico e radiográfico, observou-se melhora do quadro inicial, com volta do animal a suas atividades desportivas, após uma semana de tratamento. A ausência de claudicação pode ser justificada pela fase inicial do processo, pois o animal foi trazido rapidamente ao hospital após notado aumento de volume no membro afetado. Também não foi relatado pelo proprietário episódio de trauma na região do membro citado acima. O uso de aminoglicosídeos, como a gentamicina em lesões ósseas e articulares, é bastante relatado na literatura pesquisada, no relato acima a aplicação única dela no local da lesão foi suficiente para a melhora do quadro clínico. A osteomielite é de fácil diagnóstico e grande potencial de cura na fase inicial. De início há uma reação inflamatória com exsudato e aumento de pressão, ocorrendo aumento de volume pela proliferação bacteriana. O tratamento com antibióticos é eficaze principalmente na fase inicial do processo. O diagnóstico precoce é fundamental, pois uma evolução satisfatória depende em grande parte, de um tratamento imediato.

Palavras-chave: Edema; punção; secreção

196. OSTEOMIELITE DAS VÉRTEBRAS CERVICAIS EM POTRO: RELATO DE CASO

ALINE MATOS CURVELO BARROS1; SOFIA CICOLO SILVA2; LUCAS FERREIRA COLLI BADINI3; WILSON ROBERTO FERNANDES4; STEFANO CARLO FILLIPO HAGEN5; CARLA APARECIDA BATISTA LORIGADOS6; THAIS AMANDA BISSON7; LUCIANA NEVES TORRES8; CAIO CEZAR FERRARO3; RENATO RAMIL ZAFONATTO3; NICOLE FIDALGO PARETSIS9; RODRIGO ROMERO CORRÊA10

1.MESTRANDA DO PROGRAMA DE CLÍNICA CIRÚRGICA VETERINÁRIA DA FMVZ – USP, SAO PAULO, SP, BRASIL; 2.MÉDICA VETERINÁRIA RESIDENTE DO HOSPITAL VETERINÁRIO DA FMVZ-USP, SAO PAULO, SP, BRASIL; 3.MÉDICO VETERINÁRIO AUTÔNOMO, SAO PAULO, SP, BRASIL; 4.PROFESSOR DOUTOR DA CLÍNICA MÉDICA DE EQUINOS DO HOVET DA FMVZ – USP, SAO PAULO, SP, BRASIL; 5.PROFESSOR DOUTOR DO SERVIÇO DE DIAGNÓSTICO POR IMAGEM DA FMVZ – USP, SAO PAULO, SP, BRASIL; 6.PROFESSORA DOUTORA DO DEPARTAMENTO DE CIRURGIA DA FMVZ – USP, SAO PAULO, SP, BRASIL; 7.MESTRANDA DO PROGRAMA DE PATOLOGIA EXPERIMENTAL E COMPARADA DA FMVZ-USP, SAO PAULO, SP, BRASIL; 8.MÉDICA VETERINÁRIA DO SERVIÇO DE PATOLOGIA ANIMAL DA FMVZ-USP, SAO PAULO, SP, BRASIL; 9.DOUTORANDA DO PROGRAMA DE CLÍNICA CIRÚRGICA VETERINÁRIA DA FMVZ-USP E DOCENTE DA UNIVERSIDADE AN, SAO PAULO, SP, BRASIL; 10.PROFESSOR DOUTOR DA CIRURGIA DE GRANDES ANIMAIS DO HOVET DA FMVZ - USP, SAO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:aline160505@hotmail.com

Resumo:

A osteomielite do corpo vertebral é uma condição rara e de prognóstico reservado, ocasionando comprometimento da medula espinhal. Em potros, a doença pode ser decorrente da infecção ocasionada por diversas bactérias, sendo o Rhodococcus equi o agente de maior relevância segundo a literatura. O presente trabalho tem por objetivo relatar a ocorrência da afecção em uma potra American Trotter de 115 dias de idade com o histórico de incoordenação

dos membros pélvicos e torácicos atendida no Hospital veterinário da FMVZ-USP. À inspeção, a potra estava incapaz de permanecer em posição quadrupedal. Ao exame físico, constatou-se aumento de volume de consistência flutuante ao nível da articulação atlantoaxial e deslocamento das vértebras cervicais C1 e C2 para o antímero direito. Alterações pulmonares não estavam presentes à auscultação. A radiografia simples das vértebras cervicais identificou que a articulação atlantoaxial estava preservada, com discreta radiopaciadade heterogênea difusa na extensão do núcleo de ossificação do processo odontoide do axis e perda da continuidade óssea, suspeitando-se de fratura do mesmo. Devido ao prognóstico reservado e às condições do proprietário, optou-se pela eutanásia. Por interesse didático, realizou-se mielografia e mielotomografia computadorizada. Na primeira, foram observados adelgaçamento da coluna de meio de contraste no espaço subaracnoide dorsal e ventral e desvio do trajeto da medula dorsolateralmente à direita na transição atlantoaxial, compatível com quadro de compressão extradural. Na mielotomografia observou-se osteólise em epífise cranial do áxis, mais acentuada do lado direito e próxima do núcleo de ossificação do processo odontoide. Verificou-se também aumento de volume de atenuação de partes moles, heterogêneo, em canal vertebral, entre C1-C2, que ocasionou importante compressão vertebral direta da medula espinhal. Halo hipoatenuante estava presente em tecidos adjacentes à porção cranial do áxis, sugestivo de ocorrência de edema e inflamação. O crânio e a coluna vertebral foram enviados para o serviço de patologia da FMVZ-USP, que identificou acúmulo de líquido purulento e formação nodular de aproximadamente dois centímetros de diâmetro na articulação atlantoaxial atingindo o canal vertebral. No exame citológico da formação, foi identificada presença de bactérias cocoides, compatível a um processo séptico. A via hematógena é considerada a principal forma pela qual os agentes infecciosos podem chegar ao corpo vertebral. Porém, um dos aspectos a se considerar é que embora a distribuição hematógena a partir de lesões pulmonares pareça comum, muitos agentes são retirados da corrente circulatória com sucesso pelo auxílio do sistema retículoendotelial O baixo potencial para eliminação dos microrganismos pelos macrófagos alveolares, em comparação com macrófagos de outros locais do corpo, sugere que as bactérias podem causar infecção vertebral através da migração por intermédio dos macrófagos oriundos dos alvéolos. Assim, uma característica relatada em alguns estudos, é que a doença pode ocorrer de maneira espontânea, na ausência de qualquer injúria pulmonar ou outro tipo de infecção, conforme ocorreu com a potra deste relato. A radiografia é importante no diagnóstico, mas as lesões radiográficas clássicas de osteólise e proliferação óssea podem não estar evidentes duas a oito semanas após o aparecimento dos sinais clínicos. Em contraste com a radiografia, a tomografia computadorizada é mais sensível para a avaliação da degradação óssea, o que é em parte devido à ausência de sobreposição de tecidos. Conclui-se que a osteomielite do corpo vertebral é uma afecção grave, sendo imprescindíveis métodos eficazes de diagnóstico para que o mesmo seja realizado corretamente. Neste relato, a radiografia não foi suficiente para identificar as alterações vertebrais com precisão. Já a tomografia detectou as lesões relacionadas à afecção que foram posteriormente comprovadas no exame post-morten.

Palavras-chave: Corpo vertebral; coluna cervical; potro

197. OSTEOSSÍNTESE DE 3° METACARPO EM NEONATO EQUINO: RELATO DE CASO

JOÃO LUIZ RIBEIRO DE MORAES NETO*1; IGOR MARIZ DANTAS1; WALTER HENRIQUE CRUZ PEQUENO1; PEDRO LUIZ SANDES DE LIMA1; ALANE PEREIRA ALVES1; THAÍS RIBEIRO FÉLIX1; RUY BRAYNER DE OLIVEIRA FILHO1; ISABELLA DE OLIVEIRA BARROS1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, AREIA, PB, BRASIL.

e-mail:fharassantafe@gmail.com

Resumo:

As fraturas devem ser sempre tratadas como emergências graves, e quando se trata de equinos o prognóstico é ainda pior, geralmente com indicação cirúrgica, o tipo de tratamento adotado é específico para cada cavalo, cada osso fraturado e o grau da fratura, tendo como dificuldade a complexidade da cirurgia além do valor financeiro e pós-operatório delicado. O presente relato objetiva-se em descrever um caso de osteossíntese do 3° metacarpo do

membro torácico direito, de um neonato equino, 1 dia de vida, 36kg, sem raça definida, que foi atendido no Hospital Veterinário da Universidade Federal da Paraíba. O proprietário relatou que o animal não havia ingerido colostro e que tinha sofrido um coice de outro equino que estava no mesmo piquete, que causou uma fratura no membro torácico direito. Após exame clínico, foi verificado que o animal se encontrava apático e fraco realizou-se então fluidoterapia com solução de glicose a 5%, e também apresentava claudicação de grau IV. Em seguida, realizou-se exame radiográfico constatando-se fratura transversa de 3° metacarpo, não cominutiva. O tratamento inicial pré-operatório consistiu em analgesia com aplicação de meloxicam 2% (0,6 mg/kg, intramuscular), antibioticoterapia com Ceftiofur Sódico (4,4 mg/kg, intramuscular) e gentamicina (4 mg/kg, intramuscular). Ao ser encaminhado para cirurgia, o paciente foi sedado utilizando detomidina (0,01 mg/kg, intravenoso), indução com cetamina (2 mg/kg, intravenoso) associada ao diazepam (0,1 mg/kg, intravenoso) e propofol (1 mg/kg, intravenoso), logo após a indução, no transoperatório foi administrado meperidina (2 mg/kg, intramuscular), a manutenção da anestesia deu-se com isoflurano a CAM (1,2%, por via inalatória) e anestesia regional no plexo braquial com bupivacaína (0,2 mg/kg) e lidocaína (0,9 mg/kg). Foi realizada a incisão e dissecação paralelas ao extensor digital lateral, aonde foi inserida uma placa DCP (Placa de Compressão Dinâmica) 3,5mm, 7 parafusos 3,5mm x 24mm, sendo 5 parafusos na porção proximal e 2 na porção distal no local da fratura completa. Após 5 horas de cirurgia o paciente teve parada cardiorrespiratória, foi administrada adrenalina (0,01 mg/kg intratraqueal) duas vezes, obtendo-se uma resposta temporária, logo após administrou-se atropina (0,025 mg/kg), acompanhada de uma parada cardiorrespiratória permanente, em seguida, por durante 55 minutos, além de massagem cardíaca e ventilação manual, também realizou-se a desfibrilação elétrica, sendo a primeira vez na dose de 4 Joules/kg e a segunda vez na dose de 8 Joules/kg, porém não conseguiu-se reverter o quadro e obter o retorno dos parâmetros vitais do animal, interrompendo-se assim o protocolo de reanimação sem o retorno do paciente. Mesmo em óbito foi realizado o raio-X, verificando-se que a fratura encontrava-se bastante alinhada. Diante dos achados físicos, clínicos e exame radiográfico, tratava-se de uma fratura grave, não havendo outra possível forma de corrigi-la, a não ser a correção cirúrgica, por meio de osteossíntese, onde utilizou-se uma placa compressiva óssea para fixar e estabilizar a fratura visando proporcionar um reestabelecimento mais preciso da anatomia, além de uma reabilitação mais precoce e uma recuperação plena, para que posteriormente não tivesse sequelas que pudesse impedir o animal de realizar desde atividades naturais como também atividades mais complexas. Conclui-se então que a terapia cirúrgica é de fundamental importância para o tratamento desse tipo de fratura, buscando não só a recuperação do paciente, como também a preservação da vida e do bem-estar.

Palavras-chave: Cirurgia ortopédica; fratura; placa compressiva

198. OSTEOSSÍNTESE DE FRATURA DO TIPO SLAB EM TERCEIRO CARPIANO EM EQUINO PURO SANGUE DE CORRIDA: RELATO DE CASO

DANIEL GUSTAVO SCHAEDLER*1; VINICIUS VASCONCELLOS DA CRUZ GONÇALO1; BRUNA PATRICIA SIQUEIRA RAIMUNDO1; AGILDO SHIRLAN DE ARAÚJO1; JULIO CESAR PAGANELA1; CARLOS EDUARDO MARTINS VEIGA1

1.HORSE CENTER, RIO DE JANEIRO, RJ, BRASIL.

e-mail:daniel.gustavo85@hotmail.com

Resumo:

As fraturas dos ossos carpianos podem ser do tipo chip (pequenos fragmentos), slab (em lasca) ou fragmentação osteocondral, sendo os ossos mais acometidos: o carpo radial e o terceiro carpiano. As fraturas carpais do tipo slab, podem ocorrer em um plano frontal ou sagital, mais comumente no terceiro osso do carpo. Estes tipos de fraturas são comuns em cavalos de corrida, os pacientes apresentam efusão sinovial e claudicação em vários graus. Além disso, apresentam dor à flexão e redução dos movimentos articulares. Objetivo desse trabalho é relatar a fratura do terceiro carpiano, de um equino Puro Sangue Inglês, pesando aproximadamente 450 Kg, que após uma competição apresentou claudicação de grau IV, no membro anterior direito com efusão da região do carpo. Foi realizado exame radiográfico, onde foi localizado uma fratura do tipo slab no terceiro carpiano. O prognóstico é favorável para

cavalos com fraturas incompletas e sem fraturas associadas de outros ossos do carpo. O tratamento dependerá do tamanho da fratura e o grau de dano da cartilagem visto no momento da cirurgia. O animal foi encaminhado para osteossíntese do terceiro carpiano, na Clínica Horse Center. A preparação pré-operatória incluiu exame clínico geral, avaliação hematológica, jejum alimentar de 12 horas, antibioticoterapia com associação de penicilina com estreptomicina (20000UI/Kg, IM) e anti-inflamatório a base de fenilbutazona (1g, VO). Para o procedimento cirúrgico o animal foi sedado com acepromazina (0,1 mg/Kg,) cloridrato de xilazina (1mg/Kg) e morfina (0,1 mg/Kg). Para indução foi realizada cloridrato de cetamina (2 mg/Kg) associado ao diazepam (0,1 mg/Kg), a manutenção anestésica foi feita com isoflurano. O animal foi colocado em decúbito dorsal, com o membro anterior direito suspenso por uma talha. Após a tricotomia e antissepsia do membro foi introduzido o artroscópio em articulação cárpica pelo acesso lateral, entre o extensor radial comum do carpo e os tendões extensores digitais, sendo direcionado medialmente. A linha de fratura foi identificada e debridada com uma cureta e os pequenos fragmentos foram retirados, com auxílio de uma pinça do tipo Rougeur. Após debridamento, uma agulha espinhal de 18 g (7,5 cm) foi colocada na articulação logo acima da borda proximal do centro do fragmento. Foram colocadas agulhas espinhais (22G) no limite medial e lateral da fratura e também na articulação carpometacarpiana, com a finalidade de serem usadas como guias. Foi realizada uma incisão profunda atingindo a face do terceiro carpiano, o membro foi flexionado para manter o fragmento na posição, devido a compressão do extensor do carpo radial pressionando o fragmento. Dois parafusos foram colocados in lag fashion, o primeiro furo com 4,5 mm e o segundo 3,2 mm e foi feita a rosca e a compressão foi obtida. O equino do estudo, possuía 4 anos de idade, estando de acordo com a faixa etária encontrada em casos de fratura de terceiro carpiano, variando dos 2 aos 5 anos. Dentro do grupo de cavalos com fraturas completas ou deslocadas, a avaliação artroscópica é útil na formulação de um plano de ação, sendo o acesso lateral o de eleição para fratura em slab em terceiro carpiano, sendo utilizado e de fundamental importância para o caso do equino em questão. Foram realizadas radiografias lateral e skyline no trans- operatório, no membro torácico direito para averiguação das posições das agulhas guias e para a colocação dos parafusos. A artrotomia é realizada utilizando um ou mais parafusos de 3,5mm ou 4,5mm. Na cirurgia foram introduzidas entre as agulhas dois parafusos corticais, um 4,5mm e outro 3,2mm, devido ao grande tamanho da fratura e o risco de instabilidade. O equino do relato após a resolução da fratura e tratamento clínico e repouso de aproximadamente 11 meses, voltou normalmente para as atividades esportivas, tendo bom desempenho nas provas seguintes.

Palavras-chave: Fratura; equinos; osteossíntese

199. OSTEOSSÍNTESE MINIMAMENTE INVASIVA COM PLACA BLOQUEADA NA REDUÇÃO DE FRATURA COMINUTIVA DE MAXILA - RELATO DE CASO

VANESSA ALBERINI*1; KARINA HUFENUSSLER LEIGUE1; GABRIEL WEILER1; IURY RIBEIRO DE PAULA1; PETERSON TRICHES DORNBUSCH2; MONALISA LUKASCEK CASTRO3

1.HOSPITAL VETERINÁRIO LUIS LEIGUE, GUARAMIRIM, SC, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, CURITIBA, PR, BRASIL; 3.FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU, BLUMENAU, SC, BRASIL.

e-mail:vane_alberini@hotmail.com

Resumo:

Um equino, Quarto de Milha, macho inteiro, 9 anos, foi atendido no Hospital Veterinário Luis Leigue, após trauma por coice, na região nasal. Apresentava dificuldade respiratória, edema, sangramento nasal e oral, além de movimento anormal da arcada dentaria superior na região dos dentes incisivos. Foi realizado exame radiográfico, onde se diagnosticou fratura cominutiva bilateral de maxila e palato duro, sendo o animal encaminhado a cirurgia. Foi realizada a osteossíntese minimamente invasiva (MIPO), onde realizou-se duas incisões de aproximadamente 7 cm, paralelas ao músculo elevador labial superior, para acesso ao local da fratura. Para a redução da fratura foram utilizadas duas placas de reconstrução com parafusos bloqueados de 3,5 mm, uma de cada lado, sendo sete do lado direito e seis do lado esquerdo. Ao longo do procedimento verificou-se o alinhamento da fratura, da oclusão e alinhamento dentário, através de acompanhamento radiográfico. O protocolo terapêutico baseou-se em

antibiótico-terapia e anti-inflamatório sistêmicos, a cavidade oral foi lavada com solução antisséptica. Nos 15 dias após o procedimento ainda se observava secreção nasal purulenta bilateral e devido a comunicação da fratura com a cavidade oral, foi instituída antibioticoterapia com enrofloxacina, durante 21 dias. A fístula parou de drenar, já não havia mais secreção nasal e os demais pontos completamente cicatrizados. A alta se deu aos 65 dias e aos seis meses após a cirurgia o equino estava plenamente recuperado e em atividade esportiva.

Palavras-chave: Ortopedia; mipo; fixação interna

200. PARAGANGLIOMA ORBITAL ASSOCIADO A SÍNDROME CÓLICA E CEREBRAL EM EQUINO – RELATO DE CASO

DANIELA SCANTAMBURLO DENADAI*1; RAYMIS BRUNO ROSA MOURA1; ANA PAULA PRADO ANTUNES FARIA1; MARIA FERNANDA DA SILVA MIRANDA1; DANIELA BERNADETE ROZZA1; MARIA CECÍLIA RUI LUVIZOTTO1; JULIANA REGINA PEIRO1; LUIZ CLAUDIO NOGUEIRA MENDES1; ALEXANDRE LIMA DE ANDRADE1; FLAVIA DE ALMEIDA LUCAS1

1.UNESP - FMVA, ARACATUBA, SP, BRASIL.

e-mail:daniela_denadai@hotmail.com

Resumo:

Paraganglioma é uma neoplasia de origem neuroendócrina, a partir de paragânglios parassimpáticos, de ocorrência rara, normalmente presente em região orbital e retroperitoneal em equinos. Relata-se o caso de um equino, 8 anos, macho, castrado, SRD, atendido no Hospital Veterinário da UNESP/FMVA, apresentando exoftalmia no olho direito há três meses. O exame oftalmológico revelou uveíte e protrusão da terceira pálpebra no olho direito, como principais achados. Na radiografia do crânio não foram observadas alterações ósseas, e pela ultrassonografia (US) em região retrobulbar, havia presença de musculatura de ecotextura heterogênea, com conteúdo anecóico entre as fibras musculares, sugestivo de neoformação. Na centese percutânea, guiada por US, foi obtido material impróprio para análise. O tratamento consistiu de exenteração do olho direito, sob anestesia geral. Durante o procedimento cirúrgico houve intenso sangramento, e verificou-se presença de massa neoplásica acometendo bulbo do olho e seus anexos, de consistencia firme, avermelhada, de aproximadamente 4 cm2. O exame histopatológico revelou que a neoformação era composta por tecido conjuntivo formando ninhos de células poligonais, com citoplasma abundante claro granular, núcleo redondo, com cromatina vesicular e raras mitoses, compatível com paraganglioma equino. No pós-operatório foi administrado sulfadoxina + trimetoprim (20 mg/Kg/IV/q24h) por 10 dias e flunixim meglumine (1,1 mg/Kg/IV/q24h) por 5 dias. Curativos tópicos diários foram realizados no sítio cirúrgico com gaze e iodopolividona, e capa protetora foi instituída. Decorridos 18 dias, apresentando boa evolução da cicatrização, o animal apresentou quadro de desconforto abdominal, caracterizado inicialmente por uma compactação de cólon maior simples. O tratamento integrou lavagem gástrica, administração de flunixim meglumine e fluidoterapia. Contudo, o caso evoluiu negativamente para presença de refluxo gástrico e aumento de volume na base da pelve com distensão de tênias, à palpação retal. Na laparotomia exploratória foi observado deslocamento de ceco, retroflexão de flexura pélvica e compactação de cólon maior direito e esquerdo. Enterotomia na flexura pélvica foi necessária para remoção do conteúdo intraluminal compactado. Posteriormente, as alças foram realocadas anatomicamente. O pós-operatório foi baseado em sondagem nasogástrica, fluidoterapia (Ringer lactato 10 mL/Kg/h/IV), e administração de ceftiofur (4 mg/Kg/IV/q24h), gentamicina (6,6 mg/Kg/IV/q24h), metronidazol (20 mg/Kg/IV/q8h), flunixim meglumine (1,1 mg/Kg/IV/q24h) e metoclopramida (0,15 mg/Kg/IM/q8h). Decorridas 36 horas pós-cirúrgicas, este apresentou quadro de síndrome cerebral, apresentando agressividade incontrolável, respiração irregular, incoordenação motora, olhar e andar para trás, e escoicear do abdome, sendo submetido à eutanásia. Na necropsia observou-se correto posicionamento de vísceras abdominais associado à peritonite difusa. No fundo da órbita ocular direita, próximo ao crânio, havia neoformação macia, irregular, com áreas hemorrágicas e brancacentas, e medindo 7,5 cm no eixo maior. No encéfalo, congestão vascular difusa e presença de colesteatoma no plexo coroide. Na microscopia do cérebro, havia edema, microhemorragias, neurônios isquêmicos e satelitose, vasculite

focal e microcolesteatomas. A histopatologia da neoplasia foi coincidente com o diagnóstico da peça cirúrgica. Adicionalmente, existiam áreas extensas de hemorragia e hemossiderose acometendo musculatura e comprimindo nervos regionais, trombose venosa recanalizada e cistos de Sarcocystis sp. na musculatura esquelética. Enfatiza-se que o paraganglioma deve ser elencado entre os diagnósticos diferenciais de aumentos de volume orbitários em equinos, apesar da raridade de sua ocorrência, e sugere-se que os efeitos endócrinos da secreção tumoral, podem ter desencadeado as síndromes cólica e encefálica neste animal. Para diagnóstico conclusivo, imunohistoquímica será realizada.

Palavras-chave: Oftalmologia; neoplasia; cavalos

201. PARÂMETROS CLÍNICOS, HEMATOLÓGICOS E BIOQUÍMICOS DE POTRO DA RAÇA CAMPOLINA COM INSUFICIÊNCIA PLACENTÁRIA

MARCELA OLIVEIRA*1; GABRIEL FALLER ALMEIDA2; BIANCA CARVALHO DOS SANTOS ALBUQUERQUE1; WILLY GONÇALVES KLING1; JANKERLE BOELONI1; ALINE EMERIM PINNA3; GRAZIELA BARIONI1; CARLA BRAGA MARTINS1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPIRITO SANTO, ALEGRE, ES, BRASIL; 2.MÉDICO VETERINÁRIO AUTÔNOMO, CANTAGALO, RJ, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, NITERÓI, RJ, BRASIL.

e-mail:marcela_medvet@hotmail.com

Resumo:

A ocorrência de anormalidades histológicas nas membranas fetais estão correlacionadas com as condições clinicas e metabólicas e óbito dos neonatos. O presente estudo teve por objetivo relatar os parâmetros clínicos, hematológicos e bioquímicos de um potro da raça Campolina nascido de placenta com alterações degenerativas. A placenta foi recolhida imediatamente após a expulsão e pesada em balança convencional. O peso da placenta foi 3,8kg. A avaliação macroscópica foi realizada a partir da inspeção. Para a avaliação microscópica foram coletados fragmentos da placenta e conservadas em etanol 70% para posterior processamento histológico. Na avaliação macroscópica foi observado área focal de aproximadamente 15x10 cm² com aparência rugosa e espessada na região do corno gravídico com presença de secreção mucóide marrom, brilhante e sem odor, na superfície coriônica. Notou-se, regiões despigmentadas, desprovidas de vilosidades microcotiledonárias na superfície coriônica. No exame histopatológico observou-se áreas multifocais de necrose moderada dos microcotilédones e das células trofoblásticas no corno gravídico que podem ser interpretadas como áreas de insuficiência placentária. O neonato foi avaliado nos primeiros 5 minutos de vida quanto ao comportamento (tempo para se manter em estação, o tempo para reflexo de sucção, para a primeira mamada, tônus muscular e a irritabilidade reflexa).Na avaliação dos parâmetros fisiológicos foram avaliadas a frequências cardíaca (bpm) e respiratória (mpm) e temperatura retal (T°C) ao nascimento (T0),24(T24) e 48(T48) horas de vida. Foram coletadas amostras sanguíneas ao nascimento (T0), as 12(T12), 24(T24) e 36(T36) horas de vida para exames hematológicos, bioquímicos e para mensuração das concentrações de lactato e glicose. O tempo gestacional foi de 322 dias.O peso do potro ao nascimento foi de 36Kg. Na avaliação comportamental foi observado maior tempo para se manter em estação, 120 minutos, apresentando-se acima dos valores fisiológicos. Os demais parâmetros comportamentais foram dentro dos limites fisiológicos para a espécie. Os valores observados para os parâmentros fisiológicos a frequência cardíaca foi elevada as 48 horas de vida (120 bmp), a frequência respiratória e a temperatura mativeram-se elevadas em todos os momentos (T0:96; T24:52; T48:80mpm; e T0:38,9; T24:38,2 e T48:38,2°C respectivamente). No exame bioquímico foi observado valores inferiores para os seguintes parâmetros, proteína sérica T0(3,69 mg/dL), albumina em todos os momentos(T0: 2,05; T12: 2,12; T24: 1,86; T36:1,80 mg/dL), fosfatase alcalina T36 (823,33 U/L), aspartato aminotranferase T24 (114,58 U/L) e creatinina T12,T24 e T36 (1,52; 1,07 e 1,05mg/dL, respectivamente). Os valores dos seguintes parâmetros apresentaram-se elevados, gama glutamil-transferase T12 (42,17U/L), magnésio T12 e T36 (4,88 e 5,51mg/dL), triglicerides T0 (43,23mg/dL) e uréia T0 (20,29mg/dL). A concentração de lactato observada em todos os momentos se manteve elevada (T0:7,8; T12: 6,9; T24: 4,5; T36:4,1mmol/L). A glicemia ao nascimento foi elevada (96mg/dL). No hemograma os seguintes parâmetros mativeram-se inferiores, contagem de glóbulos vermelho em todos os

momentos (T0:5,67; T12: 5,86; T24: 5,79; T36:6,6810x12/L), hematócrito T0 (36,5%), hemoglobina T0 e T12 (11,3 e 11,8 g/dL), concentração de hemoglobina corpuscular média T0, T12 e T24 (313, 314 e 315 g/dL) e volume plaquetário médio em todos os momentos (T0:7,0; T12: 7,3; T24: 7,5; T36:8,2 fL). Observou-se valores elevados para volume corpuscular médio e da hemoglobina em todos os momentos (T0:62,3; T12: 64,1; T24: 67,9; T36:65,7 fL) e (T0:19,8; T12: 20,1; T24: 21,4; T36:21,1pg) e contagem total das plaquetas T24 (490x109/L). No caso descrito o neonato equino apresentou alterações na morfologia placentária e nos parâmetros fisiológicos, hematológicos e bioquímicos durante as primeiras 48 horas de vida. Desta forma é de grande importância o acompanhamento do neonato nas primeiras horas de vida.

Palavras-chave: Neonatologia equina; adaptação extra-uterina; eficiência placentária

202. PERICARDITE FIBRINOSA EM POTRO CAUSADA POR STREPTOCOCCUS EQUI – RELATO DE CASO

CLEIDE CARINE LAZAROTTO*1; JULIANA IZZO OCTAVIANO1; MARCOS AURÉLIO LAIDANE FILHO2; JOYCE ELOISE DOS SANTOS3; CARLA BARGI BELLI1; CLAUDIA BARBOSA FERNANDES1

1.USP, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 2.VETHORSE, PONTA GROSSA, PR, BRASIL; 3.CESCAGE, PONTA GROSSA, PR, BRASIL.

e-mail:cleide@vethorse.com.br

Resumo:

A pericardite é uma inflamação do saco pericárdico com acúmulo de exsudato entre o pericárdio parietal e visceral, doença rara em equinos. Essa inflamação pode ser de origem idiopática, bacteriana, viral ou traumática. Geralmente está associada a uma prévia doença respiratória bacteriana ou viral. A mesma pode ser efusiva, fibrinosa ou constritiva. Este trabalho tem por objetivo relatar o caso de um potro, fêmea, de cinco meses de idade, acometida por uma infecção atípica por Streptococcus equi. A paciente foi submetida a tratamento para infecção, baseado no uso de penicilina, gentamicina, flunixim meglumine, dipirona, além de cuidados de enfermagem, porém veio a óbito após 03 dias do aparecimento das manifestações clínicas: febre, depressão, dificuldade respiratória e mucosas cianóticas, com aumento de fibrinogênio, anemia microcítica hipocrômica e leucocitose. Na necropsia observou-se um exuberante aumento do pericárdio, onde, ao corte, houve expulsão de um líquido não fétido de coloração esverdeada. O tecido aderido ao redor de todo o coração consistia em uma camada esbranquiçada, friável e sem odor, o que é indicativo de pericardite fibrinosa, comum em outras espécies domésticas, porém sem descrições em equinos. A fim de um diagnóstico definitivo do caso fez-se coleta de líquido peritoneal, líquido da cavidade torácica, amostra tecidual de coração, fibrina pericárdica e pulmão. Foi confirmado um infiltrado bacteriano nos tecidos e, na cultura, identificou-se uma infecção por Streptococcus equi. O S. equi entra em contato com o animal via oral ou nasal e se adere a receptores específicos das tonsilas e linfonodos locais e a disseminação do agente ocorre via linfática ou hematógena. Frente a isso, pode-se explicar o acometimento do pericárdio e demais manifestações clínicas observadas. Desta forma, o quadro de pericardite fibrinosa e acúmulo de líquidos torácicos e abdominais mesmo que raro, demonstra uma possível abrangência da infecção inicial, que na maioria das vezes restringe-se ao sistema respiratório, tornando o tratamento mais difícil e o prognostico mau.

Palavras-chave: Streptococcus equi; pericardite fibrinosa; potros

203. PIELONEFRITE COMO COMPLICAÇÃO DE INFECÇÃO DA FERIDA CIRÚRGICA PÓS LAPAROTOMIA EM UM CAVALO: RELATO DE CASO

MARIANA COCCO*1; FLÁVIA DO PRADO AUGUSTO AMARO1; LUIZA COSTA BARCELLOS1; ANA PAULA BRENNER BUSCH1; JACKSON SCHADE1; PETERSON TRICHES DORNBUSCH1

1.UFPR, CURITIBA, PR, BRASIL.

e-mail:mariana.cocco@hotmail.com

Resumo:

A pielonefrite aguda é caracterizada pela inflamação da pelve e parênquima renal, causada geralmente pela infecção bacteriana ascendente do trato urinário. Na espécie equina, devido a particularidades anatômicas, a migração de bactérias a partir do trato urinário inferior é rara, porém, a estase urinária pode predispor ao desenvolvimento. O objetivo do trabalho é relatar um caso de pielonefrite aguda pós laparotomia e infecção da ferida cirúrgica. Um cavalo castrado, 16 anos, SRD, 430kg foi encaminhado ao hospital apresentando sinais de síndrome cólica. O cavalo foi submetido à laparotomia exploratória e enterotomia de flexura pélvica para retirada de enterólito no cólon dorsal direito. Como medicação pós-cirúrgica foi administrado metronidazol (25mg/kg, BID, VO, 15 dias), enrofloxacino (7,5mg/kg, SID, VO, 4 dias) e omeprazol (1mg/kg, SID, VO, 12 dias). Nos primeiros dias após o procedimento cirúrgico foi evidenciado edema prepucial, o qual impedia a exposição do pênis e a micção. No 15º dia de tratamento, foram observados sinais de infecção da ferida cirúrgica. Cultura e antibiograma foram realizados e optou-se pelo uso de ceftriaxona (50mg/kg, SID, IV, 4 dias). Sinais clínicos caracterizados por depressão, taquicardia, febre e hematúria foram observados 25 dias após a cirurgia. Hemograma e bioquímica sérica revelaram anemia, leucocitose por neutrofilia sem desvio, hiperfibrinogenemia e azotemia renal (creatinina: 11,5mg/dL; ureia: 182,9mg/dL). A ultrassonografia renal revelou bordas irregulares e perda da distinção corticomedular, mais acentuada no rim esquerdo. Na urinálise observou-se coloração avermelhada turva, isostenúria, proteinúria e hematúria. A urocultura isolou a mesma bactéria da ferida cirúrgica (Klebsiella sp.), e antibiograma revelou sensibilidade apenas ao meropenen. Devido a restrições financeiras do proprietário, optou-se pelo uso de enrofloxacino (7,5mg/kg, SID, VO, 21 dias). A fluidoterapia a base de ringer lactato foi instituída na taxa de 70ml/kg/dia nos três primeiros dias, diminuindo progressivamente em um período de 15 dias até a normalização dos valores séricos de creatinina e ureia, quando o animal recebeu alta. A pielonefrite é caracterizada por azotemia, poliúria, polidipsia, febre, leucocitose, anemia e hematúria, sinais estes presentes na sintomatologia clínica do relato, com exceção da poliúria e polidipsia. Em cavalos, pode estar relacionada a qualquer patologia que esteja causando estase urinária como urolitíase, trauma uretral e edema de prepúcio. Neste caso, a retenção urinária devido ao edema prepucial predispôs à contaminação bacteriana proveniente da ferida cirúrgica para o sistema urinário, causando a pielonefrite. Esta foi confirmada pela cultura bacteriana e antibiograma, devido ao isolamento do mesmo agente. A pielonefrite causou insuficiência renal aguda, manifestada por aumento das concentrações séricas de ureia e creatinina juntamente com distúrbios hídricos, eletrolíticos e de ácido-base. Os achados ultrassonográficos são essenciais para o diagnóstico e foram compatíveis com o caso. O tratamento indicado para pielonefrite é a antibioticoterapia por 21 dias, fluidoterapia e transfusões sanguíneas quando necessário. No presente caso, foi utilizado o enrofloxacino que apesar de não ser sensível à bactéria isolada foi eficaz na resolução do quadro clínico. Essa terapia foi baseada no fato de ser um antibiótico de escolha para infecções renais devido à sua excreção renal e resultados satisfatórios, principalmente nas pielonefrites causadas por Klebsiela sp. A taxa de fluidoterapia recomendada é baseada na porcentagem de desidratação não podendo exceder 40ml/kg/dia, devido ao risco de edema pulmonar. Considerando que o animal não estava desidratado, neste caso a taxa foi calculada pela necessidade hídrica diária. A pielonefrite é rara e deve ser considerada como diagnóstico diferencial em casos de hematúria. Apesar da escassez de relatos, o tratamento intensivo foi essencial e eficaz.

Palavras-chave: Renal; cólica; insuficiência renal aguda

204. PLACA AURAL DISSEMINADA EM ÉGUA - RELATO DE CASO

ELISSA RIBEIRO*1; ANTONIO CARLOS LOPES CÂMARA1; RITA DE CASSIA CAMPEBELL1; ARTHUR MARTINS DA SERRA VILELA PINTO1; VERÔNICA LOURENÇA DE SOUZA1; MÁRCIO BOTELHO DE CASTRO1; CINTIA REGINA RÊGO

QUEIROZ1

1.UNB, BRASILIA, DF, BRASIL.

e-mail:elissa_rib@hotmail.com

Resumo:

Os papilomavírus (PV) se subdividem em várias subespécies e têm se mostrado altamente espécie-específicos. Há descrição de seis tipos de PV equino e dois tipos bovinos capazes de infectar os equídeos, com os PV Equino tipo II e III considerados os maiores responsáveis por lesões cutâneas caracterizadas como placa aural.1 Em geral, essas lesões são placas despigmentadas, planas, descamativas, de menos de um milímetro a até dois centímetros, hiperqueratóticas que acometem a superfície interna do pavilhão auricular. Há poucos relatos das lesões que se estendem para outras regiões do corpo, além do pavilhão auricular2. Assim, objetiva-se relatar a ocorrência de lesões de placa aural disseminadas em uma égua. Foi encaminhada para atendimento hospitalar, uma égua, sem raça definida,de aproximadamente 10 anos de idade, apreendida em via pública. Ao exame físico inicial, a égua apresentava escore corporal II, ferida lacerante com edema, sugerindo linfangite, e ruptura do tendão extensor comum no membro pélvico direito (MPD). O exame dermatológico revelou lesões despigmentadas de até três milímetros em ambos pavilhões auriculares. Durante os dois primeiros meses de internamento para tratamento da laceração, as lesões cutâneas despigmentadas apresentaram coalescência das placas nas orelhas. Houve o surgimento de novas lesões de cerca de um milímetro ao redor dos olhos e focinho, e lesões de até sete milímetros na vulva, ânus e base de cauda. Realizou-se biopsia incisional na região da vulva, sendo enviado para processamento histológico um fragmento medindo 2,0 x 1,5 x 0,3 cm. A histologia revelou espessamento difuso da epiderme (acantose) com discreta hiperqueratose ortoqueratótica, hipomelanose e hiperplasia segmentar do estrato basal. Observa-se ainda áreas de espongiose e distribuição irregular de queratinócitos vacuolizados (coilócitos), confirmando a suspeita clínica de placa aural. Como a etiologia das papilomatoses não é bem conhecida2, é difícil determinar a causa da infecção viral. Entretanto, pode-se supor que a associação de alguns fatores, como desnutrição e processo inflamatório ativo no MPD, tenham desencadeado estresse imunológico predispondo à infecção por PV. Nesse caso, as lesões se disseminaram até um estágio e não apresentaram mais evolução, o que condiz com a ausência de regressão espontânea.2 Na maioria dos casos, as placas aurais são observadas exclusivamente no interior do pavilhão auricular, mesmo nos casos em que há lesões extensas.2 No presente relato, no entanto, foram observadas lesões em diversas partes do corpo, sendo as mais significativas na vulva, o que pode sugerir uma infecção por PV tipo II ou IV; mas, apenas o exame de PCR poderia identificar a variante envolvida.1Embora em muitos casos seja realizado apenas o diagnóstico clínico, o exame histopatológico mostra-se eficaz no diagnóstico definitivo da enfermidade, sendo as lesões encontradas nesse caso compatíveis com as alterações descritas na literatura.1,2 A papilomatose equina é uma condição ainda pouco elucidada, mesmo sendo comum,2 e, embora não traga grandes prejuízos, pode predispor a alterações no epitélio. Além disso, equinos com múltiplas lesões, como o descrito, são mais difíceis de comercialização devido a influencia da infecção por PV na estética desses animais.

Palavras-chave: Despigmentação; hiperqueratose; papilomatose

205. PLASMA RICO EM PLAQUETAS ASSOCIADO A ENXERTOS EPITELIAIS EM FERIDA CRÔNICA DE EQUINO

GUSTAVO DOS SANTOS ROSA*1; JULIANA DE MOURA ALONSO1; BETSABÉIA HELOÍSA GENTILHA MILANI1; ANDRE MASSAHIRO TERAMOTO KRIECK1; CELSO ANTÔNIO RODRIGUES1; CARLOS ALBERTO HUSSNI1; MARCOS JUN WATANABE1; ANA LIZ GARCIA ALVES1

1.FMVZ UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:gustavomv@outlook.com

Resumo:

O tratamento de feridas crônicas em equinos é um grande desafio, requerendo frequentemente condutas elaboradas para sua resolução. A associação de condutas torna-se praticamente inevitável quando as feridas estão localizadas nos membros. Além de possuírem perfusão tecidual inferior quando comparadas a feridas não crônicas, a fibrose decorrente de sua cronicidade dificulta sua epitelização. Neste sentido, o conhecimento e a aplicação de condutas que estimulem e acelerem o processo cicatricial tornam-se necessários para o seu manejo bem sucedido. Relata-se o caso de um equino, fêmea, Puro Sangue Árabe de 21 anos, com histórico de duas feridas granulomatosas com 8 anos de evolução, localizadas na face dorsal e dorso-medial do terço médio da região metatársica esquerda, medindo 5x4,5cm e 4x3cm, respectivamente. Foram realizados 11 enxertos de pele, coletados da região cervical com o auxílio de um punch de 1 cm de diâmetro, e dispostos uniformemente pela superfície da ferida. Adicionalmente, foram realizadas duas administrações de plasma rico em plaquetas (PRP) - sob os enxertos e nos bordos da ferida - com intervalo de 30 dias. O membro foi protegido com bandagem, trocada a cada 7 dias. A cada troca de bandagem a ferida foi avaliada e suas dimensões foram mensuradas utilizando uma régua. No 7º dia após a terapia inicial a ferida apresentava as mesmas dimensões, com apenas um enxerto não aderido à granulação. Entre o 14º e o 28º dia não foi possível visualizar os enxertos, apenas a granulação. Respectivamente, as mensurações das feridas reduziram em 26,1% e 14,6%. No 35º dia foi possível notar o reaparecimento dos enxertos, apresentando tamanho consideravelmente menor que os inicialmente dispostos na ferida. A epitelização começou a ocorrer tanto de maneira centrípeta quanto centrífuga, de modo que após 120 dias a ferida dorsal apresentava-se completamente epitelizada e as dimensões da ferida dorso-medial haviam regredido 50%. O animal recebeu alta após a epitelização completa. Este caso demonstra que a associação de enxertos epiteliais e PRP é indicada no tratamento de feridas crônicas em equinos. As citocinas e os fatores de crescimento contidos nas plaquetas estimulam migração, proliferação e diferenciação de células endoteliais, epiteliais e fibroblastos, garantindo melhor perfusão tecidual e aporte para o processo cicatricial. A ação dos leucócitos, selecionados propositalmente neste caso durante a obtenção do PRP, também é altamente desejável, visto que estes reorganizam o processo inflamatório e auxiliam no debridamento da ferida. Os enxertos epiteliais são uma fonte autóloga de fibroblastos e células tronco multi e unipotentes que, somados ao efeito trófico do PRP, colaboram com a contração e a epitelização da ferida, diminuindo o tempo de cicatrização. Ambas as técnicas são facilmente exequíveis e possuem baixo custo, tornando-se alternativas viáveis para o manejo de feridas crônicas em equinos.

Palavras-chave: angiogênese; cicatrização; epitelização

206. PLEUROPNEUMONIA POR STREPTOCOCCUS SP EM EQUINO: RELATO DE CASO

DIEGO BARBUZANO DE ANDRADE*1; RODRIGO SILVERIO FERREIRA DA CRUZ1; ISABELLA VIEIRA FIGUEIREDO TOMAZ1; DAYANE CRISTINA MANSOLDO ALMEIDA1; LUCAS ALVES DA SILVA ABREU1; LARISSA MARINO PERGAMO1

1.UNISA, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:diegobda@hotmail.com

Resumo:

A pleuropneumonia é uma doença caracterizada pela inflamação do parênquima pulmonar associada à inflamação da pleura. O desenvolvimento da doença está relacionado a fatores como, estresse, passagem de sonda nasogástrica, traumas torácicos e traqueais, pneumonia com abcesso pulmonar. Os sinais clínicos apresentados pelo animal são anorexia, tosse, secreção nasal, epistaxe, dor e ruídos respiratórios e pulmonares. O diagnóstico é baseado no histórico do animal, exame clínico, ultrassonografia, citologia e cultura de secreção traqueal e/ou pleural. Esta afecção tem caráter infeccioso e sua terapia é baseada no uso de antibióticos sistêmicos, anti-inflamatórios, analgésicos, toracotomia e drenagem do líquido pleural; E suporte com fluidoterapia, se necessário, oxigênio terapia e broncodilatadores. O prognóstico não é favorável, em casos em que a doença é diagnosticada precocemente e se inicia um tratamento intensivo, aumentam as chances de obter melhores resultados. No

dia 06/03/18 foi encaminhado ao HOVET da Universidade Santo Amaro, um cavalo, SRD, 7 anos, com queixa de dificuldade respiratória e secreção nasal sanguinolenta de odor fétido bilateral a uma semana. Ao exame físico: frequência cardíaca 80bpm, frequência respiratória 36mpm, temperatura 37,9º, tempo de preenchimento capilar 2 segundos, mucosas róseas, motilidade classificada em duas cruzes no quadrante superior esquerdo, quadrante inferior esquerdo e direito e 1 descarga íleo cecal e estava se alimentando normalmente. Na auscultação pulmonar notou presença de crepitação bilateral em região dorsal e diminuição dos ruídos pulmonares em região ventral, pior no lado esquerdo. Iniciou-se de imediato antibioticoterapia com Ceftiofur (5mg/kg/SID) e Gentamicina (6,6 mg/kg/SID) associados a dose anti-endotoxêmica de Flunixin Meglunine (0,25 mg/kg/QID), inalação com oxigênio e acetilcisteína (10ml/QID) e mucomucil (21,5ml/BID). Foi realizado o ultrassom orientando o ponto de drenagem (5º espaço intercostal direito e esquerdo), vizualizando imagem sugestiva de acúmulo de líquido heterogenio e fibrina entre as pleuras. Dia 09/03, foi realizada a toracocentese e drenado 4 litros de secreção purulenta do lado esquerdo e 8 litros de secreção serosanguinolenta do lado direito, foram realizados os exames de citologia (presença de bactérias em grande quantidade, com predomínio de bastonetes distribuídos em longos filamentos, aos pares ou em grumos. Cristais de hematoidina, sugerindo a ocorrência de hemorragia. Células degeneradas, caracterizando processo infeccioso bacteriano no tórax) e cultura e antibiograma (identificado o agente, Streptococcus sp, que se mostrou sensível aos antibióticos já iniciados no tratamento) da secreção drenada. No tempo que estava internado, o animal apresentava aumento da frequência cardíaca e respiratória, desde o 10/03, o animal começou a apresentar febre, sendo controlada com administração de dipirona (25mg/kg) e ducha. Dia 12/03 o animal demostrou piora, manifestando prostração intensa, apatia, anorexia e oligodipsia, o quadro foi evoluindo para pior de forma progressiva. No dia 14/03, o animal apresentava em exame físico: frequência cardíaca: 98bpm, frequência respiratória: 28 mrm, temperatura: 38,9C°, mucosas cianóticas, tempo de preenchimento capilar: 1' segundo, dispneia, sudorese e incoordenação, com o agravamento do quadro optou-se pela eutanásia do mesmo. O animal foi encaminhado ao serviço de necropsia, onde foi possível observar presença de conteúdo espumoso drenando das narinas e do tórax no local da toracocentese, mucosas congestas e abdômen distendido. Ao exame interno, apresentava aderência em tórax e diafragma, em região pulmonar, com fibrina e coloração congesta, presença de conteúdo espumoso (edema pulmonar bilateral acentuado). Pulmão com deposição de fibrina, aderido á pleura visceral e parietal, sugestivo de pneumonia com mais de 30 dias de evolução, justificando o insucesso no tratamento pelo estágio avançado da doença.

Palavras-chave: Pleuropneumonia; streptococcus sp; toracocentese

207. PÓLIPO NASAL EM MUAR – RELATO DE CASO

LETÍCIA OLIVEIRA ALENCAR*1; MARCO AUGUSTO GIANNOCCARO DA SILVA1; JULIANA SILVA OLIVEIRA1; HAIANE ARRUDA LUZ AMORIM1; JOSE MAURICIO LOPES BRIGE JUNIOR1; RAISSA DRIELLE FREITAS FRANCO1; JULIANA CORREA SFALCIN1; GUTIERGUE LUIZ DE SOUZA1; DAYVERSON DE SOUZA DOS SANTOS1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS, ARAGUAINA, TO, BRASIL.

e-mail:leticiaoalencar@hotmail.com

Resumo:

Pólipos nasais são estruturas não neoplásicas, de etiologia desconhecida, que se elevam da superfície da mucosa expandindo-se para a cavidade nasal, e que são resultantes de um processo inflamatório crônico. De maneira geral, ocorrem com pouca frequência nos animais, sendo que nos equinos não há predileção por idade, embora acometa de maneira insidiosa os adultos. Em muar, apenas uma citação de diagnóstico de pólipo nasal foi encontrada na literatura. Usualmente são unilaterais e secreção nasal, odor fétido, estridor respiratório e dispneia estão associados. Foi atendido pelo Hospital Veterinário da Universidade Federal do Tocantins, em propriedade particular, um muar, SRD, macho, de 5 anos e meio de idade, com queixa de ruído respiratório a cinco meses e epistaxe eventual. Taquipneia, distensão da porção inicial do chanfro esquerdo, ausência de fluxo de ar na narina esquerda, massa esbranquiçada, brilhante, de consistência macia na entrada da mesma narina, com secreção purulenta e

hemorrágica e ruído inspiratório de alta intensidade e olhar ansioso foram os achados ao exame físico. Procedeu-se com a coleta de sangue venoso para realização de hemograma, contenção química com cloridrato de xilazina a 10% (0,5mg/kg, IV) e tentativa de remoção da massa por tração manual, sem sucesso. Devido ao baixo valor zootécnico do animal, a presença de dispneia acentuada e a falta de equipamentos para melhor avaliação da cavidade nasal, optou-se pela eutanásia. Em seguida, realizou-se incisão na asa lateral da narina esquerda para remoção da massa e coleta de fragmento. A massa era alongada, de 15cmx6cm (CxL), macia, esbranquiçada e ocupava todo o vestíbulo e cavidade nasal esquerda. O exame histopatológico revelou tecido conjuntivo subepitelial com abundante edema de aspecto mixóide, com discreta a moderada proliferação de fibroblastos, associado a um discreto a moderado infiltrado inflamatório difuso, composto por neutrófilos, macrófagos e linfócitos, o que confirmou o diagnóstico de pólipo nasal. No hemograma detectou-se anemia normocítica normocrômica, neutrofilia com desvio a direita e linfopenia. A obstrução da cavidade nasal ocorre com frequência em equídeos e a causa está relacionada a lesões tumoriformes, infecciosas ou inflamatórias. Os sinais são semelhantes e o exame histopatológico se torna ferramenta indispensável para o diagnóstico definitivo e instituição da terapia adequada. Embora a exterioração da massa pela narina seja um sinal clínico importante para o diagnóstico clínico de polipose nasal, a realização de exame histopatológico foi realizado e permitiu caracterizar a alteração e estabelecer o diagnóstico definitivo. As características histológicas identificadas foram compatíveis com as descritas na literatura, onde infiltrado linfocítico agudo e presença de macrófagos na camada subepitelial, são achados consistentes da lesão. No entanto, não foi possível estabelecer a etiologia da alteração, assim como em outras citações existentes, que apenas classificaram o pólipo como lesão tumoriforme de origem inflamatória não identificada. Autores associaram o desenvolvimento do pólipo a causa infeciosa, devido a inclusão viral detectada. No entanto, outros pesquisadores discordam e sugerem que reação de hipersensibilidade mediada por IgE é a peça "chave" no desenvolvimento do processo. O quadro clínico apresentado pelo animal do caso em tela é compatível com a literatura, porém dispneia severa associada a pólipo único não foi anteriormente descrito, o que nos permite relacionar o tamanho da massa à gravidade do quadro. O prognóstico é bom, porém, no referido caso, o tamanho da lesão associado à impossibilidade de realizar exames complementares, a falta de materiais para a remoção da massa e o baixo valor zootécnico do paciente, tornou o prognóstico desfavorável. Conclui-se que o exame histológico é fundamental para a diferenciação dos quadros de obstrução nasal em equídeos e para a instituição adequada do tratamento.

Palavras-chave: Crescimento não-neoplasico; equídeos; obstrução nasal

208. POLITRAUMATISMO CRANIANO EM POTRO NEONATO DEVIDO A ATAQUE DE GARANHÃO

LETIANA DA SILVA REHBEIN*1; ELISSA RIBEIRO1; LUIZA DE SIQUEIRA ALMEIDA REIS1; ANTONIO CARLOS LOPES CÂMARA1; RITA DE CASSIA CAMPEBELL1; LIDIA SANTOS PEREIRA1

1.UNB, BRASILIA, DF, BRASIL.

e-mail:elissa_rib@hotmail.com

Resumo:

Fraturas do crânio e, mais especificamente, fraturas de ossos faciais são bem descritas em equinos adultos. Essas fraturas geralmente envolvem os ossos frontal, nasal e maxilar, o processo zigomático do osso frontal e os ossos que formam a borda orbital. Normalmente,os equinos respondem a situações ameaçadoras com o ato de correr, puxar para trás e movimentos exagerados da cabeça, contribuindo para o risco de fraturas faciais. Diante do exposto, objetiva-se relatar um caso de politraumatismo craniano em potro neonato por ataque de garanhão. Um potro de dois dias de vida foi encaminhado para atendimento hospitalar comhistórico de ataque por mordedurasde um garanhão. Ao exame físico, o animal apresentava-se alerta, frequência cardíaca de 100 bpm, frequência respiratória de 36 mpm, tempo de preenchimento capilar de 2 segundos,temperatura retal de 37,9°C.Notou-se ainda feridas lacerantes na região nasal causando ruídos respiratórios, proptose ocular esquerda e presença de movimentação de ossos faciais à manipulação. Ao exame radiográfico do crânio, realizado nas projeções látero-lateral direita e esquerda perpendiculares e oblíquas, observou-se perda de contorno com cominuição de parte dos ossos frontal,

nasal, incisivo e maxilar;além de perda de conformação e definição completa dos dentes 507, 508, 607 e 608. Havia presença de estruturas radiopacas no interior da cavidade oral, bem como perda de continuidade da superfície dorsal da língua.O potro foi submetido a anestesia inalatória para avaliação intraoral e possível tratamento cirúrgico, sendo confirmado a presença de fraturas nos ossos frontal, maxilar, palatino, nasal, incisivo, zigomático e lacrimal; fraturas nos dentes 507, 508, 607 e 608 com envolvimento do osso alveolar e miíase; fistula orofacial de 5 cm de diâmetro na altura do dente 608 e laceração de 70% da superfície da língua em terço caudal. Diante da gravidade dos ferimentos e prognóstico ruim, optou-se pela eutanásia durante o procedimento. O presente relato apresenta um caso de múltiplas fraturas em ossos faciais e dentes em potro neonato, decorrente de ataque de garanhão por meio de mordeduras; ocorrência que difere das causas mais comuns de fraturas cranianas em equídeos, que são traumas diretos associados a coices ou colisão em objetos estacionários, sendo os ossos frontal, nasal e maxilar,os mais comumente envolvidos. Assim, os traumatismos e ferimentos infligidos por animais da mesma espécie podem ser evitados com o simples manejo de separação por faixa etária e categoria produtiva (garanhões, éguas paridas, éguas prenhes).

Palavras-chave: Politraumatismo; potro; fratura

209. PRIMEIRO CASO BRASILEIRO DE DISGENESIA GONADAL (XO) EM ÉGUAS: RELATO DE CASO

GUSTAVO RUPP LARENTIS*1; ANNA BETTTINA ALTMEIER1; HENRIQUE BOLL BASTOS1

1.UFRGS, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL.

e-mail:annabzimmer@gmail.com

Resumo:

Anormalidades do desenvolvimento sexual que causam infertilidade em equinos têm sido investigadas desde o início da década de 1970. O cariótipo equino consiste de 31 pares de cromossomos autossômicos e um par de cromossomos sexuais. O primeiro relato de uma égua infértil apresentando 63 cromossomos, com a ausência de um cromossomo sexual foi publicado em 1968. Essa anomalia é uma síndrome e é frequentemente denominada "disgenesia gonadal" após um relato de um caso em 1975. A disgenesia gonadal é caracterizada principalmente pela falta de um cromossomo X em todas ou na maioria das células somáticas e, portanto, tem uma designação cromossômica de XO. Esta condição também foi denominada de "Síndrome de Turner Equina", mas esta é uma analogia indesejável à condição humana, pois as características fenotípicas não são comparáveis, apesar da semelhança gonadal. O presente relato descreve o primeiro caso de disgenesia gonadal (XO) diagnosticado no Brasil. Foram avaliados o histórico, a condição clínica, a palpação transretal, os exames ultrassonográficos, a vaginoscopia, os achados histológicos do endométrio e o cariótipo. Uma égua Crioula de cinco anos de idade sem histórico reprodutivo foi levada ao REPROLAB para a realização de um exame de diagnóstico de prenhez após um período de dois meses com um garanhão em manada. O proprietário relatou a não observação de comportamento de estro. Na apresentação, a égua estava em boa condição corporal e fenotipicamente normal, mas ligeiramente menor do que as outras éguas da mesma idade. Na palpação transretal o útero estava flácido e menor que o normal e os ovários eram muito pequenos e lisos, com uma textura firme e sem folículos palpáveis. Ao exame ultrassonográfico de uma imagem transversal do útero, o corno esquerdo mediu 17,3 mm x 11,9 mm, o corno direito mediu 17 mm x 13,8 mm; o ovário esquerdo mediu 22,9 mm x 12, 8 mm e o ovário direito mediu 22,2 mm x 13 mm. Na vaginoscopia a vagina era de tamanho normal, a mucosa pálida, as secreções pegajosas e escassas. A cérvice do útero estava flácida e aberta, permitindo a observação diretamente do endométrio. Histologicamente o endométrio apresentou uma aparência hipoplásica com pouca arborização das glândulas endometriais e células cuboides revestindo o epitélio luminal e as glândulas endometriais. No exame do cariótipo foram avaliadas 15 metáfases, todas apresentando 63 cromossomos e apenas um cromossomo sexual X. Os relatos colhidos na literatura corroboram os achados obtidos nos exames realizados. A incidência de disgenesia gonadal XO na população de equinos não é conhecida com precisão, pois segundo uma revisão publicada em 1985, todas as éguas examinadas citogeneticamente foram avaliadas devido à infertilidade. Apenas um estudo na Polônia em 2007 realizou a triagem

do cariótipo de uma população de 500 cavalos jovens selecionados aleatoriamente mostrou que anormalidades foram observadas em 2% dos indivíduos analisados, sendo um caso de uma potra XO, um caso de quimerismo (64XX, 64XY), sete dos casos apresentados foram em forma de mosaico (63X/64XX) e um caso de alteração em um dos cromossomos autossômicos. O Diagnóstico de anormalidades cromossômicas é muito importante para a redução de perdas econômicas devidas ao insucesso de um cruzamento ou tratamento hormonal, pois fica possível eliminar do plantel animais portadores de aberração cromossômica. Os exames complementares são de extrema importância para tal diagnóstico, já que as éguas não apresentam anormalidades genitais externas mesmo na idade adulta. No Brasil, em 2016, o número oficial de equinos no foi de 5,5 milhões de indivíduos; o quarto país em números totais, representando quase 10% da população mundial. Mesmo com este grande número de animais, há apenas um relato de anormalidade cromossômica sexual (mosaico) na espécie, sugerindo que casos de alterações cromossômicas não são devidamente diagnosticados.

Palavras-chave: Cariótipo; desenvolvimento sexual; cromossomos

210. PROLAPSO UTERINO COMPLETO COM HERNIAÇÃO INTESTINAL EM ÉGUA: RELATO DE CASO

VERIDIANA DE PAULA ANDRADE*1; CAROLINA TIEMI CARDOSO OKADA2; NERI HELLEN VIEIRA DA CUNHA1

1.FMVZ- UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL; 2.FMVZ -UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:vet_veriandrade@hotmail.com

Resumo:

O prolapso uterino pode ocorrer em decorrência de retenção de membranas fetais, ruptura uterina, eversão ou prolapso da bexiga, ou ainda, herniação intestinal. As éguas acometidas geralmente apresentam esforço físico intenso, sinais clínicos de abdômen agudo e choque. Embora incomum, o prolapso uterino pode ocorrer em em horas ou dias após o parto, e é fatal caso a artéria uterina seja rompida. O objetivo desse trabalho é relatar um caso de prolapso uterino com herniação intestinal em égua no pós-parto. Foi atendida em uma propriedade em Itatinga-SP, uma égua, de oito anos, multípara, puro sangue árabe, com histórico de 24 horas de pós-parto. À inspeção, a égua estava em estação, apática e com prolapso total de útero e vagina, apresentando endométrio congesto e hemorragia profusa, ao exame físico observou-se frequência cardíaca de 120 batimentos por minuto, frequência respiratória de 60 movimentos por minuto, mucosas pálidas e tempo de preenchimento capilar de quatro segundos. O animal apresentou choque hipovolêmico e óbito instantes após o atendimento médico veterinário inicial, não havendo tempo hábil para realização de qualquer procedimento para o tratamento. Logo após o óbito, notou-se a presença de ração em ambas as narinas do animal. Na inspeção do útero prolapsado, verificou-se no seu interior a presença de alças de intestino delgado com presença de ração parcialmente digerida, semelhante ao encontrado nas narinas, sugerindo ruptura de algum segmento do trato gastrointestinal por sobrecarga na alimentação do pós-parto e abdômen agudo. Não foi possível realizar necrópsia do animal. Apesar de raro em éguas, o prolapso uterino consiste em uma emergência médica grave, podendo gerar desde consequências para o desempenho reprodutivo até o óbito. Dessa forma, são ressaltados os cuidados no periparto, como o controle da alimentação, bem como o rápido diagnóstico e atendimento veterinário.

Palavras-chave: Prolapso uterino; parto; égua

211. PYTHIUM INSIDIOSUM: RELATO DE CASO EM EQUINO

CRISTINE REDIVO*1; CARLOS AFONSO DE CASTRO BECK1; DÉBORA ZARO1; ANDRÉ LUIZ DE ARAÚJO ROCHA1; FLÁVIA UMPIERRE BUENO1; BARBARA ALIBIO MORAES1

1.UFRGS, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL.

e-mail:tine.cris@hotmail.com

Resumo:

A pitiose é uma afecção granulomatosa crônica, que acomete equinos e outras espécies. Ocorre em regiões com climas tropicais, subtropicais, temperados e em áreas alagadas. O agente etiológico é o oomiceto Pythium insidiosum, um parasita de plantas aquáticas, que através de reprodução assexuada produz zoósporos que podem infectar os animais. A doença causa prejuízos na equinocultura e o prognóstico depende da extensão das lesões e do comprometimento de estruturas. Provoca um quadro infeccioso na pele e região subcutânea, podendo apresentar quadros sistêmicos, pulmonares, gastrointestinais, oculares, entre outros. A enfermidade em equinos caracteriza-se pela formação de granulomas eosinofílicos, com a presença de massas necróticas denominadas de "kunkers". Muitos protocolos para tratamento têm sido utilizados, incluindo tratamento químico (antifúngicos), cirúrgicos e de imunoterapia. Relata-se o caso de um equino, macho, não castrado, pesando 270 kg, de aproximadamente dez anos de idade e sem raça definida, encaminhado ao Hospital de Clínicas Veterinárias da UFRGS (HCV), que apresentava uma lesão ulcerada friável e pruriginosa no membro pélvico direito, na região da quartela. O animal ficava em um campo alagado e nunca havia apresentado lesões semelhantes. Macroscopicamente, a ferida apresentava um aspecto granulomatoso e úmido, com exsudato mucoseroso e aparência tumoral. Havia presença de massas branco-amareladas, de formato irregular e aspecto arenoso ("kunkers"). Antes de levar o cavalo ao hospital, o tutor aplicou, sobre a lesão, ectoparasitas em aerossol de uso tópico (Bactrovet Prata AM®), cujos princípios ativos eram sulfadiazina de prata e cipermetrina. Pomada cicatrizante (Vetaglós®), composta por gentamicina, sulfanilamida, sulfadiazina, ureia e vitamina A. E aplicou, em cada lado da musculatura do pescoço, 10ml de um antibiótico e anti-inflamatório (Megacilin Super Plus®) à base de benzilpenicilina benzatina, benzilpenicilina procaína, benzilpenicilina potássica, estreptomicina e piroxicam, indicado para bovinos, ovinos, caprinos e suínos. Não houve melhora da lesão após a utilização desses fármacos. No HCV, realizou-se a limpeza da lesão, coleta de amostras de sangue para hemograma e de material para exame histopatológico. Não houve alterações significativas nos exames laboratoriais, e o resultado do exame histopatológico confirmou o diagnóstico de pitiose, onde foi observado a presença de hifas cobertas por células necróticas. Durante o período de internação do animal, foi realizada a limpeza da lesão com solução fisiológica e povidine degermante, aplicada pomada de calêndula e feito curativo com gaze, atadura e esparadrapo para proteger a ferida. Institui-se terapia com antibióticos (Pentabiótico Veterinário Reforçado®) para prevenir infecções secundárias. Ao longo do tratamento, foram administradas dez doses do imunoterápico PITIUM-VAC® por via subcutânea (SC), com intervalo de quinze dias entre as aplicações, sendo que todas causaram a formação de abscessos contendo secreção purulenta e edema no local de administração, gerando desconforto e dor ao paciente. Foi realizada ressecção cirúrgica da massa tumoral, e administrado iodeto de potássio, por via oral, durante sessenta dias. A terapia empregada foi eficiente na diminuição da lesão, o processo cicatricial evoluiu, houve melhora do quadro infeccioso da pele e região subcutânea e ao final do tratamento a ferida encontrava-se quase que totalmente fechada e coberta por pelos. O paciente recebeu alta hospitalar e não apresentou recidiva da lesão até o momento da realização desse trabalho. Nesse caso, apesar das reações adversas causadas pelo imunoterápico, a associação da imunoterapia com a rescisão cirúrgica e a administração de antimicóticos e antimicrobianos demonstrou aumentar a eficácia e o sucesso do tratamento da pitiose em extremidades distais dos membros, quando não há comprometimento de estruturas como tendões, articulações e tecidos ósseos.

Palavras-chave: Pitiose; equinos; tratamento

212. RAMO DE ARAUCÁRIA ANGUSTIFÓLIA EM BRÔNQUIOS EQUINOS – RELATO DE CASOS

FERNANDA MENDES BARUSSI*1; FERNANDA ZETTEL BASTOS1; LUANE CAMARGO ZENI1; JULIANE SCHARLAU XAVIER1; PEDRO VICENTE MICHELOTTO JR.1

1.PUC-PR, CURITIBA, PR, BRASIL.

e-mail:mendes.fernanda@gmail.com

Resumo:

Cavalos têm o hábito de pastejo, tornando-os suscetíveis a aspiração de corpos estranhos que estão no chão. Durante o período de 1997 a 2017, na região de Curitiba - Paraná- Brasil, quatro cavalos de diferentes raças e idades, sendo 3 machos e uma fêmea, foram atendidos com histórico de tosse alta e intermitente. A tosse era úmida e presente em períodos que variavam de dias a meses, com intensificação durante o exercício. Os animais apresentavam secreção mucopurulenta em ambas as narinas, com odor fétido, sem febre. Com a persistência dos sinais clínicos os animais foram encaminhados para exame broncoscópico (Olympus, 170 cm de comprimento e 12 mm de diâmetro), sob sedação com cloridrato de detomidina IV 0,005mg/kg (Eqdomin, Ouro Fino – Cravinhos, Brasil)e instilação local de solução de lidocaína (Lidovet, Bravet – Rio de Janeiro) diluido a 0,4% em solução salina estéril, realizada com o auxílio de uma sonda flexível inserida pelo canal de trabalho do endoscópio. Após a avaliação verificou-se a presença de um ramo de pinheiro da espécie Araucária angustifolia, nativa da região sul do Brasil, clima subtropical. O ramo tem folhas com hastes lancetadas que se assemelham a escamas de peixe, todas no mesmo sentido. As folhas se fixam nas paredes das vias aéreas, dificultando a saída espontânea ou a retirada mecânica das mesmas. A retirada total do ramo foi possível durante o procedimento broncoscópico com polipectomia pelo canal da biópsia em apenas um dos casos. Em dois casos houve uma remoção parcial, com um dos animais mantidos sob acompanhamento para nova tentativa de extração. Um caso apresentava ramos aderidos a uma mucosa inchada e não pôde ser extraído, sendo o animal mantido em monitoramento constante e antibioticoterapia quando necessário. É importante monitorar equinos em pastejo nas regiões onde há população de Araucária angustifolia, uma vez que a presença de seus ramos caídos pode representar risco aos animais, já que é de difícil remoção.

Palavras-chave: Corpo estranho traqueal; broncoscopia em equino; tosse produtiva

213. RELATO DE CASO: CONJUNTIVITE, BLACK FLY E ONCOCERCOSE EM EQUINOS

HELIO CORDEIRO MANSO FILHO*1; HELENA EMÍLIA CAVALCANTI DA COSTA CORDEIRO MANSO1; JULIETTE GONSALVES DA SILVA1; CAROLINA JONES FERREIRA LIMA SILVA1; MONICA MIRANDA HUNKA1; LUZILENE ARAUJO SOUZA1; FABIANA OLIVEIRA COSTA1; MARCELO VIANA FRAGOSO MEDEIROS2; JOSÉ MÁRIO GIRÃO ABREU3

1.UFRPE, RECIFE, PE, BRASIL; 2.IBGM, RECIFE, PE, BRASIL; 3.UECE, FORTALEZA, CE, BRASIL.

e-mail:equivet@gmail.com

Resumo:

Dentre as enfermidades parasitárias oculares nos equídeos a mais frequente é a habronemose, mas recentemente, em Pernambuco, tem aparecido alguns animais com conjuntivite purulenta associada a presença moscas conhecidas como “black flies". Estes dipteros causam sérios problemas clínicos veiculando microfilárias do gênero Onchocerca spp. e assim promovendo dermatites e conjuntivites, inclusive é um greve problema em algumas regiões do Mundo por causarem cegueira permanente e sendo a segunda causa de cegueira em humanos após a causada pelos tracoma. Esse trabalho relata um caso de conjuntivite purulenta causada por oncocercose em equino transmitida por “black flies". Uma égua com cria ao pé, 8 anos, escore corporal 4/9 de massa corporal, 405Kg PV apareceu enferma cerca de 6 dias após um grande evento equestre no haras de origem, com a presença de cerca de 200 animais oriundos de diversas regiões de Pernambuco, Paraíba e Alagoas. No animal em questão, observou-se grave conjuntivite bilateral com secreção purulenta, edema das pálpebras, intenso lacrimejamento e fotofobia, mas se alimentado normalmente e sem febre. Na localidade ocorreu grande proliferação de moscas do estábulo (Stomoxys spp.) após o evento equestre. Foi medicada com ivermectina oral (200mic/kg, dose única), dexametazona (solução 2mg/mL - 8mL IM, SID, 5x) e os olhos foram lavados com água fria 5x ao dia. Estabeleceu-se um programa de

combate as moscas com controle das larvas na esterqueira e iscas com cola nas instalações sendo identificadas pequenas moscas negras da familia Simuliidae. Após 4 dias, os sinais regrediram com remissão da conjuntivite e do edema palpebral, sem deixar maiores sequelas. No haras haviam 15 animais, além da égua, e apenas um outro apareceu com os sinais semelhantes, sendo tratado de forma similar, recuperando-se rapidamente e sem sequelas. O diagnóstico foi presuntivo, pois foram encontradas moscas capazes de levar as microfilárias aos olhos e lesões oculares características delas, além do mais o tratamento foi eficaz e a as condições epidemiológicas no haras em questão. A ocorrência desse tipo de enfermidade ocular não é comum em nossa região, e o intenso trânsito de animais e a presença dos insetos podem favorecer sua disseminação ocorrência. Concluí-se que as características clínicas da afecção associadas com a presença de "black flies" sugerem um diagnóstico presuntivo de Oncocercose conjuntival e a resposta terapêutica propiciou uma rápida recuperação e evitou maiores lesões na córnea e anexos oculares.

Palavras-chave: Olhos; inflamação; parasitas

214. RELATO DE CASO DE NECRÓSE DE MEMBRO POR TROMBOSE SÉPTICA EM NEONATO COM ONFALITE

SOFIA CICOLO SILVA*1; YUMI DE BARCELOS HAYASAKA1; CAROLINA MARTIRE PELLEGRINI1; VIVIAN FRATTI PENNA RISPOLI1; LUCIANA NEVES TORRES1; JULIO DAVID SPAGNOLO1; CARLA BARGI BELLI1; ANDRE LUIZ DO VALLE DE ZOPPA1

1.FMVZ USP, SAO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:sofiacicolo@gmail.com

Resumo:

Infecções em neonatos equinos levam à sepse e podem ser causadas por bactérias do ambiente como E.coli. Essa bactéria gram negativa é umas das principais responsáveis pela placentite em éguas, podendo levar a um subdesenvolvimento do potro com alterações de tamanho, maturidade e conformação. Ao nascimento esse neonato é fraco apresenta dificuldade para mamar o colostro no período adequado. As onfalites seguidas por sepse também contribuem para a mortalidade perinatal em diversas espécies sendo os microrganismos mais comumente envolvidos nos equinos são E.coli e S.zooepidemicus. O quadro de trombose em potros neonatos está associado à sepse por gram negativos. A toxemia e a perda entérica de antitrombina III resulta em um quadro de hipercoagulabilidade. Além disso, potros neonatos apresentam uma concentração menor de fibrinogênio e antígeno de proteína C, antitrombina III, plasminogênio, antiplasmina alfa 2 e ativadores de plasminogênio tecidual no primeiro mês pós parto o que também contribui para a formação de trombos arteriais. Trombocitopenia leva a aderência das plaquetas no colágeno sub-endotelial exposto, induzindo a ativação por contato do sistema intrínseco de coagulação. Choque hipovolêmico, hipóxia e acidose metabólica alteram a viscosidade e as características reológicas do sangue, aumentando o risco de trombose. A hipóxia e a desidratação causam hipoperfusão, lesão do endotélio, edema e consequentemente necrose da porção distal do membro. Relatamos um caso de um equino de 4 dias, American Trotter, fêmea, encaminhada para o HOVET-USP. O parto foi de madrugada e não foi assistido. No dia seguinte o animal foi encontrado com dificuldade para levantar e mamar, micção e defecação normais, sem histórico sobre a ingestão de colostro. Foi tratado na propriedade com dipirona e penicilina por dois dias. No terceiro dia estava apático, mas mamava com auxílio. No quarto dia apresentou gotejamento de urina pelo úraco e leucocitose. Foi então encaminhada para o hospital, onde apresentou neutrófilos tóxicos, porém sem leucocitose, proteína total 4,25mg/dL, 1,91mg/dL de albumina e azotemia. O animal foi submetido a cirurgia para correcão da persistência do úraco, sendo tratado com maxicam(0,6mg/kg), ceftiofur(10mg/Kg), amicacina(30mg/kg) e morfina(0,1mg/Kg). Após o procedimento apresentou dificuldade para se manter em estação, sendo notada uma linha com sangue na coroa do casco do membro pélvico esquerdo, que apresentava extremidade fria, arroxeada, sem fluxo sanguíneo ao ultrassom. No dia seguinte o casco desprendeu e as lâminas dérmicas estavam roxas, compatíveis com necrose asséptica. Devido ao prognóstico mau foi realizada a eutanásia. Na necrópsia

e histopatológico identificou-se trombos bacterianos em coronárias e artéria metatársica dorsal do membro pélvico esquerdo (trombose séptica) além de pielonefrite neutrofílica aguda. Material pós morte foi enviado para cultura e houve crescimento de Klebesiella pneumoniae no rim, E.coli e Proteus. vulgares em líquido articular de interfalageanas cresceu e E.coli em boleto. A dificuldade para mamar ao nascimento leva à falha na transferência da imunidade passiva, o que deve ter contribuído para a aquisição do processo infeccioso deste caso. Não foi possível definir a porta de entrada do agente infeccioso, se via placentite (embora a placenta não tenha sido avaliada), via onfalite ou outra. As bactérias identificadas no caso são comuns às duas possibilidades. A sepse levou a alterações no sistema de coagulação, consequentemente à formação de trombos arteriais e necrose de extremidade. Embora a ocorrência de infecções associadas à falha de transferência passiva de imunidade seja comum, a ocorrência de trombose arterial com necrose de extremidades não o é, fazendo com que este relato sirva de advertência para essa possível complicação que, mesmo identificada precocemente, apresenta mau prognóstico.

Palavras-chave: Equino; sepse; potro

215. RESOLUÇÃO DE COMPACTAÇÃO DE ÍLEO COM CIRURGIA PELO FLANCO A CAMPO – RELATO DE CASO

GUSTAVO MORANDINI REGINATO*1; JULIA DE ASSIS ARANTES2; CAMILA REINHARDT CINTRA2; MURILLO ORMIERES3; ALAN RENÊ DO CARMO3; ISABELLA ANDREETA3; RENATA GEBARA SAMPAIO DÓRIA2

1.FZEA- USP, PATROCINIO PAULISTA, SP, BRASIL; 2.FZEA-USP, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL; 3.ANHANGUERA, LEME, SP, BRASIL.

e-mail:gmorandinivet@gmail.com

Resumo:

A compactação de íleo pode ser observada como uma das formas de apresentação de abdômen agudo nos equinos. O tratamento clínico muitas vezes não é possível ou não é indicado devido aos sinais clínicos e ao risco de agravamento do caso. Foi atendido um equino, macho, sem raça definida, de 17 anos de idade, com queixa de apresentar sinais de cólica há 4 dias. Pelo exame clínico identificou-se, apatia, taquicardia (68 bpm), tempo de preenchimento capilar de 4 segundos, mucosa oral congesta e com halo toxêmico, hipomotilidade intestinal e presença de escaras. Inicialmente, à palpação transretal não foram identificadas alterações. O tratamento iniciou-se com a sondagem nasogástrica para lavagem do estômago e ainda se realizou a reposição hídrica parenteral com 20L de ringer lactato. A hidratação enteral foi instituída, porém sem sucesso. Após isso, foi realizada novamente a palpação transretal, na qual pôde-se palpar intestino delgado distendido por toda a cavidade. Nesse momento foi passado para o proprietário a necessidade de encaminhamento para um hospital veterinário, porém não foi autorizado devido a limitação financeira. Com isso, iniciou-se infusão de lidocaína devido ao aumento do quadro de dor, administração de metoclopramida (0,04mg/kg/h), e sorbitol, porém, sem melhora do quadro clínico. O animal começou a apresentar refluxo de até 8L por hora. Foi realizada a palpação transretal novamente, na qual pôde-se observar distensão de delgado e uma área com compactação firme no segmento. Considerando as condições expostas, optou-se por realizar uma laparotomia pelo flanco na propriedade. Antes do início do procedimento foi realizada a administração de 4,4mg/kg de ceftiofur e 1,1mg/kg de flunixin meglumine. Foi realizada a sedação com 0,5mg/kg de xilazina e infusão contínua 2mg/kg/h do mesmo fármaco, e localmente foi realizado bloqueio em "L" invertido com lidocaína sem vaso constritor. A incisão foi realizada pelo flanco direito possibilitando o acesso ao intestino delgado, o qual foi todo inspecionado até se encontrar o local da compactação. Neste local foi administrado 2 litros de ringer lactato intraluminal a fim de permitir a dissolução da massa com maior facilidade. Após isso, todo o conteúdo do delgado foi ordenhado no sentido do ceco. A musculatura foi suturada com poligalactina n2, padrão Sultan e a pele com nylon 1 padrão simples separado. A evolução do animal foi satisfatória, sendo controlada por exames físicos diários e hemograma a cada 3 dias. A antibioticoterapia foi mantida por 8 dias, quando a contagem de leucócitos já estava normalizando e não havia sinais de peritonite. Apesar de ter sido relatado que o animal ficava em piquete com forrageira de boa qualidade, foram observadas alterações odontológicas, que, provavelmente, foram a principal causa predisponente para desenvolvimento do quadro. A laparotomia de equinos deve ser realizada

preferencialmente em centros cirúrgicos preparados para o procedimento, porém em casos de impossibilidade, o procedimento pelo flanco, a campo, pode ter resultados satisfatórios, permitindo o sucesso no tratamento.

Palavras-chave: Refluxo enterogástrico; obstrução simples; odontologia

216. RESSECÇÃO DE SARCÓIDE PEDUNCULAR EM MEMBRO POSTERIOR DE EQUINO: RELATO DE CASO

BARBARA SOARES CALIXTO OLIVEIRA*1; CARLA CIBELLE DA SILVA1; JOSÉ ADRIANO DE LIMA CORREIA1; MARCELO LAURENTINO DOS SANTOS JÚNIOR1; WALTER HENRIQUE CRUZ PEQUENO1; RUY BRAYNER DE OLIVEIRA FILHO1; IGOR MARIZ DANTAS1; RUBIA AVLADE GUEDES SAMPAIO1; ISABELLA DE OLIVEIRA BARROS1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, AREIA, PB, BRASIL.

e-mail:barbarac.oliveira@yahoo.com.br

Resumo:

Sarcoide é uma neoplasia cutânea muito importante em equinos e caracteriza-se por ser benigna sendo localmente agressivo e infiltrativo. Clinicamente, apresenta vários tipos e subtipos, sendo descritos como verrucoso, oculto, nodular, fibroblástico, maligno e misto. Objetiva-se relatar um caso de sarcóide peduncular em equino. Uma égua, 3 anos de idade, 206 kg, SRD foi atendida no Hospital Veterinário da Universidade Federal da Paraíba com queixa de aumento de volume no membro posterior direito. O animal sofreu um corte lacerante com arame farpado em junho de 2017. Após o acontecimento, ocorreu aumento de volume que continuou progredindo, o animal foi encaminhado ao Hospital em dezembro. Ao exame físico, o animal demonstrava-se alerta, hidratado, as mucosas rosadas, TPC 2 segundos e temperatura retal 37.3 ºC. Durante o exame físico observou-se ainda que a paciente apresentava aumento de volume peduncular no membro posterior direito, com secreção purulenta além de odor fétido. A égua tinha lesão lacerante e contaminada iniciando na região dorso lateral e terminando na região plantar do membro posterior direito. Não possuindo apoio do membro, apoiando o mesmo com a pinça possuindo claudicação grau IV. O animal foi conduzido para exame radiográfico, onde foi verificado tecido de proliferação exuberante, com áreas mineralizadas e radioluscentes medindo 8cm x 7cm, lateromedial aos ossos do metacarpo e falange proximal direita. Além de proliferação óssea, reação de periósteo irregular, não afetando região medular e área radioluscente longitudinal em diáfise proximal de terceiro metatarso. Foi encontrado aumento de volume de tecidos moles em toda extensão afetada, com áreas radioluscentes (gás) adjacentes a esta região. A égua foi encaminhada para tratamento cirúrgico com medicação pré-anestésica acepromazina (0,05 mg/kg, intravenosa) e detomidina (0,02 mg/kg, intravenosa). No procedimento cirúrgico foi realizado tricotomia, antissepsia realizada uma exérese de tecido exuberante e encaminhado para exame histopatológico. Após o procedimento cirúrgico instituiu-se como tratamento limpeza da ferida cirúrgica, ducha fria de 15 minuto, fenilbutazona (4,4 mg/kg, intravenosa), antibiótico injetável (Penicilina benzatina 40.000 UI, intramuscular) e laserterapia. O animal está em tratamento com sessões diárias de laserterapia de baixa intensidade, no qual vem demonstrando resultado positivo na cicatrização do membro afetado. No resultado do exame histopatológico, a lesão apresentava marcada hiperceratose e acantose, com projeções finas extendendo-se na derme, na qual é composta por grande quantidade de fibroblastos dispostos em meio a grande quantidade de colágeno. As células estão dispostas em feixes ou sem direção. Os núcleos dos fibroblastos são redondos e apresentam nucléolo evidente. O sarcóide apesar de não promover metástase exibe uma manifestação clínica variando do crescimento infiltrativo e agressivo até a regressão espontânea. Portanto, um diagnóstico preciso, com auxílio dos exames complementares, e terapêutica adequada ao caso são fundamentais para devolver ao animal sua saúde a fim de evitar complicações decorrentes e recidiva da neoplasia.

Palavras-chave: Neoplasia; tumor; exérese

217. RESULTADOS POSITIVOS DO USO DO TRATAMENTO CONSERVATIVO EM TRÊS EQUINOS COM RUPTURA TRAUMÁTICA DO TENDÃO EXTENSOR DIGITAL

MARINA RAGAGNIN DE LIMA*1; CARMEN ZILDA TOLEDO1; EDMILSON RODRIGO DANEZE1; RICARDO SILVA MAIA2; JOAQUIM MANSANO GARCIA1; MARIANA LEMOS NAGIB JORGE3

1.FCAV-UNESP, JABOTICABAL, SP, BRASIL; 2.MEDICO VETERINÁRIO AUTÔNOMO, ORLÂNDIA, SP, BRASIL; 3.FMVZ-UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:marina@bioklone.com.br

Resumo:

Os cortes em cercas estão entre as causas mais comuns de avulsão de tecidos e lacerações traumáticas de tendões dos membros em equinos. O tratamento, seja clínico ou cirúrgico, tem por objetivo a preservação da integridade morfológica e da função de movimento. Complicações durante o tratamento incluem contaminação das feridas, celulites e tecido de granulação exuberante. O prognóstico da ruptura do tendão extensor é favorável, apresentando recuperação e retorno funcional em algumas semanas ou meses. No entanto, quando as lesões tendíneas são graves, alguns animais podem apresentar sequelas morfofuncionais definitivas ou evoluir para óbito. Assim, o presente tem como objetivo descrever os resultados positivos do uso do tratamento conservativo em três equinos com ruptura traumática do tendão extensor digital. Caso1: Égua Quarto de Milha, quatro anos de idade e 418 Kg, mantida em baia durante a noite e solta em piquete cercado por arame liso durante o dia. Ao ser solta, começou a correr, algum tempo depois o proprietário observou a paciente claudicando, ao se aproximar visualizou o ferimento. Ao exame físico foi constatada ferida na porção média do metatarso do membro pélvico esquerdo e ruptura total do tendão extensor digital longo. Caso 2: Potra Paint-horse, quatro meses de idade e 132 kg, mantida em piquete cercado por arame liso. Durante inspeção de rotina, funcionário observou paciente claudicando, ao se aproximar visualizou ferimento. Ao exame físico constatou-se lesão cutânea na porção média do metatarso e ruptura total do tendão extensor digital longo. Caso 3: Égua Mangalarga, seis anos e 370 kg, mantida em piquete cercado por tábuas de madeira. Foi encontrada com o membro torácico preso a uma viga de madeira. Durante exame físico foi constatada lesão extensa na porção média do carpo e ruptura total do tendão do músculo extensor digital comum e parte do tendão do músculo extensor digital lateral. Nos três casos observou-se claudicação evidente, com déficit proprioceptivo e incapacidade de extensão do casco; ademais, não foram identificados sinais de comprometimento ósseo. Optou-se pelo tratamento conservativo. Os animais foram sedados com cloridrato de detomidina (0,02 mg/kg, IV) e realizou-se a limpeza das feridas com iodopovidona degermante e posterior desbridamento das mesmas. Foi confecciona bandagem com gesso acrílico, com abertura de aproximadamente 5x8 cm na porção lesionada. A bandagem gessada permaneceu por 40 dias, sendo que os primeiros 15 dias os pacientes permaneceram apenas em baia com cama alta e depois foi recomendado acesso monitorado ao piquete. Após este período, os dois animais adultos receberam ferradura extensora, mantendo-se a bandagem, enquanto que a potra foi mantida somente com a bandagem de gesso. Foi prescrito administração de antibióticos (associação de benzilpenicilina procaína, potássica e benzatina e sulfato de estreptomicina, 20.000 UI/kg, IM profunda, a cada 72h, 5 aplicações), anti-inflamatório (fenilbutazona, 2,2 mg/kg, IV, a cada 12 horas, durante 5 dias), soro antitetânico (15000 UI, IM, dose única) e curativos diários (limpeza com gaze estéril e líquido de Dakin, seguida de instilação de rifamicina e proteção das feridas com gaze estéril e atadura). Ambos os pacientes apresentaram melhora gradativa do quadro e do aspecto das feridas. A potra permaneceu com a mãe até os oito meses de idade para evitar estresse e, após um ano do acidente, apresentava-se totalmente normal. Os dois pacientes adultos, após a retirada do gesso acrílico, permaneceram mais 40 dias recebendo curativos tópicos e bandagem (algodão tubular, atadura e bandagem elástica). Aproximadamente seis meses após o trauma, os animais adultos voltaram ao treinamento esportivo anterior. Assim sendo, podemos concluir que o tratamento conservativo aplicado nos três casos mostrou resultado positivo, pois não foram observadas sequelas morfofuncionais nos pacientes

Palavras-chave: Tendão; ruptura; arame liso

218. RUPTURA DA ARTÉRIA CARÓTIDA COMUM EM EQUINO SEGUIDA DE ARTERIORRAFIA – RELATO DE CASO

LIOMARA ANDRESSA DO AMARAL KWIRANT*1; THAIANY FABIELI RAVANELLO1; DIEGO LUNELLI1; MAURICIO CIVIEIRO1; KAMILA RISSIOLI1; THIAGO CÉSAR KAVILHUKA1; EDUARDO MARQUEZZE MOTT1; LEONARDO KRUPPA1; FABIANO LINS DE CAMPOS1; RAFAEL GUSTAVO CAGOL1

1.FACULDADE INTEGRADAS DO VALE DO IGUAÇU - UNIGUAÇU, UNIÃO DA VITÓRIA, PR, BRASIL.

e-mail:thayfravanello@hotmail.com

Resumo:

Artérias são grandes estruturas de formato tubular que conduzem o fluxo sanguíneo para fora do coração. Suas paredes tendem a ser espessas e elásticas, fatores que estão diretamente ligados a manutenção da pressão arterial. A artéria carótida comum é uma das estruturas que compõem a circulação sistêmica e tem como função suprir o fluxo sanguíneo da cabeça e a parte cranial do pescoço. A artéria carótida comum direita passa obliquamente da superfície ventral da traqueia para seu lado direito e continua nesta posição, mas inclina-se no sentido da superfície dorsal da traqueia próximo a sua terminação. O presente trabalho tem como objetivo relatar um caso de ruptura parcial da artéria carótida comum em um equino, ocasionada pela drenagem errônea de um abcesso. Foi atendido no Departamento Veterinário das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu - UNIGUAÇU, no município de União da Vitória (PR), um equino macho, inteiro, quarto de milha, com três anos de idade e 413 kg, que apresentava sangramento na região do pescoço, próximo à goteira da veia jugular externa direita quando se alimentava. O proprietário relatou que duas semanas antes havia drenado um abcesso que surgiu após administração de fenilbutazona. Logo após a drenagem, houve intenso sangramento e o proprietário solicitou a presença de um médico veterinário, que suturou a lesão e administrou vitamina K, penicilina e soro antitetânico No entanto, o equino continuou a apresentar aumento de volume e sangramento na região da sutura sempre que se alimentava e foi então encaminhado ao departamento veterinário. Ao chegar o animal apresentava frequência cardíaca de 44bpm, frequência respiratória de 24 mpm, temperatura retal de 38º C, tempo de preenchimento capilar de 2 segundos e mucosas normocoradas. Durante a observação do ferimento suspeitou-se que se tratava de sangue arterial, devido à coloração sanguínea e pressão de extravasamento do sangue. Foi realizado exame ultrassonográfico da lesão, onde se observou a presença de um grande coágulo e fluxo sanguíneo da veia jugular aparentemente normal. O hemograma revelou a presença de hipocromia como única alteração. Durante a realização dos exames, o animal realizou movimento brusco de cabeça e apresentou intenso sangramento de coloração vermelho clara e com grande pressão, levando a um quadro de hipotensão. Com a suspeita de uma lesão arterial, o equino foi rapidamente encaminhado para a cirurgia. Foi realizada medicação pré anestésica (xilazina 0,5mg/kg), indução anestésica (cetamina 2,2mg/kg + diazepam 0,1mg/kg) e a manutenção anestésica foi em infusão contínua de éter gliceril guaiacol (100mg/kg), cetamina (2,2mg/kg), diazepam (0,1mg/kg), lidocaína sem vasoconstritor (2mg/kg) e morfina (0,1mg/kg). Realizou-se tricotomia da região, seguida de assepsia com iodopovidona, álcool iodado e álcool 70%. Após incisão da pele, tecido subcutâneo e musculatura, visualizou-se uma laceração na artéria carótida comum direita de aproximadamente três centímetros. A lesão foi reparada através de arteriorrafia com sutura de sultan e fio vicryl 0, que ocorreu sem complicações. O pós operatório foi realizado com anitibiótico terapia sistêmica (benzilpenicilina G benzatina e procaína 40000 UI/kg SID; metronidazol 25mg/kg BID; gentamicina 6,6mg/kg BID; ceftiofur 2mg/kg SID) e anti-inflamatório não esteroidal (flunixin meglumine 1,1mg/kg BID). Três dias após a intervenção cirúrgica houve deiscência da sutura da pele e tecido subcutâneo e a cicatrização da ferida ocorreu por segunda intenção, através de curativos diários com iodopovidona e pau- de-Andrade (Persea Pyrifolia) associados à pomada antimicrobiana à base de digluconato de clorexidina e açúcar cristal. Nenhum sangramento foi observado após a intervenção cirúrgica e o paciente recebeu alta após 20 dias de internamento, com a completa cicatrização da lesão. Conclui-se com o presente relato que a intervenção cirúrgica foi determinante para a sobrevida do animal.

Palavras-chave: Carótida; ruptura; arteriorrafia

219. RUPTURA DE CÁPSULA ARTICULAR TIBIOTÁRSICA EM EQUINO

ANDRE MASSAHIRO TERAMOTO KRIECK*1; GUSTAVO DOS SANTOS ROSA1; JAQUELINE BRANDÃO DE SOUZA1; JOÃO PEDRO HÜBBE PFEIFER1; MARIANA CORREA ROSSI1; BETSABÉIA HELOÍSA GENTILHA MILANI1; EMANUEL VITOR APOLONIO1; HEITOR CESTARI1; CARLOS ALBERTO HUSSNI1; MARCOS JUN WATANABE1; ANA LIZ GARCIA ALVES1

1.UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:andre_massahiro@hotmail.com

Resumo:

Lesões intra-articulares de tecidos moles da articulação tibiotársica em equinos foram pouco descritas, sendo a ruptura de cápsula articular a menos comum. A sua etiologia ainda não está bem definida, porém acredita-se que seja decorrente de um movimento articular anormal. Portanto, este estudo teve como objetivo descrever o caso clínico de um equino macho castrado, de 422kg, 4 anos, da raça quarto de milha da modalidade de tambor que foi encaminhado para o serviço de Clínica Cirúrgica de Grandes Animais da FMVZ UNESP Botucatu com histórico claudicação aguda durante treinamento há quatro meses, seguido de aumento de volume da articulação tibiotársica direita. No momento da admissão apresentou exame físico com parametros na faixa fisiológica, claudicação grau 4 no membro pélvico direito e aumento de volume e temperatura local do tarso. Foi realizado hemograma, análise do líquido sinovial, exame radiográfico e ultrassonográfico. O hemograma revelou discreta anemia (5.41 x 106 hemácias/µL) e neutrofilia (10 x 103/µL), com leucócitos totais dentro dos valores de referência (12,4 x 103/µL). A análise do líquido sinovial apresentou aspecto turvo, coloração amarelada, proteínas <2,0 g/dL, 11.600 hemácias/uL, 600 células nucleadas/uL, com predomínio de neutrófilos segmentados (37%), seguido de células mononucleares (34%), linfócitos (19%) e macrófagos (10%). Foi enviada ainda amostra de líquido sinovial e membrana sinovial para cultivo e antibiograma, porém obteve-se resultado negativo. O exame radiográfico apresentou irregularidade óssea, áreas de lise e diminuição dos espaços articulares nas articulações intertársica proximal, distal e tarsometatársica, com aumento da radiopacidade de tecidos moles em região dorsal do talus. O exame ultrassográfico foi realizado com probe linear de 12 MHz apresentando, nas imagens transversal e longitudinal do recesso medial da articulação tibiotársica, espessamento subcutâneo, distenção articular com perda da continuidade da cápsula articular e presença de estrutura hiperecóica que se projetava da cápsula articular. Com isso, optou-se pelo tratamento cirúrgico através de videoartroscopia. O exame artroscópico identificou vilosidades sinoviais hiperêmicas e hemorrágias organizadas em tecidos moles adjacentes à ruptura. A ruptura capsular apresentava extrusão de tecido no lúmen da articulação, acompanhada de estiramento da cápsula articular, resultando em expansão da articulação fora de seus limites normais. O tratamento cirúrgico foi centrado na remoção do tecido lacerado, a fim de reduzir a irritação sinovial e facilitar a cicatrização por segunda intenção. Durante a remoção cirúrgica, foram colhidas amostras do tecido rompido e enviadas para exame histopatológico já que em alguns casos de duração superior a um mês, podem ser observadas massas granulomatosas ligadas aos tecidos rompidos e às vilosidades sinoviais e a sinóvia frequentemente coradas com hemossiderina. O exame histopatológico confirmou a suspeita diagnóstica de ruptura de cápsula articular, evidenciando tecido fibrocartilaginoso com membrana sinovial apresentando focos de hemossiderina e discretos focos de calcificação. Há também áreas na cartilagem hialina com alterações degenerativas. Com isso, foi administrado fenilbutazona 4,4mg/kg via intravenosa uma vez ao dia por cinco dias, seguido de meloxicam 2mg/kg via oral por 5 dias, obtendo melhora significativa da claudicação. Até o presente momento o equino ainda encontra-se em período de reabilitação, apresentando evolução favorável. Portanto, o presente estudo demonstrou que em equinos com sinais clínicos de inflamação localizada na articulação tibiotársica sem alterações radiográficas condizentes, deve-se considerar laceração de cápsula articular na lista de diagnósticos diferenciais. Além disso, é importante ressaltar a importância da avaliação ultrassonográfica e artroscópica para diagnóstico preciso, e consequentemente, tratamento adequado.

Palavras-chave: Artroscopia; claudicação; ultrassonografia

220. RUPTURA DE TENDÃO PRÉ-PÚBICO EM DUAS ÉGUAS GESTANTES

MARINA RAGAGNIN DE LIMA*1; CARMEN ZILDA TOLEDO1; EDMILSON RODRIGO DANEZE1; RICARDO SILVA MAIA2; JOAQUIM MANSANO GARCIA1; MARIANA LEMOS NAGIB JORGE3

1.FCAV-UNESP, JABOTICABAL, SP, BRASIL; 2.MEDICO VETERINÁRIO AUTÔNOMO, ORLÂNDIA, SP, BRASIL; 3.FMVZ-UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:marina@bioklone.com.br

Resumo:

O tendão pré-púbico é essencial na sustentação de peso dos órgãos abdominais, sendo por ele que os músculos abdominais se inserem no esqueleto pélvico. Este tendão é composto por tendões originários dos músculos pectíneos, do tendão pélvico e dos tendões originários da porção cranial dos músculos gráceis. Os principais fatores que predispõem a ruptura do tendão pré-púbico em equinos são as gestações gemelares ou prolongadas, hidropisia das membranas fetais, gigantismo ou má formações fetais, obesidade e senilidade materna. Na maioria dos casos há assimetria bilateral ventral e aparecimento gradativo de edema no assoalho abdominal que se estende do úbere até a região xifóide. Com a ruptura do tendão, as vísceras e o útero gravídico se movem ventralmente e ficam sustentados apenas pela pele e músculos cutâneos. Em decorrência do alargamento repentino da região abdominal ventral e colapso dos flancos, os sinais clínicos usualmente são dor abdominal intensa, cólicas, sudorese, taquipneia, pulso acelerado, debilidade e tendência ao colapso devido ao choque. O presente estudo tem por objetivo relatar dois casos de ruptura do tendão pré-púbico em éguas gestantes. Caso 1: Égua meio sangue Quarto de Milha com Mangalarga, com nove anos de idade e pesando 412 kg, gestante de 10 meses. Durante o exame clínico observou-se distensão assimétrica abdominal ventral, dor intensa, dificuldade na micção e locomoção, taquicardia, taquipneia e sudorese. Evoluiu a óbito após eventração total e torção de alças intestinais. Na necrópsia foi observada ruptura do tendão pré-púbico, esgarçamento da musculatura abdominal adjacente à linha branca e eventração de segmentos do intestino delgado, cólon e ceco, e do baço. Caso 2: Égua Mangalarga, com quatro anos de idade e pesando 386 kg, gestação de 4 meses. Durante o exame clínico observou-se distensão assimétrica abdominal ventral, dor intensa, dificuldade na micção e locomoção, taquicardia, taquipneia e sudorese. Evoluiu a óbito após eventração total com ruptura da parede abdominal. Na necrópsia foi observada ruptura do tendão pré-púbico, esgarçamento da musculatura abdominal adjacente à linha branca e eventração de segmentos do intestino delgado, cólon e ceco, e do baço. Usualmente a ruptura do tendão pré-púbico está relacionada a anormalidades gestacionais ou complicações relativas ao terço final da gestação. No entanto, nestes dois casos não haviam quaisquer anomalias gestacionais ou fetais, as éguas não estavam obesas e somente uma delas no terço final de gestação. Assim sendo, concluímos que não são todos os casos de ruptura de tendão pré-púbico que estão relacionados com transtornos gestacionais, sobrepeso materno ou ocorrência exclusivamente no terço final da gestação. Ademais, ressalta-se a importância do acompanhamento obstétrico das éguas ao longo de todo período gestacional.

Palavras-chave: Tendão pré-púbico; ruptura; gestação

221. SARCOMA SUBCUTÂNEO EM EQUINO – RELATO DE CASO

KAREN VERGANI*1; FLÁVIO GOMES DE OLIVEIRA1

1.FACULDADE MURIALDO, CAXIAS DO SUL, RS, BRASIL.

e-mail:kaahvergani@gmail.com

Resumo:

Os sarcomas são neoplasias que compreendem os tumores de origem mesenquimal localizados na pele, tecido subcutâneo e vísceras. A grande capacidade de infiltração tecidual perineoplásica é a característica mais evidente desse grupo de tumores, que podem variar em seu grau de celularidade, diferenciação e com relação a produção de colágeno (JONES et al., 2000). O objetivo deste estudo é relatar a ocorrência de um sarcoma sobre o músculo masseter de um equino, acompanhado durante o desenvolvimento de um projeto de pesquisa. Durante o desenvolvimento do projeto de pesquisa e extensão de medicina esportiva equina, foi atendido um equino, macho, da raça crioula, com aproximadamente 10 anos de idade, mantido a campo sem suplementação. O animal apresentava na região mandibular, alteração do músculo masseter, com presença de uma massa nodular desenvolvida, porém inserida no tecido subcutâneo com características de crescimento acelerado. Após exame clínico, foi realizada a remoção cirúrgica do tumor. O plano cirúrgico foi organizado conforme a avaliação clínica do local, que possibilitou delimitar possíveis estruturas anatômicas envolvidas na alteração estrutural da região. O procedimento anestésico empregado foi constituído de Acepromazina 1% (1 ml/100kg) via intravenosa como tranquilizante e bloqueio regional do nervo facial, ramo ventral e dorsal com Lidocaína 2% com vasodilatador (7 mg/kg) via intramuscular. A cirurgia foi realizada através da técnica de ressecção de margem ampla (biópsia excisional). Logo após a excisão cirúrgica do tumor, foi realizado debridação profunda da região, até aparecimento de tecido local hígido, sendo empregado cauterização com termocautério para promover a hemostasia. Devido a estrutura do tumor e a quantidade de tecido retirado, não houve condições para realizar a dermorrafia, optando pela cicatrização com ferida aberta em segunda intenção. As recomendações terapêuticas foram limpeza diária com solução fisiológica e água oxigenada e o uso de produto tópico a base de sulfadiazina de prata, sulfato de neomicina e alumínio micronizado, visando o auxílio da cicatrização. O material retirado foi encaminhado ao Laboratório de Patologia Clínica Veterinária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e solicitado análise histopatológica, no qual confirmou que o tecido extirpado possuía características de sarcoma pouco invasivo. Dessa forma, este tumor pode ser bem delimitado ou infiltrativo, firme com coloração esbranquiçada ao corte. Histologicamente, as características observadas foram células neoplásicas fusiformes, dispostas em feixes e com quantidades variáveis de matriz extracelular colagênica (SANTOS et al.,2010) e, sua capacidade invasiva está associada com a motilidade aumentada da célula tumoral, maior produção de proteases e às características alteradas de adesão celular da célula tumoral (MCGAVIN et., 2009). Em meio a massa tumoral do neoplasma descrito, havia extensas áreas de necrose e deposição de fibrina. Os tumores benignos são geralmente expansíveis e podem comprimir os tecidos adjacentes, enquanto os tumores malignos têm capacidade invasiva e, muitas vezes a capacidade de gerar metástases (MCGAVIN et., 2009). Logo, a opção de remover a massa disforme na região, foi o mais pertinente no sentido de possibilitar uma qualidade de vida melhor ao equino, visando uma recuperação anatômica da região afetada e prevenir o surgimento de possíveis metástases. Com base na literatura o resultado foi surpreendente, pois após, 120 dias do procedimento cirúrgico, a região apresentava cicatrização total com pequena cicatriz. Diante do resultado obtido pode concluir que o sarcoma independentemente da extensão do nódulo, é passível de procedimento cirúrgico, permitindo ao paciente a recuperação do local afetado e de sua condição de bem estar diário.

Palavras-chave: Sarcoma; neoplasia; equino

222. SOBREVIVÊNCIA DE GÊMEOS – MISSÃO QUASE IMPOSSÍVEL? - RELATO DE PARTO GEMELAR EM ÉGUA BRASILEIRO DE HIPISMO DA CIDADE DE NITERÓI – RJ

ANA PAULA ALVES BASSI*1; ANA LUISA PINHEIRO PIMENTA2; JOÃO DE FRAIPONT CASTAÑON1; DOMETHILA MARIANO DE SOUZA AGUIAR DOS SANTOS1; JULIANA JEUNON SENNA1; STEPHANIA DE MIRANDA SILVA1; DANIEL AUGUSTO BARROSO LESSA1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, NITERÓI, RJ, BRASIL; 2.HÍPICA FLUMINENSE, NITERÓI, RJ, BRASIL.

e-mail:anapaulabassi@id.uff.br

Resumo:

A gestação gemelar em equinos é um evento raro. Não constitui prenhez desejada, uma vez que a ocorrência de complicações maternas e fetais é comum, pois a placenta equina possui disponibilidade de nutrição para apenas um feto. Esse tipo de gestação pode provocar grandes perdas econômicas, tendo em vista que o tratamento para esses animais é desafiador. Esse relato descreve quadro clínico, tratamento, evolução, bem como o desfecho clínico de gêmeos da raça Brasileiro de Hipismo (BH) nascidos na Hípica Fluminense, Niterói, RJ. No dia 1º de janeiro de 2018 ocorreu parto gemelar de potros de sexos diferentes em uma égua BH de 10 anos de idade, com histórico de gestação gemelar na estação reprodutiva anterior, no qual um dos fetos foi abortado e o outro veio a termo, tendo sobrevivido. Por ser o primeiro dia do ano, a assistência imediata aos animais foi difícil. Com aproximadamente 24 horas de vida, os potros apresentavam marcante diferença de tamanho e peso, sendo a fêmea mais desenvolvida. Os animais estavam em decúbito lateral, apáticos, desidratados e com sinais de cólica por retenção de mecônio e aspecto de dismaturidade, mais evidente no macho. O reflexo de sucção estava normal na fêmea, porém no macho estava reduzido. Em face do observado e da suspeita de falha de aquisição de imunidade passiva, foi realizada de imediato fluidoterapia com solução fisiológica 0,9% e glicose 50%, infusão de plasma materno, enema (Fleet® Enema), analgesia com flunixina meglumina (BANAMINE®), antibioticoterapia com Sulfato de Gentamicina, aleitamento com leite próprio da égua e suplementação com sucedâneo, quando necessário. O macho recebeu também alimentação via sonda nasogátrica. O tratamento foi mantido nos dias subsequentes e a fêmea evoluiu bem, encontrando-se saudável até o momento. Porém, no macho, os sinais de dismaturidade, as deformidades angulares e flexurais, assim como as alterações metabólicas graves (Creatinina sérica de 1,8 mg/dL) persistiram. O animal até apresentou melhora no terceiro dia, mas depois evoluiu desfavoravelmente com síndrome de mau ajustamento neonatal e óbito no quinto dia. Os gêmeos nascidos exibiam características de dismaturidade, porém o macho apresentava o que é descrito como síndrome de mau ajustamento neonatal, na qual ocorre uma série de características patológicas decorrentes da falta de desenvolvimento e/ou maturidade dos órgãos ao nascimento e, por esta razão, incapacidade de sobreviver no ambiente extra uterino. É sugerido que a síndrome constatada tenha relação direta com a presença da gestação gemelar, uma vez que nela não existem as condições fisiológicas para que os dois fetos se desenvolvam perfeitamente. Pelo porte e robustez de animais da raça BH, uma gestação desse tipo torna-se de maior gravidade. Na prática reprodutiva equina, manobras para eliminação precoce de um dos embriões em prenhezes gemelares são rotineiras, tendo em vista que o prognóstico quanto a vida para os produtos nascidos é desfavorável. Portanto, em situações como a aqui descrita, é aconselhável que o tratamento intensivo seja instituído rapidamente, tendo em vista o aumento das chances de sobrevivência dos animais.

Palavras-chave: Gestação gemelar; neonatologia; síndrome de mau ajustamento neonatal

223. SÍNCOPE DECORRENTE DE FRATURA COMPLETA BILATERAL DE ESCÁPULA EM ÉGUA

LUIZA FERREIRA DE ALMEIDA GOMES*1; ANTONIO CARLOS LOPES CÂMARA1; RITA DE CASSIA CAMPEBELL1; TERESA SOUZA ALVES1; ELISSA RIBEIRO1; ANTONIO RAPHAEL TEIXEIRA NETO1

1.UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA, DF, BRASIL.

e-mail:luizagomes.27@gmail.com

Resumo:

Fraturas de escápulas são achados pouco comuns, normalmente resultantes de traumas, sendo a fratura do tubérculo supraglenoidal mais frequentemente descrita. O diagnóstico deve ser baseado no histórico e sinais clínicos de claudicação e sudorese localizada, palpação, exames radiográfico e ultrassonográfico. Caso a fratura tenha ocorrido no tubérculo próximo ao úmero, os exames radiográficos nas projeções craniomedial-caudolateral oblíqua e cranioproximal-craniodistal oblíqua são indicadas. Nas áreas onde não é possível se obter projeções radiográficas, o uso da ultrassonografia pode ser de grande ajuda, com a visualização de estrutura óssea hiperecogênica desalinhada. Podem estar presentes, consequentes ao trauma, atrofia da musculatura supraespinhal e infraespinhal devido a lesão dos nervos supraescapular e subescapular. O prognóstico é dependente do local e configuração da fratura. Hemorragia decorrente da lesão de vasos pode levar a quadros de síncope, relacionados a diminuição do

débito cardíaco, com redução do transporte de oxigênio para o cérebro. Causas extracardíacas de síncope podem ser caracterizadas pela síncope neurocardiogênica, desencadeada por dor ou estresse. Objetiva-se relatar um caso de fratura completa bilateral de escápula, em uma égua de onze anos de idade, sem raça definida, de escore de condição corporal 4 (escala de 1 a 5), deu entrada no HVET-UNB sobre denúncia de maus tratos. O exame físico revelou desidratação, mucosas conjuntivais hiperêmicas e vasos episclerais ingurgitados, taquicardia (64 bpm), taquipneia (36 mrpm) e hipertermia (38,3ºC). A palpação das regiões escapulares revelou intensa crepitação no tecido subcutâneo e muscular, sendo a principal suspeita clínica fratura bilateral de escápula. O animal apresentava-se em decúbito lateral direito, sendo direcionado à baia e posicionada em estação, com o auxílio de talha, com dificuldade e dor evidente. Instituiu-se protocolo anti-inflamatório e analgésico a base de fenilbutazona (4,4 mg.kg-1, IV) e cetamina (0,5 mg.kg-1, IM) para posterior realização de exames detalhados. Entretanto, mesmo após a medicação, observou-se intensa sudorese, espasmos, tremores musculares acentuados e síncope, desenvolvendo quadro de choque, indo à óbito após 10 minutos, sendo submetido a necropsia. Durante a avaliação macroscópica foram encontradas áreas de hemorragia no subcutâneo e enfisema bilateral, que compreendia desde a região atlanto-occipital às últimas costelas, limitando-se da região mais dorsal das apófises transversais até ventral, incluindo base ventral de pescoço e esterno. Também foi observada ruptura da musculatura que dá origem à sinsarcose, com lesão completa dos grandes vasos responsáveis pela vascularização dos membros torácicos, presentes na região escapular e torácica. Ambas as escápulas apresentavam fratura completa transversal cominutiva ventral à borda dorsal, próxima ao início da espinha da escápula. No caso de fraturas completas envolvendo o corpo da escápula, o prognóstico depende da localização e extensão da fratura. O fato de se tratar de fratura cominutiva torna o prognóstico mais desfavorável devido a maior reação tecidual. A ruptura de grandes vasos, que resultou em diminuição do débito cardíaco, e o quadro de dor e estresse vivenciados pelo paciente contribuíram para os episódios de síncope.

Palavras-chave: Fratura; escápula; equino

224. SÍNDROME CÓLICA POR SABLOSE EM EQUINO – RELATO DE CASO

MARIANA COSENZA*1; FREDERICO FERNANDES ARAÚJO1; PEDRO VICTOR LUNA FREIRE OLIVEIRA1; GEIDSON CASSIANO CORREIA ALBERTI1; VICTOR DE LORENA NÉIA PRADO1; DANIELLE ARAÚJO BARBOSA1

1.UNIFIL, LONDRINA, PR, BRASIL.

e-mail:hospitalveterinario@unifil.br

Resumo:

A síndrome cólica em equinos pode ser desencadeada pelo acúmulo de areia no trato gastrointestinal e quando ocorre é denominada como sablose. Pode ser recorrente da ingestão de areia através de pastagens, água em rios ou de fenos com sujidades. Os sinais clínicos se apresentam por desconforto abdominal agudo, diarreia acentuada e sinais de endotoxemia. Quando a compactação se encontra no cólon ventral, o diagnóstico pela palpação retal se torna dificil, e o animal pode frequentemente desenvolver deslocamento ou torções de cólon maior. Foi atendido no Hospital Veterinário da Unifil um equino, fêmea, da raça crioula, com 7 anos de idade. Na anamnese o veterinário do animal, relatou que na semana anterior a égua apresentou quadros agudos de diarréia e que a mesmo havia iniciado um tratamento, com sulfadiazina (30mg/kg) sendo um total de três aplicações a cada 48 horas. No dia anterior do encaminhamento para o hospital veterinário, o equino apresentou sinais de desconforto abdominal agudo e o proprietário administrou pela via intravenosa flunexina meglumine na dose de 1,1mg/kg. Ao chegar ao hospital veterinário, na avaliação física o animal apresentava freqüência cardíaca 48 (32-44 bpm) batimentos por minuto, frequência respiratória 24 (16-24mpm), movimentos respiratório por minuto durante a auscultação da motilidade intestinal foi possível perceber que o paciente apresentava hipermotilidade em todos os quadrantes intestinais, havia conteúdo gasoso e o mesmo encontrava-se aparentemente distendido. Na palpação retal foi constatado presença de grande quantidade de areia nas fezes e optou-se por realizar o teste de sedimentação, que consistiu em colocar as fezes dentro de uma luva de palpação e adicionar água, após esperar a sedimentação

do conteúdo arenoso foi possível confirmar o diagnóstico de sablose. O tratamento foi instituído com fluidoterapia parenteral com ringer lactato associado a hidratação enteral administrando 4 litros de água a cada 2 horas via sonda nasogastrica, laxante osmótico lactulose na dose de 190 mg/kg por via oral, antitimpânico por via oral e probiótico 10g por via oral uma vez ao dia. O animal evoluiu clinicamente bem restabelecendo os padrões de motilidade e eliminando grande quantidade de areia nas fezes em 24 horas após inicio do tratamento. O tratamento instituído foi satisfatório uma vez que o animal evoluiu bem clinicamente, sem maiores complicações não havendo a necessidade de intervenções cirúrgica.

Palavras-chave: Sablose; colica; clinica

225. SÍNDROME DE SCHIFF-SHERINGTON EM MINI-PÔNEI

LUIZA DE SIQUEIRA ALMEIDA REIS*1; LETIANA DA SILVA REHBEIN1; TERESA SOUZA ALVES1; ANTONIO CARLOS LOPES CÂMARA1; MÁRCIO BOTELHO DE CASTRO1; MIZAEL MACHADO1; RITA DE CASSIA CAMPEBELL1; ANTONIO RAPHAEL TEIXEIRA NETO1

1.UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASILIA, DF, BRASIL.

e-mail:teresasouzaalves@gmail.com

Resumo:

A síndrome de Schiff-Sherrington é caracterizada por hipertonicidade extensora dos membros torácicos e flacidez dos pélvicos, decorrente da interrupção da influência inibitória ascendente sobre os neurônios motores dos membros torácicos. A principal causa é trauma à medular espinhal no segmento toracolombar, sendo considerada condição frequente em animais de companhia, mas raramente descrita em grandes animais. Objetiva-se relatar os achados clínicos e patológicos de um mini-pônei com síndrome de Schiff-Sherigton. Um equino, da raça mini-pônei, macho, de aproximadamente 4 anos e com 100kg, foi encaminhado para atendimento hospitalar. O proprietário relatou que durante o transporte rodoviário, o trailer se soltou e capotou. Ao exame clínico, o equino apresentava-se em decúbito lateral direito persistente, taquicardia (140 bpm), taquipneia (28 mrpm), dispnéia mista, sudorese, espasticidade dos membros torácicos com movimentos de pedalagem, paresia e hipoalgesia dos membros pélvicos. Inicialmente, realizou-se sedação com detomidina (20mcg.kg-1, IV). O exame radiográfico das regiões axial torácica e cervical baixa, nas projeções látero-lateral esquerda cranial, revelou luxação e fratura da nona vértebra torácica. Esta deformidade foi definida como reconhecível angulação dorso-cranial da articulação vertebral nas projeções laterais. A análise de líquido cefalorraquidiano (LCR) realizadas nos espaços atlanto-occipital e lombo-sacral não foram elucidativas. Diante dos achados clínicos e radiográficos, que corroboravam a suspeita inicial de trauma toracolombar, o equino foi submetido à eutanásia. Na necrópsia, constatou-se hematoma focalmente extenso entre o sétimo e décimo espaço intercostal, com fratura simples completa da nona vértebra torácica e secção medular completa. Também observou-se fratura completa simples do processo espinhoso da quarta e sexta vértebras torácicas. A histologia na região de secção da medula espinhal revelou fragmentação do parênquima que acomete cerca de 80% da substância cinzenta e 30% da substância branca. Na substância branca adjacente, observou-se alguns esferoides axonais e vacuolização irregular da substância branca (perda mielínica) de forma multifocal moderada. Também notou-se quantidade moderada multifocal de hemácias livres na região subdural e entremeadas na substância cinzenta. O diagnóstico morfológico foi compatível com esfacelamento medular focalmente acentuado com hemorragia multifocal moderada. A síndrome de Schiff-Sherington pode ocorrer decorrente de lesões graves na região toracolombar com compressão ou secção medular, que resultam em paralisia de neurônio motor inferior nos membros pélvicos (paralisia flácida) e paralisia de neurônio motor superior em membros torácicos. Além disso, fraturas envolvendo o corpo das vertébras tóraco-lombares, que são relativamente incomuns, podem ser acompanhadas por dano à medula espinhal, resultando em imediata paraplegia. Conclui-se que os exames radiográficos da coluna vertebral apresentam-se como ferramenta útil, associada aos dados epidemiológicos e sinais clínicos, no diagnóstico de fraturas vertebrais em mini-pôneis. E quando possível, a necrópsia é essencial para averiguação da compatibilidade entre os achados patológicos e radiográficos.

Palavras-chave: espasticidade; paralisia; politraumatismo

226. TERATOMA TESTICULAR EM UM EQUINO ASSOCIADO COM CRIPTORQUIDISMO

LAYS WOUTERS UGOLINI*1; CANDIDA MALDANER ROMERO TISOT1; GABRIELA VICENSI COSTA1; HENRIQUE RAMOS OLIVEIRA1; FERNANDA C.C SANTOS2; TANISE POLICARPO MACHADO1; NATÁLIA PICOLI FOLCHINI1; RICARDO ZANELLA1; LEONARDO PORTO ALVES1

1.UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO, PASSO FUNDO, RS, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA, DISTRITO DE MONTE CRISTO BOA VISTA, RO, BRASIL.

e-mail:romerocandi@yahoo.com.br

Resumo:

Tumores de testículo são incomuns em equinos. Em outras espécies, testículos criptorquídicos de localização intra-abdominal apresentam um risco maior para o desenvolvimento de neoplasia, sendo o teratoma, um tumor de células germinativas, observado com maior frequência em testículos retidos. Contudo, há escassos relatos de casos publicados acerca de tumores em equinos com criptorquidismo. O propósito deste trabalho foi relatar um caso raro de teratoma em um testículo criptórquido intra-abdominal unilateral em um equino. Paciente da raça Quarto de Milha, com 3 anos de idade, deu entrada no Hospital Veterinário da Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária da Universidade de Passo Fundo (HV-UPF) para orquiectomia, sendo que o proprietário do equino relatou que somente um dos testículos estava na bolsa escrotal. No exame clínico se verificou o testículo esquerdo localizado na bolsa escrotal. Na sequência do exame foi constatado a posição intra-abdominal do testículo direito bem como aumento de volume testicular. Em seguida, o paciente foi encaminhado à cirurgia para técnicas de criptorquidectomia e orquiectomia. Os testículos foram removidos cirurgicamente e, posteriormente, encaminhados para exame histopatológico no Laboratório de Patologia Animal do HV-UPF. O testículo esquerdo não apresentava alterações. A avaliação macroscópica revelou que o testículo criptórquido apresentava uma massa sólida, com consistência firme à macia, com múltiplas áreas císticas repletas de fluido. Microscopicamente, a arquitetura testicular foi substituída por cistos, tecido fibroso, tecido adiposo, estruturas glandulares, e focos de calcificação. A histologia definiu o diagnóstico de teratoma no testículo retido. Teratomas testiculares são raramente relatados na literatura veterinária e possivelmente subdiagnosticados em garanhões com criptorquidismo. Nos raros casos relatados, o diagnóstico de neoplasia testicular não foi feito antes da cirurgia. No presente relato, a massa testicular foi um achado incidental durante o exame pré-operatório. A neoplasia deve ser incluída no diagnóstico diferencial de qualquer aumento de volume testicular ou a presença de massa testicular.

Palavras-chave: Andrologia; tumor testicular; criptorquidismo

227. TETANIA PÓS-PARTO GEMELAR EM UMA ÉGUA – RELATO DE CASO

RODRIGO TAVARES NIEMAN*1; TIAGO MARCELO OLIVEIRA1; JULIANA SANTOS PEREIRA1; CLAUDIA GENNARI FRANCO1; MELANIE FLORENÇO IGLESIAS1; NUBIA PATRIARCA OCTAVIANO1; FERNANDA EMILIANO TONINI1; SILVIA EDELWEISS CRUSCO1; PAULO MOREIRA BOGOSSIAN1

1.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SAO BERNARDO DO CAMPO, SP, BRASIL.

e-mail:tiagomo8@yahoo.com.br

Resumo:

A presença de gestação gemelar frequentemente resulta em aborto no final de gestação ou no nascimento de potros prematuros com alta taxa de mortalidade neonatal, tendo como complicações a endometrite crônica devido à retenção placentária com consequentes quadros de hipocalcemia e laminite, além de possível infertilidade, acarretando principalmente em prejuízos econômicos. Uma égua, da raça American Trotter, de 440kg e 10 anos de idade, foi atendida no setor de grandes animais do Hospital Veterinário da Universidade Anhanguera de São Paulo, Campus ABC, com histórico de aborto gemelar. Segundo relato do proprietário, o animal passou por monta natural há 11 meses, não havendo acompanhamento gestacional específico. Ao exame físico a égua apresentava-se prostrada, com inapetência e mucosa oral hiperêmica, quadro de dispinéia associada à hiperpnéia, taquicardia, hipomotilidade intestinal, andar rígido e levemente atáxico, cauda em bandeira, dificuldade de mastigação e retração de pálpebras oculares. Além disso, constatou-se presença de secreção purulenta e fétida expelida pela vulva e aumento da temperatura e pulso forte na região dos cascos. Os exames laboratoriais identificaram aumento de enzimas ALT, AST e creatinina, plasma ictérico (+), leucocitopenia, eosinofilia e monocitose. Diante do quadro de tetania, endometrite e laminite, a terapia baseou-se na aplicação de soro anti-tetânico (50.000 UI, IV, SID, dose única), Benzilpenicilina Procaína, Potássica, Benzatina e Estreptomocina (6.000.000 UI, IM, SID, 7 dias), Flunixin Meglumine (1,1mg/kg, IV, SID, 5 dias e dose antiendotoxêmica de 0,25mg/kg, IM, BID, 3 dias), Gluconato de Cálcio (15g, IV diluído em Solução Ringer com Lactato, SID, 5 dias), Tiocolchicosídeo (8mg/ml, IM, SID, 5 dias) e Dimetilsulfóxido (1g/kg, IV, diluído em Solução Glicosada 5%, SID, 5 dias). Além disso, foram realizadas lavagens uterinas com Permanganato de Potássio diluído em água morna (100mg/4L de água) a cada 12 horas, durante 3 dias consecutivos, crioterapia nos cascos e ferrageamento específico para manutenção da laminite. A égua obteve melhora progressiva dos parâmetros clínicos e laboratoriais recebendo alta após 10 dias de internação. Apesar de geralmente apresentar um desfecho desfavorável para a équa e o potro, gestações gemelares são raras e de difícil diagnóstico, que se não detectadas podem levar a um quadro de hipocalcemia e por seguinte afetando atividades dependentes do cálcio, como por exemplo a expulsão das membranas fetais gerando endometrites e laminite secundária. O tétano deve ser considerado como diagnóstico diferencial nesses casos, porém a evolução dessa doença tende a ser pior do que os casos de hipocalcemia. A utilização da ultrassonografia para identificação precoce da gestação gemelar é de grande importância para a escolha do método de redução de vesículas.

Palavras-chave: Aborto gemelar; endometrite; hipocalcemia

228. TRATAMENTO CICÚRGICO DE ABDOME AGUDO E RUPTURA DE DIAFRÁGMA EM ÉGUA APÓS PARTO - RELATO DE CASO

KELLY REGINA DE OLIVEIRA*1; FABIO HENRIQUE DA SILVA2; CARLOS ROBERTO VIEGAS JUNIOR2

1.IBVET, AMPARO, SP, BRASIL; 2.AUTONOMO, MOGI MIRIM, SP, BRASIL.

e-mail:kellyredol@yahoo.com

Resumo:

Uma égua, PSI, 11 anos, com histórico de parição há 10 dias e sinais clínicos de abdome agudo foi encaminhada para atendimento no Hospital-Escola Veterinária de Jaguariúna. Pelo exame físico os achados foram FC: 80 bpm, FR 24mpm, TPC 3seg., TR 37,6ºC, mucosa oral congesta e halo cianótico, hipomotilidade intestinal em todos os quadrantes e distensão abdominal acentuada em todo o abdome. A sondagem nasogástrica evidenciou presença de sobrecarga alimentar e quantidade significativa de gás. Pelo exame transretal instrumentado por ecografia constataram-se deslocamentos de segmentos de colón maior e do ceco. Os valores do hematócrito e de proteínas totais foram 52% e 6,2g/dl respectivamente. Pela abdominocentese o liquido peritoneal apresentou aspecto turvo, alaranjado com valores de proteína: 3.6g/dl e Lactato: 12,9mmol/l. Com base nos achados clínicos e laboratoriais a égua foi submetida à celiotomia exploratória. Realizou-se celiotomia mediana de aproximadamente 30cm. Aspirou-se o gás de segmentos do intestino grosso. Durante o exame cirúrgico intra- abdominal constataram-se segmentos

do colón maior e lobo direito do fígado insinuados no tórax através de uma fenda no antímero direito no diafragma. Por enterotomia na flexura pélvica a digesta impactada dos cólons maiores foi removida, o que facilitou o retrocesso dos segmentos encarcerados na cavidade torácica. Após essa manobra, a égua evidenciou alterações circulatórias importantes caracterizadas por hipotensão (PAM = 40mmHg), taquicardia (120 bpm) mesmo sob efeito de vasopressores. Pela avaliação de viabilidade das vísceras, constataram-se edema mural, espessamento e congestão vascular nos cólons. Considerando a manutenção dos parâmetros vitais e melhora discreta da peristalse após a descompressão, seguiu-se com o procedimento cirúrgico. A enterorrafia foi realizada em dois planos Schmieden e Cushing, ambos seromusculares. A solução de continuidade no diafragma de 20cm aproximadamente, com esgarçamento evidente de fibras musculares impossibilitou coaptar as bordas laceradas. Assim, houve necessidade de ampliação cranial da celiotomia em direção ao xifoide, a fim de melhor visualizar e possibilitar o procedimento cirúrgico. O diafragma foi suturado em padrões intercalados de pontos simples e Sultan, utilizando-se fio de ácido poliglicólico n°2. Após reposicionamento das vísceras procedeu-se lavagem abdominal utilizando-se Ringer lactato e drenagem por sonda de silicone n°10. A celiorrafia foi realizada empregando-se fio de ácido poliglicólico n°2, em padrão simples continuo com interrupções (Aberdeen Knot). Aproximou-se o tecido subcutâneo empregando-se fio de ácido poliglicólico n° 2.0 em padrão Cushing. Na pele utilizou-se sutura metálica por grampos Proximate. O protocolo pós-operatório constituiu de Flunixin meglumine 1,1mg/kg/SID/IV/4 dias, Maxicam 2% 0.6 mg/kg/SID/IV/10 dias, Quetamina 0,2 mg/kg/QID/IM/5dias, Pentoxifilina 7,5mg/kg/BID/VO/3dias, Heparina 20.000UI/SID/SC/5dias, Penicilina benzatina 40.000/UI/kg/BID/IM/7dias, Gentamicina 6,6mg/kg/SID/IV/7dias, Polimixina B 5.000UI/kg/BID/IV/3dias. A égua foi mantida em crioterapia nos dígitos por 72h. Após dois dias de pós-operatório constatou-se esforço respiratório importante, taquicardia (60bpm), mucosa congesta com halo toxêmico e apatia. Por exame ultrassonográfico constatou-se efusão abundante na cavidade torácica, sendo realizada toracocentese entre o 7°e 8° espaços intercostais bilateral com drenagem de 40L de líquido serosanguinolento. Os exames laboratoriais quantificaram hipoproteinemia (4,6g/dl), trombocitopenia (75 mil/mm), hipoalbuminemia (1,30 g/dl), creatinina quinase (CK = 3.327U/L). A hemogasometria arterial confirmou presença de alcalose respiratória (PaCO2: 32,5) e acidose metabólica (HCO3: 21,8). Durante o período subsequente a égua foi mantida com fluidoterapia e eletrólitos, repouso em baia e caminhadas controladas. Sem complicações adicionais sua alta hospitalar ocorreu 13 dias após a cirurgia.

Palavras-chave: Equino; hernia diafragmática; encarceramento de cólon

229. TRATAMENTO CIRÚRGICO E IMUNOTERÁPICO PARA PITIOSE EQUINA: RELATO DE CASO

LETICIA DOSSIN REGIANINI*1; CAROLINE FRACASSO1; FERNANDO P LISBOA1; LEANDRO DO MONTE RIBAS1

1.UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL - UCS, CAXIAS DO SUL, RS, BRASIL.

e-mail:regianinivet@gmail.com

Resumo:

A pitiose é uma dermatopatia granulomatosa causada pelo oomiceto Pythium insidiosum. Em equinos, habitualmente atingem áreas do corpo predispostas ao contato com o agente em áreas alagadas. As lesões cutâneas são invasivas, ulcerativas, proliferativas, com focos de necrose, intenso prurido, exsudato serossanguinolento, com desenvolvimento de hifas fúngicas, os kunkers, sintoma patognomônico da doença. O prognóstico depende da extensão das lesões e comprometimento de estruturas adjacentes. O tratamento mais indicado para a resolução da pitiose se baseia na remoção cirúrgica do granuloma associada a imunoterapia. Entretanto o tratamento é complexo devido a características particulares do agente e extensão da ferida, fato que inclui a pitiose como causa de prejuízos a equideocultura. O objetivo deste relato é apresentar o tratamento cirúrgico e imunoterápico na resolução de lesão extensa por pitiose equina. Foi atendida na Clínica Veterinária de Grandes Animais da Universidade de Caxias do Sul/RS, um equino, fêmea, crioula, lobuna, 5 anos, 400 Kg. O tutor relatou lesão no peito do animal com evolução maior de 30 dias, não responsiva ao tratamento convencional para feridas. No exame clínico foi observada ferida cutânea de característica granulomatosa com focos de necrose, localizada na região ventrolateral direita do peito,

com diâmetro aproximado de 25 cm, intenso prurido e secreção serosssanguinolenta densa. Não foi observada outra alteração clínica digna de nota. Na ferida foi observada a presença de massas brancas firmes compatíveis com kunkers. A partir desta característica, o diagnóstico clínico foi de pitiose. Amostras de kunkers foram encaminhadas para histopatologia. O resultado foi descrito por ser constituído de massa amorfa e eosinofílica. Nas bordas observou-se grande quantidade de neutrófilos e eosinófilos e menor quantidade de macrófagos, alguns dos quais com características epitelioides. Em meio a esse tecido observou-se cortes longitudinais e transversais de imagens negativas cilíndricas com cerca de 10-20 µ de diâmetro, essas estruturas eram ramificadas em ângulos obtusos, não eram septadas e demonstravam leve irregularidade, morfologia compatível com P. insidiosum, diagnóstico definitivo de pitiose. Como tratamento foi realizada a excisão cirúrgica dos granulomas com remoção de kunkers. A imunoterapia foi iniciada no dia do procedimento cirúrgico e realizada a partir de 4 aplicações da vacina Pitium Vac®, com intervalo de 14 dias. O intervalo entre aplicações, superior ao indicado na literatura, foi determinado pelo reduzido orçamento do tutor para o tratamento. A higienização da ferida cirúrgica era realizada diariamente com iodopovidona tópico e gel in natura de babosa (Aloe vera), duas vezes ao dia. A cicatrização ocorreu 50 dias pós-procedimento cirúrgico. A evolução, extensão e o local das feridas por pitiose são limitantes para o prognóstico favorável. No caso relatado o tempo de decorrência da lesão e a extensão inicialmente indicaram o prognostico desfavorável para cura. A literatura cita tratamentos longos, onerosos, com uma série de complicações e reações adversas à imunoterapia. No entanto, neste relato a terapia cirúrgica e a imunoterapia foram eficientes em um curto prazo de tempo, onde esperava-se tempo maior em função da extensão da lesão e tempo de evolução. Esta resposta rápida e eficiente é rara com base em descrições de tratamentos anteriores. Mesmo com intervalo maior de aplicações, o resultado foi satisfatório, porém atribuído a habilidade imunológica da paciente em resposta a estimulação vacinal, bem como a integridade de estruturas vizinhas a lesão que não foram invadidas pelo P. insidiosum. De acordo com as características do presente caso, conclui-se que embora lesões por P. insidiosum atribuam um prognóstico desfavorável, a remoção cirúrgica de granulomas associada a imunoterapia pode ser opção de resolução satisfatória para casos de pitiose equina.

Palavras-chave: Pitiose; tratamentos; equinos

230. TRATAMENTO CLÍNICO DA CÓLICA POR ENCARCERAMENTO NEFROESPLÊNICO: RELATO DE CASO

RAFAELA MARTINS DE SOUZA*1; ANA CLAUDIA DOS SANTOS OLIVEIRA2; AMANDA PILETTI1; NAUANY AGUILAR QUELHO BONFIM3; BEATRIZ RAMOS BERTOZZO1; JOSÉ HENRIQUE SARAIVA BORGES1

1.PRONTO EQUUS, CAMPO GRANDE, MS, BRASIL; 2.UNIDERP, CAMPO GRANDE, MS, BRASIL; 3.UCDB, CAMPO GRANDE, MS, BRASIL.

e-mail:rafaelamartinsdesouza@hotmail.com

Resumo:

O deslocamento dorsal esquerdo do cólon maior também chamado de encarceramento nefroesplênico, ocorre quando a flexura pélvica ou todo o cólon esquerdo desloca-se por cima do ligamento nefroesplênico levando ao encarceramento; presume-se que esta afecção é desencadeada por uma hipermotilidade do segmento em questão. O tratamento pode ter abordagem cirúrgica ou não-cirúrgica conforme a evolução de cada caso clínico, a forma cirúrgica se dá através da laparotomia mediana onde o cólon é cautelosamente rotado e liberto do espaço nefroesplênico. As abordagens não-cirúrgicas sucedem de duas formas; a primeira é realizada através de uma técnica de rolamento, já a segunda técnica não-cirúrgica consiste na administração intravenosa de fenilefrina na dose de 3 a 6 µg / Kg / min durante 15 minutos, esse fármaco é simpatomimético alfa-adrenérgico, age nos receptores α1 provocando uma vasoconstrição, diminuindo o tamanho do baço; essa droga é utilizada em associação com 30 a 45 minutos de trote em círculo com a mão esquerda voltada para dentro do círculo, com a finalidade de reduzir o encarceramento nefroesplênico. Posteriormente a utilização das abordagens não-cirúrgicas se faz necessário a palpação retal do espaço nefroesplênico para estabelecer se houve ou não a redução do encarceramento; quando o caso não for solucionado o paciente deve ser encaminhado o mais rápido possível para a cirurgia, o prognóstico é

considerado favorável. O trabalho tem por objetivo relatar o caso de um equino, o qual apresentava-se em um quadro clínico de cólica por encarceramento nefroesplênico. Foi atendido na clínica veterinária Pronto Equus um equino, macho, castrado, 4 anos, 400 Kg com sinais claros de síndrome cólica. Segundo o treinador o animal havia parado de comer e apresentava excitação e tentativas de rolagem. No exame clínico o mesmo apresentavaaumento da frequência cardíaca, tempo de preenchimento capilar em 3 segundos, e mucosa oral normocorada, os movimentos peristálticos apresentavam-se diminuídos e a temperatura retal de 37,8ºC. O animal foi submetido a uma sondagem nasogástrica onde não haviapresença de refluxo, somente conteúdo fermentado. No exame de ultrassonografia abdominal apresentou um segmento de alça intestinal sobre o ligamento nefroesplênico. Na palpação retal foi possível palpar o baço deslocado medialmente, além da impossibilidade de palpação do rim e do ligamento nefro esplênico, com todos esses dados o diagnóstico de encarceramento nefroesplênico foi fechado. O tratamento ocorreu através da administração de cloridrato de adrenalina 0,1%, na dose de 10mg para até 450kg diluído em 1litro de solução fisiológica 0,9%. No prosseguimento o equino foi trotado em círculo por 30 minutos, logo após este período o animal foi submetido a um novo exame ultrassonográfico, posteriormente o mesmo foi solto no piquete, não apresentou sinais de dor abdominal nem de agitação, voltou a se alimentar. Este tratamento tem por objetivo fazer a vasoconstrição dos vasos esplênicos ocorrendo assim à redução do tamanho do baço, liberando a flexura pélvica e cólon encarcerado, os quais tendem a voltar a sua posição anatômica. O animal recebeu alta após três dias de observação e ausência de qualquer sinal de dor. Na síndrome cólica O tempo é muito importante para um bom prognóstico, o diagnóstico precoce favorece as providências a serem tomadas em um menor período de tempo, onde o médico veterinário optapor um tratamento clínico ou cirúrgico. Vale ressaltar que quando o caso é resolvido na clínica o tratamento se torna menos oneroso além de diminuir o risco de complicações pós cirúrgicas para o paciente retornando assim as suas atividades esportivas em um menor período de tempo.

Palavras-chave: Equino; baço; ultrassonografia

231. TRATAMENTO DA ARTRITE SÉPTICA AGUDA E CRÔNICA – RELATO DE 2 CASOS

MARIANA COSENZA*1; FREDERICO FERNANDES ARAÚJO1; PEDRO VICTOR LUNA FREIRE OLIVEIRA1; GEIDSON CASSIANO CORREIA ALBERTI1; VICTOR DE LORENA NÉIA PRADO1; DANIELLE ARAÚJO BARBOSA1

1.UNIFIL, LONDRINA, RJ, BRASIL.

e-mail:hospitalveterinario@unifil.br

Resumo:

A artrite séptica é caracterizada por um processo inflamatório e infeccioso da articulação. Essa enfermidade causa destruição da cartilagem articular e quando associada à osteomielite, a perda da superfície articular pode ser irreversível. O objetivo desse trabalho é relatar a eficácia no tratamento para artrite séptica tanto na forma aguda como na crônica, com embasamento na literatura, em que foi possível observar resultados positivos. No Hospital Veterinário da Unifil (HV-Unifil) foram atendidos dois equinos, em datas distintas. Em um primeiro momento foi encaminhado ao Hospital Veterinário um equino, macho, castrado, com 12 anos de idade e 500kg de peso vivo. Na anamnese o proprietário relatou que o animal apresentava claudicação persistente do membro anterior esquerdo há 45 dias e que havia uma fístula na coroa do casco. Em sua propriedade, instituiu tratamento com pentabiótico a cada 48horas totalizando três aplicações e foi possível observar que o aspecto da fístula melhorou, porém, a claudicação não cessou. Ele encaminhou o animal para o Hospital Veterinário da Unifil e através da anamnese, sinais clínicos e dos exames complementares como as projeções radiográficas que demonstravam diminuição do espaço articular, osteíte podal e proliferações ósseas, a principal suspeita foi artrite séptica crônica na interfalangeana proximal associada com osteíte podal. Em um segundo momento foi encaminhado para o HV-Unifil, um equino, macho, não castrado, com sete anos de idade e com 450kg de peso vivo. A queixa principal relatada era claudicação do membro posterior direito e drenagem de secreção purulenta da fistula próxima a coroa do casco. No pinçamento do casco foi possível perceber que o animal apresentava sensibilidade na porção medial da mesma, com a presença de uma fistula na coroa medial do casco e o boleto do membro acometido se encontrava edemaciado. Optou-se

por realizar o bloqueio perineural, em que os bloqueios do nervo digital palmar e sesamoide abaxial diminuíram a claudicação. Na radiografia não foram encontradas alterações radiográficas. Com a anamnese, sinais clínicos, e exames complementares como hemograma em que foi encontrado leucocitose por neutrofilia, a principal suspeita foi artrite séptica aguda na interfalangeana distal. O tratamento instituído em ambos os casos, consistiam em administração de Enrofloxacino 10% (5mg/kg) a cada 24horas por 5 dias pela via intramuscular, depois optou-se administrar pela via oral, na dose de (8,5mg/kg), durante 21 dias, flunixim meglumine (1,1mg/kg) a cada 24 horas pela via intravenosa e omeprazol via oral (2,0mg/kg) a cada 24 horas durante 5 dias. Perfusão regional intravenosa era realizada com um total de 1g de sulfato de amicacina (500mg/ml) adicionado à 6ml de solução fisiológica e por fim 15ml de lidocaína 2% sem vasoconstritor. Antes de realizar a perfusão era realizada uma rigorosa antissepsia, retirados 15ml de sangue. Colocava-se o torniquete de borracha, a medicação era injetada, na veia cefálica, no equino que estava acometido no membro anterior e na safena no animal que estava com o membro posterior afetado, através do cateter 22G acoplado a um extensor de fluidoterapia. O garrote era mantido por 30 minutos para que o antibiótico tivesse um maior potencial de ação no membro abaixo do torniquete. Depois de realizada a perfusão, era feita uma bandagem protetora no membro acometido. Os tratamentos com perfusão regional, em ambos os casos, eram realizados em dias alternados e foram realizadas um total de oito aplicações no primeiro caso e 5 aplicações no segundo caso. Os animais submetidos ao tratamento de artrite séptica foram responsivos, com melhora da claudicação, demonstrando assim a eficiência do protocolo medicamentoso instituído pelo médico veterinário para artrite séptica aguda e crônica.

Palavras-chave: Infecções; articulação; osteite podal

232. TRATAMENTO DE FERIDA EM POTRO COM USO DE FITOTERÁPICOS: RELATO DE CASO

ANA CAROLINA BARBALHO DE SOUZA*1; JOSÉ SALLY DE ARAÚJO JÚNIOR1; ALYNNY ALVES FURTADO1; ÍTALO MATHEUS DE FREITAS SILVA1; MAYRON BARBOSA BARROS1; REGINA VALÉRIA DA CUNHA DIAS2; RODRIGO TENÓRIO PADILHA3; FELIPE VENCESLAU CÂMARA3

1.GRADUANDO EM MEDICINA VETERINÁRIA - UNIVERSIDADE POTIGUAR - UNP, NATAL, RN, BRASIL; 2.PROF.(A). DRA. DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ANIMAIS – UFERSA, MOSSORÓ, RN, BRASIL; 3.PROFESSOR DA UNIVERSIDADE POTIGUAR – UNP – ESCOLA DA SAÚDE, NATAL, RN, BRASIL.

e-mail:carolbarbalhos@gmail.com

Resumo:

Diversas pesquisas veem sendo desenvolvidas no Brasil com uso de diferentes materiais ou plantas no tratamento de feridas cutâneas. No Nordeste, com a cultura do uso de plantas medicinais na terapêutica de inúmeras enfermidades, o pó de jucá associado com o mel está sendo utilizado no tratamento convencional de feridas em equinos. Desta forma, o presente trabalho tem como objetivo descrever o relato de caso de um equino, fêmea, com um ano de idade pesando aproximadamente 180 quilos, na qual sofreu acidente por arame farpado, ocorrendo laceração na região do chanfro. O animal foi atendido na propriedade, e observou-se a ferida apresentando uma circunferência de 10 centímetros aproximadamente. Foi realizado exame clínico do animal, devido ao período de evolução superior a uma semana, realizou-se o debridamento da ferida, para posteriormente utilizar o jucá e mel. O animal foi tranquilizado com xilazina a 10% (0,5 mg/kg IV) e feito o bloqueio local com lidocaína com vasoconstrictor. Em seguida, realizou a tricotomia e assepsia da região. O debridamento cutâneo foi realizado retirando grande parte do tecido necrosado estimulando a cicatrização por segunda intenção, associado a isso, uso de curativos duas vezes ao dia com a limpeza da ferida utilizando clorexidine e degermante, após esse procedimento aplicava no local da ferida uma pasta a base de pó de jucá e mel. Manteve a ferida fechada com bandagens compressivas, além da aplicação de meloxicam a 2% (3 mL para cada 100kg IV a cada 24h) durante 3 dias, antibiótico a base de penicilina com dihidroestreptomicina na dose de 24.000 UI/kg IM a cada 12 horas por 10 dias. Após 15 dias do debridamento e o uso continuo da pasta de jucá com mel, foi observado um fechamento perfeito da ferida e cicatrização pouco aparente. Assim, o uso do pó de jucá no tratamento de feridas é benéfico, e quando associado ao mel e realizado o

procedimento fidedigno instaurado pelo medico veterinário, melhora no processo de cicatrização.

Palavras-chave: Debridamento cirúrgico; fitoterápico; jucá

233. TRATAMENTO DE NEUROPRAXIA DE RADIAL EM UM EQUINO: RELATO DE CASO

FERNANDA AUGUSTA DE OLIVEIRA SILVA*1; KAMILA PINHEIRO PAIM1; BRENDA MATOS FERNANDES1; LUIZ HENRIQUE LIMA DE MATTOS2; GEISON MOREL NOGUEIRA1; DIEGO JOSE ZANZARINI DELFIOL1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, UBERLANDIA, MG, BRASIL; 2.EQUILIFE - FISIOTERAPIA E REABILITAÇÃO EQUINA, SOROCABA, SP, BRASIL.

e-mail:diegojzd@hotmail.com

Resumo:

Em equinos, a lesão de um nervo periférico pode acontecer em decorrência de lacerações, traumas, tempo prolongado em decúbito, ou também de forma iatrogênica. A neuropraxia é uma condição de desmielinização segmentar das fibras nervosas de grande calibre, geralmente causada por compressão, onde não há alteração da estrutura do axônio, porém, ocorre a redução da condução nervosa, culminando em paralisia do nervo acometido. O tratamento convencional para estes casos consiste em reduzir a inflamação local e aliviar a dor musculoesquelética. Práticas de terapias complementares no tratamento de lesões neurológicas está sendo cada vez mais utilizada com o intuito de acelerar o processo de recuperação. O uso da luz infravermelha é uma modalidade que proporciona vasodilatação, aumento da circulação sanguínea, relaxamento muscular, aumento da extensibilidade de tecidos moles, alteração de propriedades visco elásticas teciduais e também possui efeito anti-inflamatório. A acupuntura é uma terapia que utiliza a estimulação de certos pontos cutâneos escolhidos pelas suas indicações terapêuticas e no sistema nervoso pode funcionar estimulando fibras nervosas aferentes. O objetivo deste trabalho é apresentar os resultados da terapia convencional, associada a terapias complementares no tratamento de uma égua com neuropraxia de radial. Uma égua de 3 anos de idade, da raça Quarto de Milha, ECC 6/9 e pesando 400 kg, foi encaminhada ao Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia, para realização de repulsão dentária do 108 e 109 devido a um quadro de alveolite crônica. O procedimento cirúrgico, foi realizado em mesa cirúrgica acolchoada com o animal em decúbito lateral esquerdo e teve duração de três horas e vinte minutos. No transoperatório foi realizado um protocolo de prevenção de lesão de nervos periféricos utilizando tiamina na dose de 20 mg/kg/IV e dexametasona 0,1 mg/kg/IV. Após a recuperação anestésica, foi observado a incapacidade do animal apoiar o membro torácico esquerdo, incapacidade de estender as articulações do cotovelo, carpo e dígito; sinais clínicos compatíveis com lesão de nervo radial. De imediato foi realizada bandagem com colocação de tala na extensão de metacarpo e falanges, com objetivo de evitar o apoio do membro com o boleto. No intuito da recuperação do nervo, iniciou-se um protocolo medicamentoso com dexametasona 0,1 mg/kg/SID por três dias e tiamina 20 mg/kg/SID por cinco dias, associado a terapia complementar, ultilizando-se dos métodos fisioterápicos com infravermelho, cinesioterapia, massagem local e acupuntura. Durante quatro vezes ao dia foi utilizada a luz infravermelha incidindo a 30 cm de distância na região caudal da escápula por vinte minutos; realizada massagem manual local com gel a base de DMSO e exercícios seriados com o membro na seguinte sequência: 15 minutos de massagem com escova no sentido distal para proximal do carpo a borda da escápula, em todas as faces do membro e exercício de descarga de peso no membro afetado repetidos em cinco séries de um minuto e descansando 30 segundos; além de uma sessão de acupuntura. Dois dias após o início do tratamento observou-se melhora significativa, onde o animal conseguiu apoiar o membro durante 10 minutos, sem auxílio. O progresso foi gradativo, até que com seis dias após lesão, o animal conseguia andar normalmente, exceto pelo pequeno encurtamento da fase cranial do passo, que já não era mais observado 10 dias pós lesão. Apesar das neuropraxias possuírem prognóstico favorável, a aceleração da recuperação evita complicações como a atrofia muscular acentuada. Neste caso, a associação do tratamento medicamentoso com métodos de fisioterapia com infravermelho, cinesioterapia, massagem local e acupuntura, auxiliou na rápida recuperação do animal.

Palavras-chave: Terapia complementar; infravermelho; cinesioterapia

234. TÉCNICA WHITEHOUSE MODIFICADA NO TRATAMENTO CIRÚRGICO DE EMPIEMA DE BOLSA GUTURAL EM POTRA

JÉSSICA SOLA QUIRINO SILVA*1; THAIS POLTRONIERI DOS SANTOS1; MAYARA LEÃO BAYLÃO1; HELENA TAVARES DUTRA1; GABRIELA DO SOCORRO NEVES SOARES1; LUCIANA BRANDSTETTER1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, GOIANIA, GO, BRASIL.

e-mail:sola.medvet@hotmail.com

Resumo:

O empiema é a principal enfermidade que acomete a bolsa gutural dos equinos e caracteriza-se pelo acúmulo de exsudato purulento, que pode se tornar inspissado ou formar condroides. Foi atendido no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Goiás um equino, fêmea, Quarto de Milha, com 4 meses e 115 quilos. Foi relatado pelo tutor aumento de volume bilateral na região parótida há 60 dias. Ao exame clínico, a potra estava alerta, apresentava frequência cardíaca de 40 bpm, frequência respiratória de 12 rpm, mucosa oral pálida, tempo de preenchimento capilar menor que dois segundos, hidratação adequada, motilidade intestinal reduzida em todos os quadrantes, linfonodos submandibulares reativos e temperatura retal de 38,2ºC. Havia um aumento de volume evidente na região parótida esquerda, dispneia com ruído inspiratório e secreção nasal unilateral. Um hemograma revelou anemia normocítica normocrômica (hemácias 5,24x106µL e hematócrito 20%), leucopenia por neutropenia (4300 leucócitos/µL) e hiperfibrinogenemia (800 mg/dL). Um exame radiográfico da cabeça, em exposição laterolateral, revelou radiopacidade aumentada na região da bolsa gutural. Uma ultrassonografia mostrou a presença de material heterogêneo, predominantemente ecogênico, com áreas de sombreamento acústico posterior, envolvido por uma cápsula fibrosa. O material ecogênico era proveniente do linfonodo retrofaríngeo esquerdo, que drenava formando o abcesso. Ao exame endoscópico, o óstio guturofaríngeo esquerdo estava abaulado, com drenagem de secreção mucopurulenta. Havia também uma fístula caudal ao óstio esquerdo, que também drenava. O acesso ao interior da bolsa gutural esquerda era limitado e havia grande quantidade de conteúdo inspissado, que impedia a avaliação de ambos os compartimentos. Com base nos achados, diagnosticou-se empiema de bolsa gutural crônico, com presença de pus inspissado. Inicialmente optou-se pelo tratamento clínico com antibioticoterapia sistêmica à base de sulfadoxina e trimetoprim (20 mg/kg, IV, SID), já que o animal já havia recebido outros antibióticos na propriedade, sem sucesso, flunixim meglumine (1,1 mg/kg, IV, SID), omeprazol (4 mg/kg, VO, SID) e compressa morna duas vezes ao dia na região parotídea. Após inúmeras tentativas sem sucesso de lavagem endoscópica da bolsa gutural, optou-se pelo tratamento cirúrgico. O paciente foi sedado e realizou-se bloqueio local para o acesso à bolsa gutural esquerda pela técnica Whitehouse modificada. Uma incisão de aproximadamente 7 cm, foi realizada ao longo da borda ventral da artéria e veia linguofacial. A fáscia subjacente foi incisada expondo o aspecto lateral da laringe e uma dissecação que adentrou com facilidade o abcesso. O material inspissado começou a ser removido, quando observou-se uma comunicação direta do abcesso ao compartimento lateral da bolsa gutural. Foram retirados cerca de 700 g de conteúdo inspissado. A ferida cirúrgica foi deixada aberta. Uma endoscopia da bolsa gutural esquerda foi realizada após o procedimento cirúrgico e foi possível visualizar a abertura no aspecto lateral do compartimento lateral que se comunicava com o abcesso e, consequentemente, com a ferida cirúrgica. Imediatamente após a cirurgia os sinais de ruído inspiratório e dispneia cessaram. Para o tratamento clínico pós-operatório, foram utilizados gentamicina (6,6 mg/kg, IV, SID, por 15 dias), penicilina potássica (30000 UI/kg, IV, QID, durante 15 dias), dipirona sódica (25 mg/kg, IV, TID, por 3 dias), flunixim meglumine (1,1 mg/kg, IV, SID, por 3 dias). Vinte dias após o procedimento cirúrgico houve completa cicatrização da ferida. Portanto, o tratamento cirúrgico no caso citado demonstrou ser uma alternativa eficaz, pois apresenta muitas vantagens anatômicas e práticas sobre a cirurgia sob anestesia geral e também evita a contaminação do centro cirúrgico, além de ter promovido remoção do material inspissado do interior da bolsa gutural e eliminado a infecção, sem complicações pós-operatórias.

Palavras-chave: Dispneia; inspissado; linfonodo retrofaríngeo

235. UM NOVO GENÓTIPO ASSOCIADO AO NANISMO EM EQUINOS DA RAÇA MINI-HORSE

DANILO GIORGI ABRANCHES DE ANDRADE*1; ROBERTA MARTINS BASSO1; ALEXANDRE SECORUN BORGES1; JOSE PAES DE OLIVEIRA-FILHO1

1.UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (UNESP), FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA, BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail: jose.oliveira-filho@unesp.br

Resumo:

O nanismo é uma forma de desenvolvimento anormal, determinado por genes que contribuem para uma pequena estatura e podem interferir negativamente na saúde e reprodução da espécie afetada. Em equinos, o nanismo é descrito principalmente nas raças Pônei e, dentre elas, a Mini-Horse. Nessa raça, a enfermidade possui caráter autossômico recessivo, sendo descritas quatro mutações (D1, D2, D3 e D4) causadoras da doença, segregadas independentemente, no gene Aggrecan (ACAN). Genótipos envolvendo a mutação D1, provocam morte fetal, enquanto que os outros genótipos (D2/D2, D2/D3, D2/D4, D3/D3, D3/D4 e D4/D4) estão envolvidos com nascimentos de animais clinicamente afetados. Entretanto, os genótipos D3/D3 e D4/D4 ainda não foram descritos na literatura. Estima-se que as mutações D3 e D4 não sejam letais em homozigose, pois as combinações com D2 e entre elas já produziram indivíduos anões vivos. Além disso, sugere-se que animais D3/D3 ou D4/D4 ainda não foram detectados pelo tamanho das amostras avaliadas ou pelo fato de D3 e D4 serem consideradas mutações raras nas populações já estudadas. O objetivo desse trabalho foi descrever o genótipo D4/D4 ainda não relatado na literatura consultada como causador do nanismo em equinos da raça Mini-Horse. Entre os meses de agosto de 2016 e dezembro de 2017, dois de dez equinos fenotipicamente anões foram avaliados como portadores do genótipo D4/D4. Para isso, amostras de sangue foram coletadas para extração do DNA genômico seguida de PCR. A genotipagem foi realizada utilizando-se sequenciamento direto de produtos de PCR que amplificavam os pontos das mutações responsáveis pelo nanismo já descritas. Clinicamente os dois animais D4/D4 apresentavam-se semelhantes aos outros genótipos associados à doença: cabeça grande, quando comparada com o restante do corpo, e abaulada; prognatismo e membros curtos e tortuosos, principalmente, na região proximal dos ossos metatarsianos. Essa avaliação clínica foi realizada em animais neonatos, o que pode justificar a diferença com relação a descrição da literatura, que sugere que a mutação D4 causa os sinais clínicos mais graves, como corpo em forma de barril, curvatura acentuada da coluna vertebral, pescoço curto, membros rígidos e obstrução das vias aéreas. Esse é o primeiro estudo que caracterizou a mutação D4 em homozigose e, consequentemente, serve de alarde para a ocorrência e, provavelmente, alta prevalência dessa mutação no rebanho paulista de equinos da raça Mini-Horse. Ressalta-se que o padrão de herança autossômico recessivo contribui para ampliar a disseminação da enfermidade no plantel de forma silenciosa, porque os progenitores (heterozigotos) são normais na aparência. Portanto, a identificação dos animais heterozigotos é importante para minimizar perdas econômicas e nascimentos de animais afetados, pois possibilita a seleção do acasalamento. Por fim, estudos moleculares necessitam ser realizados com os animais brasileiros da raça Mini-Horse com o intuito de se caracterizar a prevalência das mutações causadoras do nanismo.

Agradecimentos: À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo pelo financiamento da pesquisa (FAPESP 2016/24767-7).

Palavras-chave: Análise de sequência de dna; gene acan; mutação

236. UROLITÍASE OBSTRUTIVA NA URETRA PENIANA DE MUAR MACHO

FREDERICO ROCHA DE OLIVEIRA*1; THAIQUE IGOR BASTIANINI1; JOÃO CARLOS RIBEIRO1; LUCAS DE FREITAS PEREIRA1; VITOR FORONI CASAS1

1.UNIVERSIDADE DE FRANCA, FRANCA, SP, BRASIL.

e-mail:juliafunchal98@hotmail.com

Resumo:

A presença de urólitos em equídeos é considerada rara e de baixa prevalência, porém, é de extrema importância quando identificada nesta espécie. O local mais comum para a formação destas concreções é a vesícula urinária, seguido de uretra. Acredita-se que eles se formem devido à alta excreção de sais de carbonato e fosfato de cálcio, associado ao aumento do pH urinário, no entanto, o seu mecanismo não está totalmente elucidado. Este trabalho tem como finalidade descrever o caso de um muar com obstrução de uretra peniana causada por urólito. Foi encaminhado ao Hospital Veterinário da Universidade de Franca, um muar macho apresentando disúria, hematúria, polidipsia, poliúria, mucosas hipocoradas, azotemia, taquicardia, taquipneia e elevação da temperatura retal. Durante a inspeção geral observou-se exposição permanente do pênis e na palpação foi possível sentir uma massa esférica de consistência firme, localizada internamente no terço médio ventral do orgão. Já a vesícula urinária encontrava-se distendida repleta de líquido e não foi passível realizar a sua cateterização, pois, a sonda uretral encontrou resistência na região do aumento de volume. Antes do procedimento cirúrgico o animal recebeu enrofloxacina (4,0 mg/kg/im), flunixin meglumine (1,1mg/kg/im) e ranitidina (1,5 mg/kg/iv) a cada 24 horas durante 3 dias. Optou-se pela uretrotomia com o paciente em decúbito dorsal, mediante a anestesia com acepromazina 1% (0,01mg/kg/iv), éter gliceril guaiacol 10%(100mg/kg/iv) e isofluorano (1,55 cam). A incisão foi realizada cranialmente ao aumento de volume e logo após a remoção do cálculo, procedeu-se a uretrorrafia e sutura do subcutâneo com catgut cromado (número 1), para a dermorrafia utilizou-se nylon (0,7 mm). O urólito apresentava dimensões de 6 x 4 centímetros e pesava aproximadamente 80 gramas. Logo após o procedimento iniciou-se uma intensa fluidoterapia com solução fisiológica, juntamente com administrações de ceftioufur (4,4 mg/kg/iv) a cada 24 horas que persuadiram por 7 dias, até a alta. De maneira geral os urolitos em equinos são poucos observados, porém, não se sabe se este fato é em decorrência da própria fisiologia da espécie, já que algumas células renais e ureterais produzem uma quantidade significativa de muco, o que impede a fixação de cristais ao sistema urinário, no entanto, a falta de treinamento adequado dos técnicos pode ser outro fator. Apesar de ser uma enfermidade pouco comum, ela é de extrema importância,pois, pode levar o animal a óbito em poucos dias.

Agradecimento: Núcleo de Estudo de Equídeos da Universidade de Franca (NUEQUI).

Palavras-chave: Carbonato de cálcio; fosfato de cálcio; muco renal

237. USO DE BOMBA DE INFUSÃO ELASTOMÉRICA NO TRATAMENTO DE TENOSSINOVITE SÉPTICA EM EQUINO

LETICIA OLIVEIRA COTA*1; BRUNO DONDONI DONDONI MALACARNE1; LUCAS ANTUNES DIAS1; ARMANDO DE MATTOS CARVALHO1; ANDRESSA BATISTA DA SILVEIRA1; RAFAEL RESENDE FALEIROS1

1.UNIVERCIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL.

e-mail:leticia.cota@hotmail.com

Resumo:

A tenossinovite séptica em equinos é uma patologia grave, que querer tratamento urgente. Em casos tratados inadequadamente, pode haver comprometimento do retorno à atividade atlética, devido à formação de aderências. O objetivo do trabalho é descrever a utilização da bomba de infusão elastomérica na bainha tendínea digital para o tratamento de tenossinovite séptica. Uma égua, SRD, de 12 anos de idade, foi encaminhada ao Hospital

Veterinário da UFMG 2 dias após laceração na porção proximal da face plantar da quartela do membro posterior direito (MPD), com evolução rápida para claudicação grau 5 (AAEP). A inspeção clínica revelou edema das porções distais do membro, efusão intensa na bainha tendínea digital (BTD) e ferida de aproximadamente 4 cm de extensão com laceração parcial do ligamento anular digital proximal e escarificações na BTD. O tratamento consistiu em antibioticoterapia local, descrita a frente, e sistêmica com penicilina (30.000 UI/kg, IM, SID) e Gentamicina (6.6 mg/kg, IV, SID) por 7 dias, fenilbutazona (4.4mg/kg, IV, SID) e lavagens sob pressão da BTD. A primeira lavagem da BT foi realizada após o bloqueio dos nervos tibial e fibular, ampla tricotomia e antissepsia, com 5L de ringer lactato (RL) e 2 pontos de drenagem, e finalizou com a infiltração de 500mg de amicacina. Para garantir o acesso à BTD foi fixado cateter central 16G no recesso proximal lateral. A segunda lavagem foi realizada no dia seguinte, com 3L de soro RL sob pressão e com 1 ponto de drenagem. Posteriormente, iniciou-se antibioticoterapia local contínua utilizando cefalotina (250mg/h) por 5 dias, com uso da bomba elastomérica. A antissepsia da ferida ocorreu diariamente, seguida de aplicação de rifamicina spray e bandagem compressiva estéril. A redução da claudicação ocorreu gradualmente até o grau 4, evidente no terceiro dia. No sétimo dia de tratamento com o termino da cobertura antibiótica, observou-se discreta efusão de BTD e ausência de sensibilidade na mesma. O equino recebeu alta hospitalar no décimo segundo dia. O uso de bomba elastomérica se mostrou uma forma prática e eficiente para no tratamento de tenossinovite séptica, por permitir a infusão continua local de antibiótico por período necessário para controle da infecção e redução da ferida, do grau de claudicação e da efusão na BTD.

Palavras-chave: Equino; claudicação; bainha tendínea

238. USO DE CAMPO ELETROMAGNETICO PULSTÁTIL NA CONSOLIDAÇÃO DE UM FRAGMENTO ÓSSEO NO III METACARPIANO DE EQUINO: RELATO DE CASO

MALVINA MARTINS PARRÉ*1; MARIA INÊS GAY DA FONSECA AALLGAYER DIANO1; IOLANDA GEA KASSEM2; LAURA LEANDRA HALINSKI1

1.THERAPY4HORSES, BOTUCATU, SP, BRASIL; 2.SONOEQUI, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL.

e-mail:malva_martins@hotmail.com

Resumo:

O campo eletromagnético pulsátil é uma terapia amplamente utilizada tanto na medicina humana quanto na veterinária. Estudos de base sugerem que a exposição ao campo magnético de baixa frequência promove vasodilatação e estimulo do reparo tecidual através da ativação de fatores de crescimento e da migração celular. Além disso, em estudos in vivo, no pós-operatório, tem demonstrado efeito de analgesia e diminuição do edema devido à sua capacidade magnética de controle e alteração dos fluxos iônicos intra e extra-celulares. Quando utilizado em fraturas a terapia é capaz de acelerar a oesteogênese, mimetizando o efeito piezoelétrico, que mobiliza o cálcio para dentro das células, auxiliando a formação do calo ósseo. Foi encaminhado ao centro de reabilitação Therapy4Horses – OK- USA, uma potra da raça quarto de milha, de dois anos, com a imagem radiográfica de um fragmento ósseo na face lateral do III metacarpiano do membro torácico direito com trajeto fistuloso e presença de secreção purulenta. Foi utilizada a caneleira de campo eletromagnético pulsátil de baixa frequência, 30Hz, durante uma hora e meia, duas vezes ao dia, seis dias na semana. A caneleira é composta internamente por quatro bobinas e externamente possui uma fonte de bateria, que, quando ligada emite uma corrente elétrica que passa pelas bobinas condutoras gerando o campo eletromagnético pulsátil. As bobinas ficam posicionadas lateral e medial ao III metacarpiano e lateral e medial ao boleto. Após dez dias de tratamento foi feita uma radiografia para avaliar o prognóstico da lesão e a necessidade de cirurgia, porém o fragmento já apresentava um calo ósseo e ficou decidido continuar com a terapia. Aos vinte e sete dias a fistula estava fechada e foi repetida a radiografia onde permanecia a presença do calo ósseo e já havia a perda da linha de fratura e a reabsorção do fragmento. A utilização do campo eletromagnético pulsátil de baixa frequência mostrou-se efetiva para otimizar a formação de calo ósseo e a reabsorção do fragmento pelo organismo, sendo uma terapia de fácil aplicação e não invasiva para a solução de fragmentos ósseos em equinos.

Palavras-chave: Fisioterapia; osteogênese; magnetoterapia

239. USO DE ETILCIANOACRILATO EM NECROSE CUTÂNEA PERIVASCULAR DECORRENTE DO USO DE FENILBUTAZONA EM EQUINO: RELATO DE CASO

CÍCERO FERREIRA OLIVEIRA*1; ANDREZZA KELLEN JESUS MOURA2; SAMYA MIRELLE JORGE FAUSTINO2; FELIPE CAMARGO RIBAS3; JULIANA OLIVEIRA BERNARDO4

1.INSTITUTO BRASILEIRO DE VETERINÁRIA, MACEIÓ, AL, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO, IMPERATRIZ, MA, BRASIL; 3.INSTITUTO QUALITTAS, ITAOCA, SP, BRASIL; 4.UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:fcr.vet@gmail.com

Resumo:

A fenilbutazona é um anti-inflmatório não esteróide muito utilizado na rotina de grandes animais, porém seu uso indiscriminado pode trazer sérias consequências à vida do animal. Em sua formulação para uso intravenoso, devido ao seu pH e osmolaridade elevados, seu extravasamento ou repetidas aplicações podem lesionar a região perivascular ou ao endotélio vascular. A tromboflebite jugular é comum em equinos e ocorre pelo uso inadequado de medicações que lesam a parede do vaso causando inflamação e consequentemente a formação de trombo. Outros fatores predisponentes são venopunções repetitivas, volume excessivo de medicações e uso de materiais inadequados sem antissepsia. A tromboflebite jugular é caracterizada por edema, aumento da sensibilidade local, ingurgitamento do vaso, podendo ocorrer infecção local, redução do retorno venoso e edema de cabeça, e até mesmo o óbito. A necrose tecidual perivascular ocorre posteriormente a um processo inflamatório local exacerbado ocasionado pela injeção errônea de medicamentos com alta toxicidade para os tecidos. Este trabalho tem como objetivo relatar um tratamento alternativo no caso de tromboflebite jugular em equino associada a necrose cutânea perivascular. Um equino, macho, 9 anos, foi atendido com histórico de hemorragia na região da veia jugular direita alguns dias após a aplicação de fenilbutazona pelo proprietário. Durante o exame clínico, observou-se edema na região cefálica, apatia, inapetência e presença de tecido friável à palpação na região da veia jugular direita. A hemorragia ocorreu devido à necrose tecidual e do endotélio vascular devido a aplicação de medicamento irritante ao vaso, o que causou uma inflamação local seguida de necrose. Com o diagnóstico de tromboflebite jugular e necrose tecidual, iniciou-se o tratamento com fluidoterapia, cálcio e ácido tranexâmico com intuito de reestabelecer a coagulação e, na região mais cranial, massagem local com o uso de mistura de dimetilsulfóxido líquido e pomada contendo heparina sódica para desfazer o trombo. Não foi possível realizar sutura no local devido a necrose do tecido perivascular, optou-se então pela utilização de etilciano-acrilato e óxido de zinco, criando uma estrutura rígida no local, mimetizando um tampão plaquetário. Logo após o atendimento, o animal voltou a se alimentar normalmente e não apresentou hemorragia. Após 6 dias, retirou-se o curativo, onde foi possível observar completa hemostasia. Realizou-se então, o desbridamento do tecido necrosado e a ferida foi tratada por segunda intenção. Foi realizada terapia antinflamatória com flunixin meglumine (1,1 mg/kg), antibioticoterapia com penicilina benzatina (40.000 UI) por via intramuscular e terapia antitetânica. Realizou-se curativo local diariamente com a utilização de antisséptico, pomada cicatrizante e repelente. Após cicatrização por segunda intenção o animal apresentou melhora do quadro clínico, retornando às suas atividades esportivas. O uso de adesivo tecidual a base de etil-cianoacrilato já é uma grande realidade como alternativa as suturas convencionais, porém não há relatos do seu uso na hemostasia. Diante deste caso, reafirma-se a importância na assepsia e aplicação correta de medicamentos intravenosos. O uso de etilciano-acrilato e óxido de zinco mostrou-se viável para a solução imediata da hemorragia, visto a impossibilidade de sutura, podendo ser implantado como terapia alternativa em casos severos de necrose tecidual.

Palavras-chave: Necrose perivascular; tromboflebite; hemorragia

240. USO DE FIXADOR EXTERNO NA ESTABILIZAÇÃO DE FRATURA DE MANDÍBULA – RELATO DE CASO

VANESSA ALBERINI*1; KARINA HUFENUSSLER LEIGUE1; GABRIEL WEILER1; IURY RIBEIRO DE PAULA1; PETERSON TRICHES DORNBUSCH2

1.HOSPITAL VETERINÁRIO LUIS LEIGUE, GUARAMIRIM, SC, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, CURITIBA, PR, BRASIL.

e-mail:vane_alberini@hotmail.com

Resumo:

Um equino, Quarto de Milha, fêmea, 2 anos e 10 meses. Foi atendido no Hospital Veterinário Luis Leigue, após trauma por coice em região mandibular. Proprietário relata que animal parou de se alimentar e apresentou perda de peso, solicitando atendimento do médico veterinário local que diagnosticou através de exame radiográfico fratura cominutiva do ramo horizontal da mandíbula. Apresentava fístula abaixo do primeiro e segundo pré-molares devido ao comprometimento dos alvéolos dentários dos mesmos. A osteossíntese procedeu-se através de colocação de fixador externo do tipo linear com dois parafusos na região do diastema e dois no ângulo da mandíbula. Os dentes 307 e 308 (primeiro e segundo pré-molares) foram extraídos, pois ambos estavam comprometidos pela fratura e os fragmentos ósseos removidos. Após cirurgia foi instituída antibioticoterapia com ceftiofur, 2,2 mg/kg, durante 14 dias e antiinflamatório sistêmico, fenilbutazona 2,2mg/kg, nos quatro primeiros dias. A cavidade oral era lavada com solução antisséptica e os parafusos higienizados com PVPI tópico duas vezes ao dia, além disso, nos pontos de fixação dos parafusos estilava-se gentamicina diluída em solução fisiológica na proporção 10:1. Os alvéolos dentários foram fechados com silicone de condensação, o mesmo era trocado a cada sete dias para que ocorresse granulação do local, sendo a ultima troca um dia antes da remoção do fixador. Após 31 dias o fixador foi retirado, a alta se deu aos 45 dias e após três meses o equino estava completamente recuperado e havia iniciado suas atividades esportivas.

Palavras-chave: Osteossíntese; ortopedia; odontomandibular

241. USO DE MEMBRANA BIOLÓGICA DE PERICÁRDIO BOVINO PARA HERNIORRAFIA DE HÉRNIA INCISIONAL RECIDIVANTE EM UM CAVALO: RELATO DE CASO

THAÍS REGINA LEMFERS*1; MARIANA COCCO2; LUIZA COSTA BARCELLOS2; BRUNA LAMPE ZIELINSKI2; FLÁVIA DO PRADO AUGUSTO AMARO2; PETERSON TRICHES DORNBUSCH2

1.IFC, ARAQUARI, SC, BRASIL; 2.UFPR, CURITIBA, PR, BRASIL.

e-mail:thaislemfers@hotmail.com

Resumo:

Hérnias incisionais são comuns em animais submetidos à laparotomias exploratórias ventrais e apresentam 0,7-16% de incidência. Animais acima de 300kg, em quadros clínicos graves no pré, trans e pós-cirúrgico são mais susceptíveis à infecção da ferida cirúrgica. O objetivo deste relato é descrever a utilização do pericárdio bovino como enxerto na correção de hérnia incisional recidivante. Um cavalo Crioulo, castrado, com 462kg e sete anos apresentou hérnia incisional caudal ao processo xifoide, seis meses após ser submetido a laparotomia exploratória. O anel herniário era pequeno com aproximadamente 6cm de diâmetro, então optou-se pela herniorrafia com fio polipropileno 2 em padrão simples contínuo. No entanto, após três meses observou-se recidiva da hérnia com aproximadamente 10cm de diâmetro. O animal foi recebido no HV-UFPR em Curitiba para reintervenção. O procedimento cirúrgico iniciou-

se pela tricotomia e antissepsia da região abdominal acometida, seguido da incisão em formato de semicírculo ao redor do anel herniário e a pele foi divulsionada até exposição de todo o anel. O peritônio parietal foi preservado de modo a evitar contacto com as vísceras abdominais, foi realizada herniorrafia com a utilização de membrana biológica de pericárdio bovino, com apresentação comercial de 11x9cm. O enxerto foi recortado, suturado em padrão Wolf com fio polipropileno no2 entre o peritônio intacto e o anel herniário abaixo do músculo reto do abdome. A redução do espaço subcutâneo foi realizada a fim de diminuir os riscos de recidiva da hérnia através de padrão colchoeiro horizontal e sutura cutânea em padrão simples com fio nylon no0. No pós-operatório imediato foi administrado penicilina 20.000UI/kg, IM, a cada 48h, durante cinco dias e flunixin meglumine 1,1mg/kg, IV, SID, durante dois dias. A limpeza da ferida cirúrgica e troca do curativo estéril foram feitas diariamente com solução de clorexidine e aplicação rifamicina spray no local. O animal apresentou hiporexia em doze horas de pós-operatório, ausência de defecação e hipomotilidade. A administração de sulfato de magnésio 500mg diluído em cinco litros de água em temperatura ambiente por sonda nasogástrica foi realizada. O animal defecou após vinte e quatro horas da administração do laxante. Apresentando um quadro clínico estável com retorno da motilidade intestinal e melhora no apetite, o animal recebeu alta após nove dias de internação e após seis meses o paciente retornou as atividades esportivas, não houve recidiva da hérnia e o local apresentava ótima qualidade estética. O presente caso demonstra que o uso de enxertos biológicos é uma possibilidade na correção de hérnias incisionais.

Palavras-chave: Pericárdio bovino; hérnia incisional; herniorrafia

242. UTILIZAÇÃO DA LAVAGEM PERITONEAL COMO AUXILIAR NO TRATAMENTO DE PERITONITE EM EQUINOS: RELATO DE CASO

KISSYLA DIAS BARCELOS*1; KARINA DE AMORIM VIANA1; DHIENIFER OTT BARCELOS1; ANTONIO MARCOS GUIMARÃES GINELLI1; FERNANDA DE ALMEIDA TEIXEIRA1

1.ESFA, SANTA TERESA, ES, BRASIL.

e-mail:fateixeira82@hotmail.com

Resumo:

A peritonite é caracterizada pela inflamação do peritônio ocorrendo em resposta a diversos estímulos, sendo eles infecciosos ou não. É caracterizada por alterações no líquido peritoneal e hemograma. Possui prognóstico desfavorável, frequentemente levando ao óbito. Foi atendido na Clínica Veterinária Rancho Bela Vista, uma égua, 10 anos, 420 kg, mangalarga marchador, apresentando desconforto abdominal. Na anamnese foi relatado que durante a palpação transretal, o médico veterinário observou presença de sangue na luva de palpação, e o animal apresentou sinais de desconforto abdominal evidentes. Com a suspeita de ruptura retal, o animal foi encaminhado ao centro referenciado. No exame físico foi constatado hipertermia (40°C), taquicardia (52 bpm), desidratação de aproximadamente 10%, TPC 4 segundos, mucosas levemente pálidas com presença de halo toxêmico, hipomotilidade em todos os quadrantes. Com base no histórico e exame físico, o diagnóstico foi ruptura retal grau quatro. Como tratamento foi indicado a lavagem peritoneal, onde foi implantado um cateter de Foley número 22 em cada flanco do animal para a infusão de fluidos e a implantação de um terceiro cateter na linha media ventral para realização da drenagem do conteúdo infundido. Para a lavagem do peritônio foi utilizada uma solução com ringer lactato e enrofloxacina (20 ml por litro) a 38 °C. Durante a lavagem da cavidade peritoneal foram utilizados 20 litros de solução a 2 % de ringer com lactato acrescido de enrofloxacina no total de cada lavagem, na temperatura de 38°C nos dois primeiros dias de internação. Após a infusão de 10 litros de solução, o animal foi puxado ao passo para homogenização a fim de melhorar a eficácia do lavado. Após, o conteúdo então foi drenado e realizada nova lavagem. Foi instituída terapia antimicrobiana com metronidazol (20mg/kg, IV, SID, durante 4 dias), gentamicina(6,6 mg/kg, IV, SID,durante 7 dias), penicilina (12.000.000, IM, SID, durante 7 dias)e imipeném + cilastatina (500 mg/500 mg, IV, QID, durante 9 dias). Foi utilizado o flunixin meglumine (1,1 mg/kg SID IV) durante sete dias como terapia antiinflamatória. Como antipirético foi utilizado dipirona sódica (20mg/kg IV, SID) de acordo com a necessidade. Foi feita a aplicação de heparina (2 ml SC SID por 7 dias). Foram usados suplementos como Phenodral® que é uma associação de

um arsenical orgânico com sais de ferro e adrenalina (15 ml SID IV durante 5 dias), Glicol turbo® suplemento rico em glicose(20 ml SID VO durante 5 dias) e Hemotonic® suplemento rico em acido fólico, ferro quelatado e B12 (20 ml SID VO durante 5 dias). Durante o período de internação, que foi de 10 dias, foram realizados exames complementares seriados como hemogramas, avaliação bioquímica sérica sendo então dosados creatinina, gama GT, globulinas, uréia, albumina, proteína plasmático total e fibrinogênio para monitoração e avaliação da resposta do animal. Não houveram alterações significativas nesses exames durante o acompanhamento do animal. Durante a lavagem abdominal, foram coletadas amostras do liquido peritoneal em tubos de eppendorf® sem anticoagulante, a cada 2 litros de solução infundida no abdome, apresentando na inspeção visual coloração amarelo-esverdeada de aparência turva, odor fétido, presença de partículas de fezes e fibrina, indicativo de extravasamento de conteúdo fecal e contaminação na cavidade abdominal. No decorrer do tratamento, o líquido peritoneal se tornou mais claro, fluido e com coloração amarelo-palha. No sétimo dia de tratamento o animal apresentou melhora clínica não apresentando sinais de peritonite e gradativamente as fezes retornaram a normalidade. Diante do conjunto de melhoras obteve-se o sucesso da terapia instituída. Deve-se considerar que a peritonite em equinos é uma afecção de prognóstico ruim e altos índices de óbito, porém com o atendimento precoce, instituição de terapia antimicrobiana agressiva e a lavagem peritoneal é possível a manutenção da vida do animal

Palavras-chave: Peritonite; lavagem peritoneal; cavalo

243. UTILIZAÇÃO DE ANTI-INFLAMATÓRIO NÃO ESTEIRODAL – FIROCOXIB (PREVICOX®) NO TRATAMENTO DE CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS EM PÁLPEBRA INFERIOR DE UM EQUINO – RELATO DE CASO

LUANA VENÂNCIO GARCIA*1; ERICA RODRIGUES FERRAZ ANDRADE2; RENATA B ROSSETTI TORTORELLO2; FREDDI BARDELA DE SOUZA3; GIOVANNA GATI DE SOUZA2; LIDIANA ZANETTI AMATTI2; MARÍLIA GABRIELA GARBELLOTTO2; FERNANDA SAULES IGNÁCIO2

1.FACULDADES INTEGRADAS DE OURINHOS, PALMITAL, SP, BRASIL; 2.FACULDADES INTEGRADAS DE OURINHOS - FIO, SANTA CRUZ DO RIO PARDO, SP, BRASIL; 3.FACULDADES INTEGRADAS DE OURINHOS -FIO, OURINHOS, SP, BRASIL.

e-mail:luanagarcia_venancio@hotmail.com

Resumo:

O carcinoma de células escamosas (CCE) em equinos, é responsável por 50% das desordens dermatológicas que acometem a espécie. Considerada uma neoplasia cutânea, de tumores malignos de queratinócitos, com caráter invasivo e em 18% dos casos ocorrem metástase para os linfonodos regionais. Apresentam-se na forma proliferativa semelhante à couve-flor ou erosiva formada por úlceras cobertas por crostas. O diagnóstico primário é baseado na avaliação da lesão, entretanto, o confirmatório é possível pelo exame citológico e histopatológico. Indica-se como meios de tratamento, a excisão cirúrgica, mas por vezes torna-se inviável em determinadas regiões uma vez que, uma margem de tecido saudável deve ser compreendida e retirada junto à lesão, a fim de reduzir o índice de recidiva, assim o uso da quimioterapia intralesional também é recomendada, comumente o quimioterápico sugerido é a cisplatina, porém é limitado devido a sua toxicidade. Atualmente, na clínica de pequenos animais utiliza-se como tratamento, o uso de antiinflamatórios não esteroidais (AINES) que possuem efeito sobre as duas isoformas da Cicloxygenase (COX 1 e COX2), assim estudos afirmam a expressão da enzima COX-2 em algumas neoplasias como no CCE. Desta forma, o AINE como FIROCOXIB (Previcox®), atua inibindo seletivamente a síntese de prostaglandina (COX-2), considerando assim, a relação no tratamento destas neoplasias. Entretanto, em equinos, não há estudos que indiquem a utilização do Previcox® dentro destas finalidades, apenas em doenças articulares degenerativas, cólica. O objetivo do trabalho, foi relatar o efeito prolongado do Previcox® na lesão de CCE em pálpebra inferior de equino. Uma égua da raça Paint Horse de 9 anos e 460kg foi atendida no Hospital Veterinário das FIO, a qual apresentava lesão na pálpebra inferior esquerda de aspecto proliferativo, ulcerada e coberta por crostas de superfície irregular e coloração avermelhada. Inicialmente realizou-se exames hematológicos e bioquímicos, nos quais não apresentavam alterações, assim sucedeu-se o citológico, onde observou-se discreta e moderada células de agregados epiteliais

neoplásicos, exibindo anisocitose e anisocariose moderadas, com pleomorfismo discreto e cromatina grosseira, e por vezes nucléolos evidentes, o citoplasma amplo e esverdeado, além disso, observa-se células inflamatórias caracterizadas pela presença de linfócitos e macrófagos, sendo estas alterações significativas confirmatórias de malignidade e CCE. Posterior ao diagnóstico, institui-se o tratamento experimental com ¼ de Previcox® por 78 dias contínuos, finalizado o tratamento macroscopicamente houve uma redução das características em relação aos aspectos da lesão, além disso a remissão quase completa da lesão. Após o tratamento os exames hematológicos e bioquímicos foram repetidos, onde não apresentaram alterações hematológicas, mas no bioquímico apresentou elevação de AST 429 (226-366) e FA 577 (143-395) que podem ser indicativos de lesão hepática, entretanto para afirmar é necessário a dosagem de GGT, a qual não foi realizada. Conclui-se que o uso do Previcox® mostrou-se eficaz na lesão do CCE, e o tratamento prolongado do AINES pode mostrar-se eficiente, devido à poucos alterações bioquímicas apresentadas. Em virtude dos resultados apresentados, é necessário estudos específicos em relação ao tempo e eficácia do Previcox® em neoplasias.

Palavras-chave: Carcinoma de células escamosas; previcox®; equinos

244. UTILIZAÇÃO DE IODETO DE POTÁSSIO ORAL, ASSOCIADO A TERAPIA TÓPICA COM DIMETILSULFÓXIDO E ANFOTERICINA B EM UM EQUINO COM PITIOSE.

LAÍS MARIA VIANA*1; ANDRÉ LUIS DE OLIVEIRA RODRIGUES1; SAMANTHA MUNIZ COSTA1; RAFAELA PRADO SANTOS1; LETÍCIA FERREIRA COSTA1; NÚBIA TRAVAGIN1; ANA CAROLINA LEMOS DA SILVA1; EVERTON SCHIMIDT PRADO1; SERGIO DA SILVA ROCHA JÚNIOR1

1.UNIVERSIDADE JOSÉ DO ROSÁRIO VELLANO, ALFENAS, MG, BRASIL.

e-mail:laismviana@hotmail.com

Resumo:

A pitiose é uma enfermidade causada pelo microorganismo Pythium insidiosum. Este agente não é considera¬do um verdadeiro fungo, devido a sua parede celular, não ser composta de quitina e sim de celulose e β-glucanas. Ademais, sua membrana não contém ergosterol como a maioria dos fungos. Além disso, se reproduz de forma assexuada, produzindo zo¬ósporos biflagelados, que ficam livres na água, até encontra¬rem uma planta ou animal (possuem forte atração por pele e pêlo de equinos, cabelo humano e gramíneas), onde irão se encistar através de um tubo germinativo e posteriormente, formar grande quantidade de filamentos de hifas, que podem colonizar os tecidos cutâneo e subcutâneo, produzir lesões intestinais, acometer vasos sanguíneos e ossos do hospedei¬ro. Dentre as espécies acometidas, podem incluir humanos e outros mamíferos de vida terrestre, sendo os equinos a espécie mais afetada. As lesões são caracterizadas por áreas ulceradas granulomatosas, circulares e proliferativas, com exsudato serosanguinolento ou mucosanguinolento, que ao corte histopatológico, apresenta tecido conjuntivo fibroso, com trajetos fistulosos e um tecido necrótico que recobre as hifas, de coloração branco-amarelada, sendo estas estruturas, denominadas de "Kunkers". Devido ao agente estar situado em áreas alagadas, a lesões nos equinos ocorrem principalmente nas regiões que estão em contato com a água, como os membros e região ventral do peito e do abdômen, podendo ser encontrada também em outras áreas da pele e inclusive em outros sistemas, como respiratório e digestório. Foi atendido no Hospital Veterinário de grandes animais, UNIFENAS, uma égua de aproximadamente 10 anos de idade, escore 2, pelagem alazã. Durante o exame físico, a temperatura retal era de 37,0°C, frequência cardíaca 60 batimentos por minuto e frequência respiratória de 24 movimentos por minutos. No sistema locomotor, foi constatado uma lesão extensa de aproximadamente 60 cm de diâmetro, acometendo a face lateral e medial do metacarpo do membro posterior esquerdo, onde havia uma ampla formação de tecido de granulação exuberante em toda sua extensão, além disso, havia presença de secreção mucosanguinolenta e presença na interface pele e tecido de granulação. Também foi visto que a lesão era pruriginosa, chegando ao ponto do animal se automutilar. De acordo com os achados macroscópicos encontrados, suspeitou-se de pitiose. Desta forma foi instituída a redução química do tecido de granulação com iodo 10%, associado a sulfato de cobre. Posteriormente, foi iniciada a administração oral de iodeto de potássio na dose de 67 mg/Kg, uma vez ao dia,

durante 40 dias, e também foi utilizado uma solução composta de dimetil sulfóxido e anfotericina B sobre a lesão, e posteriormente, bandagem compressiva sobre a lesão. Aproximadamente 10 dias iniciada a terapia, foi visto a redução do prurido e também redução na exsudação. Devido a extensão da lesão, a recuperação do paciente foi lenta, porém obteve-se êxito após 4 meses de tratamento.

Palavras-chave: Equino; Pitiose; kunker; anfotericina B,

245. UTILIZAÇÃO DE PERICÁRDIO BOVINO E ETILCIANOACRILATO PARA REPARAÇÃO DE LACERAÇÃO PERINEAL DE TERCEIRO GRAU EM ÉGUA QUARTO DE MILHA: RELATO DE CASO

CÍCERO FERREIRA OLIVEIRA*1; SAMYA MIRELLE JORGE FAUSTINO2; ANDREZZA KELLEN JESUS MOURA2; FELIPE CAMARGO RIBAS3; JULIANA OLIVEIRA BERNARDO4

1.INSTITUTO BRASILEIRO DE VETERINÁRIA, MACEIÓ, AL, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO, IMPERATRIZ, MA, BRASIL; 3.INTITUTO QUALITTAS, ITAOCA, SP, BRASIL; 4.UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO", BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:fcr.vet@gmail.com

Resumo:

As lacerações perineais são um dos problemas pós-parto mais comuns em éguas primíparas ou em animais inseminados artificialmente, sendo a raça Quarto de Milha mais acometida por apresentar vulva infantil. As técnicas de episioplastia mais utilizadas são a de Caslick e de Götze, porém as complicações pós-cirúrgicas como deiscência da sutura, formação de abscessos, recorrência da fístula e contaminação na área cirúrgica tornam-se um grande desafio no sucesso do procedimento. A utilização de membranas biológicas nas cirurgias de reconstrução é recomenda por diminuir as forças de tensão, melhorando assim o processo de reparação tecidual. Este trabalho tem como objetivo relatar o uso de pericárdio bovino e adesivo tecidual a base de etilcianoacrilato na reparação perineal de terceiro grau em égua com modificação das técnicas utilizadas. Uma égua, 3 anos, 340 kg, da raça Quarto de Milha foi atendida com histórico de grave lesão perineal 8 meses pós-parto. Durante o exame clínico, observou-se laceração perineal de terceiro grau, metrite e pneumovagina. Após o diagnóstico, instituiu-se dieta a base de capim verde e pó de alfafa com o intuito de diminuir a consistência do bolo fecal, sendo esta dieta mantida até a completa cicatrização da região perineal. O animal foi submetido a episioplastia com técnica modificada utilizando pericárdio bovino conservado em glicerina 98% e adesivo tecidual a base de etilcianoacrilato. O pericárdio bovino foi dissecado, submetido a lavagem com água corrente e armazenado em recipiente estéril contendo glicerina 98% a -2ºC. Previamente a episioplastia, foi reidratado em solução fisiológica a 0,9%. Administrou-se laxante 24 horas antes do procedimento e institui-se jejum de sólidos, 12 horas antes, além de antibioticoterapia (Penicilina benzatina 20.000 UI/kg IM) e terapia anti-inflamatória (Dexametasona 5mg/100Kg IV). O animal foi submetido a neuroleptoanalgesia com acepromazina 1% (0,05mg/kg) e detomidina (0,04mg/kg), anestesia epidural entre as vértebras coccígeas 1 e 2 e bloqueio regional dos nervos pudendos utilizando-se cloridrato de lidocaína 2% sem vasoconstritor. A episioplastia foi dividida em cinco tempos cirúrgicos no sentido crânio-caudal, com intervalos de 15 dias entre os procedimentos. Após o desbridamento das bordas laceradas, procedeu-se a incisão para a criação de dois flaps dorsais na região do reto e dois ventrais (vestibulares), em seguida realizou-se a divulsão para obter maior amplitude de tecido. Suturou-se os flaps com fio naylon 2-0 em padrão tipo Donatti e em seguida, a aplicação de pericárdio bovino sobre a linha de sutura com a utilização de adesivo tecidual, fixando no assoalho do reto com fio poliglactina 910 em padrão simples. No pós-operatório o animal permaneceu em jejum sólido nas primeiras 12 horas, em seguida, retomou-se a dieta instituída anteriormente associada à laxante adicionado à ração. Realizou-se a antibioticoterapia com associação de Gentamicina (5mg/kg IM) e Penicilina benzatina (20.000 UI/kg IM) e hemoterapia no ponto IP (Immunity point). Os curativos locais foram realizados a cada 3 horas com sabão neutro, gluconato de clorexidina a 2% e peróxido de hidrogênio diluído (3%), e aplicação de óxido de zinco após a antissepsia. Vinte dias após o último tempo cirúrgico, retirou-se os pontos e a membrana biológica. Houve completa cicatrização da região perineal não havendo deiscência dos pontos. A modificação na técnica cirúrgica associada aos

curativos locais e mudança na dieta foram fundamentais para o sucesso do tratamento. O uso de pericárdio bovino associado ao adesivo tecidual trouxe benefícios consideráveis devido à sua boa biocompatibilidade e praticidade de uso, além da vantagem econômica e disponibilidade. Além disso, reduziu consideravelmente as complicações pós-cirúrgicas da episioplastia.

Palavras-chave: Episioplastia; membrana biológica; adesivo tecidual

246. UTILIZAÇÃO DE TALA LATERAL ESTENDIDA NO TRATAMENTO DE FRATURA HELICOIDAL DE RÁDIO EM ASININO: RELATO DE CASO

JOÃO LUIZ RIBEIRO DE MORAES NETO*1; IGOR MARIZ DANTAS1; RUY BRAYNER DE OLIVEIRA FILHO1; KALIANE COSTA1; ALEXANDRA MELO OLIVEIRA1; ISABELLA DE OLIVEIRA BARROS1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, AREIA, PB, BRASIL.

e-mail:fharassantafe@gmail.com

Resumo:

Menos frequentes que as fraturas de ulna, as fraturas de rádio em equídeos são causadas geralmente por traumas externos e tem como principal método de diagnóstico o exame radiográfico, porém sem deixar de lado os exames físicos, pelo qual geralmente observa-se claudicação acompanhada de instabilidade do membro e crepitação. Para que ocorra a correta cicatrização do osso fraturado é necessário uma rígida estabilidade do membro e redução anatômica da fratura, para que assim restabeleça-se as funções do membro. O presente relato objetiva-se em descrever um caso de fratura de rádio, atendido no Hospital Veterinário da Universidade Federal da Paraíba. O paciente tinha 2 anos de vida, macho, 75kg, asinino, apresentando claudicação devido a uma fratura advinda de uma colisão com uma motocicleta, que ocorrera dois dias antes do atendimento e havia sido feita uma imobilização pelo proprietário, no dia do acidente, a fim de estabilizar e não agravar a fratura. Ao ser submetido a exame radiográfico, foi contatada uma fratura completa helicoidal, com aumento de tecido mole. Inicialmente o protocolo de tratamento deu-se por meio sedação com aplicação de cloridrato de xilazina (0,5 mg/kg), fenilbutazona (5 mg/kg) com fim analgésico e anti-inflamatório e na imobilização utilizou-se o método de bandagem de Robert-Jones, com várias camadas de algodão e em seguida aplicado com atadura para manter o acolchoamento fixo no local, evitando assim lesões abrasivas na pele do paciente, em seguida fixou-se uma tala lateral estendida, de madeira, impedindo a abdução do membro. O tratamento prosseguiu com a aplicação de fenilbutazona (5 mg/kg, intravenoso, SID), por durante 4 dias, 1 ampola de solução de (Benzilpenicilina benzatina 3.000.000 U.I, Benzilpenicilina procaína 1.500.000 U.I, Benzilpenicilina potássica 1.500.000 U.I, Estreptomicina base (sulfato) 2.500 mg) e uma aplicação de soro antitetânico (5000 UI, intramuscular). Após 7 dias foi realizado raio-X para acompanhar o desenvolvimento da consolidação da fratura, onde verificou-se má coaptação em terço distal do rádio. O tratamento seguiu apenas com imobilização e após 6 semanas da fratura realizou-se novamente exame radiográfico e observou-se proliferação óssea e calo ósseo mais evidente. Passado 12 semanas de fratura, foi constatado em radiografia, a consolidação da fratura, diante disso, realizou-se a remoção da tala e o paciente teve alta. A imobilização realizada nesse caso, mostrou-se ser um procedimento de fácil execução, podendo ser realizada a campo, além de ter apresentado resistência mecânica e boa mobilidade, não impedindo assim que o paciente se deitasse, levantasse e locomovesse, além disso, foi de grande relevância para o sucesso obtido durante o tratamento, sendo possível observar uma cicatrização óssea satisfatória em 90 dias, para a remoção da tala e alta do paciente.

Palavras-chave: Ortopedia; imobilização; robert-jones

247. UTILIZAÇÃO DO DIÓXIDO DE CLORO EM INFECÇÃO PÓS-ARTRODESE PANCARPAL: RELATO DE CASO

BRENDA MATOS FERNANDES*1; FERNANDA AUGUSTA DE OLIVEIRA SILVA1; KAMILA PINHEIRO PAIM1; MARCELO CARRIJO DA COSTA1; LAYANE QUEIROZ MAGALHÃES1; DIEGO JOSE ZANZARINI DELFIOL1; FRANCISCO CLAUDIO DANTAS MOTA1; GEISON MOREL NOGUEIRA1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, UBERLANDIA, MG, BRASIL.

e-mail:brendamatosfernandes@gmail.com

Resumo:

A infecção pós-operatória é a complicação mais comum em cirurgias ortopédicas, podendo aumentar consideravelmente o custo do tratamento. Ocorre devido à contaminação em fraturas abertas ou no reparo destas, resultando em osteomielite e em infecção de tecidos moles. O tratamento destas complicações inclui a terapia antibiótica sistêmica, debridamento e higienização local. A terapia local, nesses casos, proporciona maior concentração de medicamentosa na região acometida e toxicidade sistêmica reduzida. Portanto, existe um grande interesse na utilização de moléculas ou fármacos que possam modular o processo de cicatrização das feridas infectadas e promover o controle antimicrobiano local. O dióxido de cloro, demonstrou efeito sobre a remodelação de aderências pós-operatórias e cicatrização de feridas em humanos, além de apresentar potente ação antimicrobiana e custo acessível. Objetivou-se relatar os efeitos da utilização dióxido de cloro no tratamento de infecção pós-artrodese pancarpal em um equino. Foi encaminhado ao HV-UFU, um cavalo, Mangalarga, três anos, 325 kg, com histórico de trauma em membro torácico direito, na região articular do carpo há três dias. À inspeção do membro observou-se uma ferida dorsomedial ao carpo, de aproximadamente 10 cm de extensão. Havia desvitalização das bordas e ruptura da cápsula articular do carpo, permitindo a exposição das superfícies articulares intercárpicas. À palpação da região observou-se sensibilidade dolorosa, crepitação e instabilidade articular, com movimentação anormal das superfícies articulares. Ao exame radiográfico foi diagnosticado luxação intercárpica e fratura completa diafisária proximal do segundo metacarpiano direito. O animal foi encaminhado para tratamento cirúrgico onde foi utilizada a técnica de artrodese pancarpal com placas de 4,5 mm. Para recuperação pós-anestésica e pós-operatório, utilizou-se uma imobilização do membro com gesso sintético, assim como antibioticoterapia com ceftriaxona (30,0 mg/kg), IV, BID, 20 dias e sulfato de amicacina (18,0 mg/kg), IV, SID, 20 dias. Analgesia com cetoprofeno (2,2 mg/kg), IV, BID, 5 dias, e omeprazol (4,0 mg/kg), VO, SID, 5 dias. Aos sete dias de pós-operatório, o gesso foi retirado e observou-se deiscência de sutura, presença de ferida dorsomedial ao carpo, de coloração escurecida, odor fétido, desvitalização adjacente, exposição óssea e do implante ortopédico, com exsudato purulento. Havia, ainda, dorsalmente ao boleto, solução de continuidade em pele e subcutâneo, de aproximadamente 3,0 cm. Após avaliação clínica e radiográfica da região artrodesada, observou-se a manutenção da estabilidade e posicionamento adequado do implante, apesar da contaminação local e necrose de tecidos moles. Com isso, optou-se pela manutenção do implante e iniciou-se a administração tópica de dióxido de cloro, diluído em solução fisiológica na concentração 270 ppm, uma vez ao dia. Foram mantidas bandagens e imobilização do membro com tala simples de PVC. Dois dias após o início do tratamento notou-se uma melhora no aspecto geral da ferida, apresentando coloração rósea, mas, mantendo secreção purulenta local. Aos sete dias observou-se ausência do exsudato purulento e início da formação do tecido de granulação, margeando a ferida e recobrindo parcialmente a exposição óssea. Decorridos 15 dias o tecido de granulação já havia recoberto toda a superfície óssea e parcialmente as placas. Aos 50 dias de tratamento, o tecido de granulação já havia recoberto todo o implante e a extensão da ferida no carpo e boleto. Verificou-se também o início de epitelização nas bordas da ferida. A partir da evolução clínica e controle da infecção local, observou-se que, neste caso, o dióxido de cloro contribuiu de forma eficaz no tratamento, sugerindo maiores estudos para sua indicação como alternativa no tratamento tópico de feridas infectadas.

Palavras-chave: Feridas; equino; ortopedico

248. ZIGOMICOSE INTRANASAL EM EQUÍDEOS

JÉSSICA SOLA QUIRINO SILVA*1; THAIZA APARECIDA GOMES MARTINS2; THAIS POLTRONIERI DOS SANTOS1; GUILLERMO GUADALUPE LAGUNA LEGORRETA3; ALVARO DE PAULA LAGE DE OLIVEIRA4; CAHUE FRANCISCO ROSA

PAZ4; WILLANE BRAGA DAPPARECIDA2; RAFAEL RESENDE FALEIROS4; LEONARDO RODRIGUES DE LIMA2

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, GOIANIA, GO, BRASIL; 2.HOSPITAL VETERINÁRIO ESTRADA REAL, JUIZ DE FORA, MG, BRASIL; 3.JÓQUEI DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 4.UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL.

e-mail:sola.medvet@hotmail.com

Resumo:

As zigomicoses são enfermidades piogranulomatosas que incluem a pitiose, conidiobolomicose e basidiobolomicose. A Pitiose é causada pelo fungo Pythium insidiosum, classe Oomycetes, e se caracteriza pela formação de zoósporos capazes de fixar no hospedeiro, por meio de filamentos invasivos. O patógeno é encontrado em água estagnada e utiliza plantas aquáticas para seu ciclo biológico. No Brasil, a pitiose tem ocorrência descrita em várias regiões. As lesões correspondem a granulomas ulcerativos que drenam exsudato serosasanguiolento, altamente pruriginosas, podendo levar a automutilação. Comumente observa-se estruturas irregulares, branco-amareladas, que se destacam facilmente da lesão, denominadas de kunkers. Os kunkers são característicos de equinos, ausentes em outras espécies afetadas, formados por eosinófilos degranulados entremeados em hifas de P. insidiosum. O objetivo deste resumo é relatar dois casos de zigomicose intranasal em equídeos. Foi atendido no Hospital Veterinário Estrada Real dois equídeos. Um equino, macho, Mangalarga Marchador, de 14 meses de idade, com histórico de epistaxe unilateral há sete dias. O tutor relatou que o animal era criado em regime semiextensivo, permanecendo em piquete durante o dia, com acesso a um açude desativado, e mantido em cocheira no período noturno. Ao exame clínico, os parâmetros encontravam-se dentro dos valores de referência. Ao exame rinoscópico, visualizou-se lesões granulomatosas hemorrágicas bilateral na mucosa nasal, na região da concha etmoidal, em maior proporção no lado esquerdo, em que havia sangramento nasal. Outro paciente, muar, macho, de 20 anos, foi encaminhado ao hospital veterinário, com histórico de secreção nasal mucopurulenta bilateral há 15 dias. Ao exame clínico, os parâmetros encontravam-se dentro dos valores de referência para a espécie. Ao exame rinoscópico, observou-se pequenas áreas necróticas bilaterais na região da concha dorsal e etmoidal. Durante a rinoscopia, foram coletados fragmentos para exame histopatológico, em ambos os pacientes, que demonstrou a presença de hifas fúngicas em coloração com impregnação pela prata (Gomori). O diagnóstico de pitiose foi estabelecido diante dos aspectos epidemiológicos, histórico, quadro clínico e exame histopatológico. Embora a incidência de lesões fúngicas cutâneas causadas por Pythium insidiosum seja quatro vezes superior às causadas por Basidiobolus haptosporus e Conidiobolus coronatus, recomenda-se o diagnóstico definitivo por meio de imuno-histoquímica. O equino foi encaminhado para cirurgia, sob anestesia geral. Realizou-se curetagem das lesões granulomatosas, mediante laringostomia, e uma traqueostomia foi realizada para facilitar a respiração durante trans e pós-operatório. Ademais, realizou-se aplicação intralesional de triancinolona. O muar foi submetido a intervenção cirúrgica, em posição quadrupedal, sob sedação com cloridrato de detomidina 1% à 0,01 mg/kg, por via intravenosa, para debridamento e curetagem da lesão intranasal. Ambos os animais, foram tratados com iodeto de potássio a 10%, 20 mg/kg, SID, IV lento, por 15 dias, associado a aplicação de imunoterápico, SC, a cada 14 dias, totalizando oito aplicações no cavalo, e duas no muar. Após conclusão do tratamento, os pacientes apresentaram regressão total das lesões. A pitiose ocorre comumente nos membros e regiões ventrais do tórax e abdômen, há poucos relatos de acometimento intranasal, e tal ocorrência resulta do contato dos animais com zoósporos de Pythium insidiosum. Diante disso, considera-se importante a adoção de práticas de manejo que evitem o acesso de equídeos a áreas subaquáticas.

Palavras-chave: Pitiose; micose; fungo

PROGRAMAÇÃO

CLÍNICA E CIRURGIA
CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

REPRODUÇÃO
CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

25/5 - SEXTA-FEIRA

8h – 9h10 | Credenciamento, retirada de material, fixação dos pôsteres // Coffee Break

9h10 – 9h25 | Abertura

9h30 – 10h20 | Drª Gillian A. Perkins (Cornell University College of Veterinary Medicine – USA)

Atualidades em Herpesvirus Equino – 1 (EHV-1)

10h30 – 11h20 | Drª Gillian A. Perkins (Cornell University College of Veterinary Medicine – USA)

Garrotilho equino: o que há de novo.

11h30 – 12h30 | Dr. Michael Spirito (Hagyard Equine Medical Institute – USA)

Ortopedia: Deformidades angulares

12h30 – 14h20 | Almoço

14h20 – 15h20 | Dr. Giorgio Ricardi (Autônomo Newbury – UK)

Cintigrafia: o que é? como é? e como referir casos?

15h30 – 16h30 | Dr. Michael Spirito Hagyard Equine Medical Institute –

USA)

Claudicação em cavalos jovens

16h30 – 17h20 | Coffee Break

17h20 – 18h30 | Mesa Redonda: Terapia celular em enfermidades

ortopédicas

Dr. Pedro V. Michelotto Jr. (PUC- PR)

Dr.ª Ana Liz Garcia Alves (FMVZ – UNESP)

Dr.ª Raquel Yvonne Arantes Baccarin (FMVZ – USP)

Dr. Michael Spirito (Hagyard Equine Medical Institute – USA)

8h – 9h10 | Credenciamento, retirada de material, fixação dos pôsteres // Coffee Break

9h10 – 9h25 | Abertura

9h30 – 11h | Drª Kristina Lu (Hagyard Equine Medical Institute – USA)

Infecções bacterianas do trato reprodutivo da égua.

11h – 12h20 | Drª Kristina Lu (Hagyard Equine Medical Institute – USA)

Como avaliar problemas de cérvix em éguas

12h30 – 14h20 | Almoço

14h20 – 15h30 | Dr. Nathan M. Slovis (Hagyard Equine Medical Institute – USA)

Abdômen Agudo em potros: diagnóstico e tratamento

15h30 – 16h30 | Dr. Nathan M. Slovis (Hagyard Equine Medical Institute – USA)

Discussão de Casos Clínicos em Neonatos

16h30 – 17h20 | Coffee Break

17h30 – 18h20 | Dr.ª Kristina Lu (Hagyard Equine Medical Institute – USA)

Discussão sobre problemas de fertilidade em éguas

26/5 - SÁBADO

8h30 – 9h20 | Drª Gillian A. Perkins (Cornell University College of Veterinary Medicine – USA)

Resistência à antimicrobianos nas doenças infecciosas dos equinos.

9h30 – 10h20 | Dr. Nathan M. Slovis (Hagyard Equine Medical Institute – USA)

Endoscopia em clínica equina

10h20 – 11h | Coffee Break

11h – 12h30 | Dr. Nathan M. Slovis (Hagyard Equine Medical Institute – USA)

Abdômen Agudo no cavalo adulto

8h30 – 10h20 | Dr.ª Cristina Ortega Ferrusola (Universidade de Extremadura – Espanha)

Ultrassom com doppler pulsado como ferramenta de diagnóstico de disfunções testiculares crônicas em garanhões

10h20 – 11h | Coffee Break

11h10 – 12h30 | Dr. José Paes de Oliveira Filho (FMVZ – UNESP)

Enfermidades genéticas em cavalos Quarto de Milha: diagnósticos e realidade no Brasil.

11h – 12h30 | Dr. Nathan M. Slovis (Hagyard Equine Medical Institute – USA)

Abdômen Agudo no cavalo adulto

12h30 – 13h | Dr. Nathan M. Slovis (Hagyard Equine Medical Institute – USA)

Discussão com a plateia

13h – 14h20 | Almoço

14h20 – 16h10 | Dr. Michael Spirito (University of Georgia – USA) e Dr. Carlos Eduardo Veiga (Horse Center – RJ)

Ortopedia equina: casos clínicos de difícil diagnóstico

16h10 – 17h | Coffee Break

17h – 18h | Dr. Gary M. Baxter (University of Georgia – USA)

Imprevistos nos bloqueios intrasinoviais e perineurais

18h – 20h | Apresentação de Pôsteres (Trabalhos Científicos)

13h – 14h20 | Almoço

14h20 – 16h | Dr.ª Cristina Ortega Ferrusola (Universidade de Extremadura – Espanha)

Ultrassom com doppler pulsado como ferramenta de diagnóstico e prognóstico da prenhez em éguas.

16h10 – 17h | Coffee Break

17h – 17h50 | Coordenação Dr. Haroldo Vargas – MG

Discussão sobre Diretrizes do MAPA para centrais de Reprodução Equina

18h – 20h | Apresentação de Pôsteres (Trabalhos Científicos)

27/5 - DOMINGO

9h – 10h | Dr. Gary M. Baxter (University of Georgia – USA)

Manejo de infecções e feridas sinoviais

10h – 10h20 | Premiação melhores trabalhos

10h20 – 11h | Coffee Break

11h10 – 13h | Dr. Rui Vincenzi (Abraveq), Dr. Carlos Eduardo Veiga (Horse Center – RJ) e Dr. Reinaldo de Campos (Equine Center – SP)

Empreendedorismo em Medicina Equina

9h – 10h20 | Dr. Michael Spirito (Hagyard Equine Medical Institute – USA)

Cirurgias do urogenital

10h20 – 11h | Coffee Break

11h – 11h20 | Premiação melhores trabalhos

11h20 – 13h | Thaís Cavalero (FMVZ-UNESP- Botucatu-SP)

Ejaculação química em garanhões – Novos protocolos e Casos clínicos

FÓRUNS AVANÇADOS

25/05 - Sexta-feira

Fórum Vetnil de Coluna Vertebral Equina

• 14h20 – 15h10 - Exame clínico da coluna vertebral (Dra. Brunna Fonseca)
• 15h10 – 16h - Termografia da coluna dos equinos (Dra. Solange Mikail)
• 16h – 16h50 - Ultrassonografia da coluna dos equinos (Dra. Brunna Fonseca)
* 16h30 – 17h20 | Coffee Break
• 17h30 – 18h20 - Radiografia da coluna vertebral dos equinos (Dra. Brunna Fonseca)

Fórum Palmilhas ESE de Ferrageamento

Os tópicos do fórum de Ferrageamento são:
• Podiatria Veterinária um novo segmento para o Médico Veterinário: Saúde e bem estar através dos cascos.
• Anamnese, exame físico e clínico dos cascos.
• Teorias Modernas de Ferrageamento e o Balanceamento Conformacional: (teoria/ cases)
• Aplicação de palmilhas na clínica médica de equinos. (cases)

HORÁRIO: 14h20 às 18h20 (16h30 – 17h20 | Coffee Break)

Fórum FDM Pró Horse de Odontologia

Os tópicos do fórum de Odontologia são:
• 14h20 – Ajuste ideal da oclusão (Dr.ª Carla Omura)
• 15h – Funcionalidade dos equipamentos odontológicos (Dr. Rodrigo Florentino)
• 15h40 – Performance e reprodução equina beneficiada pelo tratamento dental (Dr.ª Carla Omura)
• 16h30 – 17h20 | Coffee Break
• 17h20 – Abordagem clínico-cirurgica das fístulas de origem dentária (Dr. Rodrigo Romero)

26/05 - Sábado

Fórum CEVA de Ortopedia Equina

PALESTRANTE: Prof. Dr. Jairo Jaramillo Cardenas

TEMAS:
• Parte 1: Análise critica para o uso dos Bifosfonatos
• Parte 2: Casos clínicos com a sua indicação e contraindicação

HORÁRIO: 08h30 às 12h30 (10h20 – 11h | Coffee Break)

Fórum Vetnil de Coluna Vertebral Equina

• 14h20 – 15h10 - Importância do Saddle fitting para a saúde da coluna (Dra. Luciana Kratshmer)
• 15h10 – 16h - Quiropraxia: muito mais que ajuste vertebral (Dra. Camila Morandini)
• 16h – 16h50 - Tratamento fisioterápico baseado em equipamentos (Dra. Solange Mikail)
• 16h10 – 17h | Coffee Break
• 17h30 – 18h20 - Tratamento clínico das principais lesões da coluna (Dra. Brunna Fonseca)

Fórum Horse Center - Brainstorm em Casos Clínicos de Claudicação

PALESTRANTES:
Dr. Carlos Eduardo Veiga (Horse Center – RJ)
Dr. Júlio Cesar Paganela (Horse Center – RJ)
Dr. Giorgio Ricardi (Autônomo Newbury – UK)

HORÁRIO: 8h30 às 12h30 (10h20 – 11h | Coffee Break)

Sala de Discussão Bem Estar e Saúde Animal

– Dr. Helio Manso
– Dr. Carlos Nogueira

HORÁRIO: 14h20 – 16h (16h10 – 17h | Coffee Break)

PATROCINADORES

XIX Conferência Anual Abraveq 2018 - Campos do Jordão

PATROCINADORES

OURO

PRATA

BRONZE

PATROCÍNIO E APOIO EDUCACIONAL